

Para a História do Socialismo
Documentos
www.hist-socialismo.net

Um Outro Olhar Sobre

Stáline

Ludo Martens



Um Outro Olhar Sobre

Stáline

Ludo Martens

Para a História
do Socialismo
DOCUMENTOS
www.hist-socialismo.net

Edição:
Para a História do Socialismo
Documentos
www.hist-socialismo.net

Agosto 2009

Autor: Ludo Martens

Título original: *Un autre regard sur Staline*

Primeira edição: Editions EPO, Anvers (Berchem), Bélgica 1994

Tradução: CN
do original em francês, segundo a versão electrónica disponível em
[http://www.communisme-bolchevisme.net/download/Ludo_Martens_](http://www.communisme-bolchevisme.net/download/Ludo_Martens_Un_autre_regard_sur_Staline.pdf)
[Un_autre_regard_sur_Staline.pdf](http://www.communisme-bolchevisme.net/download/Ludo_Martens_Un_autre_regard_sur_Staline.pdf)

Capa: CM
Paginação e impressão: GM

**A edição impressa desta obra pode ser pedida
para historia@hist-socialismo.pt**

Prefácio à edição portuguesa

por Carlos Costa

É difícil para mim escrever um novo prefácio para esta edição, depois do rigoroso prefácio do autor, na parte em que se refere à sua investigação e conteúdo da obra, e depois da pertinente *Nota do Tradutor* (tradutor que enriqueceu enormemente a obra com as suas notas de rodapé e o importante *Índice de Nomes* – quem é quem –, que aliás muito nos ajuda para a leitura de outras obras).

Atrever-me-ei, contudo, a escrever algumas notas, que, embora possam não trazer algo de novo, me parece será útil neste momento recordar.

1. Toda a história da sociedade humana, desde que surgiram as classes sociais, é a história da luta de classes.

A Revolução de Outubro, com a conseqüente construção do socialismo, foi o mais importante acontecimento desta história da sociedade humana, isto é, da história da luta de classes (no caso, e concretizando, da luta dos explorados e oprimidos contra os exploradores e opressores ou, simplificando ainda mais, da classe operária contra a classe capitalista).

E, sendo assim, a derrota do socialismo na União Soviética é, também, dos mais importantes factos da história da sociedade.

Por tudo isto é indispensável para os comunistas de hoje o estudo do que foi a epopeia da construção do socialismo, no quadro da inevitavelmente acesa luta de classes, epopeia que, entre muitas outras coisas, se traduziu na transformação de 120 milhões de ínfimos objectos da História – os mujiques – em parte substancial dos sujeitos da história que criaram a civilização soviética.

Por idêntica razão, o estudo das causas da derrota do socialismo na URSS coloca-se hoje como questão crucial para todos os comunistas. Sem essa análise, não é possível aos partidos comunistas definirem, com rigor e acerto revolucionário, as orientações e linhas de acção (tácticas e estratégicas), adequadas ao tempo actual e que a presente crise económica, financeira, política e ética do sistema capitalista exige.

2. A divulgação, nos últimos tempos, de um vasto conjunto de documentos factuais, das análises, das abordagens sobre as causas da derrota, constitui um importante passo em frente neste sentido.

É nesse esforço de análise que este importante livro de Ludo Martens deve ser visto.

O sítio *Para a História do Socialismo – documentos*, que também teve a iniciativa de publicar esta obra, tem dado de há um ano para cá uma contribuição para esta divulgação em Portugal (e não só), de textos para o estudo da construção do socialismo e da sua derrota na União Soviética.

Neste livro, Ludo Martens debruça-se sobre Stáline, um dos mais relevantes dirigentes comunistas de sempre, que desempenhou um papel fulcral em todo o processo de construção do socialismo e na derrota militar do nazi-fascismo.

Para combater (e finalmente derrotar) o socialismo na URSS, os nazis e todos os outros imperialistas usaram toda a espécie de armas: invasão e fomento da guerra civil (logo após o triunfo da revolução), boicotes, sabotagens, infiltrações de serviços secretos, criação de quintas colunas, corrupção, apoio a trãsfugas, traidores, conspiradores, reformistas, oportunistas, revisionistas, etc., etc., etc..

Mas a arma que parece ter-se revelado mais eficaz foi a de simbolizarem e identificarem o socialismo com Stáline, denegrindo a linha marxista-leninista por ele mantida e desenvolvida firmemente, o seu papel histórico e personalidade. Para isso deturparam factos, inventaram as mais sórdidas mentiras, fizeram de Stáline o ditador sanguinário e repetiram, repetiram, repetiram de tão variadas formas estas ideias que para milhões de pessoas (incluindo comunistas) se tornaram dúvidas ou verdades.

3. Depois da morte de Stáline, o revisionista e eticamente degradado Khruchov, no fim do XX Congresso do PCUS, lançou com um verdadeiro golpe a bomba política, ideológica e psicológica, o chamado «Relatório Secreto», que credibilizou todas as mentiras e infâmias lançadas sobre a personalidade, papel histórico e ideologia de Stáline.

O caminho estava aberto para toda uma linha revisionista no plano ideológico e da política interna e externa, que facilitou a nova ofensiva e agressividade do imperialismo e lançou os fundamentos para o surto de uma classe exploradora, que, com Gorbachov, Iélt sine e comparsas, levou à derrota final do socialismo na URSS, pela classe que hoje detém o poder de Estado na Rússia, e à conseqüente desagregação da União Soviética.

Pelo caminho, a maior parte dos partidos comunistas europeus foram degenerando em partidos sociais-democratas. Digo europeus porque, nos países da América, já muitos tinham degenerado sob a influência do «browderismo», teoria de conciliação de classes baseada na falsa interpretação da aliança na Segunda Guerra Mundial entre os EUA e a URSS, elaborada e difundida pelo renegado Earl Browder, secretário-geral do PC dos EUA, que levou à dissolução do próprio partido.

4. Identicamente, em grande parte baseada na interpretação errada daquela aliança, também em Portugal (no Tarrafal), surgiu a teoria chamada de «política de transição», derrotada na reorganização de 1940/41 e principalmente no IV Congresso do PCP em 1946, mas que ressurgiu como linha política da chamada «solução pacífica do problema político português», relativamente à qual Álvaro Cunhal diz que se foi «infiltrando» na linha política do Partido, assente na ideia obsessiva da «degradação irreversível» do regime salazarista.

Nas suas obras, talvez das mais importantes para a formação dos comunistas portugueses, contam-se *O Desvio de Direita nos anos 1956-1959* e *A Tendência Anarco-Liberal na Organização do Trabalho de Direcção*, nas quais Álvaro Cunhal critica com todo o pormenor e a maior profundidade esse desvio, também ele influenciado pela política de coexistência pacífica deturpada por Khruchov e outras teorias por ele desenvolvidas no XX Congresso e posteriores do PCUS.

Traço comum a todos estes desvios é terem surgido a partir de direcções de partidos, o que bem confirma a sabedoria popular de que «a cabeça comanda o corpo».

A confiança dos militantes nos dirigentes dos seus partidos é indispensável, mas, portanto, mais indispensável ainda é que as direcções dos partidos mereçam essa confiança pela justeza da linha política que prosseguem, estilo de trabalho colectivo, frontalidade, lealdade e fraternidade entre camaradas (princípios que Ho-Chi-Minh valorizou no seu testamento político).

É uma necessidade imperiosa para os comunistas, e indispensável para os seus dirigentes, o estudo do marxismo-leninismo (conjunto de teorias científicas elaboradas por Marx, Engels e Lénine) e, a essa luz, a análise da realidade nacional e mundial.

Por tudo isto, é extremamente útil a leitura meditada deste livro de Ludo Martens, assim como de vários outros textos também publicados no sítio *Para a História do Socialismo – Documentos*.

Lisboa, 28 Junho 2009
Carlos Costa

Nota do tradutor

A primeira edição de *Um Outro Olhar Sobre Stáline*, de Ludo Martens, foi publicada na Bélgica, em 1994, menos de três anos após a dissolução da URSS e em pleno rescaldo da derrota do socialismo neste país e em todo o Leste europeu.

Num momento em que a onda de choque provocada pela tremenda regressão histórica não só flagelava os povos dos antigos países socialistas, confrontados com a implantação selvática do capitalismo, como abalava os fundamentos ideológicos de todo o movimento comunista mundial, semeando a descrença, a desorientação, a divisão e o derrotismo, Ludo Martens, secretário-geral do Partido do Trabalho da Bélgica (funções que exerceu até 2007), escreveu esta obra singular, que, decorridos 15 anos, permanece uma raridade no conjunto da historiografia ocidental sobre as primeiras décadas da construção do socialismo na URSS.

Solidamente assente em fontes credíveis, grande parte das quais produzidas por autores burgueses e não comunistas ao longo do século XX, recorrendo às recentes investigações permitidas pela abertura dos arquivos soviéticos no final dos anos 80, de que se destacam os números das chamadas vítimas das «repressões» stalinistas apurados pelos historiador V.N. Zemskov, Ludo Martens desmonta as principais mentiras forjadas e incutidas na consciência de gerações pelos inimigos do País dos Sovietes, aos quais se juntou, a partir de 1956, o falsificador Khruchov com o seu tristemente célebre «relatório secreto».

Contributo de inestimável valor para todos aqueles que consideram o estudo e reexame da história da URSS indispensáveis à afirmação dos ideais comunistas e da construção do socialismo como única alternativa real ao capitalismo, *Um Outro Olhar Sobre Stáline* permaneceu até hoje praticamente desconhecido no nosso País devido à falta de uma edição portuguesa.

A presente tradução visa colmatar essa lacuna e insere-se no trabalho de divulgação do site Para a História do Socialismo – Documentos, cujo objectivo é contribuir para o estabelecimento da verdade histórica sobre a epopeia dos povos da União Soviética desbravando os caminhos do socialismo e do comunismo para toda a humanidade.

Nesta tradução seguimos a edição original em francês, na versão electrónica realizada por Vincent Gouysse (disponível no site www.communisme-bolchevisme.net), mas procurámos evitar segundas traduções nas citações de V.I. Lénine, adoptando o texto das *Obras Escolhidas* em três e seis tomos, das Edições «Avante!». Na ausência de versão portuguesa, e sempre que nos foi possível localizar os textos, optámos por traduzir directamente do original russo, caso sobretudo das citações de I.V. Stáline (*Obras*, em 18 tomos, sob direcção de R.I. Kossolapov, 1997–2006, disponíveis em <http://grachev62.-narod.ru/stalin/index.htm>), e dos excertos do «Relatório de Khruchov sobre o Culto da Personalidade», no XX Congresso do PCUS, publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989.

De modo a facilitar a identificação das dezenas de personalidades referidas neste livro, acrescentámos breves notas biográficas em rodapé, que se encontram ordenadas num índice de nomes no final do livro. Como fontes utilizámos o *Dicionário Enciclopédico Soviético*, a *Grande Enciclopédia Soviética* (disponível em <http://slovari.yandex.ru/-dict/bse>), e ainda o site russo www.hronos.info.

Por último, assinale-se que procurámos respeitar a ortografia portuguesa na transliteração fonética dos nomes russos, o que explica a existência de grafias divergentes nas referências bibliográficas, consoante se trate de fontes em inglês, francês ou alemão, cujos padrões de transliteração são naturalmente diferentes do português.

A todos os camaradas e amigos que colaboraram directa ou indirectamente na realização desta edição aqui ficam os nossos sinceros agradecimentos.

CN

3 de Junho 2009

«Fui um anti-stalinista convicto desde a idade de 17 anos. A ideia de um atentado contra Stáline invadia os meus pensamentos e sentimentos. Estudámos as possibilidades “técnicas” de um atentado. E passámos à sua preparação prática.

«Se me tivessem condenado à morte em 1939, essa decisão teria sido justa. Eu concebera o plano de matar Stáline e isso era um crime, não?»

«Quando Stáline ainda estava vivo, eu via as coisas de outro modo, mas agora que posso sobrevoar este século, digo: Stáline foi a maior personalidade do nosso século, o maior génio político. Adotar uma atitude científica a respeito de alguém é diferente de manifestar uma atitude pessoal.»

Aleksandr Zinóviev, 1993¹

«Na minha opinião, há duas “espadas”: uma é Lénine e a outra, Stáline.

A espada que é Stáline, os russos lançaram-na agora por terra.

Gomulka e alguns húngaros apanharam-na para atacar a União Soviética, para combater aquilo que é chamado de stalinismo. Os imperialistas servem-se também desta espada para assassinar os povos; Dulles, por exemplo, tem-na brandido. Esta arma não está emprestada, foi deitada fora.

«Nós, Chineses, não a rejeitámos.

«Quanto à espada que é Lénine, não foi ela também rejeitada de algum modo pelos dirigentes soviéticos? A meu ver isso aconteceu em muito larga medida.

A Revolução de Outubro permanece válida? Poderá ainda servir de exemplo aos diferentes países? O relatório de Khruchov diz que é possível chegar ao poder pela via parlamentar; isso significa que os outros países já não teriam necessidade de seguir o exemplo da Revolução de Outubro. Uma vez franqueada esta porta, o leninismo está praticamente rejeitado.»

Mao Tsé Tung, 15 de Novembro de 1956²

«Durante muitos anos, mesmo entre pessoas de esquerda, havia um certo constrangimento em falar de Stáline, como se isso demonstrasse uma desactualização cultural e política lastimável.

Jamais me conformei com isso. Sempre manifestei o meu apreço pelo grande herói de Stalingrado, a figura máxima da luta contra o nazismo.

Um dia, os que se recusavam a discutir Stáline vão perceber como estavam enganados, iludidos pela campanha odiosa movida contra ele pelas forças mais reaccionárias, como este livro de Ludo Martens tão bem demonstra».

Óscar Niemeyer³

¹ Alexandre Zinoviev, *Les confessions d'un homme en trop*. Ed. Olivier Orban, 1990, pp.104, 120, Interview *Humo*, 25 Fevereiro de 1993, pp. 48-49.

² Mao Zedong, *Oeuvres choisies*, tomo V, Ed. en Langues étrangères, Beijing, 1977, p. 369.

³ Texto de Óscar Niemeyer incluído na edição brasileira da presente obra, editora *Revan*, 2003.
(Nota do Tradutor)

Prefácio

Que um célebre dissidente soviético a viver na Alemanha «reunificada», um homem que na sua juventude cultivou o anti-stalinismo a ponto de preparar um atentado terrorista contra Stáline, que encheu livros para dizer tudo quanto de pior pensava sobre a política stalinista, que um tal homem se tenha visto obrigado na sua velhice a render homenagem a Stáline, eis algo que faz pensar.

Muitos homens que se proclamam comunistas não deram provas de tanta coragem. De facto, não é fácil erguer uma voz fraca contra o furacão da propaganda anti-stalinista. Além disso, um grande número de comunistas sente-se muito pouco à vontade nesse terreno. Tudo o que os inimigos do comunismo afirmaram durante 35 anos, Khruchov confirmou-o em 1956. Desde então, a unanimidade na condenação de Stáline, que vai dos nazis aos trotskistas e do tandem Kissinger-Brzezinski ao duo Khruchov-Gorbatchov, parece impor-se como prova da verdade. Defender a obra histórica de Stáline e do partido bolchevique tornou-se uma coisa impensável, monstruosa. E muitos homens que se opõem sem equívocos à anarquia mortífera do capitalismo mundial curvaram-se sob intimidação.

Hoje, a constatação da loucura destruidora que se apoderou da União Soviética, com o seu cortejo de fome, de desemprego, de criminalidade, de miséria, de corrupção, de ditadura aberta e de guerras inter-étnicas, levou um homem como A. Zinóviev a pôr em causa preconceitos arraigados desde a adolescência.

Não há qualquer dúvida de que aqueles que querem defender os ideais do socialismo e do comunismo deverão pelo menos fazer o mesmo. Todas as organizações comunistas e revolucionárias pelo mundo fora ver-se-ão obrigadas a reexaminar as opiniões e os julgamentos que formularam depois de 1956 sobre a obra de Stáline. Ninguém pode escapar a esta evidência: quando, após 35 anos de denúncias virulentas do «stalinismo», Gorbatchov pôs realmente fim a todas as realizações de Stáline, constatou-se que Lénine, de igual modo, se tornou *persona non grata* na União Soviética. Com o enterro de Stáline, o leninismo também desapareceu da face da terra.

Redescobrir a verdade revolucionária sobre o período dos pioneiros é uma tarefa colectiva que incumbe a todos os comunistas do mundo. Esta verdade revolucionária resultará da confrontação das fontes, dos testemunhos e das análises. A contribuição dos marxistas-leninistas soviéticos, os únicos que podem ter acesso a determinadas fontes e testemunhos, será capital. Mas o seu trabalho é hoje feito nas mais difíceis condições.

Publicamos as nossas análises e reflexões sobre este tema sob o título *Um Outro Olhar Sobre Stáline*. A classe cujo interesse fundamental consiste em manter o sistema de exploração e de opressão impõe-nos quotidianamente a sua visão sobre Stáline. Adotar uma outra visão sobre Stáline é ver a personagem histórica de Stáline através dos olhos da classe oposta – a dos explorados e oprimidos.

Este livro não foi concebido como uma biografia de Stáline. O seu propósito é abordar frontalmente os ataques contra Stáline a que estamos mais habituados: o «testamento de Lénine», a colectivização imposta, a burocracia sufocante, o extermínio da velha guarda bolchevique, as grandes depurações, a industrialização forçada, a coligação de Stáline com Hitler, a sua incompetência na guerra, etc.. Comprometemo-nos a desmontar certas «grandes verdades» sobre Stáline, aquelas que são resumidas milhares de vezes em

algumas frases nos jornais, nos cursos de História, nas entrevistas que, por assim dizer, entraram no subconsciente.

«Mas como é possível defender um homem como Stáline?» – dizia-nos um amigo. Havia espanto e indignação na sua pergunta. Isto recordou-me o que me havia dito, noutro dia, um velho operário comunista. Falava-me do ano de 1956, quando Khruchov leu o seu famoso relatório secreto. Aquilo provocou debates agitados no seio do Partido Comunista. No meio de uma dessas altercações, uma mulher idosa, comunista, oriunda de uma família judaica comunista, que perdera dois filhos durante a guerra e cuja família na Polónia tinha sido exterminada, exclamou: «Mas como podemos não apoiar Stáline, ele que construiu o socialismo, que derrotou o fascismo, que encarnou todas as nossas esperanças?» Na tempestade ideológica que se abatia sobre o mundo, num momento em que outros davam o flanco, aquela mulher permanecia fiel à revolução. E por essa razão, olhava de outro modo para Stáline. Uma nova geração de comunistas partilhará o seu olhar.

Introdução

A actualidade de Stáline

A 20 de Agosto de 1991, o eco do extravagante golpe de Estado de Iánnaiev ressoou através do mundo como o prelúdio dissonante da liquidação dos últimos vestígios do comunismo na União Soviética. Estátuas de Lénine foram demolidas e as suas ideias denunciadas. Este acontecimento provocou numerosos debates no seio do movimento comunista.

Alguns disseram que se produziu de forma totalmente inesperada.

Em Abril de 1991 publicámos o livro *A URSS e a Contra-Revolução de Veludo*,⁴ que aborda essencialmente a evolução política da URSS e da Europa Oriental depois de 1956. Após o golpe de Estado profissional de Iéltsine e a sua proclamação vociferada do restabelecimento do capitalismo, não temos nada a alterar ao que escrevemos.

Com efeito, as últimas escaramuças confusas entre Iánnaiev, Gorbatchov e Iéltsine não foram senão as convulsões de um sistema moribundo, exteriorizações de decisões tomadas quando do XXVIII Congresso, em Julho de 1990. «*Este congresso*», escrevemos na altura, «*afirma nitidamente a ruptura com o socialismo e a passagem à economia capitalista*».⁵

Uma análise marxista das subversões ocorridas na URSS tinha conduzido, já no final de 1989, à seguinte conclusão: «*Gorbatchov prega a revolução lenta, progressiva mas sistemática para a restauração capitalista. Encostado à parede, procura cada vez mais apoios, tanto políticos como económicos, no mundo imperialista. Em troca, permite aos ocidentais fazerem praticamente tudo o que querem na União Soviética.*»⁶

Um ano mais tarde, no final de 1990, pudemos concluir a nossa análise nos seguintes termos:

«*Depois de 1985, vaga após vaga, a direita atacou e, a cada nova etapa, Gorbatchov deixou-se levar mais longe para a direita. Frente à agressividade redobrada dos nacionalistas e dos fascistas, protegidos por Iéltsine, não é impossível que Gorbatchov escolha recuar de novo. Tal provocará sem dúvida a erosão tanto do Partido Comunista como da União Soviética.*»⁷

«*A balcanização de África e do mundo árabe assegurou as condições ideais para o domínio imperialista. Os espíritos mais imaginativos do Ocidente começam a sonhar com a sujeição económica e política da URSS depois da restauração do capitalismo.*»⁸

Recordamos propositadamente estas conclusões, às quais muitos marxistas-leninistas chegaram em 1989 e 1990. Com efeito, a dinamitação das estátuas de Lénine foi acompanhada de uma explosão de propaganda clamando a derrota do marxismo-leninismo. No entanto, provou-se que a análise marxista é no fundo a única válida, a única que permite descobrir as forças sociais reais que operam por detrás das palavras de ordem demagógicas de «democracia e liberdade», «*glasnost e perestróika*».

Em 1956, durante a contra-revolução sangrenta na Hungria, estátuas de Stáline foram destruídas; 35 anos mais tarde, estátuas de Lénine foram reduzidas a pó. O derrube das estátuas de Stáline e de Lénine marca os dois pontos de ruptura com o marxismo. Em 1956, Khruchov atacou a obra de Stáline para alterar a linha fundamental da direcção do Partido Comunista. A degenerescência progressiva que se seguiu do sistema político e

económico conduziu à ruptura definitiva com o socialismo, ruptura consumada em 1990 por Gorbatchov.

Sabemos que os *media* nos entretêm todos os dias com a derrota definitiva do comunismo no mundo. Mas devemos sublinhar que, se há derrota na União Soviética, ela é a derrota do revisionismo introduzido na União Soviética por Khruchov há 35 anos. Este revisionismo levou ao afundamento do sistema político, à capitulação diante do imperialismo, à catástrofe económica. A erupção actual do capitalismo selvagem e do fascismo na URSS mostra bem ao que conduz no fim de contas a rejeição dos princípios revolucionários do marxismo-leninismo.

Durante 35 anos os revisionistas empenharam-se em derrotar Stáline. Uma vez Stáline derrotado, Lénine foi liquidado num golpe de mão. Khruchov encarniçou-se contra Stáline. Gorbatchov sucedeu-o, conduzindo ao longo dos cinco anos da sua *glasnost* uma verdadeira cruzada contra o stalinismo. Alguém terá reparado que a desmontagem das estátuas de Lénine não foi precedida de uma campanha política contra a sua obra? A campanha contra Stáline foi suficiente. Uma vez atacadas, denegridas e demolidas todas as ideias políticas de Stáline constatámos, simplesmente, que se tinha posto fim no mesmo momento às ideias de Lénine.

Khruchov começou sua obra destruidora afirmando que criticava os erros de Stáline com o objectivo de «*restabelecer o leninismo na sua pureza original*» e aperfeiçoar o sistema comunista. Gorbatchov fez as mesmas promessas demagógicas para desorientar as forças de esquerda. Hoje devemos reconhecer a evidência: sob o pretexto de «retornar a Lénine», fizeram regressar o tsar; sob o pretexto de «aperfeiçoar o comunismo», ressuscitaram o capitalismo selvagem.

A maioria das pessoas de esquerda leu algumas obras consagradas às actividades da CIA e dos serviços secretos ocidentais. Sabem que a guerra psicológica e política é um ramo à parte e extremamente importante da guerra total moderna. A calúnia, a intoxicação, a provocação, a exploração de divergências, a exacerbação das contradições, a diabolização do adversário, a perpetração de crimes imputados ao adversário são tácticas habituais dos serviços secretos ocidentais.

Ora, desde 1945, o imperialismo «democrático» investiu meios colossais nas guerras anticomunistas, guerras militares, guerras clandestinas, guerras políticas e guerras psicológicas. Não é evidente que a campanha anti-Stáline esteve no centro de todos os combates ideológicos contra o socialismo? Os porta-vozes oficiais da máquina de guerra americana, Kissinger e Brzezinski, elogiaram as obras de Soljenítsine e de Conquest, que por coincidência são também dois autores em voga entre os sociais-democratas, os trotskistas e os anarquistas. Em vez de «descobrir a verdade sobre Stáline», não seria melhor se esses especialistas do anticomunismo revelassem os meandros da guerra psicológica e política conduzida pela CIA?

Não é por mero acaso que, em quase todas as publicações burguesas e pequeno-burguesas «em voga» nos nossos dias, encontramos calúnias e mentiras a propósito de Stáline que se podiam ler durante a guerra na imprensa nazi. É um sinal de que a luta de classes à escala mundial é cada vez mais áspera e de que a grande burguesia mobiliza todas as suas forças para a defesa, em todos os azimutes, da sua «democracia». Em algumas conferências que fizemos sobre o período de Stáline, lemos um longo texto anti-stalinista e perguntámos às pessoas presentes o que pensavam. Quase sempre os intervenientes sublinharam que o texto, embora violentamente anticomunista, mostrava claramente o entusiasmo dos jovens e dos pobres pelo bolchevismo, assim como pelas realizações técnicas da URSS e que, de modo geral, era bastante equilibrado. Em seguida,

revelámos ao auditório que o que acabava de ser comentado era um texto nazi, publicado no *Signal* n.º 24, de 1943, em plena guerra. As campanhas anti-stalinistas promovidas pelas democracias ocidentais em 1989-1991 foram muitas vezes mais violentas e caluniosas que as conduzidas nos anos 30 pelos nazis. Actualmente já não há as grandes realizações comunistas dos anos 30 para fazer contrapeso às calúnias. Já não há forças políticas significativas para tomar a defesa da experiência soviética sob Stáline.

Quando a burguesia clama a derrota definitiva do comunismo, está a aproveitar a falência do revisionismo para reafirmar o seu ódio à obra grandiosa realizada por Lénine e Stáline. Mas ao fazê-lo, está a pensar mais no futuro do que no passado. A burguesia quer fazer crer que o marxismo-leninismo está definitivamente enterrado porque se apercebe perfeitamente da actualidade e da vitalidade da análise comunista. A burguesia dispõe de uma grande abundância de quadros capazes de fazer avaliações científicas sobre a evolução do mundo. Também encara a possibilidade de crises maiores, revoltas de amplitude planetária e guerras de todo género. Após o restabelecimento do capitalismo na Europa de Leste e na União Soviética, todas as contradições do sistema imperialista mundial se exacerbaram. Face aos abismos do desemprego, da miséria, da exploração e da guerra que se abrem diante das massas trabalhadoras do mundo inteiro, só o marxismo-leninismo poderá mostrar o caminho da salvação. Só o marxismo-leninismo pode fornecer às massas trabalhadoras do mundo capitalista e aos povos oprimidos do terceiro mundo as armas da sua libertação. Todo o chinfrim sobre o fim do comunismo visa apenas desarmar as massas oprimidas do mundo inteiro para as grandes lutas futuras.

A defesa da obra de Stáline, que é no essencial a defesa do marxismo-leninismo, é uma tarefa actual e urgente para enfrentar a realidade da luta de classes sob a nova ordem mundial.

A obra de Stáline é de uma candente actualidade, tanto nos antigos países socialistas como nos países que mantêm a sua orientação socialista, tanto nos países do terceiro mundo como nos países imperialistas.

Stáline está no centro da actualidade nos antigos países socialistas

Após a restauração capitalista na URSS, a obra de Stáline ganhou uma grande importância para se compreender os mecanismos da luta das classes sob o socialismo.

Existe uma relação entre a restauração do capitalismo a que temos assistido e a virulenta campanha contra Stáline que a precedeu. As explosões de ódio contra um homem que morreu em 1953 podem, à primeira vista, parecer estranhas, se não incompreensíveis. Durante os 20 anos que precederam a chegada de Gorbatchov, Bréjnev encarnou a burocracia, a estagnação, a corrupção e o militarismo. Mas nem na União Soviética nem no «mundo livre» se assistiu a uma crítica tão violenta, excitada, raivosa contra Bréjnev como a que caracterizou a cruzada anti-Stáline.

É evidente que no decurso dos últimos anos, todos os fanáticos do capitalismo e do imperialismo tomaram Stáline como alvo para acabar com o que restava do socialismo na URSS.

A deriva desastrosa encetada por Khruchov mostra, por oposição, a pertinência da maior parte das ideias enunciadas por Stáline. Stáline afirmava que a luta de classes continua sob o socialismo, que as antigas forças feudais e burguesas não cessam o combate pela restauração e que os oportunistas no seio do Partido, os trotskistas, os

bukharinistas e os nacionalistas burgueses ajudam as classes e camadas anti-socialistas a reagruparem as suas forças. Khruchov declarou que estas teses eram aberrantes e conduziam à arbitrariedade. Mas, em 1992, a figura maçuda do «tsar» Boris vestiu-se como um monumento testemunhando a justeza da análise de Stáline.

Os adversários da ditadura do proletariado não cessaram de afirmar que Stáline encarnava não a ditadura dos trabalhadores, mas a sua própria ditadura autocrática. A palavra *gulag* tornou-se sinónimo de «ditadura stalinista». Ora, aqueles que estavam no *Gulag* do tempo de Stáline fazem hoje parte da nova burguesia no poder. Destruir Stáline equivalia a fazer renascer a democracia socialista. Mas, uma vez Stáline enterrado, Hitler ressurgiu da tumba. E todos os heróis de má memória, os Vlássov, os Bandera, os Antonescu, os Tiso e outros colaboradores nazis estão a ser reabilitados na Rússia, na Ucrânia, na Roménia e na Eslováquia. A queda do muro de Berlim marca a ascensão do neonazismo na Alemanha. Hoje, face ao ímpeto do capitalismo e do fascismo no Leste, compreende-se melhor que Stáline defendia efectivamente o poder operário.

Stáline está no centro do debate político dos países que mantêm o socialismo

Os *media* não deixam de nos lembrar regularmente que existe ainda, infelizmente, um último quadrado de stalinistas sobre o planeta. Fidel Castro mantém-se na sua pequena ilha como um dinossauro stalinista. Kim Il Sung ultrapassa Stáline no que respeita ao culto da personalidade. Os verdugos chineses da Praça Tien An Men são dignos herdeiros de Stáline. Alguns dogmáticos vietnamitas continuam a exhibir fotografias de Hô Chi Minh e de Stáline. Em resumo, os quatro países que mantêm, de uma forma ou de outra, a via socialista são excomungados do mundo «civilizado» sob o nome de Stáline. Este ruído incessante visa também suscitar e reforçar nestes países correntes «anti-stalinistas», ou seja, burguesas e pequeno-burguesas.

A obra de Stáline ganha actualidade no terceiro mundo

Actualmente, no terceiro mundo, todas as forças que se opõem à barbárie imperialista são perseguidas e atacadas em nome da luta contra o «stalinismo».

Assim, o Partido Comunista das Filipinas acaba de ser «penetrado pelo demónio stalinista das purgas», segundo os termos do jornal *Le Monde*.⁹ De acordo com um panfleto do grupo Meisone, os «stalinistas» da Frente Popular de Libertação do Tigre tomaram o poder em Addis-Abeba. No Peru, também ainda se ouvem teses maoístas-stalinistas, «esta linguagem empedernida de outros tempos», escrevia Marcel Niedergang, no *Le Monde*. Pudemos inclusive ler que o Baath sírio dirige «uma sociedade fechada, quase stalinista».¹⁰ Em plena guerra do Golfo, um jornal informou-nos que uma publicação soviética, após comparar as fotos de Stáline e de Saddam Hussein, tinha concluído que Saddam era um filho ilegítimo do grande georgiano. E os energúmenos que expulsaram do Haiti o bravo padre Aristide afirmaram com toda a solenidade que este tinha instalado «uma ditadura totalitária»!

A obra de Stáline é de uma actualidade candente para todos os povos empenhados no combate pela sua libertação da dominação imperialista

Tal como Lénine, Stáline representa a firmeza nas batalhas de classe mais duras e mais impiedosas. Stáline mostrou que nas situações mais difíceis só uma atitude firme e inflexível frente ao inimigo de classe permite resolver os problemas fundamentais das massas trabalhadoras. A atitude conciliadora, oportunista, derrotista e capitulacionista conduz necessariamente à catástrofe e ao revanchismo sanguinário das forças reaccionárias.

Actualmente, as massas trabalhadoras do terceiro mundo encontram-se numa das mais difíceis situações, aparentemente sem saída, que se assemelha à situação da União Soviética em 1920-1933. Em Moçambique, as forças mais retrógradas da sociedade foram utilizadas pela CIA e pelos serviços sul-africanos para massacrar 900 mil moçambicanos. Os fundamentalistas hindus, protegidos desde há muito pelo Congresso e apoiados por uma parte da grande burguesia indiana, mergulham a Índia no terror.

Na Colômbia, a coligação-rivalidade entre o exército e a polícia reaccionários, a CIA e os traficantes de droga provoca banhos de sangue nas massas populares. No Iraque, onde uma agressão criminosa fez 200 mil mortos, o embargo imposto pelos nossos grandes defensores dos direitos humanos continua a matar lentamente dezenas de milhares de crianças.

Em todas estas situações extremas, o exemplo de Stáline mostra como mobilizar as massas para um combate impiedoso e vitorioso contra inimigos dispostos a tudo.

Mas alguns partidos revolucionários do terceiro mundo, envolvidos em combates encarniçados contra o imperialismo, desviaram-se progressivamente para o derrotismo e a capitulação, e este processo de degenerescência começou quase sempre por ataques contra a obra de Stáline. A evolução recente dos partidos que constituem a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), em El Salvador, é disto um caso exemplar.

No seio do Partido Comunista das Filipinas desenvolveu-se pelo menos desde 1985 uma tendência oportunista que queria pôr fim à guerra popular e entrar num processo de «reconciliação nacional». Os defensores desta linha, partidários de Gorbatchov, atacam com violência Stáline. Este mesmo oportunismo teve uma expressão de «esquerda»: querendo chegar rapidamente ao poder, alguns propuseram uma linha militarista e uma política de insurreição urbana. Alguns responsáveis por esta tendência em Mindanau organizaram uma depuração no Partido para pôr fim às infiltrações policiais: executaram várias centenas de pessoas ao arrepio de todas as regras partidárias. Mas quando o Comité Central decidiu conduzir uma campanha de rectificação destes desvios, todos esses oportunistas se uniram clamando contra a «purga stalinista»!

José Maria Sison escreveu:

*«Aqueles que se opõem mais asperamente ao movimento de rectificação são os que têm as maiores responsabilidades pela tendência militarista, pela redução importante da nossa base de massas, pela caça às bruxas que tomou proporções monstruosas e pela degenerescência para o gangsterismo. Há muito tempo que se envolveram em campanhas de calúnias e intrigas. Estes renegados juntaram-se de facto aos agentes secretos e aos peritos da guerra psicológica do regime EUA-Ramos, numa tentativa de impedir o Partido Comunista das Filipinas de se reforçar ideologicamente, politicamente e organicamente».*¹¹

O jornal *Democratic Palestine*, da Frente Popular para a Libertação da Palestina, iniciou uma discussão sobre Stáline.

*«Os aspectos negativos da época de Stáline que ganharam mais relevo compreendem: a colectivização forçada, a repressão da livre expressão e da democracia no Partido e na sociedade; o ultracentralismo na tomada das decisões no Partido, no Estado soviético e no movimento comunista internacional».*¹²

Todas estas pretensas «críticas» a Stáline não são mais do que a recuperação simples de velhos ataques anticomunistas da social-democracia. Tomar este caminho e segui-lo até ao fim significa, a prazo, a morte da FPLP enquanto organização revolucionária. O percurso de todos aqueles que seguiram este caminho no passado não deixa nenhuma dúvida a este respeito.

A evolução recente da Frente Sandinista de Libertação Nacional é elucidativa. Na sua entrevista com Fidel Castro, Thomas Borges atacou com palavras muito fortes o «stalinismo»: é sob essa camuflagem que se consoma a transformação da FSLN numa formação social-democrata burguesa.

A obra de Stáline adquire também um novo significado na situação criada na Europa depois da restauração capitalista no Leste.

A guerra civil na Jugoslávia mostra em que carnificinas poderá de novo afundar-se o conjunto do continente europeu se as rivalidades crescentes entre as potências imperialistas voltarem a provocar uma nova grande guerra. Tal eventualidade não pode ser descartada. O cenário mundial de hoje mostra certas semelhanças com a situação de 1900 a 1914, época em que as potências imperialistas rivalizavam pela dominação económica mundial. Hoje, as relações entre os seis grandes centros capitalistas os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, o Japão, a Alemanha, a Rússia e a França tornaram-se muito instáveis. Estamos a entrar num período em que as alianças se fazem e desfazem e as batalhas no domínio económico e comercial são conduzidas com um vigor crescente. A formação de novos blocos imperialistas dispostos a enfrentarem-se pelas armas entra no domínio das possibilidades. Uma guerra entre potências imperialistas faria de toda a Europa uma gigantesca Jugoslávia. Perante tal eventualidade, a obra de Stáline merece um novo estudo.

Nos partidos comunistas através do mundo, a luta ideológica em torno da questão de Stáline apresenta numerosas características comuns.

Em todos os países capitalistas, a pressão económica, política e ideológica exercida pela burguesia sobre os comunistas é extremamente forte. É uma fonte permanente de degenerescência, de traição, de lento resvalar para o outro campo. Mas toda a traição necessita de uma justificação ideológica aos olhos daqueles que a cometem. Em geral, um revolucionário que se desvia para a rampa escorregadia do oportunismo «descobre a verdade sobre o stalinismo» e adopta a versão burguesa da história do movimento revolucionário sob Stáline. De facto, os renegados não fazem nenhuma descoberta, copiam simplesmente a burguesia. Por que é que tantos renegados «descobriram a verdade sobre Stáline» (certamente para aperfeiçoar o movimento comunista), e nenhum deles «descobriu a verdade sobre Churchill»? Esta seria uma descoberta muito mais importante para «aperfeiçoar» o combate ao imperialismo! Tendo no activo meio século de crimes ao serviço do império britânico (guerra na África do Sul, terror nas Índias, I Guerra Mundial inter-imperialista, seguida da intervenção militar contra a República Soviética, guerra contra o Iraque, terror no Quénia, desencadeamento da guerra fria, agressão contra a Grécia antifascista, etc.), Churchill é sem dúvida o único político burguês deste século a ter igualado Hitler.

Todo o escrito político e histórico está marcado pela posição de classe do seu autor. Dos anos 20 até 1953, a maioria das publicações ocidentais sobre a União Soviética serviu o combate da burguesia e da pequena burguesia contra o socialismo soviético.

Os escritos dos membros dos partidos comunistas e dos intelectuais de esquerda defendendo a experiência soviética constituem uma fraca contracorrente de defesa da verdade sobre a experiência soviética. Ora, a partir de 1956, Khruchov e o Partido Comunista da União Soviética perfilharam, pedaço a pedaço, toda a historiografia burguesa sobre o período de Stáline.

Desde então, todos os revolucionários do mundo ocidental estão sujeitos a uma pressão ideológica incessante em relação aos períodos cruciais do ascenso do movimento comunista, sobretudo o período de Stáline. Se Lénine dirigiu a Revolução de Outubro e traçou as orientações centrais para a construção do socialismo, foi Stáline que realizou a edificação socialista durante um período de 30 anos. Todo o ódio da burguesia se concentrou sobre o trabalho titânico realizado sob a direcção de Stáline. Um comunista que não adopta uma posição de classe firme frente à informação orientada, unilateral, truncada ou mentirosa divulgada pela burguesia perder-se-á irremediavelmente. Por nenhum outro sujeito da história recente a burguesia revela tanto interesse em denegri-lo e difamá-lo. Os comunistas devem adoptar uma atitude de desconfiança sistemática em relação às «informações» que lhe são fornecidas pela burguesia (e pelos khruchovistas) sobre o período de Stáline. Devem pôr tudo em questão para descobrirem as raras fontes alternativas de informação que defendem a obra revolucionária de Stáline.

Contudo, os oportunistas nos diferentes partidos não ousam opor-se frontalmente à ofensiva ideológica anti-Stáline, cujo objectivo anticomunista é, no entanto, evidente. Os oportunistas cedem à pressão, dizem «sim» à crítica a Stáline, mas alegam criticar Stáline «pela esquerda».

Hoje podemos fazer o balanço de 70 anos de «críticas de esquerda» formuladas contra a experiência do partido bolchevique sob Stáline. Dispomos de centenas de obras escritas por sociais-democratas e trotskistas, por bukharinistas e intelectuais de esquerda «independentes». Os seus pontos de vista foram retomados e desenvolvidos pelos khruchovistas e pelos titistas. Hoje podemos compreender melhor o verdadeiro sentido de classe dessa literatura. Terão todas essas críticas resultado em práticas revolucionárias mais consequentes do que aquela que a obra de Stáline encarna? Afinal, as teorias julgam-se pela prática social que suscitam. A prática revolucionária do movimento comunista mundial sob Stáline agitou o planeta inteiro e imprimiu uma nova orientação à história da humanidade. No decurso dos anos 1985-1990 pudemos ver que todas as pretensas «críticas de esquerda» contra Stáline foram como incontáveis ribeiros que desaguaram no rio do anticomunismo. Sociais-democratas, trotskistas, anarquistas, bukharinistas, titistas, khruchovistas, ecologistas, juntaram-se todos no movimento «pela liberdade, pela democracia, pelos direitos do homem», que liquidou o que restava de socialismo na URSS. Todas essas «críticas de esquerda» contra Stáline puderam ir até às últimas consequências da sua opção política e todas contribuíram para a restauração de um capitalismo selvagem, para a instauração de uma ditadura burguesa impiedosa, para a destruição das conquistas sociais, políticas e culturais das massas trabalhadoras e, em numerosos casos, para a emergência do fascismo e de guerras civis reaccionárias.

As campanhas anti-stalinistas fizeram-se sentir de modo particular sobre os comunistas que resistiram ao revisionismo em 1956 e tomaram a defesa de Stáline.

Em 1956, o Partido Comunista da China teve a coragem de defender a obra de Stáline. O seu documento «De novo a propósito da experiência da ditadura do proletariado»

forneceu uma ajuda considerável aos marxistas-leninistas do mundo inteiro. Na base da sua própria experiência, os comunistas chineses também expressaram críticas sobre certos aspectos da obra de Stáline. O que é perfeitamente normal numa discussão entre comunistas.

No entanto, agora com um maior distanciamento, vemos que muitas de suas críticas foram formuladas de modo muito geral. E isso influenciou negativamente muitos comunistas que deram credibilidade a todo o tipo de críticas oportunistas.

Assim, por exemplo, os camaradas chineses afirmaram que Stáline, por vezes, não distinguiu claramente dois tipos de contradições: as existentes no seio do próprio povo, que podem ser superadas pela educação e pela luta, e as que opõem o povo ao inimigo, que necessitam de formas de luta adequadas.

Desta crítica geral, alguns concluíram que Stáline não tinha tratado bem as contradições com Bukhárine¹³ e acabaram por abraçar a linha política social-democrata de Bukhárine.

Os camaradas chineses também afirmaram que Stáline se ingeriu muitas vezes nos assuntos de outros partidos e que lhes negava a sua independência. Desta crítica geral, alguns concluíram que Stáline tinha condenado erradamente a política de Tito e terminaram por aceitar o titismo como a forma específica jugoslava do marxismo-leninismo. Os acontecimentos recentes na Jugoslávia permitem compreender melhor a política nacionalista-burguesa seguida por Tito depois de romper com o partido bolchevique e cair na malha norte-americana.

As hesitações e os erros ideológicos relativos à questão de Stáline que acabamos de referir produziram-se em quase todos os partidos marxistas-leninistas.

Podemos tirar uma conclusão de ordem geral. Para ajuizarmos sobre todos os episódios do período 1923-1953 é necessário esforçarmo-nos para conhecer integralmente a linha e a política defendidas pelo partido bolchevique e por Stáline. Não se pode subscrever nenhuma crítica à obra de Stáline sem verificar os dados fundamentais da questão e sem se conhecer a versão apresentada pela direcção bolchevique.

Notas

⁴Ludo Martens, *L'URSS et la contre-révolution de velours*, EPO, Bruxelas 1991.

⁵Ibidem, p. 215.

⁶Ibidem, p. 186.

⁷Ibidem, p. 253.

⁸Ibidem, p. 245.

⁹Patrice de Beer, *Le Monde*, 7/8/1991, «La lente érosion».

¹⁰*International Herald Tribune*, 5/11/1991, p. 1.

¹¹*Statement*, 8/12/1992.

¹²*Democratic Palestine*, Julho-Setembro de 1992, p. 31.

¹³Nikolai Ivánovitch Bukhárine (1888-1938), membro do partido desde 1906, do CC (1917-34), candidato (1934-37), do *Politburo* (1924-29), candidato desde 1919. Economista e publicista, liderou os «Comunistas de Esquerda» após a Revolução de Outubro, opondo-se ao Tratado de Paz de Brest-Litovsk. Protagoniza a partir de 1929 a corrente de direita que se opõe à colectivização e industrialização acelerada. Expulso do Partido em 1937, é detido nesse ano, sendo julgado e condenado a fuzilamento em 1938 no âmbito do processo do «Bloco Trotskista de Direita», que se propunha restabelecer as relações de produção capitalistas na Rússia. (NT)

Capítulo I

O jovem Stáline forja as suas armas

No começo deste século, o tsarismo era o regime mais retrógrado e mais opressor da Europa. Tratava-se de um poder feudal, medieval, absoluto, que reinava sobre uma população essencialmente camponesa e analfabeta. O campesinato russo vivia no obscurantismo e na miséria mais sombria, em estado crónico de fome. De tempos a tempos explodiam grandes epidemias e revoltas da fome.

Entre 1800 e 1854, o país tinha conhecido 35 anos de escassez; entre 1891 e 1910 houve 13 anos de más colheitas e três anos de fomes.

O camponês trabalhava em pequenas parcelas de terra que eram redistribuídas regularmente e diminuía de ano para ano. Frequentemente eram estreitas faixas separadas umas das outras por distâncias consideráveis. Um terço das famílias não possuía arados de ferro, um quarto não tinha cavalos nem vacas para trabalhar a terra. A ceifa fazia-se à foice. Em comparação com a França e a Bélgica, a maioria dos camponeses russos vivia em 1900 como no século XIV.¹

No decurso dos cinco primeiros anos do século XX, houve centenas de revoltas camponesas na parte europeia da Rússia. Castelos e edifícios foram incendiados, proprietários fundiários foram assassinados. Eram sempre lutas locais e a polícia e o exército esmagavam-nas sem piedade. Em 1902, eclodiram em Khárkov e Poltava lutas com uma envergadura que se aproximava da insurreição. No movimento participaram 180 aldeias, 80 domínios senhoriais foram atacados. Comentando as insurreições de Sarátov e Balachov, o comandante militar da região observou:

*«Com uma espantosa violência, os camponeses queimaram e destruíram tudo; não ficou um tijolo no lugar. Foi tudo pilhado – o trigo, os armazéns, o mobiliário, os utensílios domésticos, os animais, as chapas de ferro dos telhados – numa palavra, tudo o que podia ser transportado; e o que restou foi atirado às chamas».*²

Este campesinato miserável e crédulo foi lançado na I Guerra Mundial, durante a qual o tsar, que continuava a ser adorado como um semideus pela maioria dos camponeses, tentou conquistar novos territórios, principalmente em direcção ao Mediterrâneo. Na Rússia, a I Guerra Mundial fez dois milhões e 500 mil mortos, sobretudo entre os camponeses recrutados no exército. À miséria permanente juntaram-se as destruições da guerra e as inúmeras mortes.

Mas nesta Rússia feudal, haviam-se implantado novas forças produtivas desde o final do século XIX. Grandes empresas, caminhos-de-ferro e bancos pertencentes essencialmente ao capital estrangeiro. Explorada de forma feroz, fortemente concentrada, a classe operária, sob o impulso do partido bolchevique, tornou-se a força dirigente no combate antitsarista.

No começo de 1917, a reivindicação principal de todas as forças revolucionárias era o fim da guerra criminoso. Os bolcheviques lançaram duas palavras de ordem dirigidas aos camponeses: paz imediata e distribuição da terra. O velho sistema retrógrado do tsarismo, completamente minado, desabou bruscamente em Fevereiro de 1917 e os partidos que propugnavam um regime burguês mais moderno apoderaram-se das rédeas do poder. Os seus dirigentes estavam sobretudo ligados às burguesias inglesa e francesa que dominavam a coligação anti-alemã.

Logo que o governo burguês foi constituído, para ele entraram, uns após outros, representantes de diferentes partidos «socializantes». A 27 de Fevereiro de 1917, Kérenski³ era o único «socialista» entre os 11 ministros do novo regime.⁴ A 29 de Abril, os socialistas-revolucionários, os mencheviques, os socialistas-populistas e os trabalhistas decidiram entrar para governo.⁵ Estas quatro formações pertenciam, grosso modo, ao movimento social-democrata europeu.

A 5 de Maio, Kérenski tornou-se ministro da Guerra e da Marinha. Nas suas memórias, resumiu o programa de todos os seus amigos «socialistas» desta forma: «*Nenhum exército do mundo pode dar-se ao luxo de se questionar sobre o objectivo do combate. Devemos dizer-lhes a verdade simples: “Deveis sacrificar-vos pela salvação da pátria”*».⁶

E efectivamente os socialistas enviaram os camponeses e os operários para a carnificina, sacrificarem-se pelos proprietários fundiários e pelo capital. De novo, centenas de milhares de homens foram abatidos.

Neste contexto, os bolcheviques responderam às aspirações profundas das massas operárias e camponesas, organizando a insurreição de 25 de Outubro sob as palavras de ordem: «A terra aos camponeses», «Paz imediata» e «Nacionalização dos bancos e das grandes empresas». A grande Revolução de Outubro, a primeira revolução socialista, foi vitoriosa.

As actividades de Stáline em 1900-1917

Sobre este fundo histórico, iremos descrever brevemente certos episódios da vida do jovem Stáline, entre 1900 e 1917, que nos permitem compreender melhor o papel que veio a desempenhar mais tarde.

Retomámos alguns elementos da vida de Stáline da obra *Stáline, Homem da História*, escrita por Ian Grey, que é em nosso entender a sua melhor biografia redigida por um não comunista.⁷

Ióssif Vissariónovich Djugachvíli nasceu em 21 de Dezembro de 1879, em Gori, na Geórgia. Seu pai, Vissárion, sapateiro de ofício, vinha de uma família de camponeses servos. Sua mãe, Ekaterina Gueórguievna Gueládze, era também filha de servos. Os pais de Stáline, pobres e analfabetos, pertenciam ao povo simples. Stáline foi um dos raros dirigentes bolcheviques de origens modestas. Toda a sua vida, esforçou-se por escrever e falar de forma compreensível para os trabalhadores simples.

Durante os cinco anos de escola primária, em Gori, Ióssif Djugachvíli sobressaiu pela sua inteligência e memória excepcional. Quando terminou, em 1894, foi recomendado como «melhor aluno» para entrar no Seminário de Tiblíssi, a mais importante instituição de ensino superior na Geórgia, que era também um centro de oposição ao tsarismo. Em 1893, haviam sido expulsos 87 estudantes por participarem numa greve liderada por Ketskhovéli.⁸

Stáline tinha 15 anos e estava no segundo ano do seminário quando entrou em contacto com círculos marxistas clandestinos. Frequenta uma livraria que pertencia a um certo Chelidze, onde jovens radicais iam ler obras progressistas. Em 1897, o assistente supervisor escreveu uma nota, onde dizia que tinha apanhado Djugachvíli a ler *A Evolução Literária das Nações*, de Letourneau, que anteriormente o apanhara a ler *Os*

Trabalhadores do Mar e mais tarde *Noventa e Três*, de Victor Hugo, num total de 13 vezes com livros proibidos.⁹

Em 1897, com 18 anos, Djughachvíli entrou na primeira organização socialista da Geórgia, dirigida por Jordânia, Tchkhéidze e Tseretéli, que se tornaram três conhecidos mencheviques. No ano seguinte, Stáline dirigiu um círculo de estudo para operários. Neste momento, Stáline já tinha lido as obras de Plekhánov e os primeiros escritos de Lénine.

Em 1899 foi expulso do Seminário. Assim começava a sua carreira de revolucionário profissional.¹⁰ Na juventude, Stáline deu provas de grande inteligência e possuía uma memória rara; mediante os seus próprios esforços tinha adquirido conhecimentos políticos muito amplos, lendo abundantemente. Para desvalorizar a sua obra, quase todos os autores burgueses reproduzem as invenções de Trótski,¹¹ que escreveu: «*O alcance dos pontos de vista políticos de Stáline é extremamente limitado. O seu nível teórico é bastante primitivo. Pela sua formação de espírito, este empírico obstinado tem falta de imaginação criadora*».¹²

No 1.º de Maio de 1900, Stáline toma a palavra numa concentração ilegal de 500 operários, reunidos nas montanhas em redor de Tiflis. Sob os retratos de Marx e Engels, escutam discursos em georgiano, em russo e em arménio. Durante os três meses seguintes, eclodem greves nas fábricas e nos caminhos-de-ferro de Tiflis. Stáline é um dos seus principais organizadores. No início de 1901, Stáline difunde o primeiro número do jornal clandestino *Iskra* (Faísca), publicado por Lénine em Leipzig.

No 1.º de Maio de 1901, dois mil operários organizam pela primeira vez uma manifestação pública em Tiflis, a polícia intervém violentamente. No *Iskra*, Lénine escreveu que este acontecimento teve importância histórica para todo o Cáucaso.¹³ No mesmo ano, Stáline, Ketskhovéli e Krássine¹⁴ lideram a ala radical da social-democracia na Geórgia. Encontram uma impressora, reimprimem o *Iskra* e produzem o primeiro jornal clandestino georgiano, *Brdzola* (A Luta). No primeiro número, defendem a unidade supranacional do partido e atacam os «moderados», defensores de um partido georgiano independente, associado ao partido russo.¹⁵

Em Novembro de 1901, Stáline é eleito para o primeiro Comité do Partido Operário Social-Democrata Russo e enviado para Batumi, cidade onde metade da população é turca. Em Fevereiro de 1902, já tinha organizado 11 círculos clandestinos nas principais empresas da cidade. A 27 de Fevereiro, seis mil operários da refinaria de petróleo participam numa marcha pela cidade. O exército abre fogo, matando 15 manifestantes. São efectuadas 500 prisões.¹⁶

Um mês mais tarde, Stáline é detido e fica preso até Abril de 1903, depois é condenado a três anos na Sibéria. Foge e retorna a Tiflis em Fevereiro de 1904.¹⁷

Durante a sua permanência na Sibéria, Stáline escreveu a um amigo em Leipzig para que lhe enviasse cópias da «Carta a um camarada sobre as nossas tarefas de organização», e exprimiu-lhe o seu apoio às posições de Lénine. Após o Congresso de Agosto de 1903, o Partido divide-se em bolcheviques e mencheviques e os delegados georgianos alinham com estes últimos. Stáline, que tinha lido *Que Fazer?*, apoia os bolcheviques sem hesitação.

«*Era uma decisão que exigia convicção e coragem. Lénine e os bolcheviques tinham pouco apoio na Transcaucásia*», escreveu Ian Grey.¹⁸ Em 1905, o chefe dos mencheviques georgianos, Jordânia, publicou uma crítica às teses bolcheviques defendidas por Stáline, o que sublinha o lugar importante que este último tinha passado a ocupar no movimento revolucionário georgiano. No mesmo ano, em «A insurreição

armada e nossa tática», Stáline defende, contra os mencheviques, a necessidade da luta armada para derrubar o tsarismo.¹⁹

Stáline tinha 26 anos quando pela primeira vez se encontrou com Lénine, na Finlândia. Foi em Dezembro de 1905, por ocasião da Conferência bolchevique.²⁰

Entre 1905 e 1908, o Cáucaso é o palco de uma intensa actividade revolucionária. Durante esse período, a polícia regista 1150 «actos terroristas». Stáline desempenha aqui um grande papel. Em 1907-1908, dirige com Ordjonikídze²¹ e Vorochílov²², secretário do Sindicato do Petróleo, uma luta legal de grande envergadura dos 50 mil trabalhadores da indústria petrolífera em Baku. Obtêm o direito de eleger representantes dos trabalhadores, que se reúnem em conferência para discutir uma convenção colectiva sobre salários e condições de trabalho. Lénine saudou esta luta travada num momento em que a maior parte das células revolucionárias na Rússia havia cessado toda a actividade.²³

Em Março de 1908, Stáline foi preso pela segunda vez e condenado a dez anos de exílio. Todavia, em Junho de 1909, evade-se e regressa a Baku, onde encontra o Partido em crise e a publicação do jornal suspensa.

Três semanas após o seu regresso, Stáline relança a edição e num artigo critica «os órgãos editados no estrangeiro, afastados da realidade russa, sem capacidade para unificar o trabalho do Partido». Stáline defende a manutenção do Partido na clandestinidade, exige a criação de um comité de coordenação no interior da Rússia e a publicação de um jornal nacional para informar, encorajar e restabelecer a linha do Partido. Pressentindo um novo impulso do movimento operário, insiste nestas propostas no início de 1910.²⁴

Em Março de 1910, em plena preparação de uma greve geral da indústria petrolífera, é preso pela terceira vez e reenviado para a Sibéria, onde é condenado a cinco anos de exílio. Em Fevereiro de 1912 volta a fugir e regressa a Baku.²⁵

É então que toma conhecimento de que os bolcheviques tinham criado o seu Partido independente na Conferência de Praga e que fora constituída uma comissão russa, da qual ele fazia parte.

A 22 de Abril de 1912, em São Petersburgo, publica a primeira edição do jornal bolchevique *Pravda*. No mesmo dia é preso pela quarta vez, com o secretário de redacção, Mólotov.²⁶ Haviam sido denunciados por Malinóvski, um agente provocador eleito para o Comité Central. Chernomazov, que substituiu Mólotov como secretário, era também um agente da Polícia. Após mais três anos de exílio na Sibéria, Stáline evade-se novamente e retoma a direcção do *Pravda*.

Convencido da necessidade de uma ruptura com os mencheviques, apresenta uma opinião sobre a tática diferente da de Lénine. Considera que é necessário defender a linha dos bolcheviques evitando um ataque frontal aos mencheviques, uma vez que os operários aspiravam à unidade. Sob sua direcção, o *Pravda* atinge em breve a tiragem recorde de 80 mil exemplares.²⁷

No final de 1912, Lénine convoca Stáline e outros responsáveis a Varsóvia para lhes transmitir a sua linha de ruptura imediata com os mencheviques, enviando depois Stáline para Viena para escrever a obra *O Marxismo e a Questão Nacional*. Nela, Stáline ataca a «autonomia cultural-nacional» no seio do Partido, considerando-a como a via do separatismo e da subordinação do socialismo ao nacionalismo. Defende a unidade das diferentes nacionalidades no seio de um só Partido centralizado.

De regresso a São Petersburgo, Malinóvski provoca a sua quinta prisão. É então desterrado para uma das regiões mais inacessíveis da Sibéria, onde se vê forçado a permanecer cinco anos.²⁸

Só após a Revolução de Fevereiro de 1917 Stáline consegue regressar a São Petersburgo, onde é eleito para o *Presidium* do bureau russo e retoma a direcção do *Pravda*. Em Abril de 1917, na Conferência do Partido, ocupa a terceira posição em número de votos para o Comité Central. No mês de Julho, quando o *Pravda* é fechado pelo governo provisório e vários dirigentes bolcheviques são presos, Lénine refugia-se na Finlândia e Stáline dirige o Partido. Em Agosto, apresenta o relatório do Comité Central ao VI Congresso, cuja linha política é aprovada pela quase unanimidade dos 267 delegados, salvo quatro abstenções. Stáline declara:

*«Não está excluída a possibilidade de que seja precisamente a Rússia a franquear o caminho para o socialismo. (...) É necessário rejeitar a ideia caduca de que só a Europa nos pode mostrar o caminho».*²⁹

No momento da insurreição de 25 de Outubro, Stáline integra o centro revolucionário militar, que compreendia cinco membros do Comité Central. Kámenev³⁰ e Zinóviev³¹ opõem-se publicamente à tomada do poder pelo partido bolchevique; Ríkov,³² Noguíne,³³ Lunacháski³⁴ e Miliútine³⁵ apoiaram-nos. Mas é Stáline que faz rejeitar a proposta de Lénine de expulsar Kámenev e Zinóviev do Partido. Após a revolução, os mesmos «bolcheviques de direita» exigem um governo de coligação com os mencheviques e os socialistas revolucionários. Ameaçados de novo de expulsão, recuam.³⁶

Stáline tornou-se o primeiro comissário do povo para os Assuntos das Nacionalidades. Compreendendo rapidamente que a burguesia internacional apoiava as burguesias locais das minorias nacionais, Stáline escreveu:

*«O direito à autodeterminação é um direito, não da burguesia, mas das massas trabalhadoras de uma determinada nação. O princípio da autodeterminação deve ser utilizado como um meio de luta para o socialismo, deve ser subordinado aos princípios do socialismo».*³⁷

Assim, podemos concluir que entre 1901 e 1917, desde as origens de partido bolchevique até à vitória da Revolução de Outubro, Stáline foi um partidário consequente da linha elaborada por Lénine. Nenhum outro dirigente se podia gabar de uma actividade tão constante e variada. Stáline seguiu Lénine desde o início, quando este contava com um número limitado de correligionários entre os intelectuais socialistas. Contrariamente à maior parte dos outros dirigentes bolcheviques, Stáline esteve em contacto permanente com a realidade russa e com os militantes no interior. Conhecia-os por ter estado com eles na luta legal e na clandestinidade, nas prisões e na Sibéria. Stáline tinha amplas competências, tendo dirigido a luta armada no Cáucaso, assim como as lutas clandestinas; organizou lutas sindicais, editou jornais clandestinos e legais, dirigiu o trabalho legal e parlamentar e conhecia tanto as minorias nacionais como o povo russo.

Trótski esforçou-se para obscurecer sistematicamente o passado revolucionário de Stáline e quase todos os autores burgueses retomam as suas maledicências. Trótski declara: *«Stáline é a mais eminente mediocridade do nosso Partido».*³⁸

Mas quando Trótski fala de «nosso Partido», trata-se de mais um embuste: ele nunca pertenceu ao partido bolchevique que Lénine, Zinóviev, Stáline, Sverdlov³⁹ e outros forjaram entre 1903 e 1917. Trótski entrou para o Partido em Julho de 1917.

«Para os assuntos correntes, Lénine recorria a Stáline, Zinóviev ou a Kámenev. Eu não prestava para formar comissões. Na prática, Lénine tinha necessidade de adjuntos dóceis; nesse papel, eu não valia nada», escreveu também Trótski.⁴⁰

Isto não diz nada verdadeiramente sobre Stáline, mas tudo sobre Trótski, que vemos aqui atribuir a Lénine a sua própria concepção aristocrática e bonapartista do Partido, com um chefe rodeado de adjuntos dóceis que tratam dos assuntos correntes!

Os socialistas e a revolução

A revolução teve lugar a 25 de Outubro [7 de Novembro] de 1917. Logo no dia seguinte, os «socialistas» apresentam à votação no Soviete de Deputados Camponeses uma moção que constituiu o primeiro apelo à contra-revolução.

*«Camaradas camponeses, todas as liberdades conquistadas ao preço do sangue dos vossos filhos correm actualmente um grave perigo. Um novo golpe mortal foi desferido sobre o nosso exército, que defende a pátria e a Revolução contra a derrota exterior. Os bolcheviques dividem as forças dos trabalhadores. O golpe desferido contra o exército é o primeiro e o pior dos crimes cometidos pelo partido bolchevique. Em segundo lugar, este partido deflagrou a guerra civil e usurpou o poder pela violência. Os bolcheviques não trarão a paz, mas a escravidão».*⁴¹

Assim, no dia seguinte à Revolução de Outubro, os «socialistas» não só se pronunciam pelo prosseguimento da guerra imperialista como, desde logo, acusam os bolcheviques de provocarem a guerra civil e imporem a violência e a escravidão!

Imediatamente, as forças da burguesia, as antigas forças tsaristas, todas as forças reaccionárias procuram reagrupar-se e organizar-se atrás da «vanguarda» socialista. Insurreições antibolcheviques têm lugar a partir de 1918. No início desse ano, Plekhánov,⁴² eminente chefe do partido menchevique, formou a União pela Ressurreição da Rússia com socialistas-revolucionários e socialistas-populistas, bem como com chefes do partido burguês dos *kadetes*.⁴³ Kérenski escreveu:

*«Consideravamos que se devia formar um governo nacional, fundado nos mais amplos princípios democráticos, que era necessário reconstituir uma frente com a Alemanha, em cooperação com os aliados ocidentais da Rússia».*⁴⁴

A 20 de Junho de 1918, Kérenski desloca-se a Londres, em nome dessa União, para negociar com os aliados. Ao primeiro-ministro Lloyd George declarou: *«O objectivo do governo em formação é prosseguir na guerra ao lado dos aliados, libertar a Rússia da tirania bolchevique e reinstaurar o sistema democrático».*

Assim, há mais de 70 anos, a burguesia belicista russa já utilizava o termo «democracia» para encobrir a sua bárbara dominação. Em nome da União, Kérenski pede uma «intervenção» dos aliados na Rússia. Pouco depois, um directório instalou-se na Sibéria com a participação dos socialistas-revolucionários, dos socialistas-populistas, do partido burguês dos *kadetes* e dos generais tsaristas Alekséiev e Boldírev. Os governos inglês e francês estiveram prestes a reconhecê-lo como governo legítimo, antes de decidirem jogar a carta do general tsarista Koltchak.⁴⁵

Assim se reagruparam as forças que tinham defendido a reacção tsarista e a burguesia durante a Guerra Civil na Rússia: as tropas tsaristas e todas as forças da burguesia – dos *kadetes* aos socialistas – uniram-se com as tropas intervencionistas estrangeiras.

Em 1918, a Guerra Civil provoca devastação por toda a parte. Mesmo em Petrogrado e Moscovo, a segurança das pessoas e bens não estava de forma alguma assegurada. A frota inglesa mantinha um bloqueio com o apoio dos outros países imperialistas, impedindo a entrada de alimentos, vestuário, medicamentos, anestésicos. Os exércitos ingleses,

franceses, japoneses, italianos e americanos desembarcaram em Múrmansk e Arkhánguelsk, a Norte, em Vladivostok, no Extremo-Oriente, em Batúmi e Odessa, no Sul. Apoiaram as tropas tsaristas de Dénikine, de Koltchak, de Iudénitch e de Vránguel que operavam no conjunto do território. Tropas de antigos prisioneiros checoslovacos controlavam a maior parte da Sibéria. Os exércitos alemães e polacos assolavam a região ocidental e ocupavam a Ucrânia.⁴⁶

De 1918 a 1921, a guerra civil fez nove milhões de mortos, essencialmente vítimas da fome. Esses nove milhões de mortos deveram-se, sobretudo, às intervenções militares estrangeiras e aos bloqueios organizados pelas potências ocidentais. Mas, perfidamente, a direita classificá-los-á sob a rubrica de «vítimas do bolchevismo».

É surpreendente que o partido bolchevique – que contava com apenas 33 mil membros em 1917 – tenha conseguido mobilizar forças populares de uma tal amplitude, que conseguiram derrotar as forças superiores da burguesia e do antigo regime tsarista, apoiadas pelos «socialistas» e reforçadas pelos exércitos estrangeiros intervencionistas. Isso quer dizer que, sem uma mobilização exaustiva das massas camponesas e operárias, sem a sua tenacidade e firme vontade de liberdade, jamais os bolcheviques teriam podido obter a vitória final.

É de sublinhar que após o começo da guerra civil, os mencheviques denunciaram a «ditadura bolchevique», o «regime arbitrário, terrorista», a «nova aristocracia» bolchevique. Estamos em 1918 e não há ainda «stalinismo» no ar! «A ditadura de uma nova aristocracia» – é nestes termos que a social-democracia atacou desde o início o regime socialista que Lénine acabava de instaurar.

Plekhánov desenvolveu a base teórica dessas acusações, afirmando que os bolcheviques seguiam uma política «objectivamente reaccionária», ao arrepio da história, uma utopia reaccionária que consistia em introduzir o socialismo num país que não estava maduro. Plekhánov fala de «anarquismo camponês» tradicional. Todavia, no momento da intervenção estrangeira, Plekhánov foi um dos raros dirigentes mencheviques a se lhe opor.⁴⁷

A convergência dos dirigentes socialistas com a burguesia baseava-se em dois argumentos. O primeiro: é impossível «impor» o socialismo num país atrasado. O segundo: uma vez que, apesar disso, os bolcheviques querem impor «à força» o socialismo, trarão consigo a tirania e a ditadura e constituirão uma nova aristocracia acima das massas.

Estas primeiras «análises», feitas pelos contra-revolucionários sociais-democratas, lutando de armas nas mãos contra o socialismo, merecem ser registadas: mais tarde, tais ataques caluniosos contra o leninismo serão simplesmente amplificados contra o «stalinismo».

Stáline durante a Guerra Civil

Debrucemo-nos por um instante sobre o papel desempenhado por Stáline durante a Guerra Civil. Numerosas publicações burguesas colocam Trótski, o «criador e organizador do Exército Vermelho», em pé de igualdade com Lénine, como os dois artesãos da vitória militar dos bolcheviques. A contribuição de Stáline no combate contra os exércitos brancos é a maior parte das vezes negligenciada. No entanto, nos anos 1918-

1920, Stáline dirigiu pessoalmente o combate militar em várias frentes decisivas. A intervenção de Zinóviev, de Kámenev ou de Bukhárine foi nula no domínio militar.

Em Novembro de 1917, o Comité Central criou um comité restrito para os assuntos urgentes composto por Lénine, Stáline, Sverdlov e Trótski. Nessa altura, Pestovski, o adjunto de Stáline, escreveu: «*A longo do dia, Lénine chamou Stáline numerosas vezes. Stáline passou a maior parte do tempo com Lénine.*»⁴⁸

Em Dezembro de 1917, com o objectivo de salvar o poder soviético a qualquer custo, Lénine e Stáline insistiram em aceitar as condições humilhantes impostas pelos alemães durante as negociações de paz com a Alemanha. Consideravam que, de qualquer modo, o exército russo estava incapaz de combater. Bukhárine e Trótski queriam recusar as condições e declarar a «guerra revolucionária». Para Lénine, isso seria cair na armadilha da burguesia, que pregava o ultranacionalismo com o objectivo de fazer cair o poder bolchevique. Durante as negociações com os alemães, Trótski declarou: «*Nós retirarmos-nos da guerra, mas recusamo-nos a assinar o tratado de paz*».

Stáline notou que não havia sinais de uma revolução iminente na Alemanha e que o gesto espectacular de Trótski não era uma política aceitável. Os alemães retomaram efectivamente a ofensiva e os bolcheviques seriam obrigados a assinar em breve condições de paz ainda piores. Neste processo o Partido esteve perto da catástrofe.⁴⁹

Em Janeiro de 1918, o general tsarista Alekséiev conduziu um exército de voluntários para a Ucrânia e para a região do Don. Em Fevereiro, o exército alemão ocupou a Ucrânia para «garantir a sua independência». Em Maio de 1918, 30 mil soldados checoslovacos ocuparam uma grande parte da Sibéria. Durante o Verão, sob o impulso de Winston Churchill, a Inglaterra, a França, os Estados Unidos, a Itália e o Japão intervieram militarmente contra os bolcheviques.

Trótski tornou-se comissário do povo para a Defesa em Março de 1918. A sua tarefa foi formar um novo exército de operários e camponeses, dirigidos por 40 mil oficiais do antigo exército tsarista.⁵⁰

Em Junho de 1918, o Cáucaso do Norte, única região cerealífera importante nas mãos dos bolcheviques, estava sob ameaça do exército de Krassnov. Stáline é enviado para Tsaritsine, a futura Stalingrado, para assegurar o aprovisionamento de cereais. Encontrou ali um caos geral.

«*Por mim, sem formalidades, expulsaria estes comandantes do exército e estes comissários que estão a arruinar a situação*», escreveu a Lénine, reivindicando autoridade militar sobre a região.

A 19 de Julho, Stáline é nomeado presidente do Conselho de Guerra da Frente Sul. Mais tarde, Stáline entra em conflito com o antigo general de artilharia tsarista Sítine, que Trótski nomeara comandante da Frente Sul, e com o comandante-chefe Vátsetis, igualmente antigo coronel tsarista. Tsaritsine foi defendida com sucesso.⁵¹ Lénine considerou que as medidas tomadas por Stáline em Tsaritsine eram um modelo a seguir.⁵²

Em Outubro de 1918, Stáline é nomeado para o Conselho Militar da Ucrânia, que recebera a tarefa de derrubar o regime de Skoropádski,⁵³ instalado pelos alemães.

Em Dezembro, a situação deteriorou-se gravemente nos Urais devido ao avanço das tropas reaccionárias de Koltchak. Stáline é enviado com plenos poderes para pôr fim ao estado catastrófico do Terceiro Exército e depurar os comissários incapazes. No inquérito que faz no local, Stáline critica a política de Trótski e de Vátsetis. No VIII Congresso, em Março de 1919, Trótski foi criticado por numerosos delegados pelas suas atitudes

«ditatoriais», pela sua «adoração pelos especialistas militares» e as suas «torrentes de telegramas mal preparados».⁵⁴

Em Maio de 1919, Stáline é de novo enviado com plenos poderes para organizar a defesa de Petrogrado contra o exército de Iudénitch. A 4 de Junho envia um telegrama a Lénine, afirmando, com base em documentação apreendida, que numerosos oficiais superiores do Exército Vermelho trabalhavam secretamente para os exércitos brancos.⁵⁵

Na Frente Leste rebenta um grave conflito entre o seu comandante, S. Kámenev, e o comandante-chefe, Vátsetis. O Comité Central acaba por apoiar o primeiro e Trótski apresenta a sua demissão, que foi recusada. Vátsetis foi preso e investigado.⁵⁶

Em Agosto de 1919, o exército branco de Dénikine ganha terreno perto do Rio Don, na Ucrânia e na Rússia do Sul, progredindo em direcção a Moscovo. De Outubro de 1919 a Março de 1920, Stáline dirige a Frente Sul e derrota Dénikine.⁵⁷

Em Maio de 1920, Stáline foi enviado para a frente do Sudoeste, onde os exércitos polacos ameaçavam a cidade de Lvov, na Ucrânia, e as tropas de Vránguel, a Crimeia. Os polacos tinham ocupado uma grande parte da Ucrânia, inclusive Kíev. Na Frente Ocidental, Tukhatchévski contra-ataca, repele as agressões e persegue o inimigo até perto de Varsóvia. Lénine esperava ganhar a guerra contra a Polónia reaccionária e chega a ser formado um governo provisório soviético polaco. Stáline manifesta-se contra esta operação:

«*Os conflitos de classe não têm ainda a força para quebrar o sentido da unidade nacional polaca.*»⁵⁸ Mal coordenadas, recebendo ordens contraditórias, as tropas de Tukhatchévski sofreram um contra-ataque polaco sobre o flanco não protegido e foram derrotadas.

Ao mesmo tempo, Stáline concentrava as suas forças contra Vránguel, que tinha ocupado os territórios ao Norte do Mar de Azov e ameaçava juntar-se com os anticomunistas do Don.⁵⁹ Os exércitos brancos de Vranguel foram liquidados antes do final de 1920.⁶⁰

Em Novembro de 1919, Stáline e Trótski foram condecorados pelos seus feitos militares com a Ordem da Bandeira Vermelha, uma distinção que tinha sido recentemente criada. Deste modo, Lénine e o Comité Central avaliaram os méritos de Stáline na direcção da luta armada nos lugares mais difíceis em pé de igualdade com os de Trótski, que tinha organizado o Exército Vermelho ao nível central. Mas para melhor destacar sua própria grandeza, Trótski escreveu: «*Durante toda a duração da Guerra Civil, Stáline permaneceu uma figura de terceira ordem*».⁶¹

Mc Neal, que é frequentemente parcial contra Stáline, escreveu a este respeito:

«*Stáline emergira como um chefe político e militar, cuja contribuição para a vitória vermelha apenas era superada pela de Trótski. Stáline desempenhou um papel menor que o seu rival na organização geral do Exército Vermelho, mas foi mais importante na direcção das frentes cruciais. Se a sua reputação como herói estava muito longe da de Trótski, não era tanto pelo mérito objectivo deste último, mas antes pela falta de sentido de autopublicidade de Stáline.*»⁶²

Em Dezembro de 1919, Trótski propôs a «militarização da vida económica», pretendendo aplicar à mobilização dos trabalhadores métodos que tinha utilizado para dirigir o exército. Nesta óptica, os ferroviários foram mobilizados sob disciplina militar. Uma vaga de protestos atravessou o movimento sindical. Lénine considerou que os erros cometidos por Trótski colocavam em perigo a ditadura do proletariado: com as suas embrulhadas burocráticas em relação aos sindicatos, ameaçava separar o Partido das massas operárias.⁶³

O individualismo excessivo de Trótski, o seu desprezo ostensivo para com todos os quadros bolcheviques, o seu estilo de direcção autoritário e o seu gosto pela disciplina militar assustavam muitos quadros do Partido. Viam que Trótski poderia desempenhar o papel de um Napoleão Bonaparte, realizar um golpe de Estado e instaurar um regime autoritário contra-revolucionário.

O «testamento» de Lénine

Mas se Trótski teve a sua breve hora de glória em 1919, no decurso da Guerra Civil, é incontestável que, em 1921-1923, Stáline era a segunda figura do Partido depois de Lénine.

Desde o VIII Congresso em 1919 que Stáline era membro do Bureau Político, ao lado de Lénine, Kámenev, Trótski e Krestínski.⁶⁴ Esta composição manteve-se até 1921.

Stáline foi igualmente membro do Bureau de Organização, composto também por cinco membros do Comité Central.⁶⁵

No XI Congresso, em 1922, quando Preobrajénski⁶⁶ criticou o facto de Stáline acumular o Comissariado das Nacionalidades com a Inspeção Operária e Camponesa (encarregada de controlar todo o aparelho do Estado), Lénine respondeu-lhe:

*«Precisamos de um homem com quem qualquer representante de nacionalidades se possa encontrar para lhe contar em detalhe o que se passa. Preobrajénski não poderia propor outra candidatura senão a de Stáline. E o mesmo se aplica à Inspeção Operária e Camponesa. É um trabalho gigantesco. É preciso ter à sua frente um homem que tem autoridade senão atolar-nos-emos».*⁶⁷

A 23 de Abril de 1922, por proposta de Lénine, Stáline foi também nomeado para liderar o Secretariado, como secretário-geral.⁶⁸

Stáline foi a única pessoa a fazer parte do Comité Central, do Bureau Político, do Bureau de Organização e do Secretariado do partido bolchevique.

Lénine sofreu o primeiro ataque de paralisia em Maio de 1922. A 16 de Dezembro, teve um novo ataque grave. Os médicos sabiam que não recuperaria.

A 24 de Dezembro, os médicos avisaram Stáline, Kámenev e Bukhárine, enquanto representantes do Bureau Político, de que qualquer controvérsia política poderia provocar um novo ataque, desta vez fatal. Decidiram então que Lénine *«tem o direito de ditar durante cinco a dez minutos por dia. Não pode receber visitantes políticos. Os seus amigos e aqueles que o rodeiam não podem informá-lo sobre assuntos políticos»*.⁶⁹

O Bureau Político encarregou Stáline das relações com Lénine e com os médicos. Era uma tarefa ingrata, uma vez que a frustração de Lénine não podia ser maior vendo-se paralisado e afastado dos assuntos políticos. A sua irritação iria necessariamente voltar-se contra o homem incumbido da sua ligação. Ian Grey escreveu:

*«O diário que as secretárias de Lénine mantiveram, de 21 de Novembro de 1922 a 6 de Março de 1923, continha, dia após dia, todos os pormenores do seu trabalho, das suas visitas, da sua saúde e, depois de 13 de Setembro, qualquer actividade por menor que fosse. Com a perna e o braço direitos paralisados, Lénine devia permanecer na cama, desligado dos assuntos governamentais e, de facto, do mundo exterior. Os médicos proibiram que o incomodassem. Incapaz de renunciar aos hábitos do poder, Lénine debatia-se para obter os dossiers que queria. Para tal apoiava-se na sua mulher, Krúpskaia, na sua irmã, Maria Ilínitchna, e em três ou quatro secretárias».*⁷⁰

Habitado a dirigir todos os aspectos essenciais da vida do Partido e do Estado, Lénine tentava desesperadamente participar nos debates apesar de a sua condição física não lhe permitir conhecer todos os elementos. Os médicos proibiram-lhe todo o trabalho político, o que o irritava fortemente. Sentindo o fim próximo, Lénine procurou resolver alguns assuntos que considerava essenciais, mas não dispunha de toda a informação. O Bureau Político proibia que acesse a questões que o pudessem agitar, mas a sua mulher esforçava-se para lhe fornecer os documentos que pedia. Qualquer médico que tenha conhecido tais situações confirmará que conflitos psicológicos e pessoais penosos eram inevitáveis.

No final de Dezembro de 1922, Krúpskaia escreveu uma carta ditada por Lénine. Stáline repreendeu-a por telefone. Mais tarde ela queixou-se a Lénine e a Kámenev.

*«Sei o que posso e não posso falar com Ilitch melhor do que qualquer médico, porque sei o que o pode preocupar, em todo o caso, melhor do que Stáline.»*⁷¹

A propósito deste período Trótski escreveu:

*«Em meados de Dezembro de 1922, a saúde de Lénine piorou de novo. Stáline trata imediatamente de tirar proveito da situação, ocultando a Lénine uma grande parte das informações centralizadas no Secretariado do Partido. Esforça-se por isolá-lo. Krúpskaia fazia tudo o que podia para defender o doente contra estas manobras hostis».*⁷²

São palavras inqualificáveis, dignas de um intrigante. Os médicos tinham proibido que Lénine recebesse relatórios e eis que Trótski acusa Stáline de proceder a «manobras hostis» contra Lénine e de lhe «ocultar informações»!

Foi nestas circunstâncias que, de 23 a 25 de Dezembro de 1922, foi ditado aquilo que os inimigos do comunismo chamam «o testamento de Lénine». Estas notas são seguidas de um anexo datado de 5 de Janeiro de 1923.

Os autores burgueses fazem grande alarido em torno deste pretensão «testamento» de Lénine, que teria tido como objectivo eliminar Stáline em favor de Trótski.

Henri Bernard, professor emérito da Escola Real Militar, escreveu: *«Trótski deveria normalmente suceder a Lénine. Lénine pensava nele como sucessor. Achava Stáline muito brutal».*⁷³

O trotskista americano Max Eastman publicou, em 1925, o «testamento» juntamente com comentários elogiosos a Trótski. Nessa altura, Trótski viu-se obrigado a publicar um desmentido na revista *Bolchevik*, onde dizia:

*«Eastman afirma que o Comité Central ocultou o pretensão “testamento” ao Partido; não se pode chamar isso de outro modo senão uma calúnia contra o Comité Central do nosso Partido (...) Vladímir Ilitch não deixou nenhum “testamento” e o próprio carácter das suas relações com o Partido, assim como o carácter do próprio Partido, exclui qualquer ideia de “testamento”. Geralmente sob este nome, a imprensa dos emigrados e a imprensa burguesa estrangeira e menchevique designam uma das cartas de Vladímir Ilitch, que contém conselhos de ordem organizacional, deformando-a ao ponto de a tornar irreconhecível. O XIII Congresso do Partido tratou-a com a maior atenção. Todos os boatos sobre um “testamento” ocultado ou violado são invenções malévolas».*⁷⁴

Alguns anos mais tarde este mesmo Trótski, na sua autobiografia, lançará gritos de indignação a propósito do «testamento de Lénine que se ocultou ao Partido».⁷⁵

Voltemos às famosas notas que Lénine ditou entre 23 de Dezembro de 1922 e 5 de Janeiro de 1923. Lénine propunha ampliar o Comité Central «para uma centena de membros».

Tal seria necessário *«tanto para elevar o prestígio do CC como para um trabalho sério para melhorar o nosso aparelho e para evitar que os conflitos de certas pequenas partes do CC possam adquirir uma importância excessiva para os destinos do Partido.*

«Parece-me que o nosso Partido está no direito de pedir à classe operária 50 a 100 membros para o Comité Central (...).»⁷⁶

Tratava-se igualmente de *«medidas para prevenir a cisão»:*

«Penso que o fundamental da questão da estabilidade, deste ponto de vista, são membros do CC tais como Stáline e Trótski. As relações entre eles, em minha opinião, constituem mais de metade do perigo dessa cisão (...).»⁷⁷

Este texto é de uma incoerência espantosa, manifestamente ditado por um homem doente e diminuído. De que forma 50 a 100 operários acrescentados ao Comité Central poderiam *«elevar a sua autoridade»* ou diminuir o perigo de cisão? Nada dizendo sobre as concepções políticas do Partido de Stáline e de Trótski, Lénine afirma que são as relações pessoais entre esses dois dirigentes que ameaçam a unidade.

Depois Lénine emite *«julgamentos»* sobre os cinco principais dirigentes do Partido. Citamo-los quase integralmente.

«O camarada Stáline, tendo-se tornado secretário-geral, concentrou nas suas mãos um poder imenso, e não estou certo de que saiba sempre utilizar este poder com suficiente prudência. Por outro lado, o camarada Trótski, como o demonstrou já a sua luta contra o CC, a propósito da questão do Comissariado do Povo das Vias de Comunicação, não se distingue apenas pela sua destacada capacidade. Pessoalmente é talvez o homem mais capaz do actual CC, mas peca por excessiva confiança em si próprio e deixa-se arrastar excessivamente pelos aspectos puramente administrativos das coisas.

«Estas duas qualidades de dois destacados chefes do Comité Central actual podem levar involuntariamente à cisão (...)

«(...) Recordarei apenas que o episódio de Zinóviev e Kámenev em Outubro não é, naturalmente, accidental, mas que se não pode culpá-los pessoalmente disso, como a Trótski do seu não bolchevismo.»

«(...) Bukhárine não é só um valiosíssimo e grande teórico do Partido, como, além disso, é legitimamente considerado o favorito de todo o Partido, mas as suas concepções teóricas só com grandes reservas se podem qualificar de inteiramente marxistas, pois há nele qualquer coisa de escolástico (nunca estudou e penso que nunca compreendeu inteiramente a dialéctica).»⁷⁸

Notamos, antes de mais, que o primeiro dirigente a ser nomeado por Lénine foi Stáline, *«esse empírico, destinado a desempenhar papéis de segunda e de terceira ordem»*, como afirmou Trótski.⁷⁹ Trótski dirá ainda:

«O sentido do Testamento é o da criação de condições que me teriam dado a possibilidade de me tornar substituto de Lénine, ser o seu sucessor»⁸⁰

Ora, não existe nada de semelhante nos rascunhos de Lénine. Grey observa justamente:

«Stáline emerge sob a melhor luz. Nada fez que pudesse comprometer o seu balanço político. O único ponto de interrogação é: poderá fazer prova de bom julgamento no exercício dos amplos poderes concentrados nas suas mãos?»⁸¹

No que respeita a Trótski, Lénine identifica quatro defeitos maiores: tem lados fortemente negativos, como o mostrou a sua luta contra o Comité Central a propósito da

«militarização dos sindicatos»; tem uma ideia exagerada de si próprio; aborda os problemas de forma burocrática e o seu não bolchevismo não é um acaso.

Sobre Zinóviev e Kámenev, a única coisa que Lénine retém é que a sua traição no momento da insurreição não foi acidental.

Bukhárine é um grande teórico... mas as suas ideias não são inteiramente marxistas, antes escolásticas e não dialécticas!

Lénine ditou estas notas com a intenção de evitar uma cisão na direcção. Mas as questões que levanta em relação aos cinco principais dirigentes parecem feitas para minar o seu prestígio e espalhar a cizânia entre eles.

Quando ditava estas linhas, «Lénine sentiu-se mal», escreveu Fotieva, sua secretária, e «os médicos opuseram-se às conversas de Lénine com a secretária e a estenógrafa».⁸²

Seguidamente, dez dias mais tarde, Lénine dita um «complemento» que aparentemente alude à reprimenda que Stáline tinha feito a Krúpskaia 12 dias antes.

*«Stáline é demasiado rude e este defeito, plenamente tolerável no nosso meio e nas relações entre nós, comunistas, torna-se intolerável no cargo de secretário-geral. Por isso proponho aos camaradas que pensem na forma de transferir Stáline deste lugar e de nomear para este lugar outro homem, que em todos os outros aspectos se diferencie do camarada Stáline apenas por uma vantagem a saber: que seja mais tolerante, mais leal, mais cortês e mais atento para com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer uma fútil ninharia. Mas penso que, do ponto de vista de prevenir a cisão e do ponto de vista do que escrevi mais acima acerca das relações entre Stáline e Trótski, isto não é uma ninharia, ou é uma ninharia que pode adquirir importância decisiva.»*⁸³

Gravemente enfermo, com parte do corpo paralisada, Lénine torna-se cada vez mais dependente da sua mulher. Algumas palavras demasiado rudes de Stáline a Krúpskaia levaram-no a pedir a demissão do secretário-geral. Para o substituir por quem? Por um homem que tivesse todas as qualidades de Stáline e «uma vantagem» sobre ele: ser tolerante, mais cortês e mais atento! Resulta claramente do texto que Lénine não estaria a pensar de forma alguma em Trótski. Em quem então? Em ninguém.

A «rudeza» de Stáline é «plenamente tolerável entre comunistas», mas não o é «no cargo de secretário-geral». No entanto, nessa altura, o secretário-geral ocupava-se essencialmente das questões de organização interna do Partido!

Em Fevereiro de 1923, «o estado de Lénine tinha piorado, sofria violentas dores de cabeça. O médico interditará categoricamente a leitura de jornais, as visitas e as informações políticas. Vladímir Ilitch havia pedido o relatório do X Congresso dos Sovietes. Não lhe é dado e isso desgosta-o muito».⁸⁴ Aparentemente Krúpskaia tentou fornecer-lhe os documentos que Lénine pedia. Dimitriévski relata o novo incidente entre ela e Stáline:

*«Como Krúpskaia lhe telefonou mais uma vez para obter alguma informação, Stáline respondeu-lhe numa linguagem ultrajante. Krúpskaia, toda em lágrimas, vai imediatamente queixar-se a Lénine. Este, de nervos tensos ao mais alto ponto, não se conteve por mais tempo.»*⁸⁵

A 5 de Março Lénine ditaria nova nota:

«Respeitado camarada Stáline,

Você cometeu a grosseria de telefonar à minha mulher e insultá-la. Apesar de ela lhe ter manifestado concordância em esquecer o que foi dito, entretanto, por seu intermédio, este facto tornou-se conhecido de Zinóviev e de Kámenev. Eu não tenciono

esquecer tão facilmente o que foi feito contra mim, e é inútil sublinhar que considero o que foi feito contra a minha mulher, como também feito contra mim. Por isso peço-lhe que pondere se aceita retirar as suas palavras e pedir desculpas ou se prefere romper as nossas relações.

Respeitosamente: Lénine.»⁸⁶

É bastante doloroso ler esta carta privada de um homem que está fisicamente no fim. A própria Krúpskaia pediu à secretária para não a entregar a Stáline.⁸⁷ Estas foram as últimas linhas que Lénine pôde ditar: no dia seguinte teve uma grave recaída que o incapacitou de qualquer trabalho para o resto dos seus dias.⁸⁸

O facto de Trótski ter tentado explorar as palavras de um enfermo à beira da paralisia total mostra bem a sua fisionomia moral. Com efeito, como um autêntico falsificador, apresentou este texto como a prova definitiva de que Lénine o tinha de facto escolhido como sucessor! Trótski escreveu: *«Esta nota, o último texto de Lénine, é ao mesmo tempo o corte definitivo das suas relações com Stáline».*⁸⁹

Anos mais tarde, em 1927, a oposição unificada de Trótski, Zinóviev e Kámenev tenta outra vez utilizar o «testamento» contra a direcção do Partido. Numa declaração pública nessa altura, Stáline afirmou:

«Os opositores clamaram aqui – vocês ouviram – que o Comité Central “ocultou” o “testamento” de Lénine. Esta questão já foi discutida por nós várias vezes no plenário do CC e da CCC [Comissão Central de Controlo]. (Uma voz: “dezenas de vezes”). Foi demonstrado e mais que demonstrado que ninguém escondeu nada, este “testamento” de Lénine foi endereçado ao XIII Congresso, e este “testamento” foi lido no Congresso (Uma voz: «É verdade!») e que o Partido decidiu por unanimidade não o publicar, aliás, porque o próprio Lénine não o queria nem o exigiu (...).»⁹⁰

«Dizem que nesse “testamento”, devido à “rudeza” de Stáline, o camarada Lénine propôs ao Congresso pensar na questão da substituição de Stáline no posto de secretário-geral por outro camarada. Isto é totalmente exacto. Sim, camaradas, sou rude com aqueles que grosseira e traiçoeiramente destroem e cindem o Partido. Nunca o escondi nem escondo. É possível que aqui se exija alguma brandura em relação aos divisionistas. Mas não sou capaz disso. Logo na primeira reunião do plenário do CC depois do XIII Congresso pedi que o plenário do CC me libertasse das obrigações de secretário-geral. O próprio Congresso discutiu esta questão. Cada delegação discutiu esta questão, e todas, unanimemente, incluindo Trótski, Kámenev, Zinóviev, obrigaram Stáline a permanecer no seu posto.»⁹¹

Como se todas estas intrigas em torno do «testamento» não bastassem, Trótski não hesitou, no final da sua vida, em acusar Stáline de ter matado Lénine! Para fundamentar essa inqualificável revelação, apresenta como único argumento a «sua firme convicção»!

No seu livro *Stáline*, Trótski escreveu: *«Qual foi o papel real de Stáline durante a enfermidade de Lénine? O “discípulo” não fez nada para apressar a morte do seu “mestre”? (...) Só a morte de Lénine poderia deixar o caminho livre a Stáline (...) Estou firmemente convencido de que Stáline não teria podido esperar passivamente, uma vez que o seu destino estava em jogo».*⁹²

É claro que Trótski não nos fornece nenhuma prova que sustente esta acusação, todavia revela-nos como tal ideia lhe veio:

«Em finais de Fevereiro de 1923, numa reunião do Bureau Político, Stáline informou-nos que Lénine o tinha mandado chamar subitamente e que lhe pedira veneno. Considerava o seu estado desesperado, previa um novo ataque e não tinha confiança nos médicos. O seu sofrimento era intolerável.»

Nesse momento, escutando esta comunicação de Stáline, Trótski esteve próximo de desmascarar o futuro assassino de Lénine: «*A expressão da face de Stáline pareceu-me extremamente enigmática. Um sorriso doentio vagueava sobre sua face como sobre uma máscara*», escreveu ele.

Sigamos, então, o inspector Clouseau-Trótski na sua investigação. Ficaremos a saber o seguinte:

«*Por que razão Lénine, que nesse momento desconfiava extremamente de Stáline, lhe fez tal pedido? Lénine sabia que Stáline era o único homem que podia trazer-lhe o veneno porque tinha um interesse directo em fazê-lo. Ele conhecia os verdadeiros sentimentos de Stáline a esse respeito.*»⁹³

Tentem escrever um livro acusando o príncipe Alberto de ter envenenado o Rei Balduíno com este tipo de argumentos: «*Ele tinha um interesse directo em fazê-lo*». Serão condenados à prisão. Porém, Trótski pôde permitir-se a baixezas inqualificáveis para caluniar o principal líder comunista, e toda a burguesia o felicita pela «sua luta implacável contra Stáline!».⁹⁴

Eis que chegamos agora ao culminar da investigação criminal do astuto esbirro, detective Trótski:

«*Imagino que as coisas se tenham passado mais ou menos da seguinte forma: Lénine pede o veneno no final de Fevereiro de 1923. No Inverno, o estado de Lénine começara a melhorar lentamente. Recuperara a faculdade da fala. Stáline queria o poder. O objectivo estava próximo, mas o perigo emanado de Lénine era ainda mais próximo. Stáline teve de tomar a decisão que se impunha e agir sem demoras. Se Stáline fez chegar o veneno a Lénine depois de os médicos lhe terem dado a entender por meias palavras que não havia mais esperanças ou se recorreu a outros meios mais directos, ignoro-o*».⁹⁵

Até as mentiras de Trótski são mal concebidas: se já não havia esperanças, por que razão Stáline precisaria de «assassinar» Lénine? De 6 de Março de 1923 até à sua morte, Lénine esteve quase ininterruptamente paralisado e sem fala. A sua mulher, irmã e secretárias estavam à sua cabeceira. Lénine não teria podido tomar veneno sem que elas o soubessem. Os boletins médicos deste período explicam perfeitamente que a morte de Lénine era inevitável.

A forma como Trótski fabricou as suas acusações contra «Stáline, o assassino», assim como a maneira fraudulenta como utilizou o pretenso «testamento» desacreditam completamente toda a sua agitação contra Stáline.

Notas

¹Sidney and Beatrice Webb, *Soviete Communism: a New Civilization?* Longmans, Greer and Co., edição *National Union of General and Municipal Workers*, 1935, p. 236.

²Ibidem, p. 531.

³Aleksandr Fiódorovitch Kérenski (1881-1970), de origem nobre, foi ministro e ministro-presidente do governo provisório constituído após a revolução de Fevereiro de 1917. Um dos líderes da maçonaria russa, emigrou em 1918 para França e instalou-se nos EUA em 1940, desenvolvendo uma intensa actividade anti-soviética. Faleceu em Nova Iorque (NT).

⁴Alexandre Kerensky, *La Russie au tournant de l'histoire*, Ed. Pion, 1967, p. 296.

⁵Ibidem, p. 330.

⁶Ibidem, p. 366.

⁷Ian Grey, *Stalin, Man of History*, Abacus, Sphere Books Ltd., 1982, Grã-Bretanha.

⁸Ibidem, pp. 14-18. [Ládo Ketskhovéli (verdadeiro nome Vladímir Zakháievitch), (1876-1903), revolucionário social-democrata, foi assassinado na prisão (NT).]

⁹Ibidem, pp. 20-21 e McNeal, *Stalin*, Macmillan Publishers, Londres, 1988, p. 9.

¹⁰Grey, op. cit., pp. 22-24.

¹¹ Lev Davidovitch Trótski, verdadeiro apelido Bronstein (1879-1940), aproxima-se do movimento revolucionário em 1896, ano em que adere à União Operária do Sul da Rússia, uma das primeiras organizações sociais-democratas russas. Em 1902 foge para o estrangeiro, conhece Lênine em Londres e integra a redacção do jornal *Iskra*, mas logo em 1903 torna-se menchevique, opondo-se à criação do Partido de novo tipo. Na revolução de 1905-07 preside ao Soviete de Petersburgo, cargo que ocupa de novo em 1917, mas só em Agosto desse ano adere ao partido bolchevique com o grupo dos «inter-regionais». Membro do CC (1917-27), do *Politburo* (1919-1926), integrou o primeiro Commissariado do Povo da Rússia em 1917 e foi presidente do Conselho Revolucionário Militar (1918-25). É expulso do Partido em 1927 e da URSS em 1929 por actividades anti-soviéticas que prossegue nos vários países onde vive (NT).

¹²Trotsky, *Ma Vie*, Gallimard, *Livre de Poche*, 1966, p. 583.

¹³Grey, op. cit., pp. 29-31.

¹⁴Leonid Borísovitch Krássine (1870-1926), membro do Partido desde 1890, do CC de 1903 a 1907 (candidato 1907-12) e a partir de 1924. Afastando-se do movimento revolucionário em 1912, trabalha como engenheiro na firma alemã *Siemens-Schuckert*, em Berlim, sendo transferido em 1913 para dirigir a filial russa em São Petersburgo. Após a revolução é convidado por Lênine a integrar a delegação soviética nas conversações de Brest-Litovsk. É nomeado comissário do Comércio e Indústria da Rússia (1918), das Vias de Comunicação da Rússia (1919-20) e do Comércio Externo (1920-23), tornando-se no primeiro comissário do Comércio Externo da URSS (1923-25). Enviado em 1926 para Inglaterra como representante plenipotenciário, vem a falecer nesse ano de paragem cardíaca (NT).

¹⁵Grey, op. cit., pp. 32.

¹⁶Ibidem, pp. 34-35.

¹⁷Ibidem, p. 38.

¹⁸Ibidem, p. 45.

¹⁹Ibidem, p. 51.

²⁰Ibidem, p. 53.

²¹Grigóri Konstantínovitch Ordjonikídze (Sergó) (1886-1937), georgiano, membro do Partido desde 1903, do CC (1912-17, 1921-27 e a partir de 1930), do *Politburo* desde 1930 (candidato desde 1926). Participante nas revoluções de 1905-1907 e de 1917, ocupou vários cargos no governo e no Partido, nomeadamente como presidente do Conselho Superior da Economia Nacional e como comissário da Indústria Pesada. Suicidou-se em 1937 (NT).

²²Kliment Efrémovitch Vorochílov (1881-1969), membro do Partido desde 1908, do CC (1921-61 e a partir de 1966), do *Politburo* (1926-60), foi um dos organizadores do Exército Vermelho. Herói da Guerra Civil, torna-se comissário para os Assuntos Militares e Marítimos (1925) e Comissário da Defesa (1934). Marechal da União Soviética (1935), é nomeado vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946), e presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1953-60) (NT).

²³Grey, op. cit., pp. 59-64.

²⁴Ibidem, pp. 65-69.

²⁵Ibidem, p. 70.

²⁶Viatcheslav Mikhaílovitch Mólotov (1890-1986), membro do Partido desde 1906, do CC (1921-57) e do *Politburo* (1926-57). Membro do Conselho Revolucionário de Petrogrado (1917), secretário do Comité Central do PC da Ucrânia (1920), presidente do Conselho de Comissários do Povo (1930-41) e comissário/ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS (1939-1949 e 1953-

1956). Em 1957 é acusado de pertencer ao grupo antipartido, com Káganovitch e Malenkov, e é enviado como embaixador para a República Popular da Mongólia. Expulso do Partido em 1961 foi reintegrado em 1984 (NT).

²⁷Grey, op. cit., pp. 71-73.

²⁸Ibidem, pp. 75-79.

²⁹Citação traduzida do original russo «Intervenção no VI Congresso do Partido Social-Democrata Operário Russo, 27 de Julho a 3 de Agosto de 1917», in *I.V. Stáline, Obras, Gossudarstvenoe Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1946, tomo 3, págs. 186-187 (NT).

³⁰Lév Boríssovitch Kámeney, verdadeiro apelido Rósenfeld, (1883-1936), membro do Partido em 1901-27, 1928-32 e 1933-34, do CC em 1917-18 e 1919-27, do *Politburo* em 1917 e de 1919-25 (candidato 1926). Tal como Zinóviev opôs-se à insurreição armada de 25 de Outubro (7 Novembro) de 1917. Apesar disso, logo após a revolução ocupa por um breve período o posto de Chefe de Estado, como presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia, entre 27 Outubro (9 Novembro) de 1917 e 8 (21) de Novembro do mesmo ano. Torna-se um dos líderes da oposição entre 1925-27. Em 1927 é expulso do Partido. Reintegrado no ano seguinte volta a ser expulso em 1932, ano em que é exilado. Em 1933 é de novo admitido no Partido, mas em Dezembro de 1934 é preso e julgado. Depois de vários processos, é condenado e executado em 1936, no âmbito do processo do «Centro Trotskista-Zinovievista» (NT).

³¹Grigóri Evséievitch Zinóviev, verdadeiro nome Evsei-Guerch Arónovitch Radomílski, (1883-1936), membro do Partido em 1901-27, 1928-32 e 1933-34, do CC em 1912-1927 (candidato desde 1907), do *Politburo* em 1917 e 1921-26 (candidato desde 1919). Apesar de se ter oposto à revolta armada, ocupa o cargo de presidente do Soviete de Petrogrado em Dezembro de 1917 e volta a ser eleito para o CC em 1918. Preside o Comité Executivo do *Komintern* entre 1919 e 1926. Em 1927 é expulso do Partido e exilado. Reintegrado em 1928, volta a ser expulso em 1932, preso e condenado a quatro anos de exílio. Expressando o seu arrependimento regressa ao Partido no ano seguinte, mas em Dezembro de 1934 é novamente preso, julgado e condenado. Por fim, é sentenciado à morte em 1936, confessando-se culpado das actividades contra-revolucionárias de que foi acusado (NT).

³²Aleksei Ivánovitch Ríkov (1881-1938), membro do Partido desde 1899, do CC (1905-07, 1917-18, 1920-34 e candidato 1907-12 e 1934-37), do *Politburo* (1922-30). Foi presidente do Commissariado do Povo da URSS (1924-1930). Expulso do Partido e preso em 1937, é julgado no processo do «Bloco Trotskista de Direita Anti-Soviético» e condenado a fuzilamento em 13 de Março de 1938 (NT).

³³Víktor Pávlovitch Noguíne (1878-1924), membro do Partido desde 1898, eleito para o CC em Julho de 1917, dirigiu a Revolução de Outubro em Moscovo, tornando-se presidente do Comité Executivo do Soviete de Moscovo. Foi comissário do Comércio e Indústria no primeiro Commissariado do Povo da Rússia Soviética. No plenário do CC de Novembro, defende um governo de coligação com os socialistas revolucionários e os mencheviques. Em conflito com a direcção demite-se do CC, vindo a reconhecer três semanas mais tarde que estava errado. É então designado comissário do Trabalho da região de Moscovo e, em Abril de 1918, vice-comissário do Trabalho da Rússia Soviética, desempenhando igualmente funções de responsabilidade na recuperação da indústria (NT).

³⁴Anatóli Vassílievitch Lunatchárski (1875-1933), membro do Partido em 1895-1907 e a partir de 1917. Juntou-se aos bolcheviques em 1903 mas afastou-se em 1907, vindo a ser readmitido no Partido em 1917 juntamente com o grupo dos «inter-regionais». Membro do conselho de redacção do *Pravda* desde 1913, participou nas revoluções de 1905 e 1917. Escritor com uma vasta obra publicada, foi ministro da Educação entre 1917 e 1929, destacando-se como um dos organizadores e teóricos do sistema soviético de ensino superior e técnico-profissional. Atraído pela actividade diplomática, foi designado em 1933 representante plenipotenciário da URSS em Espanha. Durante a viagem adoece, falecendo pouco depois (NT).

³⁵Nikolai Aleksándrovitch Miliútine (1889-1942), membro do Partido desde 1908, participante na Revolução de Outubro. Entre vários outros cargos de Estado, foi comissário das Finanças da RSFSR entre 1924-1929 (NT).

³⁶Grey, op. cit., pp. 97-98.

³⁷Ibidem, p. 104.

³⁸Trotsky, op. cit., p. 590.

³⁹Iákov Mikháilovitch Sverdlov (1885-1919), membro do Partido desde 1901, do CC desde 1912, dirigiu o secretariado do CC desde 1917, ano em que, por proposta de Lénine, ocupa o posto de Chefe de Estado da Rússia Soviética, enquanto presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia (*VTsIK*) (NT).

⁴⁰Trotsky, op. cit., p. 549.

⁴¹Kerenski, op. cit., p. 591.

⁴²Gueórgui Valentínovitch Plekhánov (1856-1918), teórico e propagandista do marxismo, filósofo e destacado dirigente do movimento revolucionário russo. Foi um dos fundadores do Partido Operário Social-Democrata Russo e do jornal *Iskra*. Mais tarde junta-se aos mencheviques, adoptando uma posição social-chauvinista na I Guerra. Após a Revolução de Fevereiro de 1917, combate os bolcheviques e opõe-se à revolução socialista (NT).

⁴³Membros do Partido Constitucional Democrático (NT).

⁴⁴Kerenski, op. cit., p. 629.

⁴⁵Ibidem, pp. 642, 630 e 653.

⁴⁶Webb, op. cit., p. 536.

⁴⁷Jane Burbank, *Intelligentsia and Revolution 1917-1922*, Oxford University Press, 1986, pp.13, 36, 42, 44.

⁴⁸Grey, op. Cit., p. 105.

⁴⁹Ibidem, pp. 106-109.

⁵⁰Ibidem, pp. 115-117.

⁵¹Ibidem, pp. 121-127.

⁵²McNeal, op. cit., p. 57.

⁵³Pável Petróvitch Skoropádski (1873-1945), major-general na I Guerra Mundial, dirige o golpe de Estado que derruba a República Popular da Ucrânia, em 29 de Abril de 1918, com o apoio do exército alemão. O seu regime é derrotado em Novembro desse ano, momento em que é obrigado a fugir para a Alemanha (NT).

⁵⁴Grey, op. cit., p. 128.

⁵⁵Ibidem, pp. 129-130.

⁵⁶Ibidem, p. 131.

⁵⁷Ibidem, pp. 132-133.

⁵⁸Ibidem, pp. 135-136.

⁵⁹McNeal, op.cit., p. 62.

⁶⁰Grey, op. cit., p. 13.

⁶¹Trotsky, *Stalin, Tome II, Union Générale d'Édition*, coll. 10-18, Paris, 1979, p. 224.

⁶²McNeal, op. cit., p. 63.

⁶³Lenine, *Oeuvres*, tomo 33, Moscovo, 1962, pp. 15 e 35

⁶⁴Nikolai Nikoláievitch Krestínski (1883-1938), membro do Partido desde 1903, do CC desde 1917 e do *Polítburo* desde 1919. Ministro das Finanças da Rússia Soviética entre 1918 e 1920, foi um dos líderes dos «Comunistas de Esquerda». Em 1927 afasta-se de Trótski, mas apoia a «Nova Oposição». Entre 1930 e 1937 foi vice-ministro dos Negócios Estrangeiros. Preso em 1937, é o único dos 19 arguidos no processo do «Bloco Trotskista de Direita Anti-Soviético» que não se reconhece culpado. É executado em Março de 1938 (NT).

⁶⁵Grey, op. cit., p. 151.

⁶⁶Evguéni Alekséievitch Preobrajénski (1886-1937), membro do Partido desde 1903, do CC em 1920-21, candidato (1917-18). Economista, um dos líderes da «Oposição de Esquerda», defendeu Trótski na discussão sobre os sindicatos (1920-21), tornando-se membro activo da oposição trotskista a partir de 1923. É expulso do Partido em 1927 pela organização de uma tipografia clandestina antipartido. Após a sua ruptura pública com Trótski, é readmitido em 1930. Em Janeiro de 1933 é de novo expulso, preso e condenado a três anos de exílio, no processo do «grupo contra-revolucionário trotskista de Smírnov». Todavia, após manifestar por escrito o seu arrependimento, em Dezembro do mesmo ano volta a ser reintegrado nas fileiras do Partido. A reincidência em actividades contra-revolucionárias motiva a sua expulsão definitiva em 1936. Confessando a sua participação na organização clandestina, é condenado e executado no ano seguinte (NT).

⁶⁷Lenine, *Oeuvres*, tomo 33, Moscovo, 1963, pp. 320-321.

⁶⁸Grey, op. cit., p. 159.

⁶⁹Ibidem, p. 171.

⁷⁰Ibidem, p. 172.

⁷¹Ibidem, p. 173.

⁷²Trotsky, *Ma Vie*, op. cit., p. 260.

⁷³Henri Bernard, *Le communisme et l'aveuglement occidental*, Ed. Grisard, Soumagne, Bélgica, 1982, p. 260.

⁷⁴Stalin, *Werke 10, Rede 23 Oktober 1927*, Dietz-Verlag, 1950, p. 152. Ver também: Gérard Walter, *Lenine*, ed. Albin Michel, 1971, p. 472.

⁷⁵Trotsky, *Ma Vie*, op. cit., p. 54.

⁷⁶Citação conforme *V.I. Lénine, Obras Escolhidas em Três Tomos*, tomo III, *Edições Avante!*, Lisboa, 1977, pág. 639 (NT).

⁷⁷Idem, ibidem, pág. 640 (NT).

⁷⁸Idem, ibidem, págs. 640-41 (NT).

⁷⁹Trotsky, *Ma Vie*, op. cit., p. 583.

⁸⁰Ibidem, p. 552.

⁸¹Grey, op. cit., p. 176.

⁸²Fotieva, *Souvenirs sur Lenine*, Ed. Moscovo, pp. 152-153.

⁸³Citação conforme *V.I. Lénine, Obras Escolhidas em Três Tomos*, tomo III, *Edições Avante!*, Lisboa, 1979, pág. 641 (NT).

⁸⁴Fotieva, *Souvenirs sur Lenine*, Ed. Moscovo, pp. 173-174.

⁸⁵Trotsky, *Staline*, op. cit., p. 261.

⁸⁶Citação traduzida do original russo incluído no «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. 132 (NT).

⁸⁷Grey, op. cit., p. 179.

⁸⁸Fotieva, op. cit., p. 175.

⁸⁹Trotsky, *Staline*, op. cit., II. P. 262.

⁹⁰Citação traduzida do original russo, «A oposição trotskista antes e agora», discurso no plenário conjunto do CC e da CCC do PCU(b), de 23 Outubro de 1927, in *I.V. Stáline, Obras*, tomo 10, *Gossudártsvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, 1949, pág. 173 (NT).

⁹¹Idem, Ibidem, págs. 175-176 (NT).

⁹²Trotsky, *Staline*, II, pp. 258, 264, 273

⁹³Ibidem, p. 266

⁹⁴Bernard, op. cit., p. 53

⁹⁵Trotsky, *Staline*, 11, p. 273

Capítulo II

A construção do socialismo num só país

No período de passagem entre Lénine e Stáline situa-se o grande debate sobre a construção do socialismo na URSS.

Após a derrota dos intervencionistas estrangeiros e dos exércitos reaccionários, o poder da classe operária, apoiando-se no campesinato pobre e médio, estabeleceu-se firmemente. A ditadura do proletariado vencera política e militarmente os seus adversários. Mas seria capaz de construir o socialismo? O país estava «maduro» para o socialismo? É possível o socialismo num país atrasado e arruinado?

A resposta de Lénine a esta questão está condensada na célebre fórmula: «*O comunismo é o Poder Soviético mais a electrificação de todo o país*».¹

Os sovietes eram a forma do poder da classe operária aliada às massas fundamentais do campesinato. A electrificação significava essencialmente a criação de meios de produção modernos. Com estes dois elementos podia-se construir o socialismo.

Lénine exprimiu assim a sua confiança na construção do socialismo na União Soviética e a sua determinação em realizá-la: «*Sem electrificação, é impossível reerguer a indústria. Tarefa de grande fôlego que exigirá pelo menos dez anos (...). O sucesso económico não pode ser garantido senão no dia em que o Estado proletário tiver efectivamente concentrado nas suas mãos todas as alavancas de uma grande máquina industrial construída na base da técnica moderna (...) Tarefa enorme, cujo cumprimento exigirá um tempo muito mais longo que aquele que dedicámos a defender a nossa existência contra o invasor. Mas isso não nos atemoriza.*»²

Segundo Lénine, os camponeses trabalhariam numa primeira fase como produtores individuais; mas o Estado ajudá-los-ia a enveredar pela via da cooperativa. Reagrupando os camponeses, seria possível integrá-los na economia socialista.

Lénine rejeitou o argumento avançado pelos mencheviques segundo o qual a população camponesa era demasiado bárbara e culturalmente muito atrasada para compreender o socialismo. Agora, dizia Lénine, que temos o poder do proletariado, «*o que nos pode impedir de realizar com este povo “bárbaro” uma verdadeira revolução cultural?*».³

Lénine formulou assim as tarefas para edificar a sociedade socialista: organizar cooperativas camponesas e lançar uma revolução cultural, alfabetizar as massas camponesas, elevar o nível técnico e científico da população.

Num dos seus últimos textos, «Sobre a cooperação», Lénine ainda precisou o seu pensamento:

«*O poder do Estado sobre todos os grandes meios de produção, o poder do Estado nas mãos do proletariado, a aliança deste proletariado com muitos milhões de pequenos e muito pequenos camponeses, a garantia da direcção do campesinato pelo proletariado, etc., não é isto tudo o que é necessário para edificar a sociedade socialista integral a partir da cooperação (...)?*»⁴

Graças a essa perspectiva, Lénine e o partido bolchevique conseguiram suscitar um entusiasmo transbordante nas massas, sobretudo nas massas operárias. Nos trabalhadores inculcaram um espírito de sacrifício no trabalho e transmitiram-lhes confiança no futuro do socialismo. A NEP [Nova Política Económica] constituía, no

entender de Lénine, um passo atrás que permitiria, amanhã, dar três passos em frente. Fazendo concessões à pequena burguesia, Lénine nunca perdeu de vista a perspectiva do socialismo. Em Novembro de 1922, pronunciou um discurso perante os soviets de Moscovo consagrado à NEP.

«Nova Política Económica!» Estranha designação. Esta política foi chamada nova porque volta atrás. Agora recuamos, parece que recuamos, mas fazêmo-lo para, primeiro recuar, mas depois tomar impulso e saltar em frente com mais forças.»⁵ Encerrará este discurso com as seguintes palavras: «Juntos realizaremos esta tarefa (...) de modo que a Rússia da NEP se torne a Rússia socialista.»⁶

Não obstante, a partir de 1922, a questão da possibilidade de construir o socialismo na União Soviética provocou um grande debate ideológico e político que se prolongou até 1926-1927. Trótski colocou-se na primeira linha de combate às ideias de Lénine.

Em 1919, Trótski tinha julgado oportuno reeditar *Balanço e Perspectivas*, um dos seus textos capitais, publicado em 1906. No prefácio de 1919, assinalava: *«O desenvolvimento das ideias que aqui encontramos aproxima-se bastante, nas suas principais ramificações, das condições da nossa época.»⁷*

Ora, quais são as brilhantes ideias contidas na sua obra de 1906, que Trótski quer ver triunfar no seio do partido bolchevique?

Trótski afirma que o campesinato é caracterizado pela *«barbárie política, falta de maturidade social e de carácter, e atraso mental. Não tem nada que seja susceptível de fornecer uma base, na qual se possa confiar, para uma política proletária coerente e activa»*. Após a tomada do poder *«o proletariado será obrigado a levar a luta de classes ao campo (...). Mas o insuficiente grau de diferenciação de classe do campesinato criará obstáculos à introdução no seu seio de uma luta de classes desenvolvida, na qual o proletariado urbano possa apoiar-se. A frieza do campesinato, a sua passividade política e, mais ainda, a oposição activa das suas camadas superiores não poderão deixar de influenciar uma parte dos intelectuais e da pequena burguesia das cidades. Assim, quanto mais clara e resoluta for a política do proletariado, mais o terreno se estreitará e se tornará perigoso sob os seus pés»*.⁸

As dificuldades da construção socialista referidas por Trótski são reais e explicam a dureza da luta de classes no campo depois de 1929, quando o Partido enveredou pela via da colectivização. Para atravessar esta terrível prova, o regime socialista precisará da determinação inquebrantável de Stáline e das suas capacidades de organizador. Em Trótski, as dificuldades constituem o ponto de partida de uma política de capitulação e de derrotismo, temperada com apelos «super-revolucionários» a fugas em frente.

Retornemos à estratégia política desenvolvida por Trótski em 1906 e confirmada em 1919.

«Até que ponto a política socialista da classe operária pode ser aplicada nas condições económicas da Rússia? Há uma coisa que se pode dizer com certeza: chocará com obstáculos políticos bem antes de tropeçar no atraso técnico do país. Sem o apoio directo do proletariado europeu, a classe operária russa não poderá manter-se no poder e transformar o seu domínio temporário em ditadura socialista durável. Sobre isto não podemos ter nenhuma dúvida.»⁹

«Abandonada aos seus próprios recursos, a classe operária russa será inevitavelmente esmagada pela contra-revolução logo que o campesinato se afastar dela. Não terá outra alternativa senão a de ligar o destino do seu poder político e, conseqüentemente, o destino de toda a revolução russa ao da revolução socialista na Europa. Lançará na balança da luta de classes de todo o mundo capitalista o enorme

peso político e estatal que lhe será dado por um concurso momentâneo de circunstâncias na revolução burguesa russa.»¹⁰

Repetir tais palavras em 1919 era já orientar-se para o derrotismo: não há «nenhuma dúvida» de que a classe operária «não poderá manter-se no poder», é certo que «será inevitavelmente esmagada» se a revolução socialista não triunfar na Europa. Esta tese capitulacionista é acompanhada de um apelo aventureiro à «exportação da revolução».

«O proletariado russo, por sua própria iniciativa, deve levar a revolução até ao território europeu».

(...) «A revolução russa lançar-se-á ao assalto da velha Europa capitalista.»¹¹

Mostrando até que ponto permanece fiel às suas antigas concepções antileninistas, Trótski publica em 1922 uma nova edição de seu livro de 1906, enriquecido de um prefácio onde reafirma a justeza das suas perspectivas políticas. Após cinco anos de poder socialista declarou o seguinte:

«Foi precisamente no intervalo entre 9 de Janeiro até à greve de Outubro de 1905 que se formaram no autor as concepções sobre o carácter do desenvolvimento revolucionário da Rússia, que foram designadas sob o nome de teoria da “revolução permanente” (...) Para assegurar sua vitória, a vanguarda proletária deveria, desde os primeiros dias da sua dominação, realizar as mais profundas incursões possíveis não só na propriedade feudal, mas também da burguesia. Ao fazê-lo, entraria em colisões hostis, não apenas com todos os agrupamentos da burguesia que a tinham apoiado no início da sua luta revolucionária, mas também com as grandes massas do campesinato cujo apoio a teria levado ao poder. As contradições na situação do governo operário de um país atrasado, onde a maioria esmagadora da população é composta por camponeses, poderão encontrar a sua solução unicamente no plano internacional, na arena da revolução mundial do proletariado».¹²

Àqueles que perguntavam se tudo isto não estava em contradição com o facto de a ditadura do proletariado se manter há cinco anos, Trótski respondeu num prefácio, de 1922, ao seu texto *O Programa de Paz*:

«O facto de o Estado operário num só país, país atrasado em excesso, se manter contra o mundo inteiro testemunha o poder colossal do proletariado, um poder que, nos outros países mais avançados, mais civilizados, será realmente capaz de realizar prodígios. Mas nós, mantendo-nos política e militarmente enquanto Estado, não conseguimos chegar à criação de uma sociedade socialista, não nos aproximámos sequer disso (...) As negociações comerciais com os Estados burgueses, as concessões, a Conferência de Genebra, etc., são provas muito claras da impossibilidade de uma construção do socialismo isolada, no quadro de um Estado nacional (...) Um verdadeiro impulso da economia socialista na Rússia só será possível após a vitória do proletariado nos principais países da Europa.»¹³

Isso significava claramente que os operários soviéticos não eram capazes de realizar milagres na edificação socialista; mas no dia em que os belgas, os holandeses, os luxemburgueses e outros alemães se levantassem, então o mundo conheceria verdadeiros prodígios. Trótski deposita todas as suas esperanças no proletariado dos países «mais avançados e mais civilizados». Mas não atribui nenhuma importância ao facto de, em 1922, só o proletariado russo ter provado ser realmente revolucionário até ao fim, enquanto a vaga revolucionária que rebentara na Europa Ocidental em 1918 pertencia já, no essencial, ao passado...

Desde 1902, de forma constante, Trótski combateu as perspectivas traçadas por Lênine para a revolução democrática e a revolução socialista na Rússia. Ao reafirmar,

pouco antes da morte de Lénine, que a ditadura do proletariado entraria em colisão violenta com a massa do campesinato e que, em consequência, não haveria salvação para o socialismo soviético à margem de uma revolução vitoriosa nos países «mais civilizados», Trótski tenta substituir o programa de Lénine pelo seu próprio.

Por trás do palavreado esquerdista sobre a «revolução mundial», Trótski retomou a ideia fundamental dos mencheviques de que era impossível construir o socialismo na União Soviética. Os mencheviques diziam abertamente que nem as massas nem as condições objectivas estavam amadurecidas para o socialismo. Trótski, por seu lado, afirma que o proletariado, enquanto classe distinta, e a massa dos camponeses individualistas devem inevitavelmente entrar em colisão. Sem o apoio exterior de uma revolução europeia vitoriosa, a classe operária soviética seria incapaz de edificar o socialismo.

Com base nesta conclusão, Trótski voltava a unir-se aos seus amigos de juventude, os mencheviques. Em 1923, na luta pela tomada do poder no seio do partido bolchevique, Trótski lança uma segunda ofensiva. Procura afastar os antigos quadros do Partido a favor de jovens que espera poder manipular. Para preparar a tomada do poder na direcção do Partido, Trótski regressa, quase palavra por palavra, às concepções antileninistas do Partido, que havia desenvolvido em 1904.

No seu livro *As Nossas Tarefas Políticas*, publicado em 1904, e na brochura *Curso Novo*, escrita em 1923, encontramos a mesma hostilidade aos princípios que Lénine tinha definido para a construção do Partido. Isto mostra bem a sua persistência em concepções pequeno-burguesas.

Em 1904, Trótski combateu com particular virulência a concepção leninista do Partido. Apelidou Lénine de «divisionista fanático», «revolucionário democrata burguês», «fetichista da organização», partidário do «regime de caserna» e da «mesquinha organizacional», de «ditador querendo substituir-se ao Comité Central», de «ditador querendo instaurar a ditadura sobre o proletariado», para quem «toda a intromissão de elementos que pensem de outro modo é um fenómeno patológico».¹⁴ O leitor terá notado que toda esta verborreia raivosa não se dirigia ao infame Stáline, mas a Lénine, o mestre adorado. Este livro que Trótski publicou em 1904 é crucial para se compreender a sua ideologia. Aí revela-se como um individualista burguês inveterado. Todos os insultos e calúnias, que descarregou durante mais de 25 anos sobre Stáline, foram primeiro vomitados nesta obra contra a figura de Lénine.

Trótski obstinou-se a pintar Stáline como um ditador que reinava sobre o Partido. Ora, quando Lénine criou o partido bolchevique, Trótski acusou-o de instaurar uma «teocracia ortodoxa» e um «centralismo autocrático-asiático».¹⁵

Trótski nunca cessou de acusar Stáline de ter adoptado uma atitude pragmática para com o marxismo, reduzindo-o a fórmulas feitas. Em 1904, criticando a obra de Lénine *Um Passo Em Frente, Dois Passos À Retaguarda*, Trótski escreveu: «*Não se pode manifestar maior cinismo a respeito do melhor património ideológico do proletariado do que fez o camarada Lénine! Para ele, o marxismo não é um método de análise científica*».¹⁶

No seu livro de 1904, Trótski inventa o termo «substitucionismo» para atacar o Partido de tipo leninista e a sua direcção. «*O grupo dos “revolucionários profissionais” agia em lugar do proletariado*». «*A organização “substituiu-se” ao Partido, o Comité Central à organização e, finalmente, o ditador substituiu-se ao Comité Central.*»¹⁷

Ora, em 1923, frequentemente nos mesmos termos que utilizou contra Lénine, Trótski ataca a direcção do partido bolchevique e Stáline. «*A geração antiga habituou-se e está*

habituada a pensar e decidir pelo Partido.» Trótski observa «uma tendência para o aparelho pensar e decidir pela organização inteira».¹⁸

Em 1904, Trótski atacou a concepção leninista do Partido afirmando que *«separa a actividade consciente da actividade executiva. Há o centro e, em baixo, só há executantes disciplinados de funções técnicas»*. Na sua concepção pequeno-burguesa, Trótski rejeita a hierarquia e os diferentes níveis de responsabilidade, assim como a disciplina. O seu ideal era *«a personalidade política global, fazendo respeitar a sua vontade frente a todos os “centros” através de todas as formas possíveis, até ao boicote inclusive!»*.¹⁹ Era o credo de um individualista, de um anarquista.

Trótski recuperou esta crítica em 1923. *«O aparelho manifesta uma tendência que opõe alguns milhares de camaradas, que formam os quadros dirigentes, ao resto da massa, que é para eles apenas um meio de acção.»*²⁰

Em 1904, Trótski acusa Lénine de ser um burocrata que estava a degenerar o Partido numa organização revolucionária burguesa. Lénine tinha cegado ante a «lógica burocrática de tal ou tal plano organizativo», mas «o fiasco do fetichismo organizativo» é certo. *«O chefe da ala reaccionária do nosso Partido, o camarada Lénine, tem uma definição de social-democracia que é um atentado teórico contra o carácter de classe do nosso Partido.»* Lénine «formulou uma tendência que se desenhou no Partido, que é a tendência revolucionária burguesa».²¹

Em 1923, Trótski afirma o mesmo contra Stáline, embora num tom mais moderado: *«A burocratização ameaça provocar uma degenerescência mais ou menos oportunista da velha guarda.»*²²

Em 1904, o burocrata Lénine era acusado de «aterrorizar» o Partido: *«A tarefa do Iskra [jornal de Lénine] consistia em aterrorizar teoricamente a intelligentsia. Para os sociais-democratas educados nesta escola, a ortodoxia é qualquer coisa muito próxima da “Verdade” absoluta que inspirava os jacobinos [revolucionários burgueses]. A Verdade ortodoxa prevê tudo. Aquele que a contesta deve ser excluído; aquele que duvida está perto de ser excluído.»*²³

Em 1923, Trótski lançou o apelo para «substituir os burocratas mumificados» de modo a que «ninguém doravante ouse mais aterrorizar o Partido».²⁴

Para concluir, acrescentamos que a brochura *Curso Novo* nos revela igualmente Trótski como um arrivista sem princípios e sem escrúpulos. Em 1923, para tomar o poder no seio do Partido bolchevique, Trótski quer «liquidar» a velha guarda bolchevique, que conhecia demasiado bem o seu passado de opositor às ideias de Lénine. Nenhum velho bolchevique estava disposto a abandonar o leninismo pelo trotskismo. Daí a tática de Trótski: declara que os velhos bolcheviques «degeneram» e elogia a juventude que não conhecia o seu passado antileninista. Sob a palavra de ordem da «democratização» do Partido, Trótski pretende colocar na direcção jovens que o apoiam.

Ora, dez anos mais tarde, quando homens como Zinóviev e Kámenev já tinham revelado completamente o seu carácter oportunista, Trótski declara-os vítimas da perseguição de Stáline contra a «velha guarda bolchevique» e alia-se a esses oportunistas invocando o passado glorioso da «velha guarda».

Entre 1924 e 1926, a posição de Trótski no seio do Partido continuou a enfraquecer e ele passou a atacar com raiva crescente a direcção do Partido.

Partindo da ideia de que era impossível construir o socialismo num só país, Trótski concluiu que a política preconizada em 1925-1926 por Bukhárine, seu inimigo fidal nessa altura, representava os interesses dos kulaques e dos novos burgueses, chamados *Nepmen*. O poder, dizia, tendia a transformar-se num poder kulaque. A discussão sobre a

«degenerescência» do partido bolchevique estava de novo iniciada. E como se estava a evoluir para a degenerescência e para o poder kulaque, Trótski arrogou-se o direito de criar facções e fazer um trabalho clandestino no seio do Partido.

O debate foi conduzido aberta e francamente durante cinco anos. Quando a discussão foi encerrada por votação no Partido, em 1927, os que defendiam a tese da impossibilidade da construção do socialismo na União Soviética e apoiavam as actividades fraccionistas de Trótski obtiveram entre um e 1,5 por cento dos votos. Trótski foi excluído do Partido, depois enviado para a Sibéria e finalmente banido da União Soviética.

Notas

¹Citação conforme *V.I. Lénine, Obras Escolhidas em três tomos*, tomo III, *Edições Avante!*, Lisboa, 1979, pág. 429 (NT).

²Lenine, *Oeuvres, Ed. Sociales, Paris; Ed. en langues étrangères*, Moscovo, 1959, tomo 31, p. 436.

³Lenine, op. cit., tomo 33, pp. 489-494.

⁴Citação conforme, *V.I. Lénine, Obras Escolhidas em seis tomos*, tomo V, *Edições Avante!*, Lisboa, 1986, pág. 360 (NT).

⁵Citação conforme *V.I. Lénine Obras Escolhidas em três tomos*, tomo III, *Edições Avante!*, pág. 630 (NT).

⁶Idem, *Ibidem*, pág. 634 (NT).

⁷Trotsky, *Bilan et Perspectives*, Ed. *De Minuit*, 1969, p. 15.

⁸*Ibidem*, pp. 62-63.

⁹*Ibidem*, pp. 96-9.

¹⁰*Ibidem*, pp. 108-109.

¹¹*Ibidem*, p. 100.

¹²Staline, *Les Questions du Léninisme*, «La Révolution d'Octobre et la tactique des communistes russes», Tirana, 1970, pp. 121-122.

¹³Trotsky, *The Programme of Peace - A Postscript 1922*, *International Bookshop*, Nottingham, sem data. Citado também em Stáline, *La Révolution d'Octobre*, p. 130.

¹⁴Trotsky, *Nos tâches politiques*, Ed. *Pierre Belfond*, Paris, 1970, pp. 40, 195, 204, 159, 39, 128, 198 e 41.

¹⁵*Ibidem*, pp. 97, 170.

¹⁶*Ibidem*, p. 160.

¹⁷*Ibidem*, pp. 103 e 128.

¹⁸Trotsky, *Cours nouveau, U.G.E.*, collection 10-18, Paris, 1972, pp. 21 e 158.

¹⁹Trotsky, *Nos tâches*, pp. 140-141.

²⁰Trotsky, *Cours nouveau*, p. 25.

²¹Trotsky, *Nos tâches*, pp. 204, 192, 195.

²²Trotsky, *Cours nouveau*, p. 25.

²³Trotsky, *Nos tâches*, p. 190.

²⁴Trotsky, *Cours nouveau*, p. 154.

Capítulo III

A industrialização socialista

No final da Guerra Civil, os bolcheviques herdaram um país completamente arruinado, com uma indústria devastada por oito anos de operações militares. Os bancos e as grandes empresas foram nacionalizados e, através de um esforço extraordinário, a União Soviética começa a erguer o aparelho industrial.

Em 1928, a produção de aço, carvão, cimento, têxteis e máquinas-ferramentas alcançou ou ultrapassou o nível de antes da guerra. É então que a União Soviética formula um desafio que parece impossível de realizar: lançar, graças a um plano quinquenal nacional, as bases de uma indústria moderna, contando essencialmente com as forças internas do país. Para o conseguir, o país mobiliza-se para empreender uma marcha forçada rumo à industrialização.

A industrialização socialista é a peça-chave da edificação socialista na União Soviética. Tudo depende do seu êxito. A industrialização deve lançar as bases materiais do socialismo. Permitirá transformar radicalmente a agricultura com recurso a máquinas e a técnicas modernas. Preparará um futuro de bem-estar material e cultural para os trabalhadores. Fornecerá os meios para uma verdadeira revolução cultural. Produzirá a infra-estrutura de um Estado moderno e eficaz. E só ela poderá fornecer ao povo trabalhador armas modernas para defender a sua independência contra as potências imperialistas agressivas.

Em Fevereiro de 1931, Stáline explica a necessidade de o país manter ritmos extremamente rápidos para se industrializar: «*Estamos 50 a 100 anos atrasados em relação aos países mais avançados. Temos de percorrer esta distância em dez anos. Ou conseguimos fazê-lo ou seremos esmagados.*»¹

Ao longo dos anos 30, os fascistas alemães, tal como os imperialistas franceses e ingleses, pintaram em cores vivas o «terror» que acompanhou a «industrialização forçada». Todos ruminavam a sua vingança da derrota que haviam sofrido em 1918-1921 quando intervieram militarmente na União Soviética. Todos desejavam ver uma União Soviética fácil de pulverizar. Pedindo esforços extraordinários aos trabalhadores, Stáline tinha constantemente no seu campo de visão a ameaça terrível da guerra e da agressão imperialista que pairava sobre o primeiro país socialista.

O esforço gigantesco para industrializar o país nos anos de 1928 a 1932 ficou conhecido como «a revolução industrial de Stáline», título de um livro consagrado a este período por Hiroaki Kuromiya, professor na Universidade de Indiana nos EUA.² Fala-se também de uma «segunda revolução» ou de uma «revolução de cima». Com efeito, os revolucionários mais conscientes e enérgicos encontravam-se à frente do Estado e daqui despertaram, mobilizaram, disciplinaram dezenas de milhões de trabalhadores-camponeses mantidos até então nas trevas do analfabetismo e do obscurantismo religioso. Podemos resumir o tema central do livro de Kuromiya ao seguinte: Stáline conseguiu mobilizar os operários e os trabalhadores em geral para a industrialização acelerada, apresentando-a como uma guerra de classe dos oprimidos contra as antigas classes exploradoras e contra os sabotadores que surgiram nas suas próprias fileiras.

Para estar à altura de dirigir o esforço gigantesco da industrialização, o Partido necessitou de alargar as suas fileiras. O número de aderentes passou de 1,3 milhões em

1928 para 1,67 milhões em 1930. Durante o mesmo período, a percentagem de membros de origem operária passou de 57 para 65 por cento. Oitenta por cento dos novos recrutados eram trabalhadores de vanguarda: em geral eram trabalhadores relativamente jovens que haviam recebido formação técnica, activistas do *Komsomol* que se haviam distinguido como trabalhadores modelo, que ajudavam a racionalizar a produção e obtinham uma alta produtividade.³ Isto refuta bem a fábula da «burocratização» do Partido stalinista: o Partido reforçou o seu carácter operário e a sua capacidade de combate.

A industrialização fez-se acompanhar de movimentações extraordinárias. Milhões de camponeses analfabetos foram arrancados da Idade Média e propulsados para o mundo da maquinaria moderna. «No final de 1932, a força de trabalho industrial tinha duplicado em relação a 1928, atingindo seis milhões de pessoas.»⁴ No mesmo período de quatro anos e para o conjunto dos sectores, 12,5 milhões de pessoas tinham encontrado uma nova ocupação na cidade, 8,5 milhões das quais eram antigos camponeses.⁵

Heroísmo e entusiasmo

Odiando o socialismo, a burguesia compraz-se em sublinhar o carácter «forçado» da industrialização. Mas aqueles que viveram ou observaram a industrialização socialista do lado das massas trabalhadoras sublinham as seguintes características: heroísmo no trabalho, entusiasmo e combatividade.

No decurso do primeiro plano quinquenal, Anna Louise Strong, uma jovem jornalista americana ao serviço do jornal soviético *Notícias de Moscovo*, percorreu o país de lés a lés. Quando em 1956 Khruchov lançou o seu ataque perverso contra Stáline, ela veio a público chamar a atenção para certos factos essenciais. Falando do primeiro plano quinquenal, pronunciou o seguinte julgamento: «*Jamais em toda a história um tal progresso foi realizado tão rapidamente.*»

Em 1929, ano do lançamento do plano, o entusiasmo das massas trabalhadoras era tal que mesmo um velho especialista da Rússia antiga, que tinha vomitado em 1918 o seu ódio contra os bolcheviques, teve de reconhecer que o país estava irreconhecível. O doutor Emile Joseph Dillon viveu na Rússia de 1877 a 1914 e leccionou em várias universidades russas. Quando partiu, em 1918, escreveu:

«*No movimento bolchevique não há sinal de uma ideia construtiva ou social. O bolchevismo é o tsarismo ao contrário. Impõe aos capitalistas tratamentos tão maus quanto aqueles que eram reservados pelos tsares aos seus servos.*»⁶

Mas quando Dillon regressa à Rússia, dez anos depois, não acredita nos seus próprios olhos:

«*Por toda parte o povo pensa, trabalha, organiza-se, faz descobertas científicas e industriais. Nunca se testemunhou nada de semelhante, nada que se lhe aproximasse na variedade, na intensidade, na tenacidade com que os ideais são perseguidos. O ardor revolucionário consegue demover obstáculos colossais e fundir elementos heterogéneos num único grande povo; com efeito, não se trata de uma nação, no sentido do velho mundo, mas de um povo forte, cimentado por um entusiasmo quase religioso. Os bolcheviques têm realizado muito do que proclamaram e mais do que parecia realizável por qualquer organização humana nas difíceis condições em que têm operado.*

Mobilizaram mais de 150 milhões de seres humanos apáticos, mortos-vivos, e insuflaram-lhes um espírito novo.»⁷

Anna Louise Strong recorda-se de como os milagres da industrialização foram realizados.

«A fábrica de tractores de Khárkov tinha um problema. Fora construída “fora do plano”. [Em 1929], os camponeses afluíram às explorações colectivas mais rapidamente do que o previsto. Não era possível satisfazer a procura de tractores.

«Khárkov, orgulhosamente ucraniana, decide construir sua própria fábrica fora do plano. Todo o aço, os tijolos, o cimento e a força de trabalho disponíveis já estavam atribuídos por cinco anos. Khárkov só poderia obter o aço de que precisava se convencesse algumas empresas siderúrgicas a produzirem “acima do plano”.

«Para suprir a falta de braços, dezenas de milhares de pessoas, empregados, estudantes, professores, faziam trabalho voluntário durante os seus dias livres. “Todas as manhãs, às seis e meia, víamos chegar um comboio especial”, dizia M. Raskin, engenheiro americano destacado em Khárkov. “Vinham com bandeiras e charangas, todos os dias chegava um grupo diferente, mas eram sempre alegres”. Metade do trabalho não especializado foi efectuada por voluntários.»⁸

Em 1929, a colectivização tinha alcançado uma extensão imprevista. A fábrica de tractores de Khárkov não foi a única «correção» ao plano. A fábrica Putílov, de Leningrado, tinha produzido 1 115 tractores em 1927 e 3 050 em 1928. Após acaloradas discussões na fábrica, foi aprovado um plano de dez mil tractores para 1930! Foram entregues exactamente 8 935.

O milagre da industrialização numa década foi na verdade influenciado pelas transformações que se produziram nos meios rurais atrasados, mas também pelo aumento da ameaça de guerra.

A Siderurgia de Magnitogorsk foi concebida para produzir 656 mil toneladas por ano. Contudo, em 1930, foi elaborado um plano para elevar a produção para 2,5 milhões de toneladas.⁹ Porém, os planos de produção de aço não tardariam de novo a ser revistos em alta: em 1931, o exército japonês ocupou a Manchúria e colocou sob ameaça as fronteiras siberianas! No ano seguinte, os nazis no poder em Berlim ostentam as suas pretensões sobre a Ucrânia. John Scott, engenheiro americano na altura em Magnitogorsk, recorda os esforços heróicos dos trabalhadores e a sua importância decisiva para a defesa da União Soviética.

«Em 1942, a região industrial dos Urais torna-se o coração da resistência soviética. As suas minas, fábricas, entrepostos, os seus campos e florestas fornecem ao Exército Vermelho enormes quantidades de material militar e todos os produtos necessários ao abastecimento das divisões motorizadas de Stáline. No centro da imensa Rússia, um quadrado de 800 quilómetros continha imensas riquezas em ferro, carvão, cobre, alumínio, chumbo, amianto, magnésio, potássio, ouro, prata, zinco e petróleo. Antes de 1930 estes tesouros mal haviam sido explorados. Nos dez anos seguintes construíram-se fábricas que não tardaram a entrar em actividade. Tudo isso deveu-se à sagacidade política de Ióssif Stáline, à sua perseverança e tenacidade. Conseguira quebrar toda a resistência à realização do seu programa, não obstante as despesas fantásticas e as dificuldades inauditas que surgiram. A sua prioridade era criar um potencial industrial pesado. Situou-o nos Urais e na Sibéria, a milhares de quilómetros da fronteira mais próxima, fora do alcance de qualquer inimigo. Por outro lado, a Rússia precisava de tornar-se independente do estrangeiro em quase todo o tipo de fornecimentos, desde

borracha e produtos químicos a ferramentas, tractores, etc.. Deveria produzir tudo isso sozinha, assegurando assim sua independência técnica e militar.

«Bukhárine e vários outros antigos bolcheviques não eram desta opinião. Antes de se lançar um programa de industrialização a todo o transe, queriam assegurar o abastecimento do povo. Um após outro, estes dissidentes serão reduzidos ao silêncio. A opinião de Stáline prevalecerá. Em 1932, são destinados 56 por cento do rendimento nacional russo para estas grandes despesas. Tratava-se de um esforço financeiro extraordinário. Nos Estados Unidos, 70 anos antes, o investimento nas grandes empresas industriais representava apenas 12 por cento do rendimento nacional anual. A maior parte do capital era fornecida pela Europa, enquanto a China, a Irlanda, a Polónia etc., exportavam a mão-de-obra. A indústria soviética foi criada quase sem recurso ao capital estrangeiro.»¹⁰

A vida dura, os sacrifícios da industrialização foram aceites pela maioria dos trabalhadores com convicção e com plena consciência. Esforçavam-se arduamente, mas faziam-no pela sua própria causa, por um futuro de dignidade e de liberdade para todos os trabalhadores. Hiroaki Kuromiya faz este comentário: *«Por paradoxal que possa parecer, a acumulação forçada não era apenas uma fonte de privações e de perturbação, mas também de heroísmo soviético. Nos anos 30, a juventude soviética protagonizou o heroísmo no trabalho em estaleiros de construção e em fábricas como em Magnitogorsk e em Kuznetsk.»¹¹*

«A industrialização acelerada do primeiro plano quinquenal simbolizava o objectivo grandioso e dramático da construção de uma nova sociedade. Num cenário de depressão e desemprego maciço no Ocidente, a marcha da industrialização soviética invocava esforços heróicos, românticos, entusiastas e “sobre-humanos”. “A palavra entusiasmo, como muitas outras, foi desvalorizada pela inflação”, escreveu Iliá Erenburg, “e no entanto não há outra para descrever as jornadas do primeiro plano quinquenal; foi pura e simplesmente o entusiasmo que inspirou os jovens para actos de bravura quotidianos e não espectaculares”. Segundo outro contemporâneo, esses dias foram “realmente um tempo romântico e inebriante (...). As pessoas criavam com as suas próprias mãos aquilo que antes parecia ser um sonho, e estavam convencidas de que aqueles planos de sonho eram uma coisa absolutamente realizável”.»¹²

Uma guerra de classe

Kuromiya mostra que Stáline apresentou a industrialização como uma guerra da classe dos oprimidos contra as antigas classes exploradoras. Esta é uma ideia justa. Todavia, à força de obras literárias e históricas, somos levados a identificar-nos com aqueles que foram reprimidos durante as guerras de classe chamadas industrialização e colectivização. Dizem-nos que a repressão é «sempre desumana» e que não é permitido a uma nação civilizada fazer mal a um grupo social, mesmo que seja explorador ou assim considerado.

O que podemos objectar a este argumento pretensamente humano? Como foi realizada a industrialização do «mundo civilizado»? Como criaram a sua base industrial os nossos banqueiros e capitães de indústria londrinos e parisienses? A sua industrialização teria sido possível sem a pilhagem do ouro e da prata dos reis indígenas? Pilhagem que foi acompanhada do extermínio de 60 milhões de indígenas nas Américas. Teria sido possível sem a sangria monstruosa praticada em África, a que se chamou de

tráfico de negros? Especialistas da UNESCO calculam as perdas africanas em 210 milhões de pessoas, assassinadas durante as incursões, mortas em viagem, vendidas como escravos. A nossa industrialização teria sido possível sem a colonização, que tornou povos inteiros prisioneiros na sua própria terra natal?

E esses, que industrializaram este pequeno canto do mundo chamado Europa à custa de dezenas de milhões de mortos «indígenas», dizem-nos que a repressão bolchevique contra as classes possidentes foi uma abominação?! Os mesmos que industrializaram os seus países expulsando os camponeses das suas terras a tiro de espingarda, que massacraram mulheres e crianças forçando-as a jornadas de trabalho de 14 horas, que impuseram aos operários o trabalho forçado, ameaçando-os com o desemprego e a fome, invectivam em longos livros a industrialização «forçada» na União Soviética?

Se a industrialização soviética foi decerto realizada mediante repressão contra os cinco por cento de ricos e de reaccionários, a industrialização capitalista nasceu do terror exercido por cinco por cento de abastados contra o conjunto das massas trabalhadoras do seu próprio país e dos países dominados.

A industrialização foi uma guerra de classe contra as antigas classes exploradoras que tudo fizeram para impedir o êxito da experiência socialista. Foi uma luta travada, inclusive, no seio da própria classe operária: camponeses analfabetos foram arrancados do seu mundo tradicional e precipitados na produção moderna, levando consigo todos os seus preconceitos e concepções retrógradas. Kulaques empregavam-se em estaleiros de construção para se dedicarem à sabotagem. Na própria classe operária, habituada a ser explorada por um patrão e a resistir-lhe, subsistiam antigos reflexos que demoraram a ceder lugar à nova atitude no trabalho, agora que os trabalhadores eram os donos da sociedade.

A este propósito, dispomos de um testemunho muito vivo sobre a luta de classes no interior das fábricas soviéticas, redigido pelo engenheiro americano John Scott, que trabalhou durante longos anos em Magnitogorsk. Scott não é comunista e critica frequentemente o sistema bolchevique. Mas, relatando o que viveu nesta empresa de grande alcance estratégico que foi o complexo de Magnitogorsk, dá-nos a conhecer vários problemas essenciais com os quais Stáline se defrontou.

Scott descreve-nos a facilidade com que um contra-revolucionário, que havia servido nos exércitos brancos, mas que deu provas de dinamismo e inteligência, pôde fazer-se passar por um elemento proletário e trepar os degraus do Partido. A sua narrativa mostra também que a maior parte dos contra-revolucionários activos eram possíveis espiões das potências imperialistas. Não era nada fácil distinguir os contra-revolucionários conscientes dos burocratas corrompidos e dos «seguidistas» que procuravam simplesmente vida fácil.

Scott mostra-nos que a depuração de 1937-38 não foi de modo nenhum um processo puramente «negativo» como costuma ser apresentado no Ocidente: foi, sobretudo, uma grande mobilização política de massas que reforçou a consciência antifascista de todos os trabalhadores, que estimulou os burocratas a melhorarem o seu trabalho e que permitiu um desenvolvimento considerável da produção industrial. A depuração fez parte da preparação em profundidade das massas populares para a resistência contra as intervenções imperialistas que se seguiriam.

Eis o testemunho de John Scott sobre Magnitogorsk:

«Em 1936 Chevchenko dirigia as fábricas a gás e os seus dois mil operários. Era um homem ríspido, extremamente enérgico e orgulhoso, frequentemente rude e vulgar. No entanto, Chevchenko não era um mau director. Os operários respeitavam-no e

esforçavam-se por obedecer às suas ordens. Chevchenko vinha de uma pequena vila ucraniana. Em 1920, quando o exército branco de Dénikine ocupava o país, o jovem Chevchenko – tinha então 19 anos – foi recrutado como polícia. Mais tarde, Dénikine foi repellido e o Exército Vermelho retomou o país.

«O instinto de conservação levou Chevchenko a renegar o seu passado, a emigrar para outra parte do país onde se empregou numa fábrica. Graças à sua energia e actividade, o antigo polícia, instigador de pogroms, transformou-se com uma rapidez extraordinária num funcionário do sindicato com qualidades promissoras. Fazendo gala de um grande entusiasmo proletário, trabalhava bem e não olhava a meios para progredir na carreira, mesmo que fosse à custa dos seus camaradas.

«Depois entrou no Partido, frequentou o Instituto dos Dirigentes Vermelhos, obteve diversos postos importantes na direcção dos sindicatos e, em 1931, é finalmente enviado para Magnitogorsk como assistente do director de construções.

«Em 1935, um operário oriundo de uma qualquer pequena cidade ucraniana conta alguns factos relativos às actividades de Chevchenko em 1920. Chevchenko suborna-o e oferece-lhe um bom lugar. Mas as conversas fazem o seu caminho. Uma noite, Chevchenko ofereceu uma festa como nunca se tinha visto em Magnitogorsk. O dono da casa e os convidados, fazendo honras às vitualhas, regalaram-se durante toda a noite e uma parte da noite seguinte.

«Um belo dia, Chevchenko foi destituído juntamente como meia dúzia de subordinados directos. Quinze meses mais tarde, Chevchenko foi julgado e condenado a dez anos de trabalhos forçados. Chevchenko era um semibandido, um oportunista desonesto, desprovido de qualquer escrúpulo. As suas ideias não tinham qualquer semelhança com as dos fundadores do socialismo. Contudo, não era seguramente um espião ao serviço do Japão, como os juízes alegaram; não alimentava qualquer intenção terrorista contra o governo e os líderes do Partido; enfim, não havia provocado deliberadamente a explosão (ocorrida em 1935 e que causou a morte de quatro operários).

«Cerca de 20 pessoas integravam a equipa de Chevchenko. Todos sofreram pesadas penas. Alguns eram igualmente oportunistas e cavaleiros da indústria. Outros eram verdadeiros contra-revolucionários que deliberadamente procuravam fazer tudo o que lhes fosse possível para abater o poder dos soviets. Mas outros tiveram simplesmente a má sorte de trabalhar sob as ordens de um chefe que despertou a atenção do NKVD [Comissariado do Povo para os Assuntos Internos].

«Nicolai Mikháilovitch Útkine, um dos colegas de Chevchenko, era o primogénito de uma família ucraniana. Tinha o sentimento de que a Ucrânia fora conquistada e os seus novos senhores estavam a arruiná-la. Pensava que o sistema capitalista era preferível ao socialismo. Era um homem que seria talvez capaz de ajudar os alemães a “libertar” a Ucrânia em 1941. Foi também condenado a dez anos de trabalhos forçados.»¹³

«Muitos foram os burocratas que sentiram as suas cadeiras tremer no período da depuração. Funcionários, directores e outros, que antes nunca chegavam ao estaleiro antes das dez horas da manhã, agora vinham às quatro e meia. Antes, não se preocupavam com erros, queixas ou dificuldades; agora, permaneciam no seu posto do nascer do dia ao cair da noite. Com um zelo sincero, esforçavam-se pela realização do plano, pela economia de meios, pelo bem-estar dos seus operários e empregados.»¹⁴

«Entre 1938 e 1941, a produção aumentou no seu conjunto. No final de 1938, os efeitos nefastos imediatos da depuração tinham quase desaparecido. As indústrias de Magnitogorsk produziam no máximo da sua capacidade. Em todas as fábricas, cada trabalhador tinha

consciência do clima de tensão que, a partir de Munique, reinava em toda a URSS.» (...) «O ataque capitalista contra a União Soviética, preparado durante anos, será desencadeado a qualquer momento, repetiam constantemente na rádio, na imprensa, nos institutos, os oradores, o Partido e os sindicatos. Todos os anos, o orçamento da defesa nacional era duplicado. Armazenavam-se enormes reservas de armamentos, de máquinas, de combustíveis, de víveres. Os efectivos do Exército Vermelho aumentaram de dois milhões de homens em 1939 para seis ou sete milhões na Primavera de 1941. As fábricas de vagões e de metalomecânica dos Urais, da Ásia Central e da Sibéria trabalhavam intensamente. Tudo isto absorvia o pequeno excedente de produção, do qual os operários tinham começado a beneficiar de 1935 a 1938, sob a forma de bicicletas, relógios de pulso, aparelhos de rádio, bons enchidos ou outros produtos alimentares.»¹⁵

Um milagre económico

Durante a industrialização, os trabalhadores soviéticos realizaram milagres económicos que continuam a suscitar admiração.

Kuromiya conclui o seu estudo sobre a industrialização stalinista nesses termos: «A ruptura operada pela revolução de 1928-1931 lançou as bases da notável expansão industrial dos anos 30 que salvou o país durante a II Guerra Mundial. No final de 1932, o Produto Industrial Bruto tinha mais que duplicado em relação a 1928. À medida que os projectos do primeiro plano quinquenal, um após outro, entravam em exploração em meados de 1930, a produção industrial conheceu uma expansão extraordinária. Entre os anos 1934 e 1936, o índice oficial registou um aumento de 88 por cento da produção industrial bruta. Na década de 1927-28 a 1937, a produção industrial bruta aumentou de 18 300 milhões de rublos para 95 500 milhões; a produção de aço passou de 3,3 milhões de toneladas para 14 milhões; o carvão, de 35,4 milhões de metros cúbicos para 128 milhões; a potência eléctrica, de 5,1 mil milhões de quilowatts-hora para 36,2 mil milhões; a produção de máquinas-ferramentas, de 2098 unidades para 36 120. Mesmo descontando alguns exageros, podemos dizer com segurança que estas realizações provocam vertigem.»¹⁶

Lénine tinha manifestado a sua confiança na capacidade do povo soviético de construir o socialismo num só país, quando declarou: «O comunismo é o poder soviético mais a electrificação de todo o país».¹⁷

Neste sentido, Lénine propôs, em 1920, um plano geral de electrificação que previa nos 15 anos seguintes a construção de 30 centrais eléctricas com uma potência de 1,75 milhões de kWh. Ora, graças à vontade e à tenacidade de Stáline e da direcção bolchevique, em 1935 a União Soviética dispunha de uma potência de 4,07 milhões de kWh. O sonho temerário de Lénine fora realizado em 233 por cento por Stáline!¹⁸ Foi a mais cabal refutação de todos os renegados instruídos, que haviam lido algures que a construção do socialismo num só país, além do mais agrícola, era coisa impossível. A teoria da «impossibilidade do socialismo na URSS», difundida pelos mencheviques e os trotskistas, traduzia unicamente o pessimismo e o espírito de capitulação de uma determinada pequena burguesia. À medida que a causa socialista progredia, só se agudizava o seu ódio pelo socialismo real, essa coisa que não deveria existir.

O crescimento dos fundos fixos entre 1913 e 1940 oferece uma ideia bastante precisa do esforço incrível realizado pelo povo soviético. A partir de um índice 100, correspondente ao ano precedente à I Guerra Mundial, os fundos fixos na indústria tinham alcançado o

nível 136, no momento do lançamento do plano quinquenal, em 1928. Em 1940, nas vésperas da II Guerra Mundial, o mesmo índice atingia 1085 pontos, ou seja, houve uma multiplicação por oito em apenas 12 anos.

Pouco antes da colectivização se iniciar, em 1928, os fundos fixos da agricultura tinham evoluído de 100 para 141, mas em 1940 já para tinham alcançado 333 pontos.¹⁹ Durante 11 anos, de 1930 a 1940, a União Soviética conheceu um crescimento médio da produção industrial de 16,5 por cento.²⁰

No decurso da industrialização, o principal esforço foi consagrado à criação das condições para a liberdade e independência da pátria socialista. Em simultâneo, o regime socialista lançou as bases do bem-estar e prosperidade ulteriores. A maior parte do crescimento do rendimento nacional era destinada à acumulação. Não se podia pensar na melhoria do bem-estar material no imediato. Nesse período, a vida dos operários e dos camponeses era de facto dura.

O fundo de acumulação passou de 3,6 mil milhões de rublos, em 1928 – o que representava 14,35 por cento do rendimento nacional – para 17,7 mil milhões de rublos, em 1932, ou seja, 44,2 por cento do rendimento nacional! O fundo de consumo, em contrapartida, diminuiu ligeiramente – de 23,1 mil milhões de rublos, em 1930, para 22,3 mil milhões, dois anos mais tarde. Segundo Kuromiya, em 1932, os salários reais dos operários de Moscovo não atingiam mais do que 53 por cento do seu nível de 1928.²¹

Enquanto os fundos fixos da indústria se multiplicaram por dez, em relação ao período antes da guerra, o índice da construção de habitações apenas atingiu 225 pontos em 1940. As condições de habitação não haviam melhorado²².

Todavia, não é verdade que a industrialização se tenha saldado por uma «exploração militar-feudal do campesinato», como afirmou Bukhárine: a industrialização socialista, que evidentemente não se podia fazer através da exploração de colónias, foi realizada graças ao sacrifício de todos os trabalhadores, tanto operários como camponeses e intelectuais.

Stáline era «insensível às terríveis dificuldades da vida dos trabalhadores»? Stáline compreendia perfeitamente que era preciso, primeiro, assegurar a sobrevivência da pátria socialista e dos seus homens para que depois fosse possível elevar o nível de vida de forma substancial e duradoura. Construir habitações? Mas os agressores nazis incendiaram e destruíram 1710 cidades e mais de 70 mil aldeias e lugares, deixando 25 milhões de habitantes sem abrigo...²³

Em 1921, a União Soviética era um país arruinado, com a sua independência ameaçada por todas as potências imperialistas. Em 20 anos de esforços titânicos, os trabalhadores construíram um país capaz de fazer frente à potência capitalista mais desenvolvida da Europa, a Alemanha hitleriana. Que os antigos e futuros nazis invectivassem a industrialização «forçada» e os «terríveis sofrimentos impostos ao povo», é algo que se compreende. Mas qual o homem consciente da Índia, do Brasil, da Nigéria, do Egipto que não aspira ao sonho? Depois das respectivas independências, por quantos sofrimentos passou o povo desses países, os seus 90 por cento de trabalhadores? E quem tem tirado proveito desses sofrimentos? Os trabalhadores desses países aceitaram os sacrifícios com plena consciência, como no caso na União Soviética? E os sacrifícios do operário indiano, brasileiro, nigeriano, egípcio têm-lhes permitido pôr de pé um sistema económico independente, capaz de resistir ao imperialismo mais feroz, como o fez o povo soviético nos anos 20 e 30?

Notas

¹Citação traduzida do original russo «Sobre as tarefas dos dirigentes económicos, discurso na I Conferência de Toda a União dos Trabalhadores da Indústria Socialista», *I.V. Stáline, Obras, Gossudártsvenoe Izdátelstvo Politítcheskoi Literaturi*, Moscovo 1951, tomo 13 pág. 39 (NT).

²Hiroaki Kuromiya, *Stalin's Industrial Revolution*, Cambridge University Press, 1988.

³Ibidem, pp. 319, 115.

⁴Ibidem, p. 290.

⁵Ibidem, p. 306.

⁶Sidney and Beatrice Webb, op. cit., p. 810.

⁷Ibidem, p. 811.

⁸Anna Louise Strong, *The Stalin Era*, 1956, pp. 33, 28-29.

⁹Ibidem, p. 145.

¹⁰John Scott, *Au-delà de l'Oural*, Ed. Marguerat, Lausanne, 1945, pp. 244-245.

¹¹Kuromiya, op. cit., pp. 305-306.

¹²Ibidem, p. 316.

¹³Scott, op. cit., pp. 170-175.

¹⁴Ibidem, pp. 190-191.

¹⁵Ibidem, p. 242.

¹⁶Kuromiya, op. cit., p. 287.

¹⁷Citação conforme *V.I. Lénine Obras Escolhidas em Três Tomos*, tomo III, *Edições Avante!*, Lisboa, 1979, pág. 429 (N.T).

¹⁸*Les Progrés du pouvoir soviétique depuis 40 ans, Recueil statistique*, Moscovo, 1958, p. 75.

¹⁹Ibidem, p. 26.

²⁰Ibidem, p. 30.

²¹Kuromiya, op. cit., pp. 304-305.

²²*Les Progrés du pouvoir soviétique*, p. 26.

²³Ibidem, p. 31.

Capítulo IV

A colectivização

A colectivização iniciada em 1929 foi um período extraordinário de lutas de classe, tão complexas quanto encarniçadas. Ela colocou a questão de saber quem seria a força dirigente no campo: a burguesia rural ou o proletariado. A colectivização destruiu a base económica da derradeira classe burguesa na União Soviética, aquela que emergia constantemente da pequena produção e do mercado livre no campo. A colectivização gerou uma revolução política, económica e cultural extraordinária e envolveu as massas camponesas na via socialista.

Do restabelecimento da produção ao confronto social

Para se compreender a colectivização é necessário ter em conta a situação que prevalecia nas zonas rurais soviéticas dos anos 20.

A partir de 1921, os bolcheviques concentraram os seus esforços no objectivo principal de recolocar em funcionamento a indústria numa base socialista. Ao mesmo tempo, pretendiam reconstituir as forças produtivas no campo através do desenvolvimento da economia individual e do pequeno capitalismo, que se esforçavam por controlar e orientar para formas cooperativas.

Esses objectivos foram alcançados nos anos 1927-1928. R.W. Davies, professor na Universidade de Birmingham, assinala:

«Entre 1922 e 1926, a Nova Política Económica foi um sucesso retumbante no seu conjunto. A produção da economia camponesa, em 1926, igualava o produto agrícola antes da revolução, incluindo os domínios dos proprietários fundiários. A produção de cereais aproximava-se do nível anterior à guerra e a produção de batata era superior em 45 por cento.» (...) *«A proporção da produção agrícola bruta e dos solos semeados destinados aos cereais era mais baixa em 1928 do que em 1913, um bom indicador geral do progresso agrícola.» (...)* *«Em 1928, o número de animais ultrapassava em sete a dez por cento o nível de 1914 no que dizia respeito a suínos e bovinos.»¹*

A revolução socialista tinha trazido grandes vantagens às massas camponesas. Muitos receberam terra. As famílias demasiado numerosas puderam dividir-se. Em 1927, havia 24 a 25 milhões de famílias camponesas contra 19,5 em 1917. O número de pessoas por família tinha diminuído de 6,1 para 5,3. Os impostos directos e as rendas eram nitidamente inferiores em relação ao antigo regime. Os camponeses guardavam e consumiam uma parte muito maior das suas colheitas. *«Em 1927, os cereais destinados às cidades, ao exército, à indústria e à exportação representavam dez milhões de toneladas, enquanto em 1909-1913 esse volume atingia em média 18,8 milhões de toneladas para uma colheita semelhante.»²*

Entretanto, os bolcheviques encorajavam os camponeses a formarem todo o tipo de cooperativas e haviam criado a título experimental os primeiros *kolkhozes* – as explorações colectivas. O objectivo era avaliar como se poderia conduzir os camponeses para a via do socialismo, no futuro, sem definir antecipadamente prazos. Em geral, existiam, em 1927, muito poucos elementos socialistas no campo, que continuava

dominado por camponeses que trabalhavam individualmente o seu pedaço de terra. Em 1927 alcançara-se o êxito de reunir 38 por cento dos camponeses em cooperativas de consumo, mas os camponeses ricos tinham nelas o principal papel. Essas cooperativas recebiam 50 por cento do crédito agrícola, o restante era investido nas explorações privadas, em geral de tipo kulaque.³

A fraqueza do Partido no campo

No começo da construção do socialismo, o Partido bolchevique dispunha de poucas forças no campo. Em 1917 havia em toda a Rússia soviética 16 700 camponeses bolcheviques. Durante os quatro anos seguintes de guerra civil, um grande número de jovens camponeses entrou para o Partido. Em 1921 contavam-se 185 300. Mas eram sobretudo jovens de origem camponesa que tinham ingressado no Exército Vermelho. Com o restabelecimento da paz, foi necessário verificar as concepções políticas de todos estes jovens combatentes. Lênine organizou a primeira verificação/depuração como um prolongamento necessário da primeira campanha de recrutamento maciço. Era preciso determinar quem correspondia às normas. De 200 mil camponeses, 44,7 por cento foram excluídos.⁴

Em 1 de Outubro de 1918, de um milhão e 360 mil membros e candidatos, 198 mil eram camponeses e trabalhadores agrícolas, ou seja, 14,5 por cento.⁵ Nas zonas rurais existia um membro do Partido para 420 habitantes e um total de 20 700 células do Partido, uma para cada quatro aldeias. Este número adquire ainda maior relevo se o compararmos com os «efectivos» da reacção tsarista, os padres ortodoxos e outros religiosos a tempo inteiro, que eram 60 mil!⁶

A juventude rural constituía a maior reserva do Partido. Em 1928, contava-se um milhão de jovens camponeses no *Komsomol*.⁷ Os soldados que tinham servido no Exército Vermelho durante a Guerra Civil e os 180 mil filhos de camponeses que entravam anualmente no Exército, onde recebiam uma educação comunista, eram em geral partidários do regime.⁸

Quem era o camponês russo?

O problema com que o Partido bolchevique se confrontava residia no facto de os campos russos terem estado sempre, em grande parte, sob o domínio das antigas classes privilegiadas e da velha ideologia ortodoxa e tsarista. A massa do campesinato permanecia mergulhada num grande atraso e continuava a trabalhar utilizando essencialmente alfaias em madeira. Frequentemente, os kulaques tomavam o poder no seio das cooperativas, das associações de crédito e mesmo dos sovietes rurais. Sob o governo de Stolípine,⁹ especialistas agrícolas burgueses tinham-se instalado no campo para impulsionar a reforma agrária, e continuavam a exercer grande influência enquanto promotores da exploração agrícola privada moderna. A maioria esmagadora da terra, 90 por cento, era gerida segundo o sistema tradicional de comunas locais, dominadas por camponeses ricos.¹⁰

A extrema pobreza e ignorância que caracterizavam as massas camponesas estavam entre os piores inimigos dos bolcheviques. Vencer o tsar e os proprietários fundiários

tinha sido relativamente simples. Mas como vencer a barbárie, a ignorância, a superstição? A Guerra Civil deixara o campo revolvido; dez anos de regime socialista tinham introduzido os primeiros elementos de uma cultura de massas moderna e um enquadramento comunista mínimo. Mas as características tradicionais do campesinato mantinham todo o seu peso.

O Dr. Emile Joseph Dillon viveu na Rússia de 1877 a 1914. Viajou por todas as regiões do império. Conheceu os ministros, a nobreza, os burocratas e as sucessivas gerações de revolucionários. O seu testemunho sobre o campesinato russo merece ser tido em conta. Começa por nos descrever a miséria material em que vivia a maioria de campesinato. «*O camponês russo deita-se às seis ou mesmo cinco horas, durante o inverno, porque não pode comprar petróleo para se iluminar. Não tem carne, ovos, manteiga, leite, muitas vezes nem couves, vive sobretudo de pão negro e batatas. Vive? Vai definhando com uma quantidade insuficiente de alimentos.*»¹¹

Depois, Dillon fala-nos do atraso cultural e político em que eram mantidos os camponeses. «*A população camponesa era medieval nas instituições, asiática nas aspirações e pré-histórica nas concepções de vida. Os camponeses acreditavam que os japoneses tinham conseguido ganhar a guerra da Manchúria (1905) transformando-se em micróbios que entravam nas botas dos soldados russos, mordendo-lhes as pernas e causando-lhes assim a morte. Quando havia uma epidemia num distrito, matavam frequentemente os médicos por terem “envenenado as fontes e espalhado a doença”. Queimam com entusiasmo os feiticeiros. Exumam um morto para acalmar um espírito. Amarram as mulheres infiéis atrás de uma carroça completamente nuas e arrastam-nas pela aldeia. E quando os únicos constrangimentos que mantêm uma tal massa dentro da ordem desaparecem de repente, as consequências para a comunidade são catastróficas. A ténue linha que durante gerações tinha mantido o povo apartado da anarquia era a ideia primitiva de Deus e do tsar; depois da campanha da Manchúria esta linha desvaneceu-se rapidamente.*»¹²

Uma nova diferenciação das classes

Em 1927, na sequência da evolução espontânea do mercado livre, sete por cento dos camponeses, ou seja, 2,7 milhões de chefes de família, estavam de novo sem terra. Em 1929 já eram 3,2 milhões. Todos os anos, 250 mil pobres perdiam a sua parcela de terra. Acrescenta-se que esses homens sem terra deixavam de ser aceites na comuna tradicional de aldeia. Em 1927, contavam-se sete milhões de camponeses pobres que não dispunham nem de cavalo nem de arado. Na Ucrânia, 2,1 milhões de famílias, em 5,3 milhões, não possuíam cavalo nem boi. Estes camponeses pobres constituíam 35 por cento da população camponesa. Estes dados são citados no relatório de Mólotov ao XV Congresso.

Os camponeses médios constituíam a grande maioria: 51 a 53 por cento. Mas estes continuavam a trabalhar com ferramentas primitivas. Em 1929, 60 por cento das famílias na Ucrânia não possuíam qualquer tipo de máquina; 71 das famílias no Cáucaso do Norte, 87,5 por cento no Baixo Volga e 92,5 por cento na Região Central das Terras Negras estavam na mesma situação. Estas eram as regiões cerealíferas.

No conjunto da União Soviética, entre cinco e sete por cento dos camponeses tinham conseguido enriquecer: eram os kulaques.¹³

Segundo o recenseamento de 1927, apenas 3,2 por cento das famílias possuíam em média 2,3 animais de tracção e 2,5 vacas, contra uma média geral no campo de 1,0 e 1,11.

Havia no total 950 mil famílias, ou seja, 3,8 por cento, que empregavam operários agrícolas ou alugavam meios de produção.¹⁴

Quem controlava o trigo mercantil?

Para alimentar as cidades em plena expansão e, portanto, industrializar o país, era necessário assegurar o abastecimento do mercado de trigo.

Como os camponeses já não eram explorados pelos proprietários fundiários, passaram a consumir uma parte maior do seu trigo. As vendas nos mercados extra-rurais tinham caído para 73,2 por cento do volume transaccionado em 1913.¹⁵

Todavia estes cereais comercializados tinham também uma origem distinta. Antes da revolução, 72 por cento do trigo comercializado provinha das grandes explorações (proprietários fundiários e kulaques). Em contrapartida, em 1926 eram os camponeses pobres e médios que forneciam 74 por cento do trigo mercantil. Consumiam 89 por cento da sua produção e apenas levavam 11 por cento dos cereais para o mercado. As grandes explorações socialistas, os *kolkhozes* e *sovkhozes*, representavam apenas 1,7 por cento da produção total de trigo e seis por cento do trigo mercantil. Contudo, comercializavam 47,2 por cento da sua colheita.

Em 1926, os kulaques, força ascendente, controlavam 20 por cento do trigo mercantil.¹⁶ Outras estatísticas indicam que em 1927-1928, na parte europeia da URSS, os kulaques e a camada superior dos camponeses médios, ou seja, 10 a 11 por cento das famílias, realizaram 56 por cento das vendas de cereais.¹⁷

A correlação de forças existente em 1927 entre a economia socialista e a economia capitalista pode ser avaliada pelo seguinte: a agricultura colectivizada fornecia 570 mil toneladas de trigo ao mercado, os kulaques, 2,13 milhões.¹⁸ A força social que controlasse o trigo destinado ao mercado dominaria o abastecimento dos operários e da população urbana e portanto o destino da industrialização. A luta será feroz.

Em direcção ao confronto

Para obter os fundos necessários à industrialização, o Estado pagava um preço relativamente baixo pelo trigo desde o início dos anos 20.

No Outono de 1924, após uma colheita bastante magra, o Estado não conseguiu comprar os cereais ao preço fixado. Os kulaques e comerciantes privados adquiriram-nos no mercado livre, especulando com a subida dos preços na Primavera e no Verão. Em Maio de 1925, o Estado foi obrigado a duplicar os seus preços de compra em relação a Dezembro de 1924.

Nesse ano a URSS regista uma boa colheita. Mas o desenvolvimento da indústria nas cidades acarretava uma procura suplementar de cereais. Os preços do Estado permaneceram por isso elevados entre Outubro a Dezembro de 1925. No entanto, como havia penúria de produtos da indústria ligeira, os camponeses mais abastados recusavam-se a vender seu trigo. O Estado foi obrigado a capitular, abandonando os planos de exportação de cereais, reduzindo a importação de equipamentos industriais e, mais tarde, diminuindo os créditos à indústria.¹⁹ Estes foram os primeiros sinais de uma crise grave e de um confronto eminente entre classes sociais.

Em 1926, a colheita de cereais atingiu 76,8 milhões de toneladas, bastante acima das 72,5 toneladas do ano precedente. O Estado realizou os aprovisionamentos a preços inferiores aos de 1925.²⁰

Em 1927, a colheita de cereais caiu para o nível de 1925. Nas cidades, a situação estava longe de ser brilhante. O desemprego permanecia elevado e tendia a aumentar com a chegada às cidades de camponeses arruinados. A diferenciação salarial entre operários e técnicos acentuava-se. Os comerciantes privados, que continuavam a controlar metade da carne vendida na cidade, enriqueciam de maneira ostensiva. Após a decisão de Londres de romper relações diplomáticas com Moscovo, uma nova ameaça de guerra pesava sobre a URSS.

A posição de Bukhárine

O confronto social em gestação produziu reflexos no seio do partido bolchevique. Bukhárine, na altura o principal aliado de Stáline na direcção, sublinhou a importância de se avançar para o socialismo através das relações do mercado. Em 1925 apelou aos camponeses para que se enriquecessem, «nós avançaremos a passo de caracol», acrescentou.

Numa carta de 2 de Junho de 1925, Stáline responde-lhe: «*A palavra de ordem (...) “enriquecei-vos” não é a nossa e é incorrecta (...) A nossa palavra de ordem é a acumulação socialista.*»²¹

O economista burguês Kondrátiev era nessa época o especialista mais influente nos comissariados da Agricultura e das Finanças. Defendia uma maior diferenciação no campo, taxas menos pesadas para os camponeses ricos, a redução das «taxas insuportáveis de desenvolvimento industrial» e uma reorientação de recursos da indústria pesada para a indústria ligeira.²²

Chaiánov, um economista burguês pertencente a outra escola, defendia o desenvolvimento de «cooperativas verticais», primeiro para a venda, depois para transformação industrial dos produtos agrícolas, como alternativa à orientação para as cooperativas de produção, ou seja, para os *kolkhozes*.

Esta política teria enfraquecido as bases económicas do socialismo e desenvolvido novas forças capitalistas no campo e na indústria ligeira. Protegendo-se o capitalismo ao nível da produção, a burguesia rural teria também dominado as cooperativas de venda. Bukhárine foi directamente influenciado por estes dois especialistas, nomeadamente quando declarou, em Fevereiro de 1925, que «*as explorações colectivas não são a linha principal, a auto-estrada, a estrada principal pela qual os camponeses chegarão ao socialismo.*»²³

Em 1927, o campo teve uma colheita medíocre. A quantidade de trigo vendida nas cidades diminuiu de forma dramática. Os kulaques, que tinham reforçado a sua posição, açambarcaram o trigo para especular com a penúria e provocar uma subida de preços ainda maior. Bukhárine exprime a opinião de que era necessário aumentar os preços de compra oficiais e abrandar a industrialização. «*Praticamente todos os economistas não membros do Partido apoiavam estas conclusões*», anota Davies.²⁴

Apostar no kolkhoz...

Stáline compreendeu que o socialismo estava ameaçado de três lados. Havia o risco de revoltas de fome nas cidades, o reforço da posição dos kulaques no campo podia tornar impossível a industrialização socialista e era de recear eventuais intervenções militares estrangeiras.

Segundo Kalínine,²⁵ o presidente da URSS, uma comissão do Bureau Político para o desenvolvimento dos *kolkhozes*, dirigida por Mólotov, operou em 1927 «uma revolução mental».²⁶ O seu trabalho desembocou na adopção de uma resolução ao XV Congresso do Partido, em Dezembro de 1927, onde se lê:

«Qual é a via de saída? A via consiste em transformar as explorações camponesas, pequenas e desintegradas, em explorações amplas e integradas, na base da laboração comum da terra; na passagem para o trabalho colectivo com base numa nova técnica mais desenvolvida. A via de saída consiste em juntar de forma gradual mas constante as pequenas e limitadas explorações camponesas, não mediante métodos de pressão, mas através do exemplo e do trabalho de esclarecimento, para fazer delas grandes empresas na base do trabalho comum e fraternal da terra, fornecendo-lhes máquinas agrícolas e tractores e utilizando métodos científicos para a intensificação da agricultura.»²⁷

No mesmo ano de 1927 é decidido reforçar a «política de limitação das tendências exploradoras da burguesia rural». O governo impõe impostos mais elevados sobre os rendimentos dos kulaques e atribui-lhes quotas superiores de entrega de cereais ao Estado. Os soviets de aldeia são autorizados a confiscar-lhes excedentes de terra. É-lhes limitado o número de operários que podem contratar.²⁸

...ou no camponês individual?

Tal como em 1927, a colheita de 1928 voltou a ser inferior à de 1926 em cerca de 3,5 a 4,5 milhões de toneladas de cereais, devido às péssimas condições climáticas. Em Janeiro de 1928, o Bureau Político decidiu, por unanimidade, recorrer a métodos excepcionais de requisição de trigo aos kulaques e camponeses abastados para assim evitar a fome nas cidades.

«O descontentamento dos operários era crescente. Observavam-se tensões no campo. A situação era considerada sem saída. Era preciso encontrar a todo custo pão para alimentar as cidades», escreverão dois bukharinistas em 1928.²⁹

A direcção do Partido em torno de Stáline não via senão uma saída: desenvolver tão rapidamente quanto possível o movimento kolkhoziano. Bukhárine opôs-se. A 1 de Junho de 1926 enviou uma carta a Stáline. Os *kolkhozes*, dizia, não podem ser a saída porque é preciso vários anos para os formar; tanto mais que não estamos em condições de lhes fornecer máquinas no imediato. *«É preciso favorecer as explorações camponesas individuais e normalizar as relações com o campesinato.»³⁰*

O desenvolvimento das explorações individuais tornou-se o eixo da política de Bukhárine. Dizia aceitar que o Estado se apropriasse de uma parte da produção das explorações individuais em benefício do desenvolvimento da indústria, mas este «bombeamento» deveria fazer-se por intermédio dos mecanismos de mercado.

Stáline dirá em Outubro desse ano, dirigindo-se a Bukhárine:

«Nas fileiras do nosso Partido há pessoas, talvez elas próprias sem se darem conta disso, que tentam adaptar a causa da nossa construção socialista aos gostos e necessidades da burguesia “soviética”.»³¹

A situação nas cidades continuava a degradar-se. No decurso dos anos 1928 e 1929 torna-se necessário racionar primeiro o pão, em seguida o açúcar, o chá e a carne. Entre 1 de Outubro de 1927 e o mesmo dia de 1929, os preços dos produtos agrícolas aumentam 25,9 por cento; o preço do trigo no mercado livre sobe 289 por cento. ³²

No início de 1929, Bukhárine fala dos «elos de uma cadeia única da economia socialista» e precisa: *«As famílias cooperativas kulaques integrar-se-ão de modo igual, por intermédio de bancos etc., no mesmo sistema.»* (...) *«Nos campos, a luta de classes deflagra aqui e acolá sob a sua forma antiga e este agravamento é, normalmente, provocado pelos elementos kulaques. (...) No entanto, em geral, os casos deste género produzem-se lá onde o aparelho soviético local é ainda fraco. À medida que este aparelho se aperfeiçoar, à medida que se aperfeiçoarem e se robustecerem as organizações locais do Partido e da juventude comunista no campo, os fenómenos deste género tornar-se-ão cada vez mais raros e finalmente desaparecerão sem deixar marcas».*³³

Através destas posições, Bukhárine desenvolve já uma política social-democrata de «pacificação de classes». Cegara diante da feroz determinação dos kulaques de se oporem por todos os meios à colectivização. Procurava a causa da luta de classes nas «debilidades» do aparelho do governo e do Partido, não compreendendo que estes aparelhos no campo estavam fortemente infiltrados e influenciados pelos kulaques. A depuração destes aparelhos será por isso ela própria uma luta de classe integrada na ofensiva contra os kulaques.

No plenário do Comité Central de Abril de 1929, Bukhárine propôs a importação de trigo, o fim das medidas de excepção contra «os camponeses», o aumento dos preços dos produtos agrícolas, a afirmação da «legalidade revolucionária», o abrandamento do ritmo da industrialização e a aceleração da produção de meios de produção agrícolas.

Káganovitch³⁴ respondeu-lhe: *«Não fez nenhuma proposta nova, e não será capaz de o fazer porque elas não existem, porque estamos confrontados com o inimigo de classe que lança uma ofensiva contra nós, que se recusa a fornecer os seus excedentes de trigo para a industrialização e que declara: “dêem-me um tractor, dêem-me direitos eleitorais e então terão trigo”.»³⁵*

A primeira vaga da colectivização

Stáline decidiu aceitar o repto de levar a revolução socialista para o campo e travar o combate final com a última classe capitalista na União Soviética, os kulaques, a burguesia agrária.

O kulaque

A burguesia sempre afirmou que a colectivização na URSS «destruiu as forças dinâmicas no campo» e causou a estagnação permanente da agricultura. Descreve os kulaques como camponeses individuais «dinâmicos e empreendedores». Esta ficção ideológica tem como único objectivo difamar o socialismo e glorificar a exploração. Para

se compreender a luta de classes que se desenvolveu na URSS é necessário ter um retrato mais realista do kulaque russo.

Eis o que escreveu ao final do século XIX um dos melhores especialistas russos da vida camponesa: «Cada comuna de aldeia tem sempre três a quatro kulaques e também uma boa meia dúzia de sanguessugas menores da mesma espécie. Não precisam de qualificações nem de trabalhar arduamente, são apenas expeditos em utilizar no seu próprio interesse as necessidades, as preocupações, a miséria e a desgraça dos outros.» (...) «A característica dominante desta classe é a crueldade dura e imperturbável, própria dos indivíduos sem qualquer educação, que fizeram o seu caminho da pobreza para a riqueza e passaram a acreditar que ganhar dinheiro, não importa por que meio, é o único objectivo ao qual um homem racional se pode consagrar.»³⁶

O americano E. J. Dillon, que tinha um profundo conhecimento da velha Rússia, escreveu: «De todos os monstros humanos que encontrei durante as minhas viagens, não me recordo de nenhum que fosse tão mau e odioso como o kulaque russo.»³⁷

Os kolkhozes ultrapassam os kulaques

Se os kulaques, que representavam já cinco por cento dos camponeses, lograssem alargar sua base económica e impor-se definitivamente como força dominante no campo, o poder socialista nas cidades não poderia resistir ao cerco das forças burguesas. A URSS permanecia um país onde o campesinato representava 82 por cento da população. Se o partido bolchevique deixasse de ser capaz de assegurar o abastecimento de víveres dos operários a preços relativamente baixos, o poder da classe operária ver-se-ia ameaçado nos seus próprios fundamentos.

Daqui a necessidade de acelerar a colectivização de certos sectores no campo para aumentar a produção mercantil de cereais numa base socialista. A manutenção de um preço relativamente baixo do trigo mercantil era essencial para o êxito da industrialização acelerada. A burguesia rural ascendente jamais aceitaria tal política. Só os camponeses pobres e médios agrupados em cooperativas poderiam apoiá-la. A industrialização permitiria ao mesmo tempo modernizar o campo, aumentar a sua produtividade e elevar o seu nível cultural. Era preciso produzir tractores, camiões e ceifeiras para fornecer uma base material sólida ao socialismo no campo. Para o alcançar, era imperioso acelerar o ritmo da industrialização.

A 1 de Outubro de 1927, contavam-se 286 mil famílias camponesas nos *kolkhozes*. Em 1 de Junho de 1929, já eram 1,008 milhões.³⁸ Em quatro meses, entre Junho e Outubro de 1927, a percentagem dos camponeses kolkhozianos aumentou de quatro para 7,5 por cento.³⁹

Em 1929, a agricultura colectivizada produziu 2,2 milhões de toneladas de trigo mercantil, tanto quanto os kulaques tinham produzido dois anos antes. Stáline mostra-se convencido de que, no ano seguinte, a sua produção permitiria fornecer 6,6 milhões de toneladas às cidades.

Em 27 de Dezembro de 1929, Stáline declarou: «Temos agora uma base material suficiente para golpear o kulaque, quebrar a sua resistência, liquidá-lo como classe e substituir a sua produção pela produção dos kolkhozes e dos sovkhozes.»⁴⁰

Um movimento de massas impetuoso

Assim que o Comité Central do partido bolchevique lançou a ideia da aceleração da colectivização, desencadeou-se um movimento espontâneo apoiado nas regiões por activistas, jovens, antigos soldados do Exército Vermelho e pelo aparelho local do Partido.

No início de Outubro, 7,5 por cento dos camponeses já tinham entrado para os *kolkhozes* e o movimento alargava-se. O Partido, que tinha indicado a orientação geral da colectivização, seguia mais este movimento de massas do que propriamente o organizava.

«*O facto essencial da nossa vida social e económica no momento actual, o facto que desperta a atenção de todos, é o crescimento colossal do movimento kolkhoziano*», afirmou Stáline em 27 de Dezembro de 1929. «*Agora, a “deskulaquização” é feita pelas próprias massas de camponeses pobres e médios, que realizam a colectivização total.*»⁴¹

No momento da adopção do primeiro plano quinquenal, em Abril de 1929, o Partido tinha previsto a colectivização de dez por cento dos camponeses até 1932-33. Os *kolkhozes* e *sovkhoses* produziram então 15,5 por cento dos cereais. Isto seria suficiente para repelir os kulaques.⁴² Porém, logo em Junho, Andréiev,⁴³ o secretário do Partido no Cáucaso do Norte, anunciou que 11,8 por cento das famílias já haviam entrado para os *kolkhozes* e que se poderia atingir os 22 por cento no final de 1929.⁴⁴

A 1 de Janeiro de 1930, eram membros de um *kolkhoz* 18,1 por cento das famílias camponesas. Um mês mais tarde já eram 31,7 por cento.⁴⁵ Lynne Viola anotou: «*A colectivização adquiriu muito rapidamente uma dinâmica própria, imprimida essencialmente pela iniciativa dos quadros rurais. O centro correu o risco de perder o controlo do movimento.*»⁴⁶

Os objectivos fixados pelo Comité Central na sua resolução de 5 de Janeiro de 1930 foram fortemente «corrigidos» em alta pelos comités regionais. Depois, os comités distritais licitaram ainda mais alto, fixando ritmos espantosos. Em Janeiro de 1930, as regiões dos Urais, do Baixo Volga e do Médio Volga já registavam níveis de colectivização entre 39 e 56 por cento. Várias regiões adoptaram planos para a colectivização total num só ano e até mesmo em alguns meses.⁴⁷

Um comentador soviético contemporâneo escreveu: «Se o Centro fala de 15 por cento de famílias a incluir nos *kolkhozes*, a região aumenta o número para 25, o *okrug* para 40 e o distrito para 60 por cento.⁴⁸ (O *okrug* era uma unidade administrativa que desapareceu em 1930. Havia, no começo desse ano, 13 regiões divididas em 207 *okrugs*, subdivididos em 2811 distritos e 71 780 soviets de aldeia).

A guerra contra o kulaque

Esta corrida desenfreada para a colectivização foi acompanhada de um movimento de «deskulaquização»: os kulaques foram expropriados e por vezes exilados. De facto, assistia-se a um novo assalto no feroz combate secular entre camponeses pobres e ricos. Desde há séculos que os pobres eram sistematicamente batidos e esmagados quando, em desespero, ousavam revoltar-se e insurgir-se. Mas agora, pela primeira vez, tinham a força legal do Estado do seu lado.

Um estudante que trabalhava num *kolkhoz* afirmou, em 1930, ao norte-americano Hindus: «*Foi e ainda é uma guerra. O kulaque tem de ser eliminado do nosso caminho*

*tão completamente quanto um inimigo na frente de batalha. Ele é o inimigo nesta frente. Ele é o inimigo do kolkhoz».*⁴⁹

Preobrajénski, que tinha apoiado fortemente Trótski, era agora um defensor entusiasta da batalha pela colectivização. *«As massas trabalhadoras do campo foram exploradas durante séculos. Agora, depois de uma longa série de derrotas sangrentas, que começaram com as insurreições da Idade Média, pela primeira vez na história da humanidade, o seu poderoso movimento tem a possibilidade de vitória.»*⁵⁰ O radicalismo no campo é também estimulado pela mobilização e efervescência gerais no país em vias de industrialização.

O papel essencial das massas mais oprimidas

Inumeráveis livros anticomunistas afirmam que a colectivização foi «imposta» pela direcção do Partido e por Stáline e realizada sob terror. Isto é uma contraverdade. O impulso essencial dos episódios violentos da colectivização veio das massas camponesas mais oprimidas. Para elas não havia alternativa à colectivização.

Um camponês da região das Terras Negras declarou: *«Vivi toda a minha vida entre os operários agrícolas. A Revolução de Outubro deu-me terra, recebi créditos todos os anos, comprei um cavalo reles, mas não posso trabalhar a terra, os meus filhos são miseráveis e passam fome, não consigo melhorar a minha quinta apesar da ajuda das autoridades soviéticas. Creio que só há uma saída: juntar uma coluna de tractores e fazer com que isso funcione.»*⁵¹

Lynne Viola escreveu: *«A colectivização, ainda que tenha sido iniciada e apoiada pelo Centro, concretizou-se largamente através de uma série de medidas políticas ad hoc, tomadas em resposta às iniciativas espontâneas dos órgãos do Partido e do governo ao nível das regiões e dos distritos. Mais do que por Stáline e pelas autoridades centrais, a colectivização e a agricultura colectiva foram moldadas pela actividade indisciplinada e irresponsável de funcionários rurais, pelas experiências dos dirigentes das explorações colectivas, que tinham de se desenvencilhar, e pelas realidades de um campo atrasado.»*⁵²

Lynne Viola coloca justamente a tónica na dinâmica própria da base. Mas a sua interpretação dos factos é unilateral. Compreende mal o fio condutor da política aplicada de forma consequente por Stáline e pelo partido bolchevique. O Partido elaborava a orientação geral, depois cabia à base e aos quadros intermédios aplicarem-na; os resultados desta experimentação serviam então para a elaboração de novas directivas, de correcções, de rectificações.

Lynne Viola prossegue: *«O Estado dirigia através de circulares e decretos, mas não tinha nem a infra-estrutura organizativa nem o pessoal para impor a sua via ou para assegurar a aplicação correcta da sua política na gestão do campo. As raízes do sistema de Stáline no campo não residem na expansão dos controlos do Estado, mas na própria ausência desses controlos e de um sistema de administração ordenado, o que, em contrapartida, tinha como resultado que a repressão se tornava o instrumento principal do poder no campo.»*⁵³

Esta conclusão, baseada numa observação atenta da marcha real da colectivização, permite duas observações. A primeira é que a tese do «totalitarismo comunista» exercido por uma «burocracia do Partido omnipresente» não tem qualquer relação com a

realidade do exercício do poder soviético sob Stáline. É uma fórmula pela qual a burguesia simplesmente vomita seu ódio cego contra o socialismo real. Em 1929-1933, o Estado soviético não possuía nem os meios técnicos nem o pessoal qualificado necessário nem o enquadramento comunista suficiente para dirigir de forma planeada e ordenada a colectivização; descrevê-lo como um Estado todo-poderoso e totalitário é um absurdo.

A segunda é que o impulso essencial da colectivização vinha dos camponeses mais oprimidos. O Partido preparou e iniciou a colectivização, comunistas da cidade enquadraram-na, mas esta revolução gigantesca dos hábitos camponeses só poderia ter êxito se os camponeses mais oprimidos estivessem convencidos da sua necessidade. O julgamento de Lynne Viola de que «a repressão se tornou o instrumento principal do poder» não corresponde à realidade. O instrumento principal era a mobilização, a consciencialização, a formação, a organização das massas fundamentais do campesinato. Mas esta obra construtiva necessitou efectivamente da «repressão», ou seja, realizou-se, e não podia ser de outro modo, através de duras lutas de classe contra os homens e hábitos do antigo regime.

Todos os anticomunistas afirmam que Stáline era o representante da burocracia todo-poderosa que asfixiava a base. Isto é totalmente contrário à verdade. Para aplicar a sua linha revolucionária, a direcção bolchevique teve frequentemente de fazer apelo às forças revolucionárias da base para isolar certas fracções do aparelho burocrático. Viola reconhece-o: *«A revolução não se realizou através dos canais administrativos regulares; pelo contrário, o Estado apelava directamente à base do Partido e aos sectores-chave da classe operária para contornar os funcionários rurais. O recrutamento maciço de operários e de quadros urbanos e o isolamento da burocracia visavam abrir brechas políticas para lançar os fundamentos do sistema novo.»*⁵⁴

A linha organizativa da colectivização

Como reagiram Stáline e a direcção do Partido à explosão espontânea e violenta da colectivização e da «deskulaquização»? Essencialmente tentaram orientar política e praticamente o movimento em marcha, discipliná-lo e rectificá-lo.

A direcção do Partido fez tudo o que estava ao seu alcance para que a grande revolução da colectivização se desenvolvesse nas melhores condições e com os menores custos. Mas não podia impedir a eclosão de antagonismos profundos nem «saltar» por cima do estado de atraso do campo.

O aparelho do Partido no campo

Para se compreender a política do partido bolchevique durante a colectivização, é essencial saber que, no início de 1930, os aparelhos partidário e de governo no campo eram ainda extremamente fracos – exactamente o oposto à «terrível máquina totalitária» imaginada pelos adversários do comunismo. A fraqueza do aparelho comunista era uma das condições que permitia aos kulaques lançarem todas as suas forças num combate furioso contra a nova sociedade.

A 1 de Janeiro de 1930, contavam-se 339 mil comunistas numa população rural que rondava 120 milhões de pessoas! Para cada região de 10 mil habitantes havia 28

comunistas.⁵⁵ Apenas existiam células do Partido em 23 458 dos 70 849 soviets de aldeia e, segundo o secretário da região do Volga Central, Khataévitch,⁵⁶ alguns soviets de aldeia eram «agências directas dos kulaques.»⁵⁷ Antigos kulaques e antigos funcionários do tsar, mais conhecedores dos mecanismos da vida pública, infiltravam-se largamente no Partido. O núcleo do Partido era constituído por jovens camponeses que tinham combatido no Exército Vermelho durante a Guerra Civil. Esta experiência política havia moldado a sua maneira de ver e de agir. Tinham o hábito de comandar e conheciam mal o significado da educação e da mobilização políticas.

*«A estrutura da administração rural era pesada, as linhas de comando confusas, a delimitação das responsabilidades e funções era vaga e pouco definida. Em consequência, na aplicação da política rural, verificava-se frequentemente tanto uma tendência para a inércia extrema como para um estilo de mobilização similar ao da Guerra Civil».*⁵⁸ Foi com este aparelho, que sabotava ou desvirtuava frequentemente as instruções do Comité Central, que se desenvolveu o combate aos kulaques e à velha sociedade.

«No essencial», como disse Káganovitch em 20 de Janeiro de 1930, *«temos de criar uma organização do Partido no campo capaz de dirigir o grande movimento pela colectivização.»*⁵⁹

Medidas extraordinárias de organização

Confrontada com o radicalismo da base e com uma vaga violenta de colectivização anárquica, a direcção do Partido esforçou-se, em primeiro lugar, por manter os acontecimentos sob controlo. Dadas as fraquezas e a pouca fiabilidade do aparelho do Partido no campo, o Comité Central toma várias medidas extraordinárias de organização, desde logo, ao nível central.

A partir de meados de Fevereiro de 1930, vários membros do Comité Central, nomeadamente Ordjonikídze, Káganovitch e Iákovlev, são enviados para o campo para efectuar inquéritos.

Depois são convocados três importantes encontros nacionais, sob a direcção do Comité Central, para concentrar a experiência adquirida. A reunião de 11 de Fevereiro foi consagrada aos problemas da colectivização nas regiões das minorias nacionais e a de 21 de Fevereiro analisou as regiões deficitárias em trigo. Por último, em 24 de Fevereiro, realizou-se uma conferência nacional para examinar os erros e excessos cometidos no decurso da colectivização.

De seguida, ao nível da base no campo, são mobilizados 250 mil comunistas nas cidades para participarem na colectivização nas zonas rurais. Estes militantes trabalham sob a direcção dos «quartéis-generais» da colectivização, criados especialmente ao nível dos *okrugs* e dos distritos, em que participam responsáveis do comité regional ou do Comité Central.⁶⁰ No *okrug* de Tambov, por exemplo, antes de iniciarem o trabalho no terreno, os enviados começaram por participar em conferências e cursos de curta duração, primeiro a nível do *okrug* e depois a nível distrital. Tinham instruções para «aplicar métodos de trabalho de massas»: em primeiro lugar, esclarecer os activistas locais, o soviets de aldeia e as reuniões de camponeses pobres, depois os pequenos grupos de camponeses pobres e médios e, finalmente, organizar uma reunião geral da aldeia, com exclusão dos kulaques. As suas instruções estipulam também que «o

constrangimento administrativo não deve ser usado para pressionar os camponeses médios a aderir aos *kolkhozes*.»⁶¹

No mesmo *okrug* de Tambov, durante o inverno de 1929-30, são organizados cursos e conferências de dois a dez dias para dez mil camponeses, mulheres *kolkhozianas*, camponeses pobres e presidentes de soviete.

Durante as primeiras semanas de 1930, na Ucrânia, foram organizados 3977 cursos de curta duração para 275 mil camponeses. No Outono de 1929, o Exército Vermelho formou 30 mil activistas, nos domingos e tempos livres, bem como um outro contingente de 100 mil pessoas, nos primeiros meses de 1930. O Exército Vermelho formou ainda um grande número de condutores de tractores, especialistas da agricultura, operadores de cinema e de rádio.⁶²

A maior parte das pessoas vindas da cidade trabalhava no campo apenas durante alguns meses. Assim, em Fevereiro de 1930, foi decretada a mobilização de 7200 membros dos sovietes urbanos para trabalharem no campo durante pelo menos um ano. Novos efectivos do Exército Vermelho e operários industriais foram transferidos de forma permanente para os *kolkhozes*. Em Novembro de 1929 é decidida a célebre campanha dos «25 Mil».

Os «25 Mil»

O Comité Central lançou um apelo a 25 mil operários experientes das grandes fábricas para se dirigirem para o campo e apoiarem a colectivização. Apresentaram-se mais de 70 mil. Foram seleccionados 28 mil jovens que tinham combatido na Guerra Civil, membros do Partido e do *Komsomol*.

Sobre estes operários conscientes do papel dirigente da classe operária nas transformações socialistas no campo, Lynne Viola escreveu: «*Viam na revolução de Stáline um meio de arrancarem a vitória final do socialismo depois de anos de guerra, de sofrimento e de privação. Viam a revolução como uma solução para os problemas do atraso, do défice aparentemente crónico de alimentos e do cerco capitalista.*»⁶³

Antes de partirem, era-lhes explicado que seriam os olhos e os ouvidos do Comité Central: graças à sua presença na primeira linha, a direcção esperava adquirir um conhecimento material das convulsões no campo e dos problemas da colectivização. É-lhes expressamente ordenado que transmitam aos camponeses a sua experiência de organização adquirida como operários industriais: o hábito secular do trabalho individual constituía um obstáculo sério à exploração colectiva da terra. Finalmente, é-lhes dito que teriam de avaliar as qualidades comunistas dos funcionários do Partido e, se necessário, expurgar o Partido de elementos estranhos e indesejáveis.

Foi durante o mês de Janeiro de 1930 que os «25 mil» chegaram à frente da colectivização. A análise detalhada das suas actividades e do papel que desempenharam fornece-nos uma ideia realista desta grande luta revolucionária de classe que foi a colectivização. Estes operários mantiveram uma correspondência regular com a sua fábrica e o seu sindicato, e estas cartas permitem-nos hoje conhecer com precisão o que se passou nas aldeias.

Os «25 Mil» contra a burocracia

Logo à chegada, os «25 Mil» tiveram de lançar-se no combate ingrato contra o burocratismo do aparelho local e contra os excessos cometidos durante a colectivização.

Lynne Viola escreveu: «Qualquer que fosse a sua posição, os “25 Mil” eram unânimes na crítica ao comportamento dos órgãos de distrito durante a colectivização. Afirmavam que a responsabilidade pela corrida às mais altas percentagens da colectivização lhes pertencia.»⁶⁴

Zakhárov, um dos «25 Mil», escreveu que não tinha sido feito nenhum trabalho preparatório junto dos camponeses e que, por isso, não estavam de forma alguma preparados para a colectivização.⁶⁵ Muitos queixaram-se de actos ilegais e da brutalidade dos quadros rurais. Makóvskaia denuncia a «atitude burocrática dos quadros em relação aos camponeses» e afirma que os funcionários falam da colectivização «com um revólver na mão».⁶⁶ Baríchev relata que numerosos camponeses médios tinham sido «deskulaquizados». Naúmov coloca-se do lado dos camponeses na sua luta contra os quadros do Partido, que «se apropriaram de bens confiscados aos kulaques». Lynne Viola conclui: «Os “25 Mil” viam os funcionários rurais como pessoas rudes, indisciplinadas, frequentemente corruptas e, em muitos casos, representantes das classes hostis.»⁶⁷

Opondo-se aos burocratas e aos seus excessos, os «25 Mil» conseguem ganhar a confiança das massas camponesas.⁶⁸ Tudo isto merece ser sublinhado, já que estes operários eram, por assim dizer, os enviados de Stáline. E foram precisamente estes «stalinistas» que combateram conseqüentemente o burocratismo e os excessos e defenderam a via correcta da colectivização.

Os «25 Mil» contra os kulaques

De seguida os «25 Mil» desempenharam um papel preponderante no combate contra os kulaques. Antes de tudo, tiveram de enfrentar a arma terrível dos rumores e da difamação, conhecida como «a *agitprop*» dos kulaques. A massa camponesa analfabeta, vivendo em condições bárbaras, submetida à influência dos popes, era facilmente manipulada. Os popes alegavam que o reino do anticristo havia chegado. Os kulaques acrescentavam que aqueles que entrassem no *kolkhoz* faziam um pacto com o anticristo.⁶⁹

Entre os «25 Mil», muitos foram agredidos e espancados. Várias dezenas foram assassinados, mortos a tiro ou à machadada pelos kulaques.

Os «25 Mil» e a organização da produção agrícola

Mas a contribuição essencial dos «25 Mil» no campo foi a introdução de um sistema completamente novo de gestão da produção e um novo estilo de vida e de trabalho.

Os camponeses pobres, que se encontravam na primeira linha do combate pela colectivização, não faziam a menor ideia de como organizar a produção colectiva. Tinham ódio à exploração e, por esta razão, eram aliados sólidos da classe operária. Mas, enquanto produtores individuais, não podiam criar um novo modo de produção. Esta é

uma das razões pelas quais a ditadura do proletariado é necessária. A ditadura do proletariado exprimia-se, nomeadamente, na direcção ideológica e organizativa dos camponeses pobres e médios por parte da classe operária e do Partido Comunista.

Os operários instituíram a jornada de trabalho com horário regular e chamada pela manhã. Inventaram sistemas de remuneração «à tarefa» e escalas salariais. Por todo o lado, era necessário introduzir ordem e disciplina. Frequentemente os *kolkhozes* não estavam sequer delimitados. Não havia inventários da maquinaria, das alfaias ou das peças sobressalentes. Não era feita a manutenção das máquinas, não havia estábulos, nem reservas de forragem. Os operários introduziram as conferências de produção, onde os *kolkhozianos* transmitiam a sua experiência prática, organizaram a emulação socialista entre as diferentes brigadas, instalaram tribunais de trabalho que julgavam as infracções aos regulamentos e as faltas por negligência.

Os «25 Mil» operários encarnavam também o apoio do proletariado ao campesinato *kolkhoziano*. A pedido dos «seus» operários destacados, as fábricas enviavam equipamentos agrícolas, peças sobressalentes, geradores, livros, jornais e outros objectos que não existiam no campo. Brigadas de trabalhadores vinham da cidade para executar determinados trabalhos técnicos ou de reparação e para ajudar na colheita.

O operário tornou-se também mestre-escola, ensinando conhecimentos técnicos. Frequentemente ocupava-se da contabilidade, formando ao mesmo tempo jovens contabilistas. Dava cursos elementares de política e agricultura. Por vezes fazia alfabetização.

A contribuição dos «25 Mil» para a colectivização foi enorme. Nos anos 20, «pobreza, analfabetismo e predisposição crónica para as fomes periódicas caracterizavam em grande parte a paisagem rural».70 Os «25 Mil» ajudaram a formar as estruturas organizativas de base da agricultura socialista para o quartel seguinte do século. Viola escreveu: «*Um novo sistema de produção agrícola foi estabelecido e, apesar dos problemas que também teve, pôs fim às crises periódicas que caracterizavam as relações de mercado anteriormente existentes entre o campo e as cidades.*»71

A orientação política da colectivização

Em simultâneo com todas estas decisões organizativas, o Comité Central elaborou medidas e directivas políticas para orientar a colectivização. Desde logo é importante notar que tiveram lugar discussões vivas e prolongadas no Partido sobre a rapidez e envergadura da colectivização.

Em Outubro de 1929, o *okrug* de Koper, na região do Baixo Volga, apresentou uma taxa de colectivização de 55 por cento, quando no anterior mês de Junho tinha apenas 2,2 por cento das famílias colectivizadas. Desconfiando da rapidez e da envergadura do processo, o *Kolkhoztentr* (União dos *kolkhozes*) enviou uma comissão para conduzir um inquérito. O seu presidente, Baránov, relatou: «*As autoridades locais operam segundo um sistema de “trabalho de vanguarda” adaptado ao “campo”. A palavra de ordem é: quanto mais tivermos, melhor. As directivas são por vezes transformadas no slogan: aqueles que não se juntam ao *kolkhoz* são inimigos do poder soviético. Não houve actividade alargada junto das massas. Em certos casos, eram feitas promessas estrondosas de tractores e de créditos: Tereis tudo, juntai-vos ao *kolkhoz*.*»72

Por seu lado, Cheboldáiev,⁷³ secretário do Partido da região do Baixo Volga, apoiou no *Pravda* a rápida expansão da colectivização em Khover. Saudou «o entusiasmo e o ardor enormes na laboração colectiva da terra». Apenas cinco a dez por cento dos aldeãos se opõem à colectivização, afirmava Cheboldáiev, considerando que tal constitui «um grande movimento de massas que ultrapassa largamente as nossas noções sobre o trabalho da colectivização.»⁷⁴

Porém, existiam opiniões contraditórias em todas as unidades, inclusive nesta unidade «modelo» de Khover. A 2 de Novembro de 1929, o jornal *Krasni Khover* relatava com entusiasmo as jornadas de laboração colectiva e a formação dos novos *kolkhozes*. Mas um artigo na mesma edição prevenia contra uma colectivização apressada e contra o recurso a ameaças para empurrar os camponeses pobres para os *kolkhozes*. Um outro artigo afirmava que, em certos locais, os kulaques tinham pressionado toda a aldeia a entrar no *kolkhoz* para desacreditar a colectivização.⁷⁵

Durante o plenário do Comité Central de Novembro de 1929, Cheboldáiev defendeu a experiência de Khover com seus «colonos a cavalo». À falta de tractores, «a simples unificação e reunião das explorações pode aumentar a produtividade do trabalho». Declara que a colectivização em Khover era «um movimento espontâneo das massas de camponeses pobres e médios» e que apenas 10 a 12 por cento tinham votado contra.

«O Partido não deve “travar” este movimento. Isso seria um erro do ponto de vista político e económico. O Partido deve fazer tudo para se colocar à cabeça do movimento e dirigi-lo com canais organizados. No momento actual, este movimento de massas ultrapassou indiscutivelmente as autoridades locais e existe aí o perigo de que possa ser desacreditado». Cheboldáiev afirma que 25 por cento das famílias estavam já colectivizadas e que, no final de 1930 ou meados de 1931, a colectivização estará no essencial realizada.⁷⁶

Kossior,⁷⁷ que falou no plenário sobre a situação na Ucrânia, relatou que em dezenas de aldeias a colectivização tinha sido «insuflada e criada artificialmente»: a população não participa nem foi devidamente informada. Mas «as numerosas manchas de sombra não devem impedir de ver o quadro geral da colectivização.»⁷⁸

Fica pois claro que se manifestaram no Partido muitas opiniões contraditórias no momento em que foi desencadeado o movimento da colectivização. Os revolucionários tinham o dever de descobrir e proteger a vontade das massas mais oprimidas. Estas procuravam sair do seu estado secular de atraso político, cultural e técnico. Era preciso encorajá-las a avançar na luta, único método capaz de abalar e destruir as relações sociais e económicas profundamente ancoradas. O oportunismo de direita esforçava-se para travar tanto quanto possível esta tomada de consciência difícil e contraditória.

No entanto, também se podia forçar excessivamente o ritmo da colectivização, rejeitando-se na prática os princípios defendidos pelo Partido. Esta tendência agrupava tanto o esquerdismo, que mantinha os métodos herdados da Guerra Civil – quando era hábito «comandar» a revolução –, como o burocratismo, que procurava agradar à direcção mostrando «grandes realizações»; mas os exageros podiam também ser obra da contra-revolução, que pretendia comprometer a colectivização levando-a ao absurdo.

A resolução de Novembro de 1929

A resolução do Comité Central de 17 de Novembro de 1929, que lança a colectivização, efectuou o balanço das discussões no Partido. Partia da constatação de que o número de famílias camponesas nos *kolkhozes* havia passado de 445 mil, em 1927-28, para um

milhão e 40 mil um ano depois. O peso dos *kolkhozes* na produção de cereais comercializados passara de 4,5 por cento para 12,9 por cento no mesmo período.

«Este avanço sem precedentes da colectivização, que ultrapassa as projecções mais optimistas, atesta o facto de que as verdadeiras massas de famílias camponesas médias, convencidas na prática das vantagens das formas colectivas da agricultura, aderiam ao movimento.

(...) Esta ruptura decisiva na atitude das massas de camponeses pobres e médios em relação aos kolkhozes (...) marca uma nova etapa histórica na construção do socialismo no nosso país.»⁷⁹

Este progresso da colectivização tornou-se possível graças à aplicação da linha do Partido para a edificação do socialismo nas diversas frentes.

«Os sucessos significativos do movimento kolkhoziano são um resultado directo da aplicação consequente da linha geral do Partido que assegurou um crescimento muito forte da indústria, um reforço da unidade entre a classe operária e as principais massas do campesinato, a formação de uma comunidade cooperativa, o reforço do activismo político das massas e o aumento dos recursos materiais e culturais do Estado proletário.»⁸⁰

Rejeitar o oportunismo de Bukhárine

O Comité Central sublinhou que este progresso formidável não se processava «em total tranquilidade», mas através de uma luta de classes muito áspera.

«Na situação do nosso país, caracterizada pelo cerco capitalista, pode dizer-se que a intensificação da luta de classes e a resistência obtusa dos elementos capitalistas ao avanço do socialismo aumentam a pressão dos elementos pequeno-burgueses sobre a parte menos estável de nosso Partido; suscitam uma ideologia de capitulação face às dificuldades, provocando a deserção e tentativas de concertação com os elementos kulaques e capitalistas na cidade e no campo. (...) Isto está na base da total incompreensão por parte do grupo de Bukhárine da intensificação da luta de classes que se produziu; é a base da sua subestimação da capacidade de resistência dos kulaques e dos Nepmen, da sua teoria antileninista, segundo a qual o kulaque “integrar-se-á” no socialismo, e da sua oposição à política de ofensiva contra os elementos capitalistas do campo.»⁸¹

«Os direitistas afirmavam que as taxas planeadas de crescimento da colectivização e da construção dos sovkhozes eram irrealistas; afirmavam que faltavam as condições materiais e técnicas necessárias e que os camponeses pobres e médios não queriam passar às formas colectivas da agricultura. Na realidade, assistimos a um crescimento de tal modo impetuoso da colectivização e a uma corrida de tal modo temerária para as formas socialistas da agricultura, por parte dos camponeses pobres e médios, que o movimento kolkhoziano já atingiu o ponto de passagem para a colectivização completa de distritos inteiros.» (...) «Os oportunistas de direita servem objectivamente de porta-vozes aos interesses económicos e políticos dos elementos pequeno-burgueses e dos grupos de kulaques capitalistas.»⁸²

O Comité Central indicava que era preciso estar atento à alteração das formas da luta de classes: se antes os kulaques faziam tudo para impedir o movimento kolkhoziano de se desenvolver, agora procuravam também destruí-lo do seu interior.

«O amplo desenvolvimento do movimento kolkhoziano produziu-se numa situação de intensa luta das classes no campo, que, aliás, alterou as suas formas e métodos. Os kulaques intensificam a sua luta directa e aberta contra a colectivização, chegando ao verdadeiro terror (assassinatos, incêndios e destruições); ao mesmo tempo, recorrem cada vez mais a formas de luta e de exploração camufladas e clandestinas, infiltrando os kolkhozes e mesmo as suas direcções com o objectivo de corrompê-los e fazê-los explodir do interior».

Por esta razão era preciso realizar um trabalho político em profundidade para formar um núcleo capaz de conduzir o kolkhoz pela via socialista. *«O Partido deve assegurar a cristalização de um núcleo de operários agrícolas e de camponeses pobres nos kolkhozes através de um trabalho persistente e regular.»*⁸³

Novas dificuldades, novas tarefas

O Partido não devia perder a cabeça com os sucessos obtidos, já que havia «novas dificuldades e insuficiências» a vencer.

O plenário enumerou-as: *«O baixo nível da base técnica dos kolkhozes; o nível inapropriado de organização e a fraca produtividade do trabalho nos kolkhozes; a grave carência de quadros kolkhozianos e a ausência quase total dos especialistas necessários; a composição social muito desfavorável numa parte dos kolkhozes; o facto de as formas de gestão estarem pouco adaptadas à envergadura do movimento kolkhoziano e de a direcção não acompanhar o ritmo e a amplitude do movimento, bem como o facto de os organismos que dirigem o movimento kolkhoziano serem com frequência fortemente insuficientes.»*⁸⁴

O Comité Central decide o arranque imediato da construção de duas novas fábricas de tractores, com uma capacidade de 50 mil unidades cada, e de duas novas fábricas de ceifeiras-debulhadoras, a ampliação das fábricas de máquinas agrícolas complexas e de produtos químicos e o desenvolvimento das estações de máquinas-tractores.⁸⁵

«A construção dos kolkhozes é impensável sem uma melhoria consequente dos padrões culturais do povo kolkhoziano.» Era preciso: lançar campanhas de alfabetização, criar bibliotecas, organizar a formação para os kolkhozianos e cursos por correspondência, realizar a escolarização dos jovens e a difusão maciça de conhecimentos agrícolas, intensificar o trabalho cultural e político junto das mulheres e organizar creches e cantinas públicas para lhes facilitar a vida, construir estradas e centros culturais, instalar a rádio e o cinema, correios e telefones, criar uma imprensa generalista e uma imprensa especializada destinada aos camponeses, etc..⁸⁶

Por último, o Comité Central alerta para o perigo dos desvios de esquerda. A radicalização dos camponeses pobres podia conduzir a uma desvalorização da aliança com os camponeses médios.⁸⁷

*«O plenário do Comité Central previne contra a subestimação das dificuldades na construção dos kolkhozes e, em particular, contra uma atitude formal e burocrática em relação a esta e na avaliação dos seus resultados.»*⁸⁸

A resolução de 5 de Janeiro de 1930

Seis semanas mais tarde, o Comité Central reuniu-se novamente para avaliar o desenvolvimento impetuoso do movimento kolkhoziano. Em 5 de Janeiro de 1930 é adoptada uma resolução capital, intitulada «*Sobre o grau de colectivização e a assistência do Estado à construção dos kolkhozes*». Nela assinala-se que já tinham sido semeados mais de 30 milhões de hectares numa base colectivizada, superando o objectivo de 24 milhões até ao final do quinquénio.

«*Assim, dispomos da base material para substituir a produção em grande escala dos kulaques pela produção em grande escala dos kolkhozes.*» (...) «*Podemos realizar a tarefa de colectivizar a esmagadora maioria das explorações camponesas*» até ao final do primeiro plano. A colectivização das regiões cerealíferas mais importantes poderá ficar concluída entre o Outono de 1930 e a Primavera de 1932.

O Partido devia apoiar o movimento espontâneo da base e intervir activamente para orientá-lo e dirigi-lo: «*O movimento kolkhoziano desenvolve-se espontaneamente a partir da base; as organizações do Partido devem dirigi-lo e dar-lhe forma, com o objectivo de assegurar a organização de uma produção verdadeiramente colectiva nos kolkhozes*».

A resolução prevenia contra erros esquerdistas. Era preciso não «subestimar o papel do cavalo» e não eliminar precipitadamente os animais de tracção na esperança de receber rapidamente tractores. Não se devia pretender colectivizar tudo: «*A forma de colectivização mais difundida é o artel, no qual os instrumentos de produção fundamentais (os animais de tracção, as máquinas e o material agrícola, os animais para a produção comercial) são colectivizados.*» E sobretudo: «*O Comité Central previne muito seriamente as organizações do Partido contra uma direcção do movimento kolkhoziano “por decreto”, a partir de cima – tal poderia criar o perigo de se substituir a emulação socialista autêntica na organização dos kolkhozes por uma forma de “jogo” da colectivização.*»⁸⁹

A «deskulaquização»

Para realizar a colectivização com êxito era necessário convencer os camponeses pobres e médios da superioridade do trabalho colectivo da terra, que permite introduzir a mecanização em grande escala. Além disso, a indústria socialista devia ser capaz de produzir os tractores e as máquinas que constituem o suporte material da colectivização. Finalmente, era preciso adoptar uma atitude correcta em relação aos kulaques, os adversários irredutíveis do socialismo no campo. Este último problema suscitou amplas discussões no Partido.

Eis em que termos a questão se colocava antes de se ter avançado para os kolkhozes. As palavras são de Mikoíane,⁹⁰ em 1 de Março de 1929: «*Apesar da autoridade política do Partido no campo, o kulaque tem mais autoridade no domínio económico: a sua exploração é melhor, o seu cavalo é melhor, as suas máquinas são melhores e a sua opinião é tida em conta nos assuntos económicos. O camponês médio pende para a autoridade económica do kulaque. E este manterá a sua autoridade enquanto não tivermos os kolkhozes.*»⁹¹

Rumores e intoxicações dos kulaques

A autoridade do kulaque apoiava-se em grande parte no atraso cultural, no analfabetismo, na superstição, nas crenças religiosas medievais da grande massa de camponeses. Assim, a sua arma mais terrível e mais difícil de contrariar era o rumor, a intoxicação.

Em 1928-29, corriam boatos idênticos em todo o imenso território soviético. No *kolkhoz*, as mulheres e as crianças serão colectivizadas. No *kolkhoz*, todos dormirão sob um enorme lençol comum. O governo bolchevique obrigará as mulheres a cortar os seus cabelos para a exportação. Os bolcheviques marcarão as mulheres na fronte para identificação. As populações locais serão russificadas.⁹² Muitas outras «informações» aterrorizantes circulavam. Nos *kolkhozes*, uma máquina especial queimaria os velhos para que não comessem mais pão. As crianças seriam retiradas aos seus pais e enviadas para as creches. Quatro mil jovens mulheres seriam enviadas para a China para pagar o caminho-de-ferro oriental chinês. Os *kolkhozianos* serão os primeiros a ser enviados para a guerra. Os crentes eram informados da chegada próxima do anticristo e do fim do mundo em dois anos.⁹³

No *okrug* de Tambov, os kulaques misturavam com grande mestria o boato com a propaganda política. Diziam que «*criar kolkhozes era instaurar uma espécie de servidão onde o camponês deverá novamente trabalhar debaixo de chicote; o poder soviético deveria primeiro enriquecer os camponeses e só depois estimular o estabelecimento de kolkhozes, e não fazer como agora, que tenta criar uma exploração próspera a partir de quintas arruinadas sem cereais.*»⁹⁴ Vemos aqui esboçar-se a aliança dos kulaques com os bukharinistas. Não se opondo abertamente ao poder soviético nem aliás aos *kolkhozes*, os kulaques sustentavam que, primeiro, era necessário deixar os camponeses enriquecerem-se, depois se veria quanto à colectivização. À semelhança de Bukhárine, que evoca a «exploração feudal do campesinato», os kulaques denunciavam «a servidão».

Que fazer com os kulaques?

Como se devia tratar os kulaques? Em Junho de 1929, Karpínski, um alto responsável do Partido, escreve que, quando a colectivização abranger a maioria das famílias, deve permitir-se que os kulaques possam aderir ao *kolkhoz*, com a condição de que entreguem os seus meios de produção aos fundos indivisíveis. Esta proposta teve o apoio Kamínski, o presidente da União dos *Kolkhozes*.

A 4 de Julho de 1929, realizou-se uma conferência do Departamento Rural do Comité Central. O mesmo ponto de vista foi desenvolvido pela direcção. Mas a maioria dos delegados, responsáveis locais do Partido, manifestou-se «categoricamente contra» a admissão dos kulaques nos *kolkhozes*. Um delegado declarou: «Se o kulaque entrar para o *kolkhoz*, transformará de uma maneira ou de outra a associação para o trabalho em comum da terra numa associação para pôr fim ao poder soviético.»⁹⁵

Em Julho de 1929, o secretário da Região do Volga Central, Khataévich, declarou que se devia aceitar os kulaques que entregassem os seus meios de produção ao *kolkhoz*, sob a condição de que o *kolkhoz* estivesse correctamente centrado nos camponeses pobres e médios e dispusesse de uma boa direcção.⁹⁶

Todavia, existiam já certas experiências que iam em sentido contrário. No Cazaquistão, em Agosto de 1928, tinham sido exiladas 700 famílias bai (senhores semi-feudais da Ásia Central). Cada família possuía pelo menos 100 animais, que foram distribuídos aos *kolkhozes* já constituídos e a camponeses individuais dispostos a formar *kolkhozes*. Em Fevereiro de 1929, uma conferência regional na Sibéria decidiu não admitir *kulaques*. Em Junho, o Cáucaso do Norte tomou a mesma decisão.⁹⁷

O *Pravda*, de 17 de Setembro, apresentou uma reportagem explosiva sobre o *kolkhoz* denominado «O Agricultor Vermelho», no Baixo Volga. Estabelecido em 1924, este *kolkhoz* modelo tinha recebido 300 mil rublos de créditos do Estado. Porém, em 1929, a sua propriedade socializada não valia mais do que 1800 rublos. Os créditos haviam sido desviados ou utilizados para fins pessoais. As explorações privadas dos camponeses ricos tinham sido subsidiadas com esses fundos. O presidente do *kolkhoz* era um antigo socialista revolucionário; na direcção estavam antigos comerciantes, o filho de um bispo e quatro outros antigos socialistas revolucionários.⁹⁸

A este respeito, Mólotov formulou a seguinte conclusão: «*Elementos kulaques e socialistas revolucionários escondiam-se frequentemente por trás da cortina de fumo do kolkhoz.*» Impunha-se uma «luta sem piedade» contra o *kulaque* e uma melhoria da organização e da aliança entre camponeses pobres e médios.⁹⁹

Em Novembro de 1929, Aziziane, um jornalista especializado em agricultura, analisou os motivos que levavam os *kulaques* a entrar para os *kolkhozes*: antes de mais queriam evitar a pressão dos impostos e das entregas obrigatórias de trigo; ficar com a melhor terra; conservar as suas ferramentas e máquinas; assegurar a educação dos seus filhos.¹⁰⁰ Na mesma altura, um outro jornalista observava que «a parte fraca da espécie humana» simpatizava com os *kulaques*, mas os *kolkhozianos* eram categóricos, afirmando que era preciso «enviar os *kulaques* da aldeia para a estepe e mantê-los em quarentena por 50 anos.»¹⁰¹

A resolução do Comité Central, de 5 de Janeiro de 1930, tira as conclusões de todos estes debates e afirma que é necessário «*passar, no trabalho prático do Partido, de uma política de limitação das tendências exploradoras dos kulaques para uma política de liquidação dos kulaques enquanto classe*» (...) «*Não se pode permitir que os kulaques se juntem aos kolkhozes.*»¹⁰²

Luta de morte

Após esta resolução, que anunciava o fim das relações capitalistas no campo, os *kulaques* lançaram-se num combate de morte. Para sabotar a colectivização, incendiavam as colheitas, celeiros, casas e instalações, matavam militantes bolcheviques.

Mas, sobretudo, eliminavam cavalos e bois, uma parte essencial das forças produtivas no campo, procurando assim tornar impossível o desenvolvimento das explorações colectivas. Todo o trabalho da terra era ainda efectuado com animais de tracção. Os *kulaques* exterminaram metade do efectivo. Para não entregarem o seu gado à colectividade, abatiam-no e incitavam os camponeses médios a fazerem o mesmo.

Dos 34 milhões de cavalos que contava o país em 1928, apenas 15 milhões restavam vivos em 1932. Um bolchevique irónico falou da eliminação da «classe» dos cavalos. Dos 70,5 milhões de bois, restavam 40,7 milhões em 1932, dos 31 milhões de vacas, 18 milhões. De 26 milhões de porcos, só 11,6 milhões passaram na prova da colectivização.¹⁰³

Evidentemente, esta destruição de forças produtivas teve consequências desastrosas: em 1932, o campo conheceu uma grande fome, causada em parte pela sabotagem e as destruições efectuadas pelos kulaques. Mas os anticomunistas atribuíram a Stáline e à «colectivização forçada» as mortes provocadas pela acção criminosa dos kulaques.

A resolução sobre a «deskulaquização»

Em Janeiro de 1930 iniciou-se um movimento espontâneo para expropriar os kulaques. A 28 de Janeiro de 1930, Kossior saúda-o como um «grande movimento de massas de camponeses pobres e médios e operários agrícolas». Apela às organizações do Partido para que não reprimam este movimento, mas o organizem, a fim de «assestar um golpe realmente demolidor na influência política e, em particular, no futuro económico da camada dos kulaques nas aldeias.»¹⁰⁴.

Pouco antes, Odintsov, vice-presidente da União dos *Kolkhozes* da República da Rússia, havia declarado: «Devemos agir com o kulaque como agimos com a burguesia em 1918.»¹⁰⁵ Krilénko¹⁰⁶ admitirá um mês mais tarde: «Produziu-se a nível local um movimento espontâneo de “deskulaquização”; apenas em alguns lugares foi bem organizado.»¹⁰⁷

A 30 de Janeiro de 1930, o Comité Central toma medidas para dirigir a «deskulaquização» espontânea, publicando uma resolução intitulada «Sobre as medidas para a eliminação das quintas dos kulaques nos distritos de colectivização avançada». Segundo o documento, o número total de famílias kulaques, incluindo todas as categorias, não ultrapassava os três a cinco por cento nas regiões cerealíferas e dois a três por cento nas regiões não cerealíferas.

Na categoria 1 eram incluídos os kulaques contra-revolucionários activos. Cabia à *OGPU* [órgãos de segurança (Direcção Política Estatal Unificada)] determinar se um kulaque pertencia a esta categoria. A resolução fixava um limite de 63 mil famílias para toda a Rússia. Os seus meios de produção e propriedades pessoais deveriam ser confiscados. Os chefes de família seriam condenados a prisão ou encerrados num campo. Os «organizadores de actos terroristas, de demonstrações contra-revolucionárias e de formações insurreccionais» podiam ser condenados à morte. Os membros da sua família deveriam ser exilados, tal como as pessoas da categoria 2.

A categoria 2 englobava os outros kulaques politicamente activos, sobretudo os mais ricos e os antigos proprietários fundiários. Esta categoria «manifestava uma menor oposição activa ao Estado soviético, mas era constituída de grandes exploradores que apoiavam naturalmente a contra-revolução». As listas dos que fossem incluídos nessa categoria deveriam ser elaboradas pelo soviete de distrito e aprovadas pelo *okrug*, com base nas decisões tomadas por assembleias de agricultores, colectivos ou de grupos de camponeses pobres e de operários agrícolas. O seu número para o conjunto da URSS foi fixado em 150 mil famílias. O grosso dos meios de produção e uma parte das suas propriedades deveriam ser confiscados. Tinham direito a conservar uma reserva de alimentos e uma soma monetária até 500 rublos. Deveriam ser exilados na Sibéria, no Cazaquistão ou nos Urais.

Na categoria 3 encontrava-se a maioria dos kulaques. Nela contavam-se entre 396 mil e 852 mil famílias que podiam integrar-se no poder soviético. Apenas uma parte dos seus meios de produção deveria ser confiscada e seriam reinstalados em terras virgens do distrito.¹⁰⁸

No dia 31 de Janeiro, o editorial da revista *Bolchevik* explicava que a eliminação dos kulaques enquanto classe era «a última batalha contra o capitalismo interno que deve ser levada até o fim; nada nos deve barrar esta via; os kulaques enquanto classe não sairão da cena histórica sem antes oferecerem a mais selvagem resistência.»¹⁰⁹

A ofensiva kulaque intensifica-se

Na Sibéria, durante os seis primeiros meses de 1930, são registados milhares de actos de terrorismo empreendidos por kulaques. Entre 1 de Fevereiro e 10 de Março, foram denunciadas 19 «organizações contra-revolucionárias insurreccionais» e 465 «agrupamentos anti-soviéticos de kulaques», contando mais de quatro mil membros. Segundo escreveram historiadores soviéticos em 1975, «no período de Janeiro a 15 de Março de 1930, os kulaques organizaram em todo o país (excluindo a Ucrânia) 1678 actos armados, acompanhados de destruições de propriedades dos *kolkhozes* e de assassinatos de membros do Partido e dos soviets, bem como de activistas *kolkhozianos*». Em Fevereiro de 1930, no *okrug* de Salsk, no Cáucaso do Norte, tiveram lugar motins durante mais de uma semana. Foram destruídos edifícios dos soviets e do Partido assim como lojas. Os kulaques que aguardavam a sua partida para o exílio lançaram as palavras de ordem: «*Pelo poder dos soviets, sem comunistas e sem kolkhozes*», «*Dissolução das células do Partido e dos kolkhozes*» e «*Libertação dos kulaques presos e a restituição das propriedades confiscadas*». Outros gritavam: «*Viva Lénine e o poder dos soviets, abaixo os kolkhozes.*»¹¹⁰

No final de 1930 haviam sido expropriadas 330 mil famílias kulaques das três categorias, a maior parte entre Fevereiro e Abril. Não se conhece o número de kulaques exilados da primeira categoria, mas é provável que o limite estabelecido de 63 mil famílias tenham sido atingido. Não se conhece igualmente o número de execuções nesta categoria. As famílias exiladas da segunda categoria terão alcançado o número de 77 975 no final de 1930.¹¹¹ A grande maioria dos expropriados estava na terceira categoria; alguns foram reinstalados na sua própria aldeia, a maioria ficou na área dos respectivos distritos.

Kautsky e a «revolução kulaque»

No momento em que os kulaques se lançaram no seu último combate contra o socialismo, receberam um apoio inesperado ao nível internacional. Em 1930, a social-democracia belga, alemã e francesa mobilizou-se contra o bolchevismo, no exacto momento em que uma crise pavorosa atingia todos os países imperialistas. Em 1930, Kautsky escreve *O Bolchevismo no Impasse*.¹¹² Neste livro Kautsky afirmava que, na União Soviética, havia necessidade de uma revolução democrática contra a «aristocracia soviética».¹¹³ E exprimiu a esperança de que uma «insurreição camponesa vitoriosa contra o regime bolchevique» eclodirá em breve na URSS.¹¹⁴ Fala da «degenerescência fascista do bolchevismo», que «é um facto desde há cerca de dez anos»!¹¹⁵ Assim, a partir de 1930, a social-democracia começou a cantar a lengalenga do «comunismo=fascismo». Essa mesma social-democracia que apoiava o colonialismo, que se esforçou para salvar o

capitalismo da crise de 1929, que organizava ou apoiava a repressão anti-operária e, em grande parte, se preparava para colaborar com os nazis!

Kautsky conclui: «*A nossa reivindicação principal é a democracia para todos*». Propugnava uma ampla frente unida com a direita russa por uma «república democrática parlamentar», afirmando que «*a democracia burguesa está menos interessada no capitalismo na Rússia do que na Europa Ocidental*». ¹¹⁶

Kautsky resumiu com precisão a linha da social-democracia em 1930 na sua luta contra a URSS: uma «revolução democrática» contra a «aristocracia soviética» e contra a «degenerescência fascista do bolchevismo», com vista a realizar a «democracia para todos» e estabelecer uma «república democrática parlamentar». Reconhece-se aqui o programa adoptado em 1989 pelos restauradores capitalistas na Europa e na URSS.

«A vertigem do sucesso»

Em 1 de Março de 1930 tinham entrado para os *kolkhozes* 57,2 por cento das famílias camponesas. A região central das Terras Negras atingira uma taxa de 83,3 por cento, o Cáucaso do Norte, 79,4 por cento e os Urais, 75,6 por cento. A região de Moscovo contava 74,2 por cento de famílias colectivizadas; o secretário do Partido, Báuman, tinha proposto concluir a colectivização no dia 10 de Março. ¹¹⁷ O Baixo Volga contava 70,1 por cento de famílias colectivizadas, o Volga Central, 60,3 por cento e a Ucrânia, 60,8 por cento. ¹¹⁸

Este desenvolvimento impetuoso do movimento kolkhoziano assim como a resistência violenta dos kulaques, arrastando consigo parte dos camponeses médios, provocaram de novo vivas discussões, nas quais surgiram pontos de vista opostos no seio do Partido.

No final de Janeiro, Stáline e Mólotov endereçaram um telegrama ao *bureau* do Partido para a Ásia Central, indicando a necessidade de «*avançar com a causa da colectivização na medida em que as massas estejam realmente envolvidas*». ¹¹⁹

Em 4 de Fevereiro, por instrução do Comité Central, o comité da região do Volga Central enviou uma directiva às organizações locais, na qual se sublinhava que «*a colectivização deve ser realizada na base do desenvolvimento de um amplo trabalho de massas junto dos camponeses pobres e médios, devendo ser firmemente combatidas quaisquer tentativas de forçar os camponeses pobres e médios a aderir aos kolkhozes através de métodos administrativos*». ¹²⁰

A 11 de Fevereiro, na Conferência das Regiões das Minorias Nacionais (Ásia central e Transcaucásia), Mólotov preveniu contra os «*kolkhozes no papel*». Após a conferência foram criticados os métodos administrativos utilizados no Uzbequistão e na região dos tchetchénes, assim como a falta de preparação das massas. ¹²¹

A 13 de Fevereiro, o comité do Partido da região do Cáucaso do Norte exonera vários responsáveis de distritos e de soviets de aldeia, acusados de «*utilização criminosa de métodos administrativos, de distorções da linha de classe e total ignorância das directivas dos órgãos superiores, enfraquecimento inadmissível no trabalho dos soviets, ausência de trabalho de massas e atitude rude e brutal em relação à população*». Em 18 de Fevereiro, o comité critica a socialização total e forçada das vacas, galinhas, hortas e creches infantis e a desobe-diência às directivas sobre a «*deskulaquização*». Estas críticas tiveram a aprovação de Stáline. ¹²²

Stáline rectificava

Em 2 de Março de 1930, Stáline publica o retumbante artigo intitulado «A vertigem do sucesso». Stáline afirmava que, em alguns casos, violou-se o princípio leninista da «adesão voluntária» aos *kolkhozes*. Os camponeses deviam poder convencer-se por experiência própria «da força e importância da nova técnica, da força e importância da nova organização colectiva das explorações». Em vários territórios do Turquemenistão onde, segundo o líder, «as condições favoráveis para a criação de *kolkhozes* são ainda menores», registavam-se tentativas de «*alcançar e ultrapassar*» as regiões mais avançadas da URSS através de ameaças de uso da força militar, através de ameaças de cortes do abastecimento de água potável e de produtos industriais aos camponeses que se recusam por enquanto a aderir ao *kolkhoz*.»

O avanço do movimento era em muitos casos uma ficção das autoridades locais que, segundo as palavras de Stáline, substituíam o trabalho suplementar da sua organização efectiva por «*kolkhozes de papel que ainda não existem na realidade, mas cuja “existência” é referida num monte de pomposas resoluções*»¹²³.

Notando que os «desvios» apenas podiam aproveitar aos inimigos do socialismo, Stáline constatava que os seus «autores», «*fazendo-se passar por de “esquerda”, na verdade levam a água ao moinho do oportunismo de direita*».

Sobre as comunas agrícolas, o artigo considera que «as condições ainda não estão amadurecidas» para esta forma de organização, «*onde não só a produção mas também a distribuição são socializadas*» e censura os que «*irritam o camponês com a “socialização” da sua casa, de todo o gado leiteiro e miúdo, das aves domésticas*».

Ao mesmo tempo, elegendo a associação cooperativa (*artel*) como principal forma de organização socialista da produção no campo, Stáline define com clareza o seu conceito:

«Na cooperativa agrícola estão socializados os principais meios de produção, principalmente, os que se destinam à produção cerealífera: o trabalho, o uso da terra, a maquinaria e demais equipamento, o gado de tracção, as instalações. Nela não se socializam: as parcelas individuais de terra (pequenos pomares e hortas), habitações, determinada parte do gado leiteiro, gado miúdo, aves domésticas, etc.

*«O artel [associação cooperativa] constitui o principal elo do movimento *kolkhoziano* porque representa a forma mais completa para a resolução do problema cerealífero. O problema cerealífero constitui o elo fundamental no sistema de toda a agricultura, uma vez que sem a sua resolução não é possível resolver nem o problema da pecuária (gado bovino, ovino ou caprino), nem o problema das culturas especiais que fornecem a principal matéria-prima para a indústria.»*¹²⁴.

Em 10 de Março, uma resolução do Comité Central reafirmou estas posições, informando que «em certos distritos, a “deskulaquização” atingiu os 15 por cento».¹²⁵ Uma comissão do Comité Central examinou o caso dos «deskulaquizados» enviados para a Sibéria. De 46 261 casos examinados, seis por cento tinham sido indevidamente exilados. Em três meses, 70 mil famílias foram reabilitadas nas cinco regiões de que existem informações.¹²⁶ Este número deve ser conjugado com as 330 mil famílias expropriadas nas três categorias até ao final de 1930.

Rectificar e consolidar

Hindus, um americano de origem russa, encontrava-se na sua aldeia natal quando o artigo de Stáline foi publicado. Eis o seu testemunho: «*No mercado, os camponeses formavam grupos lendo em voz alta o artigo e discutindo-o longamente com virulência, alguns estavam tão exaltados que compraram toda a vodka que podiam pagar e embriagaram-se.*»¹²⁷ «*Com a publicação do seu artigo “A vertigem do sucesso”, Stáline tornou-se durante certo tempo um herói popular*», assinala Lynne Viola.¹²⁸

No momento em que Stáline escreveu este texto, 59 por cento dos camponeses tinham aderido aos *kolkhozes*. O líder desejava que a maioria permanecesse neles: «*A tarefa do Partido: consolidar os êxitos alcançados e utilizá-los sistematicamente para continuar a avançar.*»¹²⁹

Um decreto de 3 de Abril definiu várias medidas especiais destinadas a consolidar os *kolkhozes* existentes. Os agricultores colectivos podiam possuir um certo número de animais e trabalhar uma parcela de terra por sua conta. Os *kolkhozes* puderam aceder a uma linha de crédito de 500 milhões de rublos até ao final do ano. Os *kolkhozes* e os *kolkhozianos* beneficiaram da anulação de várias dívidas e pagamentos. Foram anunciadas reduções de impostos para os dois anos seguintes.¹³⁰

No final de Março, Mólotov previne contra a debandada e insiste para que se mantenha tanto quanto possível o grau de colectivização embora rectificando os erros:

«*A nossa orientação (...) é agir para garantir um certo nível de organização, mesmo que não seja completamente voluntário, e consolidar os kolkhozes*».

Mólotov sublinhou que o «princípio voluntário bolchevique» difere do «princípio voluntário socialista-revolucionário e kulaque», que pressupunha igualdade de condições para o *kolkhoz* e para o camponês individual.¹³¹

Mas era também necessário corrigir com mão firme os erros esquerdistas e burocráticos. A 4 de Abril é exonerado Báuman, o secretário do Comité de Moscovo, um dos bastiões do «esquerdismo». Káganovitch, que o substituiu, demitiu 153 responsáveis de distrito e de *okrug*.¹³²

O oportunismo de direita levanta cabeça

Num mundo rural dominado por pequenos produtores, a crítica feita por Stáline comportava necessariamente graves perigos. O entusiasmo pode facilmente transformar-se em desânimo; o oportunismo de direita, sempre presente, pode levantar cabeça quando os erros de esquerda sobem ao pelourinho. Entre os responsáveis locais surgiu um sentimento de pânico e de confusão; o moral e a confiança tinham sido abalados. Alguns afirmavam que o artigo de Stáline destruía muitos *kolkhozes* viáveis, que tinha feito muitas concessões aos *kulaques* e que marcava um recuo para o capitalismo.¹³³

No conjunto do Partido, as tendências oportunistas de direita derrotadas em 1928-29 permaneciam enraizadas. Alguns, assustados pela dureza e violência da luta de classes no campo, aproveitaram a crítica aos excessos na colectivização para relançar a crítica da própria colectivização. Sirtsov¹³⁴ pertencera ao grupo oportunista de direita de Bukhárine em 1927-1928. Em Julho de 1930 foi promovido a membro suplente do Bureau Político. Em 20 de Fevereiro de 1930, fala da «apatia e do nihilismo na produção que se verificavam em parte considerável dos camponeses dos *kolkhozes*»; ataca «a

centralização e o burocratismo», que prevaleciam no seio dos *kolkhozes*, e afirma a necessidade de «desenvolver a iniciativa dos camponeses numa nova base». ¹³⁵

Tratava-se de uma posição de capitulação e de uma viragem na direcção dos kulaques. Em Agosto de 1930, Sirtsov preveniu contra o relançamento da colectivização e considerou que os *kolkhozes* não valeriam grande coisa se não tivessem uma base técnica sólida. Ao mesmo tempo, manifesta o seu cepticismo em relação às perspectivas da fábrica de tractores de Stalingrado. Em Dezembro de 1930, é excluído do Comité Central. ¹³⁶

Os anticomunistas precipitam-se

Todos os elementos antipartido tentavam utilizar a crítica aos excessos contra a direcção do Partido e contra Stáline. Atacando a direcção leninista, ora com argumentos de direita ora com frases de «esquerda», pretendiam abrir portas às posições anticomunistas. Durante uma reunião na Academia de Agricultura Timiriázev, em Moscovo, um homem na sala gritou: «Onde estava o Comité Central durante os excessos?» O editorial do *Pravda* de 27 de Maio denunciou os demagogos que tentavam aproveitar as críticas aos erros para «desacreditar a direcção leninista do Partido». ¹³⁷

Um certo Mamáev escreveu numa tribuna de discussão: «*Inevitavelmente, coloca-se a questão: quem tem sofrido de vertigens? Devia falar-se da sua própria doença e não dar lições às massas do Partido.*» Mamáev denuncia «a aplicação numa escala de massas de medidas repressivas contra os camponeses pobres e médios». Alega que o campo não estaria maduro para a colectivização enquanto não fosse possível mecanizá-lo. Em seguida critica a «burocratização avançada» do Partido e condena «o excitação artificial da luta das classes». ¹³⁸ Mamáev viria a ser justamente denunciado como «um agente dos kulaques no seio do Partido».

Expulso da União Soviética, Trótski passou a combater quase sistematicamente todas as posições adoptadas pelo Partido. Logo em Fevereiro de 1930 denunciou a colectivização e a «deskulaquização» como uma «aventura burocrática». Afirma que a tentativa de estabelecer o socialismo num só país, com base nos meios do camponês atrasado, estava condenada ao fracasso. Em Março, Trótski fala do «carácter utópico e reaccionário de uma colectivização a 100 por cento». (...) «*A organização forçada das grandes explorações colectivas sem a base tecnológica indispensável para assegurar a sua superioridade sobre as pequenas explorações*» é uma utopia reaccionária. «Os *kolkhozes*», profetiza, «*afundar-se-ão enquanto esperam a base técnica.*» ¹³⁹

Estas críticas de Trótski, que pretendia representar «a esquerda», não se distinguem em nada das lançadas pelos oportunistas de direita. Rakóvski, ¹⁴⁰ o principal trotskista que permaneceu na URSS em exílio interno, apelou ao derrube da «direcção centrista dirigida por Stáline». Os *kolkhozes* irão estoirar e formar-se-á uma frente rural contra o Estado socialista. Não se pode desencorajar a produção dos kulaques, embora se deva limitar os seus meios. É preciso importar produtos industriais para os camponeses e abrandar o crescimento da indústria soviética. Rakóvski reconhece que as suas propostas se assemelhavam às da direita bukharinista, mas alega: «*nós somos um exército que se retira ordenadamente, eles são os desertores que fogem do campo de batalha.*» ¹⁴¹

Recuo e conquistas

A taxa de colectivização caiu de 57,2 por cento, em 1 de Março de 1930, para 21,9 por cento, em 1 de Agosto, voltando a subir para 25,9 por cento em Janeiro de 1931.

Na região central das Terras Negras este índice caiu de 83,3 por cento, em 1 de Março, para 15,4 por cento em 1 de Julho. A região de Moscovo passou de 74,6 por cento para 7,5 por cento em 1 de Maio. A qualidade do trabalho político e organizativo reflectiu-se claramente no número de camponeses que saíram dos *kolkhozes*. O Baixo Volga, tendo atingido 70,1 por cento, em 1 de Março, mantinha uma taxa de 35,4 por cento, em 1 de Agosto, e voltou a atingir os 57,5 por cento em 1 de Janeiro de 1931. O Cáucaso do Norte apresentava os melhores resultados: 79,4 por cento em 1 de Março, 50,2 por cento em 1 de Julho e 60 por cento em 1 de Janeiro de 1931.¹⁴²

Apesar de tudo, no seu conjunto, as conquistas desta primeira grande vaga de colectivização continuavam a ser notáveis. A taxa de colectivização ultrapassava largamente a meta prevista até ao final do primeiro plano quinquenal, em 1933.

Em Maio de 1930, após as saídas maciças dos *kolkhozes*, seis milhões de famílias permanecem nas unidades colectivas contra apenas um milhão em Junho de 1929. O *kolkhoz* médio tinha agora 70 famílias contra 18 em Junho de 1929. O nível de colectivização subira, os *kolkhozes* eram sobretudo cooperativas e não apenas associações para o amanhã colectivo da terra. O número de animais de tracção aumentou de 2,11 milhões, em Janeiro de 1930, para 4,77 milhões. Os membros do Partido nos *kolkhozes* passaram de 81 957, em 1 de Junho de 1929, para 313 220. Antes da grande vaga de colectivização, os *kolkhozes* eram formados sobretudo por camponeses sem terra e camponeses pobres. Agora havia um grande número de camponeses médios que os integrava, representando 32,7 por cento dos membros das suas direcções.¹⁴³ Os fundos indivisíveis dos *kolkhozes* elevavam-se a 510 milhões de rublos, dos quais 175 milhões eram provenientes da expropriação dos *kulaques*.¹⁴⁴

Resultados notáveis

Apesar das enormes convulsões da colectivização, a colheita de 1930 foi excelente. As boas condições climáticas tinham ajudado, e este factor terá levado o Partido a subestimar as dificuldades que viriam a seguir.

Segundo diferentes cálculos, a produção de cereais atingiu entre 77,2 a 83,5 milhões de toneladas, bastante acima dos 71,7 milhões obtidos em 1919.¹⁴⁵ Graças à planificação nacional, as culturas técnicas, sobretudo as de algodão e beterraba, tinham aumentado a sua produção em 20 por cento. Em contrapartida, devido ao abate de um grande número de animais, a produção pecuária desceu de 5,68 mil milhões de rublos para 4,40 mil milhões: uma queda de 22 por cento.

Em 1930, o conjunto do sector colectivo (*kolkhozes*, *sovkhozes* e parcelas individuais dos *kolkhozianos*) foi responsável por 28,4 por cento do total da produção agrícola, contra 7,6 por cento no ano precedente.¹⁴⁶

Os fornecimentos de cereais para as cidades passaram de 7,47 milhões de toneladas, em 1929-30, para 9,09 milhões em 1930-31, ou seja, um aumento de 21,7 por cento. Todavia, devido ao desenvolvimento acelerado da indústria, o número de pessoas

afectadas pelo racionamento de pão nas cidades aumentou de 26 milhões para 33 milhões, um crescimento de 27 por cento.¹⁴⁷

O consumo de produtos alimentícios diminuiu ligeiramente no campo, passando de 60,55 rublos por pessoa, em 1928, para 61,95 em 1929 e para 58,52 rublos em 1930. Porém, o consumo de produtos industriais aumentou de 28,29 rublos, em 1928, para 32,2 rublos, no ano seguinte, e para 32,33 em 1930. O consumo total da população rural evoluiu de um índice 100, em 1928, para 105,4, em 1929, baixando para 102,4 em 1930. O nível de vida tinha subido ligeiramente no campo, enquanto diminuía na cidade. O consumo total por pessoa nas cidades passou de um índice 100, em 1928, para 97,6, em 1929, e 97,5 no ano seguinte.¹⁴⁸

Isto contradiz a acusação de Bukhárine de que Stáline tinha organizado a «espoliação feudal-burocrática» do campesinato: toda a população trabalhadora fazia sacrifícios enormes para a industrialização e as exigências feitas aos operários eram frequentemente mais duras que aos camponeses.

Para alimentar as cidades e realizar a industrialização, o Estado soviético aplicava uma política de preços extremamente baixos para os cereais. Contudo, em 1930, os rendimentos dos camponeses subiram consideravelmente graças às vendas nos mercados livres e ao trabalho sazonal.

Como observou Davies: «*O Estado assegurava o abastecimento de produtos agrícolas essenciais a preços muito abaixo do nível de mercado. Mas quando se consideram as entregas (ao Estado) e as vendas no mercado como um conjunto, constata-se que os preços ao produtor agrícola aumentaram muito mais rapidamente do que os preços dos produtos industriais. Os termos de troca alteraram-se a favor da agricultura.*»¹⁴⁹ (...) «*O controlo centralizado da produção agrícola parece ter tido um certo sucesso no que respeita ao seu objectivo primeiro, que era assegurar o abastecimento de alimentos à população urbana e de matérias-primas agrícolas à indústria.*»¹⁵⁰

O ascenso da agricultura socialista

Em Outubro de 1930, os produtores individuais orientados para o mercado ainda constituíam 78 por cento das famílias camponesas. O *Pravda* de 21 de Outubro escreveu: «*Nas circunstâncias actuais deste Outono, depois de ter havido uma boa colheita, devido aos preços especulativos muito elevados dos cereais, da carne e dos legumes no mercado, algumas famílias de camponeses médios transformam-se rapidamente em famílias de camponeses médios ricos e em kulaques.*»¹⁵¹

A segunda vaga de colectivização

Entre Setembro e Dezembro de 1930 foi lançada uma campanha de propaganda dirigida aos *kolkhozes*. As direcções dos *kolkhozes* distribuíram relatórios de actividade aos camponeses individuais das redondezas. Foram convocadas reuniões especiais para aqueles que tinham abandonado os *kolkhozes* depois de Março. Em Setembro, 5625 «comissões de recrutamento», constituídas por *kolkhozianos*, deslocam-se aos distritos com baixos níveis de colectivização para convencer os camponeses. Na região central das

Terras Negras, 3,5 milhões de camponeses individuais são convidados a participar em assembleias gerais dos *kolkhozes* para discussão do relatório anual.

Os kulaques que sabotavam a colectivização continuaram a ser exilados, sobretudo na Ucrânia onde, no início de 1931, o número total de exilados das três categorias atingiu os 75 mil.¹⁵²

Mas a campanha de colectivização do Outono de 1930 foi conduzida com prudência pela direcção do Partido, sem o rigor e o pulso da primeira vaga, e não houve uma campanha central de deslocação dos kulaques.¹⁵³

De 1 de Setembro a 31 de Dezembro de 1930, um milhão e 120 mil famílias entraram para os *kolkhozes*, o que significava que 25,9 por cento das famílias camponesas haviam optado pela agricultura colectiva.¹⁵⁴ Com a concessão das melhores terras e de diversos tipos de vantagens aos *kolkhozianos*, a pressão económica sobre os camponeses individuais acentuou-se durante o ano de 1931. Entre Junho de 1930 e Junho de 1931, a segunda grande vaga da colectivização elevou o número de famílias colectivizadas de 23,6 por cento para 57,1 por cento.

Nos três anos seguintes, registou-se um ligeiro aumento de 4,6 por cento em média até se alcançar os 71,4 por cento em Junho de 1934. De Junho de 1935 a Junho de 1936 passou-se de 83,2 por cento para 90,3 por cento, completando-se no essencial a colectivização da agricultura.¹⁵⁵

Criatividade económica e social

A colectivização do ano de 1930 é frequentemente descrita como tendo sido imposta pela força às massas camponesas. Porém, gostaríamos de sublinhar a extraordinária criatividade social e económica deste período, uma criatividade revolucionária, da qual deram provas as massas, os quadros intelectuais e os dirigentes do Partido. Os traços essenciais do sistema agrícola socialista foram, na sua maioria, «inventados» no decurso da luta entre 1929 e 1931.

Davies é obrigado a reconhecê-lo: «Foi um processo de aprendizagem em grande escala, num lapso de tempo extremamente curto, no qual os dirigentes do Partido e seus conselheiros, os responsáveis locais do Partido, os camponeses e as instituições económicas contribuíram todos para o resultado final. Os principais traços do sistema *kolkhoziano* estabelecido em 1929-1930 foram mantidos até à morte de Stáline e durante algum tempo depois.»¹⁵⁶

Em primeiro lugar, o *kolkhoz* foi concebido como a forma organizativa que permitia introduzir a grande produção mecanizada num país agrícola atrasado. Assentavam essencialmente na cultura dos cereais e culturas técnicas, nomeadamente o algodão e a beterraba. A sua produção era fornecida ao Estado a preços muito reduzidos, o que permitiu impulsionar a industrialização socialista: as verbas destinadas pelo estado ao abastecimento das cidades e ao aprovisionamento da indústria em matérias-primas agrícolas foram mantidas em níveis muito baixos. Os *kolkhozianos* eram compensados através de rendimentos consideráveis resultantes da venda no mercado livre e das ocupações subsidiárias.

Em segundo lugar, o sistema das estações de máquinas-tractores foi concebido como a via principal para a introdução da mecanização do campo. A este propósito Bettelheim escreveu: «A partir da base jurídica da colectivização, a agricultura pôde beneficiar de

investimentos maciços que transformaram totalmente as condições técnicas das explorações agrícolas.» (...) «Esta revolução total da técnica agrícola só foi possível graças à substituição da pequena e média exploração pela grande exploração.»¹⁵⁷

Mas como se conseguiu introduzir a técnica moderna nos *kolkhozes*? A questão não era simples.

No Verão de 1927, Markévitch¹⁵⁸ criou em Chevchénko [Ucrânia] um sistema original, a estação de máquinas-tractores, que permitia colocar maquinaria à disposição dos *kolkhozes*, mantendo um controlo central sobre o equipamento.

Nos começos de 1929, havia duas estações de máquinas-tractores, propriedade do Estado, com 100 tractores. Havia também 50 «colónias de tractores» pertencentes às cooperativas cerealíferas, com 20 tractores cada. Outros 800 tractores pertenciam a 147 grandes *kolkhozes*, mas a maioria estava dispersa pelas pequenas explorações colectivas que contavam com um total de 20 mil unidades.¹⁵⁹

Em Julho de 1929, a maior parte dos tractores estava assim em poder das cooperativas agrícolas e dos *kolkhozes*. Numa conferência então realizada, houve quem propusesse que os tractores e máquinas fossem vendidos aos *kolkhozes*: se os camponeses não fossem os proprietários directos das máquinas nunca se mobilizariam para reunir o financiamento necessário. Contudo, em Agosto de 1929, a Inspeção Operário-Camponesa criticou as experiências das cooperativas que eram proprietárias de tractores. Este sistema tornava impossível uma planificação séria, a população não tinha a preparação necessária, as avarias eram frequentes por uso indevido e faltavam oficinas de reparação.¹⁶⁰

Em Fevereiro de 1930, o Partido abandonou a experiência dos *kolkhozes* gigantes, muito populares até então entre os activistas, para tomar a aldeia-*kolkhoz* como base da colectivização. Em Setembro de 1930, decide concentrar todos os tractores utilizados pelos *kolkhozes* em estações de máquinas-tractores (*MTS*),¹⁶¹ propriedade do Estado.¹⁶² Markévitch propôs a concentração de 200 tractores, assistidos por uma oficina de reparação, para servir 40 a 50 mil hectares de terra arável. Defendia a necessidade de gerir a tecnologia agrícola através de um «centro organizativo unificado» para toda a URSS. Era preciso seleccionar os distritos prioritários, estudar a tecnologia mundial para escolher os melhores tipos de máquinas, padronizar e centralizar a sua oferta.¹⁶³

Logo na Primavera de 1930, no momento do «recuo maciço» da colectivização, este sistema provou a sua superioridade. As *MTS* serviam apenas oito por cento dos *kolkhozes*, no entanto verificou-se que estas unidades conservaram 62 por cento dos camponeses. Por outro lado, as *MTS* facilitavam a recolha de cereais pelo Estado, uma vez que os *kolkhozes* entregavam-lhes um quarto da colheita como pagamento pelo serviço.¹⁶⁴ Os trabalhadores das *MTS* tinham o estatuto de operários industriais. Como representantes da classe operária no campo, exerciam uma influência determinante sobre os *kolkhozianos* nos domínios da educação política e técnica e na organização. Em 1930, foram formados 25 mil tractoristas. Na Primavera de 1931, após concluírem os respectivos cursos, 200 mil jovens camponeses ingressaram nas *MTS*, 150 mil dos quais como tractoristas.¹⁶⁵

Em terceiro lugar, foi montado o engenhoso sistema de remuneração das «jornadas de trabalho». Um decreto de 28 de Fevereiro de 1933 dividiu os principais trabalhos agrícolas em sete categorias tarifárias, cujo valor expresso em jornadas de trabalho variava de 0,5 a 1,5. Quer dizer que o trabalho mais duro ou mais difícil era remunerado três vezes mais que o trabalho leve e fácil. O rendimento disponível do *kolkhoz* era dividido, no final do ano, entre os *kolkhozianos*, proporcionalmente ao número de

jornadas de trabalho efectuadas. Em 1932, o rendimento médio por família nas regiões cerealíferas era de 600,2 quilos de cereais e 108 rublos. Em 1937 elevava-se a 1741,7 quilos de cereais e 376 rublos.¹⁶⁶

Finalmente foi encontrado um equilíbrio entre o trabalho colectivo e a actividade individual dos camponeses kolkhozianos. O estatuto-tipo do *kolkhoz*, adoptado a 7 de Fevereiro de 1935, fixou os grandes princípios da sua organização e funcionamento, tal como tinham emanado de cinco anos de lutas e experiências.¹⁶⁷ Em 1937, as superfícies cultivadas em regime de parcelas individuais dos kolkhozianos representavam 3,9 por cento da área total cultivada, mas os camponeses retiravam delas 20 por cento dos seus rendimentos. Cada família podia possuir três animais de grande porte, dos quais uma vaca, mais dez carneiros e ovelhas, uma porca com criação e uma quantidade ilimitada de aves e de coelhos.¹⁶⁸

O investimento no campo

No final de 1930, as *MTS* dispunham de 31 114 tractores. O plano previa o seu aumento para 60 mil unidades em 1931. Porém esse número não foi alcançado. Mas, em 1932, as *MTS* já contavam com 82 700 tractores. O resto das 148 500 unidades existentes encontrava-se nos *sovkhoses*.

O número de tractores aumentou de forma constante no decurso dos anos 30: de 210 900 em 1933, passou para 276 400, no ano seguinte, atingindo as 360 300, em 1935, e as 422 700 em 1936. Em 1940, a URSS contava com 522 mil tractores.¹⁶⁹

Uma outra estatística, que indica o número de tractores em unidades de 15 cavalos, confirma o esforço extraordinário feito nos anos 1930-1932. No início de 1929, a URSS rural contava 18 mil tractores calculados em unidades de 15 cavalos, 700 camiões e duas (2!) ceifeiras-debulhadoras. No começo de 1933 havia 148 mil tractores, 14 mil camiões e um número semelhante de ceifeiras. No começo da guerra, em 1941, os *kolkhozes* e *sovkhoses* utilizavam 684 mil tractores (sempre em unidades de 15cv), 228 mil camiões e 182 mil ceifeiras.¹⁷⁰

Por muito que a burguesia insista em invectivar a repressão que atingiu os camponeses ricos devido à colectivização, é incontestável que o camponês russo, no espaço de uma década, passou da Idade Média para pleno século XX. O seu desenvolvimento cultural e técnico foi extraordinário.

Estes progressos foram um reflexo do aumento contínuo dos investimentos na agricultura. De 379 milhões de rublos em 1928, passou-se a 2590 milhões, em 1930, 3645 milhões em 1931, nível que se manteve durante dois anos, atingindo, em 1934, os 4661 milhões e os 4983 milhões de rublos em 1935.¹⁷¹

Estes números refutam a teoria de que a agricultura soviética teria sido «explorada» pela cidade: nunca uma economia capitalista teria podido realizar investimentos tão importantes no campo. A parte da agricultura no conjunto dos investimentos passou de 6,5 por cento, em 1923-1924, para 20 e 25 por cento nos anos cruciais de 1931 e 1932; a sua parte era de 18 por cento em 1935.¹⁷²

O incremento da agricultura socialista

A produção agrícola conheceu um incremento generalizado a partir de 1933. No ano anterior ao início da colectivização, a colheita de cereais tinha atingido 71,7 milhões de toneladas. Em 1930 registou-se uma colheita excepcional de 83,5 milhões de toneladas. Em 1931 e 1932, a União Soviética atravessou o auge da crise resultante das convulsões socioeconómicas, da resistência aguda dos kulaques, das poucas vantagens que tinha sido possível oferecer aos camponeses naqueles anos cruciais para o investimento industrial, da introdução lenta de máquinas e dos efeitos da seca. A produção de cereais caiu para 69,5 e para 69,9 milhões de toneladas. Depois houve três boas colheitas consecutivas, de 1933 a 1935, com 89,8, 89,4 e 90,1 milhões de toneladas. Condições climáticas extraordinariamente negativas produziram uma má colheita em 1936, com apenas 69,3 milhões de toneladas, mas os seus efeitos foram atenuados graças às reservas e à boa planificação na distribuição. No ano seguinte alcançou-se a colheita recorde de 120,9 milhões de toneladas. A produção manteve-se elevada entre 1938 e 1940, com 94,99, 105 e 118,8 milhões de toneladas de cereais recolhidos.

A agricultura socialista ganhou ímpeto assim que os efeitos dos investimentos industriais maciços se fizeram sentir. O valor do conjunto da produção agrícola estagnou entre 1928 e 1934, oscilando entre um máximo de 14,7 mil milhões e um mínimo de 13,1 mil milhões de rublos. Depois elevou-se de 16,2 mil milhões, em 1935, para 20,1 mil milhões, em 1937, e para 23,2 mil milhões de rublos em 1940.¹⁷³

A população rural, que entre 1926 e 1940 aumentou de 120 para 132 milhões de pessoas, foi capaz de alimentar uma população urbana que explodiu de 26,3 milhões para 61 milhões de habitantes no mesmo período.¹⁷⁴

Em 1938, o consumo dos kolkhozianos, em relação ao dos camponeses sob o antigo regime, representava as seguintes percentagens: pão e farinha, 125 por cento; batatas, 180 por cento; frutas e legumes, 147 por cento; leite e laticínios, 148 por cento; carne e derivados, 179 por cento.¹⁷⁵

«Um apoio colossal»

A colectivização do campo cortou rente a tendência espontânea da pequena produção mercantil de polarizar a sociedade em ricos e pobres, em exploradores e explorados. Os kulaques, os burgueses rurais, foram reprimidos e eliminados enquanto classe social. O desenvolvimento de uma burguesia rural, num país onde cerca de 80 por cento da população continuava a viver no campo, teria asfixiado e aniquilado o socialismo soviético. A colectivização impediu-o.

A colectivização e a economia planificada permitiram à União Soviética resistir à agressão fascista e fazer face à guerra total desencadeada pelos nazis alemães. Durante os primeiros anos da guerra, o consumo de trigo teve de ser reduzido para metade, mas, graças ao planeamento, as quantidades disponíveis eram equitativamente distribuídas. As regiões ocupadas e arrasadas pelos nazis representavam 47 por cento da superfície de terras cultivadas. Os fascistas destruíram 98 mil explorações colectivas. Mas entre 1942 e 1944 foram cultivados 12 milhões de hectares de novas terras no Leste do país.¹⁷⁶ Graças ao sistema socialista, a produção agrícola conseguiu, no essencial, recuperar o nível de 1940 logo em 1948.¹⁷⁷ No espaço de alguns anos, um sistema completamente novo de

organização do trabalho, uma transformação total da técnica e uma revolução cultural profunda conquistaram o coração dos camponeses.

Bettelheim assinala: «A maioria esmagadora dos camponeses revelou grande apego ao novo regime de exploração. Tivemos a prova durante a guerra nas regiões ocupadas pelas tropas alemãs onde, apesar dos esforços feitos pelas autoridades nazis, a forma de exploração kolkhoziana foi mantida.»¹⁷⁸

A opinião deste simpatizante do sistema comunista pode ser pertinentemente completada pelo testemunho de Aleksandr Zinóviev, um adversário de Stáline. Em criança, Zinóviev tinha sido testemunha da colectivização.

Sobre isto escreveu: «Quando ia regularmente à minha aldeia, e também mais tarde, perguntei muitas vezes à minha mãe e a outros kolkhozianos se aceitariam retomar uma exploração individual caso lhes fosse dada essa possibilidade. Todos sempre me responderam com uma recusa categórica.» (...) «A escola do burgo contava apenas sete salas, mas dava acesso às escolas técnicas da região que formavam veterinários, agrónomos, mecânicos, condutores de tractores, contabilistas. Em Tchúkhroma¹⁷⁹ havia uma escola secundária. Todos estes estabelecimentos e estas profissões eram elementos de uma revolução cultural sem precedentes. A colectivização tinha contribuído directamente para essa transformação. Além desses especialistas locais com alguma formação, às aldeias afluíram, de facto, técnicos vindos das cidades com formação secundária ou mesmo superior. A estrutura da população rural aproximou-se da sociedade urbana. Fui testemunha desta evolução desde a minha infância. Esta transformação extremamente rápida da sociedade rural forneceu ao novo sistema um apoio colossal nas grandes massas da população. E isto apesar de todos os erros da colectivização e da industrialização.»¹⁸⁰

Na realidade, as realizações extraordinárias do regime soviético valeram-lhe «um apoio colossal» entre os trabalhadores e uma «aversão horrorosa» por parte das classes exploradoras. Zinóviev oscila constantemente entre essas duas posições.

Estudante no pós-guerra, Zinóviev relata uma discussão que teve com outro colega, adversário do comunismo:

«- Se não tivesse havido a colectivização e a industrialização, teríamos podido ganhar a guerra contra os alemães?

- Não.

- Sem os rigores stalinistas, teríamos podido manter o país numa ordem relativa?

- Não.

- Se não desenvolvêssemos a indústria e os armamentos, teríamos preservado a integridade do nosso Estado?

- Não.

- Então, que propões tu?

- Ora, nada!»¹⁸¹

O «genocídio» da colectivização

Nos anos 80, a direita recuperou muitos dos temas desenvolvidos pelos nazis durante a guerra psicológica contra a URSS. Após 1945, de modo geral, os esforços para reabilitar o nazismo começaram com afirmação de que «o stalinismo era pelo menos tão bárbaro quanto o nazismo». Ernst Nolte, secundado por um Jürgen Habermas, afirmou, em

1986, que o extermínio dos kulaques por Stáline podia ser comparado ao extermínio dos judeus por Hitler!

«Auschwitz não é, à partida, o resultado do anti-semitismo tradicional. No fundo, não foi na sua essência um “genocídio”, mas antes uma reacção nascida da ansiedade ante os actos de extermínio da revolução russa. A cópia era muito mais irracional do que o original.»¹⁸²

Assim, os hitlerianos teriam sido atormentados pela «ansiedade» ante os crimes stalinistas; e o extermínio dos judeus não foi senão uma «reacção» a esta «ansiedade». No seu tempo, Hitler usou argumentos semelhantes: a agressão contra a URSS era uma medida de «autodefesa» contra a ameaça judaico-bolchevique. E alguns espantam-se com o facto de o fascismo voltar a ascender na Alemanha?

O termo soviético de «liquidação dos kulaques enquanto classe» indica perfeitamente que se trata de eliminar a exploração de tipo capitalista própria aos kulaques e nunca de liquidar fisicamente os kulaques. Mas, especulando com a palavra «liquidação», homens sem escrúpulos, como Nolte e Conquest, alegam que os kulaques exilados foram «exterminados»!

Stefan Merl, um investigador alemão, descreve as condições precárias em que os primeiros kulaques foram expropriados e enviados para a Sibéria, durante a vaga de colectivização de Janeiro a Março de 1930. «Com o início da Primavera, a situação nos campos de acolhimento agravou-se. Espalharam-se epidemias que fizeram muitas vítimas sobretudo entre as crianças. Por esta razão, todas as crianças foram retiradas dos campos, em Abril de 1930, e reenviadas para as suas aldeias de origem. Nessa altura, haviam sido deportados para Norte cerca de 400 mil pessoas; até ao Verão de 1930, morreram provavelmente entre 20 mil a 40 mil pessoas.»¹⁸³ Aqui, Merl informa-nos de passagem que um grande número das «vítimas do terror» pereceu devido às epidemias e que o Partido reagiu prontamente para proteger as crianças.

Merl afirma igualmente que, no Outono de 1930, os transportes «foram efectuados em condições menos bárbaras». A maioria foi enviada para a Sibéria e Cazaquistão, «regiões onde havia um défice considerável de força de trabalho». No decurso dos anos 1930-1935 havia carência de força de trabalho sobretudo nas novas regiões de exploração. O regime tentava utilizar todos os recursos disponíveis. É por isso pouco plausível que tivesse «eliminado» homens que trabalhavam a terra na Sibéria e no Cazaquistão desde há um ou dois anos. No entanto, Merl estima que os 100 mil chefes de família kulaques da primeira categoria, enviados para o sistema *Gulag*, foram todos mortos. Ora, o Partido incluiu na primeira categoria somente 63 mil kulaques e destes apenas os culpados de actos terroristas e contra-revolucionários estavam sujeitos a execução.

Merl prossegue: «Cem mil outras pessoas perderam provavelmente a vida no início de 1930 devido à expulsão das suas casas, à deportação para o Norte e às execuções.» Depois acrescenta outras 100 mil pessoas «mortas nas regiões de deportação até o fim dos anos 30». Sem outra precisão ou indicação.¹⁸⁴ O número de 300 mil mortos é, portanto, baseado em estimativas pouco fiáveis, sendo que as mortes se devem largamente a causas naturais, velhice e doença, e às condições gerais do país.

No entanto, Merl viu-se obrigado a defender as suas estimativas, consideradas «muito fracas» perante as de um criptofascista como Conquest. Este último «calculou» que seis milhões e 500 mil kulaques tenham sido «massacrados» durante a colectivização, dos quais três milhões e 500 mil nos campos da Sibéria!¹⁸⁵ Conquest é visto como uma «autoridade» por toda a direita. Mas Merl constata que Conquest padece de uma «espantosa ausência de crítica das fontes». Conquest «utiliza escritos obscuros de

emigrados, recuperando informações transmitidas em segunda ou terceira mão.» (...) «Frequentemente, o que apresenta como “factos” assenta numa única fonte discutível.»¹⁸⁶ (...) «Segundo estas “provas”, o número de vítimas invocado por Conquest ultrapassa em mais do dobro o número de deportados.»¹⁸⁷

Desde há muito, pois, que o trabalho de autores estranhos ao comunismo como Merl permitem refutar as calúnias grosseiras de Conquest. Todavia, em 1990, Zemskov e Dúguine, dois historiadores soviéticos, publicaram estatísticas detalhadas do *Gulag*. Os números exactos passaram assim a estar disponíveis e refutam a maior parte das falsificações de Conquest.

Durante o período mais violento da colectivização, em 1930-31, os camponeses expropriaram 381 026 kulaques e enviaram as suas famílias para as terras virgens no Leste. Ao todo foram afectadas 1 803 392 pessoas. Em 1 de Janeiro de 1932 foram recenseados 1 317 022 indivíduos nos locais de estabelecimento. A diferença é de 486 mil pessoas. Aproveitando a desorganização, uma grande parte dos deportados evadiu-se ao longo da viagem, que durava frequentemente três ou mais meses. (A título de comparação: de um milhão e 317 mil instalados, 207 010 conseguiram evadir-se durante o ano de 1932.)¹⁸⁸ Outros, cujos casos foram revistos, puderam regressar às suas antigas casas. Um número indeterminado, que se pode estimar em 100 mil, faleceu durante a viagem, sobretudo devido às epidemias. O elevado número de baixas durante a deslocação tem de ser visto no contexto da época: uma administração muito fraca, condições de vida precárias para toda a população e lutas de classe muitas vezes caóticas num meio rural atreito ao esquerdismo. Evidentemente que, para a direita, o culpado de cada falecimento em viagem foi o Partido, foi Stáline. Ora o contrário é a verdade. A posição do Partido está expressa num dos numerosos relatórios sobre este problema, redigido pelo responsável de uma colónia de trabalho em Novossibirsk, em 20 de Dezembro de 1931.

«A forte mortalidade observada nos comboios números 18 a 23, provenientes do Cáucaso do Norte – 2421 pessoas em 10 086 à partida –, pode explicar-se pelas seguintes razões:

- 1. Uma atitude negligente, criminosa, na selecção dos contingentes de deportados, entre os quais figuram numerosas crianças, velhos de mais de 65 anos e doentes;*
- 2. O desrespeito das directivas relativas ao direito dos deportados de levarem consigo provisões para dois meses de viagem;*
- 3. A falta de água fervida, que obrigava os deportados a beberem água contaminada. Muitos morreram de disenteria e outras epidemias.»¹⁸⁹*

Todas estas mortes foram classificadas na rubrica «crimes stalinistas». Mas este relatório mostra que duas das causas apontadas estão ligadas à não observância das directivas do Partido e que a terceira se prende com as condições e os hábitos sanitários deploráveis no conjunto do país.

Conquest «calculou» que três milhões e 500 mil kulaques foram «exterminados» nas colónias.¹⁹⁰ Mas o número total de «deskulaquizados» nas colónias nunca ultrapassou 1 317 022! E entre 1932 e 1935, o número dos que deixaram as colónias ultrapassou em 299 889 os novos instalados. De 1932 até final de 1940, o número exacto do total de mortes, essencialmente devido a causas naturais, foi de 389 521. E este número não se refere exclusivamente aos «deskulaquizados», já que, desde 1935, outras categorias de detidos povoaram as colónias.

Que comentários podemos fazer à afirmação de Conquest de que seis milhões 500 mil kulaques foram «massacrados» durante as diferentes fases da colectivização? Só uma

parte dos 63 mil contra-revolucionários da primeira categoria foi executada. O número de falecimentos durante o transporte, causado em larga medida pela fome e epidemias, terá rondado os 100 mil. Entre 1932 e 1940 podemos estimar que 200 mil kulaques morreram nas colónias de causas naturais. As execuções e as mortes verificaram-se no decurso da mais vasta luta de classes que o campo russo jamais viu, uma luta que revolucionou um campo atrasado e primitivo. Nesta agitação gigantesca, 120 milhões de camponeses saíram da Idade Média, do analfabetismo e do obscurantismo. Os visados foram as forças reaccionárias, interessadas em manter a exploração e as condições de vida e de trabalho degradantes e desumanas. A repressão da burguesia e dos reaccionários era absolutamente necessária para realizar a colectivização: só o trabalho colectivo tornaria possível a mecanização socialista, permitindo assim às massas camponesas ter uma vida livre, digna e cultivada.

Movidos pelo seu ódio ao socialismo, intelectuais ocidentais têm propagado as calúnias absurdas de Conquest sobre os seis milhões e 500 mil kulaques «exterminados». Tomam assim a defesa da democracia burguesa, da democracia imperialista. Em Moçambique, a Renamo, organizada pela CIA e pelos serviços secretos da África do Sul, massacrou e condenou à fome 900 mil aldeões desde 1980. O objectivo: impedir que Moçambique emerja como país independente de orientação socialista. Em Moçambique, os intelectuais ocidentais não necessitam inventar cadáveres, basta simplesmente constatar a barbárie do imperialismo. Mas esses 900 mil mortos são um não-facto: não são referidos.

A Unita, apoiada e sustentada abertamente também pela CIA e pela África do Sul, matou mais de um milhão de angolanos durante a guerra civil contra o governo nacionalista do MPLA. Depois de ter perdido as eleições de 1992, Savimbi, o homem da CIA, permitiu-se relançar sua guerra destruidora.

«A tragédia angolana ameaça a vida de três milhões de pessoas (...) Savimbi recusou aceitar a vitória eleitoral do governo, por 129 lugares contra 91, e mergulhou de novo Angola num conflito feroz que já exigiu mais 100 mil vidas (em 12 meses).»¹⁹¹

Cem mil mortos africanos, é claro, não são nada. Quantos intelectuais ocidentais, que adoram ainda hoje bramir contra a colectivização, ignoram simplesmente os dois milhões de camponeses moçambicanos e angolanos massacrados pelo Ocidente para impedir que os seus países sejam realmente independentes e escapem ao controlo do capital internacional?

Notas

¹Douglas Tottle, *Fraud, Famine and Fascism, The Ukranian Genocide Mith From Hitler to Harvard*, Progress Books, Toronto, 1987, pp. 5-6.

²Louis Fisher, «Hearst's Russian Famine», *The Nation*, vol. 140, n.º 36, 13 de Março de 1935, citado em Tottle, op. cit., pp. 7-8.

³Casey James, in *Daily Worker*, 21 de Fevereiro de 1935, citado em Tottle, op. cit, p. 9.

⁴Tottle, op. cit., pp. 13 e 5.

⁵Ibidem, pp. 19-21.

⁶Símone Vassílievitch Petliúra (1879-1926), militar e político ucraniano, ocupa a chefia do país em Fevereiro de 1919 e resiste ao avanço do Exército Vermelho. Depois da derrota dos seus exércitos, em 1920, foge para a Polónia e acaba assassinado em Paris por um judeu ucraniano,

que vingou a morte de 15 familiares, incluindo os pais, chacinados durante os pogroms de Petliúra (NT).

⁷Románe Ióssifovitch Chukhévitch (1907-1950), contra-revolucionário ucraniano e colaborador nazi. Foi morto em 1950, no seu esconderijo perto de Lvov, quando tentava escapar ao cerco montado pelos órgãos de segurança soviéticos (NT).

⁸Tottle, op. cit., pp. 38-44.

⁹Stepan Andréievitch Bandera (1909-1959) contra-revolucionário ucraniano, líder da Organização dos Nacionalistas Ucranianos entre os anos 30 e 50 (NT).

¹⁰Tottle, op. cit., p. 41.

¹¹Ibidem, p. 50.

¹²Ibidem, p. 51.

¹³Ibidem, p. 61.

¹⁴Ibidem, pp. 70-71.

¹⁵Ibidem, p. 71

¹⁶Ibidem, p. 74

¹⁷Andréi Andréievitch Vlássov, (1901- 1946), membro do Partido desde 1930. Comandante de Divisão de Atiradores, esteve na China como conselheiro militar (1938-39). Major-general (1940) é nomeado em 1941 comandante do corpo mecanizado da região militar de Kíev. Em Março de 1942 é nomeado vice-comandante da Frente de Volkhovski e logo a seguir enviado como comandante do 2.º Exército de Choque, que estava envolvido em duros combates de defesa. Sitiadas pelos alemães, uma parte das suas tropas consegue furar o cerco e juntar-se a outras unidades. Vlássov abandona os seus homens e entrega-se aos nazis com quem passa a colaborar, vindo mais tarde a criar o Exército Libertador da Rússia (DIA), a organização militar dos colaboracionistas (NT).

¹⁸Tottle, op. cit., pp. 78-79.

¹⁹Ibidem, p. 86.

²⁰Robert Conquest, *Harvest of Sorrow*, p. 334.

²¹Tottle, op. cit., p. 105.

²²Aleksei Fiódorovitch Fiódorov (1901-1989), membro do Partido desde 1927, participante na Guerra Civil, major-general (1943), Herói da URSS (1942 e 1944). Foi primeiro secretário do Partido em várias regiões, destacou-se durante a II Guerra como organizador da resistência nos territórios ocupados da Ucrânia. Exerceu funções de ministro dos Assuntos Sociais da Ucrânia entre 1957 e 1979 (NT).

²³Tottle, op. cit., p. 113.

²⁴Ibidem, p. 113.

²⁵Vladímir Mikháilovitch Kubióvitch (1900-1985) contra-revolucionário ucraniano, colaborador nazi durante a guerra e um dos líderes da diáspora ucraniana no Ocidente (NT).

²⁶Andréi Mélnik (1890-1964), um dos líderes da Organização dos Nacionalistas Ucranianos durante a II Guerra. Emigrou em 1945 e veio a falecer no Luxemburgo (NT)

²⁷Tottle, op. cit., p. 115.

²⁸Ibidem, p. 118.

²⁹Ibidem, p. 118.

³⁰Ibidem, p. 122.

³¹Ibidem, p. 128.

³²Ibidem, p. 129.

³³Ibidem, p. 58.

³⁴Arch Getty, *Origins of the Great Purges*, Cambridge University Press, Cambridge, 1985, p. 5.

³⁵Tottle, op. cit., p. 94.

³⁶Ibidem, p. 94, e Sydney and Beatrice Webb, op. cit., p. 247.

³⁷Tottle, op. cit., p. 91.

³⁸Ibidem, p. 92.

³⁹Ibidem, p. 97.

⁴⁰Antigo nome da cidade de Kírov (NT).

⁴¹Ibidem, p. 97.

⁴²Ibidem, p. 100.

⁴³Ibidem, p. 99.

⁴⁴Ibidem, p. 101.

⁴⁵Alexei Fédorov, *Partisans d'Ukraine*, em dois tomos, Ed. J'ai lu, Paris, 1966, também publicado sob o título, *L'Obkom Clandestin*, Les Editeurs Français Reunis, 1951.

Capítulo V

A colectivização e o «holocausto ucraniano»

As mentiras debitadas sobre a colectivização foram sempre as armas predilectas da burguesia na guerra psicológica contra a União Soviética. Analisamos aqui o mecanismo de uma das mentiras mais «populares», a do holocausto cometido por Stáline contra o povo ucraniano. Esta calúnia brilhantemente elaborada devemos-la ao génio de Hitler. No seu *Mein Kampf*, escrito em 1926, já tinha indicado que a Ucrânia pertencia ao «*lebensraum*» [espaço vital] alemão. A campanha lançada pelos nazis em 1934-1935, sobre o tema do «genocídio» bolchevique na Ucrânia, destinava-se a preparar os espíritos para a projectada «libertação» da Ucrânia. Veremos por que esta mentira sobreviveu aos seus criadores nazis para se tornar numa arma americana. Eis como nasceram as fábulas sobre os «milhões de vítimas do stalinismo».

Em 18 de Fevereiro de 1935, nos Estados Unidos, a imprensa de Hearst – o grande magnata da imprensa e simpatizante dos nazis – inicia a publicação de uma série de artigos de Thomas Walker, apresentado como grande viajante e jornalista, que viajou através da União Soviética durante vários anos. À cabeça da primeira página do *Chicago American*, de 25 de Fevereiro, surgiu um título enorme: «*A fome na União Soviética faz seis milhões de mortos. Colheita dos camponeses confiscada, homens e animais rebentam*». A meio da página, um outro título: «*Jornalista arrisca a vida para obter fotos da carnificina*». No rodapé: «*Fome – crime contra a humanidade*».¹

Na altura, Louis Fischer trabalhava em Moscovo para o jornal *The Nation*. A «cacha» do seu colega, um ilustre desconhecido, intriga-o profundamente. Por isso investiga o caso e apresenta as conclusões aos leitores do seu jornal.

«*O senhor Walker informa-nos que entrou na Rússia na última Primavera, ou seja, a Primavera de 1934. Ele viu a fome. Fotografou as suas vítimas. Recolheu testemunhos em primeira mão sobre a devastação da fome que vos despedaçaram o coração. A fome na Rússia tornou-se um tema muito quente. Por que razão teria o senhor Hearst guardado estes artigos sensacionais durante dez meses antes de publicá-los? Decidi consultar as autoridades soviéticas sobre o assunto. Thomas Walker esteve uma única vez na União Soviética. Recebeu um visto de trânsito no consulado soviético, em Londres, no dia 29 de Setembro de 1934. Entrou na URSS a partir da Polónia, de comboio, em Negoréloe, no dia 12 de Outubro de 1934. Não na Primavera, como afirmou. No dia 13 chegou a Moscovo. Permaneceu em Moscovo de sábado, 13, a quinta-feira, 18, e tomou em seguida o Transiberiano que o levou à fronteira entre a União Soviética e a Manchúria em 25 de Outubro de 1934 (...) Teria sido impossível a Mr. Walker, nos cinco dias compreendidos entre 13 e 18, percorrer um terço dos pontos que “descreve” por experiência própria. Minha hipótese é que permaneceu tempo suficiente em Moscovo para obter no azedume de terceiros a “cor local” ucraniana de que necessitava para dar a seus artigos a falsa verosimilhança que têm.*»

Um amigo de Fisher, também americano, Lindsay Parrot, havia estado na Ucrânia no começo de 1934. Não viu qualquer sequela da fome de que fala a imprensa de Hearst. Pelo contrário, a colheita de 1933 tinha sido abundante. Fisher conclui: «*A organização de Hearst e os nazis desenvolvem uma cooperação cada vez mais estreita. Não vi que a imprensa de Hearst tivesse publicado os relatos do Sr. Parrot sobre uma Ucrânia soviética próspera. O Sr. Parrot é o correspondente do Sr. Hearst em Moscovo...*»²

Na legenda da fotografia de uma pequena rapariga e uma criança esquelética, Walker escreveu: «*Terrível! A Norte de Khárkov, uma rapariga muito magra e o seu irmão de dois anos e meio. Esta criança rastejava pelo chão como um sapo e seu pobre pequeno corpo estava tão deformado por falta de comida que não parecia humano.*»

Douglas Tottle, sindicalista e jornalista canadiano, que consagrou um livro notavelmente bem documentado sobre o mito do «genocídio ucraniano», descobriu a fotografia da criança-sapo, supostamente datada da Primavera de 1934, numa publicação de 1922 sobre a fome na Rússia. Uma outra foto de Walker foi identificada como sendo a de um soldado da cavalaria austríaca, ao lado de um cavalo morto, tirada durante a I Guerra Mundial.³

Triste senhor Walker: a sua reportagem é falsa, as suas fotos são falsas, até ele próprio é falso. O verdadeiro nome deste homem é Robert Green. Evadiu-se da prisão do Estado de Colorado após ter cumprido dois anos de uma pena de oito. Depois foi inventar a sua reportagem para a União Soviética. No regresso aos Estados Unidos foi preso e reconheceu diante do Tribunal jamais ter posto os pés na Ucrânia.

O multimilionário Wiliam Randolph Hearst encontrou-se com Hitler no final do Verão de 1934 para concluir um acordo estipulando que a Alemanha passaria a comprar as suas notícias internacionais ao *International New Service*, uma agência que pertencia ao grupo Hearst. Nessa época, a imprensa nazi já tinha iniciado uma campanha sobre «a fome na Ucrânia». Hearst dará a sua contribuição graças à imaginação do seu grande explorador, o sr. Walker.⁴

Na imprensa de Hearst apareceram outros testemunhos do mesmo género sobre a fome. Um certo Fred Beal pô-los em letra de forma. Operário americano condenado a 20 anos de prisão na sequência de uma greve, Beal refugiou-se na União Soviética no ano de 1930, trabalhando durante dois anos na fábrica de tractores de Khárkov. Em 1933, publica um pequeno livro intitulado *Foreign workers in a Soviete Tractor Plant*, onde relata com simpatia os esforços do povo soviético. No final de 1933, regressa aos Estados Unidos. Encontra o desemprego, mas também a prisão. Em 1934, começa a escrever sobre a fome na Ucrânia, após o que as autoridades reduzem de forma significativa a sua pena. Quando o seu «testemunho» é publicado por Hearst, em Junho de 1935, J. Woly nec, um outro americano que tinha trabalhado cinco anos na mesma fábrica em Khárkov, apontará as mentiras que entremeavam o texto. Sobre as inúmeras conversas que Beal alegava ter registado, Woly nec nota que Beal não falava nem russo nem ucraniano. Em 1948, Beal ofereceu outra vez os seus serviços à extrema-direita como testemunha de acusação contra comunistas perante o Comité McCarthy.⁵

Um livro com a chancela de Hitler

Em 1935 é publicado em alemão o livro *Muss Russland hungern?*, do Dr. Ewald Ammende. Tem como fontes a imprensa nazi alemã, a imprensa fascista italiana, a imprensa dos emigrados ucranianos e «viajantes» e «especialistas», assim citados, sem qualquer outra precisão. Publica fotografias que afirma «constarem entre as fontes mais importantes sobre a realidade actual da Rússia». «A maior parte foi tirada por um especialista austríaco», explica laconicamente Ammende. Há também fotos pertencentes ao Dr. Ditloff, que foi, até Agosto de 1933, director da Concessão Agrícola do governo alemão no Cáucaso do Norte. Didoff afirma ter fotografado, no Verão de 1933, «nas regiões agrícolas da zona da fome». Ora sendo Ditloff funcionário do governo nazi, como

teria podido deslocar-se do Cáucaso até Ucrânia para caçar tais imagens? Das fotos de Ditloff, sete já tinham sido publicadas por Walker, entre as quais está a da «criança-sapo». A fotografia que mostra dois jovens esqueléticos, símbolos da fome ucraniana de 1933, pôde ser vista na série televisiva *La Russie*, de Peter Ustinov. Foi retirada de um filme-documentário sobre a fome na Rússia de 1922! Uma outra foto de Ammende, afinal também já tinha sido publicada pelo órgão nazi *Volkischer Beobachter*, em 18 de Agosto de 1933, e foi igualmente identificada em livros datados de 1922.

Ammende tinha trabalhado na região do Volga em 1913. Durante a Guerra Civil de 1917-1918, ocupou cargos nos governos contra-revolucionários germanófilos da Estónia e da Letónia. Depois trabalhou para o governo de Skoropádski, instalado pelo exército alemão na Ucrânia, em Março de 1918. Afirmou ter participado nas campanhas de ajuda humanitária durante a fome na Rússia de 1921-1922, o que explica a sua familiaridade com o material fotográfico dessa época. Durante anos, Ammende foi o secretário-geral do denominado «Congresso Europeu das Nacionalidades», próximo do Partido Nazi, que reunia emigrados da União Soviética. No final de 1933, Ammende torna-se secretário honorário do «Comité de Ajuda às regiões atingidas pela fome na Rússia», dirigido pelo cardeal pró-fascista Innitzer, em Viena. Ammende esteve portanto estreitamente ligado a toda a campanha anti-soviética dos nazis.

Quando Reagan lançou a sua cruzada anticomunista no começo dos anos 80, o professor James E. Mace, da Universidade de Harvard, julgou oportuno reeditar e prefaciá-lo o livro de Ammende sob o título *Human Life in Russia*. Estávamos no ano de 1984. Desta forma, todas as falsificações nazis, os falsos documentos fotográficos e a pseudo-reportagem de Walker na Ucrânia obtiveram a respeitabilidade académica associada ao nome de Harvard.

No ano anterior, emigrados de extrema-direita ucranianos haviam publicado, nos Estados Unidos, *The Great Famine in Ukraine: The Unknown Holocaust*. Douglas Tottle pôde verificar que todas as fotografias deste livro datam dos anos 1921-1922. Por exemplo, a foto da capa pertence ao doutor F. Nansen, do Comité Internacional de Ajuda à Rússia, e foi publicada em *Information* n.º 22, Génova, 30 de Abril de 1922, pág. 66.

O revisionismo dos neonazis «revê» a história para justificar, antes de tudo, os crimes bárbaros do fascismo contra a União Soviética. Os neonazis negam também os crimes cometidos pelos hitlerianos contra os judeus. Negam a existência dos campos de extermínio onde pereceram milhões de judeus. E inventam «holocaustos» pretensamente cometidos pelos comunistas e pelo camarada Stáline. Com esta mentira, fabricam uma justificação das matanças bestiais que os nazis cometeram na União Soviética. E para este revisionismo ao serviço da luta anticomunista, receberam o pleno apoio de Reagan, Bush, Thatcher e companhia.

Um livro com a chancela de MacCarthy

Milhares de nazis ucranianos conseguiram entrar nos Estados Unidos após a II Guerra Mundial. Durante o período MacCarthy, testemunharam na qualidade de vítimas da «barbárie comunista». Relançaram a fábula da fome-genocídio num livro em dois volumes, *Black Deeds of the Kremlin*, publicados em 1953 e 1955, sob edição da «Associação Ucraniana das Vítimas do Terror Comunista Russo» e da «Organização Democrática dos Ucranianos Perseguidos sob o Regime Soviético». Neste livro, caro a Robert Conquest que o cita abundantemente, encontramos a glorificação de Petliúra,⁶

responsável pelo massacre de várias dezenas de milhares de judeus entre 1918-1920, e uma homenagem a Chukhévitch,⁷ o comandante nazi do batalhão Rossignol e do Exército Insurreccional Ucrainiano.

Black Deeds of the Kremlin contém também uma série de fotos da fome-genocídio de 1932-33. Todas falsas. Deliberadamente falsas. Uma imagem, intitulada «Pequeno canibal», provém do *Information* n.º 22, do Comité Internacional de Ajuda à Rússia, publicado em 1922, onde a foto tem como legenda «*Canibal de Zaporóje: ele comeu a irmã*». Na página 155, *Black Deeds* inclui uma foto de quatro soldados e um oficial que acabam de executar homens. Título: «*A execução dos kulaques*». Detalhe: os soldados vestem o uniforme tsarista! E assim nos mostram execuções tsaristas como prova dos «crimes de Stáline.»⁸

Um dos autores do volume I é Alexandre Hay-Holowko, que foi ministro da Propaganda no governo da Organização dos Nacionalistas Ucrainianos de Bandera,⁹ Durante a sua breve existência, este governo matou vários milhares de judeus, polacos e bolcheviques em Lvov.

Entre as pessoas citadas como «apoiantes» deste livro está Bilotserkiwsky, aliás Anton Chpak, um antigo oficial da polícia nazi em Bila Tserkva, onde, segundo o testemunho do escritor Skrybnyak, dirigiu o extermínio de dois mil civis.¹⁰

Entre 1 e 15 milhões de mortos

Em Janeiro de 1964, o professor Dana Dalrymple publicou o artigo «A fome soviética de 1932-34», no *Soviet Studies*, onde alega que houve 5,5 milhões de mortos, a média de 20 estimativas de diversos autores.

Uma questão coloca-se de imediato: em que fontes se baseiam as «estimativas» do professor?

A primeira fonte é Thomas Walker, o homem da falsa viagem à Ucrânia, o qual, segundo Dalrymple, «falava provavelmente o russo»! A segunda fonte: Nicholas Prychodko, um emigrado de extrema-direita, que foi ministro da Cultura e da Educação da Ucrânia durante a ocupação nazi! Cita o número de sete milhões de mortos.

Em seguida vem Otto Schiller, funcionário nazi, encarregado da reorganização da agricultura na Ucrânia, sob a ocupação dos hitlerianos. Dalrymple cita o seu texto publicado em Berlim, em 1943, onde estabelece o número de mortos em 7,5 milhões.

A quarta fonte é Ewald Ammende, o nazi que esteve pela última vez na Rússia em 1922. Em duas cartas publicadas em Julho e Agosto de 1934, no *The New York Times*, Ammende fala de 7,5 milhões de mortos e afirma que, em Julho, as pessoas morriam nas ruas de Kíev. Alguns dias mais tarde, o correspondente deste jornal nova-iorquino, Harold Denny, desmentiu as informações de Ammende.

«*O vosso correspondente esteve em Kíev durante vários dias em Julho último, no momento em que supostamente as pessoas morriam, mas nem na cidade nem nos campos em redor havia fome.*» Algumas semanas mais tarde Harold Denny regressou ao tema: «*Em nenhuma parte reinava a fome. Em nenhuma parte havia o receio de fome. Havia comida, inclusive pão, nos mercados locais. Os camponeses sorriam e eram generosos com os alimentos.*»¹¹

Segue-se Frederick Birchall, que refere mais de quatro milhões de mortos num artigo de 1933. Nessa altura, Birchall foi um dos primeiros jornalistas americanos em Berlim a exprimir a sua simpatia pelo regime hitleriano.

William H. Chamberlain é a sexta e a sétima fonte e Eugene Lyons a oitava. Chamberlain começa por falar em quatro milhões, mas mais à frente cita os 7,5 milhões de mortos determinados «segundo estimativas de residentes estrangeiros na Ucrânia», simplesmente. Os cinco milhões de mortos de Lyons são também fruto de boatos e rumores, «estimativas de estrangeiros e de russos em Moscovo»! Chamberlain e Lyons eram dois anticomunistas profissionais. Tornaram-se membros do comité de direcção do «Comité Americano para a Libertação do Bolchevismo», que era financiado em 90 por cento pela CIA. Este comité dirigia a *Radio Liberty*.

O número mais elevado, dez milhões, foi fornecido sem explicações por Richard Sallet na imprensa pró-nazi de Hearst. Em 1932, a população propriamente ucraniana era de 25 milhões de habitantes...¹²

Entre as 20 fontes do trabalho «académico» do senhor Dalrymple, três tinham origem na imprensa pró-nazi e cinco em publicações de direita dos anos McCarthy (1949-1953). Dalrymple utiliza dois autores fascistas alemães, um antigo colaboracionista nazi ucraniano, um emigrado russo de direita, dois agentes da CIA e um jornalista simpatizante de Hitler. Um grande número de dados foi fornecido por vagos «residentes estrangeiros na União Soviética» não identificados.

As duas estimativas mais baixas datadas de 1933 vêm de jornalistas americanos colocados em Moscovo e conhecidos pelo seu rigor profissional, Ralph Barnes, do *New York Herald Tribune*, e Walter Duranty, do *New York Times*. O primeiro fala de um milhão, o segundo de dois milhões de mortos pela fome.

Dois professores em socorro dos nazis ucranianos

Para apoiar a sua nova cruzada anticomunista e justificar a corrida louca aos armamentos, Reagan estimulou uma grande campanha sobre o «50.º Aniversário da Fome-Genocídio na Ucrânia» em 1983. Era preciso provas de que o comunismo é o genocídio para tornar sensível a ameaça terrível que pesava sobre o Ocidente. Essas provas serão fornecidas pelos nazis e seus colaboradores. Dois professores norte-americanos deram-lhes cobertura com a sua autoridade académica: James E. Mace, de Harvard, co-autor de *Famine in the Soviet Ukraine*, e Walter Dushnyck, que escreveu *Há 50 anos: O Holocausto pela Fome na Ucrânia. Terror e Miséria como Instrumento do Imperialismo Russo Soviético*, prefaciado por Dana Dalrymple.

A obra de Mace inclui 44 fotografias «da fome-genocídio de 1932-1933». Vinte e quatro são extraídas de duas obras nazis escritas por Laubenheimer. Esse último atribui a maior parte das imagens a Ditloff e começa a exposição com uma citação do *Mein Kampf*: «Se o judeu, graças à sua religião marxista, conseguir vencer os outros povos deste mundo, a sua coroa será a coroa funerária da humanidade e o planeta evoluirá no universo, como há milhões de anos, sem seres humanos.» Todas as fotos de Laubenheimer-Ditloff são falsificações provenientes da I Guerra Mundial e da fome de 1921-1922!¹³ O segundo professor, Dushnyck, foi identificado como quadro da Organização Nacionalista Ucraniana, de obediência fascista, activo desde o final dos anos 30.

Cálculo científico...

Dushnyck inventou um método «científico» para calcular as mortes da «fome-genocídio» e Mace seguiu-o nesta linha. «*Se compararmos os dados do recenseamento de 1926 (...) com os do recenseamento de 17 de Janeiro de 1939 (...) e levarmos em conta o aumento médio da população antes da colectivização (2,36 por cento), podemos calcular que a Ucrânia (...) perdeu 7,5 milhões de pessoas entre os dois recenseamentos.*»¹⁴

Estes cálculos não valem absolutamente nada. A I Guerra Mundial, as guerras civis e a grande fome 1920-1922 provocaram uma redução da natalidade; ora, a nova geração atingiu os 16 anos, a idade da procriação, precisamente a partir de 1930. A estrutura da população tinha assim necessariamente de conduzir a uma queda da natalidade durante os anos 30.

O aborto livre também provocou uma redução notória da natalidade nos 30, a ponto de o governo o ter suspenso em 1936 com o objectivo de aumentar a população.

Os anos 1929-1933 caracterizaram-se por grandes e violentas lutas no campo, que foram acompanhadas por momentos de fome. Tais condições económicas e sociais provocaram uma queda das taxas de natalidade. Também o número de pessoas registadas como ucranianas se alterou devido aos casamentos interétnicos, às mudanças de nacionalidade e às migrações.

Para além disso, as fronteiras da Ucrânia não eram as mesmas em 1929 e em 1926. Os cossacos do Kuban, entre dois a três milhões de pessoas, foram recenseados como ucranianos em 1926 e reclassificados como russos no final da década de 20. Só por si, esta nova classificação explica 25 a 40 por cento das «vítimas da fome-genocídio» calculadas por Dushnyck-Mace.¹⁵

Acrescentemos que a população da Ucrânia, segundo os números oficiais, aumentou três milhões e 339 mil pessoas entre 1926 e 1939. Compare-se este crescimento com a evolução da população judaica que foi sujeita a um real genocídio organizado pelos nazis...¹⁶

Para testar a validade do «método Dushnyck», Douglas Tottle fez um exercício sobre a província de Saskatchewan, no Canadá, onde decorreram grandes lutas camponesas nos anos 30. A repressão foi em geral sangrenta. Tottle propôs-se «calcular» as vítimas da «repressão-genocídio» praticada pelo exército burguês canadiano na província de Saskatchewan:

População em 1931: **921 785**
Crescimento em 1921-1931: **22%**
Projectão da população em 1941: **1 124 578**
População real em 1941: **895 992**
Vítimas da repressão-genocídio: **228 586**
Vítimas em percentagem de 1931: **25%**

Este «método científico» aplicado ao Canadá seria qualificado por qualquer homem razoável de farsa grotesca; no entanto, aplicado à União Soviética é largamente utilizado nas publicações da direita como uma «prova» do terror «stalinista».

O uso indevido do cinema

A campanha da «fome-genocídio», lançada pelos nazis em 1933, atingiu o seu auge meio século mais tarde, em 1983, com o filme *Harvest of Despair* [A Colheita do Desespero], destinado ao grande público, e com o livro *Harvest of Sorrow* [A Colheita da Dor], de Robert Conquest (1986), dirigido à intelectualidade.

Os filmes *A Colheita do Desespero*, sobre o «genocídio ucraniano», e *The Killing Fields* [Terra Sangrenta], sobre o «genocídio» no Camboja, foram as duas obras mais importantes, criadas pelo séquito de Reagan, para convencer as pessoas de que o comunismo era sinónimo de genocídio.

Harvest of Despair obteve a medalha de ouro no 28.º Festival Internacional do Cinema e da TV de Nova Iorque, e em 1985. Os mais importantes testemunhos sobre o «genocídio» que aparecem neste filme são apresentados por nazis alemães e seus antigos colaboradores. A primeira testemunha, Stepan Skrípnik, foi redactor-chefe do jornal nazi *Volin* durante a ocupação alemã. Em três semanas, com o beneplácito das autoridades hitlerianas, este homem foi promovido de leigo à posição de bispo da Igreja ortodoxa ucraniana e, em nome da «moral cristã», fez uma ruidosa propaganda a favor da Nova Ordem. No final da guerra, refugiou-se nos Estados Unidos.

O alemão Hans Von Herwarth é outra testemunha. Trabalhou na União Soviética no serviço que recrutava homens para o exército do general Vlássov¹⁷ entre os prisioneiros soviéticos. O seu compatriota Andor Henke, que era um diplomata nazi, figura também no filme.

Para ilustrar a «fome-genocídio» de 1932-1933, os autores utilizaram sequências de notícias filmadas anteriores a 1917, fragmentos dos filmes *A Fome do Tsar*, de 1922, *Arsenal*, de 1929, e excertos de *O Cerco de Leningrado*, filmado durante a II Guerra Mundial.

Atacado publicamente em 1986 por tais falsificações, Marco Carynnik, que esteve na base deste filme e foi responsável pelas pesquisas, fez a seguinte declaração pública: «Nenhum dos fragmentos filmados de arquivo data da fome ucraniana e só em muito poucos casos foi possível confirmar a autenticidade das fotografias apresentadas de 1932-33. No final do filme, a sequência dramática de uma jovem macilenta, que também tem sido usada na promoção do filme, não data da fome de 1932-33.» (...) «Fiz questão de notar que este género de inexactidões é inadmissível, mas não me quiseram ouvir», disse Carynnik numa entrevista.¹⁸

Harvest of Sorrow: Conquest e a reconversão dos nazis ucranianos

Em Janeiro de 1978, Davie Leigh publicou um artigo no *Guardian*, de Londres, revelando que Robert Conquest tinha trabalhado para o serviço de desinformação, oficialmente designado *Information Research Department (IRD)*, pertencente aos serviços secretos ingleses. Nas embaixadas inglesas, era tarefa do responsável do *IRD* colocar material «falsificado» nas mãos dos jornalistas e personalidades públicas. Leigh afirmou: «Robert Conquest pertenceu ao serviço *IRD (Information Research Department)*. Trabalhou para o Ministério dos Negócios Estrangeiros até 1956.»¹⁹

Por proposta do *IRD*, Conquest escreveu um livro sobre a União Soviética; um terço da edição foi comprada pela *Praeger*, que publica e distribui frequentemente livros por

encomenda da CIA. Em 1986, Conquest contribuiu para a campanha de Reagan, que procurava convencer o povo americano do perigo de uma eventual ocupação dos Estados Unidos pelo Exército Vermelho! O livro de Conquest intitulou-se *Que Fazer Quando os Russos Chegarem: um manual de sobrevivência*.

No seu livro *O Grande Terror*, publicado em 1973, Conquest calculou o número de mortos da colectivização de 1932-1933 entre cinco e seis milhões, metade dos quais na Ucrânia. Exactamente dez anos mais tarde, com a ajuda da histeria anticomunista do período de Reagan, Conquest julgou oportuno alargar as condições da fome até 1937 e aumentar as suas «estimativas» para 14 milhões de mortos.

O seu livro *Harvest of Sorrow*, publicado em 1986, é uma versão pseudo-académica da história que é contada desde os anos 30 pela extrema-direita ucraniana. Conquest afirma que a extrema-direita ucraniana travou um combate «anti-alemão e anti-soviético», repetindo assim a mentira que os bandos criminosos inventaram após a sua derrota, quando procuravam emigrar para os Estados Unidos.

Na sua abordagem da história ucraniana, Conquest refere a ocupação nazi uma única vez, como um período entre duas vagas de terror vermelho!²⁰ No seu relato omitiu completamente o terror bestial que os fascistas ucranianos promoveram durante a ocupação alemã porque encontrou neles os seus melhores informadores sobre a «fome-genocídio».

Románe Chukhévitch comandou o batalhão Rossignol, constituído por ucranianos de direita que vestiam o uniforme alemão. O seu batalhão ocupou Lvov a 30 de Junho de 1941. Em três dias massacrou sete mil judeus. Em 1943, Chukhévitch foi nomeado comandante do Exército Insurreccional Ucraniano (EIU), de Stepan Bandera, cujos membros alegaram após a guerra ter combatido os alemães e os vermelhos.²¹

Todos os «relatos» dos combates alegadamente travados contra os alemães revelaram-se falsos. Afirmaram ter executado o chefe do Estado-Maior das SA, Victor Lutze, quando este faleceu num acidente de viação perto de Berlim. Disseram ter enfrentado dez mil soldados alemães perto de Volnia, no Verão de 1943. No entanto, o historiador Reuben Ainsztein provou que, durante esta batalha, cinco mil ucranianos de direita participaram ao lado de dez mil soldados alemães numa grande operação de cerco e aniquilamento do exército de resistentes dirigido pelo célebre bolchevique Aleksei Fiódorov!^{22/23}.

Ainsztein assinala: «*Os bandos do Exército Insurreccional Ucraniano, conhecidos como “banderistas”, revelaram-se os inimigos mais perigosos e mais cruéis dos judeus sobreviventes, dos camponeses e dos colonos polacos e de todos os resistentes anti-alemães.*»²⁴

A 14.^a divisão *Waffen-SS* da Galícia, ou divisão *Galitchina*, foi criada em Maio de 1943. No apelo à incorporação dos ucranianos, Kubióvitch,²⁵ chefe da Organização dos Nacionalistas de Direita ucranianos, tendência Mélnik,²⁶ declarou: «*Chegou o momento há tanto tempo esperado, agora que o povo ucraniano tem de novo a possibilidade de combater de armas na mão o seu inimigo mais atroz, o bolchevismo moscovita-judeu. O führer do Grande Reich alemão aceitou a formação de uma unidade separada de voluntários ucranianos.*»²⁷

Inicialmente, os nazis tinham imposto a sua autoridade directa na Ucrânia sem concederem qualquer tipo de autonomia aos seus aliados ucranianos. Foi na base desta rivalidade entre fascistas alemães e ucranianos que os nacionalistas de direita construíram mais tarde o mito da sua «oposição aos alemães». Repelidos pelo Exército Vermelho, os nazis mudaram de tática em 1943, atribuindo um maior papel aos assassinos ucranianos. A criação de uma divisão «ucraniana» da *Waffen-SS* foi

considerada como uma vitória do «nacionalismo ucraniano»! Em 16 de Maio de 1944, Himmler, o chefe das SS, felicitou a divisão *Galitchina* por ter desembarçado a Ucrânia de todos os seus judeus.

Wasył Veryha, um veterano da 14.^a divisão *Waffen-SS*, tendência Mélnik, escreveu em 1968:

*«O pessoal integrado na divisão tornou-se a coluna vertebral do Exército Insurreccional Ucraniano (...). O comando do EIU enviou também homens para receberem treino militar adequado na divisão. Isto reforçou o EIU que permaneceu sobre o solo da pátria (após a retirada alemã), sobretudo ao nível das chefias, comandantes e instrutores.»*²⁸

Embora a Organização dos Nacionalistas Ucranianos («ONU»), da tendência Mélnik, e a «ONU», da tendência Bandera, fossem concorrentes que, por vezes, chegavam ao confronto armado, constatamos que ambas colaboraram contra os comunistas sob a direcção dos nazis alemães.

O oficial nazi Schtolze revelou diante do Tribunal de Nuremberga que Canaris, o chefe da espionagem alemã, havia *«dado instruções para formar redes clandestinas para continuar a luta contra o poder soviético na Ucrânia. (...) Agentes competentes eram deixados no terreno especialmente para dirigirem o movimento nacionalista.»*²⁹ Assinale-se que o grupo trotskista de Mandel continuou a apoiar a luta armada «anti-stalinista», conduzida pelos bandos de nazis ucranianos entre 1944 e 1952.

Durante a guerra, John Loftus foi responsável pelo serviço de investigações especiais do Departamento de Justiça de Washington, encarregado de detectar nazis que tentavam infiltrar-se nos Estados Unidos. No seu livro, *The Belarus Secret*, afirma que o seu serviço se opôs à entrada no país de nazis ucranianos. Todavia, Frank Wisner, que dirigia o *Office* de coordenação política, um serviço de informações, permitiu a entrada sistemática nos EUA de antigos nazis ucranianos, croatas e húngaros.

Wisner, que teria mais tarde um importante papel na CIA, declarou: *«A Organização dos Nacionalistas Ucranianos e o Exército Insurreccional Ucraniano, exército de resistentes por ela criado em 1942 (sic), lutaram duramente tanto contra os alemães como contra os russos soviéticos.»* Aqui se vê como os serviços de informações americanos, imediatamente após a guerra, recuperaram a versão da história apresentada pelos nazis ucranianos, com o objectivo de utilizar estes anticomunistas na luta clandestina contra a União Soviética.

Loftus responde a Wisner: *«É completamente falso. Um agente do Corpo de Contra-Inteligência dos Estados Unidos fotografou 11 volumes de fichas secretas internas da “ONU” relativas a Bandera. Essas fichas mostram claramente que a maior parte dos seus membros trabalhava para a Gestapo ou para as SS como polícias, executores, caçadores de resistentes e de funcionários municipais.»*³⁰

Nos Estados Unidos, antigos nazis ucranianos criaram «institutos de investigação» para difundir a sua história «revista» da II Guerra Mundial. Loftus assinala: *«O financiamento desses “institutos de investigação”, que não eram outra coisa senão grupos de cobertura para antigos oficiais das informações nazis, era assegurado pelo Comité Americano para a Libertação do Bolchevismo.»*³¹

«Contra Hitler e contra Stáline», tal foi a consigna sob a qual antigos hitlerianos e a CIA uniram os seus esforços. Os mais desprevenidos poderão pensar que a fórmula «contra o fascismo e contra o comunismo» é uma espécie de «terceira via», mas não é nada disso. Na verdade, após a derrota nazi, esta fórmula juntou os antigos partidários da Grande Alemanha e os seus sucessores americanos, que visavam a hegemonia mundial.

Como Hitler foi relegado ao passado, a extrema-direita alemã, ucraniana, croata, etc., uniu-se à extrema-direita americana. Uniram esforços contra o socialismo e contra a União Soviética, que tinha carregado o peso essencial da guerra antifascista. Para reunirem todas as forças burguesas, cobriram o socialismo com um dilúvio de mentiras, afirmando que era pior que o nazismo. A fórmula «contra Hitler e contra Stáline» serviu para a fabulação dos «crimes» e «holocaustos» de Stáline, para melhor camuflar e, em seguida, negar terminantemente os crimes monstruosos e os holocaustos de Hitler.

Em 1986, os veteranos do Exército Insurreccional Ucraniano, os mesmos que afirmaram ter lutado «contra Hitler e contra Stáline», publicaram um livro intitulado *Por Que Valerá Mais Um Holocausto Que Outro?*, escrito por um antigo membro do EIU, Iúri Chumátski. Lamentando que «historiadores revisionistas neguem a existência de câmaras de gás e afirmem que menos de um milhão de judeus foram mortos ou foram perseguidos», Chumátski acrescenta: «Segundo as declarações dos sionistas, Hitler matou seis milhões de judeus, mas Stáline, apoiado pelo aparelho de Estado judeu, conseguiu matar dez vezes mais cristãos.»³²

As fontes fascistas de Conquest

Se, em *Harvest of Sorrow*, Conquest recupera a versão da história dos nazis ucranianos é porque os antigos efectivos da divisão *Waffen-SS Galitchina* e do Exército Insurreccional Ucraniano lhe forneceram o essencial das suas «fontes» sobre a «fome-genocídio» de 1932-1933!

Eis as provas. O segundo capítulo, a parte crucial de *Harvest of Sorrow*, intitula-se «A fome dá raiva». Contém uma lista impressionante de 237 referências. Mas um olhar um pouco mais atento mostra-nos que mais da metade conduzem a emigrados de direita ucranianos. A obra dos fascistas ucranianos *Black Deeds of the Kremlin* está citada 55 vezes!

No mesmo capítulo, Conquest cita 18 vezes o livro *The Ninth Circle*, de Olexa Woropay, publicado em 1953 pelo movimento juvenil da organização fascista de Stepan Bandera. O autor apresenta a sua biografia detalhada nos anos 30, mas nada diz sobre as suas actividades durante a ocupação! Uma confissão mal disfarçada do seu passado nazi. Recomeça a sua biografia em 1948, na cidade Munique, onde muitos fascistas ucranianos encontraram refúgio. Foi lá que entrevistou ucranianos sobre a «fome-genocídio» de 1932-1933. Nenhuma das «testemunhas» está identificada, o que torna o trabalho desprovido de qualquer carácter científico. Nada nos diz sobre a actividade das testemunhas durante a guerra, o que levanta a hipótese provável de se tratar de nazis ucranianos em fuga que «revelam a verdade sobre o stalinismo.»³³

Beal, que colaborou com a polícia americana e escreveu na imprensa pró-nazi de Hearst, é citado cinco vezes por Conquest. Krávtchenko, emigrado anticomunista, serviu duas vezes de fonte, Lev Kópelev, outro emigrado russo, cinco vezes. Entre as referências científicas, figura em lugar destacado um romance de Grossman, ao qual Conquest se refere 15 vezes.

Conquest cita as entrevistas do *Projet Refugies* de Harvard, financiado pela CIA. Cita o Comité do Congresso sobre a Agressão Comunista do tempo de MacCarthy, o livro nazi de Ewald Ammende, publicado em 1936. Conquest refere-se cinco vezes a Eugène Lyons e a William Chamberlain, dois homens que exerceram funções no comité de direcção da *Radio Liberty*, a estação da CIA.

Na página 244, Conquest cita «um americano» que viu pessoas famintas «numa aldeia a 30 quilómetros a Sul de Kíev»: «*Numa cabana, ferviam uma porcaria que era impossível de descrever*». Referência: *New York Evening Journal*, 18 de Fevereiro de 1933. Na realidade, trata-se do artigo de Thomas Walker na imprensa de Hearst, publicado em 1935! Conquest alterou deliberadamente a data do jornal para que coincidissem com a fome de 1933. Conquest não identifica o americano: receou que alguém se recordasse que Thomas Walker era um falsificador que nunca pôs os pés na Ucrânia. Conquest é um falsificador.

Para justificar a utilização de livros de emigrados relatando boatos e rumores, Conquest declarou: «*Desta forma, a verdade não pode ser filtrada senão sob a forma de boatos*» e «*sobre questões políticas, a melhor fonte – apesar de não ser infalível – é o rumor*».³⁴ Isto é elevar a intoxicação, a desinformação, as mentiras fascistas ao nível da respeitabilidade académica.

As causas da fome na Ucrânia

Em 1932-1933 houve fome na Ucrânia. Mas foi provocada principalmente pela luta de morte que a extrema-direita ucraniana moveu contra o socialismo e contra a colectivização da agricultura. No decurso dos anos 30, esta extrema-direita ligada aos hitlerianos já tinha utilizado a fundo o tema da «fome provocada deliberadamente para exterminar o povo ucraniano». Após a II Guerra Mundial esta propaganda foi «ajustada» com o objectivo principal de encobrir os crimes cometidos pelos nazis e mobilizar as forças do Ocidente contra o comunismo.

Com efeito, desde o começo dos anos 50, a realidade do extermínio de seis milhões de judeus impôs-se ante a consciência mundial. A extrema-direita mundial tinha necessidade de uma quantidade superior de mortos «vítimas do terror comunista». E, em 1953, o ano do macartismo triunfante, assistiu-se a um crescimento espectacular do número de mortos na Ucrânia durante a fome ocorrida 20 anos antes. Como os judeus tinham sido mortos de forma deliberada, científica, era necessário que «o extermínio» do povo ucraniano tomasse também a forma de um genocídio cometido a sangue frio. A extrema-direita, que nega com convicção o holocausto dos judeus, inventa então o holocausto ucraniano!

A fome de 1932-1933 na Ucrânia teve quatro causas. Antes de mais foi provocada pela verdadeira guerra civil desencadeada pelos kulaques e os elementos reaccionários contra a colectivização da agricultura.

Frederick Schuman viajou como turista pela Ucrânia durante o período da fome. Já como professor do Williams College, publicou, em 1957, um livro sobre a União Soviética. Nesta obra fala-se da fome.

«*A oposição (dos kulaques) manifestou-se de início pelo abate do gado bovino e cavalos, que consideravam preferível a vê-los colectivizados. Dado que a maioria das vacas e dos cavalos pertencia aos kulaques, o resultado foi terrível para a agricultura soviética. Entre 1928 e 1933, o número de cavalos passou de cerca de 30 milhões para menos de 15 milhões; de 70 milhões de cabeças de gado bovino, das quais 31 milhões vacas, passou-se para 38 milhões, das quais 20 milhões de vacas; o número de carneiros e cabras diminuiu de 147 milhões para 50 milhões e o de porcos, de 20 milhões para 12 milhões. Em 1941, a economia rural soviética ainda não tinha recuperado completamente destas perdas terríveis (...)* Alguns (kulaques) assassinaram

funcionários, incendiaram propriedades colectivas e chegaram a queimar as suas próprias colheitas e sementes. Um número ainda maior recusou-se a semear e a colher, talvez na convicção de que as autoridades lhes fariam concessões e lhes assegurariam de qualquer forma a alimentação. O que se seguiu foi a “fome” de 1932-1933. (...) Relatos macabros, fictícios na sua maior parte, apareceram na imprensa nazi e na imprensa de Hearst nos Estados Unidos (...). A fome, nas suas fases ulteriores, não foi o resultado de um défice de alimentação, apesar da redução importante das sementes e das colheitas, consequência das requisições especiais na Primavera de 1932, motivadas aparentemente pelo receio de uma guerra com o Japão. A maior parte das vítimas foram kulaks que se haviam recusado a semear os seus campos ou que tinham destruído a sua colheita.»³⁵

É interessante constatar que este testemunho é confirmado por um artigo publicado em 1934, de Isaac Mazepa, chefe do movimento nacionalista ucraniano e antigo primeiro-ministro de Petliúra em 1918. Na altura, gabou-se de a direita ter conseguido em 1930-1932 sabotar em grande escala os trabalhos agrícolas. «Começou por haver distúrbios nos kolkhozes, noutros lugares foram mortos funcionários comunistas e seus colaboradores. Mas depois desenvolveu-se sobretudo um sistema de resistência passiva que visava entravar sistematicamente os planos dos bolcheviques para as sementeiras e colheitas. Os camponeses faziam parte da resistência passiva; mas, na Ucrânia, a resistência adquiriu o carácter de uma luta nacional. A oposição da população ucraniana provocou o descalabro do plano de colheitas de 1931 e, sobretudo, de 1932. A catástrofe de 1932 foi o golpe mais duro que a Ucrânia soviética suportou depois da fome de 1921-1922. As campanhas das sementeiras falharam tanto no Outono como na Primavera. Vastas áreas foram deixadas incultas. Ainda por cima, no ano anterior, no início das ceifas, em várias regiões, sobretudo no Sul, 20, 40 e mesmo 50 por cento dos cereais foram deixados nos campos, não foram colhidos ou foram destruídos durante a malha.»³⁶

A segunda causa da fome foi a seca que atingiu grandes zonas da Ucrânia em 1930, 1931 e 1932. Para James E. Mace, de Harvard, trata-se de uma história inventada pelo regime soviético. No entanto, Michail Kruchevski, um dos principais historiadores nacionalistas, na sua *História da Ucrânia*, refere-se ao ano de 1932 nos seguintes termos: «Este novo ano de seca coincidiu com condições agrícolas caóticas.»³⁷

O professor Nicholas Riasnovsky, que leccionou no *Russian Research Center*, em Harvard, escreve que os anos 1930 e 1931 foram marcados por condições de seca. O professor Michael Florinsky, que lutou contra os bolcheviques durante a Guerra Civil, assinala: «Secas severas em 1930 e 1931, especialmente na Ucrânia, agravaram a situação da agricultura e criaram condições próximas da fome.»³⁸

A terceira causa da mortalidade foi uma epidemia de tifo que assolou a Ucrânia e o Cáucaso do Norte. Hans Blumenfeld, um arquitecto canadiano de renome, que se encontrava na época na cidade de Makaiévka, escreveu: «Não há dúvida de que a fome tem feito muitas vítimas. Não disponho de dados para calcular o seu número. (...) Provavelmente a maior parte das mortes de 1933 foi causada por epidemias de tifo, de febre tifóide e de disenteria. Doenças transmitidas pela água eram frequentes em Makaiévka; eu próprio sobrevivi à justa de um ataque de febre tifóide.»

Horslet Grant, o homem que inventou a estimativa absurda de 15 milhões de mortos pela fome (isto é, 60 por cento da população ucraniana, que contava 25 milhões de pessoas em 1932), assinala, todavia, que «o pico da epidemia de tifo coincidiu com o da

fome». (...) É impossível separar estas duas causas que foram as mais importantes em número de vítimas.»³⁹

A quarta causa da fome foi a inevitável desordem provocada pela reorganização total da agricultura e igualmente profunda transformação de todas as relações económicas e sociais: a falta de experiência, a improvisação e confusão nas directivas, a falta de preparação, o radicalismo esquerdista de determinadas camadas mais pobres e de alguns funcionários.

O número de um a dois milhões de mortos da fome é importante. Estas perdas humanas foram largamente causadas pela oposição feroz das classes exploradoras à organização e à modernização da agricultura numa base socialista. Mas a burguesia inscreverá estas mortes na conta de Stáline e do socialismo. Este número, de um a dois milhões, deve ser comparado com os nove milhões de mortos causados pela fome de 1920-1921. Esta foi essencialmente provocada pela intervenção militar de oito potências imperialistas e pelo apoio que prestaram aos grupos armados reaccionários.

A fome não foi além do período que precedeu a colheita de 1933. Medidas extraordinárias tomadas pelo governo soviético garantiram o sucesso da colheita desse ano. Logo na Primavera, 16 mil toneladas de sementes, alimentos e forragens foram enviados para a Ucrânia. A organização e a gestão dos *kolkhozes* foram melhoradas e vários milhares de tractores, de debulhadoras e de camiões suplementares foram fornecidos.

Hans Blumenfeld apresenta nas suas *Memórias* um resumo da experiência que viveu durante a época da fome na Ucrânia. «*Uma conjunção de um número de factores (a causa). Em primeiro lugar, o Verão quente e seco de 1932, que já tinha visto no Norte de Viátka,⁴⁰ fez fracassar a colheita nas regiões semi-áridas do Sul. Depois, a luta pela colectivização tinha desorganizado a agricultura. A colectivização não era um processo que seguia uma ordem e regras burocráticas. Consistia em acções dos camponeses pobres, encorajados pelo Partido. Os camponeses pobres revelavam grande entusiasmo em expropriar os kulaques, mas mostravam menos fervor na organização de uma economia cooperativa. Em 1930, o Partido já tinha enviado quadros para combater e corrigir os excessos. (...) Depois de, em 1930, ter dado provas de prudência, o Partido desencadeou nova ofensiva em 1932. Como consequência, a economia dos kulaques deixou de produzir nesse ano e a nova economia colectiva ainda não estava a produzir em pleno. Com uma produção insuficiente, assegurava-se, em primeiro lugar, as necessidades da indústria urbana e das forças armadas; não era possível fazer de outro modo, já que o futuro de toda a nação, inclusive dos camponeses, dependia delas (...) Em 1933, as chuvas foram suficientes. O Partido enviou os seus melhores quadros para ajudar no trabalho organizativo dos kolkhozes. Tiveram êxito. Após a colheita de 1933, a situação melhorou radicalmente e com uma velocidade impressionante. Tive a impressão de que havíamos puxado uma carroça muito pesada através de uma montanha na incerteza de o conseguirmos, mas, no Outono de 1933, tínhamos ultrapassado o cume e a partir daí podíamos avançar em ritmo acelerado.»⁴¹*

Hans Blumenfeld sublinha que a fome atingiu tanto as regiões do Baixo Volga e a Região do Cáucaso do Norte como a Ucrânia.

«*Isso refuta o “facto” de um genocídio anti-ucraniano similar ao holocausto anti-semita de Hitler. Para os que conheceram bem o défice desesperado de força de trabalho que havia na altura na União Soviética, a ideia de os seus dirigentes reduzirem deliberadamente esse recurso raro é absurda.»⁴²*

A Ucrânia sob a ocupação nazi

Os exércitos japoneses ocuparam a Manchúria em 1931 e tomaram posição ao longo da fronteira soviética. Em Janeiro de 1933, Hitler chegou ao poder. Os programas de reorganização industrial e agrícola, empreendidos pela URSS no período 1928-1933, tinham vindo no momento certo. Só a sua realização, a custo de uma mobilização total das forças, tornou possível a resistência vitoriosa contra os nazis. Por ironia da história, os nazis começaram por acreditar nas suas próprias mentiras sobre o genocídio ucraniano e sobre a precariedade do sistema soviético.

O historiador Heinz Hohne escreveu o seguinte: «*Dois anos de guerra sangrenta na Rússia, que tinham desalentado mais do que um, constituíam a prova cruel da inexactidão da fábula dos “unter-menschen”. Desde Agosto de 1942, as Sicherheitsdienst [SD] assinalavam, nos seus Relatórios do Reich, que crescia no povo alemão o sentimento de ter sido vítima de quimeras. As grandes massas dos exércitos soviéticos, a sua qualidade técnica e o esforço gigantesco da industrialização empreendido pelos soviéticos – tudo isto em contradição aguda com a imagem anterior da União Soviética – provoca uma impressão avassaladora e apavorante. As pessoas perguntam-se como conseguiu o bolchevismo produzir tudo isto.*»⁴³

O professor americano William Mandel escreveu em 1985: «*Na parte Oriental, a mais extensa da Ucrânia, que era soviética há 20 anos, a lealdade era dominante e quase geral. Havia meio milhão de guerrilheiros soviéticos (...) e 4,5 milhões de homens de etnia ucraniana combatiam no exército soviético. É evidente que este exército teria ficado extremamente enfraquecido se tivesse havido desentendimentos importantes num contingente tão amplo*».

E o historiador Roman Szporluk confessa que as «*zonas operacionais do nacionalismo ucraniano organizado (...) estavam limitadas aos antigos territórios polacos*», quer dizer, à Galícia. Sob a ocupação polaca, o movimento fascista ucraniano manteve a sua base até 1939.⁴⁴

As mentiras do holocausto ucraniano foram inventadas pelos hitlerianos no âmbito da preparação para a conquista dos territórios ucranianos. Mas desde que puseram o pé em solo ucraniano, os «libertadores» nazis encontraram uma das mais encarniçadas resistências. Aleksei Fiódorov comandou um grupo de resistentes que eliminou 25 mil nazis durante a guerra. No seu livro, *Resistentes da Ucrânia*, mostra de forma admirável a atitude do pequeno povo, ucraniano ante os nazis. Aconselha-se vivamente a sua leitura como antídoto contra todas as historietas sobre o «genocídio ucraniano» de Stáline.⁴⁵

Notas

¹Douglas Tottle, *Fraud, Famine and Fascism, The Ukrainian Genocide Myth From Hitler to Harvard*, Progress Books, Toronto, 1987, pp. 5-6.

²Louis Fisher, «Hearst's Russian Famine», *The Nation*, vol. 140, n.º 36, 13 de Março de 1935, citado em Tottle, op. cit., pp. 7-8.

³Casey James, in *Daily Worker*, 21 de Fevereiro de 1935, citado em Tottle, op. cit., p. 9.

⁴Tottle, op. cit., pp. 13 e 5.

⁵Ibidem, pp. 19-21.

⁶Símone Vassílievitch Petliúra (1879-1926), militar e político ucraniano, ocupa a chefia do país em Fevereiro de 1919 e resiste ao avanço do Exército Vermelho. Depois da derrota dos seus

exércitos, em 1920, foge para a Polónia e acaba assassinado em Paris por um judeu ucraniano, que vingou a morte de 15 familiares, incluindo os pais, chacinados durante os pogroms de Petliúra (NT).

⁷Románe Ióssifovitch Chukhévitich (1907-1950), contra-revolucionário ucraniano e colaborador nazi. Foi morto em 1950, no seu esconderijo perto de Lvov, quando tentava escapar ao cerco montado pelos órgãos de segurança soviéticos (NT).

⁸Tottle, op. cit., pp. 38-44.

⁹Stepan Andréievitch Bandera (1909-1959) contra-revolucionário ucraniano, líder da Organização dos Nacionalistas Ucranianos entre os anos 30 e 50 (NT).

¹⁰Tottle, op. cit., p. 41.

¹¹Ibidem, p. 50.

¹²Ibidem, p. 51.

¹³Ibidem, p. 61.

¹⁴Ibidem, pp. 70-71.

¹⁵Ibidem, p. 71

¹⁶Ibidem, p. 74

¹⁷Andréi Andréievitch Vlássov, (1901- 1946), membro do Partido desde 1930. Comandante de Divisão de Atiradores, esteve na China como conselheiro militar (1938-39). Major-general (1940) é nomeado em 1941 comandante do corpo mecanizado da região militar de Kíev. Em Março de 1942 é nomeado vice-comandante da Frente de Volkhovski e logo a seguir enviado como comandante do 2.º Exército de Choque, que estava envolvido em duros combates de defesa. Sitiadas pelos alemães, uma parte das suas tropas consegue furar o cerco e juntar-se a outras unidades. Vlássov abandona os seus homens e entrega-se aos nazis com quem passa a colaborar, vindo mais tarde a criar o Exército Libertador da Rússia (DIA), a organização militar dos colaboracionistas (NT).

¹⁸Tottle, op. cit., pp. 78-79.

¹⁹Ibidem, p. 86.

²⁰Robert Conquest, *Harvest of Sorrow*, p. 334.

²¹Tottle, op. cit., p. 105.

²²Aleksei Fiódorovitch Fiódorov (1901-1989), membro do Partido desde 1927, participante na Guerra Civil, major-general (1943), Herói da URSS (1942 e 1944). Foi primeiro secretário do Partido em várias regiões, destacou-se durante a II Guerra como organizador da resistência nos territórios ocupados da Ucrânia. Exerceu funções de ministro dos Assuntos Sociais da Ucrânia entre 1957 e 1979 (NT).

²³Tottle, op. cit., p. 113.

²⁴Ibidem, p. 113.

²⁵Vladímir Mikháilovitch Kubióvitich (1900-1985) contra-revolucionário ucraniano, colaborador nazi durante a guerra e um dos líderes da diáspora ucraniana no Ocidente (NT).

²⁶Andréi Mélnik (1890-1964), um dos líderes da Organização dos Nacionalistas Ucranianos durante a II Guerra. Emigrou em 1945 e veio a falecer no Luxemburgo (NT).

²⁷Tottle, op. cit., p. 115.

²⁸Ibidem, p. 118.

²⁹Ibidem, p. 118.

³⁰Ibidem, p. 122.

³¹Ibidem, p. 128.

³²Ibidem, p. 129.

³³Ibidem, p. 58.

³⁴Arch Getty, *Origins of the Great Purges*, Cambridge University Press, Cambridge, 1985, p. 5.

³⁵Tottle, op. cit., p. 94.

³⁶Ibidem, p. 94, e Sydney and Beatrice Webb, op. cit., p. 247.

³⁷Tottle, op. cit., p. 91.

³⁸Ibidem, p. 92.

³⁹Ibidem, p. 97.

⁴⁰Antigo nome da cidade de Kírov (NT).

⁴¹Ibidem, p. 97.

⁴²Ibidem, p. 100.

⁴³Ibidem, p. 99.

⁴⁴Ibidem, p. 101.

⁴⁵Alexei Fédorov, *Partisans d'Ukraine*, em dois tomos, Ed. J'ai lu, Paris, 1966, também publicado sob o título, *L'Obkom Clandestin*, Les Editeurs Français Reunis, 1951.

Capítulo VI

A luta contra o burocratismo

Foi Trótski quem inventou a expressão infamante de «burocracia stalinista». No final de 1923, ainda em vida de Lénine, já estava envolvido em manobras para tomar o poder no Partido afirmando que «*o burocratismo (...) ameaça provocar uma degenerescência mais ou menos oportunista da velha guarda.*»¹ Na sua plataforma de oposição, escrita em Julho de 1926, visou essencialmente o «burocratismo monstruosamente desenvolvido».² E, num momento em que a II Guerra Mundial havia já começado, Trótski perdia-se em provocações, apelando ao povo soviético para «*agir com a burocracia stalinista como outrora fizera com a burocracia tsarista e a burguesia.*»³

O termo «burocracia» foi sempre utilizado por Trótski para obscurecer o socialismo. Neste contexto, descobriremos, sem dúvida com certo espanto, que durante todo o período dos anos 30, os dirigentes do partido bolchevique e principalmente Stáline, Kírov⁴ e Jdánov⁵ consagraram muita energia à luta contra as tendências burocráticas no seio do Partido e do aparelho do Estado. Como concebia o partido bolchevique esta luta contra a burocratização e o burocratismo?

Os anticomunistas contra o «burocratismo»

Para começar temos de definir o sentido das palavras. Após a chegada dos bolcheviques ao poder, a palavra «burocracia» foi utilizada pela burguesia para descrever e obscurecer o regime revolucionário em si. Na sua perspectiva, todo o empreendimento socialista e revolucionário é detestável e recebe automaticamente o epíteto infamante de «burocrático». Logo em 26 de Outubro de 1917, os mencheviques declararam a sua hostilidade irreconciliável ao regime «burocrático» dos bolcheviques, produto de um «golpe de Estado», que imporia ao povo um «capitalismo de Estado». Tal propaganda visava claramente derrubar a ditadura do proletariado instaurada pelo partido bolchevique.

Ora, em 1922, perante a destruição das forças produtivas no campo, e com o objectivo de salvaguardar a ditadura do proletariado, os bolcheviques foram obrigados a recuar, fazendo concessões aos camponeses individuais e concedendo-lhes liberdade de comércio. Nessa altura, os bolcheviques queriam criar no campo uma espécie de «capitalismo de Estado», ou seja, permitir o desenvolvimento do pequeno capitalismo enquadrado e controlado pelo Estado (socialista). Ao mesmo tempo declararam a guerra à burocracia: combateram os hábitos inalterados do antigo aparelho burocrático e a tendência dos novos funcionários soviéticos de os adoptarem.

Os mencheviques contavam então regressar à ribalta política clamando: «Vós, bolcheviques, estais agora contra a burocracia e reconheceis que fazeis capitalismo de Estado. É isso que nós, mencheviques, sempre temos dito. Nós temos razão contra vós.»

Eis a resposta que Lénine lhes dirigiu. Os mencheviques e os socialistas revolucionários dizem: «*”A revolução foi demasiado longe. Nós sempre dissemos aquilo que tu dizes agora. Permite-nos repeti-lo uma vez mais”. E nós respondemos: “Permitam-nos que por isso vos encostemos ao muro. Ou fazeis o favor de abster-vos de*

*exprimir as vossas concepções, ou se desejais exprimir as vossas concepções políticas na situação actual, em que nos encontramos em condições muito mais difíceis do que sob uma invasão dos brancos, então desculpai, mas tratar-vos-emos como os piores e mais perniciosos elementos dos guardas brancos.»*⁶ Deste modo, Lénine sempre tratou com todo o rigor necessário os contra-revolucionários que alegadamente atacavam a «burocracia» para derrubar de facto o regime socialista.

Os bolcheviques contra a burocratização

De resto, Lénine e os bolcheviques sempre conduziram uma luta revolucionária contra os desvios burocráticos que, num país atrasado, se produzem inevitavelmente no seio do aparelho socialista. Consideravam que a ditadura do proletariado estava também ameaçada «do interior» pela burocratização do aparelho do Estado soviético.

Os bolcheviques tiveram de «retomar» uma parte do antigo aparelho do Estado tsarista. A sua transformação fez-se com muitas dificuldades e só pôde ser realizada parcialmente. Para além disso, o aparelho do Partido e do governo no campo colocava grandes problemas. Entre 1928 e 1931, o Partido admitiu um milhão e 400 mil novos membros. Nesta massa, muitos eram efectivamente analfabetos políticos. Tinham sentimentos revolucionários, mas não conhecimentos comunistas reais. Os kulaques, os antigos oficiais tsaristas e todos os reaccionários conseguiram facilmente infiltrar-se no Partido. Os que demonstravam alguma capacidade de organização eram automaticamente admitidos, tal era a carência de quadros. Entre 1928 e 1933, o peso do Partido no campo continuava muito fraco e os seus membros eram fortemente influenciados pelos camponeses ricos, que dominavam intelectualmente e economicamente o mundo rural. Tudo isto provocava fenómenos de degenerescência burocrática.

A primeira geração de revolucionários camponeses tinha tido a experiência da Guerra Civil, quando lutava para derrotar as forças reaccionárias. O espírito do comunismo de guerra, comandar e dar ordens militares, manteve-se e deu origem a um estilo de trabalho burocrático que praticamente não se apoiava num trabalho político perseverante. Por todas essas razões, a luta contra a burocracia foi sempre considerada por Lénine e Stáline como uma luta pela defesa da pureza da linha bolchevique, contra as influências da velha sociedade, contra as antigas classes e estruturas opressivas.

Sob Lénine, como sob Stáline, o Partido esforçou-se por concentrar no Comité Central e nos órgãos dirigentes os revolucionários mais bem formados, os mais clarividentes, activos, firmes e ligados às massas. A direcção do Partido sempre se apoiou na mobilização das massas para realizar as tarefas da construção do socialismo. Era nos escalões intermédios, particularmente nos aparelhos das repúblicas, que os elementos burocratizados, os carreiristas, os oportunistas podiam mais facilmente instalar-se e esconder-se. Durante todo o seu percurso à cabeça do Partido, Stáline afirmou que a direcção e a base deveriam mobilizar-se para encurrular os burocratas, em cima e em baixo.

Eis um texto de 1928 característico da concepção de Stáline:

«Um dos inimigos mais cruéis do nosso avanço é o burocratismo. Vive em todas as nossas organizações (...) A desgraça é que não é um problema apenas dos antigos burocratas. O problema, camaradas, está nos novos burocratas simpatizantes do Poder Soviético, está, finalmente, nos burocratas comunistas. O comunista-burocrata é o tipo

mais perigoso de burocrata. Porquê? Porque mascara o seu burocratismo com o título de membro do Partido.»

Depois de evocar alguns casos particularmente graves, Stáline acrescenta:

«Como se explicam estes factos vergonhosos de depravação e decadência morais nalguns escalões das nossas organizações do Partido? Pela circunstância de terem levado o monopólio do Partido até ao absurdo, de terem abafado a voz das bases, suprimido a democracia no interior do Partido e implantado o burocratismo. (...) Penso que não há nem pode haver outro meio de lutar contra este mal à excepção da organização do controlo das massas do Partido a partir da base, à excepção da implantação da democracia no interior do Partido. Que poderemos objectar a que se mobilize a fúria das massas do Partido contra estes elementos dissolutos e lhes seja dada a possibilidade de escorraçar tais elementos? (...)

«Fala-se da crítica a partir de cima, da crítica por parte da Inspecção Operária e Camponesa, por parte do Comité Central do Partido, etc. É claro que tudo isto está bem. (...). Mas o principal agora é levantar uma larguíssima vaga de crítica a partir da base contra o burocratismo em geral e, em particular, contra as insuficiências do nosso trabalho. (...) Só organizando uma pressão dupla, de cima e de baixo, só transferindo o centro de gravidade para a crítica, a partir da base, se poderá contar com o sucesso na luta e com a eliminação do burocratismo.»⁷

Reforçar a educação política

Em primeiro lugar, Stáline e a direcção bolchevique reforçaram a educação política para lutar contra o burocratismo. No início dos anos 30, foram criadas escolas do Partido que ministravam cursos elementares de política à população rural. O primeiro curso sistemático sobre a história do Partido foi publicado em 1929, por Iaroslávski: *A História do Partido Comunista da União Soviética*. Trata-se de um livro muito bem feito. Em 1938 foi publicado, sob a direcção de Stáline, uma segunda versão mais curta: *A História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)*.

Entre 1930 e 1933, o número de escolas do Partido passou de 52 mil para mais de 200 mil e o universo de estudantes de um milhão para 4,5 milhões. Foi um esforço notável no sentido de dar um mínimo de coerência política aos novos membros.⁸

Depurar periodicamente o Partido

Em 1917, o Partido contava com 30 mil membros. Em 1921 havia quase 600 mil. Em 1929 eram 1,5 milhões. Em 1932, 2,5 milhões. Após cada vaga de recrutamento maciço, a direcção efectuava uma triagem. A primeira campanha de verificação efectuou-se em 1921, sob Lénine. Nessa altura, foram excluídos 45 por cento dos membros do Partido no campo e 25 por cento do conjunto dos efectivos. Foi a maior campanha de depuração jamais realizada. Um quarto dos membros não correspondia aos critérios elementares.

Em 1929 realizou-se uma segunda campanha de verificação que desvinculou 11 por cento dos membros do Partido. Em 1933 houve uma nova depuração. Previam-se que se estenderia por quatro meses. Na realidade durou dois anos. As estruturas do Partido, os mecanismos de controlo, a autoridade efectiva da direcção central estavam de tal modo

enfraquecidas que nem sequer era possível organizar e realizar uma campanha de verificação. Finalmente, 18 por cento dos membros foram excluídos neste período.

Quais eram os critérios da depuração? Expulsavam-se as pessoas que anteriormente tinham sido kulaques, oficiais brancos e contra-revolucionários; pessoas corrompidas, os arrivistas e burocratas incorrigíveis; pessoas que rejeitavam a disciplina do Partido e ignoravam simplesmente as directivas do Comité Central; pessoas que tinham cometido crimes e abusos sexuais, bêbados.

Durante a campanha de verificação de 1932-1933, a direcção pôde constatar que não só não conseguia que as suas directivas fossem cumpridas, mas também que a administração do Partido no campo era muito deficiente. Não se sabia quem era membro e quem não o era. Os cartões extraviados e as segundas vias elevavam-se a 250 mil. Mais de 60 mil cartões em branco haviam desaparecido.

Nessa altura, a situação era tão grave que a direcção central teve de ameaçar de expulsão os dirigentes regionais que não se empenhassem pessoalmente na campanha. Mas o laxismo dos dirigentes regionais transformava-se com bastante frequência em intervencionismo burocrático: depuravam membros de base sem um inquérito aprofundado. Este problema foi regularmente discutido ao mais alto nível entre 1933 e 1938. O *Pravda*, de 18 de Janeiro de 1938, publicou uma resolução do Comité Central que incide sobre um tema frequentemente desenvolvido por Stáline.

«Alguns dirigentes do Partido sofrem do mau hábito de não prestarem atenção suficiente às pessoas, aos membros do Partido, aos trabalhadores. Podemos mesmo dizer que não analisam os militantes do Partido, não sabem qual é o seu desempenho e como se desenvolvem, que desconhecem por completo os seus quadros. (...) E precisamente porque não adoptam uma abordagem individual nas avaliações dos membros do Partido e dos activistas, agem habitualmente sem um fim definido – elogiam-nos de forma indiscriminada e desmesurada ou repreendem-nos de igual modo – e excluem-nos do Partido aos milhares e dezenas de milhares. (...) Mas só pessoas que são afinal profundamente antipartido podem adoptar uma tal atitude para com os membros do Partido.»⁹

Neste documento, Stáline e a direcção expõem a abordagem correcta para depurar o Partido dos elementos indesejáveis que se haviam infiltrado na sua base. Mas o texto anuncia já uma depuração de um tipo totalmente diferente: aquela que deverá expurgar a direcção do Partido dos elementos irremediavelmente burocratizados. Encontramos aqui duas preocupações constantes de Stáline: a necessidade de adoptar uma abordagem individual em relação a todos os quadros e membros e de conhecer pessoalmente a fundo os colaboradores e subordinados. No capítulo sobre a guerra antifascista, demonstraremos como o próprio Stáline pôs em prática estas consignas.

A luta pela democracia revolucionária

Para pôr fim ao burocratismo, a direcção empenhou-se na luta pela democracia no seio do Partido. Foi na base das dificuldades encontradas para aplicar as directivas durante a campanha de depuração que, em 17 de Dezembro de 1934, o Comité Central coloca pela primeira vez a tónica em problemas mais fundamentais. Critica «os métodos burocráticos de direcção», em que as questões essenciais são tratadas por pequenos grupos de quadros à margem de qualquer participação da base.

A 29 de Março de 1935, Jdánov faz adoptar uma resolução, em Leningrado, que critica certos dirigentes que negligenciam o trabalho de educação e se ocupam exclusivamente das tarefas económicas. As tarefas ideológicas perdem-se por entre a papelada e o burocratismo. A resolução sublinha que os dirigentes devem conhecer as qualidades e as aptidões dos seus subordinados. Eram necessários relatórios de avaliação do seu trabalho, contactos mais estreitos entre os dirigentes e os quadros e uma política de promoção de novos quadros.¹⁰

A 4 de Maio de 1935, Stáline interveio sobre o tema, apontando «*a relação deplorável para com as pessoas, os quadros, os militantes, que frequentemente se observa na nossa prática. A palavra de ordem “os quadros decidem tudo” exige que os nossos dirigentes tenham uma relação mais atenciosa com os nossos militantes, “pequenos” e “grandes”, qualquer que seja a área em que trabalhem; que os formem cuidadosamente, os ajudem quando precisam de apoio, os premeiem quando alcançam os primeiros êxitos; que os promovam, etc. Entretanto, na prática, temos em toda uma série de casos de insensibilidade-burocrática e de relações literalmente revoltantes com os militantes.*»¹¹

Arch Getty, no seu brilhante estudo *Origins of the Great Purges*, faz o seguinte comentário: «*O Partido tinha-se tornado burocrático, económico, mecânico e administrativo a tal ponto que se tornava intolerável. Stáline e outros dirigentes centrais viram isto como uma ossificação, um revés, uma perversão da função do Partido. Os dirigentes locais do Partido e do governo já não eram dirigentes políticos, mas administradores económicos. Resistiam ao controlo político, tanto de cima como de baixo, e não queriam ser incomodados com questões de ideologia e educação, com campanhas políticas de massas ou com os direitos e as carreiras individuais dos membros do Partido. A continuação lógica deste processo teria sido a conversão do aparelho do Partido numa rede de administrações económicas locais de tipo despótico. A documentação disponível mostra que Stáline, Jdánov e outros preferiam fazer reviver as funções de educação e de agitação do Partido, reduzir a autoridade absoluta dos sátrapas locais e encorajar determinadas formas de participação da base.*»¹²

As eleições do Partido em 1937: uma «revolução»

Finalmente, em Fevereiro de 1937, o plenário do Comité Central debruçou-se sobre a questão da democracia e da luta contra a burocratização. Foi nesta reunião que também se decidiu a organização da «Grande Purga» dirigida contra os elementos inimigos. É importante notar que o Comité Central, de Fevereiro de 1937, consagrou várias sessões ao problema da democracia no seio do Partido, a qual deveria reforçar o carácter revolucionário da organização e, conseqüentemente, a sua capacidade para descobrir os elementos inimigos que se haviam infiltrado. Os relatórios de Stáline e de Jdánov apontaram a necessidade de desenvolver a crítica e a autocritica e de os quadros prestarem contas à sua base. Pela primeira vez, decidiu-se organizar eleições secretas no Partido com múltiplos candidatos e com discussão pública de todas as candidaturas. A resolução do Comité Central de 27 de Fevereiro de 1937 indica: «*É preciso pôr fim à prática de cooptar membros nos comités do Partido. Cada membro do Partido deve ter o direito ilimitado de contestar e criticar os candidatos.*»¹³

Quando os fascistas alemães ocuparam a União Soviética, descobriram em Smolensk todos os arquivos do Comité do Partido da Região Ocidental. Todas as reuniões, todas as

discussões, todas as directivas do comité regional e do Comité Central, enfim tudo. Encontraram-se também as actas das reuniões eleitorais que se seguiram ao plenário do Comité Central acima referido. Podemos assim saber como, na prática, as coisas se passaram na base.

Arch Getty descreve o desenrolar de várias eleições que tiveram lugar em 1937 na Região Ocidental. Para os postos de Comité de Distrito foram apresentados 34 candidatos para sete lugares. Realizou-se uma sessão de debate sobre cada candidato. Quando um candidato manifestava o desejo de se retirar, votava-se primeiro para saber se os membros concordavam. O voto era secreto.

Em Maio de 1937, já havia dados relativos a 54 mil organizações de base do Partido. No decurso da campanha eleitoral, foram substituídos 55 por cento dos membros dos comités. Na região de Leningrado, 48 por cento dos membros dos comités de secção tinham sido renovados.¹⁴

Getty assinala que esta foi a campanha antiburocrática mais importante, mais geral e mais efectiva que o Partido jamais havia conduzido. Mas mostra também que à escala das regiões, que constituíam o principal nível de decisão no terreno, as coisas pouco mexeram.

Desde o começo dos anos 20, indivíduos e clãs tinham-se instalado solidamente nas regiões, onde tinham praticamente o monopólio do poder. E mesmo esta campanha antiburocrática de massas não conseguiu desalojá-los. Os arquivos de Smolensk contêm provas escritas.

O secretário do Comité do Partido da Região Ocidental chamava-se Rumiántsev.¹⁵ Era membro do Comité Central, como vários outros dirigentes regionais. O relatório sobre a eleição do secretário da região, que teve lugar em 1937, consta dos arquivos de Smolensk. As cinco primeiras páginas afirmam que a situação era boa e satisfatória. Depois seguem-se nove páginas de críticas severas, que mostram que as coisas não iam assim tão bem. Todas as críticas que o Comité Central tinha formulado contra o burocratismo no Partido tinham aparentemente sido repetidas pelas bases contra Rumiántsev: exclusões injustificadas, queixas de operários que o comité regional nunca analisara, negligência do desenvolvimento económico da região, ruptura entre a direcção e a base, etc. As duas linhas antagónicas manifestadas na assembleia ressaltam nitidamente no relatório. O documento mostra claramente que a base se exprimiu, mas não conseguiu impor-se contra o clã que controlava firmemente todo o aparelho regional.¹⁶

A mesma coisa se passou em quase todas as grandes cidades. Em Sarátov, o primeiro secretário, Krinítski,¹⁷ foi criticado na imprensa do Partido nomeadamente por Jdánov. No entanto, conseguiu ser reeleito. Apesar de atacados, tanto pela direcção central do Partido como pelas bases, os «feudos» regionais conseguiram manter-se.¹⁸ Serão destruídos durante a «Grande Purga» de 1937-1938.

Notas

¹Trotsky, *La lutte antibureaucratique*, tomo I, Collection 10-18, UGE, Paris, 1975, p. 85.

²Ibidem, p. 95.

³Ibidem, tomo II., p. 302.

⁴Serguei Mirónovitch Kóstrikov (Kírov) (1886-1934), membro do Partido desde 1904, do CC desde 1923 (candidato desde 1921) e do *Politburo* desde 1930 (candidato desde 1926). Participou na insurreição armada em Petrogrado e na luta pela instauração do Poder Soviético no Norte do Cáucaso. Após a Guerra Civil foi primeiro secretário do CC do PC(b) do Azerbaijão (1921-26) e

seguidamente da organização de Leningrado. Foi vitimado por um atentado em 1 de Dezembro de 1934 (NT).

⁵Andrei Aleksándrovitch Jdánov (1896-1948), membro do Partido desde 1915, do CC desde 1930 (candidato desde 1925) e do *Politburo* desde 1939 (candidato desde 1935). Participante na Revolução de Outubro e na Guerra Civil, sucedeu a Kírov na direcção da organização de Leningrado, dirigindo aqui a frente de batalha entre 1941-45, bem como toda a vida da cidade durante os 900 dias do cerco alemão. A partir de 1944 exerce funções de secretário do CC para as Questões Ideológicas (NT).

⁶Citação conforme «Relatório Político do CC do PCR(b), 27 Março de 1922», in V.I. Lénine, *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Edições «Avante!», Lisboa, 1979, tomo III, pág. 585 (NT).

⁷Citação traduzida do original russo, «Discurso no VIII Congresso do *Komsomol*, 16 Maio de 1928», in I.V. Stáline, *Obras, Gossudártsvenoe Izadátelstvo Politítcheskoi Literaturi*, Moscovo, 1949, tomo 11, págs. 70, 71 e 73 (NT).

⁸Getty, op. cit., p. 22.

⁹*Resolutions and Decisions of the CPSU*, op. cit., p. 183.

¹⁰Getty, op. cit., p. 99.

¹¹Citação traduzida do original russo «Discurso no Palácio do Krémline na formatura dos finalistas das academias do Exército Vermelho, 4 de Maio de 1935», in I.V. Stáline, *Obras, Izdátelstvo Pissátel*, Moscovo, 1997, tomo 1, págs. 61-62 (NT).

¹²Getty, op. cit., p. 105.

¹³*Resolutions*, op. cit., p. 187

¹⁴Getty, op. cit., p. 158

¹⁵ Ivan Petróvitch Rumiánstev (1886-1937), membro do Partido desde 1905, do CC entre 1924 e 1937 (candidato em 1923), dirigiu várias organizações provinciais, regionais e distritais, designadamente, de Tvérski (1921), Perm (1922-24) Sverdlov e Ural (a partir 1924), Vladímír (1927) e Smolensk, a partir de 1929 (NT).

¹⁶Getty, op. cit., p. 162

¹⁷Aleksandr Ivánovitch Krinítski (1894-1937), membro do Partido desde 1915, do CC entre 1934 e 1937 (candidato desde 1924). Secretário do CC do PC(b) da Bielorrússia (1924), da região de Sarátov (1934-37), é excluído do CC em 1937, preso e julgado por actividades terroristas contra-revolucionárias e executado (NT).

¹⁸¹⁶Getty, op. cit., p. 164

Capítulo VII

A grande depuração

Nenhum outro episódio da história soviética desperta tanto ódio do velho mundo quanto a depuração de 1937-38. A denúncia sem matizes da depuração pode ser lida em termos idênticos tanto num folheto neonazi como numa obra de Zbigniew Brzezinski com pretensões académicas, num panfleto trotskista como num escrito sob a pena do ideólogo principal do exército belga. Concentremo-nos sobre este último, Henri Bernard, antigo quadro dos serviços secretos belgas, professor emérito da Escola Real Militar. Em 1982 publicou um livro intitulado *O Comunismo e a Cegueira Ocidental*. Neste trabalho, Bernard mobiliza as forças sãs do Ocidente contra uma invasão russa que afirma estar iminente.

Na abordagem da história da URSS, Bernard emite uma opinião sobre a depuração de 1937 que é interessante a vários títulos. Ei-la:

«Stáline empregou métodos que Lénine teria reprovado. No georgiano não encontramos nenhum vestígio de sentimento humano. A partir do assassinato de Kírov (em 1934), a União Soviética viverá um banho de sangue e assistir-se-á ao espectáculo da revolução que devora os seus próprios filhos. Stáline, dizia Deutscher, ofereceu ao povo um regime de terror e de ilusões. Deste modo, as novas medidas liberais coincidem com a vaga de sangue dos anos 1936-1939. Foi o momento das purgas atrozes, do “espasmo do horror”. Começa agora a interminável série de processos. A “velha guarda” dos tempos heróicos será assim aniquilada. O principal acusado de todos estes processos era Trótski, o ausente. O exilado continuava a conduzir exemplarmente a luta contra Stáline, a desmascarar os seus métodos, a denunciar as suas ligações com Hitler.»¹

Vemos portanto que o historiador do exército belga não só gosta de citar abundantemente Trótski e os trotskistas, mas também se arvora em defensor da «velha guarda bolchevique» e até tem uma palavra benigna para Lénine; mas sob Stáline, o monstro que nada tinha de humano, dominava o terror cego e o horror.

Antes de expormos em que termos os bolcheviques definiram a purga dos anos 1937-38, vejamos primeiro o que um especialista burguês com algum respeito pelos factos sabe a propósito deste período. Gabor Tamas Rittesporrn, nascido em Budapeste, na Hungria, publicou em 1988 um estudo sobre as «grandes purgas», sob o título *Simplificações Stalinistas e Complicações Soviéticas*.² Aí declara abertamente a sua oposição ao comunismo e afirma que não se pode «negar os horrores bem reais da época estudada», que «estariamos entre os primeiros a expô-los ao grande público se tal fosse ainda necessário».³

Todavia, a versão burguesa corrente deste período é tão grosseira e a sua falsidade tão evidente que o autor teme que, a termo, tal venha a pôr em causa toda a interpretação ocidental da revolução soviética. Rittesporrn define de forma admirável os problemas que encontrou ao querer apontar as falsificações burguesas mais grosseiras:

«Quando tentamos tornar timidamente pública a análise de materiais quase totalmente ignorados e repor à devida luz, numa perspectiva nova, a história soviética dos anos 30, e o papel que Stáline desempenhou nela, descobrimos que a opinião dominante só aceita que se ponha em causa as ideias adquiridas dentro de limites

muito mais estreitos do que teríamos pensado (...). A imagem tradicional do “fenómeno stalinista” é na realidade tão poderosa, e os juízos de valor políticos e ideológicos subjacentes são de um carácter de tal modo emocional, que qualquer tentativa para a corrigir tem quase inevitavelmente de aparecer como uma tomada de posição em relação às normas geralmente aceites que ela implica (...).

«Insistir em mostrar que a representação tradicional da “época stalinista” é, em muitos aspectos, fortemente inexacta, equivale assim a desafiar de forma desesperada não só os esquemas consagrados segundo os quais é conveniente pensar as realidades soviéticas, mas também as práticas linguísticas mais comuns. (...) O que pode justificar uma investigação deste género é, antes de mais, a extrema inconsistência da literatura consagrada a um dos fenómenos considerados maiores pela vulgata histórica, a “Grande Purga” dos anos 1936-1938. Apesar das aparências, haverá poucos períodos da história soviética que tenham sido estudados de forma tão superficial.» (...)

«Tudo leva a crer que, se houve a tendência para negligenciar durante tanto tempo as regras mais elementares da análise das fontes neste domínio importante, isso aconteceu muito provavelmente porque as finalidades desses trabalhos eram, em larga medida, bastante distintas das da investigação histórica habitual. Com efeito, mesmo numa leitura pouco cuidadosa da literatura “clássica”, dificilmente evitamos a impressão de que, sob muitos aspectos, esta é com frequência inspirada mais em estados de espírito, que prevalecem em certos meios ocidentais, do que nas realidades soviéticas dos “tempos stalinistas” – defesa dos valores consagrados do Ocidente contra toda a espécie de ameaças reais e imaginárias de origem soviética, afirmações de experiências históricas inquestionáveis, bem como de apriorismos ideológicos de todos os tipos.»⁴

Em linguagem clara, Rittersporn afirma o seguinte: Posso provar que as ideias correntes sobre Stáline são, em grande parte, absolutamente falsas. Mas pretender afirmá-lo é uma empresa quase desesperada. Se alguém disser, mesmo que timidamente, certas verdades inegáveis sobre a União Soviética dos anos 30, será rotulado de «stalinista». A propaganda burguesa inculcou uma imagem falsa, mas extremamente poderosa de Stáline, a qual é quase impossível de corrigir, de tal modo as emoções se agitam mal alguém aborda o tema. Os livros sobre as depurações escritos pelos grandes especialistas ocidentais, tais como Conquest, Deutscher, Schapiro e Fainsod, não valem nada, são superficiais e redigidos ao arrepió das regras mais elementares que qualquer estudante de história aprende no primeiro ano. Na verdade, estas obras são escritas para conferir uma aparência académica e científica à política anticomunista dos meios dirigentes ocidentais. Sob uma aparência científica, fazem a defesa dos interesses e dos valores capitalistas e dos apriorismos ideológicos da grande burguesia.

Vejamos agora como as depurações foram vistas pelos comunistas que consideraram necessário realizá-las em 1937-1938.

Eis a tese central desenvolvida por Stáline, no seu relatório de 3 de Março de 1937, que marcou o início da depuração. Neste documento afirma-se que alguns dos dirigentes do Partido «*revelaram-se descuidados, complacentes e ingénuos*», tendo descurado a vigilância em relação aos inimigos e anticomunistas infiltrados no Partido. Stáline refere-se ao assassinato de Kírov, o número dois do partido bolchevique na altura:

«O celerado assassinato do camarada Kírov foi o primeiro aviso sério de que os inimigos do povo fariam um jogo duplo e que, para isso, iriam disfarçar-se de bolcheviques, como membros do Partido, para ganhar a confiança e abrir caminho para si nas nossas organizações. (...)

«O processo do “bloco zinovievista-trotskista” alargou as lições dos processos anteriores, mostrando com clareza que os zinovievistas e os trotskistas congregam em seu torno todos os elementos burgueses hostis, que se converteram em agentes de espionagem e de diversão terrorista da polícia política alemã, que a duplicidade e o disfarce constituem o único meio dos zinovievistas e dos trotskistas para infiltrarem as nossas organizações, que a vigilância e a perspicácia política constituem o meio mais seguro para a prevenção de tal infiltração (...).»

«Quanto mais avançarmos, quanto mais êxitos tivermos tanto mais se exasperarão os restos das classes exploradoras derrotadas, tanto mais depressa caminharão para formas de luta mais agudas, tanto mais danos causarão ao Estado soviético, tanto mais se aferrarão aos meios de luta mais desesperados como os últimos meios dos condenados.»⁵

Como se colocou o problema dos inimigos de classe?

Mas quem eram na verdade esses inimigos do povo infiltrados no local mais sagrado dos bolcheviques? Apresentamos quatro casos exemplares.

Boris Bajánov

Durante a Guerra Civil, que fez nove milhões de mortos, a burguesia combateu os bolcheviques com armas na mão. Derrotada, que mais poderia fazer? Suicidar-se? Afogar o seu desespero em *vodka*? Converter-se ao bolchevismo? Havia algo melhor a imaginar. Desde a vitória definitiva da revolução bolchevique, elementos da burguesia infiltraram-se conscientemente no Partido para o combater do interior e preparar as condições para um golpe de estado burguês.

Um certo Boris Bajánov⁶ escreveu um livro muito instrutivo a este propósito intitulado *Com Stáline no Krémline*. Boris nasceu em 1900. Tinha assim 17-19 anos na altura da revolução na Ucrânia, a sua região natal. No seu livro publica orgulhosamente a fotocópia do documento que o nomeou secretário pessoal de Stáline, com a data de 9 de Agosto de 1923. Nessa decisão do Bureau de Organização refere-se: «O camarada Bajánov é nomeado secretário pessoal do camarada Stáline, secretário do CC.» Bajánov faz este comentário jubiloso: «Como soldado do exército antibolchevique tinha-me imposto a tarefa difícil e perigosa de penetrar no seio do estado-maior inimigo. Havia alcançado meu objectivo.»⁷

O jovem Bajánov, enquanto secretário de Stáline, era também secretário do Bureau Político e devia tomar notas em todas as suas reuniões. Tinha 23 anos. No seu livro, escrito em 1930, explica como começou a sua carreira política quando viu chegar a Kíev o exército bolchevique. Tinha 19 anos.

«Os bolcheviques impuseram-se semeando o horror. Gritar-lhes o meu desprezo na cara não me valeria mais do que dez balas na pele. Tomei outro caminho. Para salvar a elite da minha cidade, enverguei a máscara da ideologia comunista.»⁸ (...)

«Em 1920, a luta aberta contra a praga bolchevique estava terminada. O combate no exterior não era possível. Era necessário minar no interior. Na fortaleza comunista era preciso introduzir um cavalo de Tróia. Todos os fios da ditadura se juntavam cada

vez mais no nó único do Politburo. A partir de agora, o golpe de Estado só poderia iniciar-se ali.»⁹

No decurso dos anos 1923-1924, Bajánov assistiu a todas as reuniões do Bureau Político e conseguiu manter-se em diferentes postos até à sua fuga em 1928. Muitos outros intelectuais burgueses tiveram o mesmo génio deste jovem ucraniano de 19 anos.

Os operários e os camponeses que tinham feito a revolução vertendo o seu sangue tinham pouca cultura e educação. Puderam vencer a burguesia com a sua coragem, o seu heroísmo, o seu ódio à opressão, mas para organizar a nova sociedade era preciso cultura e educação. Intelectuais da velha sociedade, jovens e velhos, pessoas suficientemente hábeis e flexíveis, reconheceram a oportunidade e decidiram mudar de armas e de tática de combate. Enfrentariam aqueles brutos e incultos entrando para o seu serviço. Neste sentido, o caminho tomado por Boris Bajánov foi exemplar.

Gueórgui Solomone

Tomemos outro livro-testemunho. A carreira do seu autor, Gueórgui Solomone,¹⁰ é ainda mais interessante. Solomone foi um quadro do partido bolchevique. Nomeado, em Julho de 1919, adjunto do comissário do Povo para o Comércio e a Indústria, era amigo íntimo de Krássine, velho bolchevique que acumulava na altura as funções de comissário das Vias de Comunicação e do Comércio e da Indústria. Em resumo, eram dois dos tais membros da «velha guarda dos tempos heróicos» tão caros a Henri Bernard da Academia Militar.

Em Dezembro de 1917, quando Solomone regressa de Estocolmo a Petersburgo, corre a inteirar-se da situação política junto do seu amigo Krássine. Este, segundo Solomone, ter-lhe-á dito:

«Um resumo da situação? Trata-se de uma aposta imediata no socialismo, de uma utopia levada até à tolice mais extrema. Estão todos loucos, inclusive Lénine! Foram esquecidas as leis da evolução natural, foram esquecidas as nossas advertências quanto ao perigo de tentar a experiência socialista nas condições actuais. Quanto a Lénine, é um delírio contínuo. Na realidade, vivemos sob um regime nitidamente autocrático.»¹¹ Esta análise em nada difere da dos mencheviques: a Rússia não está madura para o socialismo, e aquele que quiser introduzi-lo terá de recorrer a métodos autocráticos.

No começo de 1918, Solomone e Krássine encontraram-se em Estocolmo. Os alemães tinham passado à ofensiva e ocupavam a Ucrânia. As insurreições antibolcheviques multiplicavam-se. Não se sabia quem governaria a Rússia, os bolcheviques ou os mencheviques com os seus amigos industriais? Solomone resume as suas conversas com Krássine:

«Compreendíamos que este novo regime tinha introduzido uma série de medidas absurdas, destruindo as forças técnicas, desmoralizando os técnicos especializados e substituindo-os por comités operários. Dávamo-nos conta de que a tendência para aniquilar a burguesia não era menos absurda. Esta burguesia estava ainda destinada a proporcionar-nos muitos elementos positivos. Esta classe era chamada a cumprir a sua missão histórica e civilizadora.»¹²

Solomone parece claramente inclinado a juntar-se aos «verdadeiros» marxistas, os mencheviques, com os quais partilha a preocupação de salvar a burguesia, portadora de

progresso. Como poderiam passar sem ela? Não era possível desenvolver o país com «fábricas dirigidas por comités de operários ignorantes».¹³

Mas a situação do poder bolchevique estabiliza-se e, observa Solomone, «*uma mudança sobreveio gradualmente na nossa apreciação da situação*».

(...) «*Perguntávamo-nos se tínhamos o direito de nos mantermos à margem. Não deveríamos no próprio interesse do povo que queremos servir colocar as nossas forças, a nossa experiência à disposição dos soviets, a fim de conferir a esta empresa elementos de sanidade? Não teríamos aqui a possibilidade de lutar contra essa política de destruição geral que marcava a acção dos bolcheviques? Poderíamos igualmente opor-nos à destruição total da burguesia. Pensámos que o restabelecimento das relações normais com o Ocidente levaria necessariamente os nossos dirigentes a caminharem ao lado das outras nações e que a tendência para um comunismo imediato começaria a atenuar-se e acabaria por se apagar completamente. Em função destes raciocínios, Krássine e eu tomámos a decisão de entrar para o serviço dos soviets.*»¹⁴

Assim, de acordo com as afirmações de Solomone, ele e Krássine delinearum um programa secreto que levaram a cabo ascendendo aos cargos de ministro e vice-ministro sob Lénine: opuseram-se a todas as medidas da ditadura do proletariado, protegeram tanto quanto era possível a burguesia e tinham a intenção de estabelecer relações de confiança com o mundo imperialista, tudo para «apagar progressiva e completamente» a orientação comunista do Partido! Belo bolchevique, o camarada Solomone.

Em 1 de Agosto de 1923, durante uma estadia na Bélgica, Solomone salta o «muro» e passa-se para o outro lado. O seu testemunho apareceu publicado em 1930, sob os auspícios da organização belgo-francesa «Centro Internacional da Luta Activa Contra o Comunismo». O velho bolchevique Solomone tinha agora ideias muito mais marcadas.

«*O governo de Moscovo, constituído por um pequeno grupo de homens, impõe, com a ajuda da GPU, a escravidão e o terror no nosso grande país. (...) Os sátrapas soviéticos vêem-se cercados pela cólera, a grande cólera popular. Apoderados por um terror louco, tornam-se cada vez mais ferozes, vertem torrentes de sangue humano.*»¹⁵

Estes eram os termos utilizados pelos mencheviques alguns anos antes. Em breve, Trótski retoma-los-á e, 50 anos mais tarde, o ideólogo do exército belga não fará melhor. É importante notar que os termos «terror louco», «escravidão» e «torrentes de sangue» são utilizados pelo «velho bolchevique» Solomone para descrever a situação na União Soviética sob Lénine e durante o período «liberal» de 1924-1929 que precedeu a colectivização. Todas as calúnias da burguesia sobre o «regime terrorista e sanguinário» de Stáline foram primeiro lançadas, palavra por palavra, contra a União Soviética de Lénine.

Solomone representa o caso interessante de um «velho bolchevique», opositor figadal de qualquer iniciativa de Lénine, que escolheu entrar e «desviar» a revolução a partir do interior. Já em 1918, alguns bolcheviques tinham acusado Solomone diante de Lénine de ser um burguês, um especulador e um espião alemão. Solomone negou tudo com indignação. Mas é interessante notar que mal deixou a URSS logo se declarou como um anticomunista feroz.

Frúnze

O livro de Bajánov acima mencionado contém ainda outra passagem muito interessante, onde se fala dos contactos que o autor teve com oficiais superiores do Exército Vermelho. «Frúnze»,¹⁶ escreve ele, «era talvez o único homem entre os dirigentes que desejou a liquidação do regime e o regresso da Rússia a uma existência mais humana».

«No começo da revolução Frúnze era bolchevique. Mas quando ingressa no exército cai sob a influência dos antigos oficiais e generais, absorve as suas tradições e torna-se um soldado até à medula. Quanto mais se apaixonava pelo exército mais odiava o comunismo. Mas sabia calar-se e dissimular os seus pensamentos. Acreditava que no futuro seria chamado a desempenhar o papel de Napoleão.

«Frúnze tinha um plano de acção bem definido. Procurava em primeiro lugar arruinar o poder do Partido no Exército Vermelho. Para começar, obteve a supressão dos comissários que, na sua qualidade de representantes do Partido, estavam colocados acima do comando. Depois, prossequindo audaciosamente o seu projecto de golpe bonapartista, Frúnze escolheu cuidadosamente militares profissionais, nos quais contava mais tarde apoiar-se, para os postos de comando das divisões, corpos do exército e regiões. Mas para que o exército pudesse realizar um golpe de Estado era necessário uma situação excepcional, uma situação, por exemplo, que pudesse conduzir à guerra. Tinha uma habilidade extrema em dar uma aparência comunista a todos os seus actos. Contudo, Stáline desvendou os seus desígnios.»¹⁷

É-nos difícil dizer se Bajánov tem razão no que diz sobre Frúnze. Mas pelo menos o seu texto mostra que já em 1926 alguns especulavam sobre tendências militaristas e bonapartistas no seio do exército para pôr fim ao regime soviético. Tokáev¹⁸ escreverá mais tarde que, em 1935, «o aeroporto militar central de Frúnze era um dos centros dos seus inimigos irreconciliáveis (de Stáline).»¹⁹ Quando Tukhatchévski²⁰ foi preso e fuzilado em 1937, foram-lhe atribuídas exactamente as mesmas intenções que o testemunho de Bajánov, redigido em 1930, imputa a Frúnze.

Aleksandr Zinóviev

Em 1939, Aleksandr Zinóviev,²¹ estudante brilhante, tinha 17 anos: «Eu podia constatar a diferença entre a realidade e os ideais do comunismo, e considerava Stáline o responsável por esta fractura.»²²

Esta frase exprime perfeitamente o idealismo pequeno-burguês que aceitava de bom grado os ideais comunistas, mas que se abstraía da realidade económica e social, bem como do contexto internacional no qual a classe operária teve de encetar a sua realização. Alguns destes pequeno-burgueses rejeitam os ideais comunistas assim que se deparam com a aspereza da luta das classes e as dificuldades da construção do socialismo.

«Fui um anti-stalinista convicto desde a idade dos 17 anos», afirmou Zinóviev.²³ «Considerava-me um neo-anarquista.»²⁴ Leu com paixão as obras de Bakúnine²⁵ e de Kropótkine,²⁶ depois as de Jeliábov²⁷ e dos populistas.²⁸

Na realidade, a Revolução de Outubro tinha sido feita «para que os funcionários do aparelho pudessem ter carro oficial para uso particular, viver em apartamentos e

datchas sumptuosas»; tinha-se orientado para «a instauração de um Estado centralizado e burocrático».²⁹ «A ideia da ditadura do proletariado era uma inépcia».³⁰

Zinóviev continua: «A ideia de um atentado contra Stáline invadiu os meus pensamentos e sentimentos. Já antes me tinha debruçado sobre o terrorismo. (...) Estudámos as possibilidades de um atentado: durante o desfile na Praça Vermelha provocaríamos uma confusão artificial que me permitiria, armado com uma pistola e granadas, precipitar-me sobre os dirigentes.»

Pouco mais tarde, com seu amigo Aleksei, planeou um novo atentado «programado para o 7 de Novembro de 1939».³¹

Zinóviev tinha ingressado na Faculdade de Filosofia de um estabelecimento de elite. «Logo à chegada compreendi que mais cedo ou mais tarde teria de aderir ao PC. Não tinha nenhuma intenção de exprimir abertamente as minhas convicções: não obteria nada com isso para além de aborrecimentos. Eu já tinha escolhido a minha vida. Queria ser um revolucionário em luta contra a nova sociedade. Decidi então dissimular e esconder por uns tempos a minha verdadeira natureza.»³²

Esses quatro casos dão-nos uma ideia da grande dificuldade com que se defrontou o poder soviético na luta contra inimigos encarniçados, mas escondidos e agindo em segredo, inimigos que se esforçaram por todos os meios para minar e destruir o Partido e o poder soviético a partir do interior.

A luta contra o oportunismo no Partido

No decurso dos anos 20 e 30, Stáline e os outros dirigentes bolcheviques conduziram numerosas lutas contra as tendências oportunistas no seio do Partido. Importância crucial teve a refutação das ideias antileninistas de Trótski, depois de Zinóviev e Kámenev e, em seguida, de Bukhárine. Estas lutas ideológicas e políticas foram travadas de forma correcta, segundo os princípios leninistas, de maneira firme e paciente.

No período de 1922-1927, o partido bolchevique conduziu uma luta ideológica e política decisiva contra Trótski sobre a questão da possibilidade da construção do socialismo num só país, a União Soviética. Como atrás vimos, as teses derrotistas e capitulacionistas de Trótski coincidiam de facto com as defendidas desde 1918 pelos mencheviques, que igualmente tinham concluído a impossibilidade de instaurar o socialismo num país agrícola atrasado. Numerosos textos de dirigentes bolcheviques, essencialmente de Stáline e de Bukhárine, atestam que esta luta foi correctamente travada.

Em 1926-1927, Zinóviev e Kámenev unem-se a Trótski na sua luta contra o Partido. Juntos formam a Oposição Unificada, que denuncia o avanço da classe dos kulaques, critica o «burocratismo» invasor do Partido e organiza facções clandestinas no seu seio. Quando um certo Ossóvski defendeu o direito de criar «partidos de oposição», Trótski e Kámenev votam no Bureau Político contra a sua exclusão do Partido. Zinóviev adopta a teoria de Trótski sobre a «impossibilidade de construir o socialismo num só país», teoria que havia combatido veementemente dois anos antes, e fala do perigo da «degenerescência do Partido».³³

Em 1927, Trótski evoca o «*thermidor* soviético», por analogia com a contra-revolução em França, quando os jacobinos de direita esmagaram os jacobinos de esquerda. Depois lembra o início da I Guerra Mundial, quando Clemenceau, vendo o exército alemão a 80

quilómetros de Paris, derrubou o governo enfraquecido de Painlevé para organizar uma defesa firme e sem concessões. Deixa assim entender que, em caso de ataque imperialista, ele, Trótski, poderia fazer um golpe de Estado do tipo Clemenceau.³⁴

Devido à sua conduta e às suas teses, a oposição foi completamente desacreditada. Quando se passou à votação, recolheu apenas seis mil sufrágios, num total de 725 mil.³⁵ Em 27 de Dezembro de 1927, o Comité Central acusou a oposição de estar ao lado das forças anti-soviéticas, advertindo que seriam excluídos do Partido aqueles que persistissem em tais posições. Em consequência, todos os dirigentes trotskistas e zinovievistas viriam a ser irradiados do Partido.³⁶

Mas logo em Junho de 1928, vários zinovievistas publicaram autocríticas e foram reintegrados. Os seus chefes Zinóviev, Kámenev e Evdokímov³⁷ seguiram-nos pouco depois.³⁸ Posteriormente, um grande número de trotskistas manifestou o seu arrependimento: Preobrajénski, Rádek,³⁹ Piatakov.^{40/41}

Trótski manteve-se numa oposição irreductível e foi expulso da União Soviética.

A terceira grande luta ideológica foi motivada pelo desvio de direita de Bukhárine a propósito da colectivização. Bukhárine preconizava uma política de tipo social-democrata, baseada na ideia da conciliação das classes. Na prática protegia a expansão dos kulaques no campo e torna-se intérprete dos seus interesses, exigindo um abrandamento da industrialização do país. Bukhárine vacilou ante a dureza da luta de classes no campo, a qual descreve denunciando os seus «horrores».

Nesse período, antigos «opositores de esquerda» fizeram alianças sem princípio com Bukhárine com o objectivo de derrubar Stáline e a direcção marxista-leninista. Em 11 de Julho de 1928, no momento dos acesos debates que precederam a colectivização, Bukhárine manteve um encontro clandestino com Kámenev. Declarou-lhe ser a favor de um «bloco com Kámenev e Zinóviev para substituir Stáline».⁴² Em Setembro de 1928, Kámenev contactou alguns trotskistas para lhes pedir que regressassem ao Partido e esperassem «que a crise amadurecesse.»⁴³

Todavia, após a realização no essencial da colectivização, em 1932-1933, as teorias derrotistas de Bukhárine estavam completamente desacreditadas. Entretanto, Zinóviev e Kámenev haviam retomado o seu combate contra a linha do Partido, nomeadamente apoiando o programa contra-revolucionário elaborado por Riútime⁴⁴ em 1931-1932, de que trataremos mais à frente. Pela segunda vez, foram excluídos do Partido e exilados na Sibéria.

Em 1933, a direcção considerou que as batalhas mais duras pela industrialização e a colectivização estavam terminadas. Em Maio de 1933, Stáline e Mólotov assinam a libertação de metade dos reclusos em campos de trabalho que tinham sido condenados durante a colectivização.

Em Novembro de 1934, o sistema de gestão dos *kolkhozes* tomou a sua forma definitiva, reconhecendo aos kolkhozianos o direito de cultivar por sua conta uma parcela de terra e de criar gado.⁴⁵ Uma distensão social e económica fez-se sentir no país.

A orientação geral do Partido tinha provado a sua justeza. Kámenev, Zinóviev, Bukhárine e um grande número de trotskistas haviam reconhecido os seus erros. A direcção do Partido era da opinião de que as retumbantes vitórias da construção do socialismo poderiam levar todos os opositores a reconhecerem as suas teses erróneas e a assimilarem as concepções leninistas. Esperava que estes aplicassem os princípios desenvolvidos por Lénine sobre a crítica e autocrítica, método materialista e dialéctico que permite a cada comunista completar a sua educação política, fazer o balanço das suas próprias concepções e reforçar a unidade política do Partido. Por essa razão, quase todos

os dirigentes das três correntes oportunistas, os trotskistas Piatakov, Rádek, Smírnov⁴⁶ e Preobrajénski, depois Zinóviev e Kámenev e por fim Bukhárine – este último, por sinal, manteve-se sempre em postos de direcção –, foram convidados para o XVII Congresso, em 1934, onde tiveram oportunidade de pronunciar os seus discursos. Este foi o congresso da vitória da unidade.

No seu Relatório ao XVII Congresso, apresentado a 26 de Janeiro de 1934, Stáline expôs as realizações impressionantes no domínio da industrialização, da colectivização e do desenvolvimento cultural. Após ter assinalado a vitória política sobre o grupo trotskista e sobre os nacionalistas burgueses, afirmou: «*O grupo antileninista dos desviacionistas de direita foi derrotado e disperso. Os seus organizadores há muito que renunciaram aos seus pontos de vista e agora esforçam-se de todas as maneiras para expiarem os seus pecados perante o Partido*»⁴⁷.

Durante os trabalhos do congresso, todos os antigos opositores sentiram-se obrigados a reconhecer os sucessos consideráveis obtidos depois de 1930. No seu discurso final, Stáline afirmou: «*Constatou-se, desta forma, uma excepcional coesão tanto político-ideológica como organizativa nas fileiras do nosso Partido.*»⁴⁸.

Stáline estava convencido de que os antigos desviacionistas trabalhariam a partir de agora lealmente para a edificação socialista. Poderíamos dizer que Stáline foi pouco vigilante com aqueles que por três ou quatro vezes se tinham desviado para um dos mais perigosos oportunismos. Mas Stáline pensava justamente que as grandes batalhas de classe estavam travadas e que as vitórias obtidas podiam trazer para a linha leninista aqueles que se haviam enganado no passado. Acreditava que as pessoas podiam tirar lições dos seus erros. Não obstante, Stáline assinala dois perigos:

«*Derrotámos os inimigos do Partido, os oportunistas de todos os matizes e nacional-desviacionistas de todo tipo. Mas ainda subsistem vestígios da sua ideologia na cabeça de alguns membros do Partido e manifestam-se com frequência.*»⁴⁹

E salientou a persistência de «resquícios do capitalismo na economia» e, de forma ainda mais acentuada, de «resquícios do capitalismo na consciência das pessoas». «*Não se pode dizer que a luta terminou e que já não é necessária a política de ofensiva do socialismo.*»⁵⁰.

De seguida, sublinhou um outro perigo que surgira nas fileiras dos próprios bolcheviques. Desde há algum tempo, o Partido afirmava que se estava a caminhar para a sociedade sem classes. Ora, observa Stáline, alguns «*fazem o seguinte cálculo: se estamos a caminhar para a sociedade sem classes, isso significa que se pode atenuar a luta de classes, abrandar a ditadura do proletariado e, em geral, acabar com o Estado, que, de qualquer forma, deverá desaparecer nos próximos tempos. E ficam extasiados na expectativa de que em breve não haverá classes, o que significa que não haverá luta de classes, o que significa que podemos depor as armas, deitarmo-nos e adormecer à espera do advento da sociedade sem classes.*»⁵¹ Tal concepção representava, segundo Stáline, uma nova versão do desvio social-democrata que poderia desmobilizar e desarmar o Partido. Eram palavras clarividentes.

O estudo detalhado da luta ideológica e política travada no seio da direcção bolchevique de 1922 a 1934 permite refutar muitas contraverdades e preconceitos amplamente divulgados. É completamente falsa a ideia de que Stáline proibia que os demais dirigentes se expressassem livremente e que reinava a «tirania» no seio do Partido. Os debates e as lutas foram travados de forma aberta e durante um longo período. Concepções fundamentalmente diferentes confrontaram-se com violência, dependendo delas o futuro do socialismo. Na teoria como na prática, a direcção

conduzida por Stáline provou que seguia uma linha leninista e que as diferentes facções oportunistas expressavam os interesses da burguesia antiga e nova. Stáline não só foi prudente e paciente na luta, como permitiu que os opositores, após terem compreendido seus erros, regressassem à direcção. Stáline acreditou realmente na honestidade das autocríticas apresentadas pelos antigos opositores.

Os processos e a luta contra o revisionismo e a infiltração inimiga

A 1 de Dezembro de 1934, Kírov, o número dois do Partido, foi assassinado no seu gabinete, na sede da organização de Leningrado. O assassino entrou no edifício exibindo o cartão de militante. Chamava-se Nikoláiev.⁵² Tinha sido expulso, mas conservara o seu cartão.

Nas prisões e nos campos, os contra-revolucionários entregavam-se ao seu jogo de intoxicação habitual: «Foi Stáline quem assassinou Kírov!» Em 1953, esta «leitura» da morte de Kírov será difundida no Ocidente pelo dissidente Orlov.⁵³ No momento dos factos, Orlov estava em Espanha. No livro que publicou após ter fugido para o Ocidente, em 1938, relata sobretudo histórias de bastidores que ouviu em breves passagens por Moscovo. Mas foi preciso esperar 15 anos para que, com a ajuda da guerra-fria, o dissidente Orlov ganhasse presença de espírito para nos fazer esta revelação sensacional.

Tokáev, membro de uma organização anticomunista clandestina, escreveu que Kírov foi morto por um grupo opositor e que ele próprio, Tokáev, acompanhou de perto os preparativos do atentado.⁵⁴ Liúchkov,⁵⁵ um homem do *NKVD* que fugiu para o Japão, confirmou que Stáline nada teve a ver com este assassinato.⁵⁶

A morte de Kírov ocorreu num momento em que a direcção do Partido acreditava que o mais difícil já tinha passado e que a unidade do Partido estava consolidada. A primeira reacção de Stáline foi desordenada e reflectiu um certo pânico. A direcção pensou que o assassinato do número dois marcava o início de um golpe de estado. Foi imediatamente adoptado um decreto determinando um procedimento expedito para a detenção e execução de terroristas. Esta medida draconiana foi ditada pelo sentimento de que o regime socialista corria um perigo mortal.

Num primeiro momento, o Partido procurou suspeitos entre os seus inimigos tradicionais, os «brancos». Alguns foram executados. Depois, a polícia descobriu o diário de Nikoláiev. Nele não havia qualquer referência a uma organização opositora que tivesse preparado o atentado. A investigação chega finalmente à conclusão de que o grupo de Zinóviev tinha «influenciado» Nikoláiev e os seus amigos, mas não encontra indícios de uma implicação directa de Zinóviev. Este último é simplesmente enviado para o exílio interior.

A reacção do Partido revela uma grande confusão. Mas todos os factos indicados demonstram a inconsistência da tese segundo a qual Stáline teria «preparado» o atentado para se lançar no seu «plano diabólico» de extermínio da oposição.

O processo do centro trotskista-zinovievista

O atentado desencadeou uma depuração dos partidários de Zinóviev. Não houve violência massiva. Os meses que se seguiram foram ocupados pela grande campanha de preparação da nova Constituição, centrada no tema da democracia socialista.⁵⁷

Não foi senão 16 meses mais tarde, em Junho de 1936, que a procuradoria reabriu o dossier Kírov com base em novas informações. Elas diziam respeito a uma organização secreta, criada em Outubro de 1932, da qual Zinóviev e Kámenev faziam parte.

A polícia possuía provas de que Trótski, no início de 1932, tinha enviado clandestinamente cartas a Rádek, Sokólnikov,⁵⁸ Preobrajénski e outros, incitando-os a empreender acções mais enérgicas contra Stáline. Getty encontrou indicações desses apelos nos arquivos de Trótski.⁵⁹

Em Outubro de 1932, Goltsman, um antigo trotskista, encontrou-se secretamente em Berlim com Sedov,⁶⁰ o filho de Trótski, para analisar a proposta de Smírnov de criar um Bloco da Oposição Unificada, incluindo trotskistas, zinovievistas e os partidários de Lominádze.⁶¹ Trótski insistia na necessidade do «anonimato e da clandestinidade». Pouco depois, Sedov escreve ao pai comunicando-lhe que o bloco fora oficialmente constituído e que continuavam a fazer esforços para incluir o grupo de Sáfarov⁶²-Tarkhanov^{63/64}. O *Boletim* de Trótski chegou a publicar relatórios de Goltsman e Smírnov, assinados com pseudónimos!

Assim, a direcção do Partido tinha perante si provas irrefutáveis de uma conspiração que visava derrubar a direcção bolchevique e levar ao poder uma corja de oportunistas que eram instrumentos das antigas classes exploradoras. A existência da conspiração era um sinal de alarme de último grau.

Trótski e a contra-revolução

Com efeito, em 1936, era evidente para qualquer pessoa, analisando lucidamente a luta de classes ao nível internacional, que Trótski tinha degenerado a ponto de se tornar um joguete das forças anticomunistas de todo género. Personagem imbuída de si mesmo, atribuía-se um papel planetário e histórico cada vez mais grandioso à medida que a clique que o rodeava se tornava mais insignificante. Todos os seus esforços visavam um único objectivo: a destruição do partido bolchevique que permitiria a tomada do poder por ele e os seus. De facto, conhecendo perfeitamente o partido bolchevique e sua história, Trótski tornou-se um dos maiores especialistas mundiais no combate antibolchevique.

Para assentarmos ideias, recordamos algumas posições públicas tomadas por Trótski antes da reabertura do caso Kírov, em Junho de 1936. Elas lançam uma nova luz sobre Zinóviev, Kámenev, Smírnov e todos aqueles que entraram na conspiração com Trótski.

Destruir o movimento comunista

Em 1934, Trótski declarou que Stáline e os partidos comunistas eram responsáveis pela chegada ao poder de Hitler; para derrubar Hitler era necessário primeiro destruir «impiedosamente» os partidos comunistas! «*A vitória de Hitler foi provocada pela*

*política desprezível e criminosa do Komintern. “Sem Stáline, não teria havido a vitória de Hitler”».*⁶⁵

*«O Komintern stalinista, como a diplomacia stalinista, cada um por seu lado, ajudaram Hitler a pôr-se na sela.»*⁶⁶ *«A burocracia do Komintern, em concerto com a social-democracia, fez todo o possível para transformar a Europa e mesmo o mundo inteiro num campo de concentração fascista.»*⁶⁷ *«O Komintern criou uma das condições mais importantes da vitória do fascismo. Para derrubar Hitler é preciso pôr fim ao Komintern».*⁶⁸ *«Trabalhadores, aprendam a desprezar esta canalha burocrática!»*⁶⁹ (Os trabalhadores) *«devem extirpar impiedosamente do movimento operário a teoria e a prática do aventureirismo burocrático.»*⁷⁰

Assim, no início de 1934, quando Hitler estava no poder havia apenas um ano, Trótski considerava que para derrubar o fascismo era preciso primeiro destruir o movimento comunista internacional! Magnífico exemplo dessa «unidade antifascista» de que falavam demagogicamente os trotskistas. Lembremos também que, na mesma altura, Trótski afirmava que o Partido Comunista Alemão se tinha recusado a «realizar a frente unida com o Partido Socialista» e que, em consequência do seu «sectarismo excessivo», era responsável pela chegada ao poder de Hitler.

Na realidade, foi o Partido Social-Democrata Alemão que, devido à sua política de defesa encarniçada do regime capitalista alemão, recusou qualquer unidade antifascista e anticapitalista. Assim, Trótski propunha-se «extirpar impiedosamente» a única força que realmente deu combate ao nazismo!

Ainda em 1934, para incitar as camadas populares mais atrasadas contra o partido bolchevique, Trótski lançou a sua famosa tese de que a União Soviética se assemelhava, em numerosos aspectos, a um Estado fascista. *«Nestes últimos anos, a burocracia soviética apropriou-se de numerosos traços do fascismo vitorioso, mais particularmente a libertação do controlo do Partido e a instituição do culto ao chefe.»*⁷¹

A restauração do capitalismo é impossível

No início de 1935, a posição de Trótski era a seguinte: a restauração de capitalismo na URSS é virtualmente impossível; a base económica e política do regime soviético é sã, mas o topo, ou seja, a direcção do partido bolchevique, é a parte mais corrompida, a mais antidemocrática e a mais reaccionária da sociedade. Trótski dava assim a sua protecção a todas as forças anticomunistas que lutavam contra «esta parte mais corrompida», que seria a direcção do Partido. Ao mesmo tempo, Trótski defendia sistematicamente todos os oportunistas, carreiristas e derrotistas que surgiam no seio do Partido bolchevique e cujas acções minavam a ditadura do proletariado.

Eis o que Trótski escreveu no final de 1934, justamente após o assassinato de Kírov, quando Zinóviev e Kámenev foram excluídos do Partido e enviados para o exílio. *«Como é possível que, precisamente hoje, após todos os êxitos económicos, após a abolição das classes na URSS, segundo declarações oficiais, como é possível que velhos bolcheviques tenham colocado como tarefa a restauração do capitalismo? Só verdadeiros tolos seriam capazes de acreditar que as relações capitalistas, isto é, a propriedade privada dos meios de produção, inclusive a terra, poderão ser restabelecidas na URSS pela via pacífica e conduzir ao regime da democracia burguesa. Na realidade, mesmo que tal fosse possível em geral, o capitalismo não poderá regenerar-se na Rússia senão em*

resultado de um violento golpe de estado contra-revolucionário que exigiria dez vezes mais vítimas do que a Revolução de Outubro e a Guerra Civil.»⁷²

Após a leitura deste texto, uma primeira reflexão se impõe. De 1922 a 1927, Trótski conduziu uma luta obstinada, centrada na sua tese da impossibilidade da construção do socialismo num só país, a URSS. Ora, este indivíduo sem escrúpulos acaba por declarar, em 1934, que o socialismo estava tão solidamente estabelecido na União Soviética que seria necessário dezenas de milhões de mortos para o derrubar!

Em seguida, Trótski finge defender os «velhos bolcheviques». Mas as posições dos «velhos bolcheviques» Zinóviev e Kámenev eram diametralmente opostas às de outros «velhos bolcheviques» como Stáline, Kírov, Mólotov, Káganovitch e Jdánov. Estes últimos tinham claramente mostrado, na dura luta de classes que se desenvolvia na União Soviética, que as posições oportunistas de Zinóviev e de Kámenev franqueavam o caminho às antigas classes exploradoras e aos novos burocratas. Trótski avança um argumento demagógico, mil vezes utilizado pela burguesia: como é que um velho revolucionário poderia mudar de lado? Khruchov retomá-lo-á textualmente no seu «relatório secreto».⁷³

Kautsky, que se proclamava descendente espiritual de Marx e de Engels, tornou-se após a morte dos fundadores do socialismo científico no principal renegado do marxismo. Márto⁷⁴ esteve entre os pioneiros do marxismo na Rússia e participou das primeiras organizações revolucionárias; no entanto, tornou-se um dos chefes das fileiras mencheviques e combateu a revolução socialista desde Outubro de 1917. E que dizer dos «velhos bolcheviques» Khruchov e Mikoíane, que efectivamente arrastaram a União Soviética para a via da restauração capitalista?

Trótski afirma que a contra-revolução só era possível através de um banho de sangue que custaria mais de 80 milhões de mortos (!). Alega, portanto, que o capitalismo não pode ser restaurado «do interior» através da corrupção política interna do Partido, da infiltração inimiga, da burocratização, da social-democratização do Partido. No entanto, Lénine havia já sublinhado essa possibilidade.

Politicamente, Kámenev e Zinóviev foram precursores de Khruchov. Ora, para ridicularizar a vigilância em relação a oportunistas do género Zinóviev-Kámenev, Trótski utiliza um argumento que seria retomado por Khruchov no seu «relatório secreto»: «*A liquidação das classes dominantes do passado, em conjunto com os êxitos económicos da nova sociedade deveriam obrigatoriamente conduzir à atenuação e ao desaparecimento progressivo da ditadura.*»⁷⁵

Desta forma, no momento em que uma organização clandestina conseguira abater o número dois do regime socialista, Trótski considera que a ditadura do proletariado na URSS deve logicamente começar a extinguir-se. Mantendo a lança apontada contra os bolcheviques que defendiam o regime soviético, Trótski prega a clemência para os conspiradores. Ao mesmo tempo, apresenta os terroristas sob um ângulo favorável. Declara que o assassinato de Kírov é «um facto novo de uma grande significação sintomática». E explica seu pensamento: «*Um acto terrorista cometido por ordem de uma organização determinada é inconcebível se não existir uma atmosfera política favorável. A hostilidade em relação às cúpulas do poder teria de alastrar amplamente e assumir formas agudas para que no seio da juventude do Partido pudesse cristalizar-se um grupo terrorista. (...) Se nas massas populares alastra um descontentamento que isola toda a burocracia; se a própria juventude se sente excluída, oprimida, privada da possibilidade de um desenvolvimento independente, a atmosfera para os grupos terroristas está criada.*»⁷⁶

Embora mantendo publicamente suas distâncias em relação ao terrorismo individual, Trótski não hesita em dizer o que pensa de positivo sobre o atentado contra Kírov! Na sua óptica, a conspiração e o assassinato são a prova de que havia uma atmosfera geral de hostilidade que «isola toda a burocracia». O assassinato de Kírov provaria que a juventude se sente «oprimida e privada da possibilidade de um desenvolvimento independente» – esta última afirmação é um encorajamento directo à juventude reaccionária que, efectivamente, se sentia «oprimida» e desprovida da «possibilidade de desenvolvimento independente».

Pelo terror e a insurreição

Trótski acaba por defender o terror individual e a insurreição armada para destruir o poder «stalinista». A partir de 1935 passa a agir como um contra-revolucionário sem máscara. Eis um texto que escreveu em 1935, ano e meio antes da «grande depuração» de 1937.

«Stáline é a encarnação viva de um Thermidor burocrático. Nas suas mãos, o terror foi e continua a ser, antes de mais, um instrumento destinado a esmagar o Partido, os sindicatos e os soviets e a estabelecer uma ditadura pessoal, à qual só falta... a coroa imperial. (...) As atrocidades insensatas geradas pelos métodos burocráticos da colectivização, bem como as cobardes represálias e as violências exercidas contra os melhores elementos da vanguarda proletária, provocaram, de forma inevitável, a exasperação, o ódio e o espírito de vingança. Esta atmosfera é geradora de disposições para o terror individual nos jovens. (...) Só os êxitos do proletariado mundial podem reanimar a confiança do proletariado soviético em si próprio. A condição essencial da vitória da revolução é a unificação da vanguarda proletária internacional em torno da bandeira da IV Internacional. A luta por esta bandeira deve ser conduzida também na URSS, com prudência, mas de forma intransigente. O proletariado que realizou três revoluções levantará a cabeça uma vez mais. A absurdidade burocrática irá tentar resistir? O proletariado encontrará uma vassoura suficientemente grande. E nós ajudá-lo-emos.»⁷⁷

Desta forma, Trótski encoraja discretamente «o terror individual» e defende abertamente uma «quarta revolução». Neste texto afirma que Stáline «esmaga» o partido bolchevique, os sindicatos e os soviets. Uma contra-revolução tão «atroz», declara Trótski, tem necessariamente de provocar nos jovens o ódio, o espírito de vingança e o terrorismo. Isto era um apelo mal disfarçado ao assassinato de Stáline e de outros dirigentes bolcheviques. Nesse sentido sublinha que a actividade de seus acólitos na União Soviética deve ser conduzida segundo as regras estritas da conspiração. É evidente que não ousa apelar directamente ao terror individual, mas insinua claramente que tal terror individual é provocado «de forma inevitável» pelos crimes stalinistas. Em linguagem conspirativa não se pode ser mais claro.

E para o caso de restar alguma dúvida de que os seus partidários devem envolver-se na luta armada contra os bolcheviques, Trótski lembra que, na Rússia, houve uma revolução armada em 1905, outra em Fevereiro de 1917 e uma terceira em Outubro de 1917. Agora pretendia uma quarta revolução contra os «stalinistas». Se eles ousarem resistir, serão tratados como o foram os tsaristas e os burgueses em 1917. Ao defender uma revolução armada na URSS, Trótski torna-se o porta-voz de todas as classes reaccionárias derrotadas: dos kulaques, aos quais os «burocratas» tinham infligido «atrocidades

insensatas» durante a colectivização, aos tsaristas passando pelos burgueses e os oficiais brancos! Para atrair alguns operários para a sua empresa anticomunista, promete-lhes os «êxitos do proletariado mundial» que iriam «reanimar a confiança do proletariado soviético»!

Após a leitura desses textos é evidente que qualquer comunista soviético, que soubesse de ligações clandestinas de membros do Partido com Trótski, tinha o dever imperativo de denunciá-los aos órgãos de segurança do Estado. Todos aqueles que mantinham relações clandestinas com Trótski participavam numa conspiração contra-revolucionária que visava a destruição dos fundamentos do poder soviético, quaisquer que fossem os argumentos de «esquerda» que utilizassem para justificar o seu trabalho de subversão.

O grupo contra-revolucionário Zinóviev-Kámenev-Smírnov

Retornemos à descoberta, em 1936, dos laços entre Zinóviev-Kámenev-Smírnov e o grupo anticomunista de Trótski no estrangeiro. O processo dos zinovievistas teve lugar em Agosto de 1936. Envolveu essencialmente elementos que estavam há vários anos fora do Partido. A repressão contra os trotskistas e zinovievistas deixou intactas as estruturas do Partido. Durante o processo, os acusados fizeram referências a Bukhárine, mas o tribunal concluiu que não havia nenhuma prova que o implicasse e não orientou as investigações nessa direcção, ou seja, entre os quadros dirigentes do Partido.

No entanto, em Julho de 1936, a tendência radical da direcção fez circular uma carta interna que colocava a tónica no facto de inimigos terem penetrado no próprio aparelho do Partido, esconderem suas verdadeiras intenções e manifestarem com alarde o seu apoio à linha geral para poderem levar a cabo o seu trabalho de sabotagem. Era muito difícil desmascará-los, assinalava a carta. Nela também se afirmava: «*Nas circunstâncias actuais, a qualidade inalienável de cada bolchevique deve ser a capacidade de detectar o inimigo do Partido, mesmo se este está extremamente bem mascarado.*»⁷⁸

Esta frase pode parecer a alguns como um condensado da paranóia «stalinista». Que reflectam então sobre a confissão de Tokáev, membro de uma organização anticomunista no seio do Partido, que descreveu a sua reacção ao processo de Zinóviev, durante uma assembleia na Academia Militar Júkovski, onde ocupava um posto importante.

«*Nessa atmosfera, só havia uma coisa a fazer: ir com a corrente. No meu discurso, concentrei-me sobre Zinóviev e Kámenev. Evitei qualquer menção a Bukhárine. Mas o presidente não deixou passar: aprovava, sim ou não, as conclusões que Vichínski⁷⁹ tinha tirado a respeito de Bukhárine? Disse que a decisão de Vichínski de investigar as actividades de Bukhárine, Ríkov, Tómski⁸⁰ e Uglánov⁸¹ tinha o apoio do povo e do Partido e que eu estava “completamente de acordo” que “os povos da União Soviética e o nosso Partido tivessem o direito de conhecer as intrigas dúplices de Bukhárine e Ríkov”. Confio que este exemplo apenas bastará para que os meus leitores compreendam a atmosfera sobrecarregada e a maneira ultraconspirativa – uns não conhecendo sequer o carácter dos outros –, em que nós, opositoristas da URSS, devíamos trabalhar.*»⁸²

À luz da carta interna de Julho, no momento do processo de Zinóviev, é evidente que Stáline não apoiou a tendência radical e manteve a sua confiança em Iágoda,⁸³ o chefe do NKVD. Este último pôde assim determinar a orientação do processo do bloco trotskista-zinovievista e limitar a envergadura da depuração a empreender na sequência da descoberta da conspiração.

No entanto, uma dúvida pesava já sobre Iágoda. Várias pessoas, designadamente Van Heijenoort, o secretário de Trótski, e Orlov, um trãnsfuga do NKVD, declararam na altura que Mark Zborowski, o colaborador mais próximo de Sedov, trabalhava para os serviços soviéticos.⁸⁴ Nessas condições, poderia Iágoda em 1936 desconhecer a existência do bloco Trótski-Zinóviev? Ou tê-lo-ia encoberto? Algumas pessoas dentro do Partido colocavam-se esta questão. Por essa razão, no início de 1936, Ejov,⁸⁵ partidário da tendência radical, foi nomeado adjunto de Iágoda.

O processo de Piatakov e dos trotskistas

A 23 de Setembro de 1936, as minas da Sibéria foram atingidas por uma vaga de explosões, a segunda em nove meses. Houve 12 mortos.

Três dias mais tarde, Iágoda passou para o Comissariado das Vias de Comunicações e Ejov tornou-se o chefe do NKVD. Pelo menos até este dia, Stáline tinha apoiado a política mais liberal de Iágoda.

As investigações na Sibéria conduziram à prisão de Piatakov, um antigo trotskista, adjunto de Ordjonikídze, comissário da Indústria Pesada. Próximo de Stáline, Ordjonikídze seguia uma política de utilização e reeducação dos especialistas burgueses. Em Fevereiro de 1936 havia amnistiado nove «engenheiros» burgueses, condenados, em 1930, num processo por sabotagem que teve grande repercussão.

A propósito da indústria tinha havido há vários anos debates e divisões na direcção. Os radicais, dirigidos por Mólotov, opunham-se à maior parte dos especialistas burgueses, que julgavam indignos de confiança política. Pediam uma depuração. Ao invés, Ordjonikídze afirmava que eles eram necessários, que era preciso utilizar as suas capacidades. Este velho debate sobre os especialistas com passado suspeito ressurgiu a propósito das explosões nas minas da Sibéria. As investigações revelaram que Piatakov tinha utilizado especialistas burgueses em grande escala para sabotar as minas.

Em Janeiro de 1937 teve lugar o processo de Piatakov, Rádek e outros antigos trotskistas, que confessaram suas actividades clandestinas. O golpe foi tão duro para Ordjonikídze que o levou ao suicídio.

É claro que autores burgueses afirmaram que as acusações de sabotagem sistemática foram totalmente inventadas com o único objectivo de eliminar opositores políticos. Ora acontece que um engenheiro americano trabalhou, entre 1928 e 1937, como quadro dirigente num grande número de minas das regiões dos Urais e da Sibéria atingidas pela sabotagem. O testemunho de John Littlepage, técnico alheado da política, é do maior interesse. Littlepage descreve como desde a sua chegada às minas soviéticas, em 1928, se deu conta da amplitude da sabotagem industrial, o método de luta preferido dos inimigos do regime soviético. Existia uma certa base de massas para combater a direcção bolchevique, e se alguns quadros do Partido altamente colocados decidissem encorajar ou simplesmente proteger os sabotadores, estes podiam debilitar seriamente o regime.

Eis o relato de Littlepage: «Num dia de 1928, entrei numa fábrica geradora das minas de Kochkar. De passagem, mergulhei a minha mão no depósito principal de uma grande máquina diesel e tive a sensação de que havia algo de granuloso no óleo. Fiz parar imediatamente a máquina e então tirámos de lá cerca de um litro de saibro de quartzo que só poderia ter sido ali despejado intencionalmente. Em várias outras ocasiões, nas novas instalações das fábricas de Kochkar, encontrámos areia em

engrenagens de redutores de velocidade, que são inteiramente fechadas e só podem ser abertas se se levantar a tampa pelo puxador.

«Esta sabotagem industrial mesquinha era tão comum em todos os ramos da indústria soviética, que os engenheiros russos já não se importavam e ficaram surpreendidos com minha preocupação quando a constatei pela primeira vez.

«Por que razão essa sabotagem era tão comum na Rússia soviética e tão rara noutros países? As pessoas que fazem semelhantes perguntas não se aperceberam que as autoridades na Rússia tinham travado e conti-nuavam a travar uma série de guerras civis, abertas ou encapotadas. No início, combateram e expropriaram a antiga aristocracia, os banqueiros, os proprietários de terra e os comerciantes do regime tsarista. Em seguida, combateram e expropriaram os pequenos proprietários independentes, os comerciantes retalhistas e os pastores nómadas da Ásia.

«Naturalmente que tudo isso era para o seu próprio bem, diziam os comunistas. Mas muitas destas pessoas não podiam ver as coisas do mesmo modo e permaneciam inimigos ferozes dos comunistas e das suas ideias, mesmo depois de terem entrado para a indústria do Estado. Era desses grupos que provinha um bom número de operários, inimigos tão encarniçados dos comunistas que causavam estragos sem remorsos em todas as empresas que podiam.»⁸⁶

A sabotagem nos Urais

Durante o seu trabalho nas minas de Kalata, na região dos Urais, Littlepage confrontou-se com uma sabotagem deliberada por parte de engenheiros e quadros do Partido. Pareceu-lhe claramente que aqueles actos procediam de uma vontade de enfraquecer o regime bolchevique. E deu-se conta de que uma sabotagem tão flagrante não poderia ser feita senão com a aprovação das mais altas autoridades da região dos Urais. Eis o seu relato extremamente significativo:

«As condições gerais eram consideradas particularmente más nas minas de cobre dos Urais – na altura, a região mineira mais promissora da Rússia –, isto apesar de terem recebido a parte de leão na repartição dos fundos disponíveis para lançar a produção. Tinham sido contratados dezenas de engenheiros de minas americanos e havia igualmente centenas de contramestres americanos para dar instruções sobre o trabalho de extracção e de transformação. Cada uma das grandes minas de cobre dos Urais dispunha de quatro ou cinco engenheiros de minas americanos, bem como de metalúrgicos americanos.

«Estes homens tinham sido cuidadosamente seleccionados; tinham tido avaliações excelentes nos Estados Unidos. Mas salvo raras excepções, os resultados que obtinham na Rússia eram decepcionantes. Quando Serebróvski⁸⁷ recebeu o controlo das minas de cobre e de chumbo, além das de ouro, procurou saber por que razão aqueles especialistas estrangeiros não tinham produzido o que se esperava e, em Janeiro de 1931, enviou-me, juntamente com um metalúrgico americano e um director comunista russo, para realizar um inquérito sobre a situação das minas nos Urais e tentar apurar o que não estava em ordem e que deveria ser corrigido.

«Em primeiro lugar descobrimos que os engenheiros e os metalúrgicos americanos estavam abandonados sem que ninguém cooperasse com eles; não lhes tinham dado intérpretes competentes. Após terem examinado cuidadosamente as explorações que

lhes foram atribuídas, fizeram recomendações que teriam sido imediatamente úteis se tivessem sido postas em prática. Mas as suas recomendações não foram traduzidas para russo ou permaneciam nas pastas.

«Os métodos de exploração eram tão incorrectos que qualquer engenheiro recém-formado seria capaz de identificar os erros. Abriam-se campos de exploração demasiado vastos para permitir um controlo real e o minério era extraído sem um escoramento suficiente. A tentativa de obter rapidamente uma produção antes de se tomarem as precauções preliminares causou danos graves em várias minas, diversas jazidas tiveram de ser abandonadas.

«Jamais esquecerei a situação com que nos confrontámos em Kalata. Aqui, nos Urais Setentrionais, encontrava-se uma das mais importantes explorações de cobre da Rússia, constituída por seis minas, um concentrador e uma fundição, com fornos reverberantes e ventiladores. Sete engenheiros de minas americanos de primeira classe tinham sido destacados recentemente para esta exploração, auferindo altos salários. Qualquer deles ao chegar teria repostos em poucas semanas a exploração em boa ordem, se lhe tivessem dado oportunidade. Porém, no momento do desembarque da nossa comissão, encontrámo-los a chafurdar num pântano de burocracia. As suas recomendações eram letra morta; não lhes era atribuído um trabalho concreto; estavam impossibilitados de transmitir as suas noções aos engenheiros russos devido ao seu desconhecimento da língua e à ausência de intérpretes competentes. Naturalmente, sabiam o que estava mal tecnicamente nas minas e nas fábricas de Kalata e a razão por que a produção não era senão uma fracção do que seria possível com os equipamentos e o pessoal colocados à disposição.

«A nossa comissão visitou todas as grandes minas de cobre dos Urais e inspeccionou-as em detalhe. A despeito das condições deploráveis acima descritas, poucas queixas tinham aparecido nos jornais soviéticos relativas à sabotagem nas minas de cobre dos Urais. Este era um facto curioso porque os comunistas tinham o hábito de atribuir uma intenção deliberada a grande parte da confusão e da desordem industrial. Mas os comunistas dos Urais, que controlavam as minas de cobre, mantinham-se surpreendentemente mudos.

«Em Julho de 1931, Serebróvski, depois de ter examinado o nosso relatório, decidiu enviar-me de novo a Kalata, desta vez na qualidade de engenheiro-chefe, esperando que eu conseguisse obter alguma coisa daquela grande exploração. Fez-me acompanhar de um director russo comunista que não conhecia a arte de mineração, mas tinha plenos poderes e, aparentemente, ordem para me deixar agir. Os sete engenheiros americanos respiraram de alívio quando constataram que nós dispúnhamos realmente de autoridade suficiente para pôr um travão à burocracia e dar uma oportunidade ao trabalho de se manifestar. Nos meses seguintes desceram com os homens ao fundo das minas, segundo a tradição americana. As operações progrediram rapidamente e, ao cabo de poucos meses, a produção tinha aumentado 90 por cento.

«O director comunista era um folgazão sério. Mas os engenheiros russos daquelas minas, quase sem excepção, mostravam enfado e faziam obstrução. Levantaram objecções contra todos os aperfeiçoamentos que sugerimos. Eu não estava habituado a um tal comportamento; os engenheiros russos das minas de ouro onde havia trabalhado nunca tinham agido assim.

«Não obstante conseguí que os meus métodos fossem experimentados porque o dirigente comunista apoiou todas as minhas recomendações. E quando os métodos

tiveram êxito, os engenheiros russos pareceram render-se à evidência. Ao cabo de cinco meses decidi deixar o terreno. Os poços e os equipamentos tinham sido completamente reorganizados; não havia razão para que a produção não se mantivesse nos níveis satisfatórios que tínhamos alcançado. Redigi instruções detalhadas para as operações futuras. Expliquei-as em pormenor aos engenheiros russos e ao director comunista que começara a adquirir algumas noções do ofício. Este último assegurou-me que as minhas instruções seriam seguidas à letra». ⁸⁸

«Na Primavera de 1932, pouco depois do meu regresso a Moscovo, fui informado de que as minas de cobre de Kalata estavam em muito má situação; a produção caíra abaixo do nível existente antes da reorganização do Verão anterior. O relatório atordoou-me; não podia compreender como as coisas tinham podido mudar num lapso tão curto de tempo, já que tudo parecia ir bem no momento em que os tinha deixado.

«Serebróvski pediu-me para voltar a Kalata e ver o que era preciso fazer. Quando cheguei, encontrei-me diante de uma cena deprimente. Os americanos tinham terminado os seus dois anos de contrato, que não fora renovado, e tinham voltado para casa. Poucos meses antes da minha chegada, o director comunista fora demitido por uma comissão enviada de Sverdlovsk, onde estavam os centros de direcção comunistas da região dos Urais. A comissão tinha-o considerado ignorante e incapaz, embora não tivesse nada de concreto contra ele, e tinha nomeado para o seu lugar o presidente da comissão de investigação – procedimento curioso!

«Durante a minha anterior estadia havíamos elevado a capacidade diária dos fornos para 78 toneladas por metro quadrado; agora tinham caído para o antigo rendimento de 40 a 50 toneladas. Pior ainda. Tinha-se perdido irremediavelmente milhares de toneladas de minério de alta concentração devido à introdução em duas minas de métodos contra os quais eu tinha expressamente advertido. Vim a saber que, após a partida dos engenheiros americanos, os tais engenheiros russos tinham aplicado um método sobre o qual os tinha prevenido dos perigos, já que, embora fosse apropriado em algumas minas, noutras podia provocar a sua derrocada e a perda de uma grande quantidade de minério. Esforcei-me para colocar as coisas em movimento. Um belo dia descobri que o novo director anulava em segredo quase todas as medidas que eu ordenava. relatei directamente a Serebróvski as minhas observações de Kalata. Pouco tempo depois, o director e alguns engenheiros foram julgados por sabotagem. O director foi condenado a dez anos e os engenheiros a detenções menores.

«Eu estava convencido de que havia alguma instância superior ao pequeno grupo de homens de Kalata, mas não podia naturalmente prevenir Serebróvski contra membros influentes do seu próprio Partido Comunista. Mas sentia que havia alguma coisa de podre nas altas esferas da administração política dos Urais. Parecia-me evidente que a escolha da comissão e a forma como esta agira em Kalata eram motivo suficiente para conduzir a investigação até à direcção do Partido em Sverdlovsk, cujos membros eram culpados fosse de negligência criminosa, fosse de participação activa nos acontecimentos que se desenrolavam nas minas.

«Todavia, o secretário do Partido Comunista da região dos Urais, Kabakov, ⁸⁹ ocupava este posto desde 1922. Era considerado tão poderoso que lhe chamavam o «vice-rei bolchevique dos Urais». Nada justificava a sua reputação. Sob a sua longa vigência, aquela região mineira, uma das mais ricas da Rússia, que recebeu um capital de exploração ilimitado, nunca produziu o que deveria.

«A comissão de Kalata, cujos membros confessaram posteriormente as suas intenções de sabotagem, fora enviada directamente do quartel-general desse homem.

Em conversa com alguns dos meus amigos russos, disse-lhes que havia certamente muitas outras tramóias nos Urais que não tinham sido reveladas e que deveriam vir de cima.

«Todos estes incidentes tornaram-se mais claros após o processo por conspiração que teve lugar em Janeiro de 1937, quando Piatakov e vários associados seus confessaram diante do tribunal que tinham montado uma sabotagem organizada nas minas, nos caminhos-de-ferro e noutros empreendimentos industriais desde começos de 1931. Algumas semanas mais tarde, o secretário do Partido nos Urais, Kabakov, que trabalhara em associação íntima com Piatakov, foi preso e acusado de cumplicidade na mesma conspiração.»⁹⁰

A opinião que Littlepage exprime aqui a propósito de Kabakov merece uma atenção especial, já que Khruchov apresenta-o no seu «relatório secreto» como um exemplo de dirigente meritório, «membro do Partido desde 1914» e vítima das «repressões infundamentadas.»⁹¹

A sabotagem no Cazaquistão

Littlepage esteve em muitas regiões mineiras e pôde constatar que a sabotagem industrial, enquanto forma de luta de classes encarniçada, tinha-se desenvolvido em todo o território soviético. Eis o seu relato do que viveu no Cazaquistão, entre 1932 e 1937.

«Em Outubro de 1932, as famosas minas de zinco Ridder, do Cazaquistão Oriental, próximo da fronteira chinesa, lançaram um SOS (...) Ordenaram-me que tomasse a obra em mãos, como engenheiro-chefe, e que aplicasse os métodos que julgasse apropriados. Ao mesmo tempo, os directores comunistas receberam aparentemente ordem para me deixarem as mãos livres e me apoiarem.

«O governo tinha despendido vultosas somas para dotar estas minas de máquinas e ferramentas americanas modernas, mas os engenheiros mostravam-se tão ignorantes na utilização do equipamento e os operários tão desleixados e tão estúpidos a manipular as máquinas, que um grande número destes equipamentos importados estava perdido, sem possibilidade de conserto.»⁹²

«Dois jovens engenheiros russos destas minas pareceram-me particularmente capazes e tive muito trabalho a explicar-lhes por que razão antes as coisas andavam mal e o que é que tínhamos feito para as pôr em ordem. Após as instruções que lhes dei, pareceu-me que estes jovens estavam em condições para assumir as funções de direcção da exploração.»⁹³

«As minas Ridder funcionaram bastante bem durante os dois a três anos que se seguiram à reorganização que realizei em 1932. Os dois jovens engenheiros, que me tinham deixado tão boa impressão, permaneceram nos seus postos e agiam conforme as minhas instruções com um incontestável sucesso.

«Mais tarde, uma comissão de investigação, semelhante àquela que fora enviada às minas de Kalata, chegou inesperadamente de Alma-Ata. A partir desse momento, apesar de os engenheiros serem os mesmos, foi introduzido um sistema completamente diferente nas minas – o qual qualquer engenheiro competente teria visto que poderia provocar a destruição das minas em apenas alguns meses. Até tinham feito explodir as pilastras que havíamos erguido para protecção dos poços principais, de modo que o terreno abatera nas proximidades.

«Quando lá voltei em 1937, os dois engenheiros de que falei já não trabalhavam nas minas; soube que tinham sido presos, acusados de cumplicidade numa conspiração de sabotagem das indústrias soviéticas descoberta durante o julgamento dos conspiradores em Janeiro.

«Assim que lhes apresentei o meu relatório, mostraram-me as confissões escritas dos engenheiros com os quais tinha travado amizade em 1932. Confessaram ter entrado numa conspiração contra o regime de Stáline, organizada por comunistas da oposição, que os convenceram de que tinham força suficiente para derrubar Stáline e assumir o controlo do governo. Os conspiradores provaram-lhes que tinham apoios em comunistas dos mais altos escalões. Embora esses engenheiros fossem sem partido, pensaram que teriam de optar por uma das duas facções e apostaram no mau cavalo.

«Segundo as suas confissões, a “comissão de investigação” era composta por conspiradores que se deslocavam de mina em mina para fazer recrutamentos. Após terem sido persuadidos a entrar na conspiração, os engenheiros da Ridder serviram-se das minhas instruções escritas para a sabotagem das minas. Introduziram deliberadamente métodos contra os quais eu prevenira, e puseram assim as minas em risco de derrocada.»⁹⁴

«Nunca me interessei pelas subtilezas das ideias políticas. Estou firmemente convencido de que Stáline e os seus associados levaram um certo tempo até se darem conta de que os comunistas descontentes eram os seus inimigos mais perigosos.

«A minha experiência confirma a explicação oficial se, retirando-lhe o seu palavreado, chegarmos à afirmação simples de que os comunistas «de fora» conspiraram para derrubar os comunistas «de dentro» e recorreram a uma conspiração subterrânea e a uma sabotagem industrial porque o sistema soviético havia sufocado todos os meios legítimos para travar uma luta política.

«A querela comunista tornou-se um assunto tão importante que numerosos não comunistas foram arrastados e tiveram de tomar partido. Muitas pequenas personagens de todo o tipo dispuseram-se a apoiar qualquer tentativa oposicionista subterrânea simplesmente porque estavam descontentes com a situação.»⁹⁵

Piatakov em Berlim

Durante o processo de Janeiro de 1937, o antigo trotskista Piatakov foi condenado como principal responsável da sabotagem industrial. Littlepage teve ocasião de constatar pessoalmente que Piatakov esteve envolvido em actividades clandestinas. Eis o que relatou a este propósito:

«Na Primavera de 1931, Serebróvski falou-me de uma missão de grandes compras que fora enviada a Berlim sob a direcção de Gueórgui Piatakov, que era então vice-comissário da Indústria Pesada. Cheguei a Berlim quase ao mesmo tempo que a missão. Entre outras ofertas de compra, a missão encomendou várias dezenas de elevadores com potências entre 100 e mil cavalos-vapor. Esses elevadores eram compostos habitualmente por tambores, vigamento, porta-cargas, engrenagens, etc., colocados sobre uma base de barras em I ou H.

«A missão tinha pedido preços em pfennigs por quilograma. Várias firmas apresentaram orçamentos, mas havia diferenças consideráveis – de cinco a seis pfennigs por quilograma – entre a maior parte das ofertas e duas que apresentaram

preços bastantes mais baixos. Estas diferenças levaram-me a examinar de perto as especificações. Descobri então que aquelas duas empresas tinham substituído a base que deveria ser em aço leve por outra em ferro, de maneira que, se as suas propostas fossem aceites, os russos iriam pagar mais, já que a base em ferro pesava muito mais que a de aço leve, mas parecia que tinham pago menos, considerando o preço em pfennigs por quilograma.

«Tratava-se claramente de uma manigância e senti natural prazer ao fazer tal descoberta. Relatei-a aos membros russos da missão com satisfação. Para meu espanto, não ficaram nada contentes. Chegaram mesmo a pressionar-me para que eu aceitasse a compra, dizendo-me que eu tinha compreendido mal a encomenda. Não conseguia explicar a sua atitude. Pensei que podia haver ali um caso de suborno.»⁹⁶

Durante o processo, Piatakov fez as seguintes declarações diante do tribunal: «Em 1931, eu estava numa missão de serviço em Berlim. Em pleno Verão daquele ano, em Berlim, Ivan Nikítitch Smírnov informou-me de que a luta trotskista ressurgira naquele momento com nova força contra o governo soviético e a direcção do Partido, de que ele, Smírnov, tinha tido um encontro em Berlim com o filho de Trótski, Sedov, e que lhe havia transmitido, por incumbência de Trotski, novas directivas. (...) Smírnov informou-me de que Sedov desejava muito ver-me. Eu consenti nesse encontro (...) Sedov disse-me que estava formado um centro trotskista; tratava-se da unificação de todas as forças capazes de desenvolver a luta contra a direcção stalinista. Estava a ser avaliada a possibilidade de restabelecer uma organização comum com os zinovievistas. Sedov disse igualmente que os direitistas, representados por Tómski, Bukhárine e Ríkov, não tinham, nenhum deles, deposto as armas, que se mantinham à margem apenas momentaneamente e que era necessário estabelecer a ligação com eles. (...) Sédov disse que exigiam de mim uma única coisa: que fizesse o maior número possível de encomendas às duas firmas alemãs Borsig e Demag, que ele, Sedov, se encarregaria de obter as somas necessárias, na condição, naturalmente, de que eu não insistisse muito nos preços. Se é preciso explicar, era claro que o acréscimo de preço sobre as encomendas soviéticas passaria total ou pelo menos parcialmente para as mãos de Trótski para os seus objectivos contra-revolucionários.»⁹⁷

Littlepage fez acerca disto o seguinte comentário: «Esta passagem da confissão de Piatakov é, no meu entender, uma explicação plausível do que se passou em Berlim em 1931, quando suspeitei dos russos que acompanhavam Piatakov, que queriam fazer-me aprovar uma compra de elevadores de minas que, para além de serem muito caros, não teriam qualquer utilidade para as explorações a que estavam destinados. Mas eles estavam habituados às conspirações desde antes da revolução e tinham corrido riscos por aquilo que consideravam ser a sua causa.»⁹⁸

A sabotagem em Magnitogorsk

Um outro engenheiro americano, John Scott, que trabalhou em Magnitogorsk, relata factos similares no seu livro *Para lá dos Urais*. Sobre a depuração de 1937 escreveu que tinha havido negligências graves e muitas vezes criminosas da parte dos responsáveis. Magnitogorsk conheceu casos flagrantes de sabotagem de máquinas praticados por antigos kulaques que se tinham tornado operários.

Engenheiro burguês, Scott faz a sua análise da depuração nestes termos: «Várias personagens presas em Magnitogorsk e acusadas de atentado contra o regime não eram

senão ladrões, vigaristas ou malfeitores. (...) É em 1937 que a depuração se faz sentir mais fortemente em Magnitogorsk. Foram presos milhares de indivíduos. (...) A Revolução de Outubro provocara o ódio da antiga aristocracia, dos oficiais do exército tsarista e dos diversos exércitos brancos, dos funcionários anteriores à guerra, de todo o tipo de comerciantes, pequenos proprietários de terra e kulques. Todos estes indivíduos tinham motivos profundos para odiar o poder soviético cujo advento os tinha despojado. Perigosas no interior do país, estas pessoas constituíam um material excelente para os agentes estrangeiros com os quais estavam prontas a colaborar. As condições geográficas eram tais que nações sobrepovoadas como a Itália e o Japão ou agressivas como a Alemanha não poupariam esforços para enviar agentes seus para a Rússia. Esses agentes deviam estabelecer a sua organização e exercer a sua influência. Uma depuração tinha-se tornado necessária. Durante esta acção foram fuzilados e deportados numerosos espões, sabotadores e membros da quinta coluna. Mas mais numerosos ainda foram os inocentes que sofreram com esses acontecimentos.»⁹⁹

O processo do grupo social-democrata bukharinista

A decisão de Fevereiro de 1937 sobre a depuração

No início de Março de 1937 teve lugar uma reunião crucial do Comité Central do partido bolchevique. Aí se decidiu a necessidade de uma depuração e a sua orientação. Um relatório de Stáline, documento capital, foi publicado em seguida. À data do plenário, a polícia havia reunido material comprovativo de que Bukhárine estava a par das actividades conspirativas dos grupos antipartido desmascarados durante os processos de Zinóviev e de Piatakov. Bukhárine foi confrontado com essas acusações durante o plenário. Contrariamente aos outros grupos, o de Bukhárine encontrava-se no próprio centro do Partido e a sua influência política era considerável.

Alguns afirmam que o relatório de Stáline foi o sinal para o «terror» e a «arbitrariedade criminoso». Vejamos então o conteúdo real desse documento. A sua primeira tese afirma que a falta de vigilância revolucionária e a ingenuidade política se tinham propagado no Partido. A morte de Kírov fora um primeiro aviso grave do qual não se retirara todas as consequências. O processo de Zinóviev e o dos trotskistas revelaram que estes elementos estavam agora dispostos a tudo para destruir o regime. No entanto, os grandes êxitos económicos haviam criado no Partido um sentimento de vitória e uma atmosfera de auto-suficiência. Os quadros tinham tendência para esquecer o cerco capitalista e a dureza crescente da luta de classes ao nível internacional. Muitos estavam imersos pelos problemas mezinhos da gestão e já não se ocupavam das grandes orientações da luta internacional e nacional.

Stáline afirma: *«Dos relatórios e sua discussão ouvidos no Plenário, ressalta claramente que estamos aqui confrontados com os seguintes três factos principais:*

«Em primeiro lugar, o trabalho subversivo, de espionagem e diversão dos agentes de estados estrangeiros, entre os quais os trotskistas desempenharam um papel bastante activo, afectou em menor ou maior grau todas ou quase todas as nossas organizações – tanto económicas como administrativas e partidárias.

«Em segundo lugar, agentes de estados estrangeiros, entre eles trotskistas, introduziram-se não só nas organizações de base, mas também em alguns cargos de responsabilidade.

«Em terceiro lugar, alguns dos nossos dirigentes, tanto no centro como ao nível local, não só não souberam identificar o verdadeiro rosto desses subversores, diversionistas, espiões e assassinos, como se revelaram descuidados, complacentes e ingénuos, ao ponto de, por vezes, eles próprios terem contribuído para a promoção de agentes de estados estrangeiros para estes ou aqueles cargos de responsabilidade.»¹⁰⁰

A partir destas constatações, Stáline tirou duas conclusões. Desde logo que era preciso liquidar a credulidade e a ingenuidade políticas e reforçar a vigilância revolucionária. Os resquícios das classes exploradoras adoptam agora formas de luta mais agudas e recorrem aos mais desesperados métodos de luta.

Em 1956, no seu «relatório secreto», Khruchov referir-se-á a esta conclusão, acusando Stáline de ter *«justificado a política de terror de massas»*, lançando a ideia de que, *«à medida que avançamos para o socialismo, a luta de classes deverá agudizar-se cada vez mais»*.¹⁰¹

Trata-se de uma manipulação. A mais «intensa» luta de classes é a guerra civil generalizada que coloca grandes massas umas contra outras, como em 1918-1920. Stáline fala dos resquícios das antigas classes que, numa situação desesperada, recorrem às mais agudas formas de luta: atentados, assassinatos, sabotagem.¹⁰²

Stáline extrai uma segunda conclusão: para reforçar a vigilância, era preciso aperfeiçoar a educação política dos quadros do Partido. Ele propõe um sistema de cursos políticos de quatro a oito meses para todos os quadros, desde os dirigentes de célula até os dirigentes superiores.

Se na primeira intervenção de 3 de Março, Stáline insistiu para que os membros do Comité Central tomassem consciência da gravidade da situação e se dessem conta da amplitude do trabalho subversivo, na sua intervenção de 5 de Março concentra-se no combate de outros desvios, designadamente do esquerdismo e do burocratismo.

Stáline começou por advertir expressamente contra a tendência para alargar de forma arbitrária a depuração e a repressão.

«Significará isso que temos de abater e extirpar não apenas os trotskistas autênticos, mas também aqueles que em tempos vacilaram para o lado do trotskismo e que depois, faz já muito tempo, se afastaram do trotskismo; não só aqueles que são realmente agentes trotskistas subversivos, mas também os que lhes aconteceu passar pela mesma rua por onde alguma vez passou tal ou tal trotskista? Em todo o caso, ouviram-se aqui vozes nesse sentido. Poderemos considerar correcta tal interpretação da resolução? Não, não se pode considerar correcta. Nesta questão, como em todas as outras questões, exige-se uma abordagem individual e diferenciada. Não se pode medir tudo pela mesma bitola. Uma abordagem tão niveladora só poderá prejudicar a causa da luta contra os autênticos trotskistas, sabotadores e espiões.»¹⁰³

A expectativa da guerra exigia, a todo o custo, uma depuração do Partido dos inimigos infiltrados; mas Stáline advertiu que o alargamento arbitrário dessa depuração prejudicaria a luta contra os verdadeiros inimigos. Se o Partido estava ameaçado pelo trabalho subversivo dos inimigos infiltrados, não o estava menos pelos desvios de alguns quadros e, em particular, pela sua tendência de formar círculos restritos de amigos e de se desligarem dos militantes e das massas através de um estilo burocrático.

Stáline critica *«esse ambiente doméstico»*, notando que nele *«não pode haver lugar nem para a crítica das insuficiências do trabalho nem para a autocrítica dos que dirigem o trabalho»*.

«Na maior parte dos casos, os funcionários são seleccionados não segundo critérios objectivos, mas com base em critérios fortuitos, subjectivos, pequeno-burgueses. Na

maior parte das vezes seleccionam-se os chamados conhecidos, amigos, conterrâneos, gente pessoalmente devotada, mestres na arte de louvar os seus chefes.»¹⁰⁴

Em seguida, Stáline critica o burocratismo, notando que durante as «verificações» muitos simples operários eram excluídos do Partido por «passividade». A maior parte dessas exclusões não se justificava e deveria ter sido anulada há muito tempo, não fosse a atitude burocrática de alguns dirigentes.

«Alguns dos nossos dirigentes padecem de falta de atenção para com as pessoas, com os membros do Partido, com os funcionários. Para além disso, não conhecem bem os membros do Partido, não sabem de que vivem e como se desenvolvem, desconhecem em geral os militantes. Por isso não têm uma abordagem individual dos membros do Partido. E precisamente porque não têm uma abordagem individual na avaliação dos membros do Partido, agem normalmente ao acaso: tanto tecem elogios indiscriminados e desmesurados, como excluem do Partido milhares e dezenas de milhares. (...) excluir do Partido milhares e dezenas de milhares de pessoas é para eles uma ninharia, consolando-se com o facto de o nosso Partido ter dois milhões de membros e que algumas dezenas de milhares de excluídos não alteraram em nada a situação. Mas só pessoas profundamente antipartido, na sua essência, podem tratar desta maneira os membros do Partido.»¹⁰⁵

O burocratismo impede também os dirigentes de aprenderem junto das massas. Porém, para dirigir correctamente o Partido e o País, os dirigentes comunistas devem apoiar-se na experiência das massas.

Finalmente, o burocratismo torna impossível o controlo dos dirigentes pelos membros do Partido. Os dirigentes devem prestar contas do seu trabalho e escutar as críticas da base. *«A aplicação rigorosa do centralismo democrático no Partido, como exigem os Estatutos do nosso Partido, consiste na elegibilidade absoluta dos órgãos partidários, no direito a apresentar e retirar candidaturas, no sufrágio secreto, na liberdade de crítica e de autocrítica (...)»¹⁰⁶*

O caso Riútine

Entre 1928-1930, Bukhárine fora duramente criticado pelas suas ideias sociais-democratas e principalmente pela sua oposição à colectivização, a sua política de «paz social» em relação aos kulaques e a sua vontade de abrandar o ritmo da industrialização.

Levando por diante as concepções de Bukhárine, Martemian Riútine formou em 1931-1932 um grupo cuja orientação era nitidamente contra-revolucionária. Riútine, antigo membro suplente do CC, foi secretário do Partido de um distrito de Moscovo até 1928. Estava rodeado de vários jovens bukharinistas muito conhecidos, entre os quais Slepkov,¹⁰⁷ Maretski e Petróvski.¹⁰⁸

Em 1931, Riútine redige um documento de 200 páginas que constitui um verdadeiro programa da contra-revolução burguesa. Nele lê-se: *«Foi entre 1924 e 1925 que Stáline decide organizar o seu “18 de Brumário”. Tal como Luís Bonaparte, que jurou diante da Câmara fidelidade à Constituição enquanto ao mesmo tempo preparava a sua proclamação como imperador (...) Stáline preparava o 18 de Brumário “sem derramamento de sangue” procedendo à amputação de um grupo após outro. (...) Aqueles que não conseguem reflectir de maneira marxista pensam que a eliminação de Stáline significaria ao mesmo tempo a derrota do poder soviético. (...) A ditadura do*

proletariado perecerá inevitavelmente devido aos erros de Stáline e da sua clique. Eliminando Stáline, teremos muitas hipóteses de a salvar. Que fazer?

«O Partido. 1) Liquidar a ditadura de Stáline e da sua clique. 2) Substituir toda a direcção do aparelho do Partido. 3) Convocar imediatamente um congresso extraordinário do Partido.

«Os soviets. 1) Novas eleições com exclusão da nomeação. Substituição da máquina judiciária e introdução de uma legalidade rigorosa. 3) Substituição e saneamento do aparelho da GPU.

«Agricultura. 1) Dissolução de todos os kolkhozes criados a força. 2) Liquidação de todos os sovkhoses deficitários. 3) Fim imediato da pilhagem dos camponeses. 4) Regulamentação da exploração da terra pelos proprietários privados e atribuição das terras por um prazo prolongado.»¹⁰⁹

O programa do «comunista» Riútine não difere, na sua essência, do da contra-revolução burguesa: liquidar a direcção do Partido, dismantelar o aparelho de segurança do Estado e restabelecer a exploração da terra pelos proprietários privados e kulaques. Mas em 1931, Riútine, tanto quanto Trótski, via-se obrigado a embrulhar este programa numa fraseologia de «esquerda». Note-se que defende a restauração do capitalismo alegadamente para salvar a ditadura do proletariado e para pôr fim à contra-revolução, quer dizer, ao «18 de Brumário» ou ao «*Thermidor*».

Durante o seu julgamento, em 1938, Bukhárine declarou que os «jovens bukharinistas», com o seu acordo e por iniciativa de Slepkov, realizaram no final do Verão de 1932 uma conferência que aprovou a plataforma de Riútine. «*Declarei o meu total acordo com aquela plataforma e assumo inteiramente a responsabilidade*», afirmou Bukhárine.¹¹⁰

O revisionismo de Bukhárine

A partir de 1931, Bukhárine desempenha um papel preponderante no trabalho do Partido junto dos intelectuais. A sua influência era grande na comunidade científica da URSS e no seio da Academia das Ciências.¹¹¹ Como redactor-chefe do jornal governamental *Izvéstia*, Bukhárine pôde promover a sua própria corrente política e ideológica.¹¹² No I Congresso dos Escritores, Bukhárine faz o elogio de Boris Pasternak, que pregava um «apolitismo militante» na literatura.¹¹³ Bukhárine, que era já o ídolo dos camponeses ricos, torna-se também o porta-estandarte dos novos tecnocratas.

O norte-americano Stephen Cohen escreveu uma biografia intitulada *Bukharin and the Bolshevik Revolution*, onde considera que Bukhárine se juntou à direcção de Stáline para melhor a combater. Eis a sua tese: «*Era evidente para Bukhárine que o Partido e o País tinham entrado num novo período de incerteza, mas também de possibilidades de mudança na política interna e externa soviéticas. Para participar nos acontecimentos e influenciá-los, Bukhárine teve, também ele, de aderir à fachada da unidade e da aceitação incondicional da direcção de Stáline, fachada por trás da qual seria conduzida a luta secreta pela orientação futura do País.*»¹¹⁴

Em 1934-1936, Bukhárine escreve abundantemente sobre o perigo fascista e a inevitável guerra com o nazismo. Como medidas a tomar para preparar o País para a guerra futura, Bukhárine define um programa que constituía de facto uma recuperação das suas antigas concepções oportunistas de direita e sociais-democratas. É preciso, dizia ele, eliminar «o enorme descontentamento entre a população», principalmente entre os

camponeses. Era uma nova versão do seu antigo apelo à conciliação com os kulaques – a única classe no campo realmente descontente nesses anos. Para atacar a experiência da colectivização, Bukhárine desenvolve uma propaganda sobre o tema do «humanismo socialista», cujo critério seria «a liberdade de desenvolvimento máximo do número máximo de pessoas». Em nome do «humanismo» Bukhárine prega a conciliação de classes e «a liberdade do desenvolvimento máximo» para os novos e antigos elementos burgueses. Para se estar em condições de resistir ao fascismo era preciso introduzir «reformas democráticas» e oferecer uma «vida próspera» às massas. Ora, face à necessidade de grandes sacrifícios para se poder resistir, a promessa de uma «vida próspera» era clara demagogia. No entanto, nesta sociedade ainda pouco desenvolvida, os tecnocratas e os burocratas já aspiravam à «democracia» para a sua tendência burguesa em gestação e a uma «vida próspera» em detrimento das massas trabalhadoras. Bukhárine é o seu porta-voz.

O essencial do programa bukharinista é o fim da luta de classes, o fim da vigilância política sobre as forças anti-socialistas, a promessa demagógica de uma melhoria imediata do nível de vida, a democracia para as tendências oportunistas e sociais-democratas. Cohen, que era um anticomunista militante, não se enganou quando viu neste programa o precursor da linha de Khruchov.¹¹⁵

Bukhárine e os inimigos do bolchevismo

Em 1936, Bukhárine foi enviado a Paris com a missão de comprar os manuscritos de Marx e de Engels que estavam na posse do menchevique Nikoláievski.¹¹⁶ No registo que deixou desses encontros, Nikoláievski afirma: «*Bukhárine tinha o ar de desejar sossego, de se afastar da fadiga que a vida em Moscovo impunha. Estava cansado.*»¹¹⁷ «*Bukhárine deu-me a entender indirectamente que se tinha deixado tomar por um grande pessimismo na Ásia Central e que tinha perdido o seu desejo de viver. No entanto, não queria suicidar-se.*»¹¹⁸

Deste modo, em 1936, Bukhárine parece um «velho bolchevique», moralmente acabado, invadido pelo espírito da capitulação e pelo derrotismo. O menchevique Nikoláievski continua: «*Eu conhecia a ordem do Partido que proibia os comunistas de falar sobre questões internas do Partido com os não membros. No entanto, nós mantivemos numerosas conversações sobre a situação interna do Partido. Bukhárine estava com vontade de falar.*»¹¹⁹ Bukhárine, o «velho bolchevique», violava as regras mais elementares de um Partido comunista frente a um inimigo político.

«*Fanny Yzerskaia tentou persuadi-lo a ficar no estrangeiro. Disse-lhe que era preciso fundar um jornal de oposição, um jornal realmente informado sobre o que se passava na Rússia poderia exercer uma grande influência. Afirmava que Bukhárine era o único que podia desempenhar esse papel. Mas ela contou-me que Bukhárine lhe respondeu: “Creio que não poderia viver sem a Rússia. Nós estamos todos habituados ao que por lá se passa e à tensão que reina.”*»¹²⁰. Bukhárine deixou-se acercar por inimigos que conspiravam o derrube do regime bolchevique; a sua resposta evasiva demonstra que não tomou uma atitude de princípio face à proposta provocadora de dirigir uma revista antibolchevique no estrangeiro.

Nicoláievski continua seu testemunho: «*Quando estávamos em Copenhaga, Bukhárine lembrou-me que Trótski se encontrava relativamente próximo de nós, em Oslo. Com um piscar de olho, sugeriu-me: “E se fizessemos a mala para irmos passar*

um dia com Trótski?”. E prosseguiu: “Evidentemente, nós travámos uma luta de morte, mas isso não me impede de ter por ele o maior respeito”.»¹²¹

Em Paris, Bukhárine visita também o chefe menchevique Fiódor Dan,¹²² ao qual confiou que, a seu ver, Stáline «não era um homem, mas um diabo.»¹²³

Em 1936, Trótski era partidário de uma insurreição antibolchevique. Dan era um dos principais chefes da contra-revolução social-democrata. Bukhárine tinha-se aproximado politicamente daqueles dois indivíduos. Nikoláievski recorda: «*Um dia, ele pediu-me que lhe procurasse o Boletim de Trótski para poder ler os últimos números. Eu forneci-lhe igualmente publicações socialistas, inclusive o Sostialistícheski Véstnik.*»¹²⁴ «*Um artigo no último número continha uma análise do plano de Górkki, que visava reagrupar a intelligensia num partido separado para participar nas eleições. Bukhárine declarou: “É necessário um segundo Partido. Se não existir, haverá uma só lista eleitoral, sem oposição, isso equivale ao nazismo”.*»¹²⁵

«*Bukhárine puxou uma caneta. “Foi com ela que a Nova Constituição Soviética foi inteiramente redigida, da primeira à última palavra”. Bukhárine estava muito orgulhoso dessa constituição. No seu conjunto, era um quadro bem concebido para uma transição pacífica da ditadura de um Partido para uma verdadeira democracia popular.*»¹²⁶

«Interessando-se» pelas ideias de Trótski e dos sociais-democratas, Bukhárine acaba por adoptar a tese principal sobre a necessidade de um partido de oposição antibolchevique, que se tornaria inevitavelmente o ponto de convergência de todas as forças reaccionárias.

Nicoláievski prossegue: «*O humanismo de Bukhárine devia-se em grande parte à crueldade da colectivização e ao combate interno que ela desencadeou no interior do Partido. (...) “Já não são seres humanos”, dizia Bukhárine. “Tornaram-se engrenagens de uma máquina medonha. Está em curso uma desumanização total das pessoas que trabalham no seio do aparelho soviético”.*»¹²⁷

«*Nos começos da revolução bolchevique, Bogdánov¹²⁸ tinha previsto o nascimento da ditadura de uma nova classe de dirigentes económicos. Pensador original, e o segundo mais importante entre os bolcheviques, Bogdánov desempenhou um grande papel na educação de Bukhárine. Bukhárine não estava de acordo com as conclusões de Bogdánov, mas compreendia que o grande perigo do “socialismo prematuro”, que os bolcheviques empreendiam, residia na criação de uma ditadura da nova classe. Bukhárine e eu falámos longamente sobre esta questão.*»¹²⁹

Durante os anos 1918-1920, face à severidade da luta de classes, todos os oportunistas se passaram para o lado da reacção tsarista e imperialista em nome do «humanismo». Tendo apoiado a intervenção anglo-francesa, e dessa forma os regimes colonialistas mais terroristas, todos esses homens, de Tseretéli¹³⁰ a Bogdánov, denunciaram a «ditadura» e a «nova classe dos aristocratas bolcheviques» na União Soviética. Nas condições da luta de classes dos anos 30, Bukhárine seguiu o mesmo caminho.

Bukhárine e a conspiração militar

Em 1935-1936, Bukhárine aproximou-se também de grupos de conspiradores militares que planeavam o derrubamento da direcção de Partido. Em 28 de Julho de 1936 teve lugar uma conferência clandestina da organização anticomunista à qual

pertencia o coronel Tokáev. Na ordem do dia constava, entre outros, a discussão sobre os diferentes anteprojectos da nova Constituição Soviética.

Tokáev anota: «Stáline queria a ditadura de um só partido e uma centralização completa. Bukhárine projectava vários partidos e mesmo partidos nacionalistas e era adepto de uma descentralização máxima. Queria que os poderes fossem transferidos para as repúblicas constituintes, as mais importantes teriam inclusive o controlo das suas próprias relações externas. Em 1936, Bukhárine estava próximo dos pontos de vista sociais-democratas da ala esquerda dos socialistas ocidentais.»¹³¹

«Bukhárine tinha estudado o projecto alternativo (de Constituição), redigido por Demócratov (membro da organização clandestina de Tokáev, N. do A.), e nos documentos tinha-se incluído um certo número de observações importantes baseadas no nosso trabalho.»¹³²

Os conspiradores militares do grupo Tokáev diziam-se próximos das posições políticas defendidas por Bukhárine. «Bukhárine queria ir lentamente com os camponeses e adiar para mais tarde o fim da NEP; acreditava também que a revolução não devia ser feita em todo o lado pela força, através da insurreição armada. Bukhárine acreditava que cada país deveria desenvolver-se seguindo as suas próprias linhas. Bukhárine, Ríkov e Tómski conseguiram publicar os pontos principais do seu programa:

1. Não pôr termo à NEP, mas sim continuá-la pelo menos durante mais dez anos (...)
4. Não deixando de prosseguir a industrialização, era preciso concentrar muito mais forças na indústria ligeira – o socialismo é feito por homens felizes, bem alimentados e não por mendigos moribundos.
5. Suspender a colectivização forçada na agricultura e a destruição dos kulaques.»¹³³

Este programa tendia a proteger a burguesia na agricultura, no comércio e na indústria ligeira e a refrear a industrialização. A sua aplicação teria sem dúvida causado a derrota na guerra antifascista.

Bukhárine e o problema do golpe de estado

Durante o seu julgamento, Bukhárine confessou que, em 1918, após a paz de Brest-Litovsk, houve um plano para prender Lénine, Stáline e Sverdlov e para formar um novo governo composto de «comunistas de esquerda» e de socialistas revolucionários. Mas negou firmemente que tivesse havido também um plano para os executar.¹³⁴ Constatamos assim que Bukhárine esteve prestes a prender Lénine no momento da crise de Brest-Litovsk.

Dezoito anos mais tarde, em 1936, Bukhárine era um homem completamente desmoralizado. Com a aproximação da guerra mundial a tensão subia ao extremo. As tentativas de golpe de estado contra a direcção do Partido eram cada vez mais prováveis.

Bukhárine com o seu prestígio de «velho bolchevique», Bukhárine, o único rival importante de Stáline, Bukhárine, que detestava a «extrema dureza» do regime de Stáline, que acreditava que os «stalinistas» formariam uma «nova aristocracia» e que só a «democracia» podia salvar a União Soviética, como poderia ele não aceitar emprestar a sua autoridade a um eventual golpe de força «democrática» anti-stalinista? Aquele que aceitara prender Lénine em 1918, como poderia numa situação ainda mais tensa e dramática não dar cobertura à prisão de Stáline, Jdánov, Mólotov e Káganovitch?

A questão coloca-se pois desta forma. Homem desmoralizado e politicamente terminado, Bukhárine já não tinha certamente mais energia para conduzir uma luta consequente contra Stáline. Mas outros, os contra-revolucionários de direita, estavam firmemente decididos a agir. E Bukhárine servia-lhes de biombo. O livro do coronel Tokáev permite compreender esta distribuição de papéis. Em 1939, Tokáev e cinco companheiros seus, todos oficiais superiores, reuniram-se no apartamento de um professor da Academia Militar Budiónni. Aí discutiram um plano para derrubar Stáline em caso de guerra.

«Chmidt (membro da Academia Naval Vorochílov de Leningrado) lamentou a oportunidade perdida: se tivéssemos agido na altura do processo de Bukhárine, os camponeses ter-se-iam levantado em seu nome. Agora não há ninguém com a sua envergadura para inspirar o povo.»

Um dos conspiradores propôs oferecer o posto de primeiro-ministro a Béria,¹³⁵ que se tornara bastante popular depois de ter libertado muitas pessoas injustamente presas do tempo de Ejov.¹³⁶

Esta passagem mostra claramente que os conspiradores militares, pelo menos num primeiro momento, tinham necessidade de uma «bandeira bolchevique» para realizarem o seu golpe de Estado anticomunista. Tendo mantido boas relações com Bukhárine, estes militares de direita mostram-se convencidos de que ele teria aceitado o «facto consumado», uma vez Stáline eliminado. De resto, em 1938, antes da prisão de Bukhárine, Tokáev e o seu grupo já tinham delineado esta estratégia. Quando Rádek fez suas confissões na prisão, o «*Camarada X*», nome de guerra do chefe da organização de Tokáev, teve acesso ao seu testemunho escrito.

Tokáev assinala: *«Rádek forneceu as “provas” mais importantes na base das quais Bukhárine foi preso, julgado e fuzilado. Nós tivemos conhecimento da traição de Rádek duas semanas antes da prisão de Bukhárine, a 16 de Outubro de 1936, e tentámos salvar Bukhárine. Fizemos-lhe uma oferta precisa e sem ambiguidades: “Depois do que Rádek avançou contra ti por escrito, Ejov e Vichínski vão em breve prender-te para instruir mais um processo político. Sugerimos-te que “desapareças” sem mais demoras. É isto que te propomos.” Não havia condições políticas nesta oferta. Fizemo-la (...) porque seria um golpe mortal se o NKVD transformasse Bukhárine noutra Kámenev, Zinóviev ou Rádek diante do tribunal. A própria ideia de oposição seria desacreditada em toda a URSS. Bukhárine exprimiu a sua profunda gratidão pela oferta, mas declinou-a.»¹³⁷ «Se Bukhárine não se mostrasse à altura e não conseguisse provar que as acusações eram falsas, isso seria uma tragédia: através de Bukhárine, todos os outros movimentos de oposição moderados seriam vilipendiados.»¹³⁸*

Antes da prisão de Bukhárine, os conspiradores militares pensavam, portanto, em utilizar Bukhárine como bandeira. Ao mesmo tempo, compreendiam o perigo de um processo público contra Bukhárine. Kámenev, Zinóviev e Rádek tinham confessado a sua actividade conspirativa, tinham «traído» a causa da oposição. Se Bukhárine reconhecesse diante do tribunal que estava implicado no *complot* para derrubar o regime, assestaria um golpe fatal em toda a oposição anticomunista. Tal era o sentido do processo de Bukhárine e assim o entenderam os piores inimigos do bolchevismo infiltrados no Partido e no exército.

No momento da invasão nazi, Tokáev analisou a atmosfera no país e no seio do exército. *«Apercebemo-nos de que os homens no topo estavam de cabeça perdida. Eles sabiam demasiado bem que o seu regime reaccionário não tinha qualquer apoio popular real. Assentava no terror, nos automatismos mentais, e dependia da paz: a*

guerra iria mudar tudo isso.» Depois, Tokáev descreve as reacções de vários oficiais. Beskaravaini propunha dividir a União Soviética: uma Ucrânia e um Cáucaso independentes bater-se-iam melhor (!). Klímov propunha demitir todo o Bureau Político, o povo salvaria depois o país. Kokoriov entendia que os judeus eram a causa de todos os problemas.¹³⁹

«Tínhamos constantemente em mente o nosso problema enquanto democratas revolucionários. Não seria este o momento mais apropriado para tentar derrubar Stáline? Muitos factores deviam ser tidos em conta (...).

«Nesses dias, o Camarada X estava convencido de que Stáline jogava no tudo ou nada. O problema era que nós não podíamos ver Hitler como um libertador. Por essa razão, dizia o Camarada X, devemos estar preparados para o derrubamento do regime de Stáline, mas não devemos fazer nada para enfraquecê-lo.»¹⁴⁰

É evidente que a grande desordem e a extrema confusão surgidas com as primeiras derrotas ante o invasor nazi criaram uma situação política muito precária. Os nacionalistas burgueses, os anticomunistas, os anti-semitas, todos acreditavam que a sua hora tinha chegado. O que teria acontecido se a depuração não se tivesse processado com firmeza, se uma oposição oportunista conservasse posições importantes à cabeça do Partido, se um homem como Bukhárine continuasse disponível para uma «mudança de regime»? Naqueles momentos de tensões extremas, os conspiradores militares e os oportunistas ter-se-iam encontrado numa posição muito forte para arriscar o tudo por tudo e executar o golpe de estado que há muito projectavam.

As confissões de Bukhárine

Durante o seu processo, Bukhárine fez confissões, precisando alguns aspectos da conspiração nas acareações com outros arguidos. Joseph Davies, embaixador dos Estados Unidos em Moscovo e advogado de renome, assistiu a todas as sessões do processo. Manifestou a convicção, partilhada por todos os observadores estrangeiros competentes, de que Bukhárine falou livremente e que suas confissões foram sinceras. A 17 de Março de 1938, Davies enviou uma mensagem confidencial ao secretário de Estado em Washington.

«Ainda que eu tenha preconceitos contra a prova por confissão e contra um sistema judiciário que não assegura, por assim dizer, nenhuma protecção ao acusado, após ter, a cada dia, observado as testemunhas e a sua maneira de testemunhar, anotado as corroborações inconscientes que foram apresentadas e outros factos que marcaram o processo, penso, concordando com outros que consideram que o julgamento é aceitável, que, no que respeita aos acusados, eles cometeram crimes suficientes segundo a lei soviética, crimes estabelecidos pela prova e sem que uma dúvida razoável seja possível, para justificar o veredicto que os torna culpados de traição e a sentença que os condena à pena prevista pelas leis criminais da União Soviética. É sentimento geral dos diplomatas que têm assistido ao processo que a prova estabeleceu a existência de um complot extremamente grave»¹⁴¹.

Durante as dezenas de horas que duraram as sessões, Bukhárine mostrou-se perfeitamente lúcido e atento, discutindo, contestando, ironizando, negando com veemência algumas acusações. Para aqueles que assistiram ao processo, como para nós, que podemos hoje ler a acta, a teoria de uma «peça montada», largamente propagada pelos anticomunistas, não tem sustentação. Tokáev afirma que a polícia não torturou

Bukhárine por reear que ele «disse a verdade frente ao mundo, diante do tribunal.»¹⁴²

Tokáev relata as réplicas contundentes de Bukhárine ao procurador e os seus desmentidos corajosos, e depois conclui: «*Bukhárine mostrou uma coragem suprema*» (...) «*Vichínski perdeu. Foi um erro cardinal apresentar Bukhárine diante um tribunal público.*»¹⁴³ Destas afirmações, retemos que Bukhárine foi bem ele próprio.

As 850 páginas da acta são de uma leitura altamente instrutiva. A forte impressão que produzem não pode ser apagada pelas habituais tiradas contra os «processos monstruosos». Bukhárine surge como um oportunista que foi várias vezes batido politicamente e criticado ideologicamente. Mas longe de alterar os seus pontos de vista pequeno-burgueses, tornou-se numa pessoa azeda que não ousava opor-se abertamente à linha do Partido e às suas realizações impressionantes. Permanecendo nas cúpulas do Partido, é através de intrigas e manobras de bastidores que espera, um dia, derrubar a direcção e impor os seus pontos de vista. Alia-se a todo o tipo de oposicionistas clandestinos, alguns dos quais eram anticomunistas decididos. Incapaz de travar uma luta política aberta, Bukhárine depositou as suas esperanças num golpe de estado resultante de um *complot* militar ou provocado durante uma revolta de massas.

A leitura da acta revela-nos também as ligações entre a degenerescência política de Bukhárine e dos seus amigos e as actividades criminosas propriamente ditas: assassinatos, insurreições, espionagem, conluios com potências estrangeiras. Desde 1928-1929 que Bukhárine defendia posições revisionistas que exprimiam os interesses dos kulaques e das outras classes exploradoras. Bukhárine teve o apoio das facções políticas que representavam essas classes no interior e fora do Partido. No momento em que a luta de classes se exacerbou, Bukhárine acercou-se ainda mais dessas forças. A aproximação da guerra mundial fez subir todas as tensões e os opositores à direcção do Partido orientaram-se para a acção violenta e o golpe de estado. Bukhárine reconheceu as suas ligações com todas essas personagens, mas negou com veemência ter ele próprio organizado assassinatos e espionagem. Quando Vichínski lhe perguntou: «*Você não falou das suas ligações com os serviços de espionagem estrangeiros e os meios fascistas*», Bukhárine respondeu-lhe: «*Nada tenho a declarar sobre isso.*»¹⁴⁴

No entanto, Bukhárine foi obrigado a reconhecer que alguns homens no seio do bloco que dirigia haviam estabelecido ligações com a Alemanha fascista. A este respeito, transcrevemos uma página da acta. Nela, Bukhárine explica que alguns dirigentes da conspiração pensavam criar as condições para um golpe de estado, aproveitando a confusão provocada pelas derrotas militares em caso de guerra com a Alemanha.

«Bukhárine – *Em 1935, Karakhan*¹⁴⁵ *partiu sem ter tido um encontro preliminar com os membros do centro dirigente, excepção feita a Tómski (...). Recordo-me que Tómski me disse que Karakhan tinha conseguido concluir um acordo com a Alemanha mais vantajoso do que Trótski.*

«Vichínski – *Quando teve o encontro no qual planearam abrir a frente aos alemães?*

«Bukhárine – *Quando eu perguntei a Tómski como via ele o mecanismo do golpe de estado, respondeu-me que essa era a tarefa da organização militar que devia abrir a frente.*

«Vichínski – *Então Tómski preparou-se para abrir a frente?*

«Bukhárine – *Ele não disse isso.*

«Vichínski – *Tómski disse “abrir a frente”?*

«Bukhárine – *Vou dizer-lhe exactamente.*

«Vichínski – *Que disse ele então?*

«Bukhárine – *Tómski disse que aquilo dizia respeito à organização militar que devia abrir a frente.*

«Vichínski – *Porque é que ela devia abrir a frente?*

«Bukhárine – *Ele não o disse.*

«Vichínski – *Porque é que ela devia abrir a frente?*

«Bukhárine – *Do meu ponto de vista ela não devia abrir a frente.*

«Vichínski – *E do ponto de vista de Tómski?*

«Bukhárine – *Se não levantou objecções é porque, provavelmente, estava de acordo em três quartos.»*¹⁴⁶

Nas declarações que fez, Bukhárine reconheceu que a sua orientação revisionista o levou a procurar relações ilegais com outros opositores, que apostou em revoltas no país para tomar o poder e que adoptou a tática do terrorismo e do golpe de Estado.

Na sua biografia de Bukhárine, Cohen tenta corrigir «a falsa ideia largamente divulgada» segundo a qual Bukhárine «teria confessado crimes hediondos» com o objectivo de «se arrepende sinceramente da sua oposição a Stáline, prestando assim um último serviço ao Partido.»¹⁴⁷

Eis como Cohen se livra de apuros. «*O plano de Bukhárine*», afirma Cohen, era «transformar o seu processo num contraproceto ao regime stalinista». A sua tática consistia em confessar-se «politicamente responsável por tudo», mas ao mesmo tempo em «negar terminantemente qualquer crime em concreto». Bukhárine dava a entender, insiste Cohen, que, ao falar da sua «organização contra-revolucionária» e do seu «bloco anti-soviético», estava a referir-se ao «velho partido bolchevique». «*Quando Bukhárine declarou: “Eu assumo a responsabilidade pelo bloco”, queria dizer: pelo bolchevismo*».¹⁴⁸ Um achado... Cohen. Este porta-voz dos interesses americanos podia permitir-se uma tal pirueta pois nenhum dos seus leitores iria verificar as actas do julgamento.

Ora é bastante instrutivo estudar as passagens-chave do testemunho que Bukhárine prestou diante do tribunal sobre a sua evolução política. Bukhárine estava suficientemente lúcido para reconhecer as etapas da sua própria degenerescência e para compreender como se enredou nas malhas de um *complot* contra-revolucionário. Bem podem Cohen e a burguesia esforçar-se para desculpar o «bolchevique» Bukhárine. Para os comunistas, as confissões de Bukhárine oferecem preciosas lições sobre os mecanismos da degenerescência lenta e da subversão anti-socialista. Elas ajudam a compreender o aparecimento, mais tarde, de figuras como Khruchov e Mikoian, Bréjnev e Gorbatchov.

Eis o texto, é Bukhárine quem fala: «*Aparentemente, os contra-revolucionários de direita representavam no início um “desvio”. (...) Desenvolveu-se em nós um processo muito curioso de sobrestimação da exploração individual, a passagem gradual à sua idealização, à idealização do proprietário. No programa, a exploração próspera do camponês individual; e o kulaque, quanto ao fundo, converte-se num fim em si. O kolkhoz é a música do futuro. É preciso multiplicar os proprietários ricos. Tal foi a formidável reviravolta na nossa forma de ver.*

«*Já em 1928, eu próprio tinha dado uma fórmula relativa à exploração militar-feudal do campesinato: imputava os custos da luta de classes não à classe hostil ao proletariado, mas justamente à direcção do próprio proletariado. (...) Se quisermos formular a minha plataforma na prática, ela seria no que dizia respeito à economia: o*

capitalismo de Estado, o mujique abastado, proteger os seus bens, a redução dos kolkhozes, as concessões estrangeiras, o abandono do monopólio do comércio externo e, como resultado, a restauração do capitalismo. (...) O nosso programa era de facto um deslizamento para a liberdade democrática burguesa, para a coligação do bloco com os mencheviques, com os socialistas revolucionários e os outros, porque daí decorria a liberdade dos partidos, das coligações. Quando escolhemos os nossos aliados para derrubar o governo, eles serão amanhã, em caso de eventual vitória, co-participantes no poder. (...)

«É em 1928-1929 que se dá a minha aproximação com Tómski e Ríkov. De seguida vieram as ligações e as sondagens entre os membros do Comité Central da altura, as conferências clandestinas, ilegais em relação ao Comité Central. (...) Foi então que começaram as diligências para um bloco. Primeiro, a minha conversa com Kámenev, no seu domicílio. Em segundo lugar, a minha entrevista com Piatakov, no hospital, à qual assistiu também Kámenev. Em terceiro lugar, o meu encontro com Kámenev, na casa de campo de Chmidt.¹⁴⁹(...)

«A etapa seguinte começa em 1930-1931. O país conheceu então um forte agravamento da luta de classes, a sabotagem dos kulaques, a resistência da classe dos kulaques à política do Partido, etc. (...) O trio (Bukhárine-Ríkov-Tómski) tornara-se um centro ilegal. Se antes liderava os meios da oposição, agora era o centro da organização contra-revolucionária clandestina. (...) Erukídze¹⁵⁰ aderiu activamente a este centro clandestino, ao qual se ligou por intermédio de Tómski. (...)

«Perto do final de 1931, os participantes daquilo a que se chamou a “Escola de Bukhárine” foram enviados para a província, para Vorónej, Samara, Leningrado, Novossibirsk, e já nesta época a sua transferência foi utilizada com fins contra-revolucionários. (...)

«Por volta do Outono de 1932 começou a etapa seguinte do desenvolvimento da organização dos direitistas, a saber: a passagem à tática do derrubamento do Poder dos Sovietes pela violência. (...) Eu dato-a do momento em que foi elaborada a plataforma dita de Riútine. (...) Era uma plataforma de uma organização contra-revolucionária de direitistas. (...) Tinha sido aprovada em nome do centro dos direitistas. A plataforma de Riútine previa: a “revolução de palácio”, terrorismo, orientação para uma aliança directa com os trotskistas.

«Foi nesta época que amadureceu a ideia de uma “revolução de palácio”. No começo, esta ideia foi formulada por Tómski, que estava ligado a Erukídze. Tómski via a possibilidade de utilizar a posição oficial de Erukídze, que tinha nessa altura autoridade sobre a guarda do Krémline. (...) Foram recrutados homens para realizar a “revolução de palácio”. É então que se concretiza o bloco político com Zinóviev. Durante este período tiveram lugar reuniões com Sirtsov e Lominádze. (...) No decorrer de um encontro realizado no Verão de 1932, Piatakov falou-me da sua reunião com Sedov, da directiva de Trótski relativa ao terrorismo. Nesse momento considerámos, Piatakov e eu, que essas ideias não eram as nossas; mas decidimos que poderíamos encontrar rapidamente uma linguagem comum e que os desacordos relativos à luta contra o Poder dos Sovietes seriam dirimidos. (...)

«A criação do grupo de conspiradores no Exército Vermelho data deste período. Soube disso através de Tómski, que fora informado directamente por Erukídze com o qual mantinha relações pessoais. (...) Tómski e Erukídze informaram-me de que os direitistas, zinovievistas e trotskistas tinham-se unido na direcção do Exército Vermelho; deram-me os nomes de Tukhatchévski, Kork,¹⁵¹ Primakov¹⁵² e Pútna.¹⁵³

A ligação com o centro dos direitistas efectuava-se então através da seguinte linha: grupo militar, Erukídze, Tómski e os outros.»¹⁵⁴

«Em 1933-1934, a classe dos kulaques foi esmagada, o movimento insurreccional deixara de fazer parte do domínio das possibilidades. Seguiu-se então um período no qual a ideia central da organização dos direitistas foi orientar-se para um complot, para um golpe de estado contra-revolucionário. (...)

«As forças do complot eram as forças de Erukídze mais as de Iágoda, as respectivas organizações no Krémline e no Comissariado do Povo dos Assuntos Internos. Nessa altura, tanto quanto me lembro, Erukídze conseguiu envolver o antigo comandante do Krémline, Peterson,¹⁵⁵ que, refira-se a propósito, tinha sido no seu tempo comandante do comboio de Trótski. Depois vinha a organização militar dos conspiradores: Tukhatchévski, Kork e outros.»¹⁵⁶

«Por alturas do XVII Congresso do Partido, surgiu a ideia, sugerida por Tómski, de fazer coincidir o golpe de estado com o Congresso, utilizando a força armada contra-revolucionária. Na ideia de Tómski, a prisão dos participantes do XVII Congresso do Partido – um crime monstruoso – deveria fazer parte integrante do golpe de estado. A proposta de Tómski foi examinada, à pressa é certo. Foram levantadas objecções de todas as partes. (...) Piatakov pronunciou-se contra a ideia por considerações tácticas, uma vez que provocaria uma indignação excepcional entre as massas. (...) Mas só o facto de essa ideia ter vindo ao espírito e ter sido examinada testemunha com suficiente clareza o carácter monstruoso e criminoso desta organização.»¹⁵⁷

«No Verão de 1934, Rádek disse-me que tinham chegado directivas de Trótski, que Trótski estava em conversações com os alemães e que já lhes tinha prometido algumas concessões territoriais, entre outras a Ucrânia. (...) É preciso dizer que, nessa época, eu colocava objecções a Rádek. Ele confirmou-o durante a nossa acareação; eu considerava que era indispensável que ele, Rádek, escrevesse a Trótski para lhe dizer que tinha ido demasiado longe nessas conversações e que se arriscava não só a comprometer-se a si próprio, mas a comprometer todos os seus aliados e muito particularmente nós, os conspiradores direitistas, o que tornaria o nosso fracasso inevitável. Eu considerava que, tendo em conta o patriotismo das massas, a atitude de Trótski não era racional do ponto de vista político e táctico. (...)

«A partir do momento em que foi colocada a questão do golpe de estado militar, o papel do grupo de conspiradores militares tornou-se, pela própria lógica das coisas, particularmente importante. É precisamente esta parte das forças contra-revolucionárias, que dispunha então de forças materiais e, portanto, de forças políticas consideráveis, que poderia criar um perigo de tipo bonapartista. Quanto aos bonapartistas – tenho sobretudo em vista Tukhatchévski – a sua primeira preocupação seria de liquidar, a exemplo de Napoleão, os seus aliados, aqueles que, por assim dizer, o tinham inspirado. Nos nossos encontros, sempre designei Tukhatchévski com a expressão de “pequeno Napoleão virtual”; ora sabemos o que Napoleão fazia com os chamados ideólogos.

«Vichínski – E você considera-se como um ideólogo?

«Bukhárine – Entre outros como ideólogo do golpe de estado contra-revolucionário e como um homem que o põe em prática. Evidentemente que teríeis preferido que dissesse que me considero um espião, mas não me considero de forma alguma como tal.

«Vichínski – E, no entanto, isso teria sido mais exacto.

«Bukhárine – É a sua opinião, não a minha.»¹⁵⁸.

Quando chega por fim o momento da sua última declaração, Bukhárine já se sabia um homem morto. É possível que Cohen possa ler nas suas palavras uma «defesa hábil do verdadeiro bolchevismo» e uma «denúncia do stalinismo». Um comunista, ao contrário, verá nelas um homem que lutou durante muito tempo pelo socialismo, que se desviou irremediavelmente para o revisionismo e que, diante da tumba, se dá conta que, no contexto de uma luta de classes nacional e internacional muito severa, o revisionismo tinha-o conduzido à traição.

«A lógica pura da luta foi acompanhada de uma degenerescência das ideias, de uma degenerescência psicológica. (...) Desta forma, parece-me verosímil que cada um de nós, que estamos neste banco dos réus, tenha tido um singular desdobramento da consciência, uma fé incompleta no nosso labor contra-revolucionário. (...) Daí esta espécie de semiparalisia da vontade, este torpor dos reflexos.

«(...) A contradição entre a aceleração da nossa degenerescência e o adormecimento dos reflexos traduz a situação do contra-revolucionário que cresce no quadro da edificação socialista em progresso. Criou-se aqui uma dupla psicologia. (...)

«Com frequência eu próprio me entusiasmava, glorificando nos meus escritos a edificação socialista; mas, no dia seguinte, contradizia-me pelas minhas acções práticas de carácter criminoso. Formou-se aquilo a que se chamou na filosofia de Hegel uma consciência infeliz. Esta consciência infeliz diferia da consciência ordinária por ser ao mesmo tempo uma consciência criminosa. O que faz o poder do Estado proletário não é apenas o facto de ter esmagado os bandos contra-revolucionários, mas também de ter decomposto interiormente os seus inimigos, desorganizado a sua vontade. Coisa que não existia em nenhuma parte e não poderá existir em nenhum país capitalista. (...)

«O arrependimento é muitas vezes explicado com todo o tipo de coisas absolutamente absurdas, como, por exemplo, pós de perlimpimpim, etc.. Quanto a mim, afirmo que na prisão onde permaneci quase um ano, trabalhei, ocupei-me, conservei a lucidez de espírito.

«Fala-se de hipnose. Mas neste processo eu assumi a minha defesa jurídica, orientei-me em cada instante, polemizei com o procurador. E qualquer pessoa, mesmo que não tenha muita experiência nos diferentes ramos da medicina, será forçada a reconhecer que não poderia haver aqui hipnose. (...)

«Agora quero falar de mim próprio, das causas que me levaram ao arrependimento. Desde logo, é preciso dizer que as provas da minha culpabilidade desempenham, também elas, um papel importante. Durante três meses limitei-me a negar. Depois enveredei pela via da confissão. Porquê? A razão é que durante a minha prisão reexaminei todo o meu passado. Porque quando nos perguntamos: Se vais morrer, morrerás em nome de quê? É então que subitamente aparece com uma nitidez penetrante um abismo absolutamente negro. Não há nada em nome de que valha a pena morrer se quisesse morrer sem confessar a minha culpa. E, ao invés, todos os factos positivos que resplandecem na União Soviética assumem proporções diferentes na consciência do homem. Foi isso que no fim de contas me desarmou definitivamente; foi isso que me forçou a dobrar os joelhos diante do Partido e diante do País. (...)

«É claro que não se trata aqui de arrependimento, muito menos do meu arrependimento. Mesmo sem isso, o tribunal pode ler o seu veredicto. As confissões dos acusados não são obrigatórias. A confissão dos acusados é um princípio jurídico medieval. Mas há nela uma derrota interior das forças da contra-revolução. E é preciso ser Trótski para não desarmar. É meu dever demonstrar aqui que, na panóplia das forças que formaram a táctica contra-revolucionária, Trótski foi o principal motor do

movimento. E que as posições violentas – o terrorismo, a espionagem, o desmembramento da URSS, a sabotagem – provinham em primeiro lugar dessa fonte.

«A priori, posso presumir que Trótski e os meus outros aliados nesses crimes, assim como a II Internacional – tanto mais que falei com Nikoláievski – procurarão defender-nos, a mim sobretudo. Eu rejeito essa defesa, uma vez que me ajoelhei diante do País, diante do Partido, diante de todo o povo.»¹⁵⁹

De Bukhárine a Gorbatchov

Stephen F. Cohen publicou em 1973 uma biografia elogiosa de Bukhárine, em que o apresenta como «o último bolchevique». É comovente ver como um adversário resolutivo do comunismo «chora o fim de Bukhárine e do bolchevismo russo!»¹⁶⁰

Com esse objectivo, Cohen dá relevo ao pensamento de outro adepto de Bukhárine, Roy Medvédev: «O stalinismo não pode ser considerado como o marxismo-leninismo de três decénios. Stáline introduziu uma perversão na teoria e na prática do movimento comunista. O processo de purificação do movimento comunista, de eliminação das camadas de sordidez stalinista, ainda não foi realizado.»¹⁶¹

Cohen e Medvédev apresentam a política leninista prosseguida por Stáline como uma «perversão» do leninismo e propõem, eles que são adversários do bolchevismo, «a purificação do movimento comunista»! É claro que se trata de uma tática desenvolvida na perfeição ao longo de decénios. Quando uma revolução triunfa e se consolida, os seus piores inimigos apresentam-se como os defensores mais firmes da «revolução autêntica», contra os seus dirigentes que «traíram o ideal inicial». Não obstante, esta tese de Cohen e de Medvédev foi repetida por quase todos os comunistas khruchovistas. Mesmo Fidel Castro, também ele influenciado pelas teorias de Khruchov, nem sempre escapa a esta tentação. E, no entanto, a mesma tática foi utilizada contra a revolução cubana. Desde 1961 que a CIA lançou uma ofensiva em «defesa da revolução cubana», contra o usurpador Fidel Castro, que a tinha «traído»...

Em 1948, a Jugoslávia tornou-se o primeiro país socialista a voltar-se para o bukharinismo. Tito recebeu o apoio decidido dos Estados Unidos. A partir de então, as teorias titistas infiltraram-se na maior parte dos países da Europa de Leste.

O livro de Cohen, *Bukharin and the Bolshevik Revolution*, e o publicado pelo social-democrata inglês Ken Coates, presidente da *Bertrand Russel Peace Foundation*, serviram de base à campanha internacional de reabilitação de Bukhárine durante os anos 70. Esta campanha aliava os revisionistas dos partidos comunistas italiano e francês aos sociais-democratas – desde Pelikan a Gilles Martinet – e, é claro, às diversas seitas trotskistas.

Estas mesmas correntes apoiariam Gorbatchov até ao dia da sua queda. Todos afirmaram que Bukhárine representava uma «alternativa» bolchevique ao stalinismo e alguns chegaram a proclamá-lo precursor do eurocomunismo.¹⁶²

Logo em 1973, a orientação de toda esta campanha foi dada por Cohen: «As ideias e as políticas de estilo bukhariniano voltaram a estar em relevo. Na Jugoslávia, Hungria, Polónia e Checoslováquia, reformadores comunistas advogam o socialismo de mercado, uma planificação e um crescimento económico equilibrados, um desenvolvimento evolucionista, a paz civil, um sector agrícola misto e a aceitação do pluralismo social e cultural no quadro de um Estado de partido único.»¹⁶³ É uma

definição perfeita da contra-revolução de veludo que finalmente triunfou nos anos 1988-1989 na Europa de Leste.

*«Se os reformadores conseguirem criar um comunismo mais liberal, um “socialismo de rosto humano”, a visão de Bukhárine e a ordem de tipo NEP que ele defendeu poderão aparecer, finalmente, como a verdadeira prefiguração do futuro comunista – a alternativa ao stalinismo depois de Stáline.»*¹⁶⁴

Gorbatchov, apoiando-se nas experiências de «vanguarda» dos países da Europa de Leste nos anos 60 e 70, também adoptou o velho programa de Bukhárine. É inútil acrescentar que Cohen foi acolhido e aclamado na União Soviética de Gorbatchov como um grande precursor do «novo pensamento» e da «renovação socialista». Acrescentemos que a «escola de Bukhárine» ganhou influência na China de Deng Xiaoping.

O processo Tukhatchévski e a conspiração anticomunista no exército

A 26 de Maio de 1937, o marechal Tukhatchévski e os comandantes Iakir,¹⁶⁵ Ubórevitch,¹⁶⁶ Eideman,¹⁶⁷ Kork, Pútna, Feldman¹⁶⁸ e Primakov foram presos e julgados por um tribunal militar. Em 12 de Julho foi anunciada a sua execução.

Desde o início de Maio que pesavam suspeitas sobre eles. A 8 de Maio, foi reintroduzido no exército o sistema dos comissários políticos. A reintrodução deste sistema, criado na Guerra Civil, reflectia o receio do Partido das tendências bonapartistas no seio do exército.¹⁶⁹ Os comissários políticos tinham deixado de exercer controlo sobre os oficiais superiores em 1927, através de uma directiva de 13 de Maio do comissário da Defesa. O comando militar passou a ter a responsabilidade da «directão política geral, com o objectivo de realizar uma coordenação integral dos assuntos militares e políticos nas unidades». O seu «assistente político» tornou-se responsável pelo «conjunto do trabalho do Partido»; tinha o dever de informar o comando sobre as condições políticas da unidade.¹⁷⁰

A Academia Político-Militar Tolmachev de Leningrado e os comissários da região militar da Bielorrússia protestaram contra a «desvalorização e diminuição do papel dos órgãos políticos do Partido».¹⁷¹ Blomberg, um oficial superior alemão, no relatório que elaborou após uma missão na URSS em 1928, anotou: *«Pontos de vista puramente militares tomam cada vez mais importância; tudo o resto está subordinado.»*¹⁷²

Como muitos dos soldados vinham do campo, a influência dos kulaques fazia-se sentir fortemente no exército. Unchlikht,¹⁷³ oficial superior, afirmou em 1928 e 1929 que o perigo do desvio social-democrata era maior no exército do que nas organizações civis do Partido.¹⁷⁴

Em 1930, dez por cento do corpo de oficiais, ou seja, 4500 militares, eram antigos oficiais tsaristas. No Outono de 1919, quando se procedeu ao saneamento das instituições, Unchlikht impediu o lançamento de um grande movimento contra os antigos oficiais tsaristas no exército.¹⁷⁵ Todos estes elementos explicam a persistência de influências burguesas no exército, que o tornaram num dos corpos menos fiáveis do sistema socialista.

Complot?

Em 1937-1938, V. Likhachov era oficial do Exército Vermelho no Extremo-Oriente. No seu livro, *A Conspiração no Extremo-Oriente*, afirma que houve efectivamente uma grande conspiração no seio do exército.¹⁷⁶

O jornalista Alexandre Werth, no seu livro *Moscovo 41*, escreveu um capítulo intitulado «O processo de Tukhatchévski», onde se lê: «*Estou também convencido de que a purga no Exército Vermelho teve muito a ver com o receio de Stáline da iminência da guerra com a Alemanha. Quem era Tukhatchévski? Pessoas do Deuxième Bureau Français [serviços de informações militares] há muito que me diziam que Tukhatchévski era pró-alemão. E os checos contaram-me a história extraordinária da visita de Tukhatchévski a Praga, onde, no final de um banquete – estava bastante embriagado – deixou escapar que um acordo com Hitler era a única esperança para a Checoslováquia e para a Rússia. E começou a injuriar Stáline. Os checos não deixaram de relatar isso ao Krémline, e foi o fim de Tukhatchévski – e de muitos dos seus partidários.*»¹⁷⁷

O embaixador americano em Moscovo, Joseph Davies, anotou as suas impressões, a 30 de Junho e a 4 de Julho de 1937. «*Disse a Litvínov¹⁷⁸ que as reacções suscitadas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental pelas purgas e a execução dos generais eram claramente negativas. (...) Litvínov foi muito franco. Disse que o governo tinha de “se assegurar”, através daquelas purgas, de que não haveria traição possível na Rússia em proveito de Berlim ou de Tóquio e que o mundo viria um dia a compreender que o governo soviético agiu daquela forma para se proteger contra uma “traição ameaçadora”. Na realidade, dizia ele, a Rússia está a prestar um serviço ao mundo inteiro protegendo-se contra a ameaça que constitui o sonho de Hitler e dos nazis de dominarem o universo, e conservando assim a força da União Soviética como uma muralha contra a ameaça nazi. Um dia, dizia ele, o mundo verá o tão grande homem que é Stáline.*»¹⁷⁹

Mais adiante, Davies escreveu: «*Os espíritos mais sérios parecem crer com toda a probabilidade que estava em vias de execução pelo exército um golpe de estado, um complot que era menos dirigido contra Stáline pessoalmente do que contra o sistema administrativo e o Partido, e que Stáline o tinha surpreendido com a sua presteza, a sua audácia e a sua força habitual.*»¹⁸⁰

Em 1937, Abdurakhmane Avtórkanov¹⁸¹ trabalhava num serviço do Comité Central do partido bolchevique. Este nacionalista burguês afirma ter estado em estreita relação com os chefes da oposição e com os caucasianos membros do Comité Central. No seu livro, *Stáline no Poder*, lamenta que Tukhatchévski não tenha tomado o poder em 1937 e afirma que, no início desse ano, após a sua viagem à Inglaterra, Tukhatchévski fez perante os oficiais superiores a seguinte declaração:

«*O que caracteriza o exército de Sua Majestade britânica é que, à sua cabeça, nunca poderiam estar agentes da Scotland Yard (alusão ao papel da Segurança do Estado na URSS). Quanto aos sapateiros (alusão ao pai de Stáline), só são admitidos nos depósitos da intendência e mesmo assim sem cartão do Partido. Os ingleses não falam de bom grado do seu patriotismo, pois parece-lhes natural ser unicamente inglês. Não há em Inglaterra uma linha direita, curva ou “geral”, só há uma política inglesa, que um lorde ou um operário, um conservador ou um socialista, um oficial ou um soldado servem com o mesmo zelo. É certo que o soldado britânico é um ignorante completo no que respeita à história do Partido e aos índices de produção (alusão à educação política no Exército Vermelho) mas, em contrapartida, conhece a topografia do mundo tão bem*

*quanto a área da sua casa. Neste país, o rei é coberto de honras, mas não tem poder pessoal. Para a carreira de oficial, duas qualidades são necessárias: a coragem e o conhecimento.»*¹⁸²

Robert Coulondre foi embaixador da França em Moscovo em 1936-1938. Nas suas *Memórias* evoca o terror da revolução francesa que, em 1792, esmagou os aristocratas e preparou o povo francês para a guerra contra os estados reaccionários europeus. Na altura, os inimigos da revolução francesa, nomeadamente a Inglaterra e a Rússia, interpretaram o terror revolucionário como um prenúncio da derrocada do regime. Ora o contrário era verdadeiro. A mesma coisa, observa Coulondre, se passa hoje com a revolução soviética.

*«Pouco depois da prisão de Tukhatchévski, o ministro da Lituânia, que tinha contactos com vários dirigentes bolcheviques, disse-me que o marechal, irritado com os entraves que o Partido Comunista colocava ao desenvolvimento do poder militar russo, sobretudo a uma boa organização do exército, tinha efectivamente assumido a cabeça de um movimento que visava jugular o Partido e instaurar uma ditadura militar. (...) A minha correspondência poderá testemunhar que atribuí ao “terror soviético” o seu verdadeiro sentido. Não é possível concluir, como não tenho cessado de escrever, que o regime esteja a erodir-se ou que as forças russas estejam esgotadas. Trata-se, pelo contrário, da crise de crescimento de um país que se engrandece rapidamente.»*¹⁸³

Churchill escreve nas suas *Memórias* que Hitler prometeu a Benès, presidente da Checoslováquia, respeitar a integridade do seu país com a condição de que se comprometesse a permanecer neutro em caso de guerra franco-alemã.

«Durante o Outono de 1936, o presidente Benès recebeu uma mensagem de uma alta personalidade militar alemã informando-o de que, se queria aproveitar as ofertas de Hitler, deveria apressar-se, pois em breve iriam ter lugar acontecimentos na Rússia que permitiriam à Alemanha dispensar a ajuda dos checos.

*«Enquanto Benès meditava sobre o sentido daquela alusão inquietante, teve conhecimento de que o governo alemão estava em contacto com importantes personalidades russas através do canal da embaixada soviética em Praga. Isto fazia parte do que se chamou a conspiração militar e o complot da velha guarda comunista, que visavam derrubar Stáline e instaurar na Rússia um novo regime cuja política seria pró-alemã. Pouco depois foi levada a cabo na Rússia soviética uma purga impiedosa, mas inquestionavelmente útil, que depurou os meios políticos e económicos. (...) O exército russo foi purgado dos seus elementos pró-alemães e o seu valor militar sofreu cruelmente. O governo soviético estava agora fortemente prevenido contra a Alemanha. Bem entendido, Hitler leu com muita clareza os acontecimentos mas, tanto quanto o saiba, os governos britânico e francês não foram tão bem esclarecidos sobre o que se passou. Para o Sr. Chamberlain, para os estados-maiores britânico e francês, a depuração de 1937 foi, sobretudo, um episódio da rivalidade que dilacerava o interior do exército russo e isso deu-lhes a imagem de uma União Soviética dilacerada por ódios e vinganças inexpiáveis.»*¹⁸⁴

O trotskista Deutscher raramente perde uma ocasião para obscurecer e caluniar Stáline. No entanto, ele que afirmava que na base dos processos de Moscovo não havia senão uma «conspiração imaginária», viu-se obrigado a escrever a propósito da execução de Tukhatchévski: *«Todas as versões não stalinistas concordam num ponto: os generais projectavam efectivamente um golpe de estado. Fizeram-no por razões pessoais e iniciativa própria, sem estarem concertados com uma potência estrangeira. O episódio principal deste golpe de estado consistia numa revolta de palácio no Krémline que*

resultaria no assassinato de Stáline. Uma operação militar decisiva estava igualmente projectada para fora do Krémline, a tomada por assalto do quartel-general da GPU. Tukhatchévski era a alma da conspiração (...). Por outro lado, era o único dos chefes militares e civis da época que, em numerosos aspectos, se parecia com o Bonaparte original e teria podido desempenhar o papel de Primeiro Cônsul russo. O comissário político chefe do Exército, Gamarnik¹⁸⁵, que mais tarde se suicidou, fazia parte do complot. O general Iakir, comandante de Leningrado, deveria assegurar a cooperação da sua guarnição. Os generais Ubórevitch, comandante da Academia Militar de Moscovo, Primakov, adjunto de Budiónni¹⁸⁶ no comando da Cavalaria, e alguns outros, estiveram igualmente no complot.»¹⁸⁷

Deutscher, anticomunista consequente, mesmo quando aceita a veracidade do complot de Tukhatchévski, apressa-se a sublinhar as «boas intenções» dos conspiradores, que queriam «salvar o exército e o País do terror louco provocado pelas purgas», e assegura aos leitores que Tukhatchévski nunca agiu de modo nenhum «no interesse da Alemanha».¹⁸⁸

O nazi Léon Degrelle, num escrito de 1977, faz referência ao caso Tukhatchévski nestes termos: «Quem em plena França da Revolução teria podido pensar, no tempo dos crimes do Terror, que surgiria pouco depois um Bonaparte que levantaria com punho de ferro a França tombada no fundo do abismo? Em apenas alguns anos, este Bonaparte esteve prestes a criar a Europa unida! Um Bonaparte russo pode também surgir. O jovem marechal Tukhatchévski, que foi levado à morte por Stáline sob conselho de Benès, tinha essa estatura em 1937.»¹⁸⁹

Em 8 de Maio de 1943, Goebbels anotou no seu diário algumas conversas de Hitler que mostram que os nazis compreendiam perfeitamente a vantagem que poderiam retirar das correntes oposicionistas e derrotistas no seio do Exército Vermelho.

«O führer explicou uma vez mais o caso Tukhatchévski e exprimiu a opinião de que nós estávamos absolutamente errados quando acreditámos que Stáline iria dessa forma arruinar o Exército Vermelho. O contrário é que era verdadeiro: Stáline desembaraçou-se de todos os círculos oposicionistas do Exército Vermelho e assim conseguiu acabar com a corrente derrotista no exército. (...) Em relação a nós, Stáline tinha a vantagem suplementar de não ter oposição social, pois o bolchevismo tinha-a também suprimido durante as liquidações destes últimos 25 anos. (...) O bolchevismo eliminou esse perigo a tempo e pôde assim dirigir toda a sua força contra o seu inimigo.»¹⁹⁰

Reproduzimos também a opinião de Mólotov, que, juntamente com Káganovitch, foi o único membro do Bureau Político de 1953 que nunca renegou o seu passado revolucionário. Nas entrevistas que deu, durante os anos 80, recordou as condições da depuração.

«Durante esse período reinava uma tensão extrema, era necessário agir sem qualquer piedade. Eu creio que se justificava. Se Tukhatchévski, Iakir, Ríkov e Zinóviev tivessem lançado a sua oposição em tempo de guerra, teria havido uma luta extremamente dura, o número de vítimas teria sido colossal. Colossal. Os dois lados seriam condenados ao desastre. Eles tinham ligações que chegavam até Hitler. Assim tão longe. Trótski tinha ligações semelhantes, não há que ter dúvidas. Hitler era um aventureiro e Trótski também, tinham traços comuns. E os direitistas, Bukhárine e Ríkov, estavam ligados a eles. E, é claro, muitos dirigentes militares.»¹⁹¹

A tendência militarista e bonapartista

Num estudo financiado pelo exército americano e realizado no quadro da *Rand Corporation*, Roman Kolkowicz analisou as relações entre o Partido e o exército na União Soviética segundo o ponto de vista político reinante nos serviços de informação militares dos EUA. É interessante notar que ele apoia todas as tendências que defendiam o profissionalismo, o apolitismo, o militarismo e os privilégios, que se tinham desenvolvido no seio do Exército Vermelho desde os anos 20. E, evidentemente, Kolkowicz critica Stáline por ter reprimido estas tendências burguesas e militaristas.

Após explicar que Stáline definiu o estatuto do exército na sociedade socialista nos anos 20, Kolkowicz escreve: «*O Exército Vermelho saiu deste processo como um adjunto da elite do Partido no poder; foi recusada a autoridade total aos oficiais, necessária para o exercício da profissão militar; estes eram mantidos num estado de incerteza permanente sobre a sua carreira; e a comunidade militar, que tende para o exclusivismo, era forçada a abrir-se devido a um elaborado sistema de controlo e doutrinação.*»

Em seguida, «*Stáline lançou um programa maciço para assegurar ao exército soviético armas, equipamentos e logística modernos, mas continuava preocupado com a tendência dos militares para o elitismo e a exclusividade, propensão que se acentuou com o seu renascimento profissional. Esta desconfiança tornou-se tão dominante que, no momento em que um perigo iminente de guerra se apresentava na Europa, Stáline golpeou os militares durante as purgas maciças de 1937. (...) Cercados por todos os lados pela polícia secreta, pelos órgãos políticos, pelas organizações do Partido e do Komsomol, os militares viram a sua liberdade de acção severamente limitada.*»¹⁹²

Eis-nos informados sobre aquilo que o exército americano mais «detestava» no Exército Vermelho: a formação política (a «doutrinação») e o controlo político (pelos órgãos políticos, pelo Partido e o *Komsomol*, pela Segurança). Em contrapartida, o exército americano sempre viu com bons olhos as tendências de autonomia e dos privilégios dos oficiais superiores («o elitismo») e o militarismo («a exclusividade»).

As purgas são analisadas por Kolkowicz como uma etapa na luta do Partido, dirigida por Stáline, contra as tendências «profissionalizantes» e bonapartistas entre os oficiais superiores. Essas correntes burguesas não puderam impor-se senão após a morte de Stáline.

«*Com a morte de Stáline e a divisão no seio do Partido que se seguiu, os mecanismos de controlo foram enfraquecidos e os interesses e valores próprios dos militares passaram a exprimir-se abertamente. Largos sectores do exército encontraram o seu porta-voz na pessoa do marechal Júkov, que conseguiu desembaraçar a elite militar do controlo invasor dos órgãos políticos. Ele introduziu uma disciplina estrita, a separação das patentes militares e requereu a reabilitação dos dirigentes militares depurados, bem como a punição daqueles que os haviam atormentado.*»¹⁹³ Cabe aqui notar que Júkov foi o braço armado de Khruchov para os seus dois golpes de estado, em 1953 (o caso Béria) e em 1957 (o caso Mólotov-Malenkov¹⁹⁴-Káganovitch).

Vlássov

Mas não será aberrante admitir que generais do Exército Vermelho tivessem podido encarar uma colaboração com Hitler? Mesmo que não fossem bons comunistas, esses militares não seriam pelo menos nacionalistas? A esta pergunta respondemos para já

com outra pergunta. Por que é que tal hipótese seria mais aberrante na União Soviética do que na França, por exemplo? O marechal Pétain, o vencedor de Verdun, não era ele o símbolo do patriotismo chauvinista francês? O general Weygand e o almirante Darlan não eram eles defensores encarniçados do colonialismo francês? No entanto, tornaram-se personalidades-chave na colaboração francesa. Será que, para todas as forças nostálgicas da livre empresa, a destruição do capitalismo e a repressão da burguesia na União Soviética não constituíam motivos suplementares para colaborar com o «capitalismo dinâmico» alemão? E a II Guerra Mundial não mostrou que a tendência representada por Pétain em França existia também em certos oficiais soviéticos?

No final de 1941, o general Vlássov desempenhou um papel importante na defesa de Moscovo. Preso em 1942 pelos alemães, passa-se para o seu lado. Mas é só em 16 de Setembro de 1944, após uma entrevista com Himmler, que recebe a autorização oficial para criar o seu exército de libertação russo, do qual formara já a primeira divisão em 1943. Outros oficiais prisioneiros colocaram-se também ao serviço dos nazis, eis alguns nomes: o major-general Trukhíne,¹⁹⁵ chefe da secção operacional do Estado-Maior da região do Báltico, professor na academia do Estado-Maior General. O major-general Malíchkine,¹⁹⁶ chefe do Estado-Maior do 19.º Exército. O major-general Zakútine,¹⁹⁷ professor da academia do Estado-Maior General. Os majores-generais Blagovéchenski,¹⁹⁸ comandante de brigada, Chapoválov,¹⁹⁹ comandante de um corpo de artilheiros, e Meándrov,²⁰⁰ O comissário de brigada Jílenkov,²⁰¹ membro do Conselho Militar do 32.º Exército. Os coronéis Máltsev, Zvériev, Neriánine e Buniatchénko, este último comandante da 389ª Divisão Blindada.²⁰²

Qual era o perfil político destes homens? Cookridge, um antigo agente secreto britânico e historiador do *Renseignement*, escreveu:

*«A comitiva de Vlássov tinha uma curiosa mistura. O mais inteligente dos seus oficiais era o coronel Miletí Zíkov, um judeu. (...) Pertenceu ao movimento dos “desviacionistas de direita” de Bukhárine e, em 1936, foi enviado para a Sibéria por Stáline, para aí se purgar durante quatro anos. O general Malíchkine, antigo chefe do Estado-Maior do Oriente, era também um sobrevivente dos processos de Stáline. Fora preso durante o processo de Tukhatchévski. O general Jílenkov era um antigo comissário político do Exército. Como muitos outros oficiais recrutados por Gehlen, eles tinham sido “reabilitados” no começo da guerra em 1941.»*²⁰³

Assim, ficamos a saber que vários oficiais superiores, condenados e enviados para a Sibéria em 1937, e depois reabilitados no início da guerra, se passaram para o lado de Hitler! Aparentemente, as sanções aplicadas na «grande purga» tinham com frequência algum fundamento.

Para justificar a sua passagem para o lado dos nazis, Vlássov publicou uma carta aberta, que intitulou *«Por que me comprometi com a luta contra o bolchevismo?»*. O que aí se lê é extremamente elucidativo. Desde logo, as críticas que faz ao regime soviético assemelham-se como duas gotas de água às de Trótski e dos ideólogos da direita ocidental. *«Eu via que o operário russo tinha uma vida penosa, que o camponês tinha sido empurrado à força para os kolkhozes, que milhões de russos desapareciam, presos sem qualquer julgamento.»*

De seguida Vlássov faz a sua análise sobre o estado do Exército Vermelho: *«O sistema dos comissários desmantelava o Exército Vermelho. A ausência de responsabilidade, a vigilância e a espionagem faziam do comandante um brinquedo nas mãos dos funcionários do Partido à paisana ou de uniforme. (...) Milhares e milhares entre os melhores comandantes, inclusive marechais, foram presos e fuzilados.»* Concluimos

daqui que Vlássov era partidário de um exército profissional, cioso da autonomia militar, liberto do controlo do Partido, exactamente como preconizava o estudo do exército americano que já citámos.

Vlássov explica também como o seu derrotismo o levou a juntar-se aos nazis. Veremos mais adiante que Trótski e os trotskistas desenvolveram uma obstinada propaganda derrotista.

«Via que a guerra estava a ser perdida por duas razões: devido à recusa do povo russo em defender o poder bolchevique e o sistema de violência que tinha criado, e devido à direcção irresponsável do Exército.»

Finalmente, na linguagem «anticapitalista» cara aos nazis, Vlássov explica que a «nova» Rússia devia integrar-se na Europa alemã. *«(É preciso) construir uma Rússia nova, sem bolcheviques e sem capitalistas. (...) Os interesses do povo russo sempre se harmonizaram com os do povo alemão, com os interesses de todos os povos da Europa. O bolchevismo isolou o povo russo da Europa com um muro impenetrável.»*²⁰⁴

Soljenítsine

Abrimos um breve parêntese para falarmos de Soljenítsine, que se tornou a voz autorizada dos cinco por cento de tsaristas, burgueses, especuladores, kulaques, proxenetas, mafiosos e vlassovianos que foram a justo título reprimidos pelo poder socialista.

Soljenítsine, esse escritor tsarista, viveu um dilema cruel durante a ocupação nazi. Chauvinista, detestava os invasores alemães. Mas odiava o socialismo com uma paixão bem mais feroz. Também tinha pensamentos ternos pelo general Vlássov, o mais célebre dos colaboradores dos nazis. Se Soljenítsine lamentava um pouco o namoro de Vlássov com Hitler, saudava calorosamente o seu ódio ao bolchevismo.

Após ter sido feito prisioneiro, o general Vlássov traiu a Pátria colaborando com os nazis. Mas Soljenítsine esforçou-se por explicar e justificar a traição deste antigo comandante do II Exército. Escreveu:

*«O II Exército de Choque encontrou-se afundado em 75 quilómetros no dispositivo alemão! E foi nesse momento que os aventureiros do grande quartel-general ficaram sem reservas de homens e munições. O Exército ficou privado de reabastecimentos, apesar disso, a autorização de recuar foi recusada a Vlássov. (...) É certo que houve traição à Pátria! É certo que houve abandono pérfido e egoísta. Mas da parte de Stáline. Imperícia e incúria na preparação da guerra, desordem e cobardia no seu comando, sacrifício absurdo de exércitos e de corpos de exército com o único fim de salvar o seu uniforme de marechal – haverá traição mais amarga da parte de um comandante supremo?»*²⁰⁵

Deste modo, Soljenítsine tomou a defesa do traidor Vlássov contra Stáline. Vejamos por um instante aquilo que realmente se passou no início de 1942. Vários exércitos tinham recebido a ordem de romper o bloqueio alemão de Leninegrado. Mas a ofensiva rapidamente se atolou e o comandante da frente, Khózine,²⁰⁶ recebeu ordem do quartel-general de Stáline para retirar o exército de Vlássov. O marechal Vassiliévski²⁰⁷ escreveu:

«Vlássov, que não se distinguia por grandes capacidades de comando e era de natureza extremamente instável e pusilânime, estava em completa inacção. Não fez qualquer tentativa para que as suas tropas operassem uma retirada pronta e

dissimulada. (...) Eu posso confirmar com plena responsabilidade a preocupação ansiosa que o comandante supremo, Stáline, manifestava, de dia para dia, em relação ao destino do II Exército de Choque, e as medidas tomadas para lhe prestar todo o socorro possível. Isso é testemunhado por toda uma série de directivas que me foram ditadas pelo próprio comandante supremo e que pessoalmente escrevi.»²⁰⁸

Vlássov passou-se para o inimigo enquanto uma parte considerável de seu exército foi capaz de abrir uma brecha no cerco alemão e salvar-se.

Mas será verdade que estes russos entraram para o exército nazi para combater o povo soviético? Sim, mas, diz Soljenítsine, foi o regime criminoso de Stáline que os impeliu! *«Só o último extremo, o cúmulo do desespero, o ódio insaciável ao regime soviético os pôde conduzir às “unidades Vlássov” da Wehrmacht.»²⁰⁹*

De resto, diz Soljenítsine, os colaboradores vlassovianos eram mais anticomunistas do que pró-nazis.

«Só no Outono de 1944 é que se começou a constituir divisões propriamente vlassovianas e integralmente russas. O primeiro e último acto de independência das divisões de Vlássov foi desferir um golpe... nos alemães! Vlássov deu ordem às suas divisões para passarem para o lado dos checos insurrectos.»²¹⁰

Esta é a fábula que debitam todos os criminosos nazis das diferentes nacionalidades. Na véspera da derrota dos fascistas alemães, todos descobriram dentro de si uma vocação «nacional e independente» e lembraram-se de que eram «opositores» aos alemães para procurarem protecção sob as asas dos aliados do imperialismo americano!

Soljenítsine não censura os alemães por serem fascistas, mas por serem fascistas estúpidos e míopes. Se tivessem sido inteligentes, os nazis alemães teriam reconhecido o valor dos seus irmãos em armas russos e ter-lhes-iam reconhecido uma certa autonomia.

«Com uma miopia e uma satisfação obtusas, os alemães permitiram-lhes (aos vlassovianos) apenas morrer pelo Reich, impedindo-os de pensar num destino russo independente.»²¹¹

A guerra ainda causava grandes destroços e o nazismo estava longe de ser batido definitivamente, mas Soljenítsine já começava a apiedar-se da sorte «desumana» dos criminosos vlassovianos presos! No seu livro, descreve a seguinte cena a que assistiu após a limpeza de uma bolsa de nazis no território soviético:

«Vejo um homem de pé, vestido com umas calças alemãs, tronco nu, a cara, o peito, os ombros e as costas todos ensanguentados. Expressando-se num russo sem sotaque, gritou-me que o ajudasse. Um sargento fazia-o avançar com chicotadas. Pois bem, tive medo de defender aquele vlassoviano contra o sargento das Secções Especiais. (...) Este quadro ficou-me para sempre gravado nos meus olhos. Por ser quase o símbolo do Arquipelago de Gulag, poderia ilustrar a capa deste livro.»²¹²

Devemos agradecer a Soljenítsine esta confissão desconcertante: o homem que melhor encarnou os «milhões de vítimas do stalinismo» era um colaborador nazi!

Uma organização clandestina anticomunista no Exército Vermelho

A depuração no Exército Vermelho é frequentemente apresentada como uma sucessão de actos de repressão cega, marcados pela loucura e o arbítrio; estes processos teriam sido fabricados para assegurar a ditadura pessoal de Stáline. Qual é a realidade? Vejamos um exemplo concreto e muito interessante que nos permite compreender alguns aspectos

essenciais. Um coronel do exército soviético, G.A. Tokáev, passou-se para o lado dos ingleses em 1948. Escreveu um livro intitulado *Camarada X*, verdadeira mina de ouro para aqueles que tentam entender a complexidade da luta no seio do partido bolchevique. Engenheiro mecânico especializado em aeronáutica, Tokáev foi secretário político na Academia da Força Aérea Júkovski de 1937 a 1948. Pertencia portanto aos quadros superiores.²¹³

Quando entrou no Partido em 1931, com 22 anos de idade, Tokáev já era membro de uma organização anticomunista clandestina. À cabeça da sua organização encontrava-se um oficial superior do Exército Vermelho, membro influente do Comité Central do partido bolchevique, que Tokáev designa por *Camarada X*. O grupo clandestino realizava conferências secretas, aprovava resoluções e enviava emissários através do país.

No seu livro, publicado em 1956, Tokáev desenvolve as ideias políticas do seu grupo clandestino. A leitura dos principais pontos do programa adoptado por esta organização é elucidativa. Tokáev apresenta-se como «um liberal e democrata revolucionário.»²¹⁴ «Nós», afirma ele, «éramos inimigos de qualquer pessoa que pensasse dividir o mundo em “nós” e “eles”, em comunistas e anticomunistas.»²¹⁵

O grupo de Tokáev «proclama o ideal da fraternidade universal» e «considera o cristianismo como um dos grandes sistemas de valores humanos universais.»²¹⁶

O grupo de Tokáev era partidário do regime burguês instalado pela revolução de Fevereiro de 1917. «A revolução de Fevereiro representou ao menos um clarão de democracia, que indicava uma fé latente na democracia do homem da rua.»²¹⁷ No grupo de Tokáev circulava o jornal dos mencheviques no estrangeiro, *Sotsialistitcheski Véstnik* e o livro do menchevique G. Aaronson, *A Alvorada do Terror Vermelho*.²¹⁸ Tokáev reconhecia o parentesco entre sua organização e a social-democracia internacional.

«O movimento democrático revolucionário está próximo dos socialistas democráticos. Tenho trabalhado em estreita cooperação com muitos socialistas convictos, como Kurt Schumacher. Nomes como Attlee, Bevin, Spaak e Blum significam alguma coisa para a humanidade.»²¹⁹

Tokáev batia-se também pelos «direitos do homem» de todos os anticomunistas. «Aos nossos olhos, não havia tarefa mais urgente na URSS do que a luta pelos direitos do homem, pelo indivíduo.»²²⁰ O multipartidarismo e a divisão da URSS em repúblicas independentes eram dois pontos essenciais do programa dos conspiradores.

O grupo de Tokáev, cujos membros eram aparentemente na sua maioria nacionalistas da região do Cáucaso, concordou com um plano de Erukídze que «visava destruir o stalinismo até às suas raízes e que substituiria a URSS reaccionária de Stáline por uma “união livre de povos livres”. O país seria dividido em dez regiões naturais: os Estados Unidos do Cáucaso do Norte, a República Democrática Ucrainiana, a República Democrática de Moscovo, da Sibéria, etc.»²²¹

Ao elaborar, em 1939, um plano para o derrubamento do governo de Stáline, o grupo de Tokáev propõe-se «procurar apoio exterior, em particular junto da II Internacional, e eleger uma nova Assembleia Constituinte cuja primeira medida seria pôr fim ao sistema de partido único.»²²²

Por último, Tokáev tem a opinião de que a Inglaterra «é o país mais livre e o mais democrático do mundo.»²²³ E, após a II Guerra Mundial, «eu e os meus amigos tornámo-nos grandes admiradores dos Estados Unidos.»²²⁴

É assaz espantoso ver que temos aqui, quase ponto por ponto, o programa do senhor Gorbatchov. As ideias que esta organização anticomunista clandestina defendia em 1931-1948 ressurgiram em 1985 na direcção do Partido. Gorbatchov denunciou a divisão do

mundo em socialismo e capitalismo e converteu-se aos «valores universais». A partir de 1986, Gorbatchov defende abertamente a aproximação com a social-democracia. O multipartidarismo tornou-se um facto na URSS em 1989. Iéltsine foi dizer ao sr. Chirac que a Revolução de Fevereiro trouxera à Rússia «a esperança democrática». A transformação da «União Soviética reaccionária» numa União de Repúblicas livres foi realizada...

Mas em 1935, quando se bateu pelo programa que viria a ser aplicado 50 anos mais tarde por Gorbatchov, Tokáev tinha consciência de que travava uma luta de morte com a direcção bolchevique.

«No Verão de 1935, nós, os opositoristas, tanto militares como civis, demo-nos conta plenamente de que tínhamos iniciado uma luta de morte.»²²⁵

Quem fazia parte do grupo clandestino de Tokáev? Tratava-se essencialmente de oficiais do Exército Vermelho, frequentemente jovens oficiais saídos das academias militares. O seu chefe, cujo nome não é revelado, o «*Camarada X*», oficial superior, foi membro do Comité Central durante os anos 30 e 40. O chefe do movimento clandestino na Frota do Mar Negro era Riz, capitão-tenente na força naval. Quatro vezes expulso do Partido, foi quatro vezes reintegrado.²²⁶ Os generais Ossepiane, vice-chefe da administração política das Forças Armadas, e Álksnis²²⁷ estavam entre os principais responsáveis pela organização clandestina. Eram muito próximos do general Kachírine.²²⁸ Os três foram presos e executados durante o caso Tukhatchévski²²⁹.

Alguns outros nomes. O tenente-coronel Gaí, morto em 1936 num confronto armado com a polícia. O coronel Kosmodemiánski que «*tinha empreendido uma tentativa heróica, mas prematura para derrubar a oligarquia de Stáline.*»²³⁰ O coronel-general Todórski,²³¹ chefe da Academia Júkovski, e Smolénski, comissário de divisão, vice-chefe desta academia, responsável pelos assuntos políticos.²³²

Na Ucrânia, o grupo apoiava-se em Nikolai Guenerálov, com quem Tokáev se encontrou em 1931 numa reunião clandestina em Moscovo, e em Lentzer. Os dois foram presos em Dniepropetrovsk, em 1936.²³³ Kátia Okmane, filha de um velho bolchevique que entrou em conflito com o Partido no início da revolução, e Klava Eriómenko, ucraniana, viúva de um oficial da aviação naval de Sebastópol, asseguravam as ligações através do país.

Por ocasião da depuração do grupo de Bukhárine («o desvio de direita») e do processo do marechal Tukhatchévski, os membros do grupo de Tokáev são presos e fuzilados na sua maioria.

*«Os círculos próximos do Camarada X estavam quase completamente destruídos. A maioria tinha sido presa no caso do “desvio de direita”.»²³⁴ «A nossa situação», diz Tokáev, «*tornara-se trágica. Um dos quadros, Belínski, observou que nos tínhamos enganado ao acreditarmos que Stáline era um incapaz, que jamais poderia realizar a industrialização e o desenvolvimento cultural. Riz replicou que ele estava errado, que se tratava de uma luta de gerações e que era preciso preparar o pós-Stáline.*»²³⁵*

Apesar de ter uma plataforma anticomunista, a organização clandestina de Tokáev mantinha laços estreitos com as facções de «comunistas reformistas» no seio da direcção do Partido. Em Junho de 1935, Tokáev foi enviado para o Sul. A propósito dessa estadia, faz-nos algumas revelações sobre Erukídze e Cheboldáiev, dois velhos bolcheviques considerados correntemente como vítimas típicas da arbitrariedade de Stáline.

«Uma das minhas tarefas era tentar prevenir um ataque contra alguns dirigentes da oposição do Mar de Azov, do Mar Negro e do Cáucaso do Norte, cujo chefe era B.P. Cheboldáiev, primeiro secretário do Comité do Partido e membro do Comité Central. O

nosso movimento não estava totalmente de acordo com o grupo de Cheboldáiev-Enukídze, mas sabíamos o que eles faziam e o Camarada X considerava que era nosso dever revolucionário ajudá-los num momento crítico. Tínhamos divergências sobre alguns detalhes, mas eram homens bravos e honrados que haviam em várias ocasiões salvado membros do nosso grupo e que tinham hipóteses consideráveis de êxito.»

«(Em 1935), os meus contactos pessoais deram-me acesso a alguns documentos altamente secretos do serviço central do Partido, que diziam respeito a “Abu” Enukídze e ao seu grupo. Os documentos permitiram-nos descobrir o que os stalinistas sabiam sobre aqueles que trabalhavam contra eles.»

«Enukídze era um comunista convicto da ala direita. Nos anos 30, era provavelmente o homem mais corajoso no Krémline. O conflito aberto entre Stáline e Enukídze remontava à elaboração da lei de 1 de Dezembro de 1934, adoptada imediatamente a seguir ao assassinato de Kírov. Enukídze tinha entre os subordinados um punhado de homens tecnicamente eficazes e úteis à comunidade, mas que eram anticomunistas.»²³⁶

Em meados de 1935, Enukídze foi posto sob prisão domiciliária. O tenente-coronel Gaí, dirigente do grupo de Tokáev, organizou a sua fuga. Em Róstov-sobre-o-Don, tiveram um encontro com Cheboldáiev, primeiro-secretário do comité do Partido na região Azov-Mar Negro, Pivovárov, presidente do soviete da região, e Lárine, responsável local. Enukídze e Gaí seguiram depois para Sul, mas foram surpreendidos pelo NKVD já próximo de Baku. Gaí abateu dois homens antes de ser também abatido.²³⁷

O segundo grupo oposicionista com o qual a organização de Tokáev tinha contactos era o de Bukhárine. Estas ligações já foram acima descritas. Tokáev afirma que o seu grupo tinha relações próximas com uma terceira facção na direcção do Partido, a de Iágoda, o chefe da Segurança.

«Estávamos a par do poder que tinha o chefe do NKVD, Iágoda, no seu papel, não de servidor, mas de inimigo do regime.»²³⁸

Tokáev diz que Iágoda protegeu muitos dos seus homens que estavam em perigo. Quando Iágoda foi preso, o grupo Tokáev perdeu todas as ligações com a direcção da Segurança. Foi um golpe extremamente duro para o seu movimento clandestino.

«O NKVD, agora dirigido por Ejov, deu passos em frente. O Bureau Político restrito tinha descoberto as conspirações do grupo Enukídze-Cheboldáiev e do grupo Iágoda-Zelínski e havia cortado as ligações da oposição com as instituições centrais da polícia política. (...) Iágoda foi afastado do NKVD e nós perdemos um importante elo no nosso serviço secreto da oposição.»²³⁹

Quais eram as intenções, os projectos e as actividades do grupo de Tokáev? *«Muito antes de 1934»*, diz Tokáev, *«o nosso grupo tinha planeado assassinar Kírov e Kalínine, o presidente da União Soviética. Finalmente, foi outro grupo que executou a operação contra Kírov, um grupo com o qual tínhamos contactos.»²⁴⁰* (...) *«Em 1934 houve uma conspiração para iniciar uma revolução com a prisão de todos os stalinistas reunidos no XVII Congresso do Partido.»²⁴¹* Recordemos que Bukhárine falou deste plano, que atribuiu a Enukídze e Tómski durante o seu julgamento processo.

«Klava Eriómenko, uma camarada do grupo, havia proposto matar Stáline em meados de 1936. Ela conhecia oficiais da guarda de Stáline. O Camarada X recusou porque já tinha havido 15 tentativas falhadas que tinham provocado numerosas perdas.»²⁴²

«Em Agosto de 1936 cheguei à conclusão de que devíamos fazer os preparativos para uma insurreição armada geral. Na altura estava seguro, como ainda hoje estou, de que, se o Camarada X tivesse lançado um apelo às armas, muitos grandes homens da URSS

ter-se-iam juntado a ele. Em 1936, Álksnis, Egórov,²⁴³ Ossepian e Kachírine tê-lo-iam seguido.»²⁴⁴ Note-se que todos estes generais foram executados por participação na conspiração de Tukhatchévski. No entanto, Tokáev considera que em 1936 teriam tido homens suficientes no Exército para realizar um golpe de Estado com êxito, para o qual Bukhárine, ainda vivo, encontraria apoio no campesinato.

«Um dos nossos pilotos», afirma Tokáev, «apresentou ao Camarada X, a Álksnis e a Ossepian, um plano para bombardear o Mausoléu de Lénine e o Bureau Político.²⁴⁵ A 20 de Novembro de 1936, em Moscovo, durante uma reunião clandestina com cinco membros, o Camarada X propôs a Demócratov assassinar Ejov durante o VIII Congresso Ex-traordinário dos Sovietes.²⁴⁶

«Em Abril de 1939 organizámos um congresso de dirigentes da oposição clandestina. Ao lado dos democratas revolucionários, havia dois socialistas e dois militares da oposição de “direita” (bukharinista). Adoptámos uma resolução que, pela primeira vez, definia o stalinismo como um fascismo contra-revolucionário, uma traição fascista à classe operária. A resolução foi imediatamente comunicada às personalidades eminentes do Partido e do governo e organizaram-se conferências similares noutros centros. Ponderámos também as possibilidades de uma insurreição armada contra Stáline num futuro imediato.»²⁴⁷ Anote-se que o mote «bolchevismo é idêntico ao fascismo» foi desenvolvido por um grupo de conspiradores, partidários da democracia burguesa e do imperialismo anglo-americano.

Mais tarde, Tokáev discute com um oficial superior do distrito militar de Leningrado, chamado na clandestinidade Smolnínski, sobre a possibilidade de um atentado contra Jdánov.²⁴⁸

No início de 1941, alguns meses antes da guerra, houve outra reunião onde os conspiradores discutiram a hipótese de um atentado contra Stáline em caso de guerra. Finalmente, decidiram que tal não era oportuno. Primeiro, porque já não tinham os homens suficientes para dirigir o país. E depois, diz Tokáev, naquele momento, as massas não os teriam seguido.²⁴⁹

Quando a guerra rebentou, a direcção do Partido propôs a Tokáev, que falava alemão, que fosse dirigir as operações dos resistentes atrás das linhas nazis. Obviamente, os franco-atiradores corriam riscos enormes. Então, o Camarada X decidiu que Tokáev não podia aceitar. *«Nós deveríamos, se possível, permanecer nos centros principais para estarmos prontos a tomar o poder, no caso de o regime de Stáline se desmoronar.»* Este ponto foi discutido numa reunião clandestina realizada em 5 de Julho de 1941.²⁵⁰

Após a guerra, em 1947, Tokáev foi encarregado de falar com o professor alemão Tank, especialista em aeronáutica, para convencê-lo a ir trabalhar na União Soviética.

«Tank estava pronto para trabalhar num avião de combate a jacto. Discuti o assunto com alguns homens-chave. Partilhávamos a ideia de que era errado pensar que os engenheiros da aeronáutica soviética não seriam capazes de projectar um bombardeiro a jacto, mas considerámos que não era do interesse do País que o fizessem. Na nossa opinião, a URSS não estava realmente ameaçada por inimigos exteriores. Por essa razão, nossos esforços deveriam ser dirigidos para o enfraquecimento – e não para o reforço – do imperialismo monopolista soviético, na esperança de assim tornar possível uma revolução democrática.»²⁵¹

Tokáev reconhece aqui que a sabotagem económica e militar era um meio de luta utilizado pela sua organização clandestina. Alguns destes exemplos dão-nos uma ideia da actividade conspirativa deste grupo militar clandestino, escondido no seio do partido

bolchevique, cujos sobreviventes viram seus «ideais» reconhecidos após a chegada ao poder de Khruchov e, mais tarde, realizados sob Gorbatchov.

A depuração de 1937-1938

A depuração propriamente dita foi decidida após a descoberta da conspiração militar de Tukhatchévski. A descoberta de um *complot* no mais alto escalão do Exército Vermelho, *complot* que tinha ramificações com as fracções oportunistas do Partido, provocou um verdadeiro pânico.

Desde há vários anos que a direcção do Partido tinha a convicção de que a guerra com o fascismo era inevitável. O facto de os mais altos chefes do Exército Vermelho e alguns dirigentes do Partido terem elaborado secretamente planos para um golpe de estado produziu um verdadeiro choque. Os dirigentes bolcheviques aperceberam-se da gravidade do perigo interno e das suas ligações com a ameaça exterior. Stáline compreendia perfeitamente que o confronto entre a Alemanha nazi e a União Soviética custaria milhões de vidas soviéticas. A decisão de eliminar fisicamente a quinta coluna não foi de modo nenhum um sinal da «paranóia do ditador», como afirmava a propaganda nazi, mostrou sim a determinação de Stáline e do partido bolchevique de enfrentar o fascismo numa luta de morte. Eliminando a quinta coluna, Stáline salvou a vida de vários milhões de soviéticos. Esses mortos teriam constituído um preço suplementar a pagar caso a agressão exterior pudesse tirar proveito de sabotagens, de provocações e de traições internas.

No capítulo anterior vimos que a campanha contra o burocratismo no Partido, sobretudo ao nível das suas estruturas intermédias, atingiu grande amplitude em 1937. No decurso desta campanha, Iaroslávski²⁵² atacou duramente o aparelho burocrático. Afirmou que, em Sverdlóvsk, metade dos membros dos *presidium* das instituições governamentais tinha sido cooptada. O Soviete de Moscovo não se reunia senão uma vez por ano. Os dirigentes não conheciam nem sequer de vista os seus subordinados. Iaroslávski constatou:

*«Este aparelho do Partido, que deveria ajudar o Partido, coloca-se frequentemente entre as massas e os dirigentes do Partido e reforça ainda mais o distanciamento dos dirigentes das massas.»*²⁵³

Getty escreveu: *«O Centro tentava despertar a crítica dos activistas de base contra o escalão intermédio do Partido. Sem a sanção oficial e a pressão de cima, teria sido impossível à base organizar e manter um tal movimento contra os seus superiores directos.»*²⁵⁴

A atitude burocrática e arbitraria dos homens dos aparelhos locais era reforçada pelo seu monopólio no domínio da experiência administrativa. A direcção bolchevique queria encorajar a base a lutar contra as tendências burocráticas e burguesas. Getty diz a este propósito: *«O controlo populista a partir da base não era ingénuo. Era antes uma tentativa vã, embora sincera, de utilizar os militantes de base para romper as máquinas fechadas das regiões.»*²⁵⁵

No começo de 1937, um sátrapa como Rumiántsev, que dirigia a região Ocidental, um território do tamanho de um Estado europeu, não podia ser destronado só pela crítica da base. O seu afastamento foi determinado a partir de cima, por ligação ao *complot* militar enquanto próximo de Ubórevitch.

«As duas correntes radicais dos anos 30 convergiram em Julho de 1937 e a turbulência que se seguiu visou a destruição da burocracia. A campanha de Jdánov para fazer reviver o Partido e a caça aos inimigos dirigida por Ejov fundiram-se dando origem a um “terror populista” caótico que varreu o Partido. (...) O populismo antiburocrático e o terror policial destruíram quer a burocracia, quer os burocratas. O radicalismo tinha revolvido completamente a máquina política e destruído a burocracia do Partido.»²⁵⁶

A luta contra a infiltração nazi e a conspiração militar fundiu-se deste modo com a luta contra o burocratismo e os feudos. Houve uma depuração revolucionária de alto a baixo, que começou com uma decisão-chave, assinada em 2 de Julho de 1937, por Stáline e Mólotov. Ejov assinará em seguida as ordens de execução de 75 950 pessoas, cuja hostilidade irredutível para com o povo soviético era conhecida: criminosos de direito comum, kulaques, contra-revolucionários, espões e elementos anti-soviéticos. Os casos eram examinados por uma *troika* composta pelo secretário do Partido, o presidente do soviete local e o chefe do NKVD.

Logo em Setembro de 1937, os responsáveis pela depuração ao nível regional e os enviados especiais da direcção fizeram pedidos de aumento das quotas dos elementos anti-soviéticos que podiam ser executados. Mas a depuração caracterizou-se amiúde pela ineficácia e a anarquia. Num momento em que o NKVD de Minsk se preparava para prender o coronel Kutsner, este tomou o comboio para Moscovo, e aí conseguiu obter um lugar de professor na Academia Frúnze! Citando os testemunhos de Grigorénko e de Ginzbourg, dois adversários de Stáline, Getty anotou: *«Uma pessoa que sentisse que a sua prisão estava iminente, podia ir para outra cidade e, regra geral, evitava ser preso.»²⁵⁷*

Secretários regionais do Partido faziam prova da sua vigilância denunciando e expulsando um grande número de quadros inferiores e de membros de base.²⁵⁸ Oposicionistas escondidos no seio do Partido prepararam intrigas para expulsar o máximo de quadros comunistas leais. A este propósito um oposicionista testemunha: *«Tentávamos expulsar do Partido tantas pessoas quanto possível. Expulsávamos pessoas sem razão alguma. Tínhamos um único objectivo em vista – aumentar o número de pessoas descontentes e assim aumentar o número dos nossos aliados.»²⁵⁹*

Dirigir um país gigantesco, complexo, que continuava a ter grandes atrasos para vencer, era uma tarefa de uma dificuldade extrema. Nos múltiplos domínios estratégicos, Stáline concentrava-se na elaboração das linhas directrizes gerais. Depois, a sua concretização era confiada a outros dirigentes. Assim, para aplicar as linhas directrizes da depuração, Iágoda, um liberal que se tinha atolado em *complots* dos oposicionistas, foi substituído por Ejov, um velho bolchevique de origem operária.

Mas após três meses de depuração dirigida por Ejov, encontramos indícios de que Stáline não estava satisfeito com o desenvolvimento da operação. Em Outubro de 1937, interveio para afirmar que os dirigentes da economia eram dignos de confiança. Em Dezembro, celebrou-se o 20.º aniversário do NKVD. Desde há algum tempo que a imprensa promovia o culto do NKVD, «a vanguarda do Partido e da revolução». Contra qualquer expectativa, Stáline não esperou pelo fim das comemorações! No final de Dezembro, três deputados comissários do NKVD foram demitidos das suas funções.²⁶⁰

Em Janeiro de 1938, o Comité Central publica uma resolução sobre o desenrolar da depuração, onde reafirma a necessidade da vigilância e da repressão contra os inimigos e os espões, mas critica a «falsa vigilância» de alguns secretários do Partido que atacam a base para proteger a sua própria posição. O documento começa com o seguinte:

«O Plenário do Comité Central do Partido Comunista de toda a União (bolchevique) considera que é necessário chamar a atenção das organizações do Partido e dos seus dirigentes para o facto de que, ao dirigirem o essencial dos seus esforços para a depuração das suas fileiras dos agentes trotskistas e direitistas-fascistas, têm cometido erros e perversões sérias que prejudicam a depuração do Partido dos agentes duplos, dos espões e dos sabotadores. Não obstante as directivas e advertências repetidas do Comité Central, as organizações do Partido adoptam em numerosos casos uma abordagem completamente errónea e expulsam comunistas do Partido com uma leviandade criminoso.»²⁶¹

A resolução identifica dois grandes problemas organizativos e políticos que estavam na base dos desvios da depuração: a presença de comunistas que procuram unicamente fazer carreira e a presença de inimigos infiltrados entre os quadros.

«Continuamos a ter um certo número de comunistas-carreiristas que não foram expostos e desmascarados. Esta gente procura ganhar importância e conseguir uma promoção recomendando expulsões do Partido, reprimindo membros do Partido; procura proteger-se contra acusações de eventuais faltas de vigilância reprimindo de forma indiscriminada membros do Partido. (...) Este género de comunistas-carreiristas, sempre em busca de benesses, espalha de forma indiscriminada o pânico a propósito dos inimigos do povo; nas reuniões do Partido estão sempre prontos a exigir com grande alarido a expulsão de membros do Partido por várias razões formalistas ou sem qualquer razão.»

«Além disso, surgiram numerosos casos de inimigos do povo camuflados, sabotadores e agentes duplos, que organizam com fins provocatórios a entrega de acusações caluniosas contra membros do Partido e, sob a aparência de “vigilância reforçada”, procuram expulsar do Partido comunistas honestos e dedicados. Conseguem assim desviar as atenções de si próprios e conservar as suas posições nas fileiras do Partido. (...) Através de medidas repressivas, querem atingir os nossos quadros bolcheviques e lançar a incerteza e a suspeição excessiva nas nossas fileiras.»

Nesta passagem queremos chamar a atenção para a falsificação de Khruchov. No seu «relatório secreto», consagra um capítulo inteiro à denúncia da «grande purga». «*Servindo-se da afirmação de Stáline, provocadores infiltrados nos órgãos de segurança de Estado*» em conjunto com «*carreiristas sem consciência*» semearam o terror. O leitor pode constatar que se trata precisamente dos dois tipos de elementos hostis contra os quais Stáline preveniu logo em Janeiro de 1938! Khruchov alega que esses provocadores e carreiristas se serviram da tese de Stáline de que «*quanto mais próximos estivermos do socialismo, mais inimigos teremos*», fórmula inventada integralmente pelo próprio Khruchov.²⁶²

É certo que houve comunistas injustamente atingidos, que foram cometidos crimes durante a depuração. Mas, com uma grande clarividência, Stáline denunciou tudo isso seis meses após a operação se iniciar. Dezoito anos mais tarde, Khruchov utiliza os actos criminosos de provocadores e carreiristas, denunciados na altura por Stáline, como pretexto para denegrir a depuração em si e obscurecer Stáline.

Voltemos à Resolução de Janeiro de 1938 para salientar a seguinte conclusão: «*É tempo de compreendermos que a vigilância bolchevique consiste sobretudo na capacidade de desmascarar um inimigo, independentemente da sua inteligência, astúcia e disfarce, e não na expulsão indiscriminada e por minudências de dezenas e de centenas de pessoas, de todos aqueles que estão a jeito.*»

É preciso «pôr fim às expulsões em massa e de forma indiscriminada e adoptar uma abordagem realmente individualizada e diferenciada em matéria de expulsão do Partido ou na reintegração como membros de pleno direito das pessoas indevidamente expulsas».

É necessário «demitir dos seus cargos e responsabilizar pelos seus actos aqueles dirigentes que expulsam militantes sem verificar cuidadosamente todos os materiais e que revelam uma atitude arbitrária para com os membros do Partido.»²⁶³

No seu livro, Tokáev considera provável que opositoristas anticomunistas tenham provocado excessos durante a depuração para desacreditar e enfraquecer o Partido.

«O medo de serem acusados de falta de vigilância levava fanáticos locais a denunciar não apenas bukharinistas, mas também malenkovistas, ejovistas, até mesmo stalinistas. É claro que não é impossível que tenham sido levados a agir dessa forma por influência de opositoristas clandestinos! (...) Numa reunião conjunta do Comité Central e da Comissão Central de Controlo, realizada no Outono de 1938, Béria declarou que se Ejov não era um agente nazi consciente, era-o certamente involuntariamente. Ele tinha transformado os serviços centrais do NKVD numa incubadora de agentes nazis.»²⁶⁴

«Gardinachvili, um dos meus melhores contactos, teve uma conversa com Béria pouco antes deste ser nomeado chefe da polícia. Gardinachvili perguntou a Béria se Stáline não via a desordem causada por tantas execuções; se não se apercebia que o reino do terror tinha ido longe de mais e que se tinha tornado contraproducente; pessoas altamente colocadas perguntavam-se se o NKVD não estaria infiltrado por agentes nazis que utilizavam a sua posição para desacreditar o nosso País. A réplica realista de Béria foi que Stáline estava bem consciente de tudo isso, mas que havia uma dificuldade técnica: o rápido restabelecimento da “normalidade” num Estado controlado centralmente com a dimensão da URSS era uma tarefa imensa.

«Além disso, havia um perigo real de guerra e por isso o governo devia mostrar-se muito prudente quando se tratava de relaxamento.»²⁶⁵

A rectificação

A 11 de Novembro de 1938, Stáline e Mólotov assinam uma decisão categórica para pôr fim aos excessos verificados no decurso da depuração.

«As operações gerais destinadas a esmagar e destruir os elementos inimigos, realizadas pelos órgãos do NKVD em 1937-1938, num momento em que os procedimentos de instrução e julgamento foram simplificados, tinham necessariamente de conduzir ao aparecimento de numerosos e graves erros no trabalho dos órgãos do NKVD e da Procuradoria. Esta situação foi agravada pelo facto de inimigos do povo e espões dos serviços secretos estrangeiros terem penetrado nos órgãos do NKVD tanto a nível central como local. Tentaram por todos os meios baralhar os dossiers de instrução. Alguns agentes deformaram conscientemente as leis soviéticas, procederam a prisões maciças e injustificadas, protegendo ao mesmo tempo os seus acólitos, nomeadamente aqueles que se haviam infiltrado nos órgãos do NKVD.

«As falhas absolutamente intoleráveis verificadas no trabalho dos órgãos do NKVD e da procuradoria só puderam acontecer porque os inimigos do povo, infiltrados nos órgãos do NKVD e na Procuradoria, usaram todos os meios para separar o trabalho

dos órgãos do NKVD e da Procuradoria dos órgãos do Partido, para escapar ao controlo e à direcção do Partido e assim facilitar, a si próprios e aos seus acólitos, a continuação das suas actividades anti-soviéticas.

«O Conselho dos Comissários do Povo e o Comité Central do PCU(b) decidem:

«1. Proibir os órgãos do NKVD e da Procuradoria de efectuarem operações maciças de prisão e deportação. (...) O CCP e o CC do PCU(b) previnem todos os funcionários do NKVD e da Procuradoria de que, à menor infracção das leis e directivas do Partido e do governo, sem outras considerações de ordem pessoal, serão individualmente objecto de um rigoroso procedimento judicial.

V. Mólotov, I. Stáline»²⁶⁶

O número de pessoas atingidas durante a «grande purga» continua a suscitar grande controvérsia. Este foi sempre um assunto predilecto para a intoxicação. Segundo Rittersporn, em 1937-1938, houve 278 818 expulsões do Partido, o que é muito menos do que em anos precedentes. Em 1933 houve 854 330 expulsões, em 1934 e em 1935 o número foi de 342 294 e de 281 872, respectivamente. Em 1936 tinha havido 95 145 expulsões.²⁶⁷ Contudo, é preciso sublinhar o carácter particular das depurações realizadas em cada um dos períodos examinados.

Contrariamente às depurações regulares, a «grande purga» visou principalmente os quadros. Segundo Getty, de Novembro de 1936 a Março de 1939, houve menos de 180 mil expulsões do Partido,²⁶⁸ considerando o número de pessoas reintegradas.

Antes do plenário de Janeiro de 1938, foram apresentados 53 700 recursos em processos de expulsão. Em Agosto de 1938, o número de novos recursos elevou-se a 101 235. Nesse momento, de um total de 154 933 recursos, os comités do Partido já haviam examinado

85 273, sendo que em 54 por cento dos casos foi reconhecido o direito de reintegração.²⁶⁹ Nada demonstra melhor a falsidade da afirmação de que a depuração foi um terror cego e sem apelo, organizado por um ditador irracional.

Conquest pretende que houve sete a nove milhões de prisões em 1937-1938. Ora, nessa época, o número de operários industriais não ultrapassava os oito milhões. Conquest baseia o seu cálculo «essencialmente nas memórias de antigos prisioneiros, segundo os quais quatro a cinco por cento da população soviética foram encarcerados ou deportados.»²⁷⁰ Trata-se de números fantasistas, inventados a partir do nada por inimigos do socialismo decididos a prejudicar o regime por todos os meios. As suas «estimativas» não se fundamentam em nenhum elemento material sério.

«Por falta de dados materiais, todas as estimativas sem excepção são desprovidas de valor e é difícil não estar de acordo com Brzezinski, quando assinala que é impossível fazer estimativas sem cometer erros de centenas de milhares e mesmo de milhões.»²⁷¹

Fazemos aqui uma pequena incursão no *Gulag* para abordar o problema mais geral do número de pessoas enviadas e mortas nos campos de trabalho correcional. A palavra *Gulag*²⁷² é o acrónimo russo de Administração Principal dos Campos e Prisões.

Armado de toda a ciência da estatística e da extrapolação, Robert Conquest fez os seguintes cálculos: cinco milhões de reclusos no *Gulag* no começo de 1934; mais sete milhões de presos durante a depuração de 1937-1938, o que perfaz 12; desconta-se um milhão de executados e dois milhões de mortos por causas diversas durante esses dois anos. E chega-se assim ao número exacto de nove milhões de presos políticos em 1939 «sem contar os de delito comum»²⁷³.

Conhecendo agora a amplitude da repressão, Conquest dispôs-se a contar os cadáveres. Entre 1939 e 1953, a taxa de mortalidade média «rondou os dez por cento» ao ano. Ora, como durante este período o número de detidos estabilizou em torno dos oito milhões, isso quer dizer que durante esses 14 anos, 12 milhões de pessoas foram assassinadas no *Gulag* pelo stalinismo.

Os irmãos Medvédev, esses «comunistas» da escola de Bukhárine-Gorbatchov, confirmam, no essencial, aqueles números reveladores: «*Durante a vida de Stáline havia entre doze a treze milhões de pessoas nos campos*». Sob Khruchov, que fez «renascer as esperanças de democratização», as coisas melhoraram muito, bem entendido: no *Gulag* não havia mais do que «dois milhões de criminosos de delito comum.»²⁷⁴. Até aqui, não havia problemas. Tudo ia pelo melhor para os anticomunistas. Acreditávamos nas suas palavras.

Mas, mais tarde, a URSS eclodiu e alguns discípulos de Gorbatchov puderam acercarse dos arquivos soviéticos. Em 1990, os historiadores soviéticos Zemskov e Dúguine publicaram as estatísticas inéditas do *Gulag*. Nelas constam as chegadas e as partidas dos reclusos até o último homem. Consequência inesperada: estes registos permitiram arrancar a máscara científica a Conquest.

Em 1934, Conquest contou cinco milhões de reclusos políticos. De facto, oscilaram entre 127 mil e 170 mil. O número exacto de todos os detidos, políticos e de delito comum, nos campos de trabalho era de 510 307. No conjunto dos detidos, os políticos representavam entre 25 e 33 por cento. Aos 150 mil reclusos políticos, Conquest acrescentou quatro milhões e 850 mil. Um pequeno detalhe...

Conquest tinha calculado uma média anual de oito milhões de detidos nos campos. E Medvédev 12 a 13 milhões. Na realidade, o número de detidos políticos oscilou entre um mínimo de 127 mil, em 1934, e um máximo de 500 mil entre 1941 e 1942, os dois primeiros anos da guerra. Os números reais foram assim multiplicados de 16 até 26 vezes. Para uma média verificada entre 236 mil e 315 mil presos políticos, Conquest inventou mais sete milhões e 700 mil! Erro estatístico marginal, certamente. No entanto, nos nossos livros escolares, nos nossos jornais, não encontramos o número real de 272 mil, mas a calúnia dos oito milhões.

Conquest, o falsificador, pretendeu que em 1937-1938, durante a «grande purga», os campos se encheram com sete milhões de «políticos», que houve mais um milhão de execuções e mais dois milhões de mortos. De facto, de 1936 a 1939, o número de detidos nos campos aumentou em 477 789 pessoas (passando de 839 406 para 1 317 195). Um factor de falsificação de 14. Em dois anos, as mortes cifraram-se em 115 922 e não dois milhões. Ou seja, à cerca de 116 mil pessoas que faleceram devido a causas diversas, Conquest acrescentou um milhão e 884 mil «vítimas do stalinismo».

Medvédev, o ideólogo de Gorbatchov, refere entre 12 a 13 milhões de pessoas nos campos; sob o liberal Khruchov, restariam apenas dois milhões: políticos e de delito comum. Na realidade, no tempo de Stáline, o ano em que se registou um maior número de reclusos de delito comum no *Gulag* foi em 1951, com 1 948 158 indivíduos, ou seja, precisamente o mesmo que sob Khruchov. O número real dos presos políticos elevava-se então a 579 878. A maior parte dos «políticos» eram indivíduos que tinham colaborado com os nazis: 334 538 tinham sido condenados por traição.

Segundo Conquest, entre 1939 e 1953, a mortalidade nos campos foi de dez por cento ao ano, num total de 12 milhões de «vítimas do stalinismo». Uma média de 855 mil mortos por ano. Na verdade, o número real, em tempo normal, foi de 49 mil. Conquest inventou um excedente de 806 mil mortos por ano. Durante os quatro anos da guerra,

quando a barbárie nazi tinha imposto condições insuportáveis a todos os soviéticos, a mortalidade média nos campos foi de 194 mil. Assim, em quatro anos, os nazis causaram 580 mil mortes suplementares que foram imputadas a Stáline.

Werth, que denunciou as falsificações de Conquest, esforçou-se mesmo assim por manter tanto quanto possível o mito dos «crimes stalinistas». «*Em 14 anos (1934-1947), registou-se um milhão de mortes apenas nos campos de trabalho*». Assim, também Werth coloca os 580 mil mortos suplementares causados pelos nazis na conta do socialismo!

Voltemos agora à depuração propriamente dita. Uma das calúnias mais correntes afirma que a depuração visava eliminar a «velha guarda bolchevique». Mesmo um inimigo do bolchevismo tão vicioso quanto Brzezinski aproveitou esta lengalenga.²⁷⁵ Em 1934 havia 182 600 «velhos bolcheviques» no Partido, isto é, membros cuja adesão ao Partido remontava pelo menos a 1920. Em 1939, eles eram 125 mil. A grande maioria, 69 por cento, permaneceu sempre no Partido. No espaço de cinco anos registou-se uma perda de 57 mil pessoas, ou seja, 31 por cento. Alguns morreram de causas naturais, outros foram expulsos, outros ainda, executados. É evidente que uma parte tombou durante a depuração, não porque eram «velhos bolcheviques», mas devido ao seu comportamento.²⁷⁶

Para concluir, damos a palavra ao professor J. Arch Getty que, no final do seu notável livro, *Origins of the Great Purges (Origens das Grandes Purgas)*, diz o seguinte: «*Os dados materiais indicam que a “Ejovchina” (a “grande purga”) deve ser redefinida. Ela não foi o resultado de uma burocracia petrificada que eliminou dissidentes e destruiu velhos revolucionários radicais. De facto, é possível que as depurações tenham sido justamente o contrário. Não é incompatível com os dados disponíveis argumentar que as depurações foram uma reacção radical, e mesmo histórica, contra a burocracia. Os funcionários bem colocados foram destruídos de alto a baixo numa onda caótica de voluntarismo e puritanismo revolucionário.*»²⁷⁷

A burguesia ocidental e a depuração

A depuração de 1937-1938 atingiu globalmente o seu objectivo. É verdade que houve muitos erros que provavelmente não se podiam evitar naquela situação concreta do Partido. A maior parte dos elementos da quinta coluna nazi tombou durante a depuração. E quando os fascistas atacaram a URSS, encontraram muito poucos colaboradores no aparelho do Estado e no Partido.

Quando ouvimos os sociais-democratas, os democratas-cristãos, os liberais e outros burgueses falarem do «terror absurdo» de Stáline, gostaríamos de lhes perguntar onde estavam eles e os seus semelhantes em 1940, quando os nazis ocuparam a Bélgica e a França. A grande maioria daqueles que, no nosso País, denunciaram a depuração de Stáline, apoiou activa ou passivamente o regime nazi desde a sua instalação. Quando os nazis ocuparam a Bélgica, Henri de Man, o presidente do Partido Socialista Belga, fez uma declaração oficial para felicitar Hitler, anunciando que a chegada das tropas hitlerianas significava «a libertação da classe operária»!

No seu Manifesto de Junho de 1940, Henri de Man, em nome do Partido Operário Belga [assim se chamou o PSB até 1945], escreveu: «*A guerra conduziu à derrocada do regime parlamentar e da plutocracia capitalista nas pretensas democracias. Para as classes trabalhadoras e para o socialismo, este desmoronamento de um mundo*

*decrépito, longe de ser um desastre, é uma libertação. A via está livre para as duas causas que resumem as aspirações do povo: a paz e a justiça social.»*²⁷⁸

Nos cursos de história somos matraqueados com todo o tipo de ataques mentirosos contra Stáline, mas não nos dizem que o presidente do Partido Socialista Belga, grande crítico da depuração stalinista, aclamou os nazis em Bruxelas! É um facto estabelecido que não só Henri de Man, mas também Achille Van Acker, futuro primeiro-ministro da Bélgica «democrática», colaboraram com os nazis desde a sua chegada a Bruxelas. Deste modo, pode-se com-preender que tal gente considerasse a depuração organizada por Stáline como «criminosa» e «absurda». Eles, que se dispuseram a colaborar com os nazis, eram da mesma família que a maior parte das «vítimas da depuração». Também na França, a grande maioria dos parlamentares socialistas votou os plenos poderes a Pétain e ajudou assim a instaurar o regime colaboracionista de Vichy.

Além disso, quando os nazis ocuparam a Bélgica, a resistência foi quase inexistente. Nas primeiras semanas e nos primeiros meses não houve resistência assinalável. Quase em bloco, a burguesia belga colaborou. E as grandes massas suportaram e aceitaram passivamente a ocupação. O francês Henri Amouroux escreveu um livro intitulado *Quarenta Milhões de Petanistas*.²⁷⁹

Façamos a comparação com a União Soviética. Desde que os nazis puseram os pés no território soviético, tiveram pela frente militares e civis decididos a lutar até à morte. A depuração foi acompanhada de uma campanha permanente de preparação política e ideológica dos trabalhadores para a guerra de resistência. A vigilância antinazi foi a base desta campanha. No seu livro sobre os Urais, o engenheiro americano Scott descreve como esta campanha política se desenvolveu nas fábricas de Magnitogorsk. Relata-nos como o Partido explicava a situação mundial aos operários, nos jornais, nas conferências, através de filmes e de peças de teatro. Fala-nos do impacto profundo que esta educação produziu nos operários.

Foi graças, entre outras coisas, à campanha de depuração e à educação que a acompanhou que o povo soviético encontrou forças para resistir. Se não tivesse havido essa vontade feroz de se opor por todos os meios aos nazis, é evidente que os fascistas teriam tomado Leningrado, Moscovo e Stalingrado. Se a quinta coluna nazi tivesse sobrevivido, teria encontrado apoio entre os derrotistas e os capitulacionistas do Partido. Uma vez a direcção stalinista derrotada, a URSS teria capitulado, como o fez a França. Uma vitória dos nazis na União Soviética teria imediatamente criado condições para que a tendência pró-nazi no seio da burguesia inglesa, sempre muito poderosa, se impusesse ao grupo de Churchill após a saída de Chamberlain. Os nazis teriam provavelmente dominado o mundo.

Notas

¹Henri Bernard, *Le Communisme et l'aveuglement occidental*, Ed. André Grisard, 1982 pp. 50 e 52-53.

²Gabor Tamas Rittersporn, *Simplifications staliniennes et complications soviétiques*, Editions des Archives Contemporaines, Paris, 1988, p. 39.

³Ibidem, pp. 13-15 e 38.

⁴Ibidem, pp.13-15 e 38.

⁵Traduzido do original russo, «Sobre as insuficiências do trabalho do Partido e as medidas para a liquidação dos trotskistas e outros dúplices, discurso no Plenário do CC do PCU(b), de 3 de

Março de 1937», in *I.V. Stáline, Obras, Izdatelstvo Pissátel*, Moscovo, 1997, tomo 14, págs. 151, 152 e 166 (NT).

⁶Boris Gueórguievitch Bajánov (1900-1982), membro do Partido desde 1919, ingressa em 1922 no departamento administrativo do CC dirigido por Káganovitch. No ano seguinte torna-se secretário do *Orgburo* e é nomeado secretário pessoal de Stáline. Em 1926 passa a trabalhar em simultâneo no Conselho Superior de Desporto, no Ministério das Finanças e como redactor do jornal *Finánsovaia Gazeta*. Foge da URSS em 1928 e instala-se em França até ao fim da vida (NT).

⁷Boris Bajanov, *Avec Stáline dans le Krémline*, Ed. de France, Paris, 1930, pp. 2-3.

⁸Ibidem, p. 7.

⁹Ibidem, pp. 4-5.

¹⁰Gueórgui Aleksándrovitch Solomone (verdadeiro apelido Issetski) (1868-...), de descendência nobre, participante activo no movimento revolucionário nos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX, aproxima-se do POSDR(b) e de Lénine, em Bruxelas, mas permanece nas posições mencheviques. Após a revolução regressa à Rússia, onde exerce diferentes cargos no governo soviético entre 1919 e 1923. Em 1923 foge para o Ocidente (NT).

¹¹Georg Solomon, *Parmis les maitres muges*, Série anticommuniste du Centre international de lutte active contre le communisme, Ed. Spes, Paris, 1930, p. 19.

¹²Ibidem, p. 36.

¹³Ibidem, p. 19.

¹⁴Ibidem, p. 36.

¹⁵Ibidem, pp. 348-351.

¹⁶Mikhail Vassílievitch Frúnze (1885-1925), membro do Partido desde 1904, do CC desde 1921 e candidato do *Politburo* em 1924. Foi um dos mais destacados chefes militares do Exército Vermelho durante a Guerra Civil. Em 1924 é nomeado comissário para os Assuntos Militares e Navais da URSS e, no ano seguinte, presidente do Conselho Revolucionário Militar da URSS. Falece subitamente após uma operação a uma úlcera no estômago (NT).

¹⁷Bajanov, op. cit., pp. 105-109.

¹⁸Grigóri Aleksándrovitch Tokáev, adoptou o nome de Gregóri Tokati, (1913-2003), cientista na área da dinâmica de foguetões e cosmonáutica. Estudante com capacidades excepcionais, é designado responsável pelo laboratório da Academia Aérea Militar Júkovski em 1938. Durante a II Guerra trabalha em projectos de aeronáutica militar. Com a patente de tenente-coronel, é enviado em 1947 para Berlim Ocidental com a missão de analisar arquivos científicos confiscados aos nazis. Aí transita para a zona inglesa onde solicita refúgio político. Em 1948 vai para Inglaterra e adopta a nacionalidade inglesa. A par da carreira académica, trabalha nos serviços secretos britânicos (onde recebe o nome de Gregóri Tokati) e, mais tarde nos EUA, participa na preparação do projecto Apolo-11, a primeira missão a pousar homens na Lua (NT).

¹⁹Tokáev, *Comrade X*, Harvill Press, Londres, 1956, p. 33.

²⁰Mikhail Nikoláievitch Tukhatchévski (1893-1937), membro do Partido desde 1918, candidato do CC desde 1934. Chefe militar durante a Guerra Civil, é nomeado, em 1931, vice-comissário para os Assuntos Militares e Marítimos (designado em 1934 Comissariado da Defesa), vice-comissário da Defesa (1934-36), marechal da União Soviética (1935). Preso em Maio de 1937, é julgado e condenado à morte por espionagem, traição e preparação de actos terroristas (NT).

²¹Aleksandr Aleksándrovitch Zinóviev (1922-2006), filósofo, sociólogo, publicista, com vasta obra publicada. Doutorado em Ciências Filosóficas pela Universidade Estatal de Moscovo, seguiu a carreira académica, chegando a dirigir a cátedra de Filosofia (1965-67). Em 1976, após a publicação na Suécia de um romance seu, é expulso da URSS. Faleceu em 10 de Maio de 2006, com 84 anos, em Moscovo, onde vivia após ter regressado à Rússia na década de 90. Na fase final da sua vida tornou-se um defensor da União Soviética reconhecendo as vantagens do sistema socialista (NT).

²²Alexandre Zinóviev, op. cit., p. 105.

²³Ibidem, p. 104.

²⁴Ibidem, p. 126.

²⁵Mikhail Aleksándrovitch Bakúnine (1814-1874), revolucionário russo ideólogo do anarquismo. Tentou cindir a I Internacional, criando no seu seio a Aliança Internacional da Democracia Socialista, o que lhe valeu a expulsão em 1872 (NT).

²⁶Piotr Alekséievitch Kropótkine (1842-1921), destacado dirigente do anarquismo. Apesar de ter aderido ao social-chauvinismo na I Guerra, em 1920 apela aos operários da Europa para impedirem uma intervenção armada contra a Rússia Soviética (NT).

²⁷Andrei Ivánovitch Jeliábov (1851-1881), revolucionário populista russo membro do Comité Executivo do *Naródnaiá Vólia* (Liberdade do Povo), a maior organização populista fundada em Petersburgo em 1879, que perpetrou o atentado contra o tsar Aleksandr II, em 1881, sofrendo a partir daí prisões em massa que levaram à sua extinção nos anos seguintes (NT).

²⁸Alexandre Zinóviev, p. 110 e 118.

²⁹Ibidem, pp. 113 e 111.

³⁰Ibidem, p. 115.

³¹Ibidem, pp. 118, 120 e 122.

³²Ibidem, p. 116.

³³Carr, *Foundations of a Planned Economy*, 1926-1929, vol II, pp. 7, 10 e 11, 20.

³⁴Ibidem, pp. 28-29.

³⁵Carr, *Foundations of a Planned Economy*, 1926-1929, vol II, p. 42.

³⁶Ibidem, p. 49.

³⁷Grigóri Ereméevitch Evdokímov, (1884-1936), membro do Partido entre 1903 e 1927, 1928 e 1934, do CC (1919-20 e 1923-27). Secretário do Comité de Leningrado (1925), presidente da União da Agricultura Cooperativa da região de Samara (1929-34) e alto funcionário do Commissariado da Indústria Alimentar. Correligionário de Zinóviev, foi um dos líderes da chamada «Nova Oposição» em 1925. Após sucessivas expulsões e reintegrações no Partido, após reconhecer os seus erros políticos, em 1934 é detido e condenado a oito anos de prisão no processo do «Centro de Moscovo» que terminou em Janeiro de 1935. Em 1936 é de novo julgado no processo do «Centro Unificado Anti-Soviético Trotskista-Zinovievista», sendo condenado a fuzilamento (NT).

³⁸Carr, *Foundations of a Planned Economy*, 1926-1929, vol II, p. 60.

³⁹Kark Berngárdovitch Rádek, verdadeiro apelido Sobelson, (1885-1939), ingressa no Partido Socialista Polaco em 1902, adere ao POSDR em 1903 e, no ano seguinte, ao movimento social-democrata do Reino da Polónia e da Lituânia. Em 1917 junta-se aos bolcheviques, é eleito para o CC (1919-24), mas milita no grupo dos «Comunistas de Esquerda» que se opõem ao tratado de Brest-Litovsk. Membro do Comité Executivo do *Komintern* (1920-24), torna-se trotskista em 1923. Preso em 1936, é um dos principais arguidos do processo do «Centro Anti-Soviético Trotskista Paralelo». Em Janeiro de 1937 é condenado a dez anos de prisão, onde virá a falecer (NT).

⁴⁰Gueórgui Leonídovitch Piatakov (1890-1937), anarquista durante a revolução de 1905-07, adere ao Partido em 1910, membro do CC (1923-27 e 1930-36). Intervém contra as «Teses de Abril» de Lénine, torna-se um dos líderes dos «Comunistas de Esquerda» e manifesta-se contra a introdução da NEP. Após a morte de Lénine, apoia Trótski contra Stáline. Ocupou vários cargos de responsabilidade nos órgãos de poder soviético, nomeadamente como presidente do Banco Estatal da URSS (1930) ou vice-comissário da Indústria Pesada (1934). Preso em 1936, é julgado em 1937 no processo do «Centro Anti-Soviético Trotskista Paralelo» e condenado a fuzilamento (NT).

⁴¹Carr, *Foundations of a Planned Economy*, 1926-1929, vol II, p. 67.

⁴²Ibidem, p. 65.

⁴³Ibidem, p. 73.

⁴⁴Martemiane Nikítich Riútime (1890-1937), membro do Partido desde 1914, candidato do CC entre 1927-30. Comandante militar na Guerra Civil e dirigente partidário na Sibéria e Daguestão (desde 1920), secretário do comité distrital de Krasnoprenenski, em Moscovo (1925-28), integrou o *Presidium* do Conselho Superior da Economia Nacional em 1930. Após ter apoiado a luta contra Trótski, adere à «Oposição de Direita» em 1928. Expulso do Partido no Outono de 1930, é preso durante alguns meses. Em 1932, funda a «União dos Marxistas-Leninistas», cuja proclamação acusa Stáline de deturpar o leninismo e de ter usurpado o poder, propondo-se unir em seu torno todos os contra-revolucionários. Nesse ano é novamente detido e condenado a dez anos de prisão. Em 1937 é julgado por actividades terroristas contra-revolucionárias e condenado a fuzilamento (NT).

⁴⁵Getty, op. cit., p. 94.

⁴⁶Ivan Nikítich Smírnov (1881-1936), membro do Partido desde 1899, do CC (1920-23), candidato (1919-22). Deputado da Assembleia Constituinte em 1917, membro do Conselho Revolucionário Militar, secretário do Soviete de Petrogrado (1921-22), era apoiante e próximo de Zinóiev. Em 1923 assina a «Declaração dos 46» e, em 1927, a «Declaração dos 83». Após a morte de Lénine, exige publicamente a exoneração de Stáline do cargo de secretário-geral. Em 1923 é nomeado Comissário do Povo dos Correios e Telégrafo da URSS. Envolve-se nesse ano com a oposição trotskista. Em 1927 é afastado do Comissariado e expulso do Partido durante o XV Congresso. Condenado a três anos de exílio, rompe com o trotskismo em 1930 e é reintegrado no Partido. Desempenha vários cargos no aparelho de Estado. Em 1933 é novamente preso e expulso do Partido, condenado a cinco anos em campos de trabalho pela criação de uma organização clandestina ligada a Trótski. Mais tarde, em 1936, é julgado no processo do «Bloco Unificado Anti-Soviético Trotskista-Zinovievista» e condenado a fuzilamento. (NT).

⁴⁷Citação traduzida do original russo, «Relatório ao XVII Congresso sobre o Trabalho do PCU(b), 26 de Janeiro de 1934», in *Stáline, Obras, Gossudárstvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, tomo 13, pág. 347 (NT).

⁴⁸Citação traduzida do original russo, «Em lugar do discurso de encerramento: intervenção no XVII Congresso PCU(b), 31 Janeiro 1934», in *Stáline, Obras, Gossudárstvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, tomo 13, pág. 381 (NT).

⁴⁹Citação traduzida do original russo, «Relatório ao XVII Congresso sobre o Trabalho do PCU(b), 26 de Janeiro de 1934», in *Stáline, Obras, Gossudárstvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, tomo 13, pág. 348 (NT).

⁵⁰Ibidem, p. 350 (NT).

⁵¹Ibidem, p. 351 (NT).

⁵²Leonid Vassílievitch Nikoláiev (1904-1934), membro do Partido desde 1923, trabalhava em Leninegrado como instrutor no Instituto de História do PCU(b). É condenado a fuzilamento como autor material do assassinato de Kírov perpetrado em 1 de Dezembro de 1934 (NT).

⁵³Aleksandr Mikhaílovitch Orlov, verdadeiro nome Lev Lazérevitch Felbing, (1895-1973), membro do Partido desde 1920, tchequista, trabalha em vários países do Ocidente. Foge para o Canadá em 1938 e instala-se nos EUA com o nome de Ígor Konstantínovitch Berg. Em 1953, publica o livro *A História Secreta dos Crimes de Stáline* (NT).

⁵⁴Tokáev, op. cit., pp. 2 e 57.

⁵⁵Guénrikh Samoílovitch Liúchkov (1900-1945), membro do Partido desde 1917. Entra para a *Tchéka* em 1920 e para o aparelho central do *OPGU-NKVD* em 1931. É colocado por Ejov na direcção dos serviços no Extremo-Oriente. Eleito deputado do Soviete Supremo em 1937, atravessa nesse ano fronteira e foge para a Manchúria, receando ser preso. Evocando a sua qualidade de ex-alto funcionário dos órgãos de segurança, denuncia as «repressões stalinistas» e torna-se colaborador dos serviços secretos japoneses (NT).

⁵⁶Tokáev, op. cit., p. 207.

⁵⁷Getty, op. cit., pp. 95, 111, 112, 115-116

⁵⁸Grigóri Iákovlevitch Sokólnikov (1888-1939), membro do Partido desde 1905, do CC (1917-19), candidato (1930-36) e do *Politburo* em 1917, candidato (1924-25). Depois da Revolução de

Outubro desempenhou vários cargos partidários e governamentais. Expulso em 1936, é julgado por actividades contra-revolucionárias e condenado a dez anos de prisão, onde foi assassinado por um recluso (NT).

⁵⁹Ibidem, p. 245

⁶⁰Lev Lvóvitch Sedov (1906-1938), filho mais velho de Trótski, foi membro do Partido e activo apoiante do pai, que acompanhou durante todo o exílio até à sua morte. Morre em 1938 numa clínica de Paris (NT).

⁶¹Vissárion Vissárionovitch Lominádze (1897-1935), membro do Partido desde Março de 1917, do CC em 1930 (candidato desde 1925). Entre outros cargos partidários foi secretário do CC da Geórgia (1922-24), trabalhou no Comité Executivo do *Komintern* (1922-24), secretário da região da Transcaucásia (1930), e por fim secretário do comité urbano de Magnitogorsk, onde mais tarde se suicida (NT).

⁶²Gueórgui Ivánovitch Sáfarov (1891-1942), membro do Partido desde 1908, colaborador do *Pravda* e membro do Comité de Petrogrado em 1917. Membro do Comité Executivo do *Komintern* (1922-24), é expulso do Partido em 1927, reintegrado em 1928, regressando ao *Komintern*. Em 1934 é preso, acusado de ter participado na organização do assassinato de Kírov e condenado a cinco anos de prisão em 1935. Em 1942 é julgado por actividades anti-soviéticas e condenado a fuzilamento (NT).

⁶³Oskar Serguéievitch Tarkhanov, verdadeiro nome Serguei Petróvitch Razúmov, (1901-1938), membro do Partido desde 1917, um dos organizadores do *Komsomol*, membro do Comité Executivo da Internacional da Juventude Comunista (1921-24). Enviado como conselheiro para a China (1925-27), é expulso do Partido em 1927 por actividade fraccionária (trotskista), voltando a ser readmitido no ano seguinte após se autocriticar. Em 1932 é destacado para a embaixada na Mongólia. Preso em 1937, é condenado a fuzilamento, em 1938, por actividades anti-soviéticas (NT).

⁶⁴Getty, op. cit., pp. 119-120.

⁶⁵Trotsky, *La lutte antibureaucratique en URSS*, U.G.E., 10-18, Paris, 1975, p. 32.

⁶⁶18 de Janeiro de 1934; Ibidem, p. 39.

⁶⁷31 Março de 1934; Ibidem, pp. 59-60.

⁶⁸18 Janeiro de 1934; Ibidem, p. 35.

⁶⁹Ibidem, p. 40.

⁷⁰18 Janeiro de 1934; Ibidem, p. 42.

⁷¹20 Janeiro de 1934; Ibidem, p. 49.

⁷²28 de Dezembro de 1934; Trotsky, *L'appareil policier du stalinisme*, UGE, 10-18, 1976, pp. 26-27.

⁷³Branko Lazitch, *Le rapport Khrouchtchev et son histoire*, Ed. Du Seuil, série *Histoire*, 1976, p. 77.

⁷⁴Iúli Óssipovitch Márto, verdadeiro apelido Tsederbaum (1873-1923), membro do movimento revolucionário social-democrata desde 1892. Em 1903 torna-se um dos mais destacados líderes dos mencheviques. Opositor à Revolução de Outubro, combate o Poder Soviético até abandonar o país já muito doente em 1920 (NT).

⁷⁵Trotsky, *L'appareil policier*, op. cit., p. 28. Lazitch, op. cit., pp. 63-70.

⁷⁶Trotsky, op. cit., pp. 34-35.

⁷⁷26 de Setembro de 1935; Ibidem, pp. 85-87.

⁷⁸Getty, op. cit., p. 123

⁷⁹Andrei Ianúrievitch Vichínski (1883-1954), jurista e diplomata soviético. Membro do Partido desde 1920, do CC (1937-50 e 1954), menchevique entre 1903 e 1920. Foi procurador da União Soviética (1933-39), dirigindo a acusação contra destacados ex-dirigentes soviéticos, implicados em actividades contra-revolucionárias. Ocupou altos cargos no Ministério dos Negócios Estrangeiros (1940-53) (NT).

⁸⁰Mikhail Pávlovitch Tómski, verdadeiro apelido Efrémov, (1880-1936), membro do Partido desde 1904, do CC entre 1919 e 1934, (candidato a partir de 1934), membro do *Politburo* (1922-30). Foi presidente do Conselho de Sindicatos da URSS entre 1919-21 e 1922-29. Aproxima-se da «Oposição de Direita» no final dos anos 20. Suicida-se após o seu nome ter sido evocado no julgamento de Zinóviev e Kámenev em 1936 (NT).

⁸¹Nikolai Aleksándrovitch Uglánov (1886-1937), membro do Partido desde 1907, do CC (1923-30), candidato (1921-22), candidato do *Politburo* (1926-29), Comissário do Povo do Trabalho (1928-30). Expulso do Partido em 1932, é readmitido em 1934. Preso em 1937 é julgado e condenado a fuzilamento no âmbito do processo da «conspiração militar» (NT).

⁸²Tokáev, op. cit., pp. 69-61.

⁸³Guenrikh Grigórievitch Iágoda (1891-1938), membro do Partido desde 1907, do CC desde 1934 (candidato desde 1930), participou na insurreição armada em Petrogrado. Adjunto de Dzerjínski em 1924, de Menjínski em 1926, torna-se presidente da *OGPU* e comissário do Povo dos Assuntos Internos (*NKVD*) entre 1934 e 1936, sendo depois nomeado comissário das Comunicações (1936-37). Em 1938 é preso, julgado no âmbito do processo do «Bloco Trotskista de Direita» e condenado a fuzilamento em 1939 (NT).

⁸⁴Getty, op. cit., p. 121

⁸⁵Nikolai Ivánovitch Ejov (1895-1940), membro do Partido desde 1917, do CC (1934-39), candidato do *Politburo* (1937-39), dirigiu o *NKVD* (1936-1938), e o Comissariado dos Transportes Fluviais (1937-39). Em 1939 é preso e julgado pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS, acusado de traição ao Estado, espionagem e de ligação a uma organização militar clandestina no interior do Exército Vermelho, que se propunha derrubar o governo soviético. É executado em 4 de Fevereiro de 1940 (NT).

⁸⁶John D. Littlepage, *A la recherche des mines d'or de Sibérie, 1928-1937*, Ed. Payot, Paris, 1939 pp. 181-182.

⁸⁷Aleksandr Pávlovitch Serebróbski (1884-1938), membro do Partido desde 1903, candidato do CC desde 1925. Alto funcionário responsável pela exploração de petróleo (desde 1920) e pela exploração das minas de ouro (desde 1926), vice-comissário da Indústria Pesada (1931). Em 1937 é preso, julgado e executado em 1938 por sabotagem (NT).

⁸⁸John D. Littlepage, *A la recherche des mines d'or de Sibérie, 1928-1937*, pp. 86-90

⁸⁹Ivan Dmítrievitch Kabakov, (1891-1937), membro do Partido desde 1914, do CC desde 1925 (candidato desde 1924). Participou na instauração do poder soviético na região de Novgorod. Funcionário do Partido desde 1918, desempenhou funções ao nível regional como secretário do comité provincial de Iaroslávski (1922-23), de Tula (1924), presidente do Comité Executivo dos Urais (1928-29). Em 1929 torna-se secretário do Partido nos Urais e de Sverdlovsk (1934). Em 1937 é expulso do Partido, detido e julgado no processo da «Revolta dos Urais», que é acusado de dirigir juntamente com trotskistas e direitistas. O tribunal condena-o a fuzilamento (NT).

⁹⁰John D. Littlepage, *A la recherche des mines d'or de Sibérie, 1928-1937*, pp. 95-96.

⁹¹Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.143 (NT).

⁹²Littlepage, op. cit., pp. 100-101.

⁹³Ibidem, pp. 105-106.

⁹⁴Ibidem, pp. 107-108.

⁹⁵Ibidem, pp. 268-269.

⁹⁶Ibidem, pp. 91-92.

⁹⁷*Le procès du centre antisoviétique trotskiste*, resumo estenográfico, Moscovo, 1937, pp. 22, 23, 24, 28.

⁹⁸Littlepage, op. cit., p. 98.

⁹⁹John Scott, op. cit., pp. 183-194.

¹⁰⁰Traduzido do original russo, «Sobre as insuficiências do trabalho do Partido e as medidas para a liquidação dos trotskistas e outros dúplices, informe ao Plenário do CC do PCU(b), 3 de Março de 1937», in *V.I. Stáline, Obras, Izdátelstvo Pissátel*, 1997, tomo 14, pág. 151. (NT)

¹⁰¹Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.139 (NT).

¹⁰²I.V. Stáline afirma exactamente: «*Quanto mais avançarmos em frente, quanto mais êxitos obtivermos, tanto mais se exasperarão os restos das classes derrotadas, tanto mais depressa adoptarão formas de luta mais agudas, tanto maiores danos causarão ao Estado Soviético, tanto mais recorrerão aos mais desesperados meios de luta como os últimos meios dos condenados.*» («Sobre as insuficiências do trabalho do Partido e as medidas para a liquidação dos trotskistas e outros dúplices, informe ao Plenário do CC do PCU(b), 3 de Março de 1937», in *V.I. Stáline, Obras, Izdátelstvo Pissátel*, 1997, tomo 14, pág. 165) (NT).

¹⁰³Traduzido do original russo, «Discurso de encerramento no Plenário do CC do PCU(b), 5 de Março de 1937, in *V.I. Stáline, Obras, Izdátelstvo Pissátel*, 1997, tomo 14, pág. 176 (NT).

¹⁰⁴Ibidem, p. 177 (NT).

¹⁰⁵Ibidem, p. 185 (NT).

¹⁰⁶Ibidem, p. 179 (NT).

¹⁰⁷Aleksandr Niloláievitch Slepkov (1899-1937), membro do Partido desde 1919, jornalista do *Pravda* (1924-28), responsável pela propaganda no Comité Executivo do *Komintern*, torna-se redactor principal do *Komsomól'skaia Pravda* em 1925. Intervém contra a linha de Stáline. Em 1928 é transferido para o Comité Distrital do Médio Volga. Entre 1930 e 1932 é duas vezes expulso e readmitido no Partido até que é definitivamente excluído, julgado e enviado para o exílio. Em 1933 é preso com Riútine, sendo condenado a cinco anos de prisão. Em 1937 é condenado à morte por actividades terroristas anti-soviéticas. (NT).

¹⁰⁸Stephen F. Cohen, *Bukharin and the Bolshevik Revolution*, Vintage Books, New York 1975, p. 343. Traduzido em francês com o título *Nicolas Bukharine. La vie d'un bolchevik*, Maspero, Paris, 1979. Todas as referências remetem para a edição em inglês.

¹⁰⁹*Nouvelles de Moscou*, n.º 21, de 27 de Maio de 1990.

¹¹⁰*Le procès du centre antisoviétique trotskiste*, op. cit., p. 416.

¹¹¹Cohen, op. cit., p. 352.

¹¹²Ibidem, p. 355.

¹¹³Ibidem, p. 356.

¹¹⁴Stephen Cohen, op. cit., p. 354.

¹¹⁵Ibidem, pp. 361-363.

¹¹⁶Boris Ivánovitch Nikoláievski (1887-1966), membro do Partido desde 1917, torna-se um dos líderes mencheviques. Em 1922 é preso e expulso da Rússia. Viveu na Alemanha onde conseguiu salvar dos nazis arquivos de Karl Marx. Autor de vários livros, colabora com a imprensa emigrada e mantém estreitos contactos com alguns dos chamados «velhos bolcheviques» (NT).

¹¹⁷Blanc et Kaisergrüber, *L’Affaire Bukharine*, Ed. Maspero, 1979, p. 64.

¹¹⁸Ibidem, p. 79.

¹¹⁹Ibidem, p. 65.

¹²⁰Ibidem, p. 64.

¹²¹Ibidem, p. 65.

¹²²Fiódor Ilitch Dan, verdadeiro apelido Gurvitch, (1871-1947), revolucionário desde 1894, adere à facção menchevique em 1903. Em 1917 torna-se um dos dirigentes do Soviete de Deputados Operários e Soldados, mas opõe-se à Revolução de Outubro. Em 1921, após a revolta de Kronchtadt, é expulso da Rússia para a Alemanha (NT).

¹²³Cohen, op. cit., p. 365.

¹²⁴Blanc et Kaisergrüber, op. cit., p. 72.

¹²⁵Ibidem, p. 72.

¹²⁶Ibidem, p. 77.

¹²⁷Ibidem, p. 73.

¹²⁸Aleksandr Aleksándrovitch Bogdánov, verdadeiro apelido Malinóvski, (1873-1928), membro do Partido desde 1896, do CC desde 1905, é expulso em 1909. Participou na tradução russa de *O Capital* de K. Marx (1910). Médico, economista e filósofo, afirma-se em 1918 como o ideólogo da *Proletkultura*, e exerce o cargo de director do Instituto Científico de Transfusão de Sangue entre 1926 e 1928 (NT).

¹²⁹Blanc et Kaisergrüber, op. cit., p. 76.

¹³⁰Irákli Gueórguievitch Tseretéli (1882-1959), membro do Partido desde 1903, adere à facção menchevique. Adversário da revolução socialista, torna-se ministro dos Correios e Telégrafo do governo provisório, em Maio de 1917. Emigra para França, em 1923, e para os EUA em 1940 (NT).

¹³¹Tokáev, op. cit., p. 43.

¹³²Ibidem, p. 61.

¹³³ Ibidem, p. 86.

¹³⁴*Le procès du bloc antisoviétique des droitiers et des trotskistes*, Ed. Comissariado do Povo da Justiça, Moscovo, 1938, pp. 401-402.

¹³⁵Lavréti Pávlovitch Béria (1899-1953), membro do Partido desde 1917, do CC desde 1934, do *Politburo* desde 1946 (candidato desde 1939). Nascido na Geórgia, trabalha entre 1921 e 1931 nos órgãos de contra-espionagem do Azerbaijão, Geórgia e Transcaucásia. Em 1931 torna-se primeiro secretário do Partido na Geórgia. Entre 1938 e 1948 e entre Março e Junho de 1953 é comissário/ministro dos Assuntos Internos. Responsável pela produção de armamento e munições, construção de aviões e de motores para a aviação, é nomeado marechal da URSS (1945). Após a guerra dirige e participa directamente no desenvolvimento da bomba atómica soviética. Em 26 de Junho de 1953 é exonerado de todos os cargos e preso. O plenário de Julho do CC expulsa-o do Partido como inimigo da URSS. Em 23 de Dezembro, acusado de espionagem ao serviço da Grã-Bretanha e de tentativa de liquidação do regime soviético e de restauração do capitalismo, o Tribunal Supremo da URSS condena-o a fuzilamento. (NT).

¹³⁶Tokáev, op. cit., p. 158.

¹³⁷Ibidem, pp. 68-69.

¹³⁸Ibidem, p. 85.

¹³⁹Ibidem, p. 175.

¹⁴⁰Ibidem, pp. 187-188.

¹⁴¹Joseph E. Davies, *Mission à Moscou*. Ed. de l'Arbre, Montreal, 1944, pp. 243-244.

¹⁴²Tokáev, op. cit., p. 96.

¹⁴³Ibidem, pp. 96, 98.

¹⁴⁴*Le procès du bloc*, op. cit., p. 457.

¹⁴⁵Lev Mikháilovitch Karakhan, verdadeiro apelido, Earakhanian, (1889-1937), nascido na Geórgia, adere aos mencheviques em 1904. Em 1917 é admitido no Partido em conjunto com o grupo dos «Inter-regionais», onde se incluiu Trótski. Secretário da delegação soviética nas conversações de Brest-Litovsk, vice-comissário dos Negócios Estrangeiros da Rússia (1918), representante plenipotenciário da URSS na Polónia (1921) e na China (1923-26). Vice-comissário dos Negócios Estrangeiros da URSS (1927-34), é enviado como representante da URSS para a Turquia. Em 1937 é acusado e julgado por participação na conspiração anti-soviética de direita, na qual foi implicado Iágoda. O tribunal dá ainda como provada a sua ligação aos serviços de espionagem alemães desde 1927, aos quais terá fornecido informações sobre questões da política externa soviética, condenando-o a fuzilamento (NT).

¹⁴⁶*Le procès du bloc*, op. cit., p. 461-462.

¹⁴⁷Cohen, op. cit., p. 372.

¹⁴⁸Ibidem, pp. 375-376.

¹⁴⁹Vassili Vladímirovitch Chmidt (1886-1938), membro do Partido desde 1905, do CC (1918-19 e 1925-30), candidato do CC (1919-20, 1921-23 e 1924-24). Presidente do Comité do Partido de Petrogrado (1917), comissário do Trabalho (1918-28), vice-comissário da Agricultura (1930), é

enviado em 1933 para o Extremo Oriente com funções de administração económica. Em 5 de Janeiro de 1937 é preso, acusado de liderar uma organização anti-soviética de direita. Sentenciado inicialmente com dez anos de prisão, é condenado em 1938 a fuzilamento pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS (NT).

¹⁵⁰Ável Safronovitch Erukídze (1877-1937), membro do Partido desde 1898, secretário do Comité Executivo Central da URSS (o órgão supremo do Estado Soviético) entre 1922 e 1935. Eleito membro do CC em 1934, é expulso deste órgão no ano seguinte por «depravação política e cívica». Em 1935 é nomeado director do complexo automóvel de Khárkov. Preso em 1937 por participação activa no «Centro Trotskista de Direita», é condenado à morte enquanto dirigente do grupo de conspiradores do Krémline (NT).

¹⁵¹Avgust Ivánovitch Kork (1887-1937), membro do Partido desde 1927. Militar participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Condecorado na Guerra Civil, torna-se comandante das tropas da região militar de Khárkov (1921) e da região militar de Moscovo (1929-35). Em 1935 dirige a Academia Militar Frúnze. Preso em 1937, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista e é condenado à morte juntamente com outras altas patentes do exército (NT).

¹⁵²Vitáli Márkovitch Primakov, (1897-1937), membro do Partido desde 1914. Militar, participante no assalto ao Palácio de Inverno, comandante militar durante a Guerra Civil. Dirigiu a Escola Superior de Cavalaria (1924-25), conselheiro militar na China (1925-26), adido militar no Afeganistão e Japão (1927-30), vice-comandante da região militar do Cáucaso do Norte (1933-35) e vice-comandante da região militar de Leningrado (1935). Preso em 1936, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista e é condenado a fuzilamento (NT).

¹⁵³Vítovt Kazimírovitch Pútna (1893-1937), membro do Partido desde 1917. Militar, participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Participou no esmagamento da revolta de Kronchtadt (1921) e de levantamentos de agricultores no Baixo Volga. Condecorado na Guerra Civil, integra em 1923 a «Oposição Trotskista». Entre 1927 e 1931 é adido militar no Japão, Finlândia e Alemanha. Entre 1931-34 comanda um corpo militar no Extremo Oriente. Em 1934 é adido militar na Grã-Bretanha. Preso em 1936, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista. É condenado à morte em 1937 (NT).

¹⁵⁴*Le procès du bloc*, op. cit., pp. 411-419.

¹⁵⁵Rudolf Avgústovitch Peterson, (1897- 1937), membro do Partido desde 1919. Participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918, tornando-se oficial de Comunicações no 5.º Exército (1918). É designado membro do Conselho Revolucionário Militar (1920) e comandante do Krémline de Moscovo. Em 1936 é nomeado adjunto do comandante das tropas de retaguarda da região militar de Khárkov. Preso em 1937, é acusado de pertencer à «organização fascista da Letónia». Confessa a sua participação na conspiração militar-fascista no Krémline e na preparação de actos terroristas. Durante os interrogatórios, nomeia 16 participantes que ele próprio tinha recrutado. O tribunal condena-o à morte (NT).

¹⁵⁶Cohen, op. cit., p. 447.

¹⁵⁷Ibidem, p. 453.

¹⁵⁸Ibidem, pp. 458-460.

¹⁵⁹Ibidem, pp. 823-827.

¹⁶⁰Cohen, op. cit., p. 381.

¹⁶¹Ibidem, p. 382.

¹⁶²Blanc et Kaisergrüber, op. cit., pp. 11 e 16.

¹⁶³Blanc et Kaisergruber, op. cit., pp. 11 e 16.

¹⁶⁴Ibidem, p. 386.

¹⁶⁵Ióna Emanuílovitch Iakir (1896 -1937), membro do Partido desde 1917, do CC desde 1934 (candidato desde 1930). Militar do Exército Vermelho desde 1918, comandou tropas contra forças de intervenção romenas, alemãs e austríacas. Condecorado com três ordens, em 1925 é nomeado comandante da Forças Armadas da Ucrânia e Crimeia. Entre 1926 e 1928 estuda na Academia Militar Superior na Alemanha. Em 1937 é nomeado comandante da região militar de Leningrado.

Preso nesse ano, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista e é condenado à morte (NT).

¹⁶⁶Ierónim Petróvitch Ubórevitch, (1896-1937), membro do Partido desde 1917. Militar participante na I Guerra, foi um dos organizadores do Exército Vermelho na Bessarábia. Sob a carreira militar durante a Guerra Civil, combatendo contra os generais brancos Dénikine e Vránguel. Recebe três altas condecorações, é nomeado comissário militar da República do Extremo Oriente (1922), comanda várias regiões militares a partir de 1925. Em 1930-31 exerce o cargo de vice-presidente do Conselho Revolucionário Militar da URSS. Preso em 1937, confessou-se culpado das actividades conspirativas no seio do Exército Vermelho de que era acusado, sendo condenado a fuzilamento juntamente com Tukhachévski e outros destacados militares (NT).

¹⁶⁷Robert Petróvitch Eideman (1895-1937), membro do Partido desde 1917. Militar participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Comissário e comandante de várias divisões durante a Guerra Civil, torna-se responsável e comissário da Academia Militar Frúnze (1925-32) e redactor-chefe da revista *Voina e Revolútsia* (1927-36). Preso em 1937, admite ter participado na conspiração militar-fascista. Denuncia 20 pessoas e é condenado à pena de morte (NT).

¹⁶⁸Boris Mirónovitch Feldman (1890-1937), membro do Partido desde 1920. Militar de carreira, foi adjunto do comandante da região militar de Moscovo. Preso e julgado em 1937, denunciou um grande número de militares e admitiu a sua participação na conspiração militar contra o governo soviético. Foi condenado à morte (NT).

¹⁶⁹Getty, op. cit., p. 167.

¹⁷⁰Carr, op. cit., p. 325.

¹⁷¹Ibidem, p. 327.

¹⁷²Ibidem, p. 320.

¹⁷³Ióssif Stanislávovitch Unchlikht (1879-1938), membro do Partido desde 1906, candidato do CC desde 1925. Integra o Soviete de Petrogrado em 1917, participa na constituição dos órgãos de segurança do Estado, tornando-se o seu vice-presidente em 1921. Presidente do Conselho Revolucionário Militar (1925-30) e comissário dos Assuntos Militares e Marítimos da URSS, foi ainda responsável pela frota civil (1923-35). Acusado no processo da «organização militar trotskista no Exército Vermelho», é preso em 1938, julgado e condenado à morte (NT).

¹⁷⁴Carr, op. cit., p. 331.

¹⁷⁵Ibidem, p. 317.

¹⁷⁶Getty, op. cit., p. 255.

¹⁷⁷Citado em Harpal Brar, *Perestróika*, publicado por Harpal Brar, Londres, 1992, p. 161.

¹⁷⁸Máksim Maksímovitch Litvínov (1876-1951), membro do Partido desde 1898, do CC a partir de 1934. Participante na revolução de 1905-07, representante do Partido no Bureau Internacional Socialista (1914), torna-se vice-comissário (1921) e comissário (1930-39) dos Negócios Estrangeiros da URSS. Foi representante da URSS na Liga das Nações (1934-38) e embaixador nos EUA (1941-43), voltando ao Ministério até 1946, ano em que se reforma (NT).

¹⁷⁹Davies, op. cit., p. 158.

¹⁸⁰Ibidem, p.152.

¹⁸¹Abdurakhmane Guinázovitch Avtorkhánov (1908-1997), membro do Partido desde 1927. Após se licenciar em História da Rússia, trabalha no aparelho do CC em 1937. No ano seguinte é detido e condenado a cinco anos na prisão. Libertado em 1942, aproveita a ocupação nazi para fugir para a Alemanha, onde trabalha para a propaganda nazi em Berlim. Após a guerra integra-se nos serviços de espionagem dos EUA, torna-se historiador e escritor anti-soviético e intervém com frequência na *Rádio Liberdade* (NT).

¹⁸²Alexandre Ouralov (Avtorkhanov), *Staline au pouvoir*, Ed. Les lies d'or, Paris, 1951, p. 45.

¹⁸³Robert Coulondre, *De Staline a Hitler*, Ed. Hachette, 1950, pp. 82-84.

¹⁸⁴Winston Churchill, *La Deuxième Guerre mondiale*, Cercle du bibliophile, volume 1 pp. 295-296.

¹⁸⁵Ian Boríssovitch Gamarnik (1894-1937), membro do Partido desde 1916, do CC desde 1927 (candidato desde 1925). Secretário do Comité de Kíev do Partido (1917), primeiro secretário do Comité Distrital do Extremo-Oriente (1927-28), primeiro secretário do CC do PC(b) da Bielorrússia (1928-29). É designado responsável pela Direcção Política do Exército Vermelho de Operários e Camponeses (*RKKA*) (1929-1937) e torna-se primeiro vice-comissário da Defesa da URSS (1934-1937). Envolvido na conspiração militar, suicidou-se em Maio de 1937.

¹⁸⁶Semione Mikháilovitch Budiónni (1883-1973), membro do Partido desde 1919, do CC (1934-52), candidato (1952-54). Participou na guerra russo-nipónica e na I Guerra. Foi o fundador do primeiro Exército de Cavalaria da URSS. Recebeu as mais altas condecorações pelos serviços prestados na Guerra Civil. Comandante da Região Militar de Moscovo em 1937, integra o Estado-Maior durante a II Guerra e comanda várias frentes até 1942. Em 1954 é aposentado.

¹⁸⁷Isaac Deutscher, *Staline*, Ed. Gallimard, 1973, pp. 385-386.

¹⁸⁸Ibidem, p. 10.

¹⁸⁹Louise Narvaez, *Degrelle m'a dit*, Postface de Degrelle, Ed. du Baucens, Bruxelles, 1977, pp. 360-361.

¹⁹⁰Jacobsen, op. cit., pp. 213-214.

¹⁹¹Félix Tchouev, *Cent quarante conversations avec Molotov*, Ed. Terra, Moscovo, 1991.

¹⁹²Roman Kolkowicz, *The soviete Military and the Communist Party*, Princeton University Press, 1967, pp. 343-344

¹⁹³Ibidem, p. 344

¹⁹⁴Gueórgui Maksimiliánovitch Malenkov (1902-1988), membro do Partido (1920-1961), do CC (1939-1957), do *Politburo/Presidium* (1946-57), candidato desde 1941. Vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946-55 e 1955-57) e presidente (1953-55). Acusado de pertencer ao grupo antipartido juntamente com Káganovitch e Mólotov, é exonerado em 1957 dos cargos de direcção partidária e do governo, sendo nomeado director da Central Hidroeléctrica de Ust-Kamenogorsk. Em 1961 é aposentado e expulso do Partido (NT).

¹⁹⁵Fiódor Ivánovitch Trukhíne (1896-1946), sem partido, ingressou no Exército Vermelho em 1918, foi responsável do Estado-Maior da região militar do Báltico e mais tarde do Estado-Maior da Frente Norte-Occidental. Feito prisioneiro em 27 de Junho de 1941, passa a colaborar com os nazis na formação de um «exército russo». Junta-se a Vlássov em 1943, do qual se torna principal conselheiro. Em 7 de Maio de 1945 é capturado pelos resistentes checos. Foi enforcado juntamente com Vlássov (NT).

¹⁹⁶Vassíli Fiódorovitch Malíchkine (1896-1946), membro do Partido desde 1919. Entra como voluntário para o Exército Vermelho em 1918. Comandante de batalhão na Guerra Civil, prossegue a carreira militar até à sua prisão em 1938, acusado de espionagem e conspiração. Libertado após um ano, lecciona na Academia do Estado-Maior General e, logo a seguir à invasão alemã, é nomeado chefe do Estado-Maior do 19.º Exército. Capturado em Outubro de 1941, junta-se à equipa de Vlássov. Em 1945 é preso pelos americanos que o entregam no ano seguinte à URSS. Julgado pelo Supremo Tribunal Militar, é enforcado com Vlássov (NT).

¹⁹⁷Dmítiri Efrímovitch Zakútine (1897-1946), membro do Partido desde 1919. Ingressa como voluntário no Exército Vermelho em 1918. Já como comandante da 21ª Divisão de Atiradores, é feito prisioneiro de guerra em Julho de 1941. Colabora activamente com os nazis, designadamente na criação do Comité de Libertação dos Povos da Rússia. Capturado em 1945 é entregue à URSS e é enforcado com Vlássov (NT).

¹⁹⁸Ivan Alekséievitch Blagovéchenski (1893-1946), membro do Partido desde 1921. Ingressa no Exército Vermelho em 1918 como voluntário. Nas vésperas da invasão alemã, chefia o Instituto da Marinha de Guerra do Sistema de Defesa Anti-Aérea (*PBO*). Capturado pelos nazis, torna-se dirigente do Comité de Luta contra o Bolchevismo e instrutor do Exército Libertador da Rússia (1943), sob a direcção de Vlássov. Em 1945 é detido pelos americanos e entregue à URSS. É condenado à morte e enforcado em 1946 (NT).

¹⁹⁹Mikhail Mikháilovitch Chapóvalov (1898-1945), no serviço militar desde 1915 e no Exército Vermelho desde 1918, chega a tenente-coronel em 1937, ano em que é preso acusado de participar

na conspiração militar. Após oito meses de prisão é libertado e é nomeado chefe da Escola de Artilharia de Sebastópol. Comandante de divisão em Julho de 1941, rende-se em Agosto de 1942 após a derrota das suas tropas. Torna-se cabo militar das forças colaboracionistas de Vlássov. Na Primavera de 1945 é capturado e fuzilado pelos resistentes checos perto de Praga (NT).

²⁰⁰Mikhail Alekséievitch Meándrov (1894-1946), participante na I Guerra, entra para o Exército Vermelho em 1918, exerce funções administrativas entre 1921-30, chefia vários estados-maiores a partir de 1935 e participa na guerra soviético-finlandesa (1939-40). Com a patente de coronel é feito prisioneiro em 1941. Adere ao Centro Político de Luta contra o Bolchevismo. Em 1944 entra para o exército de Vlássov. Em 1945 entrega-se aos americanos que o devolvem ao comando soviético em 1946, sendo julgado e condenado à morte juntamente com o grupo de Vlássov (NT).

²⁰¹Gueórgui Nikoláievitch Jílenkov (1910-1946), membro do *Komsomol* desde 1925, do Partido desde 1929. Em 1940, após ter exercido diversas funções partidárias, é eleito secretário do Comité Distrital de Rostokinski, em Moscovo. Após o início da invasão alemã integra o 32.º Exército. É feito prisioneiro em Outubro de 1941 e aceita servir no exército alemão. Em 1942 junta-se a Vlássov. Preso pelos americanos é entregue à URSS e condenado à morte por enforcamento em 1946 (NT).

²⁰²*Temps Nouveaux*, n.º 43, 1990, pp. 36-39.

²⁰³E.H. Cookridge, *L'espion du siècle Reinhard Gehlen*, Ed. Fayard, 1973, p. 84.

²⁰⁴*Temps Nouveaux*, n. 43, 1990, pp. 36-39.

²⁰⁵Soljénitsyne, *L'Archipel du gulag*, Seuil, 1974, tomo I, p. 187.

²⁰⁶Mikhail Semiónovitch Khózine (1896-1979), membro do Partido desde 1918. Participante na Guerra Civil, foi chefe do Estado-Maior de Leninegrado e comandou vários exércitos durante a II Guerra (NT).

²⁰⁷Aleksandr Mikháilovitch Vassiliévski (1895-1977), membro do Partido desde 1938, do CC (1952-1961). Marechal da União Soviética (1943), coordenou as acções militares em várias frentes na II Grande Guerra. Eleito deputado do Soviete Supremo da URSS (1946-58), foi ministro das Forças Armadas (1949-53) e primeiro vice-ministro da Defesa da URSS (1953-56) (NT).

²⁰⁸Vassiliévski, *La cause de toute une vie*, Ed. Du Progrès, Moscovo, 1984, pp. 86-88.

²⁰⁹Soljénitsyne, op. cit., p. 189.

²¹⁰*Ibidem*, p. 191.

²¹¹*Ibidem*, p. 193.

²¹²*Ibidem*, pp. 189-190.

²¹³Tokáev, op. cit., p. 84.

²¹⁴*Ibidem*, p.1.

²¹⁵*Ibidem*, p.5.

²¹⁶*Ibidem*, p. 220.

²²⁴*Ibidem*, p. 274.

²²⁵*Ibidem*, p. 17.

²²⁶*Ibidem*, p. 6.

²²⁷Iákov Ivanovitch Álksnis (1897-1938), verdadeiro nome Ekabs Astrov, (1897-1938), membro do Partido desde 1916. Ingressa no Exército Vermelho em 1919, foi um dos fundadores e organizadores da Força Aérea Soviética, de que se tornou vice-comandante (1926) e comandante (1931). Eleito deputado em 1937, é acusado nesse ano de ter participado na criação da «organização fascista letã» no Exército Vermelho. Confessa-se culpado e é condenado a fuzilamento (NT).

²²⁸Nikolai Dmítrievitch Kachírine (1888-1938), membro do Partido desde 1918. Mobilizado na I Guerra, foi fundador do destacamento dos Cossacos Vermelhos em 1917. Comanda tropas de várias regiões militares a partir de 1925, designadamente do Cáucaso do Norte (1931-37). Julgado por conspiração, confessa-se culpado e é condenado à morte em 1938 (NT).

²²⁹Tokáev, op. cit., p. 118.

²³⁰Ibidem, p. 215.

²³¹Aleksandr Ivánovitch Todórski (1894-1965), membro do Partido desde 1918. Voluntário na I Guerra, entra para o Exército Vermelho em 1919. Comandante do corpo do Cáucaso (1921-23), chega a chefe do Estado-Maior (1927-33). Em 1933 é nomeado chefe e comissário da Academia da Força Aérea Júkovski e, em 1936, chefe da Direcção dos Estabelecimentos Militares de Ensino Superior do Exército Vermelho. Expulso do Partido em 1938, preso por participação na conspiração militar, é condenado a 15 anos de reclusão. Reabilitado em 1955 é libertado e recebe a patente de tenente-general (NT).

²³²Tokáev, op. cit., p. 28.

²³³Ibidem, pp. 9 e 47.

²³⁴Ibidem, p. 84.

²³⁵Ibidem, p. 75.

²³⁶Ibidem, pp.6, 17, 18, 20.

²³⁷Ibidem, p. 22.

²³⁸Ibidem, p. 7.

²³⁹Ibidem, p. 63.

²⁴⁰Ibidem, p. 2.

²⁴¹Ibidem, p. 37.

²⁴²Ibidem, p. 49.

²⁴³Aleksandr Ilitch Egórov (1883-1939), membro do Partido desde 1918. Militar de carreira participante na I Guerra, comandou as frentes Sul e Sudoeste durante a Guerra Civil. Foi Chefe do Estado-Maior do Exército Vermelho (1921-1935) e do Estado-Maior General juntamente com o cargo de vice-comissário da Defesa (1937-38). Marechal da URSS (1935), é preso em 1938. Confessa a sua participação na conspiração militar e é condenado a fuzilamento (NT).

²⁴⁴Tokáev, op. cit., p. 48.

²⁴⁵Ibidem, p. 34.

²⁴⁶Ibidem, p. 64.

²⁴⁷Ibidem, p. 156.

²⁴⁸Ibidem, pp. 156-157.

²⁴⁹Ibidem, p. 160.

²⁵⁰Ibidem, pp. 183 e 188.

²⁵¹Ibidem, p. 352.

²⁵²Iaroslávski, Emeliane Mikháilovitch (1878-1943), membro do Partido desde 1898, do CC entre 1921-23 e a partir de 1939 (candidato entre 1919 e 1921). Em 1918 aproximou-se do grupo dos «comunistas de esquerda», opondo-se à paz de Brest. Exerceu funções de direcção em vários órgãos do Estado e do Partido, foi comissário político das tropas do Krémelin e da região militar de Moscovo, membro do conselho de redacção do Pravda e da revista Bolchevik, membro da Academia de Ciências da URSS, deputado do Soviete Supremo da URSS. Historiador laureado com o Prémio Stáline (1943), foi autor de várias obras sobre a história do Partido, participando activamente na elaboração da *História do PCU(b)*, *Breve Curso*, publicada em 1938 (NT).

²⁵³Getty, op. cit., p. 137.

²⁵⁴Ibidem, p. 155.

²⁵⁵Ibidem, p. 162.

²⁵⁶Ibidem, pp. 170-171.

²⁵⁷Ibidem, p. 178.

²⁵⁸Ibidem, p. 178.

²⁵⁹Ibidem, p. 177.

²⁶⁰ Ibidem, p. 185.

²⁶¹*Resolutions and Decisions of the CPSU*, op. cit., p. 188.

²⁶² Citações traduzidas do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.140 (NT).

²⁶³ *Resolutions and Decisions of the CPSU*, op. cit., pp. 190-194.

²⁶⁴ Tokáev, op. cit., p. 119.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 101.

²⁶⁶ *Nouvelles de Moscou*, n.º 26, 30 Junho de 1992, p. 15.

²⁶⁷ Rittersporn, op. cit., pp. 26-27.

²⁶⁸ Getty, op. cit., p. 176.

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 190.

²⁷⁰ Rittersporn, op. cit., p. 27.

²⁷¹ Getty, op. cit., p. 258.

²⁷² *GULAG – Administração Principal dos Campos Correccionais de Trabalho, Lugares de Trabalho, e Locais de Detenção (Glávnoe Upravlénie Ispravitelno-Trudovikh Láguerei, Trudovikh Posseleni e Mesto Zacliotchénia)* (NT).

²⁷³ Todos os números de *Conquest* e os que refutam as suas afirmações provêm de Nicolas Werth, *Gulag: les vrais chiffres*, em *L'Histoire*, n.º 169, Setembro de 1993, pp. 38-51.

²⁷⁴ Roy et Jaurès Medvédev, *Krouchtchev, les années de pouvoir*, Ed. Maspero, Paris, 1977, p. 180.

²⁷⁵ Brzezinski, *The Grand Failure*, Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, 1989, p. 86.

²⁷⁶ Getty, op. cit., p. 176.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 206.

²⁷⁸ Henri De Man, *Après coup*, Ed. De la Toison d'or, Bruxelles, 1941, p. 319.

Capítulo VIII

O papel de Trótski na véspera da II Guerra Mundial

No decurso dos anos 30, Trótski tornou-se o maior perito mundial da luta anticomunista. Ainda hoje, os ideólogos da direita procuram nas obras de Trótski armas contra a União Soviética de Stáline. Em 1982, quando Reagan andava a pregar a nova cruzada anticomunista, Henri Bernard, professor emérito da Escola Real Militar Belga, publicou uma obra popularizando uma mensagem urgente: *«Os comunistas de 1982 são os nazis de 1939. Somos mais fracos frente a Moscovo do que éramos em Agosto de 1939 face a Hitler.»*¹

Encontram-se aí todos os clichés de um Le Pen: *«O terrorismo não é obra de alguns furiosos. A fonte de tudo isto é a URSS e o aparelho clandestino do terrorismo internacional.»* (...) *«O esquerdismo cristão é uma praga do Ocidente.»* (...) *«O sincronismo das manifestações “pacifistas” mostra sobejamente o quanto elas são inspiradas por Moscovo.»* (...) *«Os pára-quedaistas britânicos que dão a vida pelas Falkland mostram que há ainda valores morais no Ocidente.»*² Etc., etc..

As tácticas que utiliza um anticomunista tão visceral são por demais interessantes. Este homem, que não suporta o cheiro de um «cristão esquerdista», alia-se alegremente a Trótski. E, enquanto especialista em informações militares, afirma que as armas ideológicas forjadas por Trótski convêm perfeitamente ao seu combate... Eis o seu pensamento.

«No plano privado Lénine era, tal como Trótski, um ser humano», escreve Henri Bernard neste livro. *«A sua vida sentimental não foi desprovida de fineza. Trótski deveria normalmente suceder a Lénine. Ele fora o principal artesão da Revolução de Outubro, o vencedor da Guerra Civil. Apesar das divergências de opinião, Lénine manteve a sua grande afeição por Trótski. Pensava nele como seu sucessor. E considerava Stáline demasiado brutal. No plano interior, Trótski erguia-se contra a burocracia pavorosa que paralisava a máquina comunista. Artista, literato, inconformista e frequentemente profeta, Trótski não podia entender-se com os dogmáticos primários do Partido. Em Stáline há nacionalismo, sentimento que não existia nem em Lénine nem em Trótski. Com Trótski, os partidos comunistas estrangeiros podiam considerar-se como uma força ao serviço exclusivo de uma ordem social a impor. Com Stáline, eles trabalham em benefício do Krémline e da sua política imperialista.»*³

Apresentamos seguidamente algumas teses essenciais que Trótski lançou durante os anos 1937-1940 e que ilustram bem a natureza do seu combate contra o movimento comunista. Elas permitem-nos compreender por que homens dos serviços secretos ocidentais como Henri Bernard adoram apoiar-se em Trótski para combater os comunistas. E lançam também uma luz sobre a luta de classes entre bolcheviques e oportunistas e sobre certos aspectos da depuração dos anos 1937-1938.

O inimigo é a nova aristocracia, a nova burguesia bolchevique...

Para Trótski, o inimigo principal estava à cabeça do Estado soviético era a «nova aristocracia» bolchevique, a camada mais anti-socialista e antidemocrática da sociedade,

uma camada social que vive «como a burguesia abastada dos Estados Unidos». (!) Veja-se o que afirma:

«A burocracia privilegiada representa actualmente a camada mais anti-socialista e a mais antidemocrática da sociedade soviética.»⁴ «Nós acusamos a clique dirigente de se ter transformado numa nova aristocracia que oprime e espolia as massas. (...) A camada superior da burocracia tem uma vida semelhante à burguesia abastada nos Estados Unidos e nos outros países capitalistas.»⁵

Esta linguagem já não se distingue em nada da usada pelos chefes mencheviques quando lutavam de armas na mão ao lado dos exércitos brancos e intervencionistas. Nem tão pouco da linguagem da direita clássica dos países imperialistas.

Compare-se estas afirmações de Trótski com o que escreveu em 1948 o principal ideólogo do anticomunismo do sindicalismo cristão, P.J.S. Serrarens:

«Graças a Stáline, há de novo “classes”, pessoas ricas.» (...) «Tal como na sociedade capitalista, a elite é recompensada em dinheiro e em poder. Temos o que o Force Ouvrière chama de uma “aristocracia soviética”. Este semanário compara-a à aristocracia criada por Napoleão.»⁶

O sindicato Força Operária, ao qual Serrarens faz referência, foi criado e financiado directamente pela CIA após a II Guerra Mundial. O grupo trotskista dos «lambertistas» instalou-se aí. Nessa época, a confederação internacional dos sindicatos cristãos, tanto na Itália como na Bélgica, trabalhava também em ligação estreita com a CIA para a defesa do sistema capitalista na Europa. E para incitar os trabalhadores contra o comunismo, não tinha pejo em recorrer a uma revoltante demagogia «anticapitalista»: na URSS há «uma nova classe de pessoas ricas», uma «aristocracia soviética»!

Contra esta «nova aristocracia que oprime as massas» estava aos olhos de Trótski o bom povo, os «160 milhões de descontentes». Esse povo defendia a colectivização dos meios de produção e a economia planificada contra os «bandidos stalinistas despóticos e ignorantes». Enfim, com excepção dos «stalinistas», o resto da sociedade é sã e trava lutas justas! Escutemos Trótski.

«Doze a 15 milhões de privilegiados, é este o “povo” que organiza as paradas, as manifestações e as ovações. Mas para além destes homens a soldo, há cento e sessenta milhões de descontentes. O antagonismo entre a burocracia e o povo mede-se pela severidade crescente da regulamentação totalitária. A burocracia não pode ser derrotada senão por uma nova revolução política.»⁷

«A economia é planificada na base da estatização e da colectivização dos meios de produção. Esta economia estatizada tem suas leis próprias que se coadunam cada vez menos com o despotismo, a ignorância e o banditismo da burocracia stalinista.»⁸

Embora considerasse impossível o restabelecimento do capitalismo, toda a oposição social-democrata, revisionista, burguesa e contra-revolucionária era legítima para Trótski! Ela exprime a voz dos «160 milhões de descontentes» e visa «defender» a colectivização dos meios de produção contra a «nova aristocracia». Trótski torna-se o porta-voz mais pérfido de todas as forças retrógradas, anti-socialistas e fascistas.

Bolchevismo e fascismo

Trótski foi um dos primeiros a lançar a ideia de que o bolchevismo e o fascismo são irmãos gémeos. Esta tese era muito popular nos anos 30 entre os partidos reacçãoários católicos. O Partido Comunista era o seu inimigo jurado, o Partido Fascista, o seu concorrente burguês mais temido. Eis o que diz Trótski:

«O fascismo alcança vitória sobre vitória e o seu melhor aliado, aquele que lhe abre caminho no mundo inteiro, é o stalinismo.»⁹.

«Na realidade, os métodos políticos de Stáline em nada se distinguem dos de Hitler. Mas a diferença dos resultados sobre a cena internacional salta aos olhos.»¹⁰

«Uma parte considerável, e que assume cada vez mais importância no aparelho soviético, é formada por fascistas que ainda não se assumiram como tais. Identificar o regime soviético no seu conjunto com o fascismo é um erro histórico grosseiro. (...) Mas a simetria das super-estruturas políticas, a similitude dos métodos totalitários e dos padrões psicológicos é impressionante. (...) A agonia do stalinismo é o espectáculo mais horrórico e odioso da história da humanidade.»¹¹

Trótski apresenta aqui uma das primeiras versões de um dos temas da agitação levada a cabo pela CIA e pelos fascistas durante os anos 50 – o «fascismo vermelho». Após 1944-1945, todos os fascistas alemães, húngaros, croatas e ucranianos que se refugiaram no Ocidente enfiaram a máscara «democrática»; elogiavam a «democracia» americana, a nova potência hegemónica, que era o principal apoio de todas as forças retrógradas e fascistas no mundo. Estes «antigos» fascistas, fiéis ao seu passado criminoso, todos desenvolveram o tema: «O bolchevismo é o fascismo, mas pior».

Anotamos assim que num momento em que o fascismo já se tinha lançado na guerra (guerras na Etiópia e na Espanha, anexação da Áustria e da Checoslováquia), Trótski afirmava que «o espectáculo mais horrórico e odioso» sobre a terra era a agonia do socialismo!

Derrotismo e capitulação diante da Alemanha nazi

Trótski, ele que falava demagogicamente da «revolução mundial» para melhor sufocar a revolução soviética, tornou-se o principal propagandista do derrotismo e do espírito de capitulação na União Soviética. Trótski divulga a ideia de que, no caso de uma agressão fascista contra a URSS, Stáline e os bolcheviques «trairão» e, sob a sua direcção, a derrota da União Soviética não suscita a menor dúvida. Eis as suas teses a este respeito.

«A situação militar na Rússia soviética é contraditória. De um lado, temos uma população de 170 milhões de habitantes despertados pela maior revolução da história, que possui uma indústria de guerra mais ou menos desenvolvida. Do outro lado, temos um regime político que paralisa todas as forças desta nova sociedade. Estou certo de uma coisa: o regime político não sobreviverá à guerra. O regime social, que é a nacionalização da produção, é incomparavelmente mais poderoso que o regime político que é despótico. Os representantes do regime político, a burocracia, estão assustados com a perspectiva da guerra porque sabem melhor do que nós que não sobreviverão à guerra enquanto regime político.»¹²

De novo temos de um lado «os 170 milhões», os «bons» cidadãos que estavam todos despertados pela revolução. Pergunta-se, quem os terá despertado se não foi o partido bolchevique e Stáline? A grande massa camponesa não estava de modo algum «desperta» durante os anos 1921-1928. Trótski constata ainda que esses «170 milhões» possuem «uma indústria de guerra desenvolvida». Como se não tivesse sido a política de industrialização e de colectivização proposta por Stáline, e realizada graças à sua vontade de ferro, que permitiu criar num tempo recorde as fábricas de armamento! Graças à sua linha justa, à sua vontade, à sua capacidade de organização, o regime bolchevique despertou todas as forças populares da sociedade, mantidas até então na ignorância, na superstição, no trabalho individual primitivo. No entanto, segundo as palavras do

provocador em que Trótski se converteu, este regime bolchevique paralisava todas as forças da sociedade! E faz uma das suas numerosas profecias desvairadas: Está certo de que o regime bolchevique não sobreviverá à guerra! Encontramos, pois, em Trótski dois temas de propaganda caros aos nazis: o antibolchevismo e o derrotismo.

«Berlim sabe perfeitamente até que grau de desmoralização a clique do Krémline arrastou o exército e a população na luta pela sua autopreservação. (...) Stáline continua a minar a força moral e a resistência do país em geral. Os carreiristas sem honra nem consciência, nos quais é cada vez mais obrigado a apoiar-se, trairão o país nos momentos difíceis.»¹³

Com o seu ódio ao comunismo, Trótski incita deste modo os nazis à guerra contra a URSS. Ele, o «fino especialista» dos assuntos da URSS, informa os nazis de que têm todas as possibilidades de ganhar a guerra contra Stáline: o exército e a população estão desmoralizados (falso!), Stáline mina a resistência (falso!), os stalinistas capitularão logo no início da guerra (falso!).

Na União Soviética esta propaganda trotskista teve dois efeitos: incitou ao derrotismo e ao espírito de capitulação, à ideia de que a vitória do fascismo era inevitável com uma direcção tão corrompida e incapaz; e instigou também «insurreições» ou atentados para eliminar os dirigentes bolcheviques «que trairão nos momentos difíceis». Com efeito, uma direcção da qual se afirma categoricamente que não sobreviverá à guerra poderia ser facilmente derrubada mal começasse o conflito. Os grupos anti-soviéticos e oportunistas podiam então tentar a sua sorte. Em ambos os casos as provocações de Trótski ajudaram directamente os nazis.

Trótski e o complot de Tukhatchévski

No capítulo consagrado ao *complot* militar de Tukhatchévski mostrámos que existiu realmente uma oposição anticomunista entre os quadros do Exército Vermelho. A atitude de Trótski em relação a esta realidade é muito significativa. Vejamos textualmente as posições de Trótski sobre o caso Tukhatchévski:

«Devo dizer aqui quais foram minhas relações com Tukhatchévski. Nunca levei a sério as convicções comunistas deste antigo oficial da Guarda. (...) Os generais (próximos de Tukhatchévski) lutaram para defender a segurança da União Soviética contra os interesses pessoais de Stáline.»¹⁴

«O exército precisa de homens capazes, honestos, como os economistas e os cientistas, homens independentes com espírito aberto. Todo homem ou mulher com espírito independente entra em conflito com a burocracia e a burocracia tem de decapitar todo o bloco para se preservar a si própria. (...) Um bom general como Tukhatchévski tem necessidade de assistentes, de outros generais à sua volta, e aprecia cada homem pelo seu valor intrínseco. A burocracia tem necessidade de homens dóceis, bizantinos, escravos, e esses dois tipos de homens entram sempre em conflito onde quer que seja.»¹⁵

«Tukhatchévski e com ele a flor dos quadros militares pereceram na luta contra a ditadura policial sobre os oficiais do Exército Vermelho. Pelas suas qualidades sociais, a burocracia militar não é naturalmente melhor que a burocracia civil. A burocracia no seu conjunto concentra nas suas mãos duas funções: o poder e a administração. Ora

precisamente estas duas funções estão hoje em contradição aguda. Para assegurar uma boa administração é necessário liquidar o poder totalitário.»

«Que pode pois significar a nova dualidade do comando: a primeira etapa da decomposição do Exército Vermelho e o início de uma nova guerra civil no país? Os comissários da nova formação representam o controlo da clique bonapartista sobre a administração militar e civil e, através dela, sobre o povo. Os actuais comandantes formaram-se no Exército Vermelho e estão indiscutivelmente ligados a ele. Ao invés, os comissários são recrutados entre os filhos dos burocratas que não têm experiência revolucionária, conhecimentos militares ou capital ideológico. É o exemplo acabado dos carreiristas da nova escola. Não são chamados a comandar porque encarnam a “vigilância”, ou seja, a supervisão policial do exército. Os comandantes demonstram-lhes um ódio bem merecido. O regime de dualidade do comando transforma-se numa luta entre a polícia política e o exército, na qual o poder central está ao lado da polícia.»

«O desenvolvimento do país, e em particular o crescimento das suas novas necessidades, é incompatível com a lama totalitária; é por isso que se manifestam tendências para repelir, perseguir, expulsar a burocracia de todos os domínios da vida. Nos domínios da técnica, do ensino, da cultura, da defesa, as pessoas experientes, conhecedoras, com autoridade repelem automaticamente os agentes da ditadura stalinista que são, na sua maioria, canalhas incultos e cínicos do género Mekhlis¹⁶ e Ejov.»¹⁷

Antes de mais nada, Trótski é obrigado a reconhecer que Tukhatchévski e os seus semelhantes nada tinham de comunistas: tempos antes, o próprio Trótski tinha, aliás, designado Tukhatchévski como candidato a um golpe de estado militar do tipo de Napoleão. Por outro lado, por imposição da sua luta cega contra Stáline, Trótski nega a existência de uma oposição burguesa, contra-revolucionária, na direcção do exército. Na verdade apoia qualquer oposição contra Stáline e o núcleo bolchevique, incluindo a de Tukhatchévski, Álksnis, etc.. Trótski conduz uma política de frente única com todos os anticomunistas no seio do Exército. Isto mostra claramente que não via outra forma de chegar ao poder senão em aliança com as forças da contra-revolução. Trótski afirma que todos aqueles que combatem Stáline e a direcção do Partido no seio do Exército estão efectivamente preocupados com a segurança do país, enquanto que os oficiais que são leais ao Partido defendem a ditadura de Stáline e os interesses pessoais deste último.

Ficamos impressionados ao constatar que a análise de Trótski sobre a luta no seio do Exército Vermelho se assemelha, como duas gotas de água, à que Roman Kolkowiz faz no seu estudo para o exército americano. Primeiro, Trótski opõe-se a todas as medidas do Partido no sentido de exercer controlo político sobre o Exército Vermelho. Em particular, ataca a reintrodução dos comissários políticos, que viriam a desempenhar um papel essencial como alma política da guerra de resistência antifascista, mantendo um moral revolucionário a toda prova e ajudando os jovens soldados a adoptarem uma orientação política clara face à complexidade extrema dos problemas colocados pela guerra. Trótski estimula sentimentos elitistas e exclusivistas dos militares contra o Partido, com o objectivo explicitamente mencionado de fazer rebentar o Exército Vermelho e provocar uma guerra civil. Em seguida, Trótski declara-se partidário da independência e portanto do «profissionalismo» dos oficiais, dizendo que são capazes, honestos e com espírito aberto na medida em que se opõem ao Partido! Torna-se assim evidente que todos os elementos anticomunistas do género de Tokáev defendiam as suas ideias dissidentes burguesas em nome da independência e da abertura de espírito!

Trótski afirma que havia um conflito entre o poder «stalinista» e a administração do Estado, e apoia esta última. De facto, a oposição que evoca entre poder e administração era a oposição entre o partido bolchevique e a burocracia do Estado. Como todos os anticomunistas do mundo, Trótski cola ao Partido o rótulo infamante da «burocracia». Ora o verdadeiro perigo de burocratização do regime encontra-se em sectores da administração que nada têm a ver com o ideal comunista, que procuram desembaraçar-se do controlo político e ideológico «sufocante» do Partido para assim se colocarem acima da sociedade, obtendo privilégios e vantagens de todo género. O controlo político do Partido sobre a administração militar e civil teve como objectivo principal combater as tendências de degeneração burocrática. Quando Trótski declara textualmente que para assegurar a boa administração do País é preciso libertá-la do Partido, torna-se o porta-voz das piores tendências burocráticas no seio do aparelho.

No plano mais geral, Trótski arvora-se em defensor do «profissionalismo» dos quadros militares, técnicos, científicos e culturais, enfim, de todos os tecnocratas que tendem a libertar-se do controlo do Partido, que gostariam de «expulsar o Partido de todos os domínios da vida», segundo o conselho de Trótski...

Na luta de classes que o Partido e o Estado atravessaram nos anos 30 e 40, a linha de demarcação estava entre as forças que defendiam a política leninista de Stáline e aquelas que encorajavam o tecnocratismo, o burocratismo e o militarismo. Foram estas últimas forças que adquiriram a hegemonia na direcção do Partido, com o golpe de estado de Khruchov.

Provocações ao serviço dos nazis

Trótski defendeu a tese segundo a qual, para preparar o País para a guerra contra a agressão nazi, era preciso abater Stáline e os bolcheviques. Ao fazê-lo, Trótski tornou-se um instrumento ao serviço dos hitlerianos. Recentemente, num encontro na Universidade Livre de Bruxelas, um energúmeno berrou: «*Isso são mentiras! Trótski sempre disse que defendia incondicionalmente a URSS contra o imperialismo.*»

Sim, Trótski sempre defendeu a União Soviética... se aceitarmos no mínimo que destruir o partido bolchevique era a melhor preparação para a defesa! O ponto capital é que Trótski incitava à insurreição antibolchevique – que não aproveitaria ao punhado de trotskistas, mas aos nazis. Trótski bem podia pregar a insurreição em nome de uma «melhor defesa» da URSS, mas isso em nada altera o facto de que ele conduzia uma política anticomunista e que mobilizava todas as forças anti-socialistas. Não há dúvida de que os nazis foram os primeiros a apreciar esta «melhor defesa da URSS».

Vejamos as declarações exactas de Trótski sobre a «melhor defesa da URSS». «*Não posso ser pela URSS em geral. Estou com as massas trabalhadoras que criaram a URSS e contra a burocracia que usurpou os ganhos da revolução.*» (...) «*O dever de um verdadeiro revolucionário é declarar francamente e abertamente: Stáline prepara a derrota da URSS.*»¹⁸

«*A principal fonte de perigo para a URSS nas condições actuais reside em Stáline e na oligarquia da qual é o chefe. A luta contra esta gente está para mim inseparavelmente ligada à defesa da URSS.*»¹⁹

«*O antigo partido bolchevique foi transformado num aparelho de casta. (...) Contra o inimigo imperialista, nós defendemos a URSS com todas as nossas forças. No entanto, as conquistas da Revolução de Outubro não servirão o povo se este não se mostrar*

capaz de agir com burocracia stalinista como antes o fez com a burocracia tsarista e a burguesia.»²⁰

«Só uma insurreição do proletariado soviético contra a infame tirania dos novos parasitas pode salvar o que ainda subsiste nos fundamentos da sociedade das conquistas de Outubro. Neste sentido, e apenas neste sentido, nós defendemos a Revolução de Outubro contra o imperialismo, fascista ou democrático, contra a burocracia stalinista e os seus “amigos” a soldo.»²¹

Destas citações ressalta com clareza que as palavras «nós defendemos a URSS contra o imperialismo» são pronunciadas por um anticomunista que é obrigado a dizê-las se quer ter alguma possibilidade de ser ouvido pelas massas decididas a defender com corpo e alma o regime socialista. Mas só pessoas politicamente cegas podiam enganar-se sobre o verdadeiro sentido desta «defesa». Com efeito só traidores e inimigos pregam a defesa desta forma: «Stáline trairá, ele prepara a derrota; é preciso então eliminar Stáline e a direcção bolchevique para poder defender a URSS.» Uma tal propaganda convinha perfeitamente aos nazis.

Trótski «defende» a URSS... mas não a URSS de Stáline e do partido bolchevique. Alega que defenderá a URSS «com todas as nossas forças», o que significa com alguns milhares de adeptos que dispunha na URSS! Mas para já aqueles milhares de marginais deviam esforçar-se para provocar uma insurreição contra Stáline e o partido bolchevique! Bela defesa, com efeito.

Mesmo um adversário do socialismo como Tokáev considera que estas palavras de Trótski faziam o jogo dos agressores alemães. Tokáev é partidário do imperialismo inglês. No início da guerra faz as seguintes reflexões:

«Os povos da URSS, guiados pelos seus sentimentos elementares face a um perigo mortal, estavam identificados com o regime de Stáline. As forças oposicionistas deram-se as mãos num movimento espontâneo. Em geral pensava-se: aliemo-nos até com o diabo para derrotar Hitler. Por esta razão, conduzir uma oposição contra Stáline não era apenas nocivo à frente internacional contra as Potências do Eixo, mas significava também tomar uma posição antagónica em relação aos povos da URSS.»²²

Ao aproximar-se a II Guerra Mundial, o derrubamento do partido bolchevique na União Soviética tornou-se a principal obsessão, se não a única, de Trótski. Eis as suas declarações:

«A burocracia reaccionária deve ser e será derrotada. A revolução política na URSS é inevitável.»²³

«Só o derrubamento da clique bonapartista do Krémline pode permitir a regeneração do poder militar da URSS. (...) A luta contra a guerra, o imperialismo e o fascismo exigem uma luta sem piedade contra o stalinismo coberto de crimes. Quem quer que defenda directamente ou indirectamente o stalinismo, quem quer que guarde silêncio sobre as suas traições ou exagere o poder do seu exército é o pior inimigo da revolução, do socialismo e dos povos oprimidos.»²⁴

Em 1938, quando estas frases foram escritas, uma feroz luta de classes desenvolvia-se na cena mundial entre o imperialismo e o socialismo, entre o fascismo e o bolchevismo. Só os homens políticos mais à direita do imperialismo francês, inglês e americano e os ideólogos fascistas defendiam esta tese propagada por Trótski: «Aquele que defende directamente ou mesmo indirectamente Stáline e o partido bolchevique é meu pior inimigo.»

Trótski propaga o terrorismo e a insurreição armada

A partir de 1935, Trótski passa a pregar publicamente e de forma constante o derrubamento dos bolcheviques pelo terrorismo e a insurreição armada. Em Abril de 1938 afirma que é inevitável que se produzam atentados contra Stáline e os outros dirigentes bolcheviques na URSS. Em palavras declara que o terror individual não faz parte das táticas leninistas. Mas ressalva que «as leis da história dizem-nos que os atentados e actos de terror contra *gangsters* como Stáline são inevitáveis». Eis os termos nos quais Trótski advogou o terror individual em 1938:

«Stáline destroi o Exército e espezinha o país. O ódio acumula-se em torno dele, implacável, e uma vingança terrível está suspensa sobre a sua cabeça. Um atentado? É possível que este regime, que exterminou todas as melhores mentes do país sob o pretexto da luta contra o terrorismo, atraia finalmente sobre ele próprio o terror individual. Pode acrescentar-se que seria contrário às leis da história que os gangsters no poder não levantem contra si a vingança de terroristas desesperados. Mas a IV Internacional não tem nada a ver com o desespero, e a vingança individual é demasiado limitada para nós. (...) Por muito que o destino pessoal de Stáline nos interesse, apenas podemos desejar que viva o tempo suficiente para ver o seu sistema desmoronar-se. Não terá de esperar muito.»²⁵

Assim, para os trotskistas, seria «contrário às leis da história» que ninguém tentasse matar Stáline, Mólotov, Jdánov, Káganovitch, etc., através de um atentado. Esta era uma forma «inteligente» e «hábil» de a organização clandestina trotskista fazer passar a sua mensagem terrorista. Não diz, «organizem atentados»; diz, «a vingança terrorista contra Stáline inscreve-se nas leis da história». Recorde-se que nos meios anticomunistas, frequentados por Tokáev e Aleksandr Zinóviev, colocava-se amiúde a questão da preparação de atentados contra os dirigentes bolcheviques. Vemos assim qual a natureza das forças que se «inspiravam» nos apelos de Trótski.

Trótski alterna os apelos ao terrorismo individual com a propaganda da insurreição armada. Em geral, utiliza a expressão velada e hipócrita da «revolução política». Quando num debate com o trotskista Mandel, em 1989, afirmámos que Trótski pregava a luta armada contra o regime soviético, Mandel teve um dos seus acessos de cólera e clamou que se tratava de uma das «mentiras stalinistas», já que «revolução política» quer dizer revolução popular, mas pacífica. Esta anedota é exemplar da duplicidade a que têm de recorrer sistematicamente os anticomunistas profissionais cuja tarefa principal é infiltrar os meios de esquerda. Aqui, Mandel queria lisonjear o pacifismo do público ecologista para o qual falávamos.

Eis o programa de luta armada antibolchevique apresentado por Trótski: *«O povo viveu três revoluções e derrubou a monarquia tsarista, a nobreza e a burguesia. Em certo sentido, a burocracia soviética reúne no presente traços de todas as classes derrubadas, mas não têm as suas raízes sociais, nem as suas tradições. Só através do terror organizado consegue defender os seus privilégios monstruosos. (...) Só poderemos garantir a defesa do País destruindo a clique autocrática dos sabotadores e dos derrotistas.»²⁶*

Verdadeiro contra-revolucionário, Trótski pretende que o socialismo reúne os traços opressivos do tsarismo, da nobreza e da burguesia. Mas, diz ele, o socialismo não tem uma base social tão ampla como esses regimes exploradores! As massas anti-socialistas poderão assim derrubá-lo mais facilmente. Novamente é um apelo a todas as forças

reaccionárias para que tomem de assalto esse regime abominável e precário e realizem a «quarta revolução».

Em Setembro de 1938, a Áustria já estava anexada. É o mês de Munique, onde os imperialismos inglês e francês darão sinal verde a Hitler para a ocupar a Checoslováquia. No seu novo *Programa de Transição*, Trótski desenvolve as tarefas a cumprir pela sua organização, a qual ele próprio confessa que «é, sem dúvida, extremamente fraca na URSS».

«É impossível realizar este programa sem derrubar a burocracia que se mantém pela violência e a falsificação. Só a sublevação revolucionária vitoriosa das massas oprimidas pode regenerar o regime soviético e assegurar a marcha em direcção ao socialismo. Só o Partido da IV Internacional é capaz de conduzir as massas soviéticas para a insurreição.»

Este documento, que as diferentes seitas trotskistas continuam a considerar como o seu programa fundamental, contém uma frase extraordinária. Quando chegará o dia da «insurreição» e da «sublevação» na União Soviética? A resposta de Trótski é de tal franqueza que nos deixa estupefactos: Trótski planeia a sua «insurreição» assim que os nazis tiverem agredido a União Soviética! Di-lo do seguinte modo: «O impulso para o movimento revolucionário dos operários soviéticos será dado, provavelmente, por acontecimentos exteriores.»²⁷

A seguinte citação apresenta-nos um belo exemplo da duplicidade. Em 1933, Trótski afirmou que um dos «crimes» dos stalinistas alemães foi terem recusado a frente única com a social-democracia contra o fascismo. Ora, até a tomada do poder por Hitler, a social-democracia defendia com unhas e dentes o regime capitalista e rejeitou todas as propostas de unidade anticapitalista e antifascista apresentadas pelo Partido Comunista Alemão. Mas agora estamos em 1940 e a II Guerra Mundial começou há oito meses. E é neste preciso momento que Trótski, o grande especialista da «frente única», propõe ao Exército Vermelho que desencadeie uma insurreição contra o regime bolchevique! Escreveu-o numa *Carta Aberta aos Trabalhadores Soviéticos*:

«O objectivo da IV Internacional é regenerar a URSS expurgando-a da sua burocracia parasitária. Isto só pode ser feito de uma forma: pelos operários, os camponeses, os soldados do Exército Vermelho e os marinheiros da Frota Vermelha que se levantarão contra a nova casta de opressores e de parasitas. Para preparar este levantamento de massas, é necessário um novo partido, a Quarta Internacional.»²⁸

Na altura em que Hitler ultimava já os planos de guerra contra a União Soviética, o provocador Trótski apela ao Exército Vermelho para que efectue um golpe de estado. Um tal acontecimento teria criado uma desordem monstruosa, abrindo o país inteiro aos tanques fascistas.

Notas

¹Henri Bernard, *Le communisme et l'aveuglement occidental*, Ed. André Grisar, 1982, p. 9.

²Ibidem, pp. 121, 123, 122, 11.

³Ibidem, pp. 48, 50.

⁴22 de Fevereiro de 1937; Trotski, *La lutte antibureaucratique en URSS*, U.G.E., 10-18, Paris 1975, pp. 143-144.

⁵14 de Fevereiro de 1940; Ibidem, pp. 281-284.

⁶Serrarens, *La Russie et l'occident*, C.I.S.C., Utrecht, não datado, pp. 33.

- ⁷14 de Fevereiro de 1940; Trotski, op. cit., p. 282.
- ⁸24 de Março de 1940. Ibidem, p.126.
- ⁹Abril de 1938; Trotski, *L'appareil policier du stalinisme*, Ed. 1049, 1976, p. 239.
- ¹⁰24 de Março de 1940; Trotski, *La lutte antibureaucratique*, op. cit., p. 216.
- ¹¹17 de Março de 1938; Ibidem, pp. 161-162.
- ¹²23 de Julho de 1939; Ibidem, pp. 257-259.
- ¹³12 de Março de 1938; Trotski, *L'appareil policier*, op. cit., p. 234.
- ¹⁴6 de Março de 1938; Ibidem, pp. 197 e 201.
- ¹⁵23 de Julho de 1939; Trotski, *La lutte antibureaucratique*, op. cit., pp. 258-259.
- ¹⁶Lev Zakhárovitch Mékhilis (1889-1953), membro do Partido desde 1918, do CC desde 1937 (candidato desde 1934). Trabalha no aparelho do CC e no Comissariado da Inspeção Operário-camponesa (1921-26), redactor do *Pravda* (desde 1930), chefe da Direcção de Propaganda Política do Exército Vermelho e vice-comissário da Defesa (1937-40 e 1941-42), comissário do Controlo Estatal e vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo (1940-41), ministro do Controlo Estatal (1946-50) (NT).
- ¹⁷3 de Julho de 1939; Ibidem, pp. 166-169.
- ¹⁸20 de Dezembro de 1938; Ibidem, pp. 209 e 211.
- ¹⁹13 de Março de 1940; Ibidem, pp. 294-297.
- ²⁰Maio de 1940; Ibidem, pp. 301-303.
- ²¹14 de Novembro de 1938; Ibidem, pp. 205-206.
- ²²Tokáev, *Comrade X*, Harvill Press, Londres, 1956, p. 188.
- ²³13 de Janeiro de 1938; *La lutte antibureaucratique*, op. cit., pp. 159-160.
- ²⁴10 de Outubro de 1938; Ibidem, p. 188.
- ²⁵Abril de 1938; *L'appareil policier*, op. cit., p. 239.
- ²⁶3 de Julho de 1938; *La lutte antibureaucratique*, op. cit., pp. 165 et 169.
- ²⁷*Programme de transition*, 1946, capítulo «La situation en URSS et les taches...», pp. 30, 33 e 32.
- ²⁸Maio de 1940; Trotski, *La lutte antibureaucratique*, op, cit., pp. 301-303.

Capítulo IX

Stáline e a guerra antifascista

Com o desmoronamento económico de 1929, toda a ordem capitalista mundial foi abalada. A atmosfera está prenhe de uma nova guerra mundial que em breve eclodirá. Mas onde? Com que extensão? Todas estas perguntas permaneceram muito tempo sem resposta. Mesmo após a deflagração «oficial» desta catástrofe, em 1940, ainda não estavam definitivamente esclarecidas. Estas perguntas sem resposta permitem compreender melhor a política externa de Stáline durante os anos 30.

O pacto germano-soviético

Hitler chega ao poder a 30 de Janeiro de 1933. Só a União Soviética compreende todos os perigos daí decorrentes para a paz mundial. Em Janeiro de 1934, Stáline declarou ao Congresso do Partido que «a “nova” política» [alemã] lembrava «no fundamental a política do antigo kaiser, que ocupou durante um certo tempo a Ucrânia e iniciou uma campanha contra Leningrado, transformando os países bálticos em cabeça-de-ponte dessa campanha». E declarou também: «Se os interesses da URSS exigirem uma aproximação com estes ou aqueles países que não estão interessados em romper a paz, fá-lo-emos sem hesitações.»¹

Até à chegada de Hitler, era a Inglaterra que dirigia a cruzada contra a União Soviética. Em 1918, Churchill tinha sido o instigador principal da intervenção militar que mobilizou 14 países. Em 1917, a Inglaterra rompeu as suas relações diplomáticas com a União Soviética e decretou um embargo às suas exportações. Em 1931, o Japão invadiu a China do Norte e as suas tropas chegaram à fronteira soviética na Sibéria. Nessa altura, a União Soviética acreditou que estava iminente uma guerra com o Japão. Em 1935, a Itália fascista ocupa a Etiópia. Em face do perigo da expansão fascista, a União Soviética propõe, logo em 1935, um sistema de segurança colectiva na Europa. É com essa perspectiva que conclui tratados de assistência mútua com a França e a Checoslováquia. Trótski difunde folhetos corrosivos contra Stáline, alegando que, com esses tratados, acabava de «trair» o proletariado francês e a revolução mundial... Ao mesmo tempo, vozes autorizadas da burguesia francesa afirmavam que o país não era obrigado a prestar auxílio à União Soviética no caso desta ser atacada...

Em 1936, a Itália e a Alemanha nazi enviam as suas tropas de elite para Espanha para combater o governo republicano legítimo. A França e a Inglaterra adoptam uma política de «não intervenção», dando liberdade de acção aos nazis. Tentam aliciar Hitler e empurrá-lo para Leste. Em Novembro do mesmo ano, a Alemanha e o Japão concluem o Pacto Anti-Komintern, ao qual a Itália se junta pouco depois. A URSS fica cercada.

A 11 de Março de 1938, a *Rádio Berlim* anunciou uma «revolta comunista na Áustria» e a *Wehrmacht* precipita-se sobre este país que é anexado dois dias mais tarde. A União Soviética toma a defesa da Áustria e apela à Inglaterra e à França para ponderarem uma defesa colectiva. «*Amanhã será talvez tarde de mais*», sublinhava a declaração soviética.

Em meados de Maio, Hitler concentra as suas tropas junto da fronteira checoslovaca. A União Soviética, ligada por um tratado de paz a este país ameaçado, concentra mais de

40 divisões na sua fronteira ocidental e mobiliza 330 mil reservistas. Mas em Setembro, a Inglaterra e a França reúnem-se em Munique com as potências fascistas, a Alemanha e a Itália. Nem a Checoslováquia nem a União Soviética foram convidadas. As grandes «democracias» decidem entregar a Hitler a região dos sudetas, parte integrante da Checoslováquia. Imediatamente a seguir a este acto pérfido, a Inglaterra assina, em 30 de Setembro, uma declaração com a Alemanha, onde fica dito que as duas potências exprimem o desejo «de nunca mais entrar de novo em guerra uma com a outra».² A França segue este exemplo em Dezembro. Não obstante, a União Soviética propõe a sua ajuda à Checoslováquia em caso de agressão alemã, mas esta oferta é recusada. A 15 de Março de 1939, a *Wehrmacht* ocupa Praga. Ao desmembrar a Checoslováquia, Hitler oferece um pedaço do bolo ao governo reaccionário polaco que morde a isca com avidez... Uma semana mais tarde, o exército alemão ocupa o território lituano de Klaipeda, importante porto no Báltico. Stáline compreende que o monstro se desloca para Leste e que a Polónia será a próxima vítima.

Em Maio de 1939, o exército japonês agride a Mongólia que estava ligada à União Soviética por um tratado de assistência militar. No mês seguinte, as tropas soviéticas dirigidas por um oficial desconhecido, Júkov,³ entram em combate com o exército japonês. O confronto militar é de envergadura: o Japão perde mais de 200 aviões e mais de 50 mil soldados são mortos ou feridos. A 30 de Agosto de 1939, as últimas tropas japonesas abandonam a Mongólia.

Dois dias depois outra fronteira da União Soviética fica ao rubro: a Alemanha invade a Polónia. Todos os países sabiam desta agressão iminente: Hitler precisava de «resolver o destino» da Polónia para obter a melhor posição e desencadear a guerra fosse contra a Inglaterra e a França, fosse contra a União Soviética. Recuemos alguns meses atrás.

Em Março de 1939, a União Soviética entabula negociações para formar uma aliança antifascista. A Inglaterra e a França deixam as coisas arrastarem-se, manobrando. Com esta atitude, as duas grandes «democracias» dão a entender a Hitler que poderia marchar contra Stáline sem ser incomodado a Oeste. De Junho a Agosto de 1939 realizam-se conversações secretas anglo-germânicas, durante as quais, em troca da integridade do Império Britânico, os ingleses prometem a Hitler liberdade de acção no Leste. A 29 de Julho, Charles Roden Buxton, do Partido Trabalhista, efectua uma missão secreta junto da embaixada alemã em nome do primeiro-ministro Chamberlain. Consigo levava o seguinte plano:

«A Grã-Bretanha declara-se pronta para concluir com a Alemanha um acordo delimitando as esferas de influência. (...)

«1) A Alemanha compromete-se a não se imiscuir nos assuntos do Império Britânico.

«2) A Grã-Bretanha compromete-se a respeitar integralmente as esferas dos interesses alemães no Leste e ao Sudeste da Europa. Isto terá como consequência que a Grã-Bretanha renunciará às garantias que “acordou” a certos Estados situados na esfera dos interesses alemães. A Grã-Bretanha compromete-se em seguida a trabalhar para que a França repudie a sua aliança com a União Soviética.

«3) A Grã-Bretanha compromete-se a pôr fim às conversações actualmente em curso com a União Soviética com vista à conclusão de um pacto.»⁴

Os serviços de informações soviéticos colocam Stáline a par de todas estas manobras. Em Agosto de 1939, as negociações entre a Inglaterra, a França e a União Soviética entram na sua fase final. Mas as duas potências ocidentais enviam a Moscovo delegações de segundo escalão, sem mandato para concluir um tratado. Vorochílov exige compromissos vinculativos e precisos para que, em caso de nova agressão alemã, os

aliados entrem em guerra juntos. Queria saber quantas divisões os ingleses e franceses oporiam a Hitler no caso de agressão à URSS. Mas não recebe resposta. Queria também concluir um acordo com a Polónia para que as tropas soviéticas pudessem enfrentar os nazis sobre território polaco em caso de agressão alemã. A Polónia recusa, tornando assim impossível qualquer acordo militar efectivo. Stáline compreende perfeitamente que a Inglaterra e a França se preparam para um novo Munique e que estão prestes a sacrificar a Polónia na esperança de fazer marchar Hitler contra a União Soviética.

Harold Ickes, secretário de Estado dos Estados Unidos, escreveu então no seu diário: «*A Inglaterra alimentava a esperança de provocar um confronto entre a Rússia e a Alemanha sem ela própria se comprometer. (...) A França deverá igualmente renunciar à Europa Central e Oriental em favor da Alemanha, na esperança de a ver entrar em guerra com a União Soviética. Assim, a França poderia ficar em segurança atrás da linha Maginot.*»⁵

A União Soviética vê-se diante do perigo mortal de se constituir uma frente única anti-soviética com todas as potências imperialistas. Com o apoio tácito da Inglaterra e da França, a Alemanha poderia, após a ocupação da Polónia, continuar o seu avanço e desencadear a «guerra-relâmpago» contra a União Soviética, enquanto o Japão atacaria a Sibéria.

Todavia, nesse momento, Hitler tinha já chegado à conclusão de que a França e a Inglaterra tinham menos capacidade e vontade de resistir. Decide, pois, ocupar a Europa Ocidental antes de atacar a URSS. A 20 de Agosto, Hitler propõe à União Soviética um pacto de não agressão. Stáline reage prontamente e, a 23 de Agosto, o pacto é assinado.

A 1 de Setembro, Hitler agride a Polónia. A Inglaterra e a França são apanhadas na sua própria armadilha. Estes dois países haviam facilitado todas as aventuras de Hitler na esperança de utilizá-lo contra a União Soviética. Desde 1933 que não cessavam de louvar os méritos de Hitler no combate ao comunismo. Agora vêem-se obrigados a declarar guerra à Alemanha nazi... mas sem a menor intenção de a travar efectivamente. A sua raiva explode numa virulenta campanha anticomunista sobre o tema: «O bolchevismo é o aliado natural do fascismo». Meio século depois, esta propaganda estúpida continua nos manuais escolares como uma verdade inegável. No entanto, a história mostrou que o pacto germano-soviético constituiu a chave da vitória na guerra antifascista. Isto parece um paradoxo, mas o pacto foi uma reviravolta que permitiu reunir as condições para a derrota alemã.

Com efeito, a União Soviética concluiu este pacto com a clara consciência de que, mais cedo ou mais tarde, a guerra com a Alemanha nazi seria inevitável. Uma vez que tinha sido a Alemanha a propor um acordo à URSS, Stáline extorquiu a Hitler o máximo de concessões a fim de obter as melhores posições para a guerra que se avizinhava. O *Pravda* de 23 de Setembro de 1939 escreveu:

«*A única coisa ainda possível é proteger da invasão alemã a Ucrânia Ocidental, a Bielorrússia Ocidental (duas regiões que tinham sido separadas da União Soviética em 1920) e os países bálticos. O governo soviético fez a Alemanha assumir o compromisso de que não transporá a linha formada pelos rios Narev, Bug e Vístula.*»⁶

No Ocidente, aqueles que continuam a simpatizar com a política anticomunista de Hitler escrevem agora: «*O fascismo e o bolchevismo, estes dois totalitarismos, dividiram entre si a Polónia*». Porém, o avanço das tropas soviéticas correspondeu aos interesses das massas populares dos territórios em causa, já que lhes permitiam desenvencilhar-se dos fascistas, dos grandes proprietários fundiários e dos capitalistas. Este avanço correspondeu também aos interesses do conjunto do movimento antifascista mundial. Os

burgueses mais realistas viram claramente que, ao avançar as suas tropas, a União Soviética obteve uma melhor posição de partida para a guerra. Churchill declarou a 1 de Outubro de 1939:

«O facto de os exércitos russos se colocarem nesta linha é claramente necessário para a segurança da Rússia face à ameaça nazi. Em todo caso a linha existe e está criada uma frente no Leste que a Alemanha nazi não ousa atacar.»⁷

Depois de se terem iludido com a esperança de verem o exército nazi precipitar-se através da Polónia contra a União Soviética, a França e a Inglaterra tiveram de declarar guerra à Alemanha. Mas sobre a Frente Ocidental, nenhuma bomba perturbará a tranquilidade dos nazis. Em contrapartida, uma verdadeira guerra política interna é desencadeada contra os comunistas. Em 26 de Setembro, o PCF é proibido e milhares de seus membros são lançados nas prisões. Henri de Kerillis escreveu:

«Uma tempestade indescritível revolveu as consciências burguesas. O espírito de cruzada resfolegou em fúria. Não se ouvia senão um grito: guerra à Rússia. Foi neste momento que o delírio anticomunista atingiu o seu paroxismo.»⁸

No mesmo momento, Stáline comenta com grande perspicácia a Júkov:

«O governo francês com Daladier à cabeça e o governo inglês de Chamberlain não querem envolver-se seriamente na guerra contra Hitler. Esperam ainda impelir Hitler para uma guerra contra a União Soviética. Se se recusaram em 1939 a constituir connosco um bloco anti-hitleriano, foi porque não queriam atar as mãos de Hitler, não queriam forçá-lo a renunciar à sua agressão contra a União Soviética. Mas nada resultará de tudo isso. Terão de pagar eles próprios pela sua política de visão curta.»⁹

Consciente de que a guerra com a Alemanha era inevitável, o governo soviético preocupa-se seriamente com a segurança de Leningrado, situada a 32 quilómetros da fronteira finlandesa. Em 14 de Outubro de 1939, Stáline e Mólotov enviam ao governo finlandês um memorando sobre o problema da defesa de Leningrado. A União Soviética pretende assegurar «a possibilidade de bloquear a entrada do Golfo da Finlândia». Solicita que a Finlândia lhe ceda, por arrendamento, o pequeno porto de Hanko e quatro pequenas ilhas. Para permitir a defesa de Leningrado, pede igualmente uma parte do istmo da Carélia pertencente à Finlândia. Em troca, a URSS ofereceu à Finlândia uma parte da Carélia soviética, duas vezes maior.¹⁰

Instigada pela Alemanha, a Finlândia recusa. A 30 de Novembro de 1939, a URSS declara-lhe guerra. Alguns dias mais tarde, Hitler dá as suas instruções para a próxima guerra contra a União Soviética. Entre outras coisas refere: *«Nos flancos da nossa operação, poderemos contar com a intervenção activa da Roménia e da Finlândia na guerra contra a Rússia soviética.»¹¹*

A Inglaterra e a França, até aqui preocupadas em não se envolverem numa «guerra alheia», lançam-se agora numa guerra de sangue e ferro... contra a ameaça bolchevique! Em três meses, a Inglaterra, a França, os Estados Unidos e a Itália fascista enviam 700 aviões, 1500 canhões e seis mil metralhadoras para a Finlândia, «vítima da agressão».¹²

O general francês Weygand desloca-se à Síria e à Turquia para preparar um ataque contra a União Soviética a partir do Sul. O plano do Estado-Maior General francês prevê o bombardeamento dos poços petrolíferos de Baku. Nessa altura, o general Serrigny escreve:

«Na realidade, Baku, com a sua produção de 23 milhões de toneladas de petróleo, domina a situação. Se conseguirmos conquistar o Cáucaso ou se as suas refinarias fossem simplesmente incendiadas pela nossa força aérea, o monstro afundar-se-ia exangue.»¹³

Apesar de não ter disparado nem uma bala contra os nazis aos quais tinha declarado guerra, o governo francês reúne um corpo de expedicionários de 50 mil homens para combater os vermelhos! Chamberlain declara que a Inglaterra enviará 100 mil soldados.¹⁴ Estas tropas não chegaram à Finlândia porque entretanto o Exército Vermelho derrotou o exército finlandês: em 14 de Março de 1939 é assinado um acordo de paz. Mais tarde, já em plena guerra, uma publicação gaulista, que apareceu no Rio de Janeiro, afirmará:

«No final do Inverno de 1939-40 malogrou-se o complot político e militar de Chamberlain e de Daladier, que tinha por objectivo provocar uma reviravolta contra a União Soviética e de pôr fim ao conflito entre a aliança franco-inglesa e a Alemanha através de um compromisso e de uma aliança anti-Komintern. Este complot consistia em enviar um corpo de expedição franco-inglês para ajudar os finlandeses, cuja intervenção teria provocado um estado de guerra com a União Soviética.»¹⁵

O pacto germano-soviético e a derrota da Finlândia prepararam as condições da vitória do Exército Vermelho contra os nazis. Estes dois acontecimentos tiveram quatro consequências primordiais.

Impediram a formação de uma frente unida das potências imperialistas contra a União Soviética socialista. Um ataque alemão em 1939 teria certamente arrastado uma intervenção japonesa na Sibéria. Agora, pelo contrário, a URSS pôde assinar um pacto de não agressão com o Japão que foi mantido até à derrota do fascismo.

A França e a Inglaterra, que tinham recusado ao longo da década de 30 um sistema de segurança colectiva, foram obrigadas a entrar numa aliança militar efectiva com a União Soviética no momento em que a Alemanha rompeu o pacto germano-soviético.

A União Soviética pôde avançar suas defesas em 150 a 300 quilómetros. Este factor teve uma grande influência na defesa de Leningrado e de Moscovo no final de 1941. A União Soviética ganhou 21 meses de paz que lhe permitiram reforçar de uma forma decisiva a sua indústria de Defesa e as suas forças armadas.

Stáline preparou mal a guerra antifascista?

Quando Khruchov tomou o poder, inflectiu completamente a linha do Partido. Para o fazer, precisou de denegrir Stáline e a sua política marxista-leninista. Numa série de calúnias inverosímeis, chegou ao ponto de negar os imensos méritos de Stáline na preparação e condução da guerra antifascista. Khruchov pretendeu que, nos anos 1936-41, Stáline havia preparado mal o país para a guerra. Eis as suas palavras:

«Stáline apresentou a tese de que a tragédia vivida pelo nosso povo no período inicial da guerra tinha sido alegadamente o resultado do ataque “surpresa” dos alemães contra a União Soviética. Mas isto, camaradas, não corresponde de modo nenhum à realidade. Logo que Hitler chegou ao poder na Alemanha, colocou de imediato a tarefa de liquidar o comunismo. (...) Numerosos factos do período anterior à guerra demonstram de forma eloquente que Hitler dirigiu todos os seus esforços para desencadear a guerra contra o Estado soviético.»¹⁶

«Se a nossa indústria tivesse sido mobilizada de forma adequada e no tempo requerido para fornecer ao Exército o armamento e os equipamentos necessários, as nossas perdas nesta dura guerra teriam sido infinitamente menores. (...) O nosso exército estava mal equipado. (...) A ciência e tecnologia soviéticas realizaram antes da

*guerra excelentes protótipos de tanques e peças de artilharia. Mas a produção em série de tudo isto não foi organizada (...).*¹⁷

Que os participantes do XX Congresso tenham podido escutar estas calúnias sem que protestos indignados tivessem disparado de todos os lados diz muito sobre a degenerescência política já em curso. Todavia, na sala encontravam-se dezenas de marechais e generais que sabiam a que ponto aquelas palavras eram ridículas. Mas na altura ninguém abriu a boca. O seu profissionalismo estrito, o exclusivismo militar, a negação da luta política no interior do Exército, a rejeição da direcção ideológica e política do Partido sobre o Exército: tudo isso aproximou-os do revisionismo de Khruchov.

Todos os grandes chefes militares, Júkov, Vassiliévski, Rokossóvski,¹⁸ não nunca aceitaram a necessidade da depuração do Exército em 1937-1938. Não tinham tão pouco compreendido as razões políticas do processo de Bukhárine. Por tudo isto, apoiaram Khruchov quando este substituiu o marxismo-leninismo pelas teses rebuscadas dos mencheviques, trotskistas e bukharinistas. Isto explica por que os marechais engoliram as mentiras de Khruchov sobre a II Guerra Mundial. Mentiras que refutariam mais tarde nas suas memórias quando estas questões já não estavam no centro da luta política e se tinham tornado puramente académicas.

Nas suas *Memórias* publicadas em 1970, Júkov sublinha a justo título, face às alegações de Khruchov, que a verdadeira política de defesa começou com a decisão de Stáline de lançar a industrialização em 1928.

*«Era possível adiar por cinco ou sete anos o desenvolvimento acelerado da indústria pesada para assim proporcionar ao povo, mais cedo e em maior quantidade, objectos de consumo corrente. Não seria isso tentador?»*¹⁹

Stáline preparou a defesa da União Soviética construindo mais de nove mil empresas industriais entre 1928 e 1941 e tomando a decisão estratégica de implantar no Leste do país uma poderosa base industrial completamente nova.²⁰ A propósito da política de industrialização, Júkov presta homenagem «à sagacidade e clarividência» de Stáline que foram «sancionadas de forma definitiva pelo julgamento supremo da história» no decurso da guerra.²¹

Em 1921 foi preciso começar do zero em quase todos os domínios da produção militar. Durante o primeiro e segundo planos quinquenais, o Partido previu uma taxa de crescimento para a indústria militar superior aos demais ramos da indústria.²² Vejamos dois números significativos dos dois primeiros planos. A produção anual de tanques, que era de 740 unidades em 1930, alcançou as 2271 unidades em 1938.²³ No mesmo período, a construção de aviões aumentou de 860 para 5500 unidades por ano.²⁴

No decurso do terceiro plano quinquenal, entre 1938 e 1940, o conjunto da produção industrial progrediu 13 por cento ao ano, mas a produção da indústria da defesa aumentou 39 por cento.²⁵

A trégua obtida graças ao pacto germano-soviético foi explorada por Stáline para impulsionar ao máximo a produção militar. Júkov testemunha-o:

«Para que as fábricas de Defesa de alguma importância pudessem receber tudo o que precisavam, delegados do Comité Central, organizadores experimentados e especialistas conhecidos foram nomeados para liderar as respectivas organizações do Partido. Devo dizer que Ióssif Stáline prestou uma ajuda considerável, ocupando-se ele próprio das empresas que trabalhavam para a Defesa. Ele conhecia bem dezenas de directores de fábricas, de organizadores do Partido, engenheiros principais, avistava-

*se com eles frequentemente e conseguia obter, com a perseverança que o caracterizava, a execução dos planos traçados».*²⁶

As entregas militares efectuadas entre 1 de Janeiro de 1939 e 22 de Junho de 1941 são impressionantes. A artilharia recebeu 92 578 peças, entre as quais 29 637 canhões de campanha e 52 407 morteiros. Os novos morteiros de 82 e 120 milímetros foram introduzidos ainda antes da guerra começar.²⁷

A Força Aérea recebeu 17 745 aviões de combate, dos quais 3719 novos modelos. No domínio da aviação: *«As medidas tomadas entre 1939 e 1941 criaram as condições necessárias para obter rapidamente no decurso da guerra a superioridade quantitativa e qualitativa.»*²⁸

O Exército Vermelho recebeu mais de sete mil tanques. Em 1940 iniciou-se a produção do tanque médio *T-34* e do tanque pesado *KV*, ambos superiores aos tanques alemães. Foram produzidas 1851 unidades até ao momento em que deflagrou a guerra.²⁹

A propósito destas realizações, exprimindo indirectamente o seu desprezo pelas acusações de Khruchov, Júkov faz uma reveladora autocrítica: *«Lembrando-me do que nós, militares, exigíamos à indústria nos últimos meses de paz e a forma como o exigíamos, reconheço que não levávamos suficientemente em conta as possibilidades económicas reais do país.»*³⁰

A preparação militar propriamente dita foi também impulsionada com o máximo vigor por Stáline. Os confrontos militares com o Japão, em Maio-Agosto de 1939, e com a Finlândia, entre Dezembro de 1939 e Março de 1940, estão directamente ligados à resistência antifascista. Estas experiências de combate foram analisadas em profundidade para suprir lacunas e falhas do Exército Vermelho.

Em Março de 1940, uma reunião do Comité Central examinou as operações contra a Finlândia. *«Os debates foram muito violentos. A instrução e a formação das nossas tropas foram severamente criticadas»*, afirma Júkov.³¹

Em Maio, Júkov foi recebido por Stáline que lhe declarou: *«Você tem agora experiência de combate. Assuma o comando da região de Kíev e utilize a sua experiência para a instrução das tropas.»*³² Aos olhos de Stáline, Kíev revestia-se um significado militar particular. Era ali que ele esperava o golpe principal no momento da agressão alemã.

*«Stáline estava persuadido de que os nazis iriam, em primeiro lugar, tentar ocupar a Ucrânia e a Bacia do Don, para assim privarem o nosso país dessas regiões económicas importantes, apoderando-se do trigo ucraniano, do carvão do Donbass e mais tarde do petróleo do Cáucaso. Na Primavera de 1941, durante o estudo do plano operacional, I.V. Stáline notou: “Sem estes recursos de importância vital, a Alemanha fascista não poderá conduzir uma guerra prolongada”.*³³

No Verão e no Outono de 1940, Júkov submeteu as suas tropas a uma intensa preparação de combate. Constata que dispõe de jovens oficiais e de generais capazes e fá-los assimilar as lições tiradas das operações alemães contra a França.³⁴

De 23 de Dezembro de 1940 a 13 de Janeiro de 1941, os oficiais superiores reúnem-se numa grande conferência. No centro dos debates: a futura guerra com a Alemanha. A experiência acumulada pelos fascistas com grandes corpos blindados é estudada com uma atenção particular. No dia seguinte ao final da conferência teve lugar um grande exercício operacional e estratégico sobre o mapa, ao qual Stáline assistiu. Júkov escreveu:

«A situação estratégica assentava em acontecimentos que se supunha que poderiam desenvolver-se na nossa fronteira ocidental, caso a Alemanha atacasse a União Soviética.»³⁵

Júkov dirige a agressão alemã, Pavlov, a resistência soviética. *«O exercício foi abundante em peripécias dramáticas para a parte “vermelha”. As situações que se apresentaram após 22 de Junho de 1941 assemelharam-se muito às deste exercício»,* observa Júkov.

Pavlov perdeu a guerra contra os nazis. Stáline admoestou-o energicamente: *«O comandante das tropas de uma região deve possuir a arte militar e saber encontrar a solução em qualquer situação. Esse não foi o seu caso.»³⁶*

A construção de sectores fortificados ao longo da nova fronteira ocidental foi iniciada em 1940. Nas vésperas do começo da guerra tinham sido construídas perto de 2500 instalações em betão e 140 mil homens trabalhavam diariamente. *«E Stáline pressionava-nos para terminar»,* afirma Júkov.³⁷

A XVIII Conferência do Partido, de 15 a 20 de Fevereiro de 1941, foi integralmente consagrada à preparação da indústria e dos transportes na perspectiva da guerra. Delegados vindos de toda a União Soviética elegem vários militares para membros suplentes do Comité Central.³⁸

Em começos de Março de 1941, Timochénko³⁹ e Júkov pedem a Stáline que convoque os reservistas da infantaria. Stáline começa por recusar receando dar um pretexto aos alemães para provocarem a guerra. Mas em finais do mesmo mês aceita convocar cerca de 800 mil reservistas que foram enviados para as fronteiras.⁴⁰ Em Abril, o Estado-Maior General informa Stáline de que as tropas das regiões militares do Báltico, da Bielorrússia, de Kíev e de Odessa não eram suficientes para responder ao ataque. Stáline decide fazer avançar para as fronteiras 28 divisões, agrupadas em quatro exércitos, sublinhando a necessidade de proceder com extrema prudência para não provocar os nazis.⁴¹

Em 5 de Maio de 1941, no grande palácio do Krémline, Stáline fala diante dos oficiais formados nas academias militares. O seu tema central foi: *«Os alemães estão errados ao acreditarem que o seu exército é invencível.»⁴²*

Todos estes factos permitem refutar as críticas maledicentes habitualmente lançadas contra Stáline: *«Ele preparou o exército para a ofensiva, mas não para a defensiva»; «Ele confiava no pacto germano-soviético e em Hitler, o seu cúmplice»; «Ele pensava que não haveria uma guerra com os nazis».* Estas calúnias visam obscurecer as proezas históricas dos comunistas e, conseqüentemente, aumentar o prestígio dos seus adversários.

Júkov, que desempenhou um papel essencial na tomada do poder por Khruchov entre 1953 e 1957, teve o cuidado nas suas *Memórias* de desmentir de forma contundente o «relatório secreto» de Khruchov. Sobre a preparação do país para a guerra, conclui o seguinte:

«A obra de defesa nacional, nas suas linhas e orientações fundamentais e essenciais, foi conduzida da maneira adequada. Durante anos foi feito tudo ou quase tudo o que podia ser feito, tanto no sector económico como no sector social. Quanto ao período que se estende de 1939 até meados de 1941, é uma época em que o povo e o Partido desenvolveram esforços particularmente importantes para reforçar a defesa, esforços que exigiam a utilização de todas as forças e de todos os meios. Uma indústria desenvolvida, uma agricultura colectivizada, a instrução pública alargada ao conjunto da população, a unidade da nação, o poder do Estado socialista, o nível elevado de patriotismo do povo, uma direcção que, através do Partido, estava pronta para realizar

a unidade entre a frente e a retaguarda, todo este conjunto de factores constituiu a causa primeira da grande vitória que iria coroar a nossa luta contra o fascismo. Só o facto de a indústria soviética ter podido produzir uma quantidade colossal de armamentos – perto de 490 mil canhões e morteiros, mais de 102 mil tanques e canhões autopropulsionados, mais de 137 mil aviões de combate – prova que os fundamentos da economia, do ponto de vista militar, haviam sido lançados de forma adequada e sólida. (...) Em tudo o que era essencial e fundamental, o Partido e o povo souberam preparar a defesa da pátria. Ora é o essencial e o fundamental que, no fim de contas, decidem o destino de um país em guerra.»⁴³

O dia do ataque alemão

Para atacar o imenso prestígio de Stáline, que foi incontestavelmente o maior chefe militar da guerra antifascista, os seus inimigos gostam de discorrer sobre o «erro monumental» que cometeu ao não ter previsto a data exacta da agressão. Khruchov, no seu «relatório secreto», afirma:

«Documentos agora publicados mostram que, logo em 3 de Abril de 1941, Churchill avisou pessoalmente Stáline através do embaixador inglês na URSS, Cripps, de que as tropas alemãs tinham começado a reagrupar-se, preparando o ataque à União Soviética. (...) Contudo, Stáline não tomou em consideração estas advertências.»⁴⁴

Khruchov prosseguiu dizendo que adidos militares soviéticos em Berlim haviam relatado rumores segundo os quais o ataque contra a URSS começaria no dia 14 de Maio ou a 15 de Junho.

«Apesar de todas estas indicações extraordinariamente importantes, não foram tomadas medidas suficientes para preparar bem o País para a defesa e excluir a possibilidade de um ataque de surpresa. (...) Quando os exércitos fascistas já tinham invadido o território soviético, foi dada ordem de Moscovo para não responder aos tiros. (...) Na véspera da invasão do exército hitleriano do território da União Soviética, um alemão atravessou a nossa fronteira e informou que as tropas alemãs tinham recebido a ordem de iniciar a ofensiva contra a União Soviética na madrugada de 22 de Junho, às três horas. Stáline foi imediatamente informado disso, mas até a este sinal não foi dada atenção.»⁴⁵

Esta versão é difundida por toda a literatura burguesa e revisionista. Elleinstein, por exemplo, escreve que «no sistema ditatorial e pessoal que Stáline tinha instaurado ninguém ousava corrigir este erro de julgamento.»⁴⁶ Que se pode dizer a respeito do primeiro dia da guerra? Stáline sabia perfeitamente que a guerra seria de uma crueldade extrema, que os fascistas exterminariam impiedosamente os comunistas soviéticos e que, com um terror sem precedentes, reduziriam os povos soviéticos à escravidão.

A Alemanha hitleriana tinha-se reforçado com todo o potencial económico europeu. Cada mês, cada semana de paz permitia um reforço notável de defesa da União Soviética. O marechal Vassiliévski escreveu:

«A direcção política do país via a aproximação da guerra e empreendia o máximo de esforços para atrasar a data da entrada da União Soviética no conflito. Era uma linha sábia e realista. A sua aplicação exigia antes de tudo uma hábil condução das relações diplomáticas com os países capitalistas particularmente agressivos.» O exército recebeu instruções muito estritas para «não empreender nenhuma acção que os

dirigentes hitlerianos pudessem utilizar para agravar a situação e para provocações militares.»⁴⁷

Desde o mês de Maio de 1941 que a situação nas fronteiras se tornara muito tensa. Era preciso manter o sangue frio e não se deixar levar por provocações alemãs. Vassiliévski diz a este propósito:

«A colocação das tropas em estado de alerta na zona de fronteira é em si um acontecimento excepcional. Um estado de alerta prematuro das Forças Armadas pode causar tanto mal como o seu atraso. Da política hostil de um Estado vizinho até a guerra há frequentemente uma distância enorme.»⁴⁸

Hitler não tinha conseguido invadir a Inglaterra nem abalá-la. O império britânico continuava a ser a primeira potência no mundo. Stáline sabia que Hitler evitaria a todo o custo uma guerra em duas frentes. Havia bons argumentos para crer que Hitler faria tudo para vencer a Inglaterra antes de abrir as hostilidades contra a URSS.

Desde há vários meses que Stáline recebia informações dos serviços secretos soviéticos anunciando a agressão alemã dentro de uma ou duas semanas. Muitas dessas informações eram intoxicação emanada dos britânicos ou dos americanos que queriam lançar os lobos fascistas contra o país socialista.

Cada medida de reforço da defesa das fronteiras soviéticas era explorada pelos meios de direita nos Estados Unidos para anunciar um ataque iminente da URSS contra a Alemanha.⁴⁹ Júkov anotou:

«Na Primavera de 1941 havia nos países ocidentais uma profusão de informações de carácter provocador relativas a preparativos militares importantes que a União Soviética teria empreendido contra a Alemanha.»⁵⁰ A direita anglo-americana empurrava assim os fascistas contra a URSS.

Além disso, Stáline não tinha nenhuma garantia quanto à atitude inglesa e norte-americana em caso da agressão nazi contra a URSS. Em Maio de 1941, Rudolf Hess, o número dois do partido nazi, deslocou-se a Inglaterra. Sefton Delmer, que dirigia uma estação de rádio inglesa especializada em emissões de intoxicação dirigidas à Alemanha, anota no seu livro:

«Hess declarou que o objectivo da sua viagem era oferecer a paz aos ingleses “sob quaisquer que fossem as condições”, contando que a Grã-Bretanha aceitasse participar no ataque à Rússia ao lado da Alemanha. (...) “Uma vitória da Inglaterra aliada aos russos”, afirmou Hess, “significaria a vitória dos bolcheviques. Isso levaria, mais cedo ou mais tarde, à ocupação da Alemanha e do resto da Europa pelos russos”.»⁵¹

Na Inglaterra, a tendência para um entendimento com Hitler contra a URSS tinha raízes profundas. Um acontecimento recente testemunhou-o uma vez mais. Em começos de 1993 rebentou uma controvérsia na Grã-Bretanha a propósito do livro *The End of Glory (O Fim da Glória)*, uma biografia de Churchill, da autoria de John Charmley. Alan Clark, um antigo ministro da Defesa de Margaret Thatcher, veio a público declarar que Churchill teria feito melhor se houvesse concluído a paz com a Alemanha na Primavera de 1941. A Alemanha nazi e a Rússia bolchevique ter-se-iam devorado mutuamente e a Inglaterra teria podido manter o seu Império!⁵²

Retornemos ao início de 1941. Stáline recebia então no seu gabinete numerosas informações vindas do todo o mundo anunciando um ataque iminente da Alemanha contra a Inglaterra. Quando, ao mesmo tempo, Stáline via relatórios provenientes da Inglaterra que anunciavam uma agressão iminente dos nazis contra a União Soviética, devia perguntar-se: em que medida se tratará de intoxicação inglesa, visando desviar da Grã-Bretanha um ataque nazi?

Após a guerra soube-se que o marechal Keitel, cumprindo uma instrução de Hitler de 3 de Fevereiro de 1941, organizou o que considerou ser «a manobra de contra-informação mais importante da história». Júkov escreveu:

«(O exército alemão) *imprimiu em grandes quantidades toda uma série de materiais relativos à Inglaterra. Intérpretes de inglês foram afectados às unidades. Preparava-se o “isolamento” de certos distritos costeiros da Mancha, do Pas-de-Calais e da Noruega. Fazia-se circular informações sobre um corpo aerotransportado inexistente. Foram instaladas ao longo das costas baterias de foguetes fictícios. (...) A propaganda alemã, tendo cessado os seus ataques habituais contra a União Soviética, encarniçava-se agora unicamente contra a Inglaterra.*»⁵³

Tudo isso explica a extrema prudência demonstrada por Stáline. Ele não foi de nenhum modo o ditador cego pintado por Elleinstein, mas antes um chefe comunista extremamente lúcido que pesava todas as possibilidades. Júkov testemunha:

«*Uma vez Stáline disse-me: “Um homem fez-nos chegar informações muito importantes sobre as intenções do governo hitleriano, mas nós temos algumas dúvidas”... Talvez falasse de R. Sorge.*»^{54/55}

Segundo Júkov, os serviços de informações soviéticos tiveram a sua parte de responsabilidade no erro de apreciação da data da agressão. A 20 de Março de 1941, o general Gólikov,⁵⁶ chefe dos serviços, entregou a Stáline um relatório contendo informações de importância excepcional. Indicavam nomeadamente que a agressão se situaria entre 15 de Maio e 15 de Junho. Mas nas suas conclusões, Gólikov notava que se tratava de «uma intoxicação proveniente dos serviços secretos britânicos ou talvez alemães». Gólikov estimava que a agressão teria lugar «no momento seguinte à vitória da Alemanha sobre a Inglaterra.»⁵⁷

A 13 de Junho, Timochénko pede a Stáline para colocar as tropas em estado de alerta. «*Nós reflectiremos*», respondeu Stáline. No dia seguinte, Timochénko e Júkov voltam à carga. Stáline disse-lhes: «*Propõem-me que efectue a mobilização. Mas isso é a guerra! Compreendem?*»

Júkov replica que, segundo os serviços de informações, as divisões alemãs tinham sido completadas. Stáline retorquiu: «*Não podemos acreditar em tudo o que dizem os serviços de informações.*» Nesse momento preciso, Stáline recebe um telefonema de Khruchov. «*Pelas suas respostas, compreendemos que se tratava de agricultura. “Muito bem”, disse Stáline. Khruchov pintou-lhe sem dúvida em cor-de-rosa as perspectivas de uma bela colheita.*»⁵⁸

Da parte de Júkov, esta observação é de uma fina perfídia. Sabemos que Khruchov apontou a «falta de vigilância» e «irresponsabilidade» de Stáline. Mas, no mesmo momento em que Júkov, Timochénko e Stáline avaliavam as possibilidades de uma agressão iminente, o vigilante Khruchov falava de legumes e cereais...

Na noite de 21 de Junho, um desertor alemão relata que o ataque começaria na noite seguinte. Timochénko, Júkov e Vatútine⁵⁹ são chamados a Stáline, que lhes pergunta:

«*E se os generais alemães nos enviaram este desertor para provocar um conflito?*»

Timochénko responde: «*Ele diz a verdade*».

Stáline: «*Que vamos fazer?*»

Timochénko: «*É preciso colocar as tropas em alerta.*»

Após uma breve discussão, os militares redigiram um texto ao qual Stáline faz algumas correcções. Eis o essencial:

«*Ordeno:*

a) ocupar secretamente, durante a noite de 21 a 22-6-41, as posições de fogo dos sectores fortificados ao longo da fronteira do Estado;

b) dispersar, antes da madrugada de 22-6-41, toda a aviação nos aeródromos de campanha, incluindo a aviação de apoio, e camuflá-la cuidadosamente;

c) colocar todas as unidades em estado de alerta. Manter as tropas em estado de dispersão e camuflá-las.»⁶⁰

Assinado: Timochénko e Júkov.

A transmissão para as regiões foi realizada pouco depois da meia-noite. Estávamos já em 22 de Junho de 1941.

A propósito dos primeiros meses da guerra, Khruchov escreveu:

«(...) Depois dos primeiros graves reveses e derrotas nas frentes, Stáline pensou que tinha chegado o fim. (...) Durante muito tempo, ele não dirigia efectivamente as operações militares e deixou em geral de trabalhar, só retomando a direcção quando alguns membros do Politburo iam ter com ele e lhe diziam que era impreterível tomar esta ou aquela medida.⁶¹ (...) Foi feita uma tentativa de convocar um plenário do CC em Outubro de 1941, altura em que os membros do Comité Central de todo o país foram especialmente chamados a Moscovo. (...) Stáline nem sequer quis encontrar-se e conversar com os membros do Comité Central. Este facto mostra a que ponto Stáline estava desmoralizado nos primeiros meses da guerra (...)»⁶². Elleinstein acrescenta: «De 22 de Junho a 3 de Julho, Stáline desapareceu totalmente. Bebendo muita vodka, andou embriagado durante quase 11 dias.»⁶³.

Voltemos pois agora ao nosso Stáline, perdido de bêbado durante 11 dias e desmoralizado durante mais quatro meses. Naquele dia 22 de Junho de 1941, assim que, às 3,40 horas da madrugada, Júkov comunica que os aviões alemães tinham bombardeado cidades fronteiriças, Stáline diz-lhe para convocar o Bureau Político. Os seus membros reuniram-se às 4,30 horas da madrugada. Vatútine informa-os de que as unidades terrestres alemãs tinham tomado a ofensiva. Pouco depois é anunciada a declaração de guerra alemã.

Stáline compreende melhor que ninguém a selvajaria a que o seu país iria ser submetido. Manteve um longo silêncio, Júkov recorda este instante dramático:

«Stáline era um homem voluntarioso, sem medo na cara, como se costuma dizer. Só o vi uma única vez bastante abatido. Foi no alvorecer de 22 de Junho de 1941: a sua convicção na possibilidade de evitar a guerra acabava de ser destruída.»⁶⁴.

Júkov propõe então atacar imediatamente as unidades inimigas. Stáline diz-lhe para redigir uma directiva que é enviada às 7,15 horas. Todavia a ordem «já não correspondia à realidade e não foi aplicada», anota Júkov.⁶⁵ A afirmação de Khruchov segundo a qual Stáline ordenara que não se respondesse ao fogo alemão é portanto uma patranha.⁶⁶

E se ficou abalado no momento em que lhe foi comunicado o rebentamento da guerra, «após o 22 de Junho de 1941 e durante todo o curso da guerra, Ióssif Stáline assegurou a direcção firme do país, da guerra e das nossas relações internacionais.»⁶⁷

Além disso, neste mesmo 22 de Junho, Stáline tomou decisões de grande importância. Júkov testemunha-o:

«Pelas 13 horas do dia 22 de Junho, Stáline chamou-me: “Os nossos comandantes de frente não têm experiência suficiente na condução das operações militares e, manifestamente, vários estão desorientados. O Bureau Político decidiu enviá-lo a si para a Frente Sudoeste na qualidade de representante da Stavka. Para a Frente Oeste,

enviaremos o marechal Chápochnikov⁶⁸ e o marechal Kulik». ^{69/70} A *Stavka* era o colégio dos chefes militares e políticos junto do comandante supremo Stáline.

Ao final do dia, Júkov encontra-se já em Kíev. É informado de que Stáline acaba de emitir uma directiva para lançar operações de contra-ofensiva. Júkov julga-a prematura, visto que o Estado-Maior General ainda não dispunha de informações sobre o que se passava realmente nas frentes. Não obstante, em 24 de Junho, Júkov lança os 8.^o e 5.^o corpos mecanizados na ofensiva. Este foi «um dos primeiros contra-ataques desencadeados com sucesso.»⁷¹

Com razão, Júkov chama a atenção para a «grandiosa batalha das fronteiras no período inicial da guerra» que, afirma, está pouco estudada. Não sem motivos. Por conveniência das suas intrigas políticas, Khruchov precisou de pintar este período como uma sucessão de erros criminosos da parte de Stáline, que teria desorganizado completamente a defesa. Ora, ante a guerra-relâmpago dos nazis, a desorganização, as derrotas, as perdas importantes eram em grande parte inevitáveis. O facto maior era que, nas circunstâncias extremamente difíceis em que se encontravam, o exército e seus quadros dirigentes ofereceram uma resistência encarniçada, implacável e, através de combates heróicos, começaram a criar desde os primeiros dias as condições da derrota da guerra-relâmpago. E tudo isto foi possível, em grande parte, graças à direcção enérgica de Stáline.

Logo em 26 de Junho, Stáline tomou a decisão estratégica de constituir uma frente de reserva, colocada a cerca de 300 quilómetros atrás da frente de batalha, para travar o inimigo se, por infelicidade, este conseguisse furar a defesa. Nesse mesmo dia, a Frente Ocidental foi rompida e os nazis precipitam-se sobre Minsk, capital da Bielorrússia. À noite, Stáline convoca Timochénko, Júkov e Vatútine e diz-lhes: «*Reflectamos juntos e digam o que se pode fazer na situação criada*». Júkov relata:

*«Todas as nossas propostas foram aprovadas por Stáline: criar nos itinerários em direcção a Moscovo uma posição de defesa escalonada em profundidade, exaurir o inimigo e, após travá-lo nas linhas de defesa, montar uma contra-ofensiva assim que as forças necessárias estiverem reunidas graças ao Extremo-Oriente e a novas formações.»*⁷²

Em 29 de Junho é decretada uma série de medidas. Stáline anunciou-as ao povo no seu célebre discurso difundido pela rádio, em 3 de Julho de 1941. O seu conteúdo marcou todos os soviéticos pela sua simplicidade e pela sua vontade bravia de vencer. Stáline diz nomeadamente:

«O inimigo é cruel, implacável. Tem como objectivo apoderar-se das nossas terras, regadas com o nosso suor, apoderar-se do nosso trigo e do nosso petróleo, frutos do nosso trabalho. Tem como objectivo restaurar o poder dos latifundiários, restaurar o tsarismo, destruir a cultura nacional e os estados nacionais dos russos, ucranianos, bielorrussos, lituanos, letões, estónios, uzbeques, tártaros, moldavos, georgianos, arménios, azéris e outros povos livres da União Soviética, germanizá-los, transformá-los em escravos dos príncipes e barões alemães. Trata-se, deste modo, da vida e da morte do Estado Soviético, da vida e da morte dos povos da União Soviética, da liberdade dos povos da União Soviética ou da sua subjugação. (...) É preciso que nas nossas fileiras não haja lugar para choramingas e cobardes, alarmistas e desertores, que a nossa gente não conheça o medo na luta e marche com abnegação para nossa guerra patriótica libertadora contra os fascistas escravizadores. O grande Lénine, ao fundar o nosso Estado, disse que a principal qualidade dos soviéticos deve ser a coragem, a bravura, a intrepidez na luta, o seu empenho em bater-se ao lado do povo

contra os inimigos da nossa Pátria. (...) O Exército Vermelho, a Armada Vermelha e todos os cidadãos da União Soviética devem defender cada palmo de terra soviética, combater até à última gota de sangue pelas nossas cidades e aldeias. (...) Devemos reforçar a retaguarda do Exército Vermelho, subordinando aos interesses desta tarefa todo o nosso trabalho, assegurar a laboração intensiva de todas as empresas; produzir mais espingardas, metralhadoras, canhões, balas, obuses, aviões. (...) Devemos organizar uma luta impiedosa contra todos os desorganizadores da retaguarda, os desertores, os alarmistas, os propagadores de boatos, eliminar os espiões, os diversionistas, os pára-quedistas inimigos. (...) Em caso de retirada forçada das unidades do Exército Vermelho, é preciso levar todo o material circulante ferroviário, não deixar ao inimigo nem uma só locomotiva, nem um só vagão, não deixar ao inimigo nem um só quilograma de trigo, nem um só litro de combustível. (...) Nas regiões ocupadas pelo inimigo, é preciso formar destacamentos de resistentes montados e pedestres, formar grupos de sabotagem para lutar contra as unidades inimigas, para fomentar a guerra de resistência por onde quer se que vá. (...) Avante, até à nossa vitória.»⁷³

Em 10 de Julho começa a batalha de Smolensk. Após a tomada desta cidade estratégica, os nazis pensam poder abalançar-se sobre Moscovo, situada a menos de 300 quilómetros. A batalha de Smolensk prolongou-se durante dois meses!

«Ela desempenhou um papel importante no período inicial da Grande Guerra Patriótica. (...) Os nazis perderam aqui 250 mil soldados e oficiais. (...) Nós ganhámos tempo para preparar reservas estratégicas e tomar medidas defensivas na direcção de Moscovo.»⁷⁴

Vassiliévski faz o seguinte comentário:

«A batalha de Smolensk marcou o início da derrota da “guerra-relâmpago”. (...) Ela constituiu uma excelente escola, é verdade que a alto preço, de aprendizagem da arte militar pelos soldados e os oficiais soviéticos, uma escola preciosa para o comando soviético, incluindo para o Comandante Supremo Stáline.»⁷⁵

Em 30 de Setembro, os nazis iniciam a ofensiva final para tomar Moscovo. Os 450 mil habitantes da capital, 75 por cento dos quais mulheres, são mobilizados para edificar fortificações e defesas antitanque. As tropas do general Panfilov⁷⁶ travam batalhas memoráveis na defesa da *Estrada de Volokolamsk*, imortalizadas no romance homónimo de Aleksandr Bek.⁷⁷ Moscovo é bombardeada pela aviação alemã. Os nazis estão a 80 quilómetros. Uma parte da administração é evacuada. O pânico começa a apoderar-se dos habitantes. Mas Stáline decide permanecer em Moscovo. As batalhas tornam-se cada vez mais encarniçadas e, no início de Novembro, a ofensiva nazi é travada. Após consultar Júkov, Stáline toma a decisão de organizar a tradicional parada militar de 7 de Novembro na Praça Vermelha. É um verdadeiro desafio às tropas nazis campeadas às portas de Moscovo. Stáline pronuncia um discurso que é difundido para todo o país.

«O inimigo está às portas de Leningrado e de Moscovo. Ele esperava logo no primeiro ataque que o nosso exército entrasse em debandada e que o nosso país se ajoelhasse. Mas o inimigo enganou-se cruelmente. (...) O nosso país, todo o nosso país, organizou-se num único campo para em conjunto com o nosso exército e nossa marinha concretizar a derrota dos invasores alemães. (...) Será que se pode duvidar de que nós podemos e devemos vencer os invasores alemães?»

«O inimigo não é assim tão forte quanto o apresentam alguns intelectuais assustados. O diabo não é tão feio como o pintam. (...)»

«Camaradas soldados e marinheiros, comandantes e funcionários políticos, homens e mulheres resistentes! O mundo inteiro tem os olhos postos em vós como a força capaz de destruir as hordas espoliadoras dos invasores alemães. Os povos escravizados da Europa, caídos sob o jugo alemão, têm os olhos postos em vós como os seus libertadores. Cabe-vos a vós uma grandiosa missão libertadora. Sejam dignos dessa missão. (...) Que a bandeira vitoriosa do grande Lênine vos envolva a todos!»⁷⁸

Em 15 de Novembro, os nazis lançam a sua segunda ofensiva contra Moscovo. No dia 25, algumas unidades avançadas penetram nos arredores a Sul de Moscovo. Mas, em 5 de Dezembro, o ataque é contido. Durante este tempo, novas tropas vindas de todo o país acercam-se de Moscovo. Mesmo nos momentos mais dramáticos, Stáline guardara estas forças estratégicas de reserva. Rokossóvski escreve: *«Isso exigia um cálculo rigoroso e um enorme domínio de si próprio.»⁷⁹*

Após ter consultado todos os comandantes, Stáline decidiu lançar um grande contra-ataque, que teve início em 5 de Dezembro, no qual 720 mil soldados vermelhos fazem recuar 800 mil nazis de 100 até 300 quilómetros.

«Pela primeira vez, as “invencíveis” tropas alemãs foram batidas, e batidas seriamente. Diante de Moscovo, os fascistas perderam mais de 500 mil homens, 1300 tanques, 2500 canhões, mais de 15 mil veículos automóveis e muito outro material. O exército de Hitler não havia conhecido ainda tais perdas.»⁸⁰

Muitos consideram a batalha de Moscovo como a verdadeira viragem da guerra antifascista. Ela teve lugar menos de seis meses após o início da guerra-relâmpago. A vontade inquebrantável de Stáline, a sua enorme capacidade de organização e o seu domínio dos grandes problemas estratégicos muito contribuíram para isso.

Stáline face à guerra de extermínio dos nazis

Quando se fala da II Guerra Mundial, é preciso sempre recordar que, de facto, não houve apenas uma, mas várias guerras. A guerra conduzida pelos imperialismos anglo-americano e francês contra o seu concorrente alemão não tinha muito em comum com a guerra nacional antifascista da União Soviética. A guerra no Ocidente foi uma guerra entre dois exércitos burgueses. No combate contra a invasão hitleriana, a classe dirigente francesa não queria nem podia mobilizar e armar as massas trabalhadoras para uma luta de morte contra o nazismo. Após a derrota das suas tropas, Pétain, o herói da I Guerra Mundial, assinou o acto de capitulação e entrou de pé ligeiro na colaboração. Quase em bloco, a grande burguesia francesa colocou-se sob as ordens de Hitler, tentando tirar o melhor partido da Nova Europa alemã. A guerra no Ocidente foi, de algum modo, uma guerra mais ou menos «civilizada» entre burgueses «civilizados».

Nada de comparável com a União Soviética. O povo soviético teve de fazer face a uma guerra com uma natureza totalmente diferente. E um dos méritos de Stáline foi tê-lo compreendido a tempo e se ter preparado conseqüentemente.

Antes do início da operação *Barbarossa*, Hitler havia já claramente esboçado o cenário. O general Halder incluiu no seu *Diário* apontamentos de um discurso que Hitler pronunciou diante dos seus generais em 30 de Maio de 1941. O *führer* falava da futura guerra contra a União Soviética.

«Luta de duas ideologias. Caracterização esmagadora do bolchevismo: é como um crime associal. O comunismo é um perigo horrível para o futuro. (...) Trata-se de uma

luta de extermínio. Se nós não encararmos a questão sob este ângulo, abateremos certamente o inimigo, mas daqui a 30 anos o inimigo comunista erguer-se-á de novo contra nós. Nós não fazemos a guerra para guardarmos o nosso inimigo. (...) Luta contra a Rússia: destruição dos comissários bolcheviques e da inteligentsia comunista.»⁸¹

Note-se que já se trata aqui da «solução final» – mas não contra os judeus. As primeiras ameaças de «guerra de extermínio» e de «destruição física» foram dirigidas contra os comunistas soviéticos. E, efectivamente, os bolcheviques, os soviéticos foram as primeiras vítimas do extermínio em massa.

O general Nagel escreveu em Setembro de 1941:

«Contrariamente à alimentação de outros prisioneiros (ou seja, ingleses e americanos), não temos qualquer obrigação de alimentar prisioneiros bolcheviques.»⁸²

Nos campos de concentração de Auschwitz e de Chelmno, *«os prisioneiros soviéticos foram os primeiros, ou estiveram entre os primeiros, a ser deliberadamente mortos com injeções letais e com gás.»⁸³*

O número de prisioneiros de guerra soviéticos mortos nos campos de concentração, «durante a deslocação» ou em «circunstâncias diversas» cifra-se em três milhões 289 mil homens! Quando surgiam epidemias em barracões soviéticos, os guardas nazis só lá entravam «com equipas de lança-chamas» para, «por razões de higiene, queimarem moribundos e mortos juntamente com as suas camas de trapos infestadas de bicharada». Pode ter havido cinco milhões de prisioneiros assassinados, se se levar em conta os soldados soviéticos que foram «simplesmente abatidos no local» no momento em que se rendiam.⁸⁴

Deste modo, as primeiras e também as mais vastas campanhas de extermínio foram dirigidas contra os povos soviéticos, nos quais se incluía o povo judaico soviético. Os povos da URSS foram os que mais sofreram e os que contaram maior número de mortos – 23 milhões – mas deram também provas da mais bravia determinação e do mais ardente heroísmo.

Até à agressão contra a União Soviética não houve grandes massacres de populações judaicas. Até esse momento os nazis não haviam ainda encontrado resistência séria em nenhuma parte. Mas mal deram os seus primeiros passos em solo soviético, esses nobres alemães defrontaram-se com adversários que combatiam até à última gota de sangue. Desde as primeiras semanas que os alemães sofreram perdas severas, e isso contra uma raça inferior, contra os eslavos, e pior ainda, contra os bolcheviques. A fúria exterminadora dos nazis nasceu das suas primeiras perdas maciças. Foi quando começou a sangrar sob os golpes do Exército Vermelho que a besta fascista concebeu a «solução final» para o povo soviético.

Em 26 de Novembro de 1941, o 30.º Corpo do exército nazi, que ocupava um vasto território soviético, ordenou que «todos os indivíduos que tinham familiares resistentes», «todos os indivíduos suspeitos de terem relações com os resistentes», «todos os membros do Partido e do *Komsomol*, assim como os estagiários», «todos os antigos membros do Partido» e «todos os indivíduos que exercessem funções oficiais» fossem encerrados em campos de concentração como reféns.⁸⁵ Por cada soldado alemão morto, os nazis decidiram matar pelo menos dois reféns.

A 1 de Dezembro de 1942, numa discussão com Hitler sobre a guerra dos resistentes soviéticos, o general Jodl resumiu a posição alemã nesses termos: *«No combate, as nossas tropas podem fazer o que querem: enforcar os resistentes, pendurá-los mesmo com a cabeça para baixo ou esquartejá-los.»⁸⁶*

A bestialidade com que os nazis perseguiram e liquidaram todos os membros do Partido, todos os resistentes, todos os responsáveis do Estado Soviético e os seus familiares permite-nos compreender melhor o sentido da grande depuração dos anos 1937-1938. Nos territórios ocupados, os contra-revolucionários irredutíveis que não haviam sido liquidados em 1937-1938 colocaram-se ao serviço dos hitlerianos, informando-os sobre todos os bolcheviques, as suas famílias, os seus companheiros de luta.

À medida em que a guerra no Leste adquiriu um carácter cada vez mais encarniçado, a loucura assassina dos nazis contra todo um povo intensificou-se. Himmler, dirigindo-se aos dirigentes das SS em Junho de 1942, falou de uma «guerra de extermínio» entre duas «raças e povos» que se envolveram num combate «incondicional». De um lado há «*uma matéria bruta, uma massa, homens primitivos ou melhor sub-homens dirigidos pelos comissários políticos*», do outro lado, «*nós, os alemães*». ⁸⁷

Um terror sangüinário nunca antes praticado: tal foi a arma utilizada pelos nazis para levarem os soviéticos à capitulação moral e política. «*Durante os combates pela tomada de Khárkov*», dizia Himmler, «*a nossa reputação de provocar o medo e de semear o terror precedia-nos. É uma arma extraordinária que devemos continuar a reforçar*». ⁸⁸ E os nazis reforçaram o terror.

Em 23 de Agosto de 1942, às 18 horas em ponto, mil aviões começaram a largar bombas incendiárias sobre Stalingrado. Nesta cidade, onde viviam 600 mil habitantes, havia muitos edifícios em madeira, reservatórios de combustíveis, reservas de carburantes nas fábricas. Eriómenko, ⁸⁹ que comandou a frente de Stalingrado, escreveu:

«*Stalingrado ficou imersa em clarões de chamas, rodeada de fumo e de fuligem. Toda a cidade ardia. Enormes nuvens de fumo e de fogo redemoinhavam sobre as fábricas. Os reservatórios de petróleo pareciam vulcões expelindo a sua lava. Centenas de milhares de habitantes pacíficos pereciam. O coração apertava-se-me de compaixão pelas vítimas inocentes do canibalismo fascista.*» ⁹⁰

É preciso ter uma visão clara destas realidades insuportáveis para compreender certos aspectos daquilo a que a burguesia chama «o stalinismo». Durante a depuração, burocratas incorrigíveis, derrotistas e capitulacionistas foram atingidos; muitos entre eles foram enviados para a Sibéria. Um Partido minado pelo derrotismo e pelo espírito de capitulação jamais teria podido mobilizar e disciplinar o povo para se opor ao terror nazi. E foi isso que fizeram os soviéticos nas cidades sitiadas, em Leningrado e em Moscovo. E mesmo no braseiro de Stalingrado, os homens que sobreviveram nunca se renderam e participaram finalmente na contra-ofensiva!

No momento da agressão alemã, em Junho de 1941, o general do exército Pávlov, ⁹¹ que comandava a Frente Ocidental revelou incompetência grave e negligência. Em 28 de Junho, a perda de Minsk, a capital bielorrussa, foi a consequência. Stáline convocou Pávlov e o seu Estado-Maior a Moscovo. Júkov anota que, «por proposta do Conselho Militar da Frente Ocidental», foram levados a julgamento e fuzilados. ⁹² Elleinstein apressa-se a dizer que, deste modo, «Stáline continuava a aterrorizar o seu círculo». ⁹³ Ora, ante a barbárie nazi, a direcção soviética devia exigir uma atitude inquebrantável e uma firmeza a toda prova e qualquer acto de irresponsabilidade grave tinha de ser punido com o rigor necessário.

Quando a besta fascista começou a receber feridas mortais, tentou recobrar coragem num banho de sangue, praticando o genocídio contra o povo soviético caído nas suas garras. Himmler declarou a 16 de Dezembro de 1943 em Weimar:

«Quando era obrigado a dar ordem para marchar sobre uma aldeia contra os resistentes e os comissários judeus, dava sistematicamente ordem para matar igualmente as mulheres e as crianças desses resistentes e desses comissários. Seria um covarde e um criminoso perante os nossos descendentes se deixasse crescer as crianças cheias de ódio daqueles sub-homens abatidos no combate do homem contra o sub-homem. Nós devemos ter sempre consciência do facto de que nos encontramos num combate racial primitivo, natural e original.»⁹⁴

O chefe das SS fez noutro discurso em Khárkov, no dia 24 de Abril de 1943: *«Por que meio conseguiremos arrancar ao Russo o máximo de homens, mortos ou vivos? Consegui-lo-emos matando-os, fazendo-os prisioneiros, fazendo-os trabalhar verdadeiramente e só entregando (certos territórios) ao inimigo depois de os termos esvaziado completamente dos seus habitantes. Entregar homens ao Russo seria um erro grosseiro.»⁹⁵*

Esta realidade de terror inaudito que os nazis praticaram na União Soviética, contra o primeiro país socialista, contra os comunistas, é quase sistematicamente ocultada ou minimizada na literatura burguesa. Este silêncio tem um objectivo muito preciso. Às pessoas que ignoram os crimes monstruosos cometidos contra os soviéticos, é mais fácil fazer-lhes engolir a ideia de que Stáline foi, também ele, um ditador comparável a Hitler. A burguesia escamoteia o verdadeiro genocídio anticomunista para poder blasonar mais livremente aquilo que tem em comum com o nazismo: o ódio irracional ao comunismo, o ódio de classe ao socialismo. E para ocultar o maior genocídio da guerra, a burguesia aponta exclusivamente a luz contra um outro genocídio, o dos judeus.

Num livro notável, Arno J. Mayer, cujo pai era sionista de esquerda, mostra que o extermínio dos judeus só começou a partir do momento em que os nazis sofreram pela primeira vez duras perdas. Foi em Junho-Julho de 1941 contra o Exército Vermelho. A bestialidade exercida contra os comunistas e em seguida as derrotas inesperadas que abalaram o sentimento de invencibilidade dos *Übermenschen*, criaram o ambiente que permitiu o holocausto.

«O genocídio judeu foi forjado no fogo de uma guerra formidável para conquistar à Rússia um «espaço vital» ilimitado, para esmagar o regime soviético e liquidar o bolchevismo internacional. (...) Sem a operação Barbarossa não teria havido nem poderia haver a catástrofe judaica, a “solução final”.»⁹⁶ É depois de serem confrontados com a realidade das derrotas na frente russa que os nazis decidem, durante a conferência de Wannsee, em 20 de Janeiro de 1942, uma «solução global e definitiva» do «problema judaico».

Desde há longos anos que os nazis proclamavam o seu ódio ao «judaico-bolchevismo», sendo o bolchevismo, segundo eles, a pior invenção dos judeus. A resistência bravia dos bolcheviques impedia os nazis de liquidarem o seu inimigo principal. É então que dirigiram as suas frustrações contra os judeus, que exterminariam num gesto de vingança cega.

Como a grande burguesia judaica tinha uma posição conciliadora com o Estado nazi – e mesmo cúmplice em certos casos – a maioria dos judeus entregou-se com resignação aos seus carrascos. Mas os judeus comunistas, que agiam num espírito internacionalista, combateram de armas na mão os nazis e levaram uma parte da esquerda judaica para a resistência. A grande massa dos judeus pobres foi morta em câmaras de gás. Mas muitos ricos conseguiram fugir para os Estados Unidos. Terminada a guerra, colocaram-se ao serviço do imperialismo norte-americano e de Israel, a sua cabeça-de-ponte no Médio Oriente. Falam profusamente do holocausto dos judeus, mas numa óptica pró-israelita;

ao mesmo tempo, exprimem com largueza os seus sentimentos anticomunistas e insultam assim a memória dos judeus comunistas que realmente enfrentaram os nazis.

Por fim, uma palavra sobre a maneira como Hitler preparou o espírito dos nazis para massacrar indiferentemente 23 milhões de soviéticos. Para transformar os seus homens em máquinas de matar, inculcou-lhes que um bolchevique não passava de um sub-homem, um animal.

«Hitler advertia as suas tropas de que a força inimiga era “largamente composta de animais e não de soldados”, condicionados a combaterem com uma ferocidade animal.»⁹⁷

Para incitar as tropas alemãs ao extermínio dos comunistas, Hitler dizia-lhes que Stáline e os demais dirigentes soviéticos eram *«criminosos cobertos de sangue que (tinham) matado e exterminado milhões de intelectuais russos, com a sua sede selvagem de sangue (...) (e) que tinham exercido a tirania mais cruel de todos os tempos»*.⁹⁸ *«Na Rússia, o Judeu sanguinário e tirânico matou, por vezes com torturas desumanas, ou exterminou pela fome, com uma selvajaria verdadeiramente fanática, cerca de 30 milhões de homens.»⁹⁹*

Assim, na boca de Hitler, a mentira dos «30 milhões de vítimas de stalinismo» serviu para preparar psicologicamente a barbárie nazi e o genocídio dos comunistas e resistentes soviéticos.

Notemos de passagem que Hitler pôs primeiro esses «30 milhões de vítimas» na conta de Lénine. De facto, essa mentira repugnante figurava já no *Mein Kampf*, escrito em 1926, bem antes da colectivização e da depuração! Atacando o judaico-bolchevismo, Hitler escreveu: *«Com uma ferocidade fanática, o Judeu matou na Rússia cerca de 30 milhões de homens, por vezes sob torturas desumanas.»¹⁰⁰*

Meio século mais tarde, Brzezinski, o ideólogo oficial do imperialismo norte-americano retomou, palavra por palavra, todas estas infâmias nazis: *«É absolutamente razoável (!) estimar as vítimas de Stáline no mínimo em 20 e talvez 40 milhões.»¹⁰¹*

Stáline, a sua personalidade e capacidades militares

A agressão nazi fez cair sobre a União Soviética uma avalanche de ferro e fogo, ultrapassando de longe todos os horrores que o mundo havia até aí conhecido. Nunca ao longo da história da humanidade uma experiência tão aterradora, de uma violência tão impiedosa, fora antes imposta a um povo, aos seus quadros e à sua direcção. Em tais condições era impossível estar-se com rodeios, enganar-se a si próprio, fugir à situação através de artificios e de palavras ocas. O momento da verdade tinha chegado para Stáline, dirigente supremo do Partido e do país. A guerra iria medir a sua força moral e política, a sua vontade e resistência, as suas capacidades intelectuais e organizativas.

Ao mesmo tempo, todas as «verdades» sobre Stáline, reveladas de forma interesseira tanto pelos nazis como pela direita mais respeitável, iam ser testadas: a guerra diria fatalmente qual a verdade daquele Stáline «ditador», cujo «poder pessoal» não suportava «a menor contradição», daquele «déspota» que não ouvia a razão, do homem «de uma inteligência medíocre», etc.. Meio século após a guerra, estas calúnias apregoadas à época pelos piores inimigos do socialismo tornaram-se de novo «verdades» primordiais. Com o tempo, a burguesia internacional conseguiu impor nos meios intelectuais o monopólio da sua verdade de classe. Ora a II Guerra Mundial já nos tinha fornecido todo

o material necessário para denunciar essa «verdade» mentirosa, tão importante para salvar o sistema de exploração e de pilhagem.

Stáline, o ditador

Começemos por essa primeira «verdade», aparentemente incontestável: Stáline, o homem só, o ditador que impunha a sua vontade pessoal e exigia uma submissão total à sua pessoa. É Khruchov quem a fornece:

*«O poder pessoal de Stáline teve consequências especialmente graves durante a grande guerra patriótica».*¹⁰² *«Stáline age sozinho por todos, não ouvindo nem se aconselhando com ninguém»*¹⁰³. *«Ele não agia mediante a persuasão, a explicação, o trabalho meticuloso com as pessoas, mas através da imposição das suas orientações, exigindo a submissão incondicional à sua opinião. Aquele que se opunha a isso ou tentava demonstrar o seu ponto de vista, a sua razão, estava condenado à exclusão do colectivo dirigente, seguindo-se a sua destruição moral e física.»*¹⁰⁴ *«Essa suspeição doentia conduziu-o a uma desconfiança infundada (...) criou-se um ambiente no qual as pessoas não podiam manifestar a sua vontade.»*¹⁰⁵

Elleinstein segue os passos de Khruchov. Alegrementemente, denuncia «os caprichos do ditador» que «desconfiava de todos os seus subordinados». *«(...) Os erros de comando de Stáline, com consequências trágicas, foram tornados possíveis antes de mais pela ditadura soviética».*¹⁰⁶

Vassiliévski, inicialmente adjunto de Júkov, o chefe do Estado-Maior General, e, a partir de Maio de 1942, ele próprio chefe do Estado-Maior General, trabalhou ao lado de Stáline durante toda a guerra.

«Para a preparação desta ou aquela decisão de ordem operacional ou para examinar outros problemas importantes, Stáline chamava personalidades responsáveis directamente relacionadas com a questão em exame. (...) O comandante supremo convocava periodicamente certos membros da Stavka que comandavam as tropas e membros dos conselhos militares das frentes para a preparação, exame ou aprovação desta ou aquela decisão. (...) O esboço preliminar de uma decisão estratégica e do seu plano de execução era elaborado num círculo restrito de participantes, habitualmente membros do Bureau Político e do Comité de Estado para a Defesa. (...) Com frequência, esse trabalho exigia vários dias durante os quais Stáline tinha normalmente entrevistas com os comandantes e membros dos conselhos militares das frentes para receber as informações e os conselhos necessários.» Anotemos que o Comité de Estado para a Defesa, dirigido por Stáline, estava incumbido da direcção do país e concentrava nas suas mãos toda a autoridade.

Vassiliévski continua: *«O Bureau Político e a direcção das Forças Armadas apoiavam-se sempre na razão colectiva. Eis por que as decisões estratégicas, tomadas pelo comandante supremo e elaboradas colectivamente, respondiam sempre, em geral, à situação concreta na frente, e as exigências apresentadas aos executantes eram realistas.»*¹⁰⁷

Na opinião de Vassiliévski, o estilo de trabalho de Stáline melhorou ainda por ocasião da batalha de Stalingrado e, depois, durante as grandes ofensivas contra os nazis.

«O mês de Setembro de 1942, quando se criou uma situação extremamente difícil que exigia uma direcção flexível e qualificada das operações militares, marca o ponto de

viragem de uma profunda conversão de Stáline como comandante supremo. (...) Ele foi obrigado a apoiar-se constantemente na experiência colectiva dos chefes militares. Desde esse período, podia-se ouvir com frequência dele próprio estas palavras: “Por que diabo não o disse antes?” Desde então, antes de tomar uma decisão sobre esta ou aquela questão importante relativa à condução da luta armada, Stáline aconselhava-se, discutia-a com a participação do seu adjunto, dos responsáveis pelo Estado-Maior General, das principais direcções do Commissariado do Povo para a Defesa, dos comandantes de frentes, assim como dos comissários encarregados da indústria e da defesa.»

Ao longo de toda a guerra, o general do exército Chtemiénko¹⁰⁸ trabalhou no Estado-Maior General, inicialmente como chefe da direcção de operações, depois como vice-chefe do Estado-Maior.

«Devo dizer que Stáline não decidia e não gostava de decidir sozinho questões importantes da guerra. Ele compreendia perfeitamente a necessidade do trabalho colectivo neste domínio complexo, reconhecia as pessoas que tinham autoridade neste ou naquele problema militar, levava em conta a sua opinião e retribuía a cada um o que lhe era devido.»¹⁰⁹

Júkov relata numerosas discussões muito vivas e sublinha a forma como eram resolvidas:

«Muito frequentemente, nas sessões do Comité de Estado para a Defesa, explodiam vivas discussões no decurso das quais as opiniões eram explicitadas de maneira precisa e clara. (...) Se não se chegava a um entendimento, era constituída no local uma comissão de representantes das partes opostas que ficava encarregada de preparar um texto consensual. No decurso da guerra, o Comité de Estado para a Defesa adoptou cerca de dez mil resoluções e despachos de carácter militar e económico.»¹¹⁰

A imagem que Khruchov quis dar de Stáline, «o homem só que não conta com ninguém», é perfeitamente desmentida por um episódio da guerra, ocorrido nos começos de Agosto de 1941, e que dizia respeito ao próprio Khruchov e ao comandante Kirponoss.¹¹¹ É Vassiliévski que o conta, pensando sem dúvida naquela passagem do «relatório secreto» onde Khruchov diz: *«No momento da guerra, nós não tínhamos sequer uma quantidade suficiente de espingardas (...).»¹¹²*

Stáline tinha dado o seu acordo a Khruchov sobre uma ofensiva que seria desencadeada em 5 de Agosto de 1941. Mas, ao mesmo tempo, disse-lhe para preparar a linha de defesa que ele, Stáline, havia proposto. E explicou: *«Na guerra é preciso esperar não somente o bom, mas também o mau e até mesmo o pior. É a única forma de não se deixar apanhar desprevenido.»*

Khruchov fez todo tipo de pedidos desmedidos, aos quais o quartel-general não podia responder. Stáline disse-lhe:

«Não é razoável pensar que as coisas vos serão servidas já prontas de fora. Aprendam a aprovisionar-se e completar-se pelos vossos próprios meios. Criem unidades de reserva nos exércitos, adaptem certas fábricas à produção de espingardas, metralhadoras, mexam-se. (...) Leningrado já conseguiu iniciar a produção de baterias lança-foguetes multitubos, as katiúcha (...).

«– Camarada Stáline, todas vossas instruções serão executadas. Infelizmente, nós não conhecemos a construção desses engenhos. (...)

«– Tem pessoas consigo que possuem os projectos, e existem modelos há muito tempo. A falta deve-se à sua desatenção em relação a este assunto sério.»¹¹³

Era assim que Stáline ensinava os seus subordinados – e nomeadamente Khruchov – a mostrarem iniciativa, criatividade e sentido de responsabilidade. Em Julho de 1942, Rokossóvski, que comandava até então um exército com muita competência, foi nomeado por Stáline comandante da Frente de Briánsk. Duvidando se estaria à altura das funções, foi recebido calorosamente por Stáline que lhe precisou os termos da sua missão. Rokossóvski descreve o final do encontro:

«Ia levantar-me para sair, mas Stáline disse-me:

«– Tenha paciência, fique sentado.

«Stáline telefona a Poskrióbichev¹¹⁴ e pede-lhe que mande chamar um general a quem tinha sido retirado o comando de uma frente. Em seguida tem lugar o seguinte diálogo:

«– Você queixa-se de que foi injustamente punido?

«– Sim. O facto é que fui estorvado no meu comando pelo representante do Centro.

«– Em que é que ele o estorvou?

«– Ele intrometeu-se nas minhas ordens, organizou reuniões num momento em que era preciso agir, e não dar conselhos, deu instruções contraditórias... Em resumo, substituiu-se ao comando da frente.

«– É isso. Portanto ele estorvou-o. Mas era você que comandava a frente?

«– Sim, eu...

«– Foi a você que o Partido e o governo confiaram a frente...Você tinha uma ligação telefónica com o Centro?

«– Tinha uma.

«– Por que nunca informou, nem sequer uma vez, de que estava a ser estorvado no seu comando?

«– Eu não ousei queixar-me do seu representante.

«– Você não ousou telefonar e fez encalhar definitivamente a operação, eis por que nós o punimos...

«Saí do gabinete do comandante supremo com a impressão de que me tinha sido dada uma lição concreta, a mim que vinha de assumir o comando de uma frente. Acreditem que me esforcei por assimilá-la.»¹¹⁵

Era assim que Stáline sancionava generais que não ousavam defender a sua opinião dirigindo-se-lhe directamente.

Stáline, um «histérico»

Abordemos uma segunda «verdade» que parece acima de qualquer contestação: Stáline exercia uma ditadura pessoal, comportava-se frequentemente como um histérico e um charlatão e dirigiu a guerra de forma irresponsável, sem conhecer a situação real no terreno. É mais uma vez o homem do «regresso ao grande Lénine», o senhor Khruchov, que nos fez revelações a este respeito.

«Já depois do começo da guerra, o mesmo nervosismo e o mesmo histerismo, que Stáline revelava quando se ingeria no curso das operações militares, causaram sérios danos ao nosso exército. (...)

«Após a guerra, Stáline começou a contar invencionices sobre Júkov, em particular, disse-me:

«– (...) Dizem que Júkov antes de qualquer operação na Frente agia assim: apanhava um punhado de terra, cheirava-a e depois dizia: podemos começar o ataque, ou, ao invés, não se pode começar a operação planeada.»

«(...) É preciso dizer que Stáline planeava as operações sobre um globo. (Agitação na sala) Sim, camaradas, ele pegava no globo e indicava ali a linha da frente.»

« (...) Stáline estava muito longe de compreender a situação real que se criava nas frentes. O que era natural uma vez que em toda a Guerra Patriótica ele nunca esteve em nenhuma parte da frente (...).¹¹⁶

Elleinstein, que evita comprometer-se com a afirmação demasiado estúpida de Khruchov a propósito do globo terrestre, arma-se em valente crítico dos «métodos de direcção» detestáveis de Stáline:

«Um facto merece ser sublinhado: é a ausência quase total de Stáline tanto junto dos combatentes como da população civil. Nunca se deslocou à frente. Este método de direcção é certamente mais perigoso do que o facto de dirigir a guerra com a ajuda de um globo terrestre.»¹¹⁷

Escutemos agora como Júkov nos apresenta Stáline, esse «histérico nervoso» que não suportava a menor contradição:

«O trabalho da Stavka efectuava-se, regra geral, sob o signo da organização e da calma. Cada um podia exprimir a sua opinião. Ióssif Stáline dirigia-se a todos da mesma maneira, num tom severo e oficial. Ele sabia ouvir quando se lhe fazia um relatório com pleno conhecimento de causa. É preciso dizer que me convenci durante os longos anos da guerra de que Ióssif Stáline não era de modo nenhum um homem perante o qual não se ousasse colocar questões difíceis ou mesmo debater com ele e defender energicamente o seu ponto de vista. Se alguns afirmam o contrário, direi simplesmente que suas afirmações são falsas.»¹¹⁸

Vejamos agora a cena inesquecível na qual Júkov se dirige ao ditador, este com o seu pequeno globo terrestre debaixo do braço, para indicar, aproximativamente por certo, a linha da frente. Júkov descreve-a:

«Era necessário estar bem preparado para informar o Comandante Supremo. Apresentar-se na Stavka para fazer um relatório com mapas incompletos, comunicar dados aproximativos ou exagerados era algo de inconcebível. Stáline não tolerava respostas evasivas, exigia clareza e exaustividade. (...) Tinha uma intuição particular dos aspectos fracos num relatório ou documento, descobria-os imediatamente e reprendia aqueles que trouxessem uma informação pouco precisa. Com uma excelente memória, lembrava-se do que tinha sido dito e nunca deixava passar ocasião de repreender com muita severidade o culpado por um esquecimento. Era por isso que preparávamos os documentos do Estado-Maior com o máximo rigor.»¹¹⁹

O general de exército Chtemiénko, por sua vez, aborda directamente a acusação de Khruchov segundo a qual Stáline, por não se deslocar à frente, não podia conhecer as realidades da guerra.

«O comandante supremo não podia, a nosso ver, deslocar-se com maior frequência às frentes. Teria sido de uma imprudência imperdoável se abandonasse, por um só momento que fosse, a direcção geral para decidir uma questão parcial numa única frente.»¹²⁰

Deslocações desse género eram inúteis, afirma Vassiliévski, Stáline recebia na Stavka as mais detalhadas e completas informações e «podia, encontrando-se em Moscovo, tomar decisões justas e eficazes.»¹²¹ Stáline tomava as decisões com base «não apenas dos

dados conhecidos no Centro, mas também tendo em conta as particularidades da situação no local».¹²² Como o conseguia? Stáline recebia todas as informações importantes que chegavam aos serviços do Estado-Maior General, ao Ministério da Defesa e à Direcção Política do Exército Vermelho. As informações sobre as particularidades das diferentes frentes provinham de duas fontes. Primeiro, os comandantes das frentes remetiam-lhe regularmente relatórios. Em seguida, através do testemunho de Júkov.

*«Para as questões importantes, as opiniões de Ióssif Stáline eram fundadas em grande parte nas informações dos representantes da Stavka que ele enviava junto das tropas. Era seu dever tomar conhecimento da situação no local e solicitar aos comandantes das unidades a sua opinião sobre as conclusões do Estado-Maior General, sobre os pontos de vista e propostas dos comandantes das frentes e sobre os relatórios especiais.»*¹²³

Os representantes da *Stavka* eram obrigados a enviar relatórios diários a Stáline. A 6 de Agosto de 1943, primeiro dia de uma operação importante nos arredores de Khárkov, Vassiliévski atrasou-se a enviar o seu relatório. Stáline faz-lhe chegar imediatamente uma mensagem:

*«Em caso de novo esquecimento do seu dever para com o quartel-general, será retirado das suas funções de chefe do Estado-Maior General e chamado da Frente.»*¹²⁴ Vassiliévski ficou perturbado, mas não se deixou ofuscar com esta «rudeza». Pelo contrário, escreveu:

*«Stáline era igualmente categórico com os outros, ele exigia uma disciplina idêntica a cada representante da Stavka. Considero que a ausência de qualquer condescendência para conosco se justificava pelos interesses de uma direcção eficaz da luta armada. O comandante supremo seguia muito de perto a evolução dos acontecimentos nas diferentes frentes, reagia vivamente a todas as modificações e tinha firmemente nas mãos a direcção das tropas.»*¹²⁵

Contrariando Khruchov, que alegou ter visto em acção um Stáline irresponsável e charlatão, Vassiliévski, que trabalhou durante 34 meses ao lado do líder, analisa o estilo de trabalho deste último, da seguinte forma:

*«Stáline exercia uma grande influência no estilo de trabalho da Stavka. Os seus traços característicos eram o apoio na experiência colectiva para o estabelecimento dos planos operacionais e estratégicos, uma elevada exigência, a diligência, a ligação permanente com as tropas, o exacto conhecimento da situação nas frentes. A sua alta exigência era uma parte intrínseca do estilo de trabalho de Stáline, enquanto comandante supremo. Não era apenas rigoroso, o que se justifica especialmente em tempos de guerra, ele nunca perdoava a falta de rigor no trabalho, a incapacidade de levar as coisas até o fim.»*¹²⁶

Um exemplo detalhado mostrará da forma mais convincente o que eram os famosos «métodos de direcção irresponsável» de Stáline.

Em Abril de 1942, a ofensiva do Exército Vermelho para libertar a Crimeia havia fracassado. A *Stavka* ordenou a sua suspensão e a organização de uma defesa escalonada. Vinte e uma divisões soviéticas enfrentavam dez divisões nazis. Mas, em 8 de Maio, os nazis atacam e rompem a defesa soviética. O representante da *Stavka*, Mékhliis, um colaborador próximo de Stáline, enviou o seu relatório, ao qual o comandante supremo respondeu desta forma:

«Você coloca-se numa estranha posição de observador exterior, sem responsabilidade nos assuntos da Frente da Crimeia. É uma posição muito cómoda,

mas perfeitamente intolerável. Na Frente da Crimeia, você não é um observador exterior, mas um representante responsável da Stavka que responde por todos os sucessos e reveses da Frente e está obrigado a corrigir no local os erros do comando. Você responde juntamente com o comando pelo facto de o flanco esquerdo da Frente se encontrar totalmente enfraquecido. Se, como disse, “toda a situação indicava que o inimigo iria atacar logo pela manhã” e, no entanto, não tomou todas as medidas para organizar a resistência, limitando-se a uma crítica passiva, então tanto pior para você.»¹²⁷

Stáline criticou a fundo os métodos de direcção burocrática e formal.

«Os camaradas Kozlov¹²⁸ (comandante da frente) e Mékhlis consideraram que sua missão principal consistia em dar uma ordem e que, uma vez esta dada, terminava ali a sua obrigação relativamente à condução das tropas. Não compreenderam que dar uma ordem é apenas o começo do trabalho e que a missão principal do comando consiste em assegurar a sua execução, em fazer chegar a ordem ao conhecimento das tropas e em organizar a assistência às tropas para a execução da ordem do comando. Como mostrou a análise do decurso da operação, o comando da Frente emitiu as suas ordens sem ter em conta a situação na frente, sem conhecer a verdadeira posição das tropas. O comando da Frente não assegurou sequer a transmissão das suas ordens aos exércitos. (...) Nos dias críticos da operação, o comando da Frente da Crimeia e o camarada Mékhlis, em vez de estabelecerem uma comunicação pessoal com os comandantes dos exércitos e em vez de intervirem pessoalmente no decurso da operação, passaram o seu tempo em longas e infrutíferas sessões do conselho militar. (...) O nosso efectivo de comando deve romper resolutamente com os métodos viciosos e burocráticos de direcção das tropas, não pode limitar-se a dar ordens, mas deve estar mais frequentemente junto das tropas, dos exércitos, das divisões e ajudar os seus subordinados a executar as ordens do comando. O nosso efectivo de comando, os comissários e os responsáveis políticos devem extirpar radicalmente a indisciplina entre os chefes, grandes e pequenos.»¹²⁹

Ao longo de toda a guerra, Stáline combateu firmemente as atitudes irresponsáveis e burocráticas, exigindo uma intervenção enérgica no terreno.

Stáline, uma «inteligência medíocre»

Terminemos com a terceira «verdade» sobre a personalidade de Stáline: um homem rude e frio, de uma inteligência medíocre, sem consideração pelas pessoas e que tinha desprezo pelos seus colaboradores. Ora os homens que «suportaram» este monstro, dia após dia, durante os quatro terríveis anos de guerra, oferecem-nos um retrato de Stáline que é o extremo oposto deste quadro.

Eis um retrato instantâneo que Júkov nos forneceu do seu «chefe».

«I.V. Stáline não se distinguia por nada de particular, mas produzia uma forte impressão. Desprovido de qualquer pose, seduzia o interlocutor pela simplicidade de relacionamento. O curso livre que dava à conversação, a aptidão em formular com nitidez o seu pensamento, o espírito naturalmente propenso à análise, uma grande erudição e uma memória espantosa obrigavam mesmo as personalidades mais esclarecidas que se encontravam com ele a concentrarem-se e manterem-se de sobreaviso. (...) Stáline possuía uma enorme inteligência natural, mas também conhecimentos espantosamente vastos. Tive ocasião de observar a sua capacidade de

pensamento analítico durante as sessões do Bureau Político, do Comité de Estado para a Defesa e no trabalho permanente na Stavka. Ele escutava atentamente aqueles que tomavam a palavra, colocava por vezes questões e fazia objecções. Terminada a discussão, formulava as conclusões com clareza e fazia o balanço. (...) A sua espantosa capacidade de trabalho e a sua aptidão para entender rapidamente um assunto permitiam-lhe estudar e assimilar num dia uma grande quantidade de factos dos mais variados, o que exige capacidades excepcionais.»¹³⁰

Vassiliévski contribui para este retrato com algumas pinceladas sobre as relações de Stáline com as pessoas.

«Stáline era dotado de uma grande capacidade de organização. Ele próprio trabalhava muito e sabia fazer os outros trabalhar, tirar deles tudo o que podiam dar. (...) Stáline tinha uma memória espantosa. Stáline não só conhecia todos os comandantes das frentes e dos exércitos, que eram mais de uma centena, mas também alguns comandantes de corpos e de divisões, assim como os responsáveis do Comissariado do Povo para a Defesa, sem falar do pessoal dirigente do aparelho central e regional do Partido e do Estado.»¹³¹

Para além disso, Stáline conhecia pessoalmente um grande número de construtores de aviões, de material de artilharia e de tanques, recebia-os com frequência e interrogava-os minuciosamente.¹³²

Os méritos militares de Stáline

De que forma se pode avaliar finalmente os méritos militares daquele que dirigiu o exército e os povos da União Soviética no decurso da maior e mais horrível guerra que a história já conheceu?

Apresentemos primeiro a opinião de Khruchov.

«(...) Stáline popularizou-se muito intensamente a si próprio como um grande chefe militar (...) Vejam os nossos filmes históricos e de guerra (...) Todos eles se destinaram à propaganda precisamente desta versão para a glorificação de Stáline como um genial chefe militar»¹³³.

«Não foi Stáline, mas o Partido inteiro, o Governo soviético, o nosso heróico exército, os seus chefes talentosos e os seus gloriosos soldados, todo o povo soviético – eis quem assegurou a vitória na Grande Guerra Patriótica (tempestuosos aplausos prolongados).»¹³⁴

Não foi Stáline! Não foi Stáline, mas o Partido inteiro. E este Partido inteiro obedecia sem dúvida às instruções do Espírito Santo. Khruchov finge glorificar o Partido, esse corpo colectivo de combate, para diminuir o papel de Stáline. Ao organizar o culto da sua personalidade, Stáline teria usurpado a vitória que o Partido «inteiro» tinha arrancado. Como se Stáline não fosse o dirigente mais eminente desse Partido, aquele que no decurso da guerra deu provas da mais espantosa capacidade de trabalho, da maior tenacidade e clarividência. Como se todas as decisões estratégicas não tivessem sido decididas por Stáline, mas pelos seus subordinados contra ele.

Se Stáline não era um génio militar, então teremos de concluir que a maior guerra da história, aquela que a humanidade travou contra o fascismo, foi ganha sem génio militar. Isto porque nesta guerra aterradora, ninguém desempenhou um papel comparável ao de Stáline. Mesmo Averell Harriman, o representante do imperialismo americano, após ter

repetido os clichés obrigatórios a propósito do «tirano que era Stáline», sublinha a sua «grande inteligência, a sua fantástica capacidade de penetrar nos detalhes, a sua perspicácia e a sensibilidade humana surpreendente que revelou, pelo menos, durante os anos da guerra. Acho que ele era mais bem informado que Roosevelt, mais realista do que Churchill e, sob vários aspectos, o mais eficaz dos dirigentes da guerra.»¹³⁵

«Pergunta-se, onde estavam os nossos militares (...) eles não estão no filme, para eles não restou nenhum lugar depois de Stáline»,¹³⁶ exclamou o demagogo Khruchov, que assim bajulava os marechais: não são vocês os verdadeiros génios militares da II Guerra Mundial? Finalmente, Júkov e Vassiliévski, os dois chefes militares mais eminentes, deram a sua opinião, respectivamente, 15 e 20 anos após o relatório infame de Khruchov.

Vejamos inicialmente o juízo de Vassiliévski.

«Stáline formou-se como estratega. (...) Após a batalha de Stalingrado e particularmente a de Kursk, elevou-se aos píncaros da direcção estratégica. Stáline pensa maneando as categorias da guerra moderna, domina perfeitamente todas as questões da preparação e da execução das operações. Exige que as operações militares sejam conduzidas de forma criativa, com utilização plena da ciência militar, que sejam enérgicas e com manobras tendo por objecto a deslocação e o cerco do inimigo. O seu pensamento militar manifesta nitidamente a tendência para concentrar forças e meios, utilizar de forma diversificada todas as variantes possíveis no começo das operações e na sua condução. Stáline começa a compreender bem não apenas a estratégia da guerra, que para ele foi fácil uma vez que dominava maravilhosamente a arte da estratégia política, mas também a arte operacional.»¹³⁷

«Stáline entrou duradouramente na história militar. O seu mérito indubitável esteve em que, sob a sua direcção imediata enquanto comandante supremo, as forças armadas soviéticas mostraram-se firmes nas campanhas defensivas e realizaram brilhantemente todas as operações ofensivas. Mas, tanto quanto pude observar, ele nunca falava dos seus méritos. Em todo caso, nunca o ouvi falar disso. A condecoração de Herói da União Soviética e o título de Generalíssimo foram-lhe conferidos por proposta dos comandantes da frente e do Bureau Político. Quanto aos erros cometidos durante os anos de guerra, ele falava deles honesta e francamente.»¹³⁸

«Estou profundamente convencido de que Stáline, particularmente a partir da segunda metade da Grande Guerra Patriótica, foi a figura mais forte e mais brilhante do comando estratégico. Cumpriu com êxito a direcção das frentes, justificando todos os esforços do país, na base da política do Partido. (...) Stáline permanece na minha memória como um chefe militar rigoroso, de vontade forte, não lhe faltando ao mesmo tempo encanto pessoal.»¹³⁹

Júkov começa por nos dar um perfeito exemplo do método de direcção exposto por Mao Tse Tung: concentrar as ideias justas das massas para as devolver sob a forma de directivas às massas.

«É pessoalmente a I.V. Stáline que se devem soluções de princípio, em particular as relativas aos procedimentos de ataque da artilharia, à conquista do domínio aéreo, aos métodos de cerco do inimigo, à deslocação de agrupamentos inimigos cercados e à sua destruição sucessiva por elementos, etc.. Todas estas questões importantes da arte militar são frutos de uma experiência prática, adquirida no decurso dos combates e das batalhas, fruto de reflexões aprofundadas e conclusões retiradas dessa experiência pelo conjunto dos chefes e pelas próprias tropas. Mas o mérito de I.V. Stáline consiste em ter acolhido adequadamente os conselhos dos nossos especialistas militares eminentes, de

os ter completado, explorado e comunicado rapidamente sob a forma de princípios gerais nas instruções e directivas dirigidas às tropas, com vista a assegurar a condução prática das operações.»¹⁴⁰.

«Até à batalha de Stalingrado, I.V. Stáline não dominava senão nas suas grandes linhas os problemas da estratégia, da arte operacional, da construção de operações modernas ao nível de uma frente e, mais ainda, ao nível de um exército. Mais tarde, sobretudo a partir de Stalingrado, I.V. Stáline entra a fundo na arte de montar as operações de uma ou de várias frentes e dirigiu este tipo de operações com competência, resolvendo bem vários problemas sérios de estratégia.

«Na direcção da luta armada, I.V. Stáline era de modo geral ajudado pela sua inteligência natural e a sua rica intuição. Sabia descobrir o elemento principal numa situação estratégica e, em consequência, sabia responder ao inimigo, desencadear esta ou aquela importante operação ofensiva.

«Não há dúvida: ele era digno do comando supremo.»¹⁴¹

Notas

¹Citação traduzida do original russo, «Relatório ao XVII Congresso sobre o Trabalho do PCU(b), 26 de Janeiro de 1934», in *Stáline, Obras, Gossudárstvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, Moscovo, 1951, tomo 13, págs. 302-303 (NT).

²*Documents et matériaux se rapportant à la veille de la Deuxième Guerre mondiale*, Ed. En langues étrangères, Moscovo, 1948, tomo I, p. 282.

³Gueórgui Konstantínovitch Júkov (1896-1974), membro do Partido desde 1919, do CC (1953-57), candidato (1941-46), do *Presidium* do CC (*Politiburo*) em 1957, candidato desde 1956. Ingressou no Exército Vermelho em 1918, foi comandante da região militar da Bielorrússia (1938-39), da região especial de Kíev (1940-1941), chefe do Estado-Maior General e vice-comissário da Defesa (entre Janeiro e Julho de 1941). Durante a II Guerra integra o Estado-Maior do Comando Supremo (*Stavka*), comanda diversas frentes, torna-se primeiro vice-comissário da Defesa (1942-45) e adjunto do Comandante Supremo. Entre 1945-46 é o comandante principal dos exércitos soviéticos na Alemanha. Em 1946 comanda as regiões militares de Odessa e dos Urais. Volta ao Ministério da Defesa em 1953 como ministro-adjunto e ministro (1955-57). É aposentado em 1958.

⁴*Documents et matériaux...; Archives Dirksen*, tomo II, Ed. en Langues étrangères, Moscovo, 1948, pp. 112-113.

⁵*The Secret Diary of Harold Ickes*, vol. II, p. 705, citado em: *A la veille de la Seconde Guerre mondiale*, Sipols et Kharlamov, Ed. Novosti, Moscovo, 1973, p. 262.

⁶Grigori Déborine, *Les secrets de la Seconde Guerre mondiale*, Ed. du Progrès, Moscovo, 1972, p. 35.

⁷Churchill, op. cit., tomo 2, pp. 51-52.

⁸Citado em: *La grande guerre nationale de L'Union soviétique*, Ed. du Progrès, Moscovo, 1974, p. 20.

⁹Jukov, *Mémoires*, tome I, Ed. Fayardm Oarusm 1970, pp. 250-251.

¹⁰*Documents sur les relations finno-soviétiques*, Ministério dos Negócios Estrangeiros da Finlândia, Ed. Flammarion, 1940, pp. 93-95 e 109.

¹¹Hans Adolf Jacobsen, *La seconde Guerre mondiale*, tomo I, Ed. Casterman, Paris, 1968, p. 118.

¹²Pavel Jiline, *Ambitions et méprises du Troisième Reich*, Ed. du Progrès, 1972, p. 74.

¹³General Srrigny, *L'Allemagne face à la guerre totale*, Ed. Grasset, 1940, p. 228.

¹⁴*Falsificateurs de L'Histoire*, Ed. ABS, Bruxelas, 1948, p. 68.

¹⁵*Petite encyclopédie politique du monde*, Ed. Chanteclair, Rio de Janeiro 1943, p. 136.

¹⁶Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.146 (NT).

¹⁷Ibidem, p. 147 (NT).

¹⁸Konstantin Konstantínovitch Rokossóvski (1896-1968), nascido numa família polaca, membro do Partido desde 1919, candidato do CC (1961). Marechal da União Soviética (1944), comandou os exércitos em várias grandes batalhas durante a Segunda Guerra Mundial, designadamente Moscovo, Briansk e Donsk. A pedido do governo polaco e com o acordo das autoridades soviéticas, foi ministro da Defesa e vice-presidente do Conselho de Ministros da Polónia (1949-56). Após regressar à URSS é nomeado vice-ministro da Defesa (1956-57 e 1958-62). Foi deputado do Soviete Supremo da URSS (1946-49 e 1958) (NT).

¹⁹Jukov, *Mémoires*, tome II, Ed. Fayard, Paris, 1970, p. 156.

²⁰Ibidem, p. 201.

²¹Ibidem, p. 156.

²²Ibidem, p. 203.

²³Jukov, op. cit., p. 204.

²⁴Ibidem, pp. 204-205.

²⁵*La grande guerre nationale*, Ed. du Progrès, Moscovo, 1974, p. 33.

²⁶Ibidem, p. 279.

²⁷Jukov, op. cit., p. 291, e *La grande guerre*, op. cit., p. 33.

²⁸Jukov, op. cit., p. 296, e *La grande guerre*, op. cit., p. 33.

²⁹Jukov, op. cit., p. 289, e *La grande guerre*, op. cit., p. 33.

³⁰Jukov, op. cit., p. 280.

³¹Ibidem, p. 264.

³²Ibidem, p. 250.

³³Ibidem, p. 311.

³⁴Ibidem, p. 234.

³⁵Ibidem, p. 270-271.

³⁶Ibidem, p. 272.

³⁷Ibidem, p. 312-315.

³⁸Jiline, op. cit., p. 212. E Júkov, op. cit., p. 308.

³⁹Semione Konstantínovitch Timochénko (1895-1970), membro do Partido desde 1919, candidato do CC em 1952. Entrou no serviço militar em 1915, participou na I Guerra e ingressou no Exército Vermelho em 1918, passando de comandante de brigada a comandante de divisão de cavalaria durante a Guerra Civil. Participa na Guerra sovieto-finlandesa, é nomeado comissário da Defesa (1940-41), Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (1941-42) e comanda várias frentes de combate. Foi membro do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1938-40) (NT).

⁴⁰Jukov, op. cit., pp. 287-288.

⁴¹Ibidem, pp. 321-322.

⁴²Ibidem, p. 334.

⁴³Ibidem, pp. 335-337.

⁴⁴Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.146 (NT).

⁴⁵Ibidem, pp. 147 e 148 (NT).

⁴⁶Elleistein, *Staline*, Ed. Marabout, 1986, p. 262.

⁴⁷Vassilievski, *La cause de toute une vie*, Ed. du Progrès, Moscovo, 1975, p. 26.

⁴⁸Ibidem, p. 25.

⁴⁹Déborine, *Les secrets de la Seconde Guerre mondiale*, Ed. du Progrès, Moscovo, 1972, pp. 73-74.

⁵⁰Jukov, op. cit., p. 333.

⁵¹Sefton Delmer, *Opération Radio Noire*, Ed. Stock, 1962, pp. 81-82.

⁵²*De Morgen*, 23 Janeiro de 1993, p. 21.

⁵³Jukov, op. cit., p. 330.

⁵⁴Richard Sorge (Rikhard Zórgue, na variante russa), (1895-1944), de nacionalidade alemã, nasceu em Baku, participou na I Guerra no exército do kaiser e foi membro do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (1917-19). Foi para a URSS em 1924, adere ao partido bolchevique em 1925, sendo recrutado pelos órgãos de informação do Exército Vermelho. Nos anos 30 e 40 residiu como jornalista na Alemanha, China e Japão, obtendo valiosa informação

para a URSS. Em Outubro de 1941 é preso pela polícia japonesa e executado em Novembro de 1944 (NT).

⁵⁵Ibidem, p. 339.

⁵⁶Filipp Ivánovitch Gólikov (1900-1980), membro do Partido desde 1918, do CC (1961-66). Participou na Guerra Civil como voluntário, exerceu funções políticas no exército e comandou várias formações militares a partir de 1931. Em Julho de 1940 é nomeado vice-chefe do Estado-Maior e chefe da Direcção Principal de Informações. Comanda o 10.º Exército em 1941 e o 4.º Exército em 1942. É nomeado vice-comissário da Defesa responsável pelos quadros em 1943. Entre 1958-62 é chefe da Direcção Política do Exército e Marinha. Deputado do Soviete Supremo, integra entre 1961-66 a Comissão Central de Controlo do PCUS (NT).

⁵⁷Ibidem, p. 340.

⁵⁸Ibidem, p. 342.

⁵⁹Nikolai Fiódorovitch Vatútine (1901-1944), membro do Partido desde 1924. Ingressa como soldado raso no Exército Vermelho em 1920, estuda em várias academias militares, torna-se vice-chefe do Estado-Maior General em 1940, comandante da Frente Norte-Occidental e dos exércitos da Frente Sul-Occidental na batalha de Stalingrado. Sob o seu comando, os exércitos da Frente Ucraniana libertam a capital Kíev, em Novembro de 1943. É gravemente ferido em batalha em Fevereiro de 1944, vindo a falecer no hospital (NT).

⁶⁰Ibidem, p. 203.

⁶¹Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.148 (NT).

⁶²Ibidem, p. 136 (NT).

⁶³Elleinstein, op. cit., p. 269.

⁶⁴Jukov, op. cit., p. 395.

⁶⁵Ibidem, p. 351.

⁶⁶«Relatório de Khruchov», op. cit., p. 148 (NT).

⁶⁷Jukov, op. cit., pp. 395-396.

⁶⁸Boris Mikháilovitch Chápochnikov (1882-1945), membro do Partido desde 1930, candidato do CC, desde 1939. Oficial no exército tsarista, entra voluntariamente para o Exército Vermelho em 1918, sendo condecorado em 1921 pelo seu papel na Guerra Civil. Ajudante do Chefe de Estado-Maior (1921-25), comandou as regiões militares de Leninegrado e Moscovo (1925-28) e foi chefe do Estado-Maior (1928-31), chefe do Estado-Maior General do Exército Vermelho (1937-40) e vice-comissário da Defesa (1940-41). Mal a guerra rebenta é novamente nomeado chefe do Estado-Maior General (Julho/41-Junho/43). Ocupa depois o cargo de chefe da Academia Militar do Estado-Maior, falecendo vítima de doença grave 44 dias antes da Vitória. (NT).

⁶⁹Grigóri Ivánovitch Kulik (1890-1950), membro do Partido desde 1917. Ingressou no exército tsarista em 1912, transitando para o Exército Vermelho em 1918, onde comandou a artilharia de vários exércitos durante a Guerra Civil. Participa na Guerra Civil de Espanha sob o pseudónimo de «General Kuper». Em 1938 dirige uma carta a Stáline, com a assinatura de vários outros oficiais em que propõe o fim das repressões contra militares comunistas. Em 1939 é designado vice-comissário da Defesa da URSS. Em 1942 é julgado por ter entregue as cidades de Kertch (na Crimeira) e Rostov. Despromovido para major-general, recupera o posto de tenente-general em 1943, mas volta a perdê-lo em 1945. Após a guerra, comanda a região militar do Volga. Em 1946 é demitido e preso em 1947. Em 1950 é condenado à morte pela organização de um grupo conspirador no exército contra o poder soviético (NT).

⁷⁰Jukov, op. cit., p. 354.

⁷¹Ibidem, p. 359.

⁷²Ibidem, p. 379.

⁷³Traduzido do original russo, «Intervenção pela rádio, de 3 de Julho de 1941», in *I.V. Stáline, Obras, Izdátelstvo Pissátel*, Moscovo, 1997, tomo 15, págs. 59, 60 e 61 (NT).

⁷⁴Jukov, op. cit., p. 406.

⁷⁵Vassilievski, op. cit., pp. 38-39.

⁷⁶Panfílov, Ivan Vassílovitch (1892-1941), membro do Partido desde 1920. Oficial militar, major-general (1940), Herói da União Soviética (1942 póstumo), comandou a Divisão 316 de Atiradores, que combateu heroicamente na batalha de Moscovo. Morreu em combate em 19 Novembro de 1941 (NT).

⁷⁷Alexandre Beck, *La chaussée de Volokolamsk*, Ed. Bordas, Paris, 1946 [Aleksandr Alfrédovitch Bek (1902-72), escritor russo, participou no corpo de voluntários para a defesa de Moscovo, correspondente de guerra, assistiu em Berlim ao Dia da Vitória (NT)].

⁷⁸Traduzido do original russo, «Discurso na Praça Vermelha, 7 de Novembro de 1941», in *I.V. Stáline, Obras, Izdatelstvo Pissátel*, Moscovo, 1997, tomo 15, págs. 84, 85 e 86 (NT).

⁷⁹Rokossovski, *Le devoir du Soldat*, Ed. du Progrès, Moscovo, 1988, p. 94.

⁸⁰Ibidem. p. 72.

⁸¹Jacobsen, op. cit., pp. 19-120.

⁸²Alan Clarc, *La Guerre à l'Est*, RobertLaffont, Paris, 1966, p. 250.

⁸³Arno J. Mayer, *Why did the heavens not darken? Verso*, Londres, 1990, p. 349, traduzido em francês sob o título *La «solution finale» dans l'histoire*, La Découverte, 1990. Todas as referências são da edição inglesa.

⁸⁴Clarc, op. cit. p. 251.

⁸⁵Mayer, op. cit. ,p. 251.

⁸⁶*Hitler parle à ses généraux*, Albin Michel, Paris, 1964, pp. 39-40.

⁸⁷Mayer, op. cit., p. 281.

⁸⁸Heinrich Himmler, *Discours secrets*, Gallimard, 1978, p. 191.

⁸⁹Andrei Ivánovitch Eriómenko (1892-1970), membro do Partido desde 1918, candidato do CC desde 1956. Combateu na Guerra Civil, comandou exércitos e frentes na II Guerra, designadamente a Frente Sul-Oriental de Stalingrado. Herói da URSS em 1944 é nomeado marechal da União Soviética em 1955 (NT).

⁹⁰Eremenko, pp. 153-154.

⁹¹Dmítri Grigórievitch Pávlov (1897-1941), membro do Partido desde 1919, entra nesse ano para o Exército Vermelho. Em 1936-37 participa como voluntário na Guerra Civil de Espanha, como comandante de uma brigada de tanques, recebendo a condecoração de Herói da União Soviética. Nos primeiros dias da invasão nazi da URSS, comanda a Frente Ocidental, a qual lhe é rapidamente retirada sob a acusação de ter franqueado posições aos alemães sem combate. Julgado por traição, é condenado a fuzilamento (NT).

⁹²Jukov, op. cit., p. 385.

⁹³Elleinstein, op. cit., p. 283.

⁹⁴Himmler, op. cit., p. 205.

⁹⁵Ibidem, p. 187.

⁹⁶Mayer, op. cit., p. 234.

⁹⁷Ibidem, p. 244.

⁹⁸Ibidem, p. 106.

⁹⁹Ibidem, p. 101.

¹⁰⁰Hitler, *Mein Kampf*, Ed. Ridderhof, 1982, p. 400.

¹⁰¹Brzezinski, op. cit., p. 27.

¹⁰²Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág.145 (NT)

¹⁰³Ibidem, pág.151 (NT).

¹⁰⁴Ibidem, p. 131-132 (NT).

¹⁰⁵Ibidem, p. 144 (NT).

¹⁰⁶Elleinstein, op. cit., pp. 284, 282.

¹⁰⁷Vassilievski, op. cit., pp. 34-36.

¹⁰⁸Serguei Matéievitch Chtemiénko, (1907-1976), membro do Partido desde 1930, ano em que conclui a Escola Militar de Artilharia de Sebastópol. Exerce funções de responsabilidade no Estado-Maior General desde 1940, tornando-se chefe da Direcção de Operações em 1943. Em Novembro desse ano acompanha Stáline à conferência de Teerão. No Verão de 1944 coordena as acções das diferentes frentes. Após a guerra torna-se chefe do Estado-Maior General e primeiro vice-ministro da Defesa da URSS. Em 1968 é nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Unidas dos Estados Signatários do Pacto de Varsóvia (NT).

¹⁰⁹Chtemienko, *L'Etat-Major general soviétique en guerre*, tome II, Ed. Du Progrès, Moscovo, 1976, p. 319.

¹¹⁰Jukov, op. cit., p. 395.

¹¹¹Mikhail Petróvitch Kirponoss (1892-1941), membro do Partido desde 1918. Foi comandante de divisão na guerra sovieto-finlandesa e general comandante dos exércitos soviéticos do Sudeste na II Guerra. Foi morto em combate (NT).

¹¹²Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. p. 147 (NT).

¹¹³Vassilievski, op. cit., p. 235.

¹¹⁴Aleksandr Nikolaiévitch Poskrióbichev (1891-1965), membro do Partido desde 1917, do CC (1939-54), candidato (1934-39). Funcionário do CC em 1922, torna-se ajudante do secretário-geral entre 1924-1929. Nomeado secretário pessoal de Stáline (1931) e chefe de gabinete do secretário-geral do Partido (1935), é responsável pelo Sector Especial do Secretariado do CC, Departamento Secreto e Sector Especial do CC do Partido (1928-1953), secretário do *Presidium* e do Bureau do *Presidium* do CC do Partido (1952-54) (NT).

¹¹⁵Rokossovski, op. cit., p. 128.

¹¹⁶Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. p. 149, 150 e 149 (NT).

¹¹⁷Elleinstein, op. cit., p. 285.

¹¹⁸Jukov, op. cit., p. 415.

¹¹⁹Ibidem, p.416.

¹²⁰Chtemienko, op. cit., tomo II, p. 354.

¹²¹Vassilievski, op. cit., pp. 402-403.

¹²²Ibidem, p. 375.

¹²³Jukov, op. cit., p. 415.

¹²⁴Vassilievski, op. cit., p. 235.

¹²⁵Ibidem, pp. 235-236.

¹²⁶Ibidem, p. 401.

¹²⁷Ibidem, pp. 108-109.

¹²⁸Dmítiri Timoféievitch Kozlov (1896-1967), membro do Partido desde 1918. Militar de carreira, torna-se chefe de Estado-Maior e comandante de divisão de atiradores (1922). Em 1941 comanda os exércitos da região militar da Transcaucásia, sendo nomeado em Janeiro de 1942 comandante da Frente da Crimeia. Após 12 dias de combates, as suas tropas são derrotadas e as baixas elevam-se a 172 mil efectivos, perto de 380 tanques, 3500 canhões e 400 aviões. É destituído do posto de comandante de frente em Junho e despromovido para major-general (NT).

¹²⁹Vassilievski, op. cit. p. 111.

¹³⁰Jukov, op. cit., pp. 399, 417-418.

¹³⁵Averell Arriman, *Special Envoy*, Random House, New York, 1975, p. 536.

¹³⁶ Traduzido do original russo, op. cit., pág. 151 (NT).

¹³⁷Vassilievski, op. cit., pp. 400-401.

¹³⁸Ibidem, p. 404.

¹³⁹Ibidem, p. 399.

¹⁴⁰Jukov, pp. cit., p. 420.

¹⁴¹Ibidem, pp. 419-420.

Capítulo X

De Stáline a Khruchov

Em 9 de Fevereiro de 1946, Stáline apresentou aos eleitores um balanço da guerra antifascista. A guerra, afirmou, foi «*uma grande escola de teste e verificação de todas as forças do povo.*»¹ Stáline questionou indirectamente as concepções militaristas segundo as quais o Exército Vermelho teria sido o principal artesão da vitória. Com efeito, a ideia do exército acima do Partido, defendida à época por Tukhatchévski, desenvolveu-se no final da guerra no círculo de Júkov. Stáline reconhecia evidentemente os enormes méritos do exército, todavia sublinhou:

«*A nossa vitória significa antes de tudo que triunfou o nosso regime social soviético.*»²

«*A guerra mostrou que o regime social soviético é verdadeiramente um regime popular (...).*»

«*A nossa vitória significa, em segundo lugar, que triunfou o nosso sistema estatal soviético, que o nosso Estado Soviético multinacional resistiu a todas as provações da guerra e demonstrou a sua vitalidade.*»³

Mas, prosseguiu Stáline, «*seria erróneo afirmar que conseguimos a vitória unicamente graças à coragem das nossas tropas*»⁴. O heroísmo do exército teria sido em vão sem as enormes massas de tanques, canhões, munições que o povo colocou à disposição dos seus soldados. E toda esta produção fabulosa só foi possível graças à industrialização, realizada num «*prazo incrivelmente curto de 13 anos, e graças à colectivização, que permitiu pôr fim num prazo tão reduzido, ao atraso secular da nossa agricultura.*» E Stáline lembrou o combate conduzido pelos trotskistas e os bukharinistas contra a industrialização e a colectivização.

«*Muitos membros importantes do Partido puxaram sistematicamente o Partido para trás e empenharam-se por todos os meios em arrastá-lo para a via “normal” de desenvolvimento capitalista.*»⁵ Assim, Stáline colocou justamente a tónica no papel-chave desempenhado pelo Partido e pelas massas trabalhadoras na preparação da defesa e durante a guerra.

Em Fevereiro de 1946, o novo plano quinquenal foi ratificado. Na sua retirada, o exército alemão tinha deliberadamente feito explodir e queimar tudo aquilo que podia ser útil aos soviéticos. Duas mil cidades, 70 mil aldeias e empresas que empregavam quatro milhões de trabalhadores foram total ou parcialmente destruídas.⁶

Nas regiões invadidas, as destruições representaram de 40 a 60 por cento do potencial da indústria carbonífera, da produção de electricidade, da indústria ferrosa e não ferrosa e metalúrgica, das indústrias mecânicas.

Alguns estimaram que a URSS precisaria de várias décadas para curar as feridas que os nazis tinham infligido ao seu tecido industrial. Ora, graças a três anos de esforços extraordinários, a produção industrial de 1948 ultrapassou a de 1940.⁷ Em relação a 1940, ano-base (100), a produção de carvão atingiu então o índice 123; a electricidade, 130; os laminados, 102; automóveis e camiões, 161; máquinas e instrumentos, 154; cimento, 114.⁸

Em 1950, no final do quarto plano quinquenal, a produção industrial era 73 por cento superior à de 1940. A produção de meios de produção duplicou, a de bens de consumo registou um incremento de 23 por cento.⁹

O quinto plano, cobrindo o período 1951-1955, previa um crescimento industrial de 12 por cento ao ano. Facto novo: a produção de bens de consumo conhecerá um desenvolvimento notável, com um aumento de 65 por cento; os meios de produção terão um crescimento de 80 por cento em cinco anos.¹⁰

Esta mudança na política económica já tinha sido anunciada por Stáline no seu discurso-balanço de 1946. «Especial atenção será dada ao alargamento da produção de bens de consumo, à elevação do nível de vida dos trabalhadores através da contínua diminuição do preço de todas as mercadorias, assim como à ampla construção de todos os tipos de institutos científicos de investigação.»¹¹

Os Estados Unidos ocupam o lugar da Alemanha nazi

A guerra antifascista ainda não tinha terminado e já um grande número de generais americanos desejava uma reviravolta nas alianças para lançar operações militares contra a União Soviética. Nessa aventura pensavam utilizar o exército nazi, depurado de Hitler e do seu círculo. O antigo agente secreto Cookridge relata algumas conversas tidas no Verão de 1945:

«O general Patton imaginou rearmar duas divisões da Waffen-SS para as incorporar no III Exército (americano) e “dirigi-las contra os vermelhos”. Patton apresentou muito seriamente este projecto ao general McNarney, governador militar dos EUA na Alemanha (...) “O que pensam esses bolcheviques imbecis, e o que é que isso pode bem interessar?” – dizia Patton. “Mais cedo ou mais tarde teremos de nos bater contra eles. Por que não agora, enquanto o nosso exército está intacto e podemos repeli-los para a Rússia? Com os meus alemães, somos capazes de fazê-lo. Eles detestam esses bastardos vermelhos”.»

Patton foi convocado por Robert Murphy, o conselheiro político de McNarney. «Patton perguntou-me» – escreveu Murphy – «se haveria alguma hipótese de avançar até Moscovo, acrescentando que tinha força para chegar lá em 30 dias, em vez de esperar que os russos atacassem os Estados Unidos.»¹²

O nazi Gehlen e a CIA

O general Gehlen tinha sido o chefe da espionagem nazi na União Soviética. Em Maio de 1945, decidiu render-se, com os seus arquivos, aos norte-americanos e foi apresentado ao major-general Luther Sibert, chefe de Informações do grupo dos exércitos do general Bradley. A pedido de Sibert, o nazi Gehlen redigiu um relatório de 129 páginas: «Projecto de uma organização secreta baseada no trabalho dos serviços de informação, dirigida contra a União Soviética sob a égide americana.»¹³

Gehlen foi recebido pelas mais altas autoridades militares norte-americanas e quando os representantes soviéticos pediram notícias de Gehlen e de Schellenberg, dois criminosos de guerra que lhes deveriam ter sido entregues, os americanos responderam desconhecer o seu paradeiro. Em 22 de Agosto de 1945 transferiram clandestinamente Gehlen para os Estados Unidos.¹⁴

Então, o nazi Gehlen «negociou» com os ases da inteligência norte-americana, inclusive Allan Dulles, e chegaram a um «acordo»: a organização de espionagem de

Gehlen continuaria a funcionar na União Soviética de forma autónoma e «*oficiais americanos assegurariam a ligação com os Serviços americanos*». (...) «*A organização Gehlen seria utilizada unicamente para fornecer informações sobre a União Soviética e os países satélites.*»¹⁵

Em 9 de Julho de 1946, Gehlen estava de volta à Alemanha para reactivar o seu serviço de espionagem nazi sob o controlo dos Estados Unidos. Recrutou dezenas de oficiais superiores da *Gestapo* e das *SS*, fornecendo-lhes identificações falsas.¹⁶

John Loftus, um quadro dos serviços secretos norte-americanos responsável pela detecção de antigos nazis após a guerra, veio a constatar que milhares de fascistas ucranianos, croatas e húngaros foram introduzidos nos Estados Unidos por um serviço «rival». Loftus escreveu: «*O número de criminosos de guerra nazis que se instalaram nos Estados Unidos após a II Guerra Mundial é estimado em cerca de dez mil*»¹⁷.

Desde 1947, quando os norte-americanos iniciam a guerra fria, estes «antigos» nazis desempenharam um papel considerável na propaganda anticomunista. Assim, pode afirmar-se que o imperialismo americano foi realmente o continuador directo do expansionismo nazi.

A bomba nuclear... contra a URSS

Em 21 de Julho de 1945, em plena conferência de Potsdam, Truman recebe um relatório sobre o primeiro teste nuclear norte-americano. Margaret Truman escreve: «*Isto deu a possibilidade ao meu pai de prosseguir as conversações (com Stáline) com mais audácia e mais firmeza*».

E acrescenta: «*O meu pai reflectiu cuidadosamente sobre a maneira como deveria informar Stáline sobre a existência da bomba atómica. Aproximou-se do “líder” soviético e informou-o de que os Estados Unidos tinham construído uma nova arma com um poder de destruição extraordinário. O primeiro-ministro Churchill e o secretário de Estado Byrnes deram alguns passos na sua direcção para observarem atentamente a reacção de Stáline. Este manteve a mais completa calma.*»¹⁸

Júkov recorda a conversa entre Stáline e Mólotov no seu regresso à residência:

«*Mólotov reagiu imediatamente:*

«*– Eles estão a tentar aumentar o preço.*

«*Stáline disse sorrindo:*

«*– Deixa-os. Hoje tenho que falar com Kurtchátov¹⁹ para que ele acelere as coisas.*

«*Compreendi que falavam da bomba nuclear.*»²⁰

Stáline era um homem decidido e calmo que nunca se deixava intimidar, mesmo pela chantagem nuclear.

Truman concebeu a bomba atómica desde a sua construção como uma arma de terror massivo, capaz de assegurar aos Estados Unidos a hegemonia mundial. Nas suas memórias escreve:

«*Eu via a bomba como uma arma militar e nunca duvidei de que ela seria utilizada. Quando falei com Churchill, ele disse-me sem hesitação que era a favor da utilização da bomba nuclear.*»²¹

No final de Julho de 1945, a União Soviética tomou a decisão de entrar em guerra com o Japão que, a partir desse momento, caminhou para uma derrota militar inevitável. Apesar disso, sem a menor necessidade militar, os norte-americanos decidiram

«experimentar» as suas armas nucleares sobre seres humanos. Contavam assim também aterrorizar os seus adversários num tal grau que nem mesmo os nazis haviam imaginado. É de notar que o objectivo principal do imperialismo, ao matar em massa os japoneses, era suscitar o terror entre os soviéticos: a mensagem principal era dirigida a Stáline. Logo que Churchill soube da existência da bomba atómica, desejou utilizá-la... contra a URSS! O professor Gabriel Kolko escreveu:

«O marechal Alan Boorke pensava que o entusiasmo infantil do primeiro-ministro estava a tornar-se perigoso: Ele via-se já capaz de eliminar os centros industriais da Rússia.»²² Em Potsdam, Churchill «insistiu com os americanos para que utilizassem a bomba como um meio de pressão política sobre os russos.»²³

Em 6 de Agosto de 1945, sabendo que Hiroxima tinha sido destruída pela bomba, Truman declarou às pessoas com quem estava: «É o maior caso da história!». Truman ousou escrever uma frase similar nas suas memórias! A decisão do imperialismo norte-americano de exterminar sem distinção centenas de milhares de civis japoneses mostra bem a sua natureza desumana e bárbara: levantava assim a tocha deixada pelas potências fascistas.

No mesmo dia, na sua declaração oficial, Truman disse: «Se agora os japoneses não aceitarem as nossas condições, podem preparar-se para uma chuva de ruínas vinda do céu, como jamais se viu à face da terra.»²⁴ Em 9 de Agosto, uma segunda cidade, Nagasaki, foi varrida do mapa pela chuva atómica prometida por Truman, que custou a vida a 443 mil pessoas entre as populações civis de Hiroxima e Nagasaki.²⁵

Enquanto única potência que aspirava à hegemonia mundial, os Estados Unidos tornaram-se adversários irreductíveis de qualquer movimento anti-imperialista que lutasse pela independência, pela democracia popular e pelo socialismo. Este é o sentido da «doutrina Truman», uma doutrina de intervenções em todos os azimutes sob o pretexto de «defender a liberdade (do mercado, da exploração) contra o perigo comunista». Truman formulou-a deste modo em 12 de Março de 1947:

«Creio que a política dos Estados Unidos deve ser de apoio aos povos livres que resistem às tentativas de sujeição por parte de minorias armadas ou através de pressões exteriores.»²⁶

Essa política de intervencionismo era «justificada» principalmente pelo «perigo do totalitarismo russo»; Truman declarou que «a nova ameaça a que fazemos face parece tão grave quanto o foi a Alemanha nazi».²⁷

Tendo eliminado Hitler, o seu concorrente pela hegemonia mundial, Truman recupera textualmente todas as calúnias anticomunistas dos nazis. Referindo-se à União Soviética, Truman afirmou:

«Um grupo de fanáticos cruéis, mas hábeis, organizaram uma ditadura com todos os ornamentos de uma religião de Estado (...) O indivíduo torna-se súbdito do Estado numa escravidão perpétua.»²⁸

Assim, ainda mal os nazis tinham sido vencidos, Truman adoptou logo a principal orientação deles – a do anticomunismo e do anti-sovietismo. Ora foi o próprio Hitler que, a 31 de Agosto de 1944, tinha esboçado uma abertura em direcção aos norte-americanos.

«Uma vitória dos nossos adversários irá fatalmente bolchevizar a Europa. (...) A coligação dos nossos adversários é composta de elementos heterogéneos: Estados ultracapitalistas de um lado, Estados ultracomunistas do outro. (...) Virá o dia em que essa coligação se desagregará. (...) Por mais grave que seja a situação, o importante é esperar o momento.»²⁹ Para se salvar da derrota iminente, para desfazer as alianças, os

nazis acentuaram no fim da guerra as suas calúnias grosseiras contra o comunismo. Truman retomou-as 18 meses mais tarde.

A luta anti-imperialista e a luta pela paz

Sobre esse pano de fundo, podemos compreender melhor a política internacional que Stáline seguiu de 1945 a 1953. Stáline manteve uma oposição firme ao imperialismo norte-americano e aos seus planos de guerra. Na medida das suas possibilidades, ajudou os movimentos revolucionários dos diferentes povos, demonstrando sempre uma grande prudência. Stáline conduziu uma luta contra o sistema capitalista mundial em quatro frentes: reforçou a defesa da União Soviética, a base do movimento comunista internacional; ajudou os povos que decidiram empenhar-se na via da democracia popular e do socialismo; apoiou os povos colonizados que aspiravam à independência e encorajou o vasto movimento internacional pela paz, contra as novas aventuras belicistas do imperialismo.

Stáline compreendeu claramente que o objectivo do imperialismo anglo-americano era «salvar» as classes reaccionárias dos países limítrofes da URSS, que tinham colaborado com os nazis, para integrá-las na sua estratégia de hegemonia mundial. Esta orientação desenhou-se claramente logo no decurso da própria guerra.

Em 1 de Agosto de 1944, o governo polaco em Londres desencadeou a insurreição de Varsóvia. Estes reaccionários lançaram-se numa aventura criminosa com o único objectivo de impedir o Exército Vermelho de libertar a capital da Polónia. O Exército Vermelho, que acabava de avançar 600 quilómetros, tinha perdido muitos homens e equipamentos. Era-lhe impossível furar até Varsóvia para ajudar os insurgentes. Por outro lado, os reaccionários polacos ocultaram deliberadamente aos soviéticos a sua intenção de desencadear uma insurreição. Assim, os nazis, que haviam concentrado várias divisões em Varsóvia, massacraram a população e destruíram a capital.³⁰ Stáline compreendeu que havia ali uma guerra dentro da guerra. E escreve a Churchill e a Roosevelt:

*«Mais cedo ou mais tarde todos saberão a verdade sobre esse punhado de criminosos que, para ocuparem o poder, empreenderam a aventura de Varsóvia.»*³¹

A 23 de Agosto de 1944, o Exército Vermelho libertou a primeira aldeia húngara. Dois dias mais tarde, o governo fascista de Horthy, no poder desde de 1919, debruçou-se sobre a nova situação criada. *«Os anglo-saxões queriam que os húngaros contivessem os russos até que eles próprios ocupassem a Hungria»*, lê-se no processo verbal.³²

Horthy e seu bando começaram a luta contra «o imperialismo vermelho» no exacto momento em que 35 divisões fascistas se apressavam a «defender» Budapeste contra o exército soviético. Desde esse dia, a reacção húngara contava salvar-se graças à ajuda dos norte-americanos, que deveriam garantir a «independência húngara» contra o «expansionismo soviético». Em todos os países da Europa de Leste, a palavra de ordem «independência nacional» será utilizada pelas classes reaccionárias para combater não apenas o socialismo, mas também os próprios interesses nacionais fundamentais e integrar-se na estratégia norte-americana de dominação mundial.

Na Grécia, a resistência nacional dirigida pelo Partido Comunista infligiu pesadas baixas aos nazis. Quando os alemães abandonam Atenas, em 12 de Outubro de 1944, os 70 mil resistentes armados controlavam quase todo o território. O exército inglês

interveio para impedir o povo grego de fundar um poder revolucionário. Em 5 de Setembro, Churchill escreve ao general Scobie:

*«Não hesite em agir como se estivesse num país conquistado onde se desenvolve uma rebelião local.»*³³ Foi assim que começou a longa guerra dos anglo-americanos contra os antifascistas gregos.

Esmagando as forças armadas fascistas nos países da Europa de Leste, o Exército Vermelho criou condições propícias ao desenvolvimento da luta dos operários, dos camponeses e dos antifascistas. Graças a essa ajuda, as massas dirigidas pelos partidos comunistas conseguiram instaurar o poder socialista e alcançaram assim uma independência nacional autêntica, frustrando as intrigas das forças fascistas e burguesas, que tentavam manter o seu poder transformando os países da Europa de Leste em colónias norte-americanas.

A teoria do «imperialismo vermelho», que os nazis tinham inventado no começo da guerra, em 1941, para justificar a sua agressão, foi recuperada pelos norte-americanos a partir de 1946. A maneira como os anglo-americanos entendiam a «independência» dos países foi ilustrada na Grécia, onde massacraram as forças temperadas no combate anti-hitleriano...

A análise que Stáline fazia da situação internacional após a derrota das potências fascistas foi exposta por um dos seus próximos, Andrei Jdánov, o responsável político em Leningrado durante os 900 dias do bloqueio fascista.

Eis o texto que Jdánov apresentou durante a conferência de informação de nove partidos comunistas, realizada em Setembro de 1947 na Polónia. As suas posições merecem a nossa atenção não apenas pela sua pertinência, mas também porque serão atacadas e rejeitadas, ponto por ponto, apenas nove anos mais tarde, após o golpe de estado de Khruchov.

«O objectivo colocado pela nova linha expansionista dos Estados Unidos é o estabelecimento da dominação mundial. Esta nova linha visa a consolidação da situação de monopólio dos Estados Unidos sobre os mercados, monopólio que se estabeleceu na sequência do desaparecimento dos seus dois concorrentes mais importantes – a Alemanha e o Japão – e pelo enfraquecimento dos seus parceiros capitalistas, a Inglaterra e a França. Esta nova linha conta com um amplo programa militar, económico e político, cuja aplicação estabelecerá em todos os países visados a dominação política e económica dos Estados Unidos, reduzirá esses países a estados satélite e introduzirá internamente regimes que eliminarão qualquer obstáculo à exploração destes países pelo capital americano. (...) Os políticos imperialistas mais enraivecidos e loucos começaram, após Churchill, a preparar planos com vista a organizar o mais rapidamente possível uma guerra preventiva contra a URSS, utilizando abertamente o monopólio americano temporário da arma atómica contra os soviéticos. (...) O plano militar estratégico dos Estados Unidos prevê a criação, em tempo de paz, de numerosas bases militares e quartéis muito distantes do continente americano, destinados a serem utilizados para objectivos de agressão contra URSS e os países da nova democracia. (...) Os monopólios norte-americanos alimentam esperanças particulares sobre a restauração da Alemanha capitalista, considerando que ela constituirá a mais importante garantia para o sucesso da luta contra as forças democráticas na Europa. (...) Mas no caminho das suas aspirações à dominação mundial, os Estados Unidos têm pela frente a URSS, com sua crescente influência internacional, como bastião da política anti-imperialista e antifascista, os países da nova democracia, que escaparam ao controlo do imperialismo anglo-americano, e os

operários de todos os países. (...) As concessões à nova orientação dos Estados Unidos da América e do campo imperialista podem incitar os seus inspiradores a tornarem-se mais insolentes e mais agressivos. É por isso que os partidos comunistas devem colocar-se à cabeça da resistência em todos os domínios contra os planos imperialistas de expansão e agressão.»³⁴

Stáline teve sempre confiança nas forças do povo soviético e nas forças revolucionárias e anticapitalistas de todo o mundo. Esta atitude foi exprimida com nitidez numa declaração oficial de Malenkov, em 1950.

«Que ninguém se atreva a acreditar que o tinir das armas dos fautores da guerra nos fazem medo. Não somos nós, mas os imperialistas e os agressores que devem temer a guerra. (...) Poderá haver a menor dúvida de que, se os imperialistas deflagrarem uma terceira guerra mundial, essa guerra será o túmulo não de estados capitalistas isolados, mas de todo o capitalismo mundial?»³⁵

Em 1949, a União Soviética construiu a sua própria arma nuclear. Stáline conseguiu assim anular a chantagem nuclear dos norte-americanos. Ao mesmo tempo, a União Soviética e os comunistas do mundo inteiro lançaram uma campanha internacional para conter os planos de guerra norte-americanos e pela proibição das armas nucleares. O Congresso Mundial da Paz iniciou o mais amplo movimento pela paz jamais visto contra as agressões imperialistas. No *Manifesto*, divulgado no final do seu segundo congresso mundial, lê-se:

«Cada vez mais, os povos do mundo depositam as suas esperanças em si próprios, na sua firmeza e na sua boa vontade. O combate pela Paz é o vosso combate. Saibam que centenas de milhões de Partidários da Paz unidos vos estendem a mão. A Paz não se espera, conquista-se. Em conjunto com os 500 milhões de seres conscientes que assinaram o Apelo de Estocolmo, exigimos a proibição das armas atómicas, o desarmamento geral e o controlo da aplicação destas medidas.»³⁶

O revisionismo de Tito e os Estados Unidos

Os partidos comunistas da Europa do Leste, que travaram duros combates nos anos 1945-1948 para realizar a passagem ao socialismo, possuíam muito menos experiência do que o partido soviético. Ideo logicamente eram pouco sólidos: a entrada de centenas de milhares de novos membros, vindos em parte de correntes sociais-democratas, tornava-os muito permeáveis ao oportunismo e ao nacionalismo burguês.

A partir de 1948, a corrente social-democrata e anti-soviética impôs-se na direcção do Partido Comunista Jugoslavo. A luta iniciada por Stáline em 1946 contra o revisionismo de Tito é a prova da sua clarividência e firmeza de princípios. Quarenta e cinco anos mais tarde, a história confirmou inteiramente as suas previsões.

No momento da invasão alemã, em 1941, o partido jugoslavo clandestino contava com 12 mil membros; oito mil dos quais foram mortos no decurso da guerra. Mas durante a resistência, as suas fileiras foram engrossadas com perto de 140 mil membros e mais cerca de 360 mil aderiram até meados de 1948. Dezenas de milhares de kulaques, burgueses e elementos pequeno-burgueses entraram no Partido.³⁷ Tito apoiava-se cada vez mais nestes últimos na sua luta contra os verdadeiros comunistas. O Partido não tinha uma vida interna normal, não havia discussão política e, conseqüentemente, não se fazia críticas nem autocríticas marxistas-leninistas; os dirigentes não eram eleitos, mas cooptados.³⁸

Em Junho de 1948, o Bureau de Informação dos partidos comunistas, agrupando oito partidos, publicou uma resolução em que criticava o partido jugoslavo. Nela sublinhava-se que Tito não prestava nenhuma atenção à acentuação das diferenças de classe no campo nem ao crescimento dos elementos capitalistas no país.³⁹ A resolução afirmava que o partido jugoslavo, partindo de uma posição nacionalista burguesa, tinha rompido a frente unida socialista contra o imperialismo. O texto considerava:

*«Uma tal linha nacionalista não pode senão conduzir à degeneração da Jugoslávia numa república burguesa vulgar.»*⁴⁰

Ao receber esta crítica, Tito desencadeia uma depuração maciça. Todos os elementos marxistas-leninistas foram eliminados do Partido. Dois membros do Comité Central, Zhoujovic e Hebrang, tinham já sido presos em Abril de 1948. O general Arso Jovanovic, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, foi preso e assassinado, o mesmo aconteceu com o general Slavko Rodic.⁴¹ O *The Times* falou em numerosas prisões de comunistas que apoiavam a resolução do *Kominform* e estimou entre 100 mil e 200 mil o número de pessoas presas.⁴²

No seu relatório ao VIII Congresso do Partido, realizado em 1948, Kardelj⁴³ fez muitas citações forçadas de Stáline para afirmar que a Jugoslávia «estava a repelir os elementos kulaques» e nunca tomaria «posições anti-soviéticas».⁴⁴

Mas alguns meses mais tarde, os titistas retomam publicamente a velha teoria social-democrata da passagem do capitalismo ao socialismo sem luta de classes! Bebler, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, declarou em Abril de 1949:

*«Nós não temos kulaques como havia na URSS. Os nossos camponeses ricos participaram em massa na guerra popular de libertação. (...) Será um erro se conseguirmos fazer passar os kulaques ao socialismo sem luta de classes?»*⁴⁵

Em 1951, a equipa de Tito declarou que os «kolkhozes (soviéticos) são o reflexo do capitalismo de Estado que, misturado com numerosos vestígios do feudalismo, constitui o sistema social da URSS». Desenvolvendo as concepções de Bukhárine, os titistas substituem a planificação pelo mercado livre:

«Ninguém fora da cooperativa fixa as normas nem as categorias do que se deve produzir.» Organizam «a passagem a um sistema que confere mais liberdade ao funcionamento das leis económicas objectivas. O sector socialista da nossa economia está em condições de triunfar sobre as tendências capitalistas através de meios puramente económicos.»⁴⁶ Em 1953, Tito reintroduz a liberdade de comprar e vender terra e de contratar operários agrícolas.

Segundo o testemunho do coronel Vladimir Dapcevic, em 1951, Tito comparou os comunistas jugoslavos fiéis ao marxismo-leninismo à quinta-coluna hitleriana, justificando *a posteriori* a prisão de mais de 200 mil comunistas. Tito escreveu:

*«Os ataques dos agressores fascistas provaram a grande importância que é dada a um elemento novo: a quinta-coluna. Ela é um elemento político e militar que entra em acção no momento dos preparativos da agressão. Hoje tentam de novo fazer algo de parecido no nosso país, sob diferentes formas, particularmente da parte dos países kominformistas.»*⁴⁷

No começo dos anos 50, a Jugoslávia era ainda um país em larga medida feudal. Mas os titistas põem em causa o princípio de que o Estado socialista deve manter a ditadura do proletariado. Em 1950, os revisionistas jugoslavos lançaram uma discussão sobre «o problema do definhamento do Estado e especialmente do definhamento do papel do Estado na economia». Para justificar o regresso ao Estado burguês, Djilas⁴⁸ apelida o Estado soviético de «monstruoso edifício do capitalismo de Estado» que «oprime e

explora o proletariado». Ainda segundo Djilas, Stáline luta pelo «engrandecimento do seu império de capitalismo de Estado e, no interior, pelo reforço da burocracia». (...) «A cortina de ferro, a hegemonia sobre os países da Europa Oriental e uma política de agressão tornaram-se actualmente para ele indispensáveis». Djilas fala da «miséria da classe operária que trabalha para os interesses “superiores” imperialistas e para os privilégios da burocracia. (...) A URSS é hoje objectivamente a mais reaccionária das grandes potências». Stáline é «um práctico do capitalismo de Estado e o chefe e guia espiritual e político da ditadura burocrática».

Como verdadeiro agente do imperialismo americano, Djilas prossegue: *«Encontramos teorias nos hitlerianos que, tanto pelo seu conteúdo como pela prática social que pressupõem, se assemelham como duas gotas de água às teorias de Stáline.»*⁴⁹ Acrescentemos que Djilas, que mais tarde se instalou nos Estados Unidos, refere-se neste texto à «crítica do sistema stalinista» feita por... Trótski!⁵⁰

Em 1948, Kardej jurava ainda fidelidade ao combate anti-imperialista. No entanto, dois anos mais tarde, a Jugoslávia apoiou a agressão americana contra a Coreia! O *The Times* relatou:

*«O senhor Dedijer vê os acontecimentos da Coreia como uma manifestação da vontade soviética de dominar o mundo (...) Os trabalhadores do mundo precisam de se dar conta de que existe um outro pretendente à dominação mundial e de se desembaraçar das ilusões a propósito da URSS, que seria, supostamente, uma força de democracia e de paz.»*⁵¹

Assim, Tito transformou-se num mero peão na estratégia anticomunista dos Estados Unidos. Em 1951 declarou ao *New York Herald Tribune* que, *«no caso de um ataque soviético, onde quer que seja na Europa, mesmo que tal aconteça a milhares de quilómetros das fronteiras jugoslavas, combaterá imediatamente ao lado do Ocidente (...) A Jugoslávia considera-se como uma parte do muro de solidariedade colectiva construído contra o imperialismo soviético.»*⁵²

No domínio económico, as medidas socialistas tomadas na Jugoslávia antes de 1948 foram rapidamente liquidadas. Alexander Clifford, o correspondente do *Daily Mail*, escreveu a propósito das reformas económicas adoptadas em 1951:

«Se se concretizarem, a Jugoslávia ficará muito menos socializada do que a Grã-Bretanha.» (...) *«Os preços dos bens (serão) determinados pelo mercado, isto é, pela oferta e procura»,* (...) *«os salários (serão) fixados na base das receitas ou dos lucros da empresa»,* as empresas *«decidirão de forma independente o que produzem e em que quantidades. (...) Não há muito marxismo clássico em tudo isto.»*⁵³

A burguesia anglo-americana cedo reconheceu que dispunha na pessoa de Tito de uma arma eficaz no seu combate anticomunista. A *Business Week* escreveu em 12 de Abril de 1950:

*«Para os Estados Unidos em particular e para o Ocidente em geral, o encorajamento de Tito revelou ser um dos métodos mais baratos para conter o comunismo russo. O montante da ajuda ocidental a Tito cifra-se agora em 51,7 milhões de dólares. É muito menos que os mil milhões de dólares, aproximadamente, que os Estados Unidos gastaram na Grécia com o mesmo objectivo».*⁵⁴

A burguesia contava utilizar Tito para encorajar o revisionismo e organizar a subversão nos países socialistas da Europa do Leste. Em 12 de Dezembro de 1949, Eden⁵⁵ declarou ao *Daily Telegraph*:

*«O exemplo e a influência de Tito podem mudar de forma decisiva o curso dos acontecimentos na Europa Central e Oriental.»*⁵⁶

Atribuindo à demagogia comunista de Tito o seu justo valor, o *The Times* escreveu: «Contudo, o titismo apenas permanecerá uma força na medida em que o marechal Tito puder pretender ser comunista.»⁵⁷

O titismo estabeleceu o seu poder em 1948 enquanto corrente nacionalista burguesa. É com base no nacionalismo que todos os princípios da ditadura do proletariado são abandonados na Jugoslávia. O nacionalismo foi o hímus em que floresceram teorias trotskistas e bukharinistas.

Depois da II Guerra Mundial, a orientação nacionalista teve igualmente uma grande influência no seio dos outros partidos comunistas da Europa de Leste. Após a morte de Stáline, o chauvinismo grão-russo desenvolve-se em Moscovo e, como reacção, o chauvinismo nacionalista despoleta-se na Europa de Leste. Importa determo-nos um instante sobre os princípios que estão no fundo de todas estas controvérsias.

Já em 1923, Stáline tinha formulado um aspecto essencial do internacionalismo proletário nestes termos:

«(...) Para além do direito dos povos à autodeterminação, há ainda o direito da classe operária ao fortalecimento do seu poder (...) Há casos em que o direito à autodeterminação entra em contradição com outro direito superior – o direito da classe operária, chegada ao poder, ao fortalecimento do seu poder. Nestes casos – é preciso dizê-lo frontalmente –, o direito à autodeterminação não pode e não deve constituir obstáculo à causa da realização do direito da classe operária à sua ditadura. O primeiro deve ceder lugar ao segundo.»⁵⁸

Baseando-se no princípio do internacionalismo proletário, Stáline era um adversário irreduzível de qualquer nacionalismo e, em primeiro lugar, do chauvinismo grão-russo. Ainda em 1923 declarou:

«A principal força que refreia o processo de unificação das repúblicas numa única união (...) é o chauvinismo grão-russo. Não é nenhum acaso, camaradas, que os semenovkhovistas⁵⁹ tenham conquistado uma massa de adeptos entre os funcionários soviéticos.»⁶⁰

«O smenovkhovismo é a ideologia da nova burguesia que cresce e pouco a pouco se funde com o kulaque e com os funcionários-intelectuais. Esta nova burguesia formulou a sua ideologia (...) a saber, que o Partido Comunista deverá degenerar e a nova burguesia consolidar-se; que nós, os bolcheviques, sem nos apercebermos iremos chegar ao limiar da república democrática, em seguida transpor este limiar e, com a ajuda de algum César que sairá talvez dos círculos militares, talvez dos círculos de funcionários civis, encontrar-nos-emos na situação de uma república burguesa ordinária.»⁶¹

Mas, na luta mundial entre socialismo e imperialismo, Stáline compreendia também que o nacionalismo burguês podia ser utilizado como uma arma anti-socialista terrível.

«Perante a luta de morte que se desencadeia entre a Rússia proletária e a Entente imperialista, não há senão duas saídas possíveis para a periferia; ou bem com a Rússia, e então é a libertação da opressão imperialista das massas trabalhadoras da periferia, ou bem com a Entente, e então é o inevitável jugo imperialista. Não há terceira via. A alegada independência dos alegados independentes Geórgia, Arménia, Polónia, Finlândia etc., não é mais que uma aparência enganadora que mascara a completa dependência destes Estados, se assim se podem chamar, em relação a este ou aquele grupo de imperialistas (...) Os interesses das massas populares dizem-nos que reivindicar a separação da periferia na actual fase da revolução é profundamente contra-revolucionário.»⁶²

Nas repúblicas semifeudais da periferia soviética, o nacionalismo burguês constituía a principal forma da ideologia burguesa, cor-roendo o partido bolchevique.

«Temos de nos lembrar que nossas organizações comunistas da periferia, nas repúblicas e regiões, não podem desenvolver-se e erguer-se, transformar-se em verdadeiras organizações de quadros marxistas internacionalistas se não se afastarem do nacionalismo. O nacionalismo é o principal obstáculo ideológico na formação de quadros marxistas, da vanguarda marxista na periferia e nas Repúblicas (...) Para estas organizações o nacionalismo desempenha o mesmo papel que o menchevismo desempenhou no passado para o partido bolchevique. Só sob o disfarce do nacionalismo é que podem penetrar nas nossas organizações periféricas influências burguesas de todos os tipos, inclusive influências mencheviques (...) O sopro nacionalista esforça-se por penetrar no nosso Partido na periferia (...) A burguesia renasce, a NEP desenvolve-se, o nacionalismo também (...) Existem resquícios do chauvinismo grão-russo que empurram igualmente para a frente o nacionalismo local (...) É exercida a influência dos Estados estrangeiros, que apoiam por todos os meios o nacionalismo.»⁶³

«A essência do desvio para o nacionalismo local consiste na tendência para se isolar e se fechar na sua concha nacional, na tendência para dissimular as contradições de classe no seio da própria nação, na tendência para se defender do chauvinismo grão-russo colocando-se à margem da corrente colectiva de edificação do socialismo, a tendência para não ver aquilo que aproxima e une as massas trabalhadoras das nacionalidades da URSS e ver apenas o que as pode afastar umas das outras.

«O desvio para o nacionalismo local reflecte o descontentamento das classes decadentes das nações antes oprimidas com o regime da ditadura do proletariado, a sua tendência para se isolar no seu Estado nacional e estabelecer aí o seu domínio de classe.»⁶⁴

Em 1930, Stáline voltou à questão do internacionalismo formulando um princípio que revelará toda a sua importância na época Bréjnev: *«O que é o desvio para o nacionalismo, pouco importa se se trata de nacionalismo grão-russo ou do nacionalismo local? O desvio para o nacionalismo é a adaptação da política internacionalista da classe operária à política nacionalista da burguesia. O desvio para o nacionalismo reflecte as tentativas da sua “própria” burguesia “nacional” de minar o regime soviético e de restaurar o capitalismo. A fonte desses dois desvios (...) é comum. É o abandono do internacionalismo leninista (...) O principal perigo é representado pelo desvio que deixámos de combater, permitindo-lhe assim que se desenvolva até se tornar um perigo de Estado.»⁶⁵*

Stáline contra o oportunismo

Podemos agora abordar a seguinte questão: como pôde o revisionista Khruchov tomar o poder imediatamente após a morte de Stáline? Muitos elementos mostram que, a partir de 1951, Stáline começou a inquietar-se seriamente com a situação do Partido. Até então, entre 1945 e 1950, foi obrigado a concentrar-se na reconstrução e nos problemas internacionais.

As correntes burguesas dos anos 30

As correntes burguesas mais importantes que Stáline teve de combater durante os anos 20 e 30 foram o trotskismo (menchevismo camuflado com um discurso ultra-esquerdista), o bukharinismo (desvio social-democrata), a tendência bonapartista (orientação militarista no seio do exército) e o nacionalismo burguês. Estas quatro correntes continuaram a exercer influência no decurso dos anos 1945-1953. Damos dois exemplos reveladores. Abdurakhmane Avtorkhánov, jovem funcionário de origem tchetchena, que trabalhava no departamento de propaganda do Comité Central, fugiu da União Soviética para os Estados Unidos após o deflagrar da guerra. O seu itinerário mostra o parentesco existente entre as correntes oportunistas dos anos 30 e as que surgiram após 1945.

«*Em política*» – dizia Avtorkhánov – «*pertenço à tendência Bukhárine.*»⁶⁶ Mas o seu livro *Stáline no Poder* está também salpicado de elogios a Trótski, «o leão da Revolução de Outubro», que após «o Testamento político de Lénine», deveria dirigir o Partido com a ajuda de Bukhárine.»⁶⁷ «Trótski (era) o amigo dos “nacionalistas georgianos”.»⁶⁸ Avtorkhánov recorda que Trótski considerava que a tentativa «*de impor o socialismo proletário no país agrário mais atrasado da Europa (...) seria susceptível de degenerar numa ditadura despótica de um punhado de socialistas anarquistas.*»⁶⁹

Avtorkhánov era antes de mais um partidário das concepções sociais-democratas.

«*Bukhárine defendia a livre concorrência entre os dois sectores, socialista e capitalista. (...) A grande indústria socialista eliminará gradualmente o sector capitalista (...) pelo livre jogo da concorrência. (...) Devíamos poder dizer aos camponeses das cooperativas: “Enriquecei-vos”. A pequena burguesia rural (kulaques), incapaz de enfrentar a concorrência dos camponeses colectivizados, estava destinada a desaparecer.*»⁷⁰

Por último, Avtorkhánov defendia também as posições do nacionalismo burguês.

«*As Repúblicas do Cáucaso sempre se mostraram as mais propensas ao separatismo*», afirmou ele. «*Quando em 1921 os Sovietes ocuparam pela força este país, os democratas e os partidários da independência refugiaram-se na clandestinidade. (...) Movimentos de revolta tiveram lugar por várias vezes no Cáucaso para reconquistar a independência nacional.*»⁷¹

Assim, vemos Avtorkhánov exprimir a sua simpatia pelas quatro correntes oportunistas principais que ameaçavam o socialismo no decurso dos anos 20 e 30: o trotskismo, o bukharinismo, o nacionalismo burguês e o militarismo. As suas posições favoráveis a esta última corrente foram tratadas num capítulo anterior.

As posições que Avtorkhánov tomou durante a guerra e no período de 1945-1950 são muito significativas. Referindo-se à agressão nazi, escreve:

«*Noventa por cento dos cidadãos soviéticos só desejavam uma coisa: o fim de Stáline, mesmo que o preço fosse a vitória de Hitler. (...) A guerra contra a URSS, que os soldados alemães tinham ganho em 1941, foi perdida pelas SS. (...) Hitler, o tirano, não foi senão a sombra de Stáline.*»⁷²

Depois de ter galanteado Hitler durante um tempo, Avtorkhánov, anticomunista feroz, cai finalmente nos braços dos imperialistas anglo-americanos.

«*Nos dois primeiros anos da guerra, as populações da URSS chegaram a preferir Hitler a Stáline. (...) Os anglo-saxões tiveram a oportunidade única de poder manobrar as duas frentes – a frente alemã e a frente soviética – sem terem de intervir com as suas*

próprias forças, e conseguiram assim ganhar a guerra. (...) A operação tornou-se possível no dia em que Hitler voltou as suas forças contra o Leste. (...) Enquanto Stáline e Hitler se batiam, os aliados poderiam ter feito seguir a multidão, depois do enterro de Hitler, para o cortejo fúnebre de Stáline.»⁷³

Acolhido nos Estados Unidos, Avtorkhánov tornou-se um fervoroso adepto da hegemonia americana, incitando à guerra contra a «expansão comunista». *«Fiel aos ensinamentos de Lénine, Stáline apontou a proa para a “revolução mundial”. O objectivo perseguido pelo stalinismo é instituir no mundo a ditadura terrorista de um só partido. (...) O mundo está perante esta alternativa: o stalinismo ou a democracia. Para a resolver em vida, Stáline mobiliza as suas quintas colunas no mundo inteiro.»* Ora, dizia Avtorkhánov, as contra medidas norte-americanas tornam este plano caduco. *«Desde então, a Stáline só resta uma solução: a guerra.»⁷⁴*

O nosso segundo exemplo refere-se à organização clandestina de Tokáev, que esteve ligada durante os anos 30 aos bonapartistas, aos bukharinistas e aos nacionalistas burgueses. Após a guerra, continuou a sua actividade.

Em 1947, Tokáev encontrava-se em Karlshorst, na Alemanha. Um camarada «altamente colocado» entregou-lhe os microfilmes com as últimas peças acrescentadas ao seu dossier pessoal.

«Eles sabiam demasiado. A abertura da caça aproximava-se perigosamente. E quando o processo de acusação estivesse pronto, haveria factos que remontavam a 1934.»⁷⁵

«No final de 1947, os democratas revolucionários chegaram à conclusão de que deveriam agir: mais vale morrer honradamente do que arrastar-se como escravos. Animávamo-nos pensar que partidos de tendência liberal e os que pertenciam à Segunda Internacional, no estrangeiro, tentariam ajudar-nos. Sabíamos que havia comunistas nacionais não apenas na Jugoslávia, mas também na Polónia, na Bulgária, na Hungria e nos estados bálticos, e acreditávamos que também nos apoiariam como pudessem, apesar de não sermos de forma alguma comunistas.»

«Mas o MVD⁷⁶ (Segurança do Estado) ganhou a corrida. Nós fomos demasiado lentos a mobilizar. Uma vez mais foi a catástrofe. Começaram as prisões e as acusações remontavam até o assassinato de Kírov, em 1934. Outros foram acusados das conspirações bonapartistas de 1937 e 1940, de nacionalismo burguês e de tentativas de derrubar o regime em 1941. Como a malha se fechava em torno de nós, eu recebi a tarefa de salvar ao menos os nossos arquivos.»⁷⁷

Após a sua fuga para a Inglaterra, Tokáev publicou uma série de artigos na imprensa ocidental e confessa ter sabotado o desenvolvimento da aviação, justificando-se assim:

«Não tentar travar os meus compatriotas na sua investigação, com uma insaciável ambição de dominação mundial, seria empurrá-los para o destino que Hitler reservou aos alemães. (...) É preciso absolutamente que os ocidentais compreendam que Stáline não perseguia senão um objectivo: a dominação do mundo por qualquer meio.»⁷⁸

É de notar que, após a sua fuga para o Ocidente, Avtorkhánov e Tokáev, dois representantes emblemáticos das correntes burguesas na URSS, apoiaram as posições mais extremas da burguesia anglo-americana durante a guerra fria.

Debilidades na luta contra o oportunismo

Não há portanto dúvidas de que Stáline continuou nos últimos anos de sua vida a lutar contra as tendências sociais-democratas e nacionalistas burguesas e contra a subversão conduzida pelo imperialismo anglo-americano. Não obstante, é claro que essa luta não foi conduzida com a profundidade e a amplitude necessárias para revigorar e endireitar ideológica e politicamente o Partido.

Com efeito, depois da guerra, que exigiu esforços profissionais extraordinários da parte dos quadros militares, técnicos e científicos, as tendências antigas para o profissionalismo militar e o tecnocratismo reforçaram-se notoriamente. A burocratização e a busca de privilégios e de uma vida fácil acentuaram-se igualmente. Essa evolução negativa foi encorajada pela «vertigem do sucesso»: o grande orgulho que os quadros tinham na vitória antifascista transformava-se muitas vezes em presunção e arrogância. Todos estes fenómenos minaram a vigilância ideológica e política em relação às correntes oportunistas.

Stáline lutou contra manifestações particulares do oportunismo e do revisionismo. Tinha a opinião de que a luta de classes no domínio ideológico prosseguiria por longo tempo. Mas não estava em condições para formular uma teoria compreensiva sobre a sua origem e as suas bases sociais. Mais concretamente, não chegou à formulação de uma teoria coerente sobre a persistência das classes e da luta de classes na sociedade socialista.

Stáline não percebeu com clareza que, depois do desaparecimento das bases económicas da exploração capitalista e feudal, continuava a existir na União Soviética terreno de onde podiam surgir elementos burgueses. O burocratismo, o tecnocratismo, as desigualdades sociais e os privilégios introduziram em certas camadas da sociedade soviética um estilo de vida burguês e aspirações à reintrodução de certas formas do capitalismo. A persistência da ideologia burguesa no seio das massas e nos quadros foi um factor suplementar que levou camadas inteiras para posições anti-socialistas. Os adversários do socialismo encontraram sempre importantes recursos e reservas ideológicas e materiais junto do imperialismo. E o imperialismo nunca deixou de infiltrar agentes secretos e de comprar renegados que, juntos, se esforçaram para explorar e ampliar todas as formas de oportunismo existentes na URSS. A tese de Stáline segundo a qual «não havia uma base de classe para a dominação da ideologia burguesa» era unilateral e não dialéctica e introduziu debilidades e erros na linha política.⁷⁹

Com efeito, Stáline não esteve à altura de definir as formas adequadas de mobilização das massas operárias e kolkhozianas para combater o perigo da restauração. A democracia popular deveria ter sido desenvolvida com a intenção claramente definida de eliminar o burocratismo, a tecnocracia, o carreirismo e os privilégios. Ora a participação popular na defesa da ditadura do proletariado não foi devidamente assegurada. Stáline sublinhou sempre que a influência da burguesia e do imperialismo se reflectia no Partido sob a forma de correntes oportunistas. Mas não estava em condições para formular uma teoria sobre a luta entre as duas linhas no seio do Partido. Em 1939, fazendo o balanço das grandes depurações, Stáline colocou a tónica exclusivamente na «*espionagem e actividade conspirativa das cúpulas trotskistas e bucharinistas*» e na maneira como «*os Estados burgueses (...) tentam utilizar as fraquezas das pessoas, a sua vaidade e a sua falta de carácter*».⁸⁰ Stáline subestimou manifestamente as causas internas que permitiram o nascimento das correntes oportunistas que, em seguida, através das infiltrações de agentes secretos, se ligaram de uma forma ou de outra ao imperialismo.

Stáline não compreendeu que os perigos do burocratismo, do tecnocratismo, da procura de privilégios existiam de forma permanente e em grande escala e que produziram inevitavelmente concepções sociais-democratas, conciliadoras com o imperialismo. Em consequência, Stáline não julgou necessário mobilizar o conjunto dos membros do Partido para combater as linhas oportunistas e para eliminar as tendências perigosas; lutas ideológicas e políticas nas quais todos os quadros e membros deveriam educar-se e transformar-se. Depois de 1945, a luta contra o oportunismo ficou confinada às esferas dirigentes do Partido e não contribuiu para a transformação revolucionária do conjunto do Partido.

Foi analisando essas falhas que Mao Tse Tung formulou a sua teoria sobre a continuação da revolução:

«A sociedade socialista estende-se por um período bastante longo, durante o qual continuam a existir as classes, as contradições de classes e a luta de classes, assim como a luta entre a via socialista e a via capitalista, assim como o perigo de uma restauração do capitalismo. É preciso compreender que esta luta será longa e complexa, é preciso redobrar a vigilância e prosseguir a educação socialista (...) Senão, um país socialista como o nosso transformar-se-á no seu contrário: mudará de natureza e assistirá à restauração do capitalismo.»⁸¹

Os grupos revisionistas de Béria e de Khruchov

Estas debilidades políticas foram ainda agravadas pelas tendências revisionistas que emergiram dentro da direcção suprema do Partido no final dos anos 40. Para dirigir os diferentes sectores do Partido e do Estado, Stáline apoiou-se sempre nos seus colaboradores. Depois de 1935, Andrei Jdánov desempenhou um papel essencial no trabalho de consolidação do Partido. A sua morte, em Agosto de 1948, deixou um vazio. No início dos anos 50, a saúde de Stáline deteriorou-se fortemente na sequência de um cansaço extremo acumulado durante a guerra. O problema da sucessão de Stáline colocar-se-ia num futuro bastante próximo.

Foi neste momento que dois grupos de revisionistas dentro da direcção se manifestaram e lançaram intrigas, continuando a jurar fidelidade a Stáline. O grupo de Béria e o de Khruchov constituíram duas fracções revisionistas rivais que, minando em segredo a obra de Stáline, entraram mutuamente em guerra.

Tendo sido fuzilado por Khruchov em 1953, logo após a morte de Stáline, poderíamos supor que Béria era um adversário do revisionismo de Khruchov. Foi esta a posição que adoptou Bill Bland num estudo bem documentado sobre a morte de Stáline.⁸²

No entanto, testemunhos de fontes totalmente opostas convergem na afirmação de que Béria adoptou posições direitistas. Assim, o autor Thaddeus Wittlin, no estilo nauseabundo do macarthismo, publicou uma biografia de Béria, cujo tom é o seguinte: *«Stáline, o ditador, contempla o seu povo como um deus impiedoso vigiando os seus milhões de escravos.»⁸³* Textualmente. Ora, expondo as ideias desenvolvidas por Béria em 1951, Wittlin afirma que ele queria permitir a iniciativa privada no sector da indústria ligeira e «afrouxar o sistema de explorações colectivas», para regressar aos «métodos anteriores a Stáline, os da *NEP*». Béria «opunha-se à política stalinista de russificação das nações e repúblicas não russas». «Desejava manter boas relações com os países ocidentais» e «pretendia também restabelecer relações com Tito».⁸⁴ Esta homenagem à

«política razoável» de Béria é surpreendente sob uma caneta tão maldosamente anticomunista.

Tokáev, opositor clandestino, afirmava que conhecia Béria desde os anos 30, «não no seu papel de servidor, mas como inimigo do regime».⁸⁵ Gardinachvili, um colaborador próximo de Béria, manteve laços muito estreitos com Tokáev.⁸⁶

Khruchov, que teria interesse em apresentar Béria como fiel a Stáline, escreveu:

*«Béria ganhou o hábito de exprimir cada vez mais nitidamente a sua falta de respeito por Stáline nos últimos anos da sua vida. (...) Stáline receava ser uma vítima escolhida por Béria. (...) Stáline, por vezes, parecia ter medo de Béria. Ficaria muito feliz se pudesse desembaraçar-se dele, mas não sabia como fazê-lo.»*⁸⁷

Precisamos também de mencionar a opinião de Mólotov que, com Káganovitch, permaneceu sempre fiel ao seu passado revolucionário.

*«Não excludo que Béria tenha tomado parte na morte de Stáline. Senti-o por aquilo que ele me contou. No 1.º de Maio de 1953, na tribuna do Mausoléu, fez alusões ao assunto. Queria aparentemente suscitar a minha simpatia. Disse: “Dei cabo dele”. Como se me tivesse ajudado. Ele queria claramente tornar a minha relação mais favorável: “Salvei-os a todos!”»*⁸⁸

*«Khruchov – é sem dúvida uma pessoa de tipo reaccionário que apenas se encostou ao Partido. É claro que ele não acredita em nenhum comunismo (...) Quanto a Béria, considero-o como uma pessoa de fora. Infiltrou-se no Partido com fins maléficos (...) Béria era uma pessoa sem princípios.»*⁸⁹

Nos últimos anos de vida de Stáline, Khruchov e Mikoian escondiam manifestamente as suas ideias políticas para melhor se posicionarem com vista à sucessão. O desprezo que Khruchov sentia por Stáline transparece nas suas memórias:

*«Na minha opinião, foi durante a guerra que Stáline começou a perder o juízo. (...) No final de 1949, a doença começou a atormentar o espírito de Stáline.»*⁹⁰

Enver Hoxha apercebeu-se da impaciência com que Khruchov esperava a morte de Stáline. Nas suas memórias, descreve uma discussão que teve em 1956 com Mikoian: *«Foi o próprio Mikoian que nos disse que eles, com Khruchov e seus acólitos, tinham decidido organizar um atentado para matar Stáline, mas que depois renunciaram a esse plano.»*⁹¹

Stáline contra o futuro khruchovismo

Stáline ter-se-á dado conta das intrigas que os revisionistas que o rodeavam urdiam? O relatório principal apresentado por Malenkov ao XIX Congresso nos começos de Outubro de 1952, assim como a obra de Stáline *Problemas Económicos do Socialismo*, publicada nessa ocasião, mostram que Stáline estava convencido de que uma nova luta contra o oportunismo e uma nova depuração do Partido se tinham tornado necessárias.

O relatório apresentado por Malenkov tem a marca de Stáline. As teses revolucionárias que defende serão desmontadas quatro anos mais tarde por Khruchov e Mikoian. Criticava também com virulência uma multiplicidade de tendências negativas na economia e na vida do Partido, tendências que se impuseram em 1956 sob a forma do revisionismo khruchoviano.

Antes de mais, voltando à questão da depuração de 1937-1938, Malenkov anota:

«À luz dos resultados da guerra, aparece diante de nós, em toda sua grandeza, o significado da luta intransigente que o nosso Partido travou ao longo de anos contra os inimigos do marxismo-leninismo, contra os malogros trotskistas-bukharinistas, contra os capitulacionistas e os traidores que tentaram desviar o Partido do bom caminho e cindir a unidade das suas fileiras. (...) Aniquilando a organização clandestina dos trotskistas e dos bukharinistas, o Partido destruiu a tempo todas as possibilidades de aparecimento na URSS de uma quinta coluna e preparou politicamente o país para a defesa activa. Não é difícil compreender que se isto não tivesse sido feito a tempo, encontrar-nos-íamos durante as hostilidades na situação de homens metralhados pela frente e pela retaguarda, e teríamos perdido a guerra.»⁹²

Quatro anos mais tarde, Khruchov negará que os trotskistas e bukharinistas tivessem degenerado a ponto de defender uma plataforma social-democrata e burguesa, como negará que alguns entre eles tenham entrado em contacto com forças estrangeiras hostis. Khruchov inventa então a teoria segundo a qual o socialismo tinha definitivamente triunfado desde 1936 e que não havia portanto base social nem para a traição nem para a restauração capitalista!

Eis suas principais afirmações:

«(...) O Estado soviético estava consolidado, (...) as classes exploradoras já tinham sido liquidadas e as relações socialistas tinham-se afirmado em todos os sectores da economia nacional.»⁹³ (...) «O socialismo estava já no essencial construído no nosso país, (...) no essencial tinham sido liquidadas as classes exploradoras, (...) mudara de forma radical a estrutura da sociedade soviética, reduzira-se drasticamente a base social de correntes e grupos políticos hostis ao Partido».⁹⁴ Khruchov concluía assim que a depuração tinha sido um acto arbitrário que nada justificava, reabilitando deste modo as posições políticas dos oportunistas e dos inimigos do socialismo.

No seu Relatório ao XIX Congresso, Malenkov sublinhou quatro fragilidades principais do Partido, as quais, precisamente, seriam aproveitadas por Khruchov para realizar, quatro anos mais tarde, o seu golpe de estado revisionista. Malenkov salientou que muitos quadros burocratizados recusavam a crítica e o controlo da base e refugiavam-se no formalismo e na apatia.

«A autocrítica e, sobretudo, a crítica vinda da base não são ainda (...) o método principal para revelar e corrigir os nossos erros e as nossas insuficiências, as nossas debilidades e as nossas maleitas (...) A crítica é objecto de desdém e de perseguição. Encontramos frequentemente militantes que proclamam a sua fidelidade sem limites ao Partido mas que, na realidade, não suportam a crítica vinda da base, sufocam-na e vingam-se daqueles que os criticam. Conhecemos um bom número de casos em que a atitude burocrática para com a crítica e a autocrítica (...) matavam a iniciativa (...) e implantavam em certas organizações os hábitos antipartido dos burocratas, inimigos jurados do Partido. Lá onde o controlo das massas sobre a actividade das organizações (...) está enfraquecido, aparecem (...) o burocratismo, a degradação e mesmo a desagregação de certos escalões do nosso aparelho. (...) Os êxitos têm engendrado no nosso Partido a auto-satisfação, um optimismo oficial, o espírito de tranquilidade, o desejo de descansar sobre os louros e de fazer prevalecer méritos passados. (...) Os dirigentes transformam frequentemente as reuniões em manifestações de parada, de distribuição de louvores, de tal forma que os erros e as insuficiências no trabalho, as maleitas e as debilidades não são denunciadas nem criticadas (...) O espírito de frouxidão penetrou nas organizações do Partido.»⁹⁵

Reencontramos aqui um tema constante em Stáline desde os anos 30: o apelo à base para que critique e controle os burocratas que procuram a tranquilidade, que reprimem a voz dos militantes, se comprazem com a negligência e se comportam como inimigos do comunismo. Este texto permite imaginar a vaga de críticas que Stáline queria de novo dirigir contra os revisionistas.

Quatro anos mais tarde, quando Khruchov denunciou a «insegurança, o medo e o desespero» que reinavam, segundo ele, sob Stáline, estava de facto a prometer aos elementos burocráticos e oportunistas que gozariam doravante de tranquilidade. Nunca mais seriam «perseguidos» pelas críticas «esquerdistas» da base. A auto-satisfação

e o espírito de imobilismo serão as características principais da burocracia revisionista que tomará o poder definitivamente sob Khruchov.

Em seguida, Malenkov denunciou os comunistas que troçavam da disciplina do Partido e se comportavam como proprietários.

«A atitude formal a respeito das decisões do Partido e do Governo, a atitude passiva na sua aplicação são vícios que é preciso extirpar implacavelmente. O Partido não tem necessidade de funcionários empedernidos e indiferentes, para os quais a sua tranquilidade pessoal passa à frente dos interesses da causa; o Partido precisa de combatentes infatigáveis, cheios de abnegação. (...) Um bom número de dirigentes esquece que as empresas cuja direcção lhes foi confiada pertencem ao Estado; esforçam-se por transformá-las no seu feudo, onde fazem “tudo o que o seu pé esquerdo lhes pede”. (...) Temos muitos dirigentes que pensam que as decisões do Partido e as leis soviéticas não são obrigatórias para eles. (...) Aqueles que tentam esconder a verdade ao Partido e enganá-lo não podem ser membros do Partido.»⁹⁶

As pessoas que Malenkov denuncia nesta passagem encontrarão em breve em Khruchov o seu representante. Khruchov tornou-se no porta-voz dos burocratas quando criticou a *«flutuação demasiado pronunciada dos quadros.»*⁹⁷ O texto de Malenkov permite também compreender melhor aquilo que estava por trás das diatribes de Khruchov contra Stáline. Stáline, afirmou ele, *«passou do campo da luta ideológica»*, aplicando o rótulo de *«inimigo do povo»*, para o recurso sistemático à *«via das repressões em massa»* e *«do terror»*⁹⁸. Essas frases destinavam-se a tranquilizar aqueles que tinham sido atacados no texto de Malenkov, aqueles que faziam das empresas do Estado a sua propriedade privada, aqueles que escondiam a realidade ao Partido para poderem roubar e desfalcar impunemente, aqueles que declamavam frases «marxistas-leninistas» sem a menor intenção de as seguirem. Com Khruchov, todos os que aspiravam a tornar-se burgueses de corpo inteiro não tinham mais que temer *«a repressão e o terror»* do poder socialista.

Em terceiro lugar, Malenkov ataca os quadros que formavam clãs fora de qualquer controlo e que se enriqueciam ilegalmente. *«Alguns funcionários delapidam eles próprios os bens dos kolkhozes, apropriando-se das terras colectivas, constringendo as direcções dos kolkhozes a lhes fornecerem gratuitamente cereais, carne, leite e outros géneros.»* (...) *«Alguns dirigentes não seleccionam os quadros segundo suas qualidades políticas e práticas, mas de acordo com um espírito de família, um espírito de camaradagem e de companheirismo (...) Estas deformações engendram em certas organizações um corrilho de homens que se apoiam mutuamente e colocam os seus interesses de grupo acima dos do Partido e do Estado. Não espanta que um tal ambiente conduza normalmente à decomposição e à putrefacção. (...) A atitude desonesta e irresponsável em relação à execução das directivas dos organismos dirigentes é uma das manifestações mais perigosas e criminosas do burocratismo. (...)*

O objectivo do controlo da execução é de evidenciar as insuficiências, pôr a nu as ilegalidades, ajudar os trabalhadores honestos aconselhando-os, punir os incorrigíveis.»⁹⁹

Sob Khruchov, não se escolhiam os quadros que apresentavam as melhores qualificações políticas: bem pelo contrário, esses foram «depurados» enquanto «stalinistas». Em torno de Béria, de Khruchov, de Mikoian, de Bréjnev formaram-se capelinhas burguesas, completamente libertas do controlo popular revolucionário, exactamente como Malenkov o descrevera. Stáline já lá não estava para «punir os incorrigíveis» e serão os incorrigíveis que doravante punirão os verdadeiros comunistas.

Finalmente, Malenkov criticou os quadros que negligenciam o trabalho ideológico, permitindo às correntes burguesas emergir de novo e tomar o poder na frente da ideologia.

«Em numerosas organizações do Partido, subestima-se o trabalho ideológico, trabalho que acumula atrasos no conjunto das tarefas do Partido e, em algumas organizações, se encontra em estado de abandono (...) Qualquer enfraquecimento da ideologia socialista reverte a favor do reforço da influência da ideologia burguesa (...) Subsistem em nós resquícios da ideologia burguesa, da mentalidade e da moral de proprietário. Estes resquícios são muito vivos, podem crescer, desenvolver-se, é preciso combatê-los resolutamente. De igual modo, não estamos imunizados contra a penetração de ideias que nos são estranhas, tanto de fora, do lado dos estados capitalistas, como, do interior, do lado dos restos hostis ao poder soviético. (...) Aquele que vive de fórmulas aprendidas de cor e não tem o sentido do novo é incapaz de se orientar correctamente na conjuntura interior e exterior. (...) Algumas organizações apaixonam-se pela economia, esquecendo-se dos problemas da ideologia (...) Lá onde se relaxa a atenção aos problemas da ideologia, forma-se um terreno propício à animação de visões e concepções que nos são hostis. Elementos estranhos, oriundos dos resíduos de grupos antileninistas derrotados pelo Partido, procuram dominar alguns sectores do trabalho ideológico.»¹⁰⁰

Khruchov rebaixará o leninismo transformando-o numa série de fórmulas vazias de qualquer espírito revolucionário. O vazio assim criado aspirará as velhas ideologias sociais-democratas e burguesas que terão uma nova juventude. Por outro lado, Khruchov irá falsificar ou eliminar simplesmente as noções essenciais do marxismo-leninismo: a luta anti-imperialista, a revolução socialista, a ditadura do proletariado, o prosseguimento da luta de classes, a concepção leninista do Partido, etc.. Quando fala da «educação marxista» propõe o contrário de Malenkov! Khruchov dirá:

«Durante longos anos, os nossos quadros do Partido foram insuficientemente educados nas (...) questões práticas da edificação económica.»¹⁰¹

Reabilitando os oportunistas e os inimigos atingidos pelas depurações, Khruchov permitiu a ressurreição das correntes ideológicas social-democrata, burguesa e tsarista.

No plenário que se seguiu ao XIX Congresso, Stáline foi ainda mais duro nas críticas que endereçou a Mikoian, Mólotov e Vorochílov; estava virtualmente em conflito aberto com Béria. Todos os membros da direcção compreenderam perfeitamente que Stáline exigia uma mudança radical de rumo. Khruchov compreendeu claramente a mensagem e, como os outros, encolheu a cabeça entre os ombros:

«Stáline, pelos vistos, tinha os seus planos para punir os membros antigos do Politburo. Várias vezes falou na necessidade de substituir os membros do Politburo. A sua proposta após o XIX Congresso de eleger para o Presidium do Comité Central 25 pessoas tinha como objectivo afastar os membros antigos do Politburo e fazer entrar

peças menos experientes (...) Pode-se até pressupor que isto foi concebido para depois liquidar os membros antigos do Politburo e apagar os vestígios relativos a actos indecorosos de Stáline.»¹⁰²

Nessa época, Stáline já era um homem velho, exausto e doente. Agia com prudência. Tendo chegado à conclusão de que os membros do Bureau Político já não estavam à altura, colocou jovens mais revolucionários no *Presidium* para os pôr à prova e testá-los. Os revisionistas e conspiradores como Khruchov, Béria e Mikoian sabiam que em breve perderiam as suas posições.

Ainda de acordo com Khruchov, após o caso do *complot* dos médicos no final de 1952, Stáline teria dito aos membros do Bureau Político: «*Sois como gatinhos cegos, o que acontecerá sem mim – o país perecerá porque não conseguis distinguir os inimigos*».¹⁰³ Khruchov usou esta citação como prova da demência e da paranóia de Stáline. Mas a história mostrou o quanto esta observação era pertinente.

O golpe de Estado de Khruchov

As intrigas de Béria

Jdánov, o sucessor provável de Stáline, morreu em Agosto de 1948. Antes do seu falecimento, uma médica, Lídia Timachuk,¹⁰⁴ já tinha acusado os médicos de Stáline de aplicarem um tratamento contra-indicado para apressar a sua morte. Ela repetirá essas acusações mais tarde.

Durante o ano de 1949, quase todo o círculo de Jdánov é preso e executado. Kuznetsov,¹⁰⁵ secretário do Comité Central e braço direito de Jdánov, Rodiónov,¹⁰⁶ primeiro-ministro da República Russa e Voznessénski¹⁰⁷, presidente do Plano, foram as principais vítimas. Eles estavam entre os quadros mais destacados da nova geração. Khruchov atribui a sua eliminação essencialmente às intrigas de Béria. Stáline havia criticado algumas teorias de Voznessénski que afirmava, nomeadamente, que a lei do valor deveria regular a repartição dos capitais e do trabalho entre os diferentes ramos. Num tal caso, respondeu Stáline, os capitais e a força de trabalho concentrar-se-iam na indústria ligeira, a mais rentável, em detrimento da indústria pesada.

«A esfera de acção da lei do valor está limitada no nosso país pela existência da propriedade social dos meios de produção, pela acção da lei do desenvolvimento planificado da economia nacional.»¹⁰⁸

Mas, no seu texto, Stáline refuta os pontos de vista oportunistas sem tratar os seus autores como inimigos. Segundo Khruchov, Stáline interveio várias vezes a favor da libertação de Voznessénski e da sua nomeação para presidente do Banco do Estado.¹⁰⁹

Quanto às acusações de Timachuk contra os médicos de Jdánov, a filha de Stáline, Svetlana, afirmou que o seu pai de início «não acreditava que os médicos fossem desonestos».¹¹⁰ Abakúmov,¹¹¹ o ministro da Segurança do Estado, próximo de Béria, foi quem conduziu então a investigação. Mas no final de 1951, Ignátiev,¹¹² um homem do Partido sem experiência na Segurança, substituiu Abakúmov, que é preso e acusado de falta de vigilância. Abakúmov teria protegido o seu chefe, Béria?

A investigação passou a ser dirigida por Riúmine,¹¹³ antigo responsável pela segurança no secretariado pessoal de Stáline. Nove médicos foram presos, acusados de estarem «ligados à organização internacional de nacionalistas burgueses judeus *JOINT* (*American-Jewish Joint*

Distribution), criada pelos serviços secretos americanos». ¹¹⁴ Este processo foi interpretado como um primeiro ataque de Stáline contra Béria.

Em simultâneo decorre um segundo processo. Em Novembro de 1951, responsáveis pelo Comité Central do Partido Comunista da Geórgia foram presos por desvio de fundos públicos e roubo de propriedade do Estado e acusados de serem nacionalistas burgueses ligados aos serviços secretos anglo-americanos. Na depuração que se seguiu, mais da metade dos membros do Comité Central, considerados como homens de Béria, perdem as suas posições. ¹¹⁵ O novo primeiro secretário afirma no seu relatório que a depuração foi conduzida «sob as instruções pessoais do camarada Stáline.» ¹¹⁶

A morte de Stáline

Alguns meses antes da morte de Stáline todo o sistema de segurança que o protegia é desmantelado. O seu secretário pessoal, Aleksandr Poskrióbichev, que o acompanhava desde 1928 com uma eficácia notável, foi dispensado e colocado sob prisão domiciliária, após ser acusado de desvio de documentos secretos. O tenente-coronel Nikolai Vlássik, ¹¹⁷ chefe da segurança pessoal de Stáline durante 25 anos, foi preso a 16 de Dezembro de 1952 e morto algumas semanas mais tarde na prisão. ¹¹⁸ O major-general Piotr Kossinkin, vice-comandante da Guarda do Krémline, responsável pela segurança de Stáline, morreu de uma «crise cardíaca», em 17 de Fevereiro de 1953. Deriabin escreveu:

«O processo de privação de Stáline de toda a sua segurança pessoal (foi) uma operação estudada e muito bem conduzida.» ¹¹⁹

Só Béria estava em posição para dirigir um *complot* semelhante. Em 1 de Março, às 23 horas, a guarda encontra Stáline inconsciente estendido no chão do seu quarto. Por telefone são chamados os membros do Bureau Político. Khruchov afirma que também ele lá esteve e que depois «cada um voltou para sua casa». ¹²⁰ Ninguém chamou um médico... Só 12 horas após ter sofrido o ataque, Stáline recebe os primeiros cuidados. Morre a 5 de Março. Lewis e Whitehead escrevem:

«Alguns historiadores consideram que há provas de uma morte premeditada. Abdurakhmane Avtorkhánov vê as causas na evidente preparação por Stáline de uma nova depuração comparável à dos anos 30.» ¹²¹

Imediatamente após a morte de Stáline, foi convocada uma reunião do *Presidium* [nova designação do *Politburo*]. Logo de início, Béria propõe Malenkov para presidente do Conselho dos Ministros e Malenkov pede que Béria seja nomeado primeiro vice-presidente daquele órgão e ministro dos Assuntos Internos e da Segurança do Estado ¹²².

Nos meses que se seguiram, Béria dominou a cena política. «*Atravessámos nessa altura um período muito perigoso*», escreveu Khruchov ¹²³.

Apenas chegado de novo à direcção da Segurança, Béria ordena a prisão de Poskrióbichev, o secretário de Stáline, depois Riúmine, que tinha dirigido a investigação sobre a morte suspeita de Jdánov. Ignátiev, o chefe de Riúmine, é denunciado pelo papel que desempenhou no mesmo processo. Em 3 de Abril, os médicos acusados de terem assassinado Jdánov são libertados. O sionista Wittlin afirma que, ao reabilitar os médicos judeus, Béria queria «atacar a política externa de Stáline, dirigida essencialmente contra o Ocidente, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.» ¹²⁴ Ainda em Abril, Béria organiza um contragolpe na Geórgia, a sua região natal. Colocou novos homens à frente do Partido e

do Estado, Dekanozov¹²⁵ (que seria fuzilado com Béria) tornou-se ministro da Segurança do Estado, em substituição de Rukhádze, preso como «inimigo do povo».¹²⁶

Intrigas de Khruchov contra Béria

Entretanto, Khruchov urde intrigas contra Béria. Começa por ganhar o apoio de Malenkov, o «protegido» de Béria, depois encontra-se individualmente com todos os outros. O último a ser contactado foi Mikoian, o melhor amigo de Béria. Em 24 de Junho é convocado o *Presidium*, no decorrer do qual Béria é preso. Mikoian terá exprimido a opinião de que Béria «tomará em conta as nossas críticas (...) o seu caso não é desesperado.»¹²⁷ Mas ao sinal combinado, 11 marechais e generais implicados no *complot*, sob o comando de Júkov, irrompem na sala e prendem Béria, que seria fuzilado com os seus colaboradores em 23 de Dezembro de 1953.

Em 14 de Julho de 1953, o general Aleksei Antónov¹²⁸ e o major-general Efímov organizam um «golpe de estado» no Partido Comunista da Geórgia, expulsando os homens de Béria. Mjhanádze,¹²⁹ antigo tenente-general, torna-se primeiro secretário do Partido.¹³⁰

Riúmine, que tinha sido preso por Béria em 5 de Abril de 1953, é condenado 15 meses mais tarde pelos khruchovistas pelo seu papel no «caso dos médicos». Em 23 de Julho é fuzilado. Em contrapartida, o seu chefe Ignátiev, protegido de Khruchov, é nomeado primeiro secretário da República da Bachquária.¹³¹

No final de Dezembro de 1954, Abakúmov, antigo ministro da Segurança do Estado e os seus adjuntos são condenados à morte, acusados de terem fabricado, sob instruções de Béria, o «caso de Leningrado» contra Voznessénski e os seus amigos. Em Setembro de 1955, Nikolai Rukhádze, o responsável pela Segurança na Geórgia, que conduziu a depuração contra os homens de Béria em 1951, foi condenado e fuzilado como «cúmplice de Béria».¹³² Assim, de 1950 a 1955, diferentes clãs revisionistas puxaram as facas para acertar contas e aproveitaram a ocasião para eliminar os partidários de Stáline.

Os inimigos reabilitados

Depois da morte de Stáline, oportunistas e inimigos do leninismo enviados justamente para a Sibéria foram reabilitados e colocados em lugares de direcção. Serguei, o filho de Khruchov, relata-nos que, no decurso dos anos 30, Khruchov e Mikoian tiveram relações próximas com um certo Snégov, condenado em 1938 como inimigo do povo a 25 anos de prisão. Em 1956, Khruchov retirou-o de um campo para que testemunhasse «sobre os crimes stalinistas». Ora este Snégov «provou» ao filho de Khruchov que «*não se tratava tanto de erros e falhas acidentais de Stáline, mas sim da sua política errónea e criminosa, que era a causa de todos os males. E que essa política não surgiu de repente em meados dos anos 30, mas tinha as suas raízes na Revolução de Outubro de 1917 e na Guerra Civil*».¹³³ Este indivíduo, que se declarava abertamente adversário da Revolução de Outubro, foi nomeado por Khruchov comissário no Ministério do Interior, onde se ocupou nomeadamente da reabilitação das «vítimas do stalinismo!»¹³⁴

Khruchov foi também repescar o velhaco Soljenítsine num campo de trabalho. Assim, o chefe revisionista que jurava querer «regressar ao leninismo» contraiu uma aliança

com um reaccionário tsarista para combater o «stalinismo». Os dois canalhas entenderam-se maravilhosamente. Num impulso de ternura pelo seu cúmplice «marxista», Soljenítsine escreveu mais tarde:

*«Era impossível ter previsto o ataque súbito, tonitruante e furioso que Khruchov tinha reservado contra Stáline no XX Congresso! Não me recordo de ter lido desde há muito tempo coisa tão interessante.»*¹³⁵

Khruchov e a contra-revolução pacífica

Depois da execução de Béria, Khruchov impôs-se como a figura dominante do *Presidium*. Em Fevereiro de 1956, no XX Congresso, inverteu completamente a linha ideológica e política do Partido. Proclamou ruidosamente que a «democracia leninista» e a «d direcção colectiva» tinham sido restabelecidas, mas impôs praticamente o seu relatório secreto sobre Stáline aos demais membros do *Presidium*. Mólotov testemunha-o: *«Quando Khruchov leu o seu relatório ao XX Congresso, eu já tinha sido destinado à prateleira. Perguntam-me frequentemente por que é que não tomei a palavra no XX Congresso contra Khruchov? O Partido não estava preparado para isso. Nós teríamos sido postos fora. Permanecendo no Partido, esperava que pudéssemos recuperar um pouco a situação.»*¹³⁶

A luta entre as duas linhas, entre o marxismo-leninismo e os desvios burgueses, nunca cessou desde 25 de Outubro de 1917. Com Khruchov, a correlação de forças inverteu-se e o oportunismo, combatido e reprimido até então, apoderou-se da direcção superior do Partido. O revisionismo utilizou essa posição para liquidar, passo a passo, as forças marxistas-leninistas. À morte de Stáline, o *Presidium* tinha dez membros: Malenkov, Béria, Khruchov, Mikoian, Mólotov, Káganovitch, Vorochílov, Bulgánine,¹³⁷ Saburov¹³⁸ e Pervúkhine^{139/140}. Depois da eliminação de Béria, Mikoian afirmou em 1956 que o *Presidium* constituía um «colectivo dirigente estreitamente unido».¹⁴¹ Mas, no ano seguinte, Khruchov e Mikoian substituíram todos os outros com o argumento de que *«estes renegados (...) queriam ressuscitar a época penosa em que dominavam métodos e acções viciosos, resultantes do culto da personalidade»*.¹⁴² A eliminação da maioria marxista-leninista do *Presidium* foi possível graças à intervenção do Exército e, particularmente, de Júkov e dos secretários regionais, que vieram em socorro de Khruchov colocado em minoria. As hesitações, a pouca perspicácia política e o espírito de conciliação de Mólotov, Malenkov e Káganovitch provocaram a sua derrota.

Também na política internacional, a linha seguida entre 1945 e 1953 por Stáline foi completamente desmantelada. Khruchov capitulou ante a burguesia mundial. No XX Congresso disse:

*«O Partido desfez as noções caducas. (...) Nós queremos ser amigos dos Estados Unidos. (...) A Jugoslávia regista importantes resultados na edificação socialista. (...) A classe operária pode conquistar uma sólida maioria no Parlamento e transformá-lo em instrumento de uma vontade popular autêntica.»*¹⁴³

Khruchov começou a desmontagem da obra de Stáline fazendo profecias encantadoras. Ouvi-las hoje revela-nos Khruchov no seu verdadeiro papel de burlão.

«Durante o período do culto à personalidade» – dizia Khruchov – *«apareceram pessoas que nos atiravam areia para os olhos»*. Com Stáline, esses adutores e

ilusionistas desapareceram naturalmente. Por isso, agora, Khruchov podia prosseguir com descaramento o seu discurso:

«No decurso dos próximos dez anos (1961-1970) a União Soviética, que está a criar a base material e técnica do comunismo, ultrapassará em produção por habitante o país capitalista mais poderoso e mais rico, os EUA»¹⁴⁴

Vinte anos depois, com a sua «entrada no comunismo», prometida por Khruchov para 1970, a União Soviética implodiu sob os golpes do imperialismo norte-americano; as suas repúblicas caíram no domínio de mafiosos e de capitalistas rapaces; o povo foi mergulhado na miséria e no desemprego, o crime reina por toda parte, o nacionalismo e o fascismo provocam guerras civis atrozes, as mortes contam-se às dezenas de milhares, os refugiados aos milhões.

Quanto a Stáline, também ele chegou na sua época a reflectir sobre o futuro incerto. As conclusões de *A História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS*, que redigiu em 1938, merecem ser relidas à luz dos acontecimentos actuais. Elas contêm seis lições essenciais, tiradas da experiência do partido bolchevique. A quarta diz o seguinte:

«Não se pode admitir que haja no Estado-Maior da classe operária cépticos, oportunistas, capitulacionistas e traidores. Não se pode considerar um acaso o facto de que os trotskistas, os bukharinistas e os nacionalistas burgueses se tenham tornado agentes estrangeiros. É a partir do interior que mais facilmente se tomam as fortalezas.»¹⁴⁵

Assim previu Stáline o que se passaria na União Soviética no dia em que um Gorbachov e um Iéltine entrassem no Bureau Político.

No final do século XX, a humanidade retrocedeu de alguma forma ao ponto de partida, aos anos 1900-1914, quando as potências imperialistas pensavam poder decidir entre elas o destino do mundo. Nos próximos anos, à medida que o carácter criminoso, bárbaro e desumano do imperialismo se revelar cada vez mais nitidamente, as novas gerações que não conheceram Stáline serão levadas a render-lhe homenagem. Elas subscreverão as palavras de Mao Tse Tung, que, a 21 de Dezembro de 1939, nos longínquos campos da guerrilha da imensa China, festejava o 60.º aniversário de Stáline:

«Festejar Stáline é tomar partido por ele, pela sua obra, pela vitória do socialismo, pela via que ele indicou à humanidade, é declarar-se por ele como por um amigo muito caro. Porque a imensa maioria da humanidade vive hoje no sofrimento e não poderá libertar-se senão seguindo a via indicada por Stáline e com a sua ajuda.»¹⁴⁶

Notas

¹Citação traduzida do original russo, «Discurso na assembleia pré-eleitoral de eleitores do círculo eleitoral de Stáline da cidade de Moscovo, 9 de Fevereiro de 1946», in *I.V. Stáline, Obras, Izdatelstvo Pissátel*, Moscovo, 1997, tomo 16, pág. 6 (NT).

²Idem, pág. 7 (NT).

³Idem, pág. 8 (NT).

⁴Idem, pág. 10 (NT).

⁵Idem, pág. 13 (NT).

⁶Maurice Dobb, *Soviet Economic Development*, 6.^a edição, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1966, p. 301.

⁷Ibidem, p. 313.

⁸Bettelheim, *L'Economie Soviétique*, Ed. Recueil Sirey, Paris, 1950, pp. 148, 151.

⁹Dobb, op. cit., p. 316.

- ¹⁰Ibidem, p. 316.
- ¹¹*Stáline, Obras*, ibidem, pág. 15 (NT).
- ¹²E.H. Cookridge, *L'espion du siècle Reinhard Gehlen*, Ed. Fayard, 1973, p. 169.
- ¹³Ibidem, p. 162.
- ¹⁴Ibidem, p. 165.
- ¹⁵Ibidem, p. 178.
- ¹⁶Ibidem, pp. 187-188.
- ¹⁷Mark Aarons et John Loftus, *Des nazis au Vatican*, Ed. Olivier Orban, 1991, p. 318
- ¹⁸Valentin Beriejv, *J'étais interprète de Staline*, Ed. Du Sorbier, Paris, 1985, p. 384.
- ¹⁹Ígor Vassílievitch Kurtcháto (1903-1960), membro do Partido desde 1948. Físico, organizador e orientador da investigação sobre a bomba atómica na URSS, recebe três condecorações de Herói do Trabalho Socialista e três Prémios Stáline. Fundador e director do Instituto de Energia Atómica em 1943, é sob a sua direcção científica que a URSS constrói bomba atómica em 1949, pondo fim ao monopólio dos EUA neste domínio. Eleito deputado do Soviete Supremo em 1950, o seu trabalho conduz à construção da primeira bomba termonuclear em 1953 e, no ano seguinte, à primeira Central de Energia Atómica do mundo (NT).
- ²⁰Jukov, *Reminiscences and Reflections*, Vol. 2, Progress, Moscovo, 1985, p. 449.
- ²¹Truman, *Memoirs*, II, p. 462.
- ²²Gabriel Kolko, *The Politics of War*, Panthon Books. Nova Iorque, 1990, p. 559.
- ²³Ibidem, p. 560.
- ²⁴Truman, op. cit., p. 466.
- ²⁵Déborine, *Les secrets de la Seconde Guerre Mondiale*, Ed. du Progrès, Moscovo, 1972, p. 265.
- ²⁶Truman, op. cit., p. 129.
- ²⁷Ibidem, p. 124.
- ²⁸Ibidem, p. 314.
- ²⁹*Hitler parle à ses généraux*, Ed. Albin Michel, 1964, pp. 279, 264, 283.
- ³⁰Rokossovski, op. cit., pp. 274-282.
- ³¹Traduzido do original russo, «Telegrama N.º 223 do Presidente do Governo, I.V. Stáline, ao Presidente F. Roosevelt e ao Primeiro-Ministro W. Churchill», in *Correspondência entre o Presidente do Conselho de Ministros da URSS e o Presidente dos EUA e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha durante a Grande Guerra Patriótica 1941-1945*, Gospolitizdat, Moscovo 1957, tomo II (disponível em vlastitel.com.ru/stalin/perepiska/sr/sr44_08.htm) (NT).
- ³²*L'armée soviétique libératrice dans la Seconde Guerre Mondiale*, Ed. Du Progrès, 1977, p. 309.
- ³³Kolko, op. cit., p. 188.
- ³⁴*Rapport d'André Jdanov sur la situation internationale*, Setembro de 1947, Imprimerie Maréchal, Paris, 12-1947, pp. 5-7, 14, 21, 7 e 26.
- ³⁵Malenkov, *Le XXXII anniversaire de la grande révolution socialiste d'Octobre*, Ed. en langues étrangères, Moscovo, 1950, p. 23.
- ³⁶«Manifeste aux peuples», *Revue Mondiale de la Paix*, Paris, Novembro de 1950, n.º 21, pp. 121-122.
- ³⁷James Klugman, *From Trotski to Tito*, Lawrence and Wishart, Londres, 1951, p. 13.
- ³⁸Ibidem, p. 22.
- ³⁹Ibidem, p. 9.
- ⁴⁰Ibidem, p. 11.
- ⁴¹Ibidem, p. 43.
- ⁴²Ibidem, p. 143.
- ⁴³Edvard Kardelj (1910-1979), esloveno, membro do Partido Comunista da Jugoslávia desde 1926. Trabalhou no *Komintern* em Moscovo entre 1936 e 1937. Após a invasão da Jugoslávia, em

Abril de 1941, torna-se um dos líderes da Frente de Libertação do Povo Esloveno, juntando-se à resistência liderada por Tito em Maio de 1945. (NT).

⁴⁴*Rapport: Le PCY dans la lutte pour la Yougoslavie nouvelle...* Belgrado, 1948, pp. 94, 25.

⁴⁵Klugmann, op. cit., p. 129.

⁴⁶«Directives du CC», in *Questions actuelles du socialisme*, n.º 10, Jan-fev. 1952, *Agence Yougoslave d'Information*, pp. 160, 161, 145.

⁴⁷Ibidem, p. 85.

⁴⁸Milovan Djilas (1911-1995), sérvio-montenegrino, membro do Partido Comunista da Jugoslávia desde 1932, do CC desde 1938 e do *Politburo* a partir de 1940. Juntamente com Tito é um dos organizadores da resistência, tornando-se comandante da guerrilha. Após a libertação, ocupa o cargo de vice-presidente do governo de Tito. Nos finais de 1953, assume-se como crítico do regime exigindo mais democracia no Partido e no país. Demitido do governo e dos cargos partidários, abandona o Partido em 1954, declarando em Dezembro ao *New York Times* que a Jugoslávia estava a ser governada por reaccionários. Em 1956 é condenado a nove anos de prisão por apoiar a contra-revolução Húngara (NT).

⁴⁹Ibidem, N.º 14, Out-Nov. 1952, *AYI*, Paris, pp. 2, 5, 18, 35-36, 30, 37, 44 e 47.

⁵⁰ Ibidem, p. 44.

⁵¹*The Times*, 13 de Dezembro de 1950.

⁵²*New York Herald Tribune*, 26 de Junho de 1951.

⁵³*Daily Mail*, 31 de Agosto de 1951, p. 150.

⁵⁴*Business Week*, 12 de Abril de 1950, p. 175.

⁵⁵Robert Anthony Eden (1897-1977), conservador britânico, ministro dos Negócios Estrangeiros em três períodos, incluindo na II Guerra, liderou a oposição parlamentar entre 1945-51, tornando-se primeiro-ministro em 1955-57 (NT).

⁵⁶*Daily Telegraph*, 12 Décembre 1949, p. 191.

⁵⁷*The Times*, 13 de Setembro de 1949, p. 194.

⁵⁸Traduzido do original russo, «Discurso de encerramento a propósito do relatório ao XII Congresso do PCU(b) sobre os aspectos nacionais na acção edificante do Partido e do Estado, 23 de Abril de 1923», in *I.V. Stáline, Obras, Gossudártvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, Moscovo, 1947, tomo 5, pág. 265 (NT).

⁵⁹*Smenovekhovistas*, adeptos da corrente burguesa surgida em torno do jornal *Smena Vekh* (Mudança de Orientação), fundado em 1921 por guardas brancos emigrados. Recusando a luta armada contra o Poder Soviético, o smenovekhovismo considerava que a adopção da Nova Política Económica iria conduzir gradualmente o sistema soviético para o modelo da democracia burguesa (NT).

⁶⁰Traduzido do original russo, «Relatório sobre os aspectos nacionais na acção edificante do Partido e do Estado, ao XII Congresso do PCU(b), 23 de Abril de 1923», in *I.V. Stáline, Obras, Gossudártvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, Moscovo, 1947, tomo 5, pág. 244 (NT).

⁶¹Stáline, *Le marxisme et la question nationale et coloniale*, Ed. Norman Bethune, 1974, p. 75.

⁶²Ibidem, p. 117.

⁶³Ibidem, p. 203.

⁶⁴Traduzido do original russo, «Relatório político do Comité Central ao XVI Congresso do PCU(b), 27 de Junho de 1930» in *I.V. Stáline, Obras, Gossudártvenoe Izdátelstvo Politícheskoi Literaturi*, Moscovo, 1949, tomo 12, pág. 371 (NT).

⁶⁵Stáline, *Le marxisme et la question nationale et coloniale*, Ed. Norman Bethune, 1974, pp. 344-345.

⁶⁶Alexandre Ouralov (A. Avtorkhanov), op. cit., p. VIII.

⁶⁷Ibidem, pp. 32 e 34.

⁶⁸Ibidem, p. 83.

⁶⁹Ibidem, pp. 197-198.

⁷⁰Ibidem, pp. 139-140.

- ⁷¹Ibidem, pp. 167-168.
- ⁷²Ibidem, pp. 184, 291.
- ⁷³Ibidem, p. 296.
- ⁷⁴Ibidem, pp. 299 e 302.
- ⁷⁵Tokáev, op. cit., p. 354.
- ⁷⁶Acrónimo russo de *Ministérstvo Vnútrennikh Del* (Ministério dos Assuntos Internos) (NT).
- ⁷⁷Tokáev, op. cit., pp. 358-359.
- ⁷⁸*La Libre Belgique*, 4 Março de 1949, p. 1; 6 Março de 1949, p. 1.
- ⁷⁹Malenkov, *Rapport au XIX Congrès*, Ed. En langues étrangères, Moscovo, 1952, p. 121.
- ⁸⁰Traduzido do original russo, «Relatório ao XVIII Congresso do Partido sobre o trabalho do CC do PCU(b), 10 de Março de 1939», in *I.V. Stáline, Obras, Izdátelstvo «Pissátel»*, Moscovo, 1997, pág. 331 (NT).
- ⁸¹Mao Zedong, «*Rapport au IX Congrès du PCC*», em: *La Grande Révolution Culturelle Proletarienne*, colectânea, Pequim, 1970, pp. 22-23.
- ⁸²Bill Bland, *Stalin Society*, Outubro de 1991: *The Doctors' Case and the Death of Stalin*, policopiado, 80 páginas.
- ⁸³Thaddeus Wittlin, *Béria*, Ed. Elsevier Sequoia, Paris-Bruxelas, 1972, p. 281.
- ⁸⁴Ibidem, pp. 287-288.
- ⁸⁵Tokáev, op. cit., p. 7.
- ⁸⁶Ibidem, p. 101.
- ⁸⁷Khrouchtchev, *Souvenirs*, Ed. Robert Laffont, Paris, 1971, pp. 298, 295 e 240.
- ⁸⁸Félix Tchouchev, *Cent quarante conversations avec Molotov*, Ed. Terra, Moscovo, 1991 (em russo), p. 327.
- ⁸⁹Ibidem, p. 323.
- ⁹⁰Khrouchtchev, op. cit., pp. 295, 238.
- ⁹¹Enver Hoxha, *Avec Staline*, Tirana, 1970, p. 32.
- ⁹²Malenkov, *Rapport au XIX Congrès*, op. cit., pp. 103-104.
- ⁹³Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. 135 (NT).
- ⁹⁴Idem, pág. 132 (NT).
- ⁹⁵Malenkov, op. cit., pp. 108-110.
- ⁹⁶Ibidem, pp. 113-115.
- ⁹⁷*Rapport d'activité du CC au XX Congrès* (14 de Fevereiro de 1956), Ed. En langues étrangères, Moscovo, 1956, p. 137.
- ⁹⁸Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, págs. 132-33 (NT).
- ⁹⁹Malenkov, op. cit., pp. 71, 116-120.
- ¹⁰⁰Ibidem, pp. 121-122.
- ¹⁰¹Khrouchtchev, *Rapport au XX Congrès*, p. 129.
- ¹⁰²Traduzido do original russo, «Relatório de Khruchov», publicado em *Izvéstia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989, pág. 164 (NT).
- ¹⁰³Ibidem, p. 155 (NT).
- ¹⁰⁴Lídia Feodóssievna Timachuk (1898-1983), médica, formou-se em 1926 começando a trabalhar nesse ano na Direcção de Saúde do Krémline. Em 1948 chefia o departamento de electrocardiografia do Hospital do Krémline. Nesse ano é enviada a Leninegrado para fazer um electrocardiograma a A.A. Jdánov e diagnostica-lhe um enfarte do miocárdio. Contudo, os médicos que acompanhavam o dirigente insistiram que não havia nenhum enfarte e obrigaram-na a assinar um diagnóstico diferente. Timachuk escreve então uma carta ao governo relatando esses factos, que entrega ao oficial da Segurança, general Vlássik. Após a morte de Jdánov, em 1948, a médica escreve uma segunda carta ao secretário do CC, A.A. Kuznetsov, acusando os

médicos de não terem prescrito o tratamento necessário. Todavia, o caso é abafado e só vem a lume em 1952 com a publicação na imprensa de uma carta de Timachuk, dando início ao famoso «processo dos médicos» que é rapidamente encerrado após a morte de Stáline (NT).

¹⁰⁵Aleksei Aleksándrovitch Kuznetsov (1905-1950), membro do Partido desde 1925, do CC desde 1939, do *Orgburo* (1946-49) e secretário do CC (1946-49). Em Fevereiro de 1949 é designado secretário do *Buro* do CC do Extremo Oriente. Preso em Agosto desse ano por implicação no «Processo de Leninegrado», que revelou a existência de um grupo de conspiradores antipartido na organização local, é julgado pelo Colégio Militar do Supremo Tribunal da URSS e condenado a fuzilamento em 1950 (NT).

¹⁰⁶Mikhail Ivánovitch Rodiónov (1907-1950), membro do Partido desde 1929, candidato do CC desde 1941, membro do *Orgburo* (1946-1949). Funcionário do Partido desde 1931, secretário regional em Gorki (1940-46), é designado presidente do Conselho de Ministros da RSFSR entre 1946 e 1949. Preso em Agosto de 1949, é julgado no âmbito do «Processo de Leningrado» e condenado a fuzilamento, em Setembro de 1950, pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS (NT).

¹⁰⁷Nicolai Alekséievitch Voznessénski (1903-50), membro do Partido desde 1919, do CC (1939-49), do *Politburo* entre 1947-49 (candidato desde 1941). Presidente do *Gosplan* (1938-41 e 1942-49), primeiro vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo da URSS (1941-46) e vice-presidente do Conselho de Ministros (1946-49). Expulso do Partido e destituído de todos os cargos em 1949, é julgado no «Processo de Leningrado» e condenado a fuzilamento pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS em Setembro de 1950 (NT).

¹⁰⁸Traduzido do original russo, «Problemas Económicos do Socialismo na URSS», in *I.V. Stáline, Obras, Izdátelstvo «Pissátel»*, Moscovo, tomo 19, pág. 170 (NT).

¹⁰⁹Khrouchtchev, op. cit., p. 242

¹¹⁰Bland, op. cit., p. 4

¹¹¹Víktor Semiónovitch Abakúmov (1908-1954), membro do Partido desde 1930, ingressa nos órgãos de Segurança do Estado em 1932. Já com a patente de coronel-general, torna-se vice-comissário dos Assuntos Internos (1941) e ministro entre 1946-1951. É preso em 1951 implicado na «conspiração sionista». Após a morte de Stáline, é acusado, em 1954, de ter fabricado o caso dos «médicos de Leningrado». É condenado a fuzilamento por traição, sabotagem, terrorismo e participação numa organização contra-revolucionária. (NT).

¹¹²Semione Deníssovitch Ignátiev (1904-1983), membro do Partido desde 1926, do CC (1952-61). Ingressa nos órgãos de segurança em 1920. A partir de 1935 exerce funções de secretário do Partido em várias regiões e repúblicas integrando os respectivos CC. Torna-se ministro da Segurança do Estado da URSS (1951-53) e secretário do CC durante alguns meses. É designado em 1953 primeiro secretário do Partido na região da Baschquéria e mais tarde, em 1957, na região da Tartária. Deputado do Soviete Supremo, é aposentado em 1960 (NT).

¹¹³Mikhail Dmitríevitch Riúmine (1913-1954), coronel, investigador dos órgãos de segurança do Estado, acusa o seu chefe Abakúmov, em carta escrita em 1951, de ocultar importantes provas e de desviar fundos do Estado. Em Outubro desse ano é nomeado vice-ministro do Ministério da Segurança do Estado (MGB), conduzindo pessoalmente a investigação do caso da «conspiração sionista», na qual comete erros grosseiros que motivam a sua irradiação do Ministério em Novembro de 1952. Transferido como funcionário para o Ministério do Controlo Estatal, é preso em 17 de Março de 1953, 12 dias após a morte de Stáline, julgado por sabotagem e condenado a fuzilamento em Julho de 1954 (NT).

¹¹⁴Bland, op. cit., p. 18, e *Pravda*, 13 de Janeiro de 1953, p. 4.

¹¹⁵Bland, op. cit., pp. 11-13, citando J. Ducoli, *The Georgian Purges (1951-1953)*, in *Caucasian Review*, vol. 6, 1958, p. 55.

¹¹⁶Bland, op. cit., p. 12, citando Mgeladze, *Report to Congress of Georgian Communist Party*, Setembro de 1952.

¹¹⁷Nikolai Sidórovitch Vlássik (1896-1967), membro do Partido desde 1918. Ingressa nos órgãos de segurança em 1919, tornando-se responsável pelo departamento de segurança dos

dirigentes do Partido e do Estado a partir de 1926. Tenente-general (1945), foi até Abril de 1952 o responsável pela segurança pessoal de Stáline. Em Dezembro daquele ano é preso, acusado de roubo de avultadas somas e valores do Estado, e condenado a dez anos de prisão, pena que é reduzida a cinco anos pela amnistia de 1953. A data da morte indicada pelo autor não coincide com as fontes hoje conhecidas (NT).

¹¹⁸Bland, op. cit., p. 24, citando Deriabin, *Watchdogs of Terror: Russian Bodyguards from the Tsars to the Commissars*, EUA, 1984, p. 321.

¹¹⁹Bland, op. cit., p. 27, citando Deriabin, op. cit., p. 325.

¹²⁰Deriabin, op. cit., p. 300.

¹²¹Lewis et Whitehead, *Stáline, a time for judgement*, Londres, 1990, p. 179.

¹²²Khrouchtchev, op. cit., p. 308, Ibidem, p. 315.

¹²³Ibidem, p. 315.

¹²⁴Wittlin, op. cit., p. 305.

¹²⁵Vladimir Gregórievitch Dekanozov (1898-1953), membro do Partido desde 1920, do CC (1941-1952). Em 1921 ingressa nos órgãos de segurança, exercendo mais tarde cargos partidários de direcção no Azerbaijão, na Geórgia e na Transcaucásia. Em 1936 é nomeado para o governo da Geórgia onde chega a vice-presidente do Commissariado (1937). Em 1938 é chamado por Béria para o NKVD em Moscovo. Transita em 1939 para o Commissariado dos Negócios Estrangeiros como vice-comissário. Em 1940 é designado representante plenipotenciário da URSS na Alemanha. É afastado dos Negócios Estrangeiros em 1947. Após a morte de Stáline é nomeado ministro dos Assuntos Internos da Geórgia (Abril de 1953). Em 30 de Junho é detido por implicação no «Caso Béria» e fuzilado em Dezembro desse ano. (NT).

¹²⁶Bland, op. cit., p. 46.

¹²⁷Khrouchtchev, op. cit., p. 320.

¹²⁸Aleksei Innokéntievitch Antónov (1896-1962), membro do Partido desde 1928. Oficial militar na I Guerra, ingressou no Exército Vermelho em 1919, exercendo funções docentes na Academia Militar Frúnze entre 1938-41. Na II Guerra é nomeado chefe do Estado-Maior de várias frentes, participa nas conferências de Iálta e de Potsdam. Em 1945 é nomeado chefe do Estado-Maior General e membro do Estado-Maior do Comando Supremo. Em 1955 é chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Tratado de Varsóvia (NT).

¹²⁹Vassili Pávlovitch Mjavanádze, (1902-1988), membro do Partido desde 1927, do CC entre 1956-76, candidato do *Politburo* (1957-72). Ingressou no Exército Vermelho em 1924, integrando, a partir de 1937, conselhos militares de vários exércitos. Tenente-general (1944), foi primeiro secretário do CC do PC da Geórgia entre 1953-1972 (NT).

¹³⁰Bland, op. cit., pp. 55-57.

¹³¹Ibidem, pp. 67-70.

¹³²Ibidem, p.73.

¹³³Serguei Khrouchtchev, *Herinneringen aan mijn vader (Recordações do meu Pai)*, Ed. Bruna, 1990, p. 16.

¹³⁴Ibidem, pp. 19-20.

¹³⁵Soljénitsine, *Le chène et le veau*, citado em Lazitch, op. cit., pp. 38-39 e 205.

¹³⁶Félix Tchouchev, op. cit., p.350.

¹³⁷Nikolai Aleksándrovitch Bulgánine (1895-1975), membro do Partido desde 1917, do CC (1937-61), candidato desde 1934, do *Politburo* (1948-58), candidato desde 1946, do *Orgburo* (1946-52). Trabalha nos órgãos de segurança (1918), no Conselho Superior da Economia Nacional (1922-27), como director de uma fábrica de material eléctrico em Moscovo (1927-31). É eleito presidente do Soviete de Moscovo em 1931, torna-se presidente do governo da República da Rússia (1938-41), e vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1947-53). Durante a guerra integra os conselhos militares de diversas frentes, é vice-comissário da Defesa em 1941, ministro da Defesa entre 1947 e 1949 e das Forças Armadas entre 1953 e 1956. A partir de 1953 ainda exerce funções de primeiro vice-presidente e de presidente do Conselho de Ministros da

URSS (1955-58). Afastado do governo da URSS em 1958, é nomeado presidente do Conselho da Economia de Stavropol e, dois anos mais tarde, é aposentado. Marechal da União Soviética desde 1947 foi despromovido para coronel-general em 1958 (NT).

¹³⁸Maksíme Zakhárovitch Sabúrov (1900-1977), membro do Partido desde 1920, do CC (1952-1961), do *Presidium (Politburo)* (1952-57). Após a Guerra Civil trabalhou nos sindicatos e na juventude comunista e participou no trabalho partidário em Donbass (1926-28). A partir de 1933 exerce a profissão de engenheiro mecânico. Em 1938 assume funções no *Gosplan* da URSS, do qual se torna presidente entre 1953 e 1955. Entre Março e Junho de 1953 é ministro da Metalomecânica, primeiro vice-presidente do Conselho de Ministros (1955-57), entre outros cargos. Em 1958 é transferido para funções de gestão económica até à aposentação em 1967 (NT).

¹³⁹Mikhail Geórguievitch Pervúkhine (1904-1978), membro do Partido desde 1919, do CC (1939-61), do *Presidium (Politburo)* entre 1952-57 (candidato, 1957-61). A partir de 1919 trabalha na juventude comunista. Em 1929 exerce a profissão de engenheiro, tornando-se director da central termoeléctrica de Kachira, no distrito de Moscovo. Entra para o governo em 1937 como vice-comissário da Indústria Pesada, sendo depois designado comissário/ministro da Centrais Eléctricas e Indústria Eléctrica (1939-40 e 1953-54), da Indústria Química (1942-52), vice-presidente do Conselho de Ministros (1955-57), presidente do Comité Estatal para a Relações Económicas Exteriores (1957-58). Em 1958 é nomeado embaixador na RDA, mais tarde, chefe da direcção do Conselho da Economia Nacional (1963) e membro do colégio do Plano Estatal (1965) (NT).

¹⁴⁰Roy et Jaurés Medvédev, *Khrouchtchev, les années de pouvoir*, Ed. Maspero, Paris, 197, p.15.

¹⁴¹Mikoian, *Discours au XX Congrès*, Ed. En langues étrangères, Moscovo, 1956, p. 6.

¹⁴²Kozlov, «*Rapport au XXII Congrès*», dans: *Vers le Communisme*, Recueil, Ed. En langues étrangères, Moscovo, 1961, pp. 412-413

¹⁴³Khrouchtchev, *Rapport au XX Congrès*, op. cit., pp. 5, 36, 9, 47

¹⁴⁴Khrouchtchev, *Rapport au XX Congrès*, op. cit., pp. 147 e 545

¹⁴⁵*L'histoire du Parti communiste (bolchevique) de L'URSS*, Ed. Solidaire, p. 399.

¹⁴⁶MaoZedong, *Oeuvres*, tomo II, Ed. En langues étrangères, Pequim, 1967.

Índice de nomes

A

Abakúmov, Víktor Semiónovitch (1908-1954), membro do Partido desde 1930, ingressa nos órgãos de Segurança do Estado em 1932. Coronel-general, torna-se vice-comissário dos Assuntos Internos (1941) e ministro entre 1946 e 1951. É preso em 1951, implicado na «conspiração sionista». Já após a morte de Stáline, é acusado, em 1954, de ter fabricado o caso dos «médicos de Leningrado». Confessa-se culpado e é condenado a fuzilamento por traição, sabotagem, terrorismo e participação numa organização contra-revolucionária.

Álksnis, Iákov Ivánovitch, verdadeiro nome Ekabs Astrov, (1897-1938), membro do Partido desde 1916. Ingressa no Exército Vermelho em 1919, foi um dos fundadores e organizadores da Força Aérea Soviética, de que se tornou vice-comandante (1926) e comandante (1931). Eleito deputado em 1937, é acusado nesse ano de ter participado na criação da «organização fascista letã» no Exército Vermelho. Confessa-se culpado e é condenado a fuzilamento.

Andréiev, Andrei Andréievitch (1895-1971), membro do Partido desde 1914, do CC (1920-21 e 1922-61) do *Politburo* (1932-52), candidato (1926-30). Secretário do Comité do Partido do *krai* do Cáucaso do Norte entre 1927-1930. Em 1930 é designado comissário da Inspeção Operário-Camponesa da URSS e vice-presidente do Comissariado do Povo. Entre outros cargos foi presidente do Conselho da União do Soviete Supremo da URSS (1939-1952).

Antónov, Aleksei Innokéntievitch (1896-1962), membro do Partido desde 1928. Oficial na I Guerra, ingressou no Exército Vermelho em 1919, exercendo funções docentes na Academia Militar Frúnze (1938-41). Na II Guerra é nomeado chefe do Estado-Maior de várias frentes, participa nas conferências de Ialta e de Potsdam. Em 1945 é nomeado chefe do Estado-Maior General e membro do Estado-Maior do Comando Supremo. Em 1955 é chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Tratado de Varsóvia.

Avtorkhánov, Abdurakhmane Guinázovitch (1908-1997), membro do Partido desde 1927. Após se licenciar em História da Rússia, trabalha no aparelho do CC (1937). No ano seguinte é detido e condenado a cinco anos na prisão. Libertado em 1942, aproveita a ocupação nazi para fugir para a Alemanha, onde trabalha para a propaganda nazi em Berlim. Após a guerra integra-se nos serviços de espionagem dos EUA, torna-se historiador e escritor anti-soviético e intervém com frequência na *Rádio Liberdade*.

B

Bajánov, Boris Gueórguievitch (1900-1982), membro do Partido desde 1919, ingressa em 1922 no departamento administrativo do CC dirigido por Káganovitch. No ano seguinte torna-se secretário do *Orgburo* e é nomeado secretário pessoal de Stáline. Em 1926 passa a trabalhar em simultâneo no Conselho Superior de Desporto, no Ministério das Finanças e como redactor do jornal *Finánsovaia Gazeta*. Foge da URSS em 1928 e instala-se em França até ao fim da vida.

Bakúnine, Mikhail Aleksándrovitch (1814-1874), revolucionário russo ideólogo do anarquismo. Tentou cindir a I Internacional, criando secretamente no seu seio a Aliança Internacional da Democracia Socialista. Foi expulso da I Internacional em 1872.

Bandera, Stepan Andréievitch (1909-1959), contra-revolucionário ucraniano, líder da Organização dos Nacionalistas Ucranianos entre os anos 30 e 50.

Bek, Aleksandr Alfrédovitch (1902-72), escritor russo, participou no corpo de voluntários para a defesa de Moscovo, correspondente de guerra, assistiu ao Dia da Vitória em Berlim.

Béria, Lavrénti Pávlovitch (1899-1953), membro do Partido desde 1917, do CC desde 1934, do *Politburo* desde 1946 (candidato desde 1939). Nascido na Geórgia, trabalha entre 1921 e 1931 nos órgãos de contra-espionagem do Azerbaijão, Geórgia e Transcaucásia. Em 1931 torna-se primeiro secretário do Partido na Geórgia. Entre 1938 e 1948 e entre Março e Junho de 1953 é comissário/ministro dos Assuntos Internos. Responsável pela produção de armamento e munições, construção de aviões e de motores para a aviação, é nomeado marechal da URSS (1945). Após a guerra dirige e participa directamente no desenvolvimento da bomba atómica soviética. Em 26 de Junho de 1953 é exonerado de todos os cargos e preso. O plenário de Julho do CC expulsa-o do Partido como inimigo da URSS. Em 23 de Dezembro, acusado de espionagem ao serviço da Grã-Bretanha e de tentativa de liquidação do regime soviético e de restauração do capitalismo, o Tribunal Supremo da URSS condena-o a fuzilamento.

Blagovéchenski, Ivan Alekséievitch (1893-1946), membro do Partido desde 1921. Ingressa no Exército Vermelho em 1918 como voluntário. Nas vésperas da invasão alemã, chefia o Instituto da Marinha de Guerra do Sistema de Defesa Anti-Aérea (*PBO*). Capturado pelos nazis, torna-se dirigente do Comité de Luta contra o Bolchevismo e instrutor do Exército Libertador da Rússia (1943), sob a direcção de Vlássov. Em 1945 é detido pelos americanos e entregue à URSS. É condenado à morte e enforcado em 1946.

Bogdánov, Aleksandr Aleksándrovitch, verdadeiro apelido Malinóvski, (1873-1928), membro do Partido desde 1896, do CC desde 1905, é expulso em 1909. Participou na tradução russa de *O Capital* de K. Marx (1910). Médico, economista e filósofo, afirma-se em 1918 como o ideólogo da *Proletkultura* e exerce o cargo de director do Instituto Científico de Transfusão de Sangue entre 1926 e 1928.

Budiónni, Semione Mikháilovitch (1883-1973), membro do Partido desde 1919, do CC (1934-52), candidato (1952-54). Participou na guerra russo-nipónica e na I Guerra. Foi o fundador do primeiro Exército de Cavalaria da URSS. Recebeu as mais altas condecorações pelos serviços prestados na Guerra Civil. Comandante da Região Militar de Moscovo (1937), integra o Estado-Maior durante a II Guerra e comanda várias frentes até 1942. Em 1954 é aposentado.

Bulgánine, Nikolai Aleksándrovitch (1895-1975), membro do Partido desde 1917, do CC (1937-61), candidato desde 1934, do *Politburo* (1948-58), candidato desde 1946, do *Orgburo* (1946-52). Trabalha nos órgãos de segurança (1918), no Conselho Superior da Economia Nacional (1922-27), como director de uma fábrica de material eléctrico em Moscovo (1927-31). É eleito presidente do Soviete de Moscovo em 1931, torna-se presidente do governo da

República da Rússia (1938-41), e vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1947-53). Durante a guerra integra os conselhos militares de diversas frentes, é vice-comissário da Defesa desde 1941, ministro da Defesa, entre 1947 e 1949, e das Forças Armadas entre 1953 e 1956. A partir de 1953 exerce funções de primeiro vice-presidente e de presidente do Conselho de Ministros da URSS (1955-58). Afastado do governo da URSS em 1958, é nomeado presidente do Conselho de Economia de Stavropol e, dois anos mais tarde, é aposentado. Marechal da União Soviética desde 1947 foi despromovido para coronel-general em 1958.

Bukhárine, Nikolai Ivánovitch (1888-1938), membro do Partido desde 1906, do CC (1917-34), candidato (1934-37), do *Politburo* (1924-29), candidato desde 1919. Economista e publicista, liderou os «Comunistas de Esquerda» após a Revolução de Outubro, opondo-se ao Tratado de Paz de Brest-Litovsk. Protagoniza a partir de 1929 a corrente de direita que se opõem à colectivização e industrialização acelerada. Expulso do Partido em 1937, é detido nesse ano, sendo julgado e condenado a fuzilamento em 1938, no âmbito do processo do «Bloco Trotskista de Direita», que se propunha restabelecer as relações de produção capitalistas na Rússia.

C

Chápochnikov, Boris Mikháilovitch (1882-1945), membro do Partido desde 1930, candidato do CC desde 1939. Oficial no exército tsarista, entra voluntariamente para o Exército Vermelho em 1918, sendo condecorado em 1921 pelo seu papel na Guerra Civil. Ajudante do Chefe de Estado-Maior (1921-25), comandou as regiões militares de Leninegrado e Moscovo (1925-28) e foi chefe do Estado-Maior (1928-31), chefe do Estado-Maior General do Exército Vermelho (1937-40) e vice-comissário da Defesa (1940-41). Mal a guerra rebenta é novamente nomeado chefe do Estado-Maior General (Julho/41-Junho/43). Ocupa depois o cargo de chefe da Academia Militar do Estado-Maior, falecendo vítima de doença grave 44 dias antes da Vitória.

Chapóvalov, Mikhail Mikháilovitch (1898-1945), no serviço militar desde 1915 e no Exército Vermelho desde 1918, chega a tenente-coronel em 1937, ano em que é preso e acusado de participar na conspiração militar. Após oito meses de prisão é libertado, sendo nomeado chefe da Escola de Artilharia de Sebastópol. Comandante de divisão em Julho de 1941, rende-se em Agosto de 1942 após a derrota das suas tropas. Torna-se cabo militar das forças colaboracionistas de Vlássov. Na Primavera de 1945 é capturado e fuzilado perto de Praga pelos resistentes checos.

Cheboldáiev, Boris Petróvitch (1895-1937), membro do Partido desde 1914, do CC desde 1930. Foi presidente do comité regional do Daguestão em 1920, secretário do comité provincial de Tsarisine (1923-25), funcionário do aparelho do CC a partir de 1925, secretário do *krai* do Baixo Volga (1928-30), do Cáucaso do Norte (1931-1934), de Azov-Tchernomórski (1934-36). Em 1936 é acusado de participação activa no «Bloco Trotskista-Zinovievista» e de negligência no trabalho partidário. Em Janeiro de 1937, o CC transfere-o para a região de Kursk onde vem a ser eleito primeiro secretário do comité do Partido. Em Junho desse ano é exonerado de funções, acusado de sabotagem económica e condenado a fuzilamento como inimigo do povo.

Chmidt, Vassili Vladímirovitch (1886-1938), membro do Partido desde 1905, do CC (1918-19 e 1925-30), candidato do CC (1919-20, 1921-23 e 1924-24). Presidente do Comité do Partido de Petrogrado (1917), comissário do Trabalho (1918-28), vice-comissário da Agricultura (1930), é enviado em 1933 para o Extremo Oriente com funções de administração económica. Em 5 de Janeiro de 1937 é preso, acusado de liderar uma organização anti-soviética de direita. Sentenciado inicialmente com dez anos de prisão, é condenado em 1938 a fuzilamento pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS.

Chtemiënko, Serguei Matéievitch (1907-1976), membro do Partido desde 1930, ano em que conclui a Escola Militar de Artilharia de Sebastópol. Exerce funções de responsabilidade no Estado-Maior General desde 1940, tornando-se chefe da Direcção de Operações em 1943. Em Novembro desse ano acompanha Stáline à conferência de Teerão. No Verão de 1944 coordena as acções das diferentes frentes. Após a guerra torna-se chefe do Estado-Maior General e primeiro vice-ministro da Defesa da URSS. Em 1968 é nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Unidas dos Estados Signatários do Pacto de Varsóvia.

Chukhévitch, Romane Ióssifovitch (1907-1950), contra-revolucionário ucraniano e colaborador nazi. Foi morto em 1950, no seu esconderijo perto de Lvov, quando tentava escapar ao cerco montado pelos órgãos de segurança soviéticos.

D

Dan, Fiódor Ilitch, verdadeiro apelido Gurvitch, (1871-1947), revolucionário desde 1894, adere à fracção menchevique em 1903. Em 1917 torna-se um dos dirigentes do Soviete de Deputados Operários e Soldados, mas opõe-se à Revolução de Outubro. Em 1921, após a revolta de Kronchtadt, é expulso da Rússia para a Alemanha.

Dekanozov, Vladímir Gregórievitch (1898-1953), membro do Partido desde 1920, do CC (1941-1952). Em 1921 ingressa nos órgãos de segurança, exercendo mais tarde cargos partidários de direcção no Azerbaijão, na Geórgia e na Transcaucásia. Em 1936 é nomeado para o governo da Geórgia onde chega a vice-presidente do Comissariado (1937). Em 1938 é chamado por Béria para o NKVD em Moscovo. Transita em 1939 para o Comissariado dos Negócios Estrangeiros como vice-comissário. Em 1940 é designado representante plenipotenciário da URSS na Alemanha. É afastado dos Negócios Estrangeiros em 1947. Após a morte de Stáline é nomeado ministro dos Assuntos Internos da Geórgia (Abril de 1953). Em 30 de Junho é detido por implicação no «Caso Béria» e fuzilado em Dezembro desse ano.

Djilas, Milovan (1911-1995), sérvio-montenegrino, membro do Partido Comunista da Jugoslávia desde 1932, do CC desde 1938 e do *Politburo* a partir de 1940. Juntamente com Tito é um dos organizadores da resistência, tornando-se comandante da guerrilha. Após a libertação, ocupa o cargo de vice-presidente do governo de Tito. Nos finais de 1953, assume-se como crítico do regime exigindo mais democracia no Partido e no país. Demitido do governo e dos cargos partidários, abandona o Partido em 1954, declarando, em Dezembro ao *New York Times*, que a Jugoslávia estava a ser governada por reaccionários. Em 1956 é condenado a nove anos de prisão por apoiar a contra-revolução Húngara.

E

Eden, Robert Anthony (1897-1977), conservador britânico, ministro dos Negócios Estrangeiros em três períodos, incluindo na II Guerra, liderou a oposição parlamentar entre 1945-51, tornando-se primeiro-ministro em 1955-57.

Egórov, Aleksandr Ilitch (1883-1939), membro do Partido desde 1918. Militar de carreira participante na I Guerra, comandou as frentes Sul e Sudoeste durante a Guerra Civil. Chefe do Estado-Maior do Exército Vermelho (1921-1935) e do Estado-Maior General juntamente com o cargo de vice-comissário da Defesa (1937-38). Marechal da URSS (1935), é preso em 1938. Confessa a sua participação na conspiração militar e é condenado a fuzilamento.

Eideman, Robert Petróvitch (1895-1937), membro do Partido desde 1917. Militar participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Comissário e comandante de várias divisões durante a Guerra Civil, torna-se responsável e comissário da Academia Militar Frúnze (1925-32) e redactor-chefe da revista *Voína e Revolútsia* (1927-36). Preso em 1937, admite ter participado na conspiração militar-fascista. Denuncia 20 pessoas e é condenado à pena de morte.

Ejov, Nikolai Ivánovitch (1895-1940), membro do Partido desde 1917, do CC (1934-39) candidato do *Politburo* (1937-39), dirigiu o *NKVD* (1936-1938), e o Comissariado dos Transportes Fluviais (1937-39). Em 1939 é preso e julgado pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS, acusado de traição ao Estado, espionagem e de ligação a uma organização militar clandestina no interior do Exército Vermelho que se propunha derrubar o governo soviético. É executado em 4 de Fevereiro de 1940.

Enukídze, Ável Safronovitch (1877-1937), membro do Partido desde 1898, secretário do Comité Executivo Central da URSS (o órgão supremo do Estado Soviético) entre 1922 e 1935. Eleito membro do CC em 1934, é expulso deste órgão no ano seguinte por «depravação política e cívica». Em 1935 é nomeado director do complexo automóvel de Khárkov. Preso em 1937 por participação activa no «Centro Trotskista de Direita», é condenado à morte enquanto dirigente do grupo de conspiradores do Krémline.

Eriómenko, Andrei Ivánovitch (1892-1970), membro do Partido desde 1918, candidato do CC desde 1956. Combateu na Guerra Civil, comandou exércitos e frentes na II Guerra, designadamente a Frente Sul-Oriental de Stalingrado. Herói da URSS em 1944 é nomeado marechal da União Soviética em 1955.

Evdokímov, Grigóri Ereméievitch (1884-1936), membro do Partido entre 1903 e 1927 e 1928 e 1934, do CC entre 1919 e 1920 e entre 1923 e 1927. Secretário do Comité de Leningrado (1925), presidente da União da Agricultura Cooperativa da região de Samara (1929-1934) e alto funcionário do Comissariado da Indústria Alimentar. Correligionário de Zinóviev, foi um dos líderes da chamada «Nova Oposição» em 1925. Após sucessivas expulsões e reintegrações no Partido, em que reconhece os seus erros políticos, é detido, em 1934, e condenado a oito anos de prisão no processo do «Centro de Moscovo», que terminou em Janeiro de 1935. Em 1936 é de novo julgado no processo do «Centro Unificado Anti-Soviético Trotskista-Zinovievista», sendo condenado a fuzilamento.

F

Feldman, Boris Mirónovitch (1890-1937), membro do Partido desde 1920. Militar de carreira, foi adjunto do comandante da região militar de Moscovo. Preso e julgado em 1937, denunciou um grande número de militares e admitiu a sua participação na conspiração militar contra o governo soviético. Foi condenado à morte.

Fiódorov, Aleksei Fiódorovitch (1901-1989), membro do Partido desde 1927, participante na Guerra Civil, major-general (1943), Herói da URSS (1942 e 1944). Foi primeiro secretário do Partido em várias regiões, destacou-se durante a II Guerra como organizador da resistência nos territórios ocupados da Ucrânia. Exerceu funções de ministro dos Assuntos Sociais da Ucrânia entre 1957 e 1979.

Frúnze, Mikhail Vassílievitch (1885-1925), membro do Partido desde 1904, do CC desde 1921 e candidato do *Politburo* em 1924. Foi um dos mais destacados chefes militares do Exército Vermelho durante a Guerra Civil. Em 1924 é nomeado comissário para os Assuntos Militares e Navais da URSS e, no ano seguinte, presidente do Conselho Revolucionário Militar da URSS. Falece subitamente após uma operação a uma úlcera no estômago.

G

Gamarnik, Ian Boríssovitch (1894-1937), membro do Partido desde 1916, do CC desde 1927 (candidato desde 1925). Secretário do Comité de Kíev do Partido (1917), primeiro secretário do Comité Distrital do Extremo-Oriente (1927-28), primeiro secretário do CC do PC(b) da Bielorrússia (1928-29). É designado responsável pela Direcção Política do Exército Vermelho de Operários e Camponeses (*RKKA*) (1929-1937) e torna-se primeiro vice-comissário da Defesa da URSS (1934-1937). Envolvido na conspiração militar, suicidou-se em Maio de 1937.

Gólikov, Filipp Ivánovitch (1900-1980), membro do Partido desde 1918, do CC (1961-66). Participou na Guerra Civil como voluntário, exerceu funções políticas no exército e comandou várias formações militares a partir de 1931. Em Julho de 1940 é nomeado vice-chefe do Estado-Maior e chefe da Direcção Principal de Informações. Comanda o 10.º Exército em 1941 e o 4.º Exército em 1942. É nomeado vice-comissário da Defesa, responsável pelos quadros, em 1943. Entre 1958-62 é chefe da Direcção Política do Exército e Marinha. Deputado do Soviete Supremo, integra entre 1961-66 a Comissão Central de Controlo do PCUS.

GPU – *Gossudártsvenoe Politítcheskoe Upravlénie* (Direcção Política Estatal), órgãos de segurança, criados em 6 de Fevereiro de 1922 por proposta de V.I. Lénine, que sucederam à *Tcheka* (Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para o Combate à Contra-Revolução e Sabotagem) constituída em Dezembro de 1917. Ao contrário da *Tcheka*, que dependia directamente do governo soviético, a *GPU* foi criada no âmbito do Ministério dos Assuntos Internos (*NKVD*) da Rússia, bem como de outras repúblicas.

Esta disposição foi revista em 15 de Novembro de 1923, data da criação da *OGPU* – *Obedinénnoe Gossudártsvenoe Politítcheskoe Upravlénie* (Direcção Política Estatal Unificada), que veio centralizar num só órgão as competências pela segurança de todo Estado

So-viético, a luta contra actividades contra-revolucionárias, espionagem etc., subordinado directamente ao governo da URSS.

Em 10 de Junho de 1934, é criado o Commissariado do Povo dos Assuntos Internos da URSS, no qual é integrada a *OGPU*, com a nova designação *GUPB – Glávnoe Upravlénie Gossudárstvenoi Besopastnosti* (Direcção Principal de Segurança de Estado), que ficou conhecida como os órgãos do *NKVD*.

Em 3 de Fevereiro de 1941, o Commissariado do Povo dos Assuntos Internos (*NKVD*) é dividido em dois órgãos independentes, o *NKVD* e o Commissariado do Povo da Segurança do Estado (*NKGB*). Porém, passados poucos meses, em Junho, voltam a ser unificados num único commissariado, o *NKVD* da URSS.

Em Abril de 1943, os órgãos de segurança são de novo separados do Commissariado dos Assuntos Internos, reconstituindo-se como um commissariado autónomo (*NKGB*). Em 15 de Março de 1946, o *NKGB* é designado Ministério da Segurança do Estado (*MGB*).

No ano seguinte é criado o Comité de Informação (KI) junto do Conselho de Ministros com competência na política externa e informações militares. O KI passou para a dependência do Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1949. Mais tarde, em Janeiro de 1952, este serviço voltou a ser integrado no Ministério da Segurança de Estado (*MGB*) como a Primeira Direcção Principal (*PGU*).

Em 7 de Março de 1953, o Ministério da Segurança de Estado (*MGB*) é fundido com o Ministério dos Assuntos Internos, adoptando a designação deste último (*MVD*).

Por fim, em 13 de Março de 1954, é criado o Comité de Segurança do Estado (KGB) junto do Conselho de Ministros da URSS, que viria a existir até à sua extinção em 22 de Outubro de 1991. No âmbito das suas atribuições e competências incluíam-se, entre outros, os órgãos de segurança do Estado, as tropas fronteiriças, os órgãos de contra-espionagem, estabelecimentos de ensino e de investigação científica.

GULAG – sigla russa de *Glávnoe Upravlénie Ispravítelno-Trudovikh Láguerei, Trudovikh Posseleni e Mesto Zacliotchénia* (Administração Principal dos Campos Correccionais de Trabalho, Lugares de Trabalho, e Locais de Detenção).

I

Iágoda, Guénrikh Grigórievitch (1891-1938), membro do Partido desde 1907, do CC desde 1934 (candidato desde 1930), participou na insurreição armada em Petrogrado. Adjunto de Dzerjinski em 1924, de Menjinski em 1926, torna-se presidente da *OGPU* e comissário do Povo dos Assuntos Internos (*NKVD*) entre 1934 e 1936, sendo depois nomeado comissário das Comunicações (1936-37). Em 1938 é preso, julgado no âmbito do processo do «Bloco Trotskista de Direita» e condenado a fuzilamento em 1939.

Iakir, Ióna Emanuílovitch (1896 -1937), membro do Partido desde 1917, do CC desde 1934 (candidato desde 1930). Militar do Exército Vermelho desde 1918, comandou tropas contra forças de intervenção romenas, alemães e austríacas. Condecorado com três ordens, é nomeado em 1925 comandante da Forças Armadas da Ucrânia e Crimeia. Entre 1926 e 1928 estuda na Academia Militar Superior na Alemanha. Em 1937 é nomeado comandante da região militar de Leningrado. Preso nesse ano, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista e é condenado à morte.

Iaroslávski, Emeliane Mikháilovitch (1878-1943), membro do Partido desde 1898, do CC entre 1921-23 e a partir de 1939 (candidato entre 1919 e 1921). Em 1918 aproximou-se do grupo dos «comunistas de esquerda», opondo-se à paz de Brest. Exerceu funções de direcção em vários órgãos do Estado e do Partido, foi comissário político das tropas do Krémelin e da região militar de Moscovo, membro do conselho de redacção do *Pravda* e da revista *Bolchevik*, membro da Academia de Ciências da URSS, deputado do Soviete Supremo da URSS. Historiador laureado com o Prémio Stáline (1943), foi autor de várias obras sobre a história do Partido, participando activamente na elaboração da História do PCU(b), Breve Curso, publicada em 1938.

Ignátiev, Semione Deníssovitch (1904-1983), membro do Partido desde 1926, do CC (1952-61). Ingressa nos órgãos de segurança em 1920. A a partir de 1935 exerce funções de secretário do Partido em várias regiões e repúblicas integrando os respectivos CC. Torna-se ministro da Segurança do Estado da URSS (1951-53) e secretário do CC durante alguns meses. É designado em 1953 primeiro secretário do Partido na região da Baschquéria e mais tarde, em 1957, na região da Tartária. Deputado do Soviete Supremo, é aposentado em 1960.

J

Jdánov, Andrei Aleksándrovitch (1896-1948), membro do Partido desde 1915, do CC desde 1930 (candidato desde 1925) e do *Politburo* desde 1939 (candidato desde 1935). Participante na Revolução de Outubro e na Guerra Civil, sucedeu a Kírov na direcção da organização de Leningrado, dirigindo aqui a frente de batalha entre 1941 e 1945, bem como toda a vida da cidade durante os 900 dias do cerco alemão. A partir de 1944 exerce funções de secretário do CC para as Questões Ideológicas.

Jeliábov, Andrei Ivánovitch (1851-1881), revolucionário populista russo membro do Comité Executivo do *Naródnaiá Vólia* (Liberdade do Povo), a maior organização populista fundada em Petersburgo em 1879, que perpetrou o atentado contra o tsar Aleksandr II, em 1881, sofrendo a partir daí prisões em massa que levaram à sua extinção nos anos seguintes.

Jílenkov, Gueórgui Nikoláievitch (1910-1946), membro do *Komsomol* desde 1925, do Partido desde 1929. Em 1940, após ter exercido diversas funções partidárias, é eleito secretário do Comité Distrital de Rostokinski, em Moscovo. Após a invasão alemã integra o 32.º Exército. É feito prisioneiro em Outubro de 1941 e aceita servir no exército alemão. Em 1942 junta-se a Vlássov. Preso pelos americanos é entregue à URSS e condenado à morte por enforcamento em 1946.

Júkov, Gueórgui Konstantínovitch (1896-1974), membro do Partido desde 1919, do CC (1953-57), candidato (1941-46), do *presidium* do CC (*Politburo*) em 1957, candidato desde 1956. Ingressou no Exército Vermelho em 1918, foi comandante da região militar da Bielorrússia (1938-39), da região especial de Kíev (1940-1941), chefe do Estado-Maior General e vice-comissário da Defesa (entre Janeiro e Julho de 1941). Durante a II Guerra integra o Estado-Maior do Comando Supremo (*Stavka*), comanda diversas frentes, torna-se primeiro vice-comissário da Defesa (1942-45) e adjunto do Comandante Supremo. Entre 1945 e 1946 é o comandante principal dos exércitos soviéticos na Alemanha. Em 1946 comanda as regiões militares de Odessa e dos Urais. Volta ao Ministério da Defesa em 1953 como ministro-adjunto e ministro entre 1955 e 1957. É aposentado em 1958.

K

Kabakov, Ivan Dmítrievitch (1891-1937), membro do Partido desde 1914, do CC desde 1925 (candidato desde 1924). Participou na instauração do poder soviético na região de Novgorod. Funcionário do Partido desde 1918, desempenhou funções ao nível regional como secretário do comité provincial de Iaroslávski (1922-23), de Tula (1924), presidente do Comité Executivo dos Urais (1928-29). Em 1929 torna-se secretário do Partido nos Urais e de Sverdlovsk (1934). Em 1937 é expulso do Partido, detido e julgado no processo da «Revolta dos Urais», de que é acusado de dirigir juntamente com trotkistas e direitistas. O tribunal condena-o a fuzilamento.

Kachírine, Nikolai Dmítrievitch (1888-1938), membro do Partido desde 1918. Mobilizado na I Guerra, foi fundador do destacamento dos Cossacos Vermelhos em 1917. Comanda tropas de várias regiões militares a partir de 1925, designadamente do Cáucaso do Norte entre 1931 e 1937. Julgado por conspiração, confessa-se culpado e é condenado à morte em 1938.

Kadetes — membros do Partido Constitucional Democrático, uma das principais formações políticas da Rússia entre 1905 e 1917. Defendia um regime de monarquia constitucional com liberdades democráticas.

Káganovitch, Lázar Moisséievitch (1893-1991), membro do Partido desde 1911, do CC desde 1922 e do *Politburo* desde 1926, participante na Revolução de Outubro, secretário-geral do PC(b) da Ucrânia (1925-28), primeiro secretário do Comité de Moscovo (1930-1935), dirigiu a reconstrução de Moscovo e a obra do metropolitano, ministro das Vias de Comunicação (1935-44) e ministro da Indústria Pesada (1937), entre outros cargos. Em 1957 é declarado membro do «grupo antipartido», afastado de todos os postos, sendo definitivamente expulso do PCUS em 1961.

Kalínine, Mikhail Ivánovitch (1875-1946), membro do Partido desde 1898, do CC desde 1919 (candidato entre 1912 e 1917), do *Politburo* desde 1926 (candidato desde 1919). Em 1906 é delegado ao IV Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR). Em 1919, depois da morte de Sverdlov, é eleito presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia, tornando-se no segundo chefe de Estado da Rússia dos Sovietes e, a partir de 1922, o primeiro da URSS, presidindo o Comité Executivo Central da URSS (1922-38), órgão máximo que é substituído em 1938 pelo *Presidium* do Soviete Supremo da URSS.

Kámenev, Lév Boríssovitch, verdadeiro apelido Rósenfeld, (1883-1936), membro do Partido em 1901-27, 1928-32 e 1933-34, do CC em 1917-18 e 1919-27, do *Politburo* em 1917 e de 1919 a 1925 (candidato 1926). Tal como Zinóviev opôs-se à insurreição armada de 25 de Outubro (7 Novembro) de 1917. Apesar disso, logo após a revolução ocupa por um breve período o posto de chefe de Estado, como presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia, entre 27 Outubro (9 Novembro) de 1917 e 8 (21) de Novembro do mesmo ano. Torna-se um dos líderes da oposição entre 1925 e 1927. Em 1927 é expulso do Partido. Reintegrado no ano seguinte, volta a ser expulso em 1932, ano em que é exilado. Em 1933 é de novo admitido no Partido, mas em Dezembro de 1934 é preso e julgado. Depois de vários processos, é condenado e executado em 1936 no âmbito do processo do «Centro Trotskista-Zinovievista».

Karakhan, Lev Mikháilovitch, verdadeiro apelido, Earakhanian, (1889-1937), nascido na Geórgia, adere aos mencheviques em 1904. Em 1917 é admitido no Partido em conjunto com o grupo dos «Inter-regionais», onde se incluiu Trótski. Secretário da delegação soviética nas conversações de Brest-Litovsk, vice-comissário dos Negócios Estrangeiros da Rússia (1918), representante plenipotenciário da URSS na Polónia (1921) e na China (1923-26). Vice-comissário dos Negócios Estrangeiros da URSS (1927-34), é enviado como representante da URSS para a Turquia. Em 1937 é acusado e julgado por participação na conspiração anti-soviética de direita, na qual foi implicado Iágoda. O tribunal dá ainda como provada a sua ligação aos serviços de espionagem alemães desde 1927, aos quais terá fornecido informações sobre questões da política externa soviética, condenando-o a fuzilamento.

Kardelj, Edvard (1910-1979), esloveno, membro do Partido Comunista da Jugoslávia desde 1926. Trabalhou no *Komintern* em Moscovo entre 1936 e 1937. Após a invasão da Jugoslávia, em Abril de 1941, torna-se um dos líderes da Frente de Libertação do Povo Esloveno, juntando-se à resistência liderada por Tito em Maio de 1945.

Kérenski, Aleksandr Fiódorovitch (1881-1970), de origem nobre, foi ministro e ministro-presidente do governo provisório constituído após a Revolução de Fevereiro de 1917. Um dos líderes da maçonaria russa, emigrou em 1918 para França e instalou-se nos EUA em 1940, desenvolvendo uma intensa actividade anti-soviética. Faleceu em Nova Iorque.

Ketskhovéli, Lado (verdadeiro nome Vladímir Zakháievitch) (1876-1903), revolucionário social-democrata georgiano, companheiro de juventude de Stáline, bolchevique desde 1898, foi um dos principais organizadores do Partido na Transcaucásia. Preso em 1902, foi assassinado na prisão.

Khataévitch, Méndel Markóvitch (1893-1937), membro do Partido desde 1913, do CC desde 1927. Integra o *Politburo* do PC(b) da Ucrânia a partir de 1932. Acusado de pertencer a uma organização terrorista, foi preso e executado em 1937.

Khózine, Mikhail Semiónovitch (1896-1979), membro do Partido desde 1918. Participante na Guerra Civil, foi chefe do Estado-Maior de Leninegrado e comandou vários exércitos durante a II Guerra.

Kírov, Serguei Mirónovitch, verdadeiro apelido Kóstrikov, (1886-1934), membro do Partido desde 1904, do CC desde 1923 (candidato desde 1921) e do *Politburo* desde 1930 (candidato desde 1926). Participou na insurreição armada em Petrogrado e na luta pela instauração do Poder Soviético no Norte do Cáucaso. Após a Guerra Civil foi primeiro secretário do CC do PC(b) do Azerbaijão (1921-26) e seguidamente da organização de Leninegrado. Foi vitimado por um atentado em 1 de Dezembro de 1934.

Kirponoss, Mikhail Petróvitch (1892-1941), membro do Partido desde 1918. Foi comandante de divisão na guerra soviético-finlandesa e general comandante dos exércitos soviéticos do Sudeste na II Guerra. Foi morto em combate.

Kork, Avgust Ivánovitch (1887-1937), membro do Partido desde 1927. Militar participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Condecorado na Guerra Civil, torna-se comandante das tropas da região militar de Khárkov (1921) e da região militar

de Moscovo entre 1929 e 1935. Em 1935 dirige a Academia Militar Frúnze. Preso em 1937, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista e é condenado à morte juntamente com outras altas patentes do exército.

Kossior, Stanislav Vikéntievitch (1889-1939), membro do Partido desde 1907, do CC desde 1924 (candidato desde 1923), do *Politburo* desde 1930 (candidato desde 1927). Foi secretário-geral do PC(b) da Ucrânia (1928-38). Acusado de pertencer à «Organização Militar Polaca», foi preso em 1938, julgado e condenado a fuzilamento em 1939.

Kozlov, Dmítri Timoféievitch (1896-1967), membro do Partido desde 1918. Militar de carreira, torna-se chefe de Estado-Maior e comandante de Divisão de Atiradores (1922). Em 1941 comanda os exércitos da região militar da Transcaucásia, sendo nomeado em Janeiro de 1942 comandante da Frente da Crimeia. Após 12 dias de combates, as suas tropas são derrotadas e as baixas elevam-se a 172 mil efectivos, perto de 380 tanques, 3500 canhões e 400 aviões. É destituído do posto de comandante de Frente, em Junho, e despromovido para major-general

Krássine, Leonid Boríssovitch (1870-1926), membro do Partido desde 1890, do CC de 1903 a 1907 (candidato 1907-12) e a partir de 1924. Afastando-se do movimento revolucionário em 1912, trabalha como engenheiro na firma alemã *Siemens-Schuckert*, em Berlim, sendo transferido em 1913 para dirigir a filial russa em São Petersburgo. Após a revolução é convidado por Lénine a integrar a delegação soviética nas conversações de Brest-Litovsk. É nomeado comissário do Comércio e Indústria da Rússia (1918), das Vias de Comunicação da Rússia (1919-20) e do Comércio Externo (1920-23), tornando-se no primeiro comissário do Comércio Externo da URSS (1923-25). Enviado em 1926 para Inglaterra como representante plenipoten-ciário, vem a falecer nesse ano de paragem cardíaca.

Krestínski, Nikolai Nikoláevitch (1883-1938), membro do Partido desde 1903, do CC desde 1917 e do *Politburo* desde 1919. Ministro das Finanças da Rússia Soviética entre 1918 e 1920, foi um dos líderes do «Comunistas de Esquerda». Em 1927 afasta-se de Trótski, mas apoia a «Nova Oposição». Entre 1930 e 1937 foi vice-ministro dos Negócios Estrangeiros. Preso em 1937, é o único dos 19 arguidos no processo do «Bloco Anti-Soviético Trotskista de Direita» que não se reconhece culpado. É executado em Março de 1938.

Krilénko, Nicolai Vassílievitch (1885-1938), membro do Partido desde 1904, exerceu funções entre 1922 e 1931 como presidente do Tribunal Supremo da RSFSR, vice-presidente do Comissariado da Justiça, adjunto e mais tarde procurador da RSFSR, comissário do Povo da Justiça da RSFSR (1931) e comissário do Povo da Justiça da URSS (1936). Expulso do Partido em 1938, é preso, julgado e condenado à morte por espionagem e pertença a uma organização anti-soviética.

Krinítski, Aleksandr Ivánovitch (1894-1937), membro do Partido desde 1915, do CC entre 1934 e 1937 (candidato desde 1924). Secretário do CC do PC(b) da Bielorrússia (1924), da região de Sarátov (1934-37) é excluído do CC em 1937, preso e julgado por actividades terroristas contra-revolucionárias e executado.

Kropótkine, Piotr Alekséievitch (1842-1921), destacado dirigente do anarquismo. Apesar de ter aderido ao social-chauvinismo na I Guerra, apela em 1920 aos operários da Europa para impedirem uma intervenção armada contra a Rússia Soviética.

Kubióvitch, Vladímir Mikháilovitch (1900-1985), contra-revolucionário ucraniano, colaborador nazi durante a guerra e um dos líderes da diáspora ucraniana no Ocidente.

Kulik, Grigóri Ivánovitch (1890-1950), membro do Partido desde 1917. Ingressou no exército tsarista em 1912, transitando para o Exército Vermelho em 1918, onde comanda a artilharia de vários exércitos durante a Guerra Civil. Participa na Guerra Civil de Espanha sob o pseudónimo de «General Kuper». Em 1938 dirige uma carta a Stáline, com a assinatura de vários outros oficiais em que propõe o fim das repressões contra militares comunistas. Em 1939 é designado vice-comissário da Defesa da URSS. Em 1942 é julgado por ter entregue aos nazis as cidades de Kertch (na Crimeira) e Rostov. Despromovido para major-general, recupera o posto de tenente-general em 1943, mas volta a perdê-lo em 1945. Após a guerra, comanda a região militar do Volga. Em 1946 é demitido e preso em 1947. Em 1950 é condenado à morte pela organização de um grupo conspirador no exército contra o poder soviético.

Kurtchátov, Ígor Vassílievitch (1903-1960), membro do Partido desde 1948. Físico, organizador e orientador da investigação sobre a bomba atómica na URSS, recebe três condecorações de Herói do Trabalho Socialista e três Prémios Stáline. Fundador e director do Instituto de Energia Atómica (1943), é sob a sua direcção científica que a URSS constrói bomba atómica em 1949, pondo fim ao monopólio dos EUA neste domínio. Eleito deputado do Soviete Supremo em 1950, o seu trabalho conduz à construção da primeira bomba termonuclear em 1953 e, no ano seguinte, à primeira Central de Energia Atómica do mundo.

Kuznetsov, Aleksei Aleksándrovitch (1905-1950), membro do Partido desde 1925, do CC desde 1939, do *Orgburo* (1946-49) e secretário do CC (1946-49). Em Fevereiro de 1949 é designado secretário do *Buro* do CC do Extremo Oriente. Preso em Agosto desse ano por implicação no «Processo de Leninegrado», que revelou a existência de um grupo de conspiradores antipartido na organização local, é julgado pelo Colégio Militar do Supremo Tribunal da URSS e condenado a fuzilamento em 1950.

L

Litvínov, Maksíme Maksímovitch (1876-1951), membro do Partido desde 1898, do CC a partir de 1934. Participante na revolução de 1905-07, representante do Partido no Bureau Internacional Socialista (1914), torna-se vice-comissário (1921) e comissário (1930-39) dos Negócios Estrangeiros da URSS. Foi representante da URSS na Liga das Nações (1934-38) e embaixador nos EUA (1941-43), voltando ao Ministério até 1946, ano em que se reforma.

Liúchkov, Guénrikh Samoílovitch (1900-1945), membro do Partido desde 1917. Entra para a *Tchéka* em 1920 e para o aparelho central do *OPGU-NKVD* em 1931. É colocado por Ejov na direcção dos serviços no Extremo-Oriente. Eleito deputado do Soviete Supremo em 1937, atravessa nesse ano fronteira e foge para a Manchúria, receando ser preso. Evocando a sua qualidade de ex-alto funcionário dos órgãos de segurança, denuncia as «repressões stalinistas» e torna-se colaborador dos serviços secretos japoneses.

Lominádze, Vissárine Vissáronovitch (1897-1935), membro do Partido desde Março de 1917, do CC em 1930 (candidato desde 1925). Entre outros cargos partidários foi secretário do CC da Geórgia (1922-24), trabalhou no Comité Executivo do *Komintern* (1922-24), secretário da região da Transcaucásia (1930), sendo por fim enviado para Magnitogorsk, e por fim secretário do comité urbano de Magnitogorsk, onde mais tarde se suicida.

Lunatchárski, Anatóli Vassílievitch (1875-1933), membro do Partido em 1895-1907 e a partir de 1917. Juntou-se aos bolcheviques em 1903 mas afasta-se em 1907, vindo a ser readmitido no Partido em 1917 juntamente com o grupo dos «inter-regionais». Membro do conselho de redacção do *Pravda* desde 1913, participou nas revoluções de 1905 e 1917. Escritor com uma vasta obra publicada, foi ministro da Educação entre 1917 e 1929, destacando-se como um dos organizadores e teóricos do sistema soviético de educação superior e técnico-profissional. Atraído pela actividade diplomática, foi designado em 1933 representante plenipotenciário da URSS em Espanha. Durante a viagem adoece, falecendo pouco depois.

M

Malenkov, Gueórgui Maksimiliánovitch (1902-1988), membro do Partido (1920-1961), do CC (1939-1957), do *Politburo/Presidium* (1946-57), candidato desde 1941. Vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946-55 e 1955-57) e presidente (1953-55). Acusado de pertencer ao grupo antipartido juntamente com Káganovitch e Mólotov, é exonerado em 1957 dos cargos de direcção partidária e do governo, sendo nomeado director da Central Hidroeléctrica de Ust-Kamenogorsk. Em 1961 é aposentado e expulso do Partido.

Malíchkine, Vassíli Fiódorovitch (1896-1946), membro do Partido desde 1919. Entra como voluntário para o Exército Vermelho em 1918. Comandante de batalhão na Guerra Civil, prossegue a carreira militar até à sua prisão em 1938, acusado de espionagem e conspiração. Libertado após um ano, lecciona na Academia do Estado-Maior General e, logo a seguir à invasão alemã, é nomeado chefe do Estado-Maior do 19.º Exército. Capturado em Outubro de 1941, junta-se à equipa de Vlássov. Em 1945 é preso pelos americanos que o entregam no ano seguinte à URSS. Julgado pelo Supremo Tribunal Militar, é enforcado com Vlássov.

Markévitch, A.M. (1893-1938), membro do Partido desde 1921, em 1931 torna-se presidente do *Traktortsentr*, organismo central para o sector dos tractores junto do Comissariado da Agricultura, e vice-comissário da Agricultura em 1932.

Mártov, Iúli Óssipovitch, verdadeiro apelido Tsederbaum (1873-1923), membro do movimento revolucionário social-democrata desde 1892. Em 1903 torna-se um dos mais destacados líderes dos mencheviques. Opositor à Revolução de Outubro, combate o Poder Soviético até abandonar o país já muito doente em 1920.

Meándrov, Mikhail Alekséievitch (1894-1946), participante na I Guerra, entra para o Exército Vermelho em 1918, exerce funções administrativas entre 1921 e 1930, chefia vários estados-maiores a partir de 1935 e participa na guerra sovieto-finlandesa (1939-40). Com a patente de coronel é feito prisioneiro em 1941. Adere ao Centro Político de Luta contra o Bolchevismo. Em 1944 entra para o exército de Vlássov. Em 1945 entrega-se aos americanos

que o devolvem ao comando soviético em 1946, sendo julgado e condenado à morte juntamente com o grupo de Vlássov.

Mélnik, Andrei (1890-1964), um dos líderes da Organização dos Nacionalistas Ucrrianos durante a II Guerra. Emigrou em 1945 e veio a falecer no Luxemburgo.

Mékhlis, Lev Zakhárovitch (1889-1953), membro do Partido desde 1918, do CC desde 1937 (candidato desde 1934). Trabalha no aparelho do CC e no Comissariado da Inspeção Operário-camponesa (1921-26), redactor do *Pravda* (desde 1930), chefe da Direcção de Propaganda Política do Exército Vermelho e vice-comissário da Defesa (1937-40 e 1941-42), comissário do Controlo Estatal e vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo (1940-41), ministro do Controlo Estatal (1946-50).

Miliútine, Nikolai Aleksándrovitch (1889-1942), membro do Partido desde 1908, participante na Revolução de Outubro. Entre vários outros cargos de Estado, foi comissário das Finanças da RSFSR entre 1924 e 1929.

Mikoian, Anastas Ivánovitch (1895-1978), membro do Partido desde 1915, do CC entre 1923-76 (candidato desde 1922) e do *Politburo* entre 1935-66, (candidato desde 1926). Teve uma longa carreira política iniciada com Lénine e terminada com Bréjnev. Em 1926 é designado Comissário do Povo do Comércio Interno e Externo. Depois ocupa as pastas do Abastecimento (1930-34), da Indústria Alimentar (1934-38), do Comércio Externo (1946-49), do Comércio (1953-55). Apoiante de Khruchov, é finalmente eleito presidente do *Presidium* Soviete Supremo, cargo que ocupa entre 1964 e 1965, mantendo-se até 1974 como membro do órgão máximo da URSS.

Mjavanádze, Vassíli Pávlovitch (1902-1988), membro do Partido desde 1927, do CC entre 1956 e 1976, candidato do *Politburo* (1957-72). Ingressou no Exército Vermelho em 1924, integrando, a partir de 1937, conselhos militares de vários exércitos. Tenente-general (1944), foi primeiro secretário do CC do PC da Geórgia entre 1953 e 1972.

Mólotov, Viatcheslav Mikháilovitch (1890-1986), membro do Partido desde 1906, do CC (1921-57) do *Politburo* (1926-57). Membro do Conselho Revolucionário de Petrogrado (1917), secretário do Comité Central do PC da Ucrânia (1920), presidente do Conselho de Comissários do Povo (1930-41) e comissário/ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS (1939-1949 e 1953-1956). Em 1957 é acusado de pertencer ao grupo antipartido, com Káganovitch e Malenkov, e é enviado como embaixador para a República Popular da Mongólia. Expulso do Partido em 1961 foi reintegrado em 1984.

MTS - Sigla russa de *Machínno-Tráktornaia Stántsia* (Estação de Máquinas e Tractores).

N

Nikoláiev, Leonid Vassílievitch (1904-1934), membro do Partido desde 1923, trabalhava em Leninegrado como instrutor no Instituto de História do PCU(b). É condenado a fuzilamento como autor material do assassinato de Kírov, perpetrado em 1 de Dezembro de 1934.

Nikoláievski, Boris Ivánovitch (1887-1966), membro do Partido desde 1917, torna-se um dos líderes mencheviques. Em 1922 é preso e expulso da Rússia. Viveu na Alemanha onde conseguiu salvar dos nazis arquivos de Karl Marx. Autor de vários livros, colabora com a imprensa emigrada e mantém estreitos contactos com alguns dos chamados «velhos bolcheviques».

NKVD – Sigla em russo de Narodni Komissariat Vnutreni Del (Comissariado do Povo dos Assuntos Internos) (ver também GPU).

Noguine, Víktor Pávlovitch (1878-1924), membro do Partido desde 1898, eleito para o CC em Julho de 1917, dirigiu a Revolução de Outubro em Moscovo, tornando-se presidente do Comité Executivo do Soviete de Moscovo. Foi comissário do Comércio e Indústria no primeiro Comissariado do Povo da Rússia Soviética. No plenário do CC de Novembro, defende um governo de coligação com os socialistas revolucionários e os mencheviques. Em conflito com a direcção demite-se do CC, vindo a reconhecer três semanas mais tarde que estava errado. É então designado comissário do Trabalho da região de Moscovo e, em Abril de 1918, vice-comissário do Trabalho da Rússia Soviética, desempenhando igualmente funções de responsabilidade na recuperação da indústria

O

OGPU – ver *GPU*

Ordjonikídze, Grigóri Konstantínovitch (Sergó) (1886-1937), georgiano, membro do Partido desde 1903, do CC (1912-17, 1921-27 e a partir de 1930), do *Politburo* desde 1930 (candidato desde 1926). Participante nas revoluções de 1905-1907 e de 1917, ocupou vários cargos no governo e no Partido, nomeadamente como presidente do Conselho Superior da Economia Nacional e como comissário da Indústria Pesada. Suicidou-se em 1937.

Orlov, Aleksandr Mikháilovitch, verdadeiro nome Lev Lazérevitch Felbing, (1895-1973), membro do Partido desde 1920, tchequista, trabalha em vários países do Ocidente. Foge para o Canadá em 1938 e instala-se nos EUA com o nome de Ígor Konstantínovitch Berg. Em 1953, publica o livro *A História Secreta dos Crimes de Stáline*.

P

Panfilov, Ivan Vassílovitch (1892-1941), membro do Partido desde 1920. Oficial militar, major-general (1940), Herói da União Soviética (1942, póstumo), comandou a Divisão 316 de Atiradores que combateu heroicamente na batalha de Moscovo. Morreu em combate em 19 Novembro de 1941.

Pávlov, Dmítri Grigórievitch (1897-1941), membro do Partido desde 1919, entra nesse ano para o Exército Vermelho. Em 1936-37 participa como voluntário na Guerra Civil de Espanha, como comandante de uma brigada de tanques, recebendo a condecoração de Herói da União Soviética. Nos primeiros dias da invasão nazi da URSS, comanda a Frente Ocidental, a qual lhe é rapidamente retirada sob a acusação de ter franqueado posições aos alemães sem combate. Julgado por traição, é condenado a fuzilamento.

Pervúkhine, Mikhail Geórguievitch (1904-1978), membro do Partido desde 1919, do CC (1939-61), do *Presidium* (*Politburo*) entre 1952-57 (candidato, 1957-61). A partir de 1919 trabalha na juventude comunista. Em 1929 exerce a profissão de engenheiro, tornando-se director da central termoeléctrica de Kachira, no distrito de Moscovo. Entra para o governo em 1937 como vice-comissário da Indústria Pesada, sendo depois designado comissário/ministro das Centrais Eléctricas e Indústria Eléctrica (1939-40 e 1953-54), da Indústria Química (1942-52), vice-presidente do Conselho de Ministros (1955-57), presidente do Comité Estatal para a Relações Económicas Exteriores (1957-58). Em 1958 é nomeado embaixador na RDA, mais tarde, chefe da direcção do Conselho da Economia Nacional (1963) e membro do colégio do Plano Estatal (1965).

Peterson, Rudolf Avgústovitch (1897-1937), membro do Partido desde 1919. Participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918, tornando-se oficial de Comunicações no 5.º Exército (1918). É designado membro do Conselho Revolucionário Militar (1920) e comandante do Krémline de Moscovo. Em 1936 é nomeado adjunto do comandante das tropas de retaguarda da região militar de Khárkov. Preso em 1937, é acusado de pertencer à «organização fascista da Letónia». Confessa a sua participação na conspiração militar-fascista no Krémline e na preparação de actos terroristas. Durante os interrogatórios, nomeia 16 participantes que ele próprio tinha recrutado. O tribunal condena-o à morte.

Petliura, Simone Vassílievitch (1879-1926), militar e político ucraniano, ocupa a chefia do país em Fevereiro de 1919 e resiste ao avanço do Exército Vermelho. Depois da derrota dos seus exércitos, em 1920, foge para a Polónia e acaba assassinado em Paris por um judeu ucraniano, que vingou a morte de 15 familiares, incluindo os pais, chacinados durante os pogroms de Petliúra.

Piatakov, Gueórgui Leonídovitch (1890-1937), anarquista durante a revolução de 1905-07, adere ao Partido em 1910, membro do CC (1923-27 e 1930-36). Interveio contra as «Teses de Abril» de Lénine, torna-se um dos líderes dos «Comunistas de Esquerda» e manifesta-se contra a introdução da *NEP*. Após a morte de Lénine, apoia Trótski contra Stáline. Ocupou vários cargos de responsabilidade nos órgãos de poder soviético, nomeadamente como presidente do Banco Estatal da URSS (1930) ou vice-comissário da Indústria Pesada (1934). Preso em 1936, é julgado em 1937 no processo do «Centro Anti-Soviético Trotskista Paralelo» e condenado a fuzilamento.

Plekhánov, Gueórgui Valentínovitch (1856-1918), teórico e propagandista do marxismo, filósofo e destacado dirigente do movimento revolucionário russo. Foi um dos fundadores do Partido Operário Social-Democrata Russo e do jornal *Iskra*. Mais tarde junta-se aos mencheviques, adoptando uma posição social-chauvinista na I Guerra. Após a Revolução de Fevereiro de 1917, combate os bolcheviques e opõe-se à revolução socialista.

Poskrióbichev, Aleksandr Nikoláievitch (1891-1965), membro do Partido desde 1917, do CC entre 1939 e 1954, candidato (1934-39). Funcionário do CC em 1922, torna-se ajudante do secretário-geral entre 1924 e 1929. Nomeado secretário pessoal de Stáline (1931) e chefe de gabinete do secretário-geral do Partido (1935), é responsável pelo Sector Especial do Secretariado do CC, Departamento Secreto e Sector Especial do CC do Partido (1928-1953). Secretário do *Presidium* e do Bureau do *Presidium* do CC do Partido (1952-54).

Preobrajénski, Evguéni Alekséievitch (1886-1937), membro do Partido desde 1903, do CC entre 1920 e 1921, candidato (1917-18). Economista, um dos líderes da «Oposição de

Esquerda», defendeu Trótski na discussão sobre os sindicatos (1920-21), tornando-se membro activo da oposição trotskista a partir de 1923. É expulso do Partido em 1927 pela organização de uma tipografia clandestina antipartido. Após a sua ruptura pública com Trótski, é readmitido em 1930. Em Janeiro de 1933 é de novo expulso, preso e condenado a três anos de exílio, no processo do «grupo contra-revolucionário trotskista de Smírnov». Todavia, após manifestar por escrito o seu arrependimento, em Dezembro do mesmo ano volta a ser reintegrado nas fileiras do Partido. A reincidência em actividades contra-revolucionárias motiva a sua expulsão definitiva em 1936. Confessando a sua participação na organização clandestina, é condenado e executado no ano seguinte.

Primakov, Vitáli Márkovitch (1897-1937), membro do Partido desde 1914. Militar, participante no assalto ao Palácio de Inverno, comandante militar durante a Guerra Civil. Dirigiu a Escola Superior de Cavalaria (1924-25), conselheiro militar na China (1925-26), adido militar no Afeganistão e Japão (1927-30), vice-comandante da região militar do Cáucaso do Norte (1933-35) e vice-comandante da região militar de Leningrado (1935). Preso em 1936, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista e é condenado a fuzilamento.

Pútna, Vítovt Kazimírovitch (1893-1937), membro do Partido desde 1917. Militar, participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Participou no esmagamento da revolta de Kronchtadt (1921) e de levantamentos de agricultores no Baixo Volga. Condecorado na Guerra Civil, integra em 1923 a «Oposição Trotskista». Entre 1927 e 1931 é adido militar no Japão, Finlândia e Alemanha. Entre 1931 e 1934 comanda um corpo militar no Extremo Oriente. Em 1934 é adido militar na Grã-Bretanha. Preso em 1936, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista. É condenado à morte em 1937.

R

Rádek, Kark Berngárdovitch, verdadeiro apelido Sobelson, (1885-1939), ingressa no Partido Socialista Polaco em 1902, adere ao POSDR em 1903 e, no ano seguinte, ao movimento social-democrata do Reino da Polónia e da Lituânia. Em 1917 junta-se aos bolcheviques, é eleito para o CC (1919-24), mas milita no grupo dos «Comunistas de Esquerda» que se opõem ao tratado de Brest-Litovsk. Membro do Comité Executivo do *Komintern* (1920-24), torna-se trotskista em 1923. Preso em 1936, é um dos principais arguidos do processo do «Centro Anti-Soviético Trotskista Paralelo». Em Janeiro de 1937 é condenado a dez anos de prisão, onde virá a falecer.

RKKA – Sigla russa de *Rabótchaia Khrestíanskaia Krásnaia Ármia* (Exército Vermelho de Operários e Camponeses).

Rakówski, Khristiane Gregórovitch (1893-1941), nasceu na Bulgária, torna-se membro do Partido em 1917, do CC (1919-1927). Preside o Soviete de Comissários do Povo da Ucrânia entre 1919 e 1923, embaixador da URSS na Inglaterra e em França entre 1923 e 1927. Em 1927 é excluído do Partido por participação na «Oposição Trotskista» e reintegrado em 1935 após o exílio (1928-34). Preso em 1937, é constituído arguido no processo do «Bloco Anti-Soviético Trotskista de Direita». Tendo confessado a sua participação em diferentes conspirações e a sua actividade de espião ao serviço da Inglaterra e do Japão, é sentenciado

em 13 de Março de 1938 com a 20 anos de prisão e, em Setembro de 1941, executado por agitação capitulacionista e organização de fugas, segundo deliberação do Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS.

Ríkov, Aleksei Ivánovitch (1881-1938), membro do Partido desde 1899, do CC (1905-07, 1917-18, 1920-34) e candidato (1907-12 e 1934-37), do *Politburo* (1922-30). Foi presidente do Comissariado do Povo da URSS (1924-1930). Expulso do Partido e preso em 1937, é julgado no processo do «Bloco Anti-Soviético Trotskista de Direita» e condenado a fuzilamento em 13 de Março de 1938.

Riúmine, Mikhail Dmitríevitch (1913-1954), coronel, investigador dos órgãos de segurança do Estado, acusa o seu chefe Abakúmov, em carta escrita em 1951, de ocultar importantes provas e de desviar fundos do Estado. Em Outubro desse ano é nomeado vice-ministro do Ministério da Segurança do Estado (*MGB*), conduzindo pes-soalmente a investigação do caso da «conspiração sionista», na qual comete erros grosseiros que motivam a sua irradiação do Ministério em Novembro de 1952. Transferido como funcionário para o Ministério do Controlo Estatal, é preso em 17 de Março de 1953, 12 dias após a morte de Stáline, julgado por sabotagem e condenado a fuzilamento em Julho de 1954.

Riútine, Martemiane Nikítich (1890-1937), membro do Partido desde 1914, candidato do CC entre 1927 e 1930. Comandante militar na Guerra Civil e dirigente partidário na Sibéria e Daguestão (desde 1920), secretário do comité distrital de Krasnoprenenski, em Moscovo (1925-28), integrou o *Presidium* do Conselho Superior da Economia Nacional em 1930. Após ter apoiado a luta contra Trótski, adere à «Oposição de Direita» em 1928. Expulso do Partido no Outono de 1930, é preso durante alguns meses. Em 1932, funda a «União dos Marxistas-Leninistas», cuja proclamação acusa Stáline de deturpar o leninismo e de ter usurpado o poder, propondo-se unir em seu torno todos os contra-revolucionários. Nesse ano é novamente detido e condenado a dez anos de prisão. Em 1937 é julgado por actividades terroristas contra-revolucionárias e condenado a fuzilamento.

Rodiónov, Mikhail Ivánovitch (1907-1950), membro do Partido desde 1929, candidato do CC desde 1941, membro do *Orgburo* (1946-1949). Funcionário do Partido desde 1931, secretário regional em Gorki (1940-46), é designado presidente do Conselho de Ministros da RSFSR entre 1946 e 1949. Preso em Agosto de 1949, é julgado no âmbito do «Processo de Leningrado» e condenado a fuzilamento, em Setembro de 1950, pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS.

Rokossóvski, Konstantine Konstantínovitch (1896-1968), nascido numa família polaca, membro do Partido desde 1919, candidato do CC (1961). Marechal da União Soviética (1944), comandou os exércitos em várias grandes batalhas durante a Segunda Guerra Mundial, designadamente Moscovo, Briansk e Donsk. A pedido do governo polaco e com acordo das autoridades soviéticas, foi ministro da Defesa e vice-presidente do Conselho de Ministros da Polónia (1949-56). Após regressar à URSS é nomeado vice-ministro da Defesa (1956-57 e 1958-62). Foi deputado do Soviete Supremo da URSS (1946-49 e 1958).

RSFSR – República Socialista Federativa Soviética Russa.

Rumiánstev, Ivan Petróvitch (1886-1937), membro do Partido desde 1905, do CC entre 1924 e 1937 (candidato em 1923), dirigiu várias organizações provinciais, regionais e

distritais, designadamente, de Tvérski (1921), Perm (1922-24) Sverdlov, Ural (a partir 1924), Vladímir (1927) e Smolensk, a partir de 1929.

S

Sabúrov, Maksíme Zakhárovitch (1900-1977), membro do Partido desde 1920, do CC (1952-1961), do *Presidium (Politburo)* (1952-57). Após a Guerra Civil trabalhou nos sindicatos e na juventude comunista e participa no trabalho partidário em Donbass (1926-28). A partir de 1933 exerce a profissão de engenheiro mecânico. Em 1938 assume funções no *Gosplan* da URSS, do qual se torna presidente entre 1953-55. Entre Março e Junho de 1953 é ministro da Metalomecânica, primeiro vice-presidente do Conselho de Ministros (1955-57), entre outros cargos. Em 1958 é transferido para funções de gestão económica até à aposentação em 1967.

Sáfarov, Gueórgui Ivánovitch (1891-1942), membro do Partido desde 1908, colaborador do *Pravda* e membro do Comité de Petrogrado em 1917. Membro do Comité Executivo do *Komintern* entre 1922-24, é expulso do Partido em 1927, reintegrado em 1928, regressando ao *Komintern*. Em 1934 é preso, acusado de ter participado na organização do assassinato de Kírov, e condenado a cinco anos de prisão em 1935. Em 1942 é julgado por actividades anti-soviéticas e condenado a fuzilamento.

Sedov, Lev Lvóvitch (1906-1938), filho mais velho de Trótski, foi membro do Partido e activo apoiante do pai, que acompanhou durante todo o exílio até à sua morte. Morre em 1938 numa clínica de Paris.

Serebróbski, Aleksandr Pávlovitch (1884-1938), membro do Partido desde 1903, candidato do CC desde 1925. Alto funcionário responsável pela exploração de petróleo (desde 1920) e pela exploração das minas de ouro (desde 1926), vice-comissário da Indústria Pesada (1931). Em 1937 é preso, julgado e executado em 1938 por sabotagem.

Sirtsov, Serguei Ivánovitch (1893-1937), membro do Partido desde 1913, do CC entre 1927-30, (candidato desde 1924), candidato do *Politburo* em 1929-30. Foi o terceiro presidente do Soviete dos Comissários do Povo da RSFSR (1929-1930). Em Abril de 1930 encabeça o «Bloco Esquerdista-Direitista», criando um centro de coordenação com o grupo «esquerdista» de Lominádze. É nesse ano excluído do CC e do *Politburo* por trabalho fraccionário, mas prossegue as suas actividades conspirativas, vindo a ser julgado e condenado a fuzilamento em Setembro de 1937.

Skoropádski, Pável Petróvitch (1873-1945), major-general na

I Guerra Mundial, dirige o golpe de estado que derruba a República Popular da Ucrânia, em 29 de Abril de 1918, com o apoio do exército alemão. O seu regime é derrotado em Novembro desse ano, momento em que é obrigado a fugir para a Alemanha.

Slepkov, Aleksandr Niloláievitch (1899-1937), membro do Partido desde 1919, jornalista do *Pravda* (1924-28), responsável pela propaganda no Comité Executivo do *Komintern*, torna-se redactor principal do *Komsomolskaia Právda* em 1925. Intervém contra a linha de Stáline. Em 1928 é transferido para o Comité Distrital do Médio Volga. Entre 1930 e 1932 é

duas vezes expulso e readmitido no Partido até que é definitivamente excluído, julgado e enviado para o exílio. Em 1933 é preso com Riútine, sendo condenado a cinco anos de prisão. Em 1937 é condenado à morte por actividades anti-soviéticas terroristas.

Smenovekhovistas – adeptos da corrente burguesa surgida em torno do jornal *Smena Vekh* (Mudança de Orientação), fundado em 1921 por guardas brancos emigrados. Recusando a luta armada contra o Poder Soviético, o smenovekhovismo considerava que a adopção da Nova Política Económica iria conduzir gradualmente o sistema soviético para o modelo da democracia burguesa.

Smírnov, Ivan Nikítich (1881-1936), membro do Partido desde 1899, do CC entre 1920 e 1923, candidato (1919-22). Deputado da Assembleia Constituinte em 1917, membro do Conselho Revolucionário Militar, secretário do Soviete de Petrogrado (1921-22), era apoiante e próximo de Zinóviev. Em 1923 assina a «Declaração dos 46» e, em 1927, a «Declaração dos 83». Após a morte de Lénine, exige publicamente a exoneração de Stáline do cargo de secretário-geral. Em 1923 é nomeado Comissário do Povo dos Correios e Telégrafo da URSS. Envolve-se nesse ano com a oposição trotskista. Em 1927 é afastado do Comissariado e expulso do Partido durante o XV Congresso. Condenado a três anos de exílio, rompe com o trotskismo em 1930 e é reintegrado no Partido. Desempenha vários cargos no aparelho de Estado. Em 1933 é novamente preso e expulso do Partido, condenado a cinco anos de campo de trabalho pela criação de uma organização clandestina ligada a Trótski. Mais tarde, em 1936, é julgado no processo do «Bloco Unificado Anti-Soviético Trotskista-Zinovievista» e condenado a fuzilamento.

Sokólnikov, Grigóri Iákovlevitch (1888-1939), membro do Partido desde 1905, do CC entre 1917 e 1919, candidato (1930-36) e do *Politburo* em 1917, candidato (1924-25). Depois da Revolução de Outubro desempenhou vários cargos partidários e governamentais. Expulso em 1936, é julgado por actividades contra-revolucionárias e condenado a dez anos de prisão, onde foi assassinado por um recluso.

Solomone, Gueórgui Aleksándrovitch (verdadeiro apelido Issetski) (1868-...), de descendência nobre, participante activo no movimento revolucionário nos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX. Aproxima-se do POSDR(b) e de Lénine em Bruxelas, mas permanece nas posições mencheviques. Após a revolução regressa à Rússia, onde exerce diferentes cargos no governo soviético entre 1919 e 1923. Em 1923 foge para o Ocidente.

Sorge, Richard (na variante russa Rikhard Zórgue), (1895-1944), de nacionalidade alemã, nasceu em Baku, participou na I Guerra no exército do kaiser e foi membro do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (1917-19). Foi para a URSS em 1924, adere ao partido bolchevique em 1925, sendo recrutado pelos órgãos de informação do Exército Vermelho. Nos anos 30 e 40 residiu como jornalista na Alemanha, China e Japão, obtendo valiosa informação para a URSS. Em Outubro de 1941 é preso pela polícia japonesa e executado em Novembro de 1944.

Stolípine, Piotr Arkádievitch (1862-1911), presidente do Conselho de Ministros e ministro do Interior da Rússia tsarista entre 1906-1911.

Sverdlov, Iákov Mikháilovitch (1885-1919), membro do Partido desde 1901, do CC desde 1912, dirigiu o secretariado do CC desde 1917, ano em que, por proposta de Lénine, ocupa o

posto de Chefe de Estado da Rússia Soviética, enquanto presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia (*VTsIK*).

T

Tarkhanov, Oskar Serguéievitch, verdadeiro nome Serguei Petróvitch Razúmov, (1901-1938), membro do Partido desde 1917, um dos organizadores do *Komsomol*, membro do Comité Executivo da Internacional da Juventude Comunista (1921-24). Enviado como conselheiro para a China (1925-27), é expulso do Partido em 1927 por actividade fraccionária (trotskista), voltando a ser readmitido no ano seguinte após se autocriticar. Em 1932 é destacado para a embaixada na Mongólia. Preso em 1937 é condenado a fuzilamento em 1938 por actividades anti-soviéticas.

Timachuk, Lídia Feodóssievna (1898-1983), médica, formou-se em 1926 começando a trabalhar nesse ano na Direcção de Saúde do Krémline. Em 1948 chefia o departamento de electrocardiografia do Hospital do Krémline. Nesse ano é enviada a Leninegrado para fazer um electrocardiograma a A.A. Jdánov e diagnostica-lhe um enfarte do miocárdio. Contudo, os médicos que acompanhavam o dirigente insistiram que não havia nenhum enfarte e obrigaram-na a assinar um diagnóstico diferente. Timachuk escreve então uma carta ao governo relatando esses factos, que entrega ao oficial da Segurança, general Vlássik. Após a morte de Jdánov, em 1948, a médica escreve uma segunda carta ao secretário do CC, A.A. Kuznetsov, acusando os médicos de não terem prescrito o tratamento necessário. Todavia, o caso é abafado e só vem a lume em 1952 com a publicação na imprensa de uma carta de Timachuk, dando início ao famoso «processo dos médicos» que é rapidamente encerrado após a morte de Stáline.

Timochénko, Semione Konstantínovitch (1895-1970), membro do Partido desde 1919, candidato do CC em 1952. Entrou no serviço militar em 1915, participou na I Guerra e ingressou no Exército Vermelho em 1918, passando de comandante de brigada a comandante de divisão de cavalaria durante a Guerra Civil. Participa na Guerra sovieto-finlandesa, é nomeado comissário da Defesa (1940-41), Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (1941-42) e comanda várias frentes de combate. Foi membro do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1938-40).

Todórski, Aleksandr Ivánovitch (1894-1965), membro do Partido desde 1918. Voluntário na I Guerra, entra para o Exército Vermelho em 1919. Comandante do corpo do Cáucaso (1921-23) chega a chefe do Estado-Maior (1927-33). Em 1933 é nomeado chefe e comissário da Academia da Força Aérea Júkovski e chefe da Direcção dos Estabelecimentos Militares de Ensino Superior do Exército Vermelho em 1936. Expulso do Partido em 1938, preso por participação na conspiração militar, é condenado a 15 anos de reclusão. Reabilitado em 1955 é libertado e recebe a patente de tenente-general.

Tokáev, Grigóri Aleksándrovitch, adoptou o nome de Gregóri Tokati, (1913-2003), cientista na área da dinâmica de foguetões e cosmonáutica. Estudante com capacidades excepcionais é designado responsável pelo laboratório da Academia Aérea Militar Júkovski em 1938. Durante a II Guerra trabalha em projectos de aeronáutica militar. Com a patente de tenente-coronel, é enviado em 1947 para Berlim Ocidental com a missão de analisar arquivos

científicos confiscados aos nazis. Aí transita para a zona inglesa onde solicita refúgio político. Em 1948 vai para Inglaterra e adota a nacionalidade inglesa. A par da carreira académica, trabalha nos serviços secretos britânicos (onde recebe o nome de Gregóri Tokati) e, mais tarde nos EUA, participa na preparação do projecto Apolo-11, a primeira missão a pousar homens na Lua.

Tómski, Mikhail Pávlovitch, verdadeiro apelido Efrémov, (1880-1936), membro do Partido desde 1904, do CC entre 1919 e 1934, (candidato a partir de 1934), membro do *Politburo* (1922-30). Foi presidente do Conselho de Sindicatos da URSS entre 1919 e 1921 e 1922 e 1929. Aproxima-se da «Oposição de Direita» no final dos anos 20. Suicida-se após o seu nome ter sido evocado no julgamento de Zinóviev e Kámenev em 1936.

Trótski, Lev Davidovitch, verdadeiro apelido Bronstein, (1879-1940), aproxima-se do movimento revolucionário em 1896, ano em que adere à União Operária do Sul da Rússia, uma das primeiras organizações sociais-democratas russas. Em 1902 foge para o estrangeiro, conhece Lénine em Londres e integra a redacção do jornal *Iskra*, mas logo em 1903 torna-se menchevique, opondo-se à criação do Partido de novo tipo. Na revolução de 1905-07 preside ao Soviete de Petersburgo, cargo que ocupa de novo em 1917, mas só em Agosto desse ano adere ao partido bolchevique com o grupo dos «inter-regionais». Membro do CC (1917-27), do *Politburo* (1919-1926), integrou o primeiro Conselho de Comissários do Povo da Rússia, em 1917, e foi presidente do Conselho Revolucionário Militar (1918-25). É expulso do Partido em 1927 e da URSS em 1929 por actividades anti-soviéticas que prossegue nos vários países em que vive.

Trukhíne, Fiódor Ivánovitch (1896-1946), sem partido, ingressa no Exército Vermelho em 1918, foi responsável do Estado-Maior da região militar do Báltico e mais tarde do Estado-Maior da Frente Norte-Occidental. Feito prisioneiro em 27 de Junho de 1941, passa a colaborar com os nazis na formação de um «exército russo». Junta-se a Vlássov em 1943, do qual se torna principal conselheiro. Em 7 de Maio de 1945 é capturado pelos resistentes checos. Foi enforcado juntamente com Vlássov.

Tseretéli, Irákli Gueórguievitch (1882-1959), membro do Partido desde 1903, adere à fracção menchevique. Adversário da revolução socialista, torna-se ministro dos Correios e Telégrafo do governo provisório em Maio de 1917. Emigra para França, em 1923, e para os EUA em 1940.

Tukhatchévski, Mikhail Nikoláievitch (1893-1937), membro do Partido desde 1918, candidato do CC desde 1934. Chefe militar durante a Guerra Civil, é nomeado em 1931 vice-comissário para os Assuntos Militares e Marítimos (designado depois de 1934 Comissariado da Defesa), e vice-comissário da Defesa (1934-36), marechal da União Soviética (1935). Preso em Maio de 1937, é julgado e condenado à morte por espionagem, traição e preparação de actos terroristas.

U

Ubórevitch, Ierónimo Petróvitch (1896-1937), membro do Partido desde 1917. Militar participante na I Guerra, foi um dos organizadores do Exército Vermelho na Bessarábia. Sobe na carreira militar durante a Guerra Civil, combatendo contra os generais brancos Dénikine e Vránguel. Recebe três altas condecorações, é nomeado comissário militar da República do

Extremo Oriente (1922), comanda várias regiões militares a partir de 1925. Em 1930-31 exerce o cargo de vice-presidente do Conselho Revolucionário Militar da URSS. Preso em 1937, confessa-se culpado das actividades conspirativas no seio do Exército Vermelho de que era acusado, sendo condenado a fuzilamento juntamente com Tukhachévski e outros destacados militares.

Uglánov, Nikolai Aleksándrovitch (1886-1937), membro do Partido desde 1907, do CC entre 1923 e 1930, candidato (1921-22), candidato do *Politburo* (1926-29), Comissário do Povo do Trabalho entre 1928 e 1930. Expulso do Partido em 1932, é readmitido em 1934. Preso em 1937 é julgado e condenado a fuzilamento no âmbito do processo da «conspiração militar».

Unchlikht, Ióssif Stanislávovitch (1879-1938), membro do Partido desde 1906, candidato do CC desde 1925. Integra o Soviete de Petrogrado em 1917, participa na constituição dos órgãos de segurança do Estado, tornando-se o seu vice-presidente em 1921. Presidente do Conselho Revolucionário Militar (1925-30) e comissário dos Assuntos Militares e Marítimos da URSS, foi ainda responsável pela frota civil (1923-35). Acusado no processo da «organização militar trotskista no Exército Vermelho», é preso em 1938, julgado e condenado à morte.

V

Vassiliévski, Aleksandr Mikháilovitch (1895-1977), membro do Partido desde 1938, do CC (1952-1961). Marechal da União Soviética (1943), coordenou as acções militares em várias frentes na II Grande Guerra. Eleito deputado do Soviete Supremo da URSS (1946-58), foi ministro das Forças Armadas (1949-53) e primeiro vice-ministro da Defesa da URSS (1953-56).

Vatútine, Nikolai Fiódorovitch (1901-1944), membro do Partido desde 1924. Ingressa como soldado raso no Exército Vermelho em 1920, estuda em várias academias militares, torna-se vice-chefe do Estado-Maior General em 1940, comandante da Frente Norte-Occidental e dos exércitos da Frente Sul-Occidental na batalha de Stalingrado. Sob o seu comando, os exércitos da Frente Ucraniana libertam a capital Kíev, em Novembro de 1943. É gravemente ferido em batalha em Fevereiro de 1944, vindo a falecer no hospital.

Vichínski, Andrei Ianúrievitch (1883-1954), jurista e diplomata soviético. Membro do Partido desde 1920, do CC (1937-50 e 1954), menchevique entre 1903 e 1920. Foi procurador da União Soviética (1933-39), dirigindo a acusação contra destacados ex-dirigentes soviéticos, implicados em actividades contra-revolucionárias. Ocupou altos cargos no Ministério dos Negócios Estrangeiros (1940-53).

Vlássik Nikolai Sidórovitch (1896-1967), membro do Partido desde 1918. Ingressa nos órgãos de segurança em 1919, tornando-se responsável pelo departamento de segurança dos dirigentes do Partido e do Estado a partir de 1926. Tenente-general (1945), foi até Abril de 1952 o responsável pela segurança pessoal de Stáline. Em Dezembro daquele ano é preso, acusado de roubo de avultadas somas e valores do Estado, e condenado a dez anos de prisão, pena que é reduzida a cinco anos pela amnistia de 1953.

Vlássov, Andréi Andréievitch (1901-1946), membro do Partido desde 1930. Comandante de Divisão de Atiradores, esteve na China como conselheiro militar (1938-39). Major-general (1940) é nomeado em 1941 comandante do corpo mecanizado da região militar de Kíev. Em Março de 1942 é nomeado vice-comandante da Frente de Volkhovski e logo a seguir enviado como comandante do 2.º Exército de Choque, que estava envolvido em duros combates de defesa. Sitiadas pelos alemães, uma parte das suas tropas consegue furar o cerco e juntar-se a outras unidades. Vlássov abandona os seus homens e entrega-se aos nazis com quem passa a colaborar, vindo mais tarde a criar o Exército Libertador da Rússia, a organização militar dos colaboracionistas.

Vorochílov, Kliment Efrémovitch (1881-1969), membro do Partido desde 1908, do CC (1921-61 e a partir de 1966), do *Politburo* (1926-60), foi um dos organizadores do Exército Vermelho. Herói da Guerra Civil, torna-se comissário para os Assuntos militares e Marítimos (1925) e Comissário da Defesa (1934). Marechal da União Soviética (1935), é nomeado vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946), e presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1953-60).

VtsIK - Sigla russa de *Vserrossíski Tsentrálni Ispolnítelni Komitet* (Comité Executivo Central de Toda a Rússia), órgão máximo do Estado Russo e mais tarde da URSS, que passa a ser designado Soviete Supremo em 1938.

Voznessénski, Nicolai Alekséievitch (1903-50), membro do Partido desde 1919, do CC (1939-49), do *Politburo* entre 1947 e 1949 (candidato desde 1941). Presidente do *Gosplan* (1938-41 e 1942-49), primeiro vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo da URSS (1941-46) e vice-presidente do Conselho de Ministros (1946-49). Expulso do Partido e destituído de todos os cargos em 1949, é julgado no «Processo de Leningrado» e condenado a fuzilamento pelo Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS em Setembro de 1950.

Z

Zakútine, Dmítri Efrímovitch (1897-1946), membro do Partido desde 1919. Ingressa como voluntário do Exército Vermelho em 1918. Já como comandante da 21.ª Divisão de Atiradores, é feito prisioneiro de guerra em Julho de 1941. Colabora activamente com os nazis, designadamente na criação do Comité de Libertação dos Povos da Rússia. Capturado em 1945 é entregue à URSS e é enforcado com Vlássov.

Zinóviev, Aleksandr Aleksándrovitch (1922-2006), filósofo, sociólogo, publicista, com vasta obra publicada. Doutorado em Ciências Filosóficas pela Universidade Estatal de Moscovo, seguiu a carreira académica, chegando a dirigir a cátedra de Filosofia (1965-67). Em 1976, após a publicação na Suécia de um romance seu, é expulso da URSS. Faleceu em 10 de Maio de 2006, com 84 anos, em Moscovo, onde vivia após ter regressado à Rússia na década de 90. Na fase final da sua vida tornou-se um defensor da União Soviética reconhecendo as vantagens do sistema socialista.

Zinóviev, Grigóri Evséievitch, verdadeiro nome Evsei-Guerch Arónovitch Radomílski, (1883-1936), membro do Partido em 1901-27, 1928-32 e 1933-34, do CC em 1912-1927

(candidato desde 1907), do *Politburo* em 1917 e 1921-26 (candidato desde 1919). Apesar de se ter oposto à revolta armada, ocupa o cargo de presidente do Soviete de Petrogrado em Dezembro de 1917 e volta a ser eleito para o CC em 1918. Preside o Comité Executivo do *Komintern* entre 1919 e 1926. Em 1927 é expulso do Partido e exilado. Reintegrado em 1928, volta a ser expulso em 1932, preso e condenado a quatro anos de exílio. Expressando o seu arrependimento regressa ao Partido no ano seguinte, mas em Dezembro de 1934 é novamente preso, julgado e condenado. Por fim, é sentenciado à morte em 1936, confessando-se culpado das actividades contra-revolucionárias de que foi acusado.

Fontes utilizadas:

- *Dicionário Enciclopédico Soviético*, Soviétskaja Entsikoplédia, Moscovo, 1988.

- A Grande Enciclopédia Soviética, disponível em:

<http://slovari.yandex.ru/dict/bse>.

- Site russo:

<http://www.hrono.info/biograf/imena.html>

Índice

Prefácio à edição portuguesa, por Carlos Costa	3
Nota do Tradutor	6
Citações	8
Prefácio	9
Introdução: A actualidade de Stáline	11
Capítulo I. O jovem Stáline forja as suas armas	19
Capítulo II. A construção do socialismo num só país	38
Capítulo III. A industrialização socialista	44
Capítulo IV. A colectivização	
- Do restabelecimento da produção ao confronto social	53
- A primeira vaga da colectivização	59
- A linha organizativa da colectivização	63
- A orientação política da colectivização	67
- A «deskulaquização»	71
- «A vertigem do sucesso».....	76
- O ascenso da agricultura socialista.....	81
- O «genocídio» da colectivização.....	86
Capítulo V. A colectivização e o «holocausto ucraniano»	92
Capítulo VI. A luta contra o burocratismo	108
Capítulo VII. A grande depuração	115
- Como se colocou o problema dos inimigos de classe.....	117
- A luta contra o oportunismo no Partido	121
- Os processos e a luta contra o revisionismo e a infiltração inimiga.....	124
- O processo do centro trotskista-zinovievista	125
- O processo de Piátakov e dos trotskistas	130
- O processo do grupo social-democrata bukharinista	137
- O processo de Tukhatchévski e a conspiração anticomunista no exército.....	152
- A depuração de 1937-1938	164
- A rectificação	167
- A burguesia ocidental e a depuração	170
Capítulo VIII. O papel de Trótski na véspera da II Guerra Mundial	185
Capítulo IX. Stáline e a guerra antifascista	
- O pacto germano-soviético	195
- Stáline preparou mal a guerra antifascista?	199
- O dia do ataque alemão	203
- Stáline face à guerra de extermínio dos nazis	209
- Stáline, a sua personalidade e sua capacidade militar	213
Capítulo X. De Stáline a Khruchov	227
- Os Estados Unidos ocupam o lugar da Alemanha nazi	228
- Stáline contra o oportunismo	237
- O golpe de Estado de Khruchov	246
Índice de nomes	257